**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
PROGRAMA DE POSGRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

**OS SOCIALISTAS NA ARGENTINA (1880-1980)
UM SÉCULO DE AÇÃO POLÍTICA**

Gonzalo Adrián Rojas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Gildo Marçal Brandão

**São Paulo
2006**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
PROGRAMA DE POSGRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

**OS SOCIALISTAS NA ARGENTINA (1880-1980)
UM SÉCULO DE AÇÃO POLÍTICA**

Gonzalo Adrián Rojas

**São Paulo
2006**

Dedicatória

A meus avós Elvira, Laura e Héctor que já não estão entre nós.

A meus pais, Noemí Rípoli e Adel Rojas e meus irmãos Rodrigo e Gabriela.

A Andréia, essa princesa que respira, suspira, está longe e perto e que quando caminha muda os lugares como um maremoto de beleza e cultura, verdadeira musa inspiradora.

À classe operária mundial, aos piqueteiros argentinos combativos, aos 30.000 desaparecidos, aos sem-terra brasileiros e a todos os que acreditam ser possível e necessário lutar por uma sociedade sem exploradores nem explorados.

Agradecimentos

A elaboração e amadurecimento de uma tese é um processo individual, mas que por sua vez envolve voluntária ou involuntariamente muitas pessoas e instituições, em diferentes graus e momentos.

Em primeiro lugar, agradeço à minha família, minha mãe Noemí, meu pai Adel e meus irmãos Rodrigo e Gabriela, que com seu carinho e apoio facilitaram meu trabalho acadêmico. Meu irmão Rodrigo, um amigo, esteve sempre preocupado com minha reprodução simbólica, enviando-me incansavelmente durante estes mais de seis anos livros, CDs de rock argentino, revistas com sucessos desportivos e até camisetas do Boca Juniors e da seleção argentina. A meus tios Tito e Gloria.

A meu grande amigo Javier, companheiro de aventura e (des)venturas acadêmicas e políticas desde mais de vinte anos.

A Rodrigo, que se converteu rapidamente em meu melhor amigo entre os brasileiros.

A Andréinha, pelo seu carinho cotidiano e apoio incondicional.

A Anita, uma nac&pop adorável, que me ajudou a pensar melhor alguns argumentos e a discutir com mais critério, além de muitas outras coisas, a simplificar a localização de contatos para as entrevistas e o trabalho de pesquisa empírica na cidade de Córdoba.

A Silvia, rigorosa acadêmica, que me deu apoio e alento, aconselhou-me a partir de sua experiência e, além disso, por ser uma incansável lutadora das causas emancipatorias com um exemplar antidogmatismo militante que contagia.

A varios argentinos no Brasil: Miguel, excelente pessoa, um cristão hegeliano marxista agustiniano adorável; Sergio, central em minha adaptação ao novo meio; Hugo e Eleonora pertencentes ao núcleo de uma geração que pretendeu mudar nossas sociedades e que não se resignam; Marcelo, nosso “burguês amigo” e Mercedes; Patricio, um pretendido aristocrata em um mundo sem aristocracias; Amilcar com o qual entendemos que nossas diferenças políticas na Argentina eram menores que as que pensávamos e a Mariana, muito camarada.

Houve muit@s Brasileir@s que comprimiram um papel muito especial. Agradeço mesmo a Gabí por sua capacidade para fazer com que me preocupe com coisas

que antes tachava de “pequeno-burguesas” e à Cintinha, por ser uma amiga incondicional, uma companheira de aventuras que me ajudou a descobrir e a gostar de Sampa. À Cristina Andrews, por ser crítica e solidária; à Fernanda Hoffman, uma brilhante veterinária e grande mulher, à Erika, uma japonesinha filósofa vital e à minha grande amiga Simone por suportar imutável dividir o “carinho de Javier”.

Na Argentina agradeço a Marcelo e Ivana, camaradas incansáveis de militância que colaboraram na parte acadêmica até me emprestando livros esgotados de sua própria biblioteca e a Jorge Makarz por ter dedicado dez anos de sua vida a minha formação política.

No plano acadêmico agradeço infinitamente a Atilio Borón por muitas razões, excelente professor, meu orientador na Argentina, um exemplo de intelectual de esquerda comprometido com as lutas sociais, avesso às modas e que foi quem impulsionou ativamente a realização do doutorado na USP.

Em Brasil, a meu orientador, Gildo Marçal Brandão com quem sempre contei e me introduziu ao pensamento político brasileiro, um mundo desconhecido para mim. As palestras tanto políticas como acadêmicas, sua capacidade para aceitar pontos de vista diferentes e sua sólida formação teórica, foram um verdadeiro estímulo.

O clima intelectual que me foi fornecido pelo Departamento de Ciência Política, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e pela Universidade de São Paulo foi o melhor.

Agradeço especialmente a Gabriel Cohn que me ajudou de maneira efetiva mesmo em vários momentos do doutorado e me presenteou com o deleite de sua sabedoria, humildade, genialidades e ironias, um grande professor como muito poucos.

A professora María Herminia Tavares de Almeida que não duvidou em nos receber, uma vez que foi por iniciativa sua e de Atilio, que um grupo de argentinos veio estudar na USP. Os professores Lucio Kowarick e Regis de Castro Andrade quem foram muito importantes no seminário de tese junto com Paul Singer, assim como o foram Brasílio Salum Jr. e Alberto Aggio durante a qualificação.

Aos professores Eduardo Kugelmas e Claudio Vouga por seus cursos estimulantes e a André Singer, a Cícero Araujo, a Fernando Haddad e, mas uma vez, a María Herminia por cumprir um papel pedagógico destacado durante as monitorias.

Sendo impossível nomear o conjunto de colegas que contribuíram com debates e polemicas, agradeço nos nomes de Encá, Maria e Julio César, a tod@s. Também agradeço a tod@s os funcionários do DCP nos de Rai, Marcia, Ana María, Vivi, Flavio e Clobis.

No plano institucional no Brasil, quero agradecer a CAPES e o Estado brasileiro por terem me outorgado quatro anos de bolsa. Minha dívida com eles é enorme.

Vivendo no Brasil, agradeço expressamente à grande maioria da população as quais efetivamente financiaram meus estudos e que infelizmente jamais passarão nem por perto das universidades públicas brasileiras por causa de uma estrutura social de distribuição desigual de riqueza e pelo elitismo das próprias universidades. Nos nomes de María Goreti e João Pedro Stedile, estendo meu agradecimento aos integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra que a partir da Escola Florestán Fernandes elaboram uma tarefa pedagógica, de construção e luta social e com cuja interação se permite manter acesa em um mundo de incertezas a certeza de que é possível e necessário mudar este mundo. Faço o mesmo com nosso colega e camarada João Alexandre, jornalista do *Brasil de Fato*.

Na Argentina, na Capital Federal, agradeço às seguintes instituições: à Universidad de Buenos Aires e a tod@s os que colaboraram da Biblioteca Obrera Juan B. Justo, à Biblioteca de los Trabajadores Héctor Basteiro, ao Centro de Documentación e Investigación de las Culturas de Izquierdas, à Fundación Socialismo Popular, hoje Fundación Ernesto Jaimovich - em particular à Damián Jaimovich-; à Fundación Alicia Moreau de Justo; ao Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; ao Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini, ao Centro de Investigaciones y Publicaciones León Trotsky e ao Instituto del Pensamiento Socialista Karl Marx. À Fundación Guillermo Estévez Boero, de Rosario e ao Seminario Iberoamericano de Estudios Socio-Económicos – Manuel Ugarte e à Biblioteca José Aricó da Universidad Nacional de Córdoba, ambos dessa cidade.

Nos nomes de Elena Tchalidy, Víctor García Costa, Mario Mazzitelli, Rubén Giustiniani, Juan Carlos Zabalza e Sergio Ortiz eu quero agradecer a todos os entrevistad@s e aqueles que com generosidade abriram arquivos particulares e sentimentos e que me permitiram em Buenos Aires, Rosario e Córdoba ter acesso a eles.

No nome de Jorge Fraga, um grande jefe e amigo, eu quero agradecer a tod@s os trabalhador@s de Clacso.

Como no Brasil descobri que a ordem do simbólico também é muito importante para a reprodução do ser humano gostaria de fazer alguns agradecimentos extra-acadêmicos: ao da “mano de Dios” por estar sempre contra os poderosos - espero sempre seu regresso -, ao “Virrey” pelos dois Morumbazos e ao “Coco” pelo terceiro que presenciei, ao Guille por querer ganhar sempre e à “doce” por todas as bandeiras, as sombrinhas e os bombos. Neste parágrafo também agradeço a Carlos González por ser uma grande pessoa e por ter me enviado a camiseta original de “El Chavo” Desabato, injustamente encarcerado em Sampa.

Por último, agradeço a Chicão que alimentou em seu bar, meu segundo lar, não apenas meu espírito desportivo, mas também meu corpo, aos amigos da Gaviões e do Pavilhão IX, assim como os amig@s de Guigo academia e do bairro de Pinheiros. Todos foram sempre muito legais.

A todos el@s de coração agradeço sua colaboração cultural, material, intelectual e espiritual com esta tese, uma vez que os eximo de todos os erros que possa conter sendo seu conteúdo de minha absoluta responsabilidade.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo o estudo e a análise da evolução dos partidos políticos de matriz socialista na política argentina durante um século (1880 e 1980). Ainda notamos a ausência no âmbito acadêmico de uma análise minuciosa e coerente de e do conjunto das organizações que formaram parte do Partido Socialista (PS). O mesmo ocorre com suas múltiplas divisões e incorporações ou com os vários aspectos políticos, sociais e culturais que sua praxis implicou. Neste sentido, esta tese tem dois objetivos, por um lado cobrir a mencionada lacuna e por outro colaborar com a reconstrução da memória histórica das classes subalternas. Relaciona os partidos socialistas argentinos com o socialismo internacional, o marxismo e seu impacto na América Latina, no marco da formação econômico-social argentina e dos processos políticos argentinos em sua interação com outras esquerdas, os dois grandes movimentos nacionais, o radicalismo e o peronismo, os conservadores e os militares.

Palavras-chave:

Partido Socialista - marxismo na América Latina – formação econômico-social argentina – processos políticos argentinos – sistema político.

ABSTRACT

The object of this thesis is the study and analysis of the evolution processes of the socialist political parties in argentinian politics during a century (1880 to 1980). We can even now notice the absence in the academic level of a minute and coherent analysis of the whole picture involving the organizations that took part in the formation of the Socialist Party (PS). The same happens in the multiple divisions and mergers or the various political, social and cultural aspects involved in its praxis. So, this thesis has two main objectives, in a way, tends to cover the absence of academic literature about the subject and, in another sense, cooperate with the reconstruction of the working classes memory history. It draws the relation between the argentinian socialist parties, the marxism and its social and economic impacts in Latin America, and, finally, the major argentinian political processes like the radicals, the peronismo, the conservatives and the military.

KEYWORDS:

Socialist Party – marxism in Latin America – Social and Economic formation of Argentina – Argentinian political processes – Political System.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo el estudio y el análisis de la evolución los partidos políticos de matriz socialista en la política argentina durante un siglo (1880 y 1980). Todavía notamos la ausencia en el ámbito académico de un análisis minucioso y coherente de conjunto y del conjunto de las organizaciones que formaron parte del Partido Socialista (PS). Lo mismo ocurre con sus múltiples divisiones e incorporaciones o con los variados aspectos políticos, sociales y culturales que su praxis implicó. En este sentido esta tesis tiene dos objetivos, por un lado cubrir la mencionada laguna y por otro colaborar con la reconstrucción de la memoria histórica de las clases subalternas. Relaciona a los partidos socialistas argentinos, con el socialismo internacional, el marxismo y su impacto en América Latina, en el marco de la formación económico-social argentina y de los procesos políticos argentinos en su interacción con otras izquierdas, los dos grandes movimientos nacionales, el radicalismo y el peronismo, los conservadores y los militares.

Palabras – clave:

Partido Socialista - marxismo en América Latina – formación económico-social argentina – procesos políticos argentinos – sistema político.

SUMÁRIO

Índice	11
Resumo	8
Abstract	8
Resumen	9
Sumário	10
Apresentação	14
Capítulo I	19
Capítulo II	83
Capítulo III	129
Capítulo IV	194
Capítulo V	271
Capítulo VI	324
Capítulo VII	380
Conclusão	429
Referências Biblio-hemerográficas e Fontes	436

ÍNDICE

I. Apresentação	14
II. Capítulo 1. Considerações sobre o marxismo na América Latina e o socialismo na formação econômico-social argentina.	19
1. Contexto histórico, unidades de análise, marco teórico, hipóteses e metodologia.	19
a. O Marxismo e a América Latina.	19
a.1. A origem e a consolidação das idéias emancipatorias na América Latina e o Partido Socialista na Argentina entre 1880 e 1917.	20
a.2. O período Revolucionário (1917-1932)	21
a.3. A hegemonia estalinista (1935-a fins dos anos 50)	22
a.4. A Revolução Cubana e a difusão das idéias de Antonio Gramsci. Revolução e contra-revolução (1959-1989)	24
a.5. As derrotas políticas das esquerdas. Refluxos e resistências (1989-2005)	27
b. Unidade de análise e marco teórico.	28
c. As estruturas. A formação econômico-social argentina (1880-2005)	40
d. Os sujeitos. As matrizes socialistas, comunistas e trotskistas.	46
d.1. A matriz socialista no plano internacional.	46
d.2. A matriz comunista no plano internacional.	58
d.3. A matriz trotskista no plano internacional.	62
e. Os partidos políticos socialistas como objeto de estudo.	69
f. Hipóteses e metodologia.	79
III. Capítulo 2. A formação econômico-social Argentina (1880-2004)	83
a. As vias de desenvolvimento capitalista na Argentina e o modelo agroexportador (1880-1930)	83
b. A indústria substitutiva de importações e a transferência da renda diferencial com valor excedente à indústria (1930-1952)	92
c. A crise da industrialização por substituição de importações (1953-1976)	100
d. O modelo neoliberal (1976-2001)	109
e. A crise do modelo neoliberal (19 e 20 de dezembro de 2001-2004)	116
IV. Capítulo 3. As matrizes socialistas, comunistas e trotskistas na Argentina.	129
1. Os partidos políticos da matriz socialista na Argentina (1894-2006).	132
a. Origens e evolução Os partidos políticos da matriz socialista na Argentina sob o modelo agroexportador (1894-1930).	132
b Evolução dos partidos políticos da matriz socialista na Argentina sob a gênese e desenvolvimento do modelo de substituição de importações (1930-1955).	138
c Evolução dos partidos políticos da matriz socialista na Argentina sob a gênese e desenvolvimento da crise do modelo de substituição de importações (1955-1975).	142
d Evolução dos partidos políticos da matriz socialista na Argentina sob a gênese e desenvolvimento e crise do modelo neoliberal (1975-2006).	150
2. Os partidos políticos da matriz comunista na Argentina.	158
a Origens e evolução dos partidos políticos da matriz comunista na Argentina sob o modelo agroexportador (1918-1930).	158

b Evolução dos partidos políticos da matriz comunista na Argentina sob a gênese, desenvolvimento e crise do modelo de substituição de importações (1930-1975).	161
c Evolução dos partidos políticos da matriz comunista na Argentina sob a gênese, desenvolvimento e crise do modelo neoliberal (1975-2006).	167
3. A matriz trotskista na Argentina.	170
a. Os partidos políticos da matriz marxista trotskista na Argentina desde suas origens até a gênese e desenvolvimento do modelo de substituição de importações (1928-1955)	171
b. Os partidos políticos da matriz marxista trotskista na Argentina desde os da crise do modelo de substituição de importações, até o da gênese, apogeu e crise do modelo neoliberal (1955-2006)	178
b. 1. A corrente morenista da matriz trotskista argentina.	178
b. 2. A corrente pablista-mandelista da matriz trotskista argentina.	184
b. 3. A corrente trotskista nacional da matriz trotskista argentina ou os socialistas nacionais.	188
b. 4. A corrente posadista da matriz trotskista argentina.	190
b. 5. A corrente altamirista da matriz trotskista argentina.	191
V. Capítulo 4. Balanço da literatura sobre os partidos socialistas na Argentina.	194
a. Literatura socialista sobre o socialismo.	195
b. Literatura partidária e acadêmica centrada na figura de Juan B. Justo	208
c. Literaturas militantes contrárias ao socialismo argentino.	221
d. Literaturas partidárias e acadêmicas centradas em outras figuras do socialismo	239
d.1. Alfredo Palácios	239
d.2. Germán Avé Lallemant	240
d.3. As mulheres socialistas: Alicia Moreau de Justo, Gabriela Coni e Carolina Muzilli.	241
d.4. José Ingenieros.	242
d.5. Enrique del Valle Iberlucea	243
d.6. Mario Bravo e Manuel Ugarte	243
d.7. Nicolás Repetto, Juan Antonio Solari e Enrique Dickman	244
d.8. Carlos Sánchez Viamonte e Américo Ghioldi	244
d.9. Federico Pinedo e José Luis Romero	245
e. Literatura acadêmica sobre o socialismo.	249
VI. Capítulo 5. Os socialistas entre conservadores, radicais, anarquistas, sindicalistas revolucionários e comunistas (1880-1930).	271
1. Os socialistas sob a ordem conservadora (1880-1916).	271
a. As origens do socialismo argentino. Os primeiros socialistas na Argentina (1880-1896)	272
b. O Congresso do Partido Socialista de 28 e 29 de junho de 1896.	287
c. Os coletivistas (FSOC).	294
d. Alfredo Palacios. O primeiro deputado socialista da América.	297
e. Os Socialistas entre anarquistas, sindicalistas revolucionários e radicais.	298
f. O Partido Socialista Argentino (PSArg.)	306
2. Os socialistas frente aos radicais no governo (1916-1930)	311
a. O Partido Socialista Internacional (PSI)	315

b. Terceristas (T)	320
c. O Partido Socialista Independiente (PSInd.)	321

VII. Capítulo 6. Os socialistas entre conservadores e peronistas. 324

(1930-1955)

1. Os socialistas frente ao golpe de Estado dos 30 e a "década infame".	324
a. Os socialistas e o golpe de 30	324
b. Os socialistas na "década infame".	334
b.1. Os socialistas frente a "fraude patriótica" (1932-1938)	334
b.2. O surgimento do Partido Socialista Operário (PSO)	362
b.3. Os socialistas e a política de frente antifascista (1938-1943)	366
b.4. Socialismo e Sindicalismo.	367
2. Socialistas e peronistas.	370
a. O Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN)	379

VIII. Capítulo 7. Os socialistas, da Revolução Libertadora à ditadura militar (1955-1980) 381

1. Os socialistas depois da queda de Perón e o surgimento da "nova esquerda".	381
a. Os socialistas e a Revolução Libertadora.	381
b. A ruptura socialista de 1958: Socialistas Democráticos e Socialistas Argentinos	385
c. O aporte dos socialistas às "novas esquerdas".	388
c.1. O Partido Socialista Argentino de Vanguardia (PSAV).	392
d. O Partido Socialista da Esquerda Nacional (PSIN)	399
e. O Partido Socialista de los Trabajadores (PST)	406
f. O Partido Socialista Popular (PSP)	411
g. A Confederación Socialista Argentina (CSA) e outros grupos de menor relevância.	413
2. Os socialistas sob a ditadura.	415
a. O Partido Socialista Democrático (PSD) frente e durante o golpe	415
b. O Partido Socialista Popular (PSP) frente e durante o golpe.	418
b.1 O Partido Socialista Popular – Secretaria Víctor García Costa	418
b.2 O Partido Socialista Popular – Secretaria Guillermo Estévez Boero	423
c. A Confederación Socialista Argentina (CSA)	425
d. O Partido Socialista de los Trabajadores (PST) frente e durante o golpe	425
e. A Frente de Izquierda Popular (FIP) e a Corrente Nacional do FIP	427

IX. Conclusão 429

Apontamentos analíticos sobre um século de socialismo na Argentina. 429

X. Referências Biblio-hemerográficas e fontes. 436

a. Livros e artigos assinados em Revistas;	436
b. Diários e Periódicos;	465
c. Documentos;	467
d. Material extraído da internet	469
e. Entrevistas.	471
f. Principais siglas;	471
g. Índice de quadros	471

Apresentação.

O tema desta tese é a evolução política dos socialistas na Argentina, entre 1880 e 1980, um século de ação política e está dividida em sete capítulos.

O primeiro capítulo intitula-se *Considerações sobre o marxismo na América Latina e o socialismo na formação econômico-social argentina* e tem como objetivo localizar historicamente os socialistas argentinos no marco do marxismo na América Latina, delimitando a unidade de análise da tese, uma vez que esboça algumas hipóteses e balanços em breves considerações metodológicas.

A partir do impacto do marxismo na América Latina, considerado como uma necessidade histórica dos setores subalternos da sociedade argentina no processo de constituição de suas classes sociais, quer dizer, sem considerá-lo meramente como um fato externo e seguindo em boa medida os estudos de Michel Löwy, faço a periodização e o rastreamento: das origens e da consolidação das idéias emancipatorias assim como do surgimento do Partido Socialista (PS) na Argentina entre 1880 e 1917; do período revolucionário do marxismo no subcontinente entre 1917 e 1932; do período de hegemonia estalinista entre 1935 e fins da década de 1950; do impacto da revolução cubana e a introdução das idéias de Antonio Gramsci na região, a partir de uma dissidência do Partido Comunista Argentino (PCA), o que inclui desde as potencialidades revolucionárias da época até a contra-revolução triunfante, em um processo que abrange, não sem contradições, quarenta anos entre 1959 e 1989, para dar lugar a uma época de derrotas políticas das esquerdas e em tempos de refluxos e resistências entre 1989 e a atualidade.

Neste marco geral delimito especificamente a unidade de análise a ser utilizada e o marco teórico, uma vez que exponho uma periodização geral na formação econômico-social argentina em um processo de largo prazo entre 1880 e 2005, a qual se apóia nos diferentes modelos de acumulação de capital. Posteriormente, defino os sujeitos, partidos políticos de matriz marxista, e os divido em três matrizes: a socialista, a comunista e a trotskista, às que situo em suas articulações no plano internacional.

Para fechar este capítulo explico as razões pelas quais escolho os partidos políticos socialistas como objeto de estudo, justifico sua localização, muitas vezes discutida, no marco do marxismo, incorporo outras hipóteses e adiciono alguns elementos metodológicos.

No segundo capítulo, *As estruturas. A formação econômico-social Argentina (1880-2004)*, é estudada no entendimento de que constituem o pano de fundo no qual interagem os sujeitos, neste caso os partidos socialistas, no marco do processo político argentino.

Justifico uma determinada periodização e a divisão a partir dos diferentes modos

de acumulação de capital na Argentina, o qual inclui: as vias de desenvolvimento capitalista na Argentina e o modelo agroexportador (1880-1930); as origens e o desenvolvimento do modelo de industrialização por substituição de importações com a transferência de renda diferencial com valor excedente à indústria (1930-1952); a gênese da crise e a própria crise do modelo de substituição de importações, que no caso argentino provoca crises políticas recorrentes, instabilidade institucional (1953-1976), momento a partir do qual se implanta o modelo neoliberal transformando em termos neoconservadores; entre 1976 e 2001 a crise de hegemonia que dividiu os setores dominantes do país, até chegar à crise deste modelo a partir do “Muito argentino”, com a recomposição política do regime iniciada por Eduardo Duhalde e que finaliza com o triunfo eleitoral de Néstor Kirchner, que elabora um discurso crítico do modelo neoliberal, mas continua sustentando o modelo macro-econômico.

O terceiro capítulo, *Os sujeitos. As matrizes socialista, comunista e trotskista na Argentina*, diz respeito aos sujeitos políticos de matriz marxista os quais são divididos em socialistas, comunistas e trotskistas e se localizam no plano nacional.

São diferenciados no marco de cada matriz para agrupar às organizações políticas entre partidos, correntes e tendências, considerando as segundas como um grupo de partidos no interior de uma matriz e às terceiras como as frações internas de um determinado partido político. Durante a pesquisa, incluindo diversas rupturas e reunificações, encontrei quarenta e sete partidos de matriz socialista entre 1880 e 2004; vinte e seis partidos de matriz comunista entre 1918 e 2004 e cinquenta e dois partidos de matriz trotskista entre 1929 e 2004. Nesta última, desde 1955, encontro ao menos cinco correntes: a morenista, a pablista-mandelista, a socialista nacional, a posadista e a altamirista.

No quarto capítulo, *Balanço da literatura sobre os partidos socialistas na Argentina*, preparou um estado da questão apoiado na bibliografia sobre o socialismo na Argentina.

Divido-a em cinco partes incorporando à análise a literatura socialista sobre o próprio socialismo no país; a literatura tanto partidária como acadêmica centrada na figura de Juan B. Justo; as literaturas militantes contrárias ao socialismo; as literaturas partidárias e acadêmicas centradas em outras figuras do socialismo argentino como Alfredo Palácios, Germán Avé Lallemand, Alicia Moreau de Justo, Gabriela Coni, Carolina Muzilli, José Ingenieros, Enrique del Valle Iberlucea, Mario Bravo, Manuel Ugarte, Nicolás Repetto, Juan Antonio Solari, Enrique Dickman, Carlos Sánchez Viamonte, Américo Ghioldi, Federico Pinedo e José Luis Romero para concluir o capítulo expondo a cada vez mais prolífica literatura acadêmica sobre o socialismo.

No quinto capítulo, *Os socialistas sob o modelo agroexportador. Entre*

conservadores, radicais, anarquistas, sindicalistas revolucionários e comunistas (1880-1930) introduzo-me na ação política dos socialistas no processo político argentino durante o período mencionado. Isto inclui suas origens e suas relações com as diferentes forças políticas do país.

Desta forma estudo a gênese dos socialistas sob a ordem conservadora, seus primeiros passos entre 1880 e 1916, o que inclui seu Congresso conhecido como “Constituinte”¹ realizado de 28 a 29 de junho de 1896; sua primeira cisão, o grupo político conhecido como os “coletivistas” que conformaram o Partido Socialista Operário Coletivista (PSOC), a eleição do primeiro deputado socialista da América, Alfredo Palácios, em 1904, sua expulsão do PS em 1915, “por bater-se em um duelo” e a formação do Partido Socialista Argentino (PSArg.) primeira época.

Neste mesmo capítulo também me refiro à relação dos socialistas com os radicais antes e durante seus governos entre 1916 e 1930; das cisões “esquerdistas” do socialismo como o Partido Socialista Internacional (PSI) e os “Teceristas” (T), sob a eclosão da Revolução Russa de 1917; assim como o processo pelo qual no marco de um antiirrigoyenismo recalcitrante se produz uma ruptura pela “direita”, o Partido Socialista Independente (PSInd) encabeçada pelo Antonio De Tomaso e Federico Pinedo.

No sexto capítulo, *Os socialistas entre conservadores e peronistas (1930-1955)*, ocupo-me da relação dos primeiros socialistas com os conservadores na década de 30, durante a denominada “fraude patriótica” e desde 1945 com os peronistas, durante as duas primeiras presidências de Perón, até sua derrocada em 1955.

Tento esclarecer a posição política dos socialistas frente ao golpe de estado de 1930 e durante a denominada “década infame”; analisar o surgimento do Partido Socialista Operário (PSO), como uma ruptura inicialmente “esquerdista” do PS; explicar a capitalização eleitoral da política de “frente antifascista” entre 1938 e 1943 elaborados pelo PS; interpretar suas primeiras reações frente ao peronismo e entender o surgimento, no final da segunda presidência de Perón de um PS oficial, o único reconhecido pelo Estado sob o peronismo, o Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN).

No sétimo e último capítulo, *Os socialistas, da Revolução Libertadora à ditadura militar (1955-1980)* ocupo-me da evolução política do socialismo neste período de proscrição do peronismo e ascensão da combatividade política das massas em um marco de instabilidade institucional até a adoção de políticas neoliberais em 1976.

Este capítulo inclui o comportamento dos socialistas depois da queda de Perón e a mais importante ruptura da segunda metade do século XX, a que em 1958 dividiu os

¹ Discutirei essa idéia a partir dos estudos e da entrevista realizada com Víctor García Costa.

socialistas entre os Socialistas Democráticos (PSD) e os Socialistas Argentinos (PSArg).

Levo adiante uma linha de análise onde destaco o papel dos socialistas no surgimento do que se conheceu como “a nova esquerda” a partir de alguns elementos da diáspora do Partido Socialista Argentino, mas em particular a que constituiu o Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV). Um conjunto de debates e o apoio incondicional à revolução cubana permitiram uma oxigenação das idéias marxistas no país, no marco de um processo de radicalização política.

Quase de maneira simultânea, também encontramos a consolidação partidária de uma importante corrente de “esquerda nacional”, o Partido Socialista da Esquerda Nacional (PSIN), que posteriormente forma a Frente de Esquerda Popular (FIP) como sua ferramenta eleitoral.

Depois estudo a ruptura encabeçada por Juan Carlos Coral e sua aliança com o trotskismo morenista a partir da qual se constitui um pólo socialista e operário eleitoral, o Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), para as eleições de 1973. Analiso este partido que forma parte tanto da matriz socialista como também da trotskista morenista.

Além disso, estudo o surgimento do Partido Socialista Popular (PSP) e sua divisão central entre as Secretarias encabeçadas por Víctor García Costa e Guillermo Estévez Boero, grupo político essencial, uma vez que é hegemônica na atual unidade do PS obtida em 2002 junto com os democráticos.

Neste período, forma-se a Confederação Socialista Argentina (CSA) que conta com a presença de Alicia Moreau de Justo, o Movimento Socialista de Liberação Nacional (MSLN), encabeçado por Jorge Selser, apoiando o peronismo em sua versão “camporista” através da Frente Justicialista de Liberação Nacional (FREJULI) e sua ruptura precoce, o Partido Socialista Unificada (PSU) liderado por Simón Lázara, que se tornará alfonsinista.

O capítulo está dividido em duas partes, a primeira se ocupa dos socialistas depois da queda de Perón e seu papel no surgimento da denominada “nova esquerda”, enquanto que na segunda incluo o estudo do papel dos diferentes partidos socialistas sob a ditadura militar (1976-1983), utilizando fontes públicas e clandestinas, alguma destas últimas “recuperadas”² e não utilizadas até o momento.

A pesquisa empírica, por sua vez, foi realizada na Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil, e nas Universidades nacionais de Buenos Aires (UBA), Córdoba (UNC) e de Rosário (UNR), na Argentina. Além disso, consulte a biblioteca

² A imprensa clandestina do Partido Socialista Popular (PSP) – Secretaria Víctor García Costa, foi “recuperada” de dentro da Biblioteca dos Trabalhadores Héctor Basteiro pela dedicação pessoal de Liliana Palavecino, membro da Juventude do Partido Socialista Autêntico (JSA) no ano de 2003, uma vez que o único exemplar existente em uma biblioteca pública estava extraviado.

Municipal de São Paulo e a da USP, na cidade de São Paulo, no Brasil, e a Biblioteca Operária Juan B. Justo, a Biblioteca dos Trabalhadores Héctor Basteiro e a do Centro Cultural da Cooperação na Cidade Autônoma de Buenos Aires; a Biblioteca José María Aricó na Universidade Nacional de Córdoba, na cidade de mesmo nome, assim como importantes centros de pesquisa e fundações nas mencionadas cidades como, o Centro de Documentação e Pesquisa da Cultura de Esquerdas na Argentina (CeDInCI) e a Fundação Socialismo Popular no momento da pesquisa, atualmente Fundação Ernesto Jaimovich, na Cidade Autônoma de Buenos Aires e a Fundação Guillermo Estévez Boero na de Rosário.

Por sua vez, organizo a bibliografia da seguinte forma: os livros e os artigos assinados; os jornais, os periódicos e as revistas; os documentos; o material extraído de internet; as entrevistas; as siglas e o índice de quadros.

Tendo em conta este desenvolvimento, as entrevistas realizadas com os principais dirigentes socialistas ou pessoas de relevância realizadas nas cidades de Rosário, Córdoba e na Cidade Autônoma de Buenos Aires, na Argentina, assim como na cidade de São Paulo, na República Federativa do Brasil, são utilizadas como fontes.

Justo pelo tipo de enfoque eleito, abranger um importante período de tempo e um conjunto muito grande de organizações políticas, embora ao longo da tese as partes analíticas da mesma podem ficar subordinadas a uma descrição mais global, finalizo a tese com uma breve conclusão que pretende retomar as análises realizadas ao longo da mesma.

II. Capítulo 1. Considerações sobre o marxismo na América Latina e o socialismo na formação econômico-social argentina.

1. Contexto histórico, unidades de análise, marco teórico, hipótese e metodologia.

a. O Marxismo e América Latina.

Esta tese se emoldura em um estudo mais amplo sobre o impacto dos marxismos na América Latina, e parte do suposto que esta é uma relação complexa, tal como pode-se apreciar a partir de diferentes perspectivas políticas, acadêmicas, teóricas e ideológicas (Cf. Aricó 1999; Kohan 1998; Löwy 1999; Marini 1985; Portantiero: 1999; Puiggrós R.: 1986; Vazeilles: 1968 e 2003 – entre otr@s -)

Em termos gerais, para contextualizar meu objeto de estudo, apoiar-me-ei na divisão realizada por Michel Löwy - devidamente argumentada na Introdução de sua compilação intitulada *O marxismo na América Latina* - na qual sublinha os grandes momentos na organização político partidária da América Latina que impulsionaram visões e difusões heterogêneas do marxismo na região (Cf. Löwy:1999) e os quais em maior ou em menor medida, agregaria, têm sua própria expressão na Argentina.

Tomando-o como base para a periodização, introduzirei mais dois períodos, um inicial, que denomino originário que inclui desde a introdução das primeiras idéias emancipatorias no país, mas fundamentalmente da formação do Estado-nação argentino em 1880 e a constituição dos primeiros agrupamentos políticos de caráter socialista e anarquista e outro ao final que denota a derrota e o refluxo, ao menos no curto prazo, destes projetos políticos redentores em suas diferentes vertentes sob a hegemonia do capitalismo em sua forma neoliberal. Este último período, embora se desenvolva na América do Sul durante a década de setenta sob formas políticas ditatoriais, termina de consolidar-se com a queda do Muro de Berlim em 1989, com a derrota eleitoral da Frente Sandinista de Liberação Nacional (FSLN) na Nicarágua em 1990 e com a legitimação democrática destas políticas na sub-região. No início do século XXI, poderia somar um novo período que ficará fora de minha análise, mas que é importante apontar, o da recomposição de um conjunto heterogêneo de forças sociais anti-neoliberais, de diferente caráter, as quais mantêm certa relação com alguns elementos da tradição marxista, mas também com outras como as populistas e as indo americanistas. São expressões defensivas, heterogêneas e, no melhor dos casos, conflitivas com os interesses norte-americanos. No plano extra-institucional, destacam-se os zapatistas mexicanos, de um ponto de vista institucional o Chavismo na Venezuela e, originariamente articulando a luta extra-institucional com a institucional em um momento de alta das lutas sociais na Bolívia, o “evismo”³. Têm alguns elementos anti-

³ Seguindo a Álvaro García Linera, intelectual marxista e atual vice-presidente da Bolívia, o “evismo”, em referência a Evo Morales, é entendido como uma estratégia de luta pelo poder fundado nos

imperialistas em um contexto em que o socialismo não está na ordem do dia.

a.1. As origens e a consolidação das idéias emancipatorias na América Latina e o Partido Socialista na Argentina entre 1880 e 1917.

As idéias emancipatorias chegam a nosso continente de maneira massiva através de imigrantes exilados europeus⁴ militantes socialistas e anarquistas, logo depois de duas derrotas no coração da Europa, a das guerras civis de meados do século XIX e a da Comuna de Paris de 1871.

No caso argentino, é o período em que surgem as primeiras sociedades de ajuda mútua, os sindicatos e os agrupamentos sociais e culturais, em um começo superposto umas com as outras e reunidas fundamentalmente pelo país de procedência dos emigrados. A convergência de várias destas organizações dará origem ao Partido Socialista (PS), em 1894, o qual será o primeiro partido político que aspira representar os interesses dos trabalhadores e dos setores subordinados da sociedade, sendo concebido como independente do Estado e dos outros partidos políticos. Da mesma maneira que seus partidos “irmãos” europeus, obrigará os partidos das elites a formar-se como tais para defender privilégios. No caso da Argentina, o Partido Socialista (PS) é de formação precoce e é o primeiro partido de caráter nacional no país.

O PS da Argentina, tem a característica de ser um partido “pré-bolchevique” que se vincula precocemente à II Internacional, à Internacional Socialista (IS) e que embora contenha elementos organizativos tirados do Partido Operário Social democrata Alemão (PSOA), influências ideológicas do socialismo francês, cuja figura mais destacada era Jean Jaurés⁵ e dos socialistas e cooperativistas belgas⁶, também convivem estas idéias

movimentos sociais, marcando uma ruptura com estratégias políticas anteriores tanto no subcontinente como a nível mundial. (Cf. García Linera 2006: 26 em Revista *Observatório Social da América Latina* nro. 19 janeiro-abril) Não confundir com o que chamarei ‘evitismo’ em relação a Evita, Eva Duarte de Perón, mulher do general argentino.

⁴ Para o Emilio Corbière, contrastando com esta afirmação geral, o primeiro marxista argentino foi Lucas Fernández, um negro filho de escravos libertado a partir da liberdade de ventres decretada pela Assembléia no ano de 1813 (Cf. Corbière 2000) Em 1858, publica-se em Buenos Aires, o periódico *O Proletário* cujo diretor é o próprio Lucas Fernández e o qual em sua terceira entrega expõe que não defendia aos proletários - porque essa classe como tal ainda não existia na sociedade - mas sim promovia os interesses do grêmio das pessoas de cor (Cf. Cúneo 1994: 9).

⁵ Jean Jaurés (Castre, França 1829 - Paris, França 1914) Destacado membro do Partido Socialista Francês (PSF), ativista no caso Dreyfus e militante pacifista é assassinado por um “patriota francês” por opor-se à guerra interimperialista.

⁶ A influência do socialismo e o cooperativismo belga no socialismo argentino são muito importantes. Bélgica foi um país de industrialização precoce onde inicialmente encontramos na região da Valônia a influência de conceitos bakunistas e blanquistas, enquanto que na zona flamenga o modelo da social democracia alemã. Em 1889, unificam-se politicamente o movimento das cooperativas e o dos sindicatos invertebrados no partido de maneira federativa. Os principais dirigentes do Partido Trabalhista da Bélgica (PLB) foram Emir Vandervelde e Edouard Anseele. O Partido Socialista Argentino toma importantes elementos do cooperativismo belga cuja influência se estenderá por décadas.

marxistas com certo ecletismo em seu interior, expresso também em elementos positivistas e liberais, que terão, a partir de 1958, sua continuidade histórica no PSD centrado na figura de Américo Ghioldi e nacionalistas e antiimperialistas fundamentalmente desde a segunda metade do século XX, no Partido Socialista Argentino e suas divisões à esquerda. Em síntese, é inegável que o Partido Socialista foi permeado por um conjunto de idéias consideradas por seus próprios membros como “as mais modernas da época”, dentro das quais o marxismo cumpria um papel destacado mas de nenhuma forma o exclusivo.

a.2. O período Revolucionário (1917-1932)

O impacto mundial da Revolução Soviética de 1917 divide os partidos socialistas e surgem também na América Latina, os partidos comunistas.

Seguindo as análises realizadas por Löwy, é um período revolucionário para o marxismo na América Latina, que se expressa na prática política de vários partidos comunistas da região, as quais têm correlato no plano teórico nas elaborações do marxista peruano, José Carlos Mariátegui⁷. No plano político, o momento culminante deste período, foi a insurreição de 1932 em El Salvador⁸ (Cf. Löwy: 2003)

Desde seu Segundo Congresso partidário, realizado em 1898, o PS toma um rumo “reformista” impulsionado fundamentalmente por Juan Bautista Justo onde se privilegia a luta parlamentar e a educação política como meios quase exclusivos de ação política para transformar a sociedade, como consequência de seu rechaço a uma estratégia insurrecionista, é lógico que o PS carecesse de uma organização de combate, entretanto, no começo da década de trinta do século XX, devem elaborar uma estratégia defensiva com o propósito de defender os locais, atos partidários e garantir as possibilidades participação eleitoral ante diversos atentados e provocações de grupos paramilitares de direita de ideologia “pseudo-fascistas”.

Durante este período, na Argentina, em 1918, ante uma orientação hegemonicamente reformista, surge uma cisão do PS, que se vinha gerando desde 1912 e que formará o Partido Socialista Internacional (PSI), o qual rapidamente aderirá às

⁷ José Carlos Mariátegui (Moquegua, Peru 1894; Lima, Peru 1930) Em 1928, rompeu com a Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA) e fundou o Partido Socialista do Peru (PS do P), o qual a partir de 1930 se denominará Partido Comunista do Peru (PCP). Publicou *Sete ensaios de interpretação da realidade peruanos* e um ano depois é o fundador da Confederação de Trabalhadores do Peru (CTP)

⁸ O Partido Comunista de El Salvador (PC-ES) foi fundado em 1930 por sindicalistas e o ex-estudante Agustín Farabundo Martí (Teotepeque, El Salvador 1893 – São Salvador, El Salvador 1932), organizou uma insurreição de massas em 1932, varrida a sangue e fogo. Farabundo Martí foi assassinado por decisão de um Conselho de Guerra. Na atualidade os ex-insurgentes da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) hegemonizados pelos comunistas governam a intendência de São Salvador, a capital do país. (Cf. Löwy 2003: 21; Bossi 2005)

propostas programáticas da III Internacional e transformar-se-á no Partido Comunista Argentino (PCA). Com esta fratura, no PS, de maneira nenhuma sem novas contradições, simplifica-se a consolidação de uma linha política reformista.

Na mesma época, o PS sofre outras cisões por divergências a respeito das estratégias políticas, uma que poderíamos denominar genericamente “antipolítica”, como a sindicalista revolucionária (soreliana) ⁹; outra inicialmente “esquerdista”, o Partido Socialista Operário (PSO), mas que se dissolve entre União Cívica Radical (UCR), pela necessidade de apoio desta força política para manter a intendência da cidade de Godoy Cruz em Mendoza frente aos conservadores, no comunismo, na adesão de alguns de seus quadros aos primeiros grupos trotskistas e na volta ao socialismo de outra parte da partida e por último, o PS sofre divergência “direitista”, o Partido Socialista Independente (PSInd).

a.3. A hegemonia estalinista (final dos anos 50)

Este é um período em que na América Latina a interpretação do marxismo está sob a hegemonia do estalinismo. O ciclo que começa em 1935, depois da última tentativa de insurreição sob a liderança dos comunistas no subcontinente, a “rebelião vermelha” do Brasil, começa a fechar-se com o relatório de Nikita Krushev¹⁰ ao XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) em fevereiro de 1956, criticando o culto à personalidade, mas não trocando a política no melhor dos casos “reformista” para a América Latina dos PCs da região¹¹ e que se fecha com maior clareza com o triunfo da revolução cubana em 1959.

É um período no qual se cristalizam duas posições políticas centrais nas correntes comunistas, nesse momento força hegemônica do marxismo, a defesa do

⁹ A referência é ao engenheiro e filósofo francês George Sorel (Cherburgo, França 1847 - Boulogne sul Seine, França 1922), que foi o teórico mais importante do sindicalismo revolucionário. Expõe os métodos que deve utilizar a classe operária para derrubar o Estado capitalista, sendo a greve geral o principal, utilizando para isso os sindicatos. Impulsiona o sindicalismo revolucionário em oposição à ação política dos socialistas.

¹⁰ Nikita Sergueievich Krushev (Kalinovka, Rússia 1894 - Moscou, União de Repúblicas Socialistas Soviéticas 1971)

¹¹ O caso brasileiro pode significar uma exceção a esta afirmação geral. No Peru, logo depois de tentar aliar-se ao “antimarxista” APRA e ser rechaçado por este se unem à Frente Democrática (FD) que apoiava as candidaturas de Manuel Prado, um liberal tradicional; em 1938, em Colômbia, o PC rompe com a “esquerda do Partido Liberal” para apoiar à líder da “direita liberal” Eduardo Santos. Em Cuba apoiou Fulgencio Cambraia em 1939 por ter uma linha política de colaboração eficaz entre os Estados Unidos e Cuba contra as ameaças fascistas, entre outros exemplos que podem mencionar-se (Cf. Löwy 1999:28-29)

socialismo em um só país, nos termos expostos por Joseph Stalin¹² e Michael Bukharin¹³ e o da revolução por etapas, impulsionando frentes amplas de colaboração de classes, expostos por Löwy como a teoria do bloco de quatro classes:

“Em 1936, ou processo de estalinização dois partidos comunistas, que se desenvolvera de maneira desigual e contraditória desde o final da década de 1920, estava cristalizado e completo. Com stalinismo queremos designar a criação, em cada partido, de um aparelho dirigente - hierárquico, burocrático e autoritário - intimamente ligado, do ponto de vista orgânico, político e ideológico a liderança soviética e que seguia fielmente todas as mudanças de sua orientação internacional. O resultado desse processo foi a adoção da doutrina da revolução por etapas e do bloco de quatro classes (o proletariado, o campesinato, a pequena burguesia e a burguesia nacional) como fundamento da sua prática política, cujo objetivo era a concretização da etapa nacional-democrática (ou anti-imperialista ou antifeudal). Essa foi uma doutrina elaborada por Stalin e aplicada na China, e mais tarde, generalizada para todos os chamados países coloniais ou semicoloniais (inclusive, é claro, a América Latina) Seu ponto de partida metodológico É uma interpretação economicista do marxismo, já encontrada em Plekhanov e nos mencheviques: em um país semifeudal e economicamente atrasado, as condições não estão “amadurecidas” para uma revolução socialista” (Cf. Löwy 2003: 27)

A política de frente popular foi impulsionada com caráter oficial a partir do VII Congresso da III Internacional realizado em 1935, em Moscou e cada partido comunista latino-americano tentou levá-la adiante da forma que pôde procurando setores burgueses nacionais com os quais aliar-se.

No caso argentino, esta idéia da revolução por etapas e de frente popular adotada por grande parte dos partidos comunistas do subcontinente, incluído e principalmente o Partido Comunista Argentino (PCA), coincidia em política em grande medida com o reformismo hegemônico no PS, encontrando-os na política prática, no marco dos processos políticos argentinos com muitas mais coincidências que as que alguém poderia pressupor por suas divergências teóricas e ideológicas. Estas coincidências se

¹² Joseph Stalin. (Geórgia 1879 – Moscou, URSS, 1953) ou Iosef Vissarionovich Djughashvili, adotou o nome de Stalin, o "homem de aço" em 1912. Em 1922 é renomado Secretário Geral do PCUS.

¹³ Nicolás Ivanovich Bukharin (Moscou, Rússia 1888 – Moscou, URSS 1938) É expulso do PCUS por formar parte do “bloco trotskista da direita antisoviética”, seu julgamento foi iniciado em março de 1938 e foi executado. Logo depois da Perestroika foi reinvidicado post-mortem pelo PCUS considerando que as acusações para sua pessoa eram falsas.

dão em situações chaves da política argentina, como por exemplo, durante o surgimento do peronismo em 1945, durante a formação da União Democrática (UD) - frente eleitoral antiperonista impulsionada pelo embaixador americano Spuille Braden - e no apoio à Revolução Libertadora, o golpe de estado de setembro de 1955, que derrubou Perón.

Podemos acrescentar que o Chile foi o único país em que se construiu uma “verdadeira” frente popular entre o PC e o PS chileno, sob a hegemonia do Partido Radical (PR), representado por Pedro Aguirre Cerda¹⁴, quem foi eleito presidente em 1938.

a.4. A Revolução Cubana e a difusão das idéias de Antonio Gramsci. Entre a revolução e a contra-revolução (1959-1989)

Este período tem duas subetapas claramente diferenciadas, uma que vai de 1959 até 1973 no Chile ou 1975 na Argentina que é um período tomado em geral como “revolucionário” ou como mínimo de “alta de massas” e outro contra-revolucionário que certamente abrange desde 1975 até 1989.

O subperíodo revolucionário não se dá só por um método de luta, pela presença da luta armada como um novo tipo de prática político-militar, mas sim por uma crise de hegemonia das classes dominantes e sua dificuldade de resolução sobre um período importante de tempo, mas sim por ser também um momento histórico de acumulação de forças sociais nos setores subalternos que questionaram a legitimidade da ordem social capitalista em termos subjetivos.

Uns conjuntos de fatores se articulam. A leitura oficial da revolução cubana, na qual se dá uma importância maior ao fator militar que às lutas operárias nas cidades para interpretar o triunfo da revolução, a difusão do guevarismo como prática política, as idéias “foquistas” de Regis Debrais¹⁵, assim como a difusão do maoísmo e dos escritos de Gramsci, justificaram teoricamente a necessidade de construir novas esquerdas à margem das socialistas e comunistas pré-existentes, consideradas forças tradicionais. Entretanto, o socialismo argentino foi receptivo destas idéias, a partir de um precoce apoio incondicional à Revolução Cubana, o que gerou debates sobre

¹⁴ É curioso que Pedro Aguirre Cerda era do setor do Partido Radical mais moderado e contrário a qualquer aliança com o comunismo, entretanto, vontade a interna no PR sobre Rios, mas a política que triunfa em seu interior é a conformação de um frente popular encabeçado pelo próprio Aguirre Cerda ante o apoio brindado a este pelo pré-candidato do socialismo Marmaduke Grove.

¹⁵ Regis Debrais foi o autor de *Revolução na Revolução?*, publicado pela primeira vez em janeiro de 1967 em Havana. Cuba, como caderno nro. 1 da Revista Casa das Américas, sendo um dos textos mais influentes nas organizações político-militares de toda a América Latina. Diferencio guevarismo de “foquismo”.

estratégias de poder e relações com a classe operária depois do peronismo, que superavam seu próprio reformismo. O debate no interior do PC é pela introdução das idéias de Gramsci, mas é um setor liderado por Juan Carlos Portantiero na Capital Federal, mas que é rapidamente expulso.

Caracterizo esta etapa como revolucionária na América Latina em geral e na Argentina em particular de acordo a como Vladimir Ilich Lenin expõe em *A falência da Segunda Internacional*:

"(...) resulta indubitável que a revolução é impossível se não se der uma situação revolucionária, mas não toda situação revolucionária conduz à revolução. Quais são em termos gerais os termos distintivos de uma situação revolucionária? Estamos seguros de não nos equivocar em assinalar estes três sinais principais: 1) A impossibilidade para as classes dominantes de manter seu domínio de forma imutável; tal ou qual crise nas 'alturas', uma crise na política das classes dominantes abre uma greta pela que irrompem o descontentamento e a indignação das classes oprimidas. Para que estale a revolução, não basta que 'os de baixo não queiram viver' como antes, mas sim faz falta que os de cima 'não possam viver' como até então; 2) Um agravamento, superior a habitual da miséria e as penalidades das classes oprimidas; 3) Uma intensificação considerável pelas razões antes indicadas, da atividade das massas, que em tempos 'pacíficos' se deixam espoliar tranqüilamente, mas que em épocas turbulentas são empurradas tanto pela situação de crise em conjunto como com próprias 'alturas', a uma ação histórica independente. Sem estas mudanças objetivas, independentes não só da vontade de tais grupos e partidos, mas também da vontade destas ou aquelas classes, a revolução é por regra geral, impossível. O conjunto destas mudanças objetivas é precisamente o que se chama situação revolucionária (...) a revolução não surge de toda situação revolucionária, mas sim de uma situação em que as mudanças objetivas antes enumeradas vêm somar-se a uma mudança subjetiva" (Cf. Lenin 1960: 211-212).

O triunfo da Revolução Cubana em 1959 e a explicitação do caráter socialista da mesma por Fidel Castro em 1961, por um lado, assim como a introdução e a difusão das obras do comunista italiano Antonio Gramsci¹⁶ na América Latina, no começo dos anos 60, tiveram um impacto muito importante nas culturas políticas das esquerdas não só na

¹⁶ Antonio Gramsci (Caligari, Itália 1891 - Roma, Itália 1937) Fundador do Partido Comunista da Itália (PCI) em 1921 na cidade do Livorno.

Argentina, mas também na sub-região, já que significou uma baforada de ar fresco que impulsionou uma análise crítica da relação entre marxismo e América Latina¹⁷.

Este é um período em que se abriram novos interrogantes e buscas, impulsionaram-se novas práxis políticas, incluídas a luta armada, uma vez que se postulavam novas problemáticas tanto intelectuais como militantes permitindo fazer uma recuperação de atores políticos partidários, práticas sociais e de destacadas figuras que tentaram com diversas estratégias articular de algum jeito estas duas unidades gerais, as quais aqui são separadas só analiticamente, marxismo e América Latina. Abriu-se, em certa forma, uma situação revolucionária na região.

Desde a derrota em 1973 da Unidade Popular (UP) e do suicídio de Salvador Allende¹⁸, abre-se na América do Sul um ciclo abertamente contra-revolucionário que tem como objetivo aniquilar as possibilidades de mudança social revolucionário na região, que tem sua origem na Argentina durante o governo de Isabel Martínez de Perón em 1975 e se consolida com a ditadura militar de 1976.

Antes de 1980, a derrota era evidente em toda a América do Sul, Brasil, Uruguai, Chile e Argentina, entretanto, em 1979, o triunfo da revolução sandinista na Nicarágua, dá um efêmero espaço às transformações revolucionárias na região, colocando nesse país junto com El Salvador com a ação da insurgente Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) e na Guatemala sob a constante luta da União Revolucionária Nacional Guatemalteca (URNG) as novas esperanças emancipatórias. A "moderada" política do sandinismo que o levou a derrota eleitoral em 1990, em outras condições políticas, econômicas e sociais mundiais, constituem um ponto de inflexão definitivo que fechara esta subetapa, um ano depois da queda do Muro de Berlim. Neste novo contexto mundial, em 1990 a derrota eleitoral do sandinismo, não pode limitar-se à responsabilidade política de sua direção que sem dúvida a teve, mas sim demonstrou a dificuldade de realizar uma construção contra-hegemônica em um país pobre e devastado pela guerra civil, em uma situação internacional absolutamente desfavorável

¹⁷ É fundamental o aporte realizado pelo argentino José María Aricó (1931-1991) à difusão do pensamento do Antonio Gramsci na América Latina. Logo depois de sua ruptura com o Partido Comunista Argentino (PCA), na segunda metade dos anos sessenta, formou o grupo Passado e Presente que se localizou na cidade do Córdoba na Argentina e dali seu coletivo desenvolveu uma experiência política que incluiu tanto a difusão dos escritos de Gramsci, como a sistemática publicação das revistas, cadernos e livros de Passado e Presente. Sobre a trajetória política do grupo Passado e Presente, da militância da maioria de seus integrantes no PCA, seu apoio a diferentes opções armadas até finalmente suas sacralizações as visões politicistas ou institucionalistas da democracia e seu apoio ao alfonsinismo e à Unidade Socialista (US) (Cf. Burgos: 2005).

¹⁸ Salvador Allende (Valparaíso, Chile 1908 – Santiago, Chile 1973) Foi presidente chileno entre 1970 e 1973, membro do Partido Socialista Chileno (PS - Chile) e da UP. O programa da UP foi assinado pelos partidos comunista, socialista, radical e social-democrata, o Movimento de Ação Popular Unitário (MAPU), uma cisão "esquerdista" da democracia cristã e a Ação Popular Independente (API), independente, em 17 de dezembro de 1969 no Santiago do Chile. Propunha uma transição democrática do capitalismo ao socialismo e foi tombado por Augusto Pinochet em 1973.

para políticas de mudanças sociais que beneficiem às maiorias.

a.5. As derrotas políticas das esquerdas. Tempos de neoliberalismo, refluxos e resistências (1989-2000)

A queda dos coletivismos burocráticos, cuja expressão simbólica e material foi a queda do Muro de Berlim, assim como os processos de democratização institucional na América do Sul, a partir da derrota política sofrida pelos movimentos revolucionários, abriu o caminho para a elaboração de diferentes buscas para superar o hiato no qual cristalizaram o marxismo e os atores políticos da pluralidade das esquerdas em nosso subcontinente. Em meio a esta escuridão, em um país de características e condições completamente diferentes que as da Nicarágua, a Argentina, diferentes ensaios a respeito de marxistas argentinos e latino-americanos vieram à luz. Só para citar a efeito de uns poucos exemplos podemos nos referir aos estudos sobre Juan Bautista Justo¹⁹, José Ingenieros, José Carlos Mariátegui, Aníbal Ponce, Julio Antonio Mella, Ernesto “Che” Guevara e Mario Roberto Santucho, entre muitos outros. Todos estes estudos, embora algumas vezes de maneira parcial, permitiram avançar na compreensão da relação entre o marxismo e América Latina, e tentaram explicar as táticas, as estratégias, os limites do marxismo, em síntese, entre outras coisas, o porquê dessas derrotas e as crises dos projetos socialistas no subcontinente.

É evidente, que semelhante explicação excede o marco da América Latina uma vez que está vinculada a uma situação mundial, entretanto, de uma maneira mais ou menos fragmentária foi abordado um conjunto de novas problemáticas que devem ser aprofundadas a partir de novos estudos.

Dentro deste marco geral, o dos distintos momentos da evolução do marxismo na América Latina, interessa-me destacar o papel dos partidos políticos de matriz socialista no marco dos processos políticos na formação econômico-social da Argentina entre o período que abrange desde 1880 até 1980, analisando sua evolução ao longo de um século de ação política. Por este motivo, em primeiro lugar me dedicarei a localizar e justificar a incorporação dos socialistas como parte das esquerdas de matriz marxista

¹⁹ Juan B. Justo (Buenos Aires, Argentina 1865 – Los Cardales - Buenos Aires, Argentina 1928) Médico e político, fundador de *La Vanguarda* em 1894 e do Partido Socialista (PS), sendo seu principal dirigente desde 1898 até sua morte; José Ingenieros (Palermo, Itália 1877 - Buenos Aires, Argentina 1925) Médico, filósofo, psiquiatra e criminologista, de idéias positivistas, foi fundador do PS na Argentina e defensor da Revolução Russa; José Carlos Mariátegui, ver nota 5; Aníbal Ponce (? 1898 - México 1938) estudou medicina e se especializou em psiquiatria, sucedeu José Ingenieros na *Revista de Filosofía* dirigida por este. Logo depois de sua viagem à URSS, adere ao marxismo e é membro do Partido Comunista Argentino; Ernesto Guevara Lynch de la Serna, conhecido como “Che” (Rosario, Argentina 1928 - La Higuera, Bolívia 1967); Julio Antonio Trinca (Havana, Cuba 1903 – México, México 1929); Mario Roberto Santucho (Santiago del Estero, Argentina 1936 - Buenos Aires, Argentina 1976)

na Argentina uma vez que o objeto de estudo é o socialismo e não toda a gama dos marxismos. Por suas origens, pela natureza política de sua organização e por suas lutas políticas tanto parlamentares como extra-parlamentares tomarei os socialistas na Argentina, durante um século, entre 1880 e 1980, como minha unidade de análise. Pretendo analisar a evolução política dos socialistas na Argentina no marco de processos sociais de longo prazo.

b. Unidade de análise e marco teórico.

A unidade de análise mais geral desta tese é o marxismo na América Latina, enquanto que nesse marco, a unidade de análise particular é o socialismo, quer dizer, os partidos políticos da matriz socialista e sua evolução política na formação econômico-social argentina entre 1880-1980. O marco teórico e os principais conceitos, serão explicitados na medida de sua utilização, entretanto, farei algumas observações preliminares sobre quatro das categorias-chaves com as quais trabalharei: marxismo, América Latina, socialismo na Argentina e formação econômico-social.

O marxismo, em primeiro lugar, tem a característica de articular a teoria com a praxis, não só tem uma visão do mundo e realiza a análise dos processos sociais mas sim pretende transformar a realidade.

Em segundo lugar, tomo como ponto de partida a existência de uma pluralidade de esquerdas de matriz marxista; portanto, assim como advertiu Eric Hobsbawm em sua reconhecida *História do Marxismo*, considero desnecessário opor um marxismo “verdadeiro”, coisa muito comum nas culturas das esquerdas, a todo um conjunto de “falsos marxismos”, “desviacionistas” e/ou “traidores da classe operária” (Cf. Hobsbawm 1983:13) Em geral, existem vários marxismos²⁰, a maioria das vezes enfrentados uns contra outros em intermináveis polêmicas internas, a ponto tal de alguns estarem convencidos que os outros não têm o direito de autodenominar-se marxistas. Como não tenho o “marxistômetro”, e este não é um trabalho semiológico, utilizarei dois critérios para me referir de maneira flexível aos partidos políticos de matriz marxistas. O primeiro é incluir um conjunto heterogêneo de grupos políticos, autodenominados dessa maneira, entendendo-os como escolas de pensamento e de ação que têm alguma derivação nas obras e na ação política de Marx; o segundo critério é incluir no caso argentino a matriz socialista como parte da matriz marxista. Embora existam muitos argumentos também para sua exclusão como parte do marxismo, como o ecletismo, o liberalismo ou o populismo em muitas de suas correntes, assim como sua

²⁰ O argumento da pluralidade de marxismos está também suficientemente argumentado pelo Néstor Kohan (Cf. Kohan 2000: 17-24)

discutível inclusão teórica em relação ao método materialista histórico ou inclusive a renúncia mais ou menos explícita à superação do capitalismo em uma parte importante dos partidos componentes desta matriz, há outros tantos argumentos para incluí-los.

Principalmente, argumentarei para justificar a inclusão dos socialistas no marco do marxismo que quando o marxismo era mais uma corrente, entre as múltiplas formas em que se expressavam as tentativas das lutas emancipatorias dos setores subordinados da sociedade, este se caracterizava e se distinguia pelo imperativo de tentar organizar politicamente os setores mencionados, podendo desta maneira, afirmar que são inegáveis os elementos marxistas que inspiraram a formação do Partido Socialista (PS) na Argentina em 1894. A necessidade da organização e da ação política independente da classe operária e o reconhecimento de que a luta política era necessária para a transformação da sociedade, diferencia claramente o Partido Socialista das correntes anarquistas. Este é o sentido com o qual se funda o PS, o qual rapidamente se incorpora à II Internacional, que depois da Segunda Guerra Mundial, será reconstituída como a Internacional Socialista (IS). Um elemento adicional é que a prática social socialista construiu durante décadas um patrimônio cultural para os setores subordinados motivo pelo qual sua exclusão do marxismo implicaria “dar de presente” às forças sociais conservadoras do *status quo* um conjunto de elementos alheios a sua tradição política e contra os quais lutaram.

Em terceiro lugar, considero que na Argentina o marxismo no plano político cristalizou-se fundamentalmente em três matrizes²¹: a socialista, a comunista e a trotskista. Cada uma destas matrizes contém um conjunto de considerações ideológicas, de práticas sociais e de rasgos comuns que me permitem considerá-los como parte da mesma “família política”, os quais sem deixar de ter suas especificidades, nem deixar de reconhecer alguns cruzamentos entre as matrizes, fornece-lhes certa especificidade. No plano internacional, poderíamos também dividir estas três matrizes, entretanto, pretendo expor que distintamente de outros países latino-americanos o Partido Socialista da Argentina como eu mesmo mencionei é de formação precoce, sendo a matriz socialista muito importante, uma vez que é a matriz principal do marxismo na Argentina. A matriz socialista deu origem à matriz comunista e de uma cisão desta última, surge a matriz trotskista, as quais incluem a sua vez a diferentes correntes.

Quadro 1. Matrizes do marxismo na Argentina.

Matriz Marxista	Matriz Socialista	Matriz Comunista	Matriz Trotskista
Internacional	II Internacional	III Internacional	IV Internacional (IV I)

²¹ A noção de matriz é tomada do estudo sobre as duas almas do comunismo brasileiro de Gildo Marçal Brandão, (Cf. Marçal Brandão: 1997)

	Internacional Socialista (IS)	Internacional Comunista (IC)	
Partido Matriz	Partido Socialista (PS) 1894	Partido Socialista Internacional (PSI) 1917 – Partido Comunista Argentino (PCA) 1918	Partido Comunista da República Argentina (PCRepA) 1929 Comitê Comunista de Oposição (CCO)

Fonte: Elaboração própria.

Em quarto lugar, ao conceitualizar como objeto de estudo os partidos socialistas como parte das esquerdas de matriz marxista, resulta evidente, que no caso da Argentina, coexistiram com outras esquerdas de caráter não marxista, com diferente peso político dependendo do período histórico, como as “esquerdas peronistas”²², sem dúvidas as mais importantes; as esquerdas “nacionais-populares-revolucionárias”; as esquerdas anarquistas, tanto em suas versões organizacionistas como anti-organizacionistas, centralmente até a crise de 30; as esquerdas sindicalistas revolucionárias (sorelianas), mencionadas acima; as esquerdas humanistas-ecologistas²³ e uma difusa esquerda autogestionária²⁴, emergente com certa densidade embora com

²² Coloco “esquerdas peronistas” entre aspas porque considero impossível essa combinação, é como um “sorvete quente”, entretanto, da auto-percepção de diferentes grupos peronistas se referem a si mesmos dessa forma. Um exemplo são os Montoneros ou o Peronismo de Base (PdB) na década de setenta ou algum setor kirshnerista na atualidade.

²³ Em maio de 1969 foi baseado o Movimento Humanista, que surge na América Latina como a expressão organizada da corrente de pensamento “Novo Humanismo”. Em maio de 1984 decidem a participação política e se organizam partidariamente em diferentes países. O argentino de origem mendocino, Mario Rodríguez, mais conhecido como Silo é seu principal dirigente tão nacional como internacional. Os humanistas consideram como máximo valor o ser humano, por cima do dinheiro, do Estado, da religião, dos modelos e dos sistemas sociais. Para esta corrente do pensamento humanista, o humanismo parte das necessidades da vida que consistem o afastar da dor e em aproximar-se do prazer. Dividem a sociedade em dois campos, o humanista e o anti-humanista. Embora tenham feito alianças com comunistas em algumas oportunidades como no caso da Argentina em 1987, onde conformaram a Frente Ampla de Libertação (FRAL) frente eleitoral para eleições parlamentares entre o PCA e o PH, frente na qual participaram além outros grupos menores como o Partido Socialista Iro. de maio (PSIM). Comenta-se no “submundo” das culturas de esquerdas que Silo foi expulso do Chile por Salvador Allende acusado de ser agente da CIA. Desde mais está dizer, que esta era uma reiterada acusação comunista na época. Paradoxalmente comunistas e humanistas chilenos vão unidos na aliança Podemos (Pod.) para as eleições presidenciais do 2006 não mencionado país andino, logo depois de que muita água, Pinochet mediante e neoliberalização do socialismo chileno, corresse sob a ponte. Coloco-os como parte da esquerda em um sentido amplo porque em meados dos oitenta se apresentam a se mesmo como a “nova esquerda”. É uma nova esquerda pacifista diferente tanto da surta a fins dos anos sessenta e setenta como a surta logo depois das crises do modelo neoliberal na região a partir do ano 2000. (Cf. Documento do Movimento Humanista-Partido Humanista <http://www.movimentohumanista.com>)

²⁴ Segundo Hugo Bairro em uma explícita defesa dos autonomistas, em agosto de 2005, expõe: *“Os autonomistas não fogem o alinhamento político e social mas não se deixam apanhar pelo enquadramento ideológico dogmático. Compartilham sensibilidades, atitudes e projetos, mas não sustentam uma doutrina comum, sustentam práticas coordenadas ou não, mas genuínas. Superam a crítica moral ao capitalismo desde perspectivas antiautoritárias e rechaçam toda forma de liderança e estatismo. Dirigem uma linguagem libertária e defendem a auto-organização, ressaltando os valores solidários e comunitários. Contemplam a participação em âmbitos institucionais e respiram a autogestão no terreno econômico sabendo que nos movemos em tempo presente, e não no delírio idealista como a esquerda partidária.*

um caráter efêmero no “Argentinazo”²⁵ de dezembro de 2001 e desenvolvido no movimento assembleísta posterior, antes de sua vazão pela ausência de dinâmica social posterior.

Uma quinta observação é que como a esquerda marxista não atua no vazio, considero conveniente estudá-la vinculada aos problemas gerais da sociedade, não em relação consigo mesma, de maneira auto-referenciada. Para isto, é necessário levar em conta o pano de fundo que as assinalou: no caso argentino, as interações com os dois grandes movimentos nacionais que teve o país, o radicalismo e o peronismo com suas diferentes variantes; com o conservadorismo; com os militares e com o resto das esquerdas.

Para arredondar a abordagem do marxismo na América Latina como uma unidade de análise geral, tomarei elementos do que foi elaborado por Eduardo Grüner em seu ensaio *O fim das pequenas histórias* expõe a necessidade de pensar o mundo desde a América Latina, mas entendendo que fazê-lo no processo de globalização significa pensar as particularidades de nossa inserção nesse fluxo (Cf. Grüner 2002) Isto significa pensar a partir da América Latina no marco de um processo de mundialização constante da economia capitalista, o que remete a uma heterogeneidade na qual há hegemonia, quer dizer dominação.

Os autonomistas formam um conglomerado muito heterogêneo e carecem de porta-vozes reconhecidos como expoentes comuns desta visão. Para encarar o debate, terá que olhar nas práticas e no visto real, não no espelho livreiro de alguns autores que expressam supostas teses relevantes dessa corrente. A esquerda prefere falar com [Raúl] Zibechi (para eles sintetiza grande parte destas colocações no plano político, porque identifica o projeto autonomista com a prática de vários movimentos sociais da região e postula esta associação em sua análise do zapatismo mexicano, do MST brasileiro, do indigenismo equatoriano, dos cocaleros bolivianos e dos piqueteiros argentinos. A esquerda prefere ler no plano teórico, [Antonio] Negri e [John] Holloway que são dois pensadores que eles acreditam de renome como referentes do autonomismo. A caracterização do estágio imperial do capitalismo que expõe o primeiro autor e a proposta de trocar o mundo sem tomar o poder que desenvolve o segundo não servem de fundamento para a ação de nenhuma [das] vertentes libertárias. São só reflexo a posteriori e os camponeses, os trabalhadores, os piqueteiros, não têm muito tempo de ler Império ou acessar o Holloway. Mas numerosas discussões sobre as tese de ambos os autores giraram exclusivamente em torno de concepções gerais sem tomar em conta a aplicação política desses enfoques. Como esta análise desemboca em debates muito abstratos, à esquerda partidária convém. Podia-se inverter a sequência e revisar as ações esquerdistas ou autonomistas de certas sublevações e movimentos de luta recentes na América Latina para entender por onde andam uns e outros ” (Cf. Bairro, Hugo; Em defesa do Autonomismo 21 de agosto de 2005)

Embora critiquem o autoritarismo e o dogmatismo hegemônico nas esquerdas marxistas em geral, esta análise subestima o impacto das idéias de Negri ou de Holloway sobre estes temas. Além disso, embora reconheçam certos alinhamentos políticos em geral suas posturas confinam entre o antipoliticismo e o oportunismo eleitoral. Tal é o caso na Argentina da que foi uma de suas expressões políticas mais elevadas, o partido político Autonomia e Liberdade (AyL) dirigido pelo ex-deputado nacional Luis Zamora, ex-trotskista e antiizquierdista militante. Estas idéias autogestionárias não têm que ver com as mesmas “trotskistas pablistas”, expostas, por exemplo, no *Que partido para a autogestão?* (Cf. Pablo 1988)

²⁵“Argentinazo” é o nome com que habitualmente se faz referência às diferentes manifestações que nos dias 19 e 20 de dezembro do 2001, puseram ponto final ao governo de Fernando De la Rúa e derrocaram a quatro presidentes em uma semana.

Seguindo com esta reflexão, ao longo da tese, utilizarei uma interpretação de hegemonia nos termos expostos pelo próprio Antonio Gramsci, quer dizer, em termos materialistas²⁶. Complementarei as definições realizadas pelo comunista italiano em *Americanismo e fordismo* no qual articula o conceito de hegemonia com a produção material na fábrica (Cf. Gramsci 1986a:279-317) com o que foi elaborado em *Os intelectuais e a organização da cultura* quando expõe que a supremacia de um grupo social manifesta-se de dois modos, por um lado como domínio e por outro como direção intelectual e moral (Cf. Gramsci 1986b) As bases materiais são para Gramsci, os pilares sobre os quais se assenta a hegemonia:

"(...) o fato da hegemonia pressupõe indubitavelmente que se levem em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais se exerce a hegemonia, que se forme certo equilíbrio de compromisso, quer dizer que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa, mas é também indubitável que tais sacrifícios e tal compromisso não podem concernir ao essencial, já que se a hegemonia é ético-política não pode deixar de ser também econômica, não pode menos que estar apoiada na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo reitor da atividade econômica" (Gramsci, 1986a:55)

A busca da particularidade da América Latina deve evitar nos termos de Grüner, qualquer essencialismo ou nos de Löwy, o do excepcionalismo indoamericano. Pensar a partir da América Latina, então, não deve significar começar a pensar do zero, mas, sim é apropriar-se criticamente de tudo o que foi pensado em qualquer ponto deste fluxo que é o mundo globalizado (Cf. Grüner: 2002) É entender a realidade latino-americana e suas formações econômico-sociais como parte de integrante de uma totalidade segundo Ruy Mauro Marini. Estas formas de pensar a partir da América Latina se contrapõem às visões socialistas nacionais ou trotskistas nacionais como as de Jorge Abelardo Ramos, Jorge Enéa Spilimbergo ou Norberto Galasso, na qual cristaliza uma parte da evolução política do socialismo na Argentina.

Quando me refira à América Latina, levarei em conta, as teorias pós-coloniais²⁷ e as teorias do sistema-mundo capitalista²⁸ as quais se propõem há duas ou três décadas

²⁶Excluirei reconceitualizações idealistas como as elaboradas pelo Ernesto Laclau, que do meu ponto de vista utiliza um critério de hegemonia sem ancoragem no material, só como direção intelectual e moral. Para uma crítica profunda ao conceito idealista de hegemonia elaborado pelos pós-estruturalistas (Cf. Borón e Cuellar: 1983)

²⁷ O ponto de partida da teoria pós-colonial, é a obra do palestino Eduard Said, que junto com Homi Bhabha, paquistanês e Gayatri Chacravorty Spivak, hindu, têm uma vinculação teórico metodológica com a teoria francesa posestructuralista: Jacques Lacan, Michel Foucault e Jacques Derrida.

²⁸ Localizamo-nos como representantes das teorias do sistema mundo capitalista de Immanuel Wallerstein,

elaborar análise críticas “novas” das conflituosas relações centro-periferia tomadas a partir do colonialismo, do processo de descolonização e da expansão mundial do modo de produção capitalista. Tento realizar um equilíbrio entre ambas as teorias para evitar cair nos limites de ambas, um culturalismo que tende a desprezar o estrutural no caso das primeiras ou um economicismo que tende a deixar de lado a importância da produção simbólica para a reprodução das relações sociais no caso das segundas (Cf. Grüner: 2002).

Para o estudo do marxismo na América Latina, remeter-me-ei principalmente, não de maneira exclusiva às leituras de Aricó, de Kohan e de Löwy, uma vez que os três desde pontos de vista diferentes realizam observações pertinentes para a abordagem deste subcontinente como unidade conceitual e sua relação com o marxismo (Cf. Aricó 1999; Kohan 1998 e Löwy 1999).

O estudo do marxismo na América Latina realizada por Löwy, inclui uma forte crítica ao estalinismo, de um heterogêneo campo que denominarei a matriz trotskista e dentro desta, a corrente política mandelista²⁹, enquanto que a realizada por Arico, na última etapa de sua vida, que é quando realiza seus escritos mais importantes sobre a América Latina, é de um marco teórico originalmente gramsciano, que logo depois de várias idas e voltas, culmina situando o campo democrático e reformista, que poderíamos chamar em um sentido amplo, de socialista (Cf. Aricó 2005 e 1999).

Löwy expõe que a aplicação criativa do marxismo à realidade da América Latina significa superar tanto o mencionado excepcionalismo indoamericano como o eurocentrismo, tão comuns nas políticas tanto da II e da III Internacional. Define sinteticamente as visões excepcionalistas “nacionais populares” ou “indigenistas” como aquelas aonde se tende a absolutizar as particularidades da América Latina pondo em questão em última instância o próprio marxismo entendendo-o como europeizante. Por outro lado, seu contraste é com as visões eurocentristas que transpassam mecanicamente os modelos de evolução históricos da Europa ao subcontinente. Estas visões são atribuídas às correntes estalinistas, segundo seu ponto de vista, o “verdadeiro inimigo”, embora possamos adicionar que são comuns também ao positivismo próprio da II Internacional. De acordo com o próprio Löwy:

“Foi o eurocentrismo, mais do que qualquer outra tendência, que devastou o

autor de *O moderno sistema mundial. O capitalismo histórico* e de Samir Amín, autor de *Os desafios da mundialização*.

²⁹ A referência é ao teórico e político trotskista belga, Ernest Mandel (Bruxelas, Bélgica 1923 – Bruxelas, Bélgica, 1995), fundador do Secretariado Unificado da Quarta Internacional (SUCI) surto da unificação em 1963 do Socialist Worker Party (SWP) dos Estados Unidos com o Secretariado Internacional da Quarta Internacional (SE-CI), dirigido pelo Michel Raptis, mais conhecido como o “camarada Michel Pablo”.

marxismo latino-americano” (Löwy, 1999:10).

Na abordagem que realiza Löwy para articular marxismo e América Latina é central a caracterização das relações sociais no subcontinente, uma vez que seu recorte se define pelo caráter da revolução a ser proposta, seja democrático-burguesa ou socialista. De acordo com esta divisão, atribui um caráter revolucionário, embora democrático-burguês, ao estalinismo, quer dizer, não o visualiza como contra-revolucionário em geral na América Latina, entretanto, localiza-o como um inimigo da revolução socialista. As políticas dos PCs foram hegemonicamente reformistas.

A dificuldade do recorte de Löwy, é que impede de incluir como marxistas algumas correntes políticas de matriz socialista, como os casos do socialismo argentino ou principalmente o do socialismo chileno durante a vida de Salvador Allende, que embora de maneira “reformista moderada” no caso do primeiro ou “reformista radical”, no sentido inglês do termo, no caso do segundo, é inegável que têm relações com o marxismo. Löwy não nega a relação deste com o marxismo, entretanto, a partir do critério “caráter da revolução” deve ser caracterizado como um “reformista radical”, já que logo depois de diferentes discussões internas impulsiona uma política de “frente popular”, de “aliança de classes”. O PS chileno é uma construção política complexa que funciona como uma federação de diferentes grupos que inclui desde setores social democratas até trotskistas dependendo do momento histórico, e tem sentido recordar que em muitos momentos foi oposição de esquerda ao governo de Allende. Este recorte dificultaria a explicação do surgimento de correntes marxistas e revolucionárias no interior do PSArg., no marco do irrompimento da revolução cubana.

Como demonstram múltiplos estudos, tanto de marxistas latino-americanos como de intelectuais das esquerdas como os realizados por Caio Prado Júnior³⁰, Sergio

³⁰ Caio Prado Júnior (São Paulo, Brasil 1907 - São Paulo, Brasil 1990), desde 1931 foi membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), ou *partidão*, participando ativamente da “Intentona Comunista” de 1935 no Brasil. Destacou-se como um dos principais representantes da utilização do marxismo no estudo da história e a teoria política brasileiras. Sua obra está composta por vários livros como *Evolução Política do Brasil* (1933); *URSS: Um novo mundo* (1934); *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), a qual é considerada como seu principal obra ; *História Econômica do Brasil* (1945); *Dialética do Conhecimento* (1952); *Diretrizes para uma Política Econômica* (1954); *Esboço dos Fundamentos da Teoria Econômica* (1957); *Introdução à Lógica Dialética* (1959); *O Mundo do Socialismo* (1962); *A Revolução Brasileira* (1966); *História e Desenvolvimento* (1968); *O Estruturalismo de Lévi-Strauss - O Marxismo de Louis Althusser* (1971); *A Questão Agrária no Brasil* (1979) e *A Cidade de São Paulo* (1983). (Cf. <http://www.klepsidra.net/caioprado.html>) Sua análise a respeito da formação econômico-social brasileira se contrapõe em certos aspectos às visões do PCB.

Bagú³¹, Ernesto Laclau³², Marcelo Segall³³ ou Ruy Mauro Marini³⁴, entre outros, ou o próprio Florestán Fernandes³⁵, as formações econômico-sociais latino-americanas não foram originalmente versões locais do feudalismo europeu. Este é um ponto muito importante que é preciso ressaltar já que a partir desta caracterização ou de outras se derivam estratégias políticas diferentes. Como argumentos para esta hipótese podem nos remeter às elaborações dos intelectuais latino-americanos mencionados anteriormente (Cf. Prado Jr. 1985; Bagú 1952; Laclau 1969 e Segall 1953).

Podemos adicionar ademais que feudalismo é uma categoria muito ampla e inadequada para explicar as relações sociais capitalistas latino-americanas. Por exemplo, se seguirmos os estudos realizados por Perry Anderson, em *Transições da antiguidade ao feudalismo* observaremos que conceitualmente a categoria deveria ser ainda mais restritiva, demarcando-a a de feudalismo europeu. Se usarmos uma maior acuidade analítica, deparamo-nos com o fato de que esta categoria é ainda menos

³¹Sergio Bagú (Buenos Aires, Argentina 1911 - México Df, México 2001), por sua parte é um intelectual latino-americano comprometido com as mudanças sociais. Na Argentina foi militante do Partido Socialista (PS) e as ditaduras argentinas o levaram a residir, grande parte de sua vida adulta, no México. Publicou diversas obras, como *Vida do José Ingenieros*, editada por Editora Claridade – a editora do Partido Socialista da Argentina-, *Estrutura social da colônia*; *Tempo, realidade social e conhecimento* mas foi *Economia da sociedade colonial*, um ensaio de história comparada da América Latina que produziu um significativo impacto entre estudiosos, cientistas, historiadores, políticos, especialmente das esquerdas, desatando um debate que ainda mantém sua vigência. Além disso, publicou *Mariano Moreno*; *A classe média na Argentina*; *A sociedade de massas na história e Estratificação e mobilidade social na Argentina*. (Cf. Corbière, Emilio; *Faleceu Sergio Bagú. Um grande intelectual argentino*; publicado em 14 de janeiro de 2002 em Avisos <http://www.argenpres.info/nota.asp?num=001327>) Em meados dos anos quarenta, segundo o historiador socialista Emilio Corbière, junto com seu amigo Arnaldo Orfila Reynal, Guillermo Korn e Eduardo C. Schaposnik, formaram parte da revista '*O Iniciador*', publicada pela Comissão de Cultura do Partido Socialista (PS).

³² Ernesto Laclau, quem antes de dar aulas na Universidade de Essex na Inglaterra militou no Partido Socialista da Esquerda Nacional (PSIN) expõe que na Argentina encontramos uma economia capitalista com eixo agropecuário e em condições de dependência, assim como que neste país a forma de evolução capitalista adotou o modelo germânico. Está hipótese vai ser incluída nesta tese quando me referir à formação econômico-social argentina e será rechaçada por Rodolfo Puiggrós (Cf. Puiggrós 1986)

³³ Marcelo Segall, (Santiago, Chile 1920 – Amsterdã, Holanda 1991) sobressaiu-se por seus estudos em ciências econômicas e seu definido perfil trotskista no marco da esquerda chilena. Refugiou-se na Holanda depois do golpe militar de 1973, onde colaborou com o reconhecido Instituto Internacional de História Social da cidade de Amsterdã. Suas investigações no âmbito historiográfico foram recordadas por seus intentos de aplicar em forma “pura” o método materialista dialético do marxismo ao estudo e a investigação do passado chileno. Em *Desenvolvimento do capitalismo no Chile: cinco ensaios dialéticos* (1953) busca comprovar que o nascimento da luta de classes no interior do país, remonta-se ao início do século XIX, aonde os protestos da peonagem rural e mineira, junto à ação organizada pelo artesanato urbano, seriam as origens e antecedentes imediatos à formação de uma ideologia combativa e revolucionária por parte do proletariado chileno; por outra parte em seu estudo *Biografia social da ficha salário* (1964), apresenta uma breve síntese histórica onde expõe a origem e desenvolvimento desta informal modalidade de pagamento, implementada em diversas fazendas, fábricas e minas, da Colônia até a década de 1930 (Cf. Precursores da história social operária – Marcelo Segall em <http://www.memoriachilena.cl/mchilena01/temas>) .

³⁴ Ruy Mauro Marini (Minas Gerais, Brasil 1932 – Rio de Janeiro, Brasil 1997).

³⁵ Florestán Fernandes (São Paulo, Brasil 1920 - São Paulo, Brasil 1995).

aplicável à América Latina. Se a gênese do feudalismo for a síntese particular do colapso catástófico e convergente de dois modos de produção anteriores, o escravista grego, mas fundamentalmente o romano e um conjunto heterogêneo de modos de produção primitivos, deformados e dilatados, o dos invasores germânicos que sobreviveram em suas próprias terras às conquistas bárbaras, é conceitualmente impossível que as relações sociais latino-americanas tenham sido feudais (Cf. Anderson 1994) Falar de feudalismo na América Latina é impróprio como categoria histórica e de duvidosa utilidade como figura política.

O conceito feudalismo europeu ocidental, também é usado por Eric Hobsbawm na Introdução de *Formações econômicas pré-capitalistas* (Cf. Hobsbawm: 1984:26).

Tendo em conta os estudos latino-americanos mencionados anteriormente tanto André Günder Frank como o chileno Luis vitale desenvolveram uma análise do caráter capitalista da estrutura social latino-americana e das formas coloniais, semi-coloniais ou dependentes que assumiram essas formações sociais na América Latina. Neste marco, considero adequada e atual a categoria geral de LeonTrosky de “desenvolvimento desigual e combinado” para explicar a inter-relação entre as formas mais modernas do capitalismo com as relações de produção mais atrasadas.

Em uma leitura na chave do caráter da revolução, como a realizada por Löwy, é coerente que os partidos comunistas no continente, influenciados pelo estalinismo tenham exposto que como a América Latina tinha relações sociais feudais, a burguesia vernácula poderia cumprir um papel progressivo como na Europa e seria uma aliada na luta democrático-burguesa. Na tese, mencionarei também certas posições políticas da II Internacional e dos PCs da região que me permita reconstituir um mapa geral das matrizes do marxismo no subcontinente. Entretanto, uma elucidação é conveniente, a questão não é entender o “caráter da revolução” como um essencialismo, mas sim o que procuramos é conhecer como os socialistas pensaram e como tentaram atuar para alcançar os objetivos a que se propunham. Não tenho a intenção do “moralista” de julgar se a possibilidade era a correta, reconhecida e coerente, mas sim como se justifica essa posição política ou quando e como eles pensaram as possibilidades fornecidas pela realidade para organizar sua ação.

As elaborações teóricas e a interpretação da realidade latino-americana limitava a maioria dos PCs do continente a políticas de conciliação de classes na teoria, para tentar levar adiante uma “revolução democrático-burguesa-anti-imperialista” na prática, e esta posição era coerente com a estratégia estalinista como corrente política mundial de impedir revoluções que rompam com o equilíbrio instável que significaram os acordos de Yalta em fevereiro de 1945 entre o Sir Wiston Churchill, Franklin Delano Roosevelt e Joseph Stalin. Em países, como a Argentina, esta política do Partido

Comunista Argentino (PCA), no melhor dos casos situava-o como uma força política com um caráter duvidosamente reformista³⁶.

Em geral, os partidos comunistas do subcontinente analisavam a realidade latino-americana a partir das formulações elaboradas pelo VI Congresso da III Internacional realizado em Moscou em 1928 o qual declarava:

“Países coloniais e semi-coloniais (China, Índia, etc.) e países independentes, (Argentina, Brasil): em alguns destes a indústria só é rudimentar, em outros está relativamente bem desenvolvida, mas em sua maior parte é insuficiente para proporcionar uma base para uma construção socialista independente. Tanto nas superestruturas econômicas como nas políticas prevalecem relações medievais ou de tipo feudal ou o modo de produção asiático; as indústrias-chaves, o comércio predominante, os bancos, os transportes, assim como as plantações, etc., estão concentradas em grupos capitalistas estrangeiros. Nestes, a luta contra o feudalismo, contra as formas pré-capitalistas de exploração, o lucro da revolução camponesa agrária e a luta contra o imperialismo estrangeiro e em favor de uma independência nacional são de uma importância decisiva. Nestes casos, a passagem a uma ditadura do proletariado é só um processo possível através de uma série de estágios preparatórios, como resultado de todo um período de transformação da revolução democrático-burguesa em revolução socialista. Na maior parte destes países, a construção vitoriosa do socialismo só é possível com a ajuda direta dos países onde já se instaurou a ditadura do proletariado” (Cf. Ingrosso 1973: 20-21)

Este parágrafo é transparente, observamos com clareza aqui uma concepção serial, evolutiva, uma visão etapista, pela quais todos os países deveriam passar por distintas fases históricas, as quais salvando as distâncias e os objetivos finais, incorrendo em um anacronismo, já que são teorias posteriores, apareceriam como uma versão “esquerdista” do que anos depois será conhecida como a “teoria da modernização”. Além disso, comparando estas interpretações com as formuladas por Lenin sobre o desenvolvimento do capitalismo na Rússia, que é uma visão contrária ao

³⁶ Um ex-militante do Partido Revolucionário dos Trabalhadores – Fração Vermelha (PRT-FR) afirma:

“Nossa interpretação [a referência se estende a todos os grupos políticos que praticavam a luta armada a fins da década dos sessentas e começos da década dos setentas na Argentina] era que o PCA era reformista.”

Bate-papo informal com o autor com um ex-militante do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT) e posteriormente do Partido Revolucionário dos Trabalhadores - Fração Vermelha (PRT-FR), está último agrupamento política trotskista mandelista - em seu apartamento na cidade de São Paulo, Brasil, 9 de abril do 2005.

leninismo.

Por sua vez, a II Internacional, não é alheia a uma leitura positivista das sociedades latino-americanas, já que assim como rechaçou concepções centrais da Revolução de Outubro, tampouco teve capacidade para “compreender” a potencialidade dos processos revolucionários na América Latina e no Terceiro Mundo. Nos países visualizados como coloniais e semicoloniais, reconhecia o direito de autodeterminação dos povos, mas no fundo tinha também uma inegável perspectiva eurocentrista, positivista, na qual, simplificando, uma Europa socialista (social democrata) era o principal requisito para “civilizar” o Terceiro Mundo. O Partido Socialista, para seus membros tem um caráter pedagógico e civilizatório nesse sentido e recém com o surgimento do Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV), em 1961, podemos encontrar, uma ruptura com este modelo. Para os socialistas tradicionais, idéias como as de civilização e sociedade moderna têm um peso muito importante e são entendidas, em última instância como sinônima da Europa.

José Aricó, mesclando suas inquietações militantes com sua rigorosidade acadêmica, pergunta-se sobre o desencontro secular entre o socialismo e a América Latina e nas observações precedentes encontramos algumas de suas causas.

Levando em conta este marco, interessa-me saber como os socialistas argentinos pensam e compreenderam esses processos, a partir de uma perspectiva vinculada à história das idéias, sem pretender usar categorias de luta política como reforma ou revolução como categorias analíticas. Esses processos, desta perspectiva, só podem aparecer hoje a partir de como foram apresentadas pelos atores, de como eles os pensaram em sua própria experiência.

As correntes hegemônicas no marxismo, as versões leninistas primeiro, mas fundamentalmente uma vez que foram transformadas/travestidas em estalinistas ou marxistas-leninistas pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e as sociais democratas, não tiveram capacidade para compreender as especificidades do subcontinente e suas políticas para a região eram funcionais à suas estratégias mais gerais. O estalinismo pela defesa do que eles consideravam socialismo em um só país ou a defesa dos “socialismos reais” e a social democracia por sua política de renúncia explícita a superar o capitalismo, pensando que este era reformável e limitando-se só a administrá-lo, algumas vezes melhor, na grande maioria das vezes pior, que os conservadores, cristãos e liberais.

É importante antecipar a seguinte elucidação, tanto, as estratégias políticas “reformistas” como as “revolucionárias” foram derrotadas, embora não de maneira definitiva, daí que realizo uma tentativa de análise do processo político, que remetendo a meu objeto de estudo me permita utilizar categorias analíticas válidas na atualidade.

Uma característica dos socialistas argentinos é a de ter sido e ser muito mais que uma “polia de transmissão” de políticas forâneas no país, uma vez que elaboraram durante anos um projeto político nacional. Referindo-se ao caso Argentino, José Aricó, rechaça com clareza meridiana os argumentos socialistas nacionais e peronistas, expoentes da teoria da excepcionalidade e do caráter essencialmente eurocêntrico da doutrina marxista³⁷, supostamente incapaz de aproximar-se de realidades diferentes como as de nosso subcontinente. Para ele, é importante fazer a análise das condições de recepção do pensamento socialista na América Latina e para obtê-lo estuda o desdobramento sistemático da trajetória histórica do socialismo na Argentina.

O pensamento europeu foi na América Latina um pressuposto universal para sistematizar de maneira racional qualquer tipo de reflexão sobre sua natureza e suas características definidoras. A sorte do marxismo foi a mesma do resto do pensamento político latino-americano, não uma exceção.

“Colocado em uma perspectiva ideológica e política pretensamente nacionalista – embora de fato usufrutuária do pensamento de Maurras e da direita francesa – o revisionismo histórico foi um violento contraditor daquelas interpretações que, como a de Justo, tentavam explicar os conflitos dominantes na Argentina pós-revolucionária em termos de luta de classes. E embora este revisionismo de corte ‘nacionalista oligárquico’ dos anos trinta tenha sofrido profundas modificações a partir da presença na vida política nacional do peronismo, seus fundamentos historiográficos permaneceram incólumes” (Cf. Arico 1999 80-81)

Na Argentina, Juan B. Justo, fundador e principal dirigente do Partido Socialista, estudado por Aricó, faz esforços para adequar o marxismo às novas condições da sociedade argentina. Segundo Arico, é um engano ver o marxismo como um resultado necessário de uma ideologia congenitamente excêntrica, forânea, mas sim terá que entendê-lo como o indicador das limitações práticas e das conseqüências teóricas do movimento real das classes trabalhadoras em seu processo de constituição desde o final do século passado (Cf. Aricó 1999:23).

³⁷ Tanto o socialismo nacional como o populismo em suas diferentes variantes, seja o nacionalismo de direita, ou o nacionalismo popular revolucionário, entre outras frações, considera todas as correntes políticas vinculadas de algum jeito ao marxismo, fundamentalmente aos múltiplos partidos políticos de matriz socialista, comunista ou trotskista, como europeizantes, a única exceção seriam os próprios partidos socialistas nacionais. Nesta Argentina é a corrente política que tem sua origem no Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN) o único PS oficial durante o final do primeiro peronismo, o Partido Socialista da Esquerda Nacional (PSIN), a Frente de Esquerda Popular (FIP) e suas duas divisões o Movimento Patriótico de Liberação (MPL) e a Corrente Nacional (CN) que depois se transforma em Partido da Esquerda Nacional (PIN).

c. As estruturas. A formação econômico-social argentina (1880-2005)

O uso do conceito formação econômico-social tem implicações tão epistemológicas como políticas e é mais complexo do que aparentaria. Em primeiro lugar, é um conceito que me ajuda a entender e explicar o socialismo argentino no marco do marxismo latino-americano. Interessa-me usar esse conceito no marco teórico dos marxistas e dos socialistas não simplesmente como uma categoria abstrata desvinculada dos atores políticos socialistas.

A recuperação do conceito no marco do materialismo histórico, permitiu desde o começo da década de setenta realizar uma crítica tanto ao economicismo como ao mecanicismo, em um contexto ideológico dominado pelo positivismo herdado pela II Internacional e pelo estruturalismo.

Nesta tese, a utilização do conceito formação econômico-social me permite avançar no campo do materialismo histórico tentando me localizar por cima do debate entre estruturalistas e historicistas³⁸. Sinteticamente, o sentido que dou ao conceito de formação econômico-social em termos teóricos, é diferenciando-o do conceito de modo de produção. O modo de produção é um conceito teórico que denominarei abstrato real, já que se trata de uma estrutura presente na realidade que a análise o conceitualiza e o localiza no tipo geral do modelo estudado, segundo a expressão utilizada pelo próprio Karl Marx no Livro II do Capital; por sua vez, o conceito formação econômico-social, não deixa de ser um conceito teórico, mas que a sua vez designa com rigorosidade diferentes relações de produção, complexas que se articulam sob a hegemonia de alguma destas (Cf. Dhoquois 1973: 186/188)³⁹.

Tomarei o conceito formação econômico-social marxiano da seguinte maneira, evitando cair em uma interpretação estruturalista:

“(...) Em todas as formas de sociedade existe uma determinada produção que atribui a todas as outras sua correspondente forma [e] influência, e cujas relações, portanto atribuem a todas as outras a forma e a influência. É uma iluminação geral em que se banham todas as cores e [que] modifica as particularidades destes. É como um éter particular que determina o peso específico de todas as formas de existência que ali tomam relevo” (Cf. Marx 1996:57).

³⁸ Distintos pontos de vista a respeito deste conceito podem ver-se no conceito de formação econômico-social de Césaire Luporini e Emilio Sereni em Cadernos de Passado e Presente número 39 Córdoba, 1973.

³⁹ Ver Dhoquois, Guy, A formação econômico-social como combinação de modos de produção no conceito de formação econômico-social de Césaire Luporini e Emilio Sereni.

Sem entrar em uma discussão a respeito de se é ou se não é uma reconceitualização de Marx, tomarei as contribuições ao conceito realizadas por Vladimir I. Lenin, Antonio Labriola e Franz Mehring⁴⁰, que o entendem em um sentido marxiano como unidade e totalidade do processo histórico, mas sem incursionar tampouco em uma visão historicista.

O que procuro permanentemente é uma articulação entre estrutura e história, a qual me forneça este conceito, pretendendo sublinhar a pluralidade e a heterogeneidade dos possíveis modos de produção dentro de uma totalidade histórica dada. As formações econômico-sociais, então, são combinações concretas de diferentes modos de produção organizadas sob o predomínio de um deles (Cf. Anderson 1994; Poulantzas 1972).

Uma vez delimitada a formação econômico-social a ser estudada, neste caso, a da Argentina, existem diferentes formas de periodizar a contemporaneidade da mesma. Em primeiro lugar, realizarei uma primeira periodização de caráter geral, de largo prazo, que está apoiada fundamentalmente nos modelos de acumulação e em suas crises⁴¹ na formação econômico-social argentina, que de uma vez é um tipo de periodização que pretende não deixar de lado os processos sociais. Esta periodização será objeto de uma subperiodização que pretenderá fazer corresponder o objeto de estudo com o período estudado, que se centrarão em critérios mais amplos, políticos, econômicos e sociais. Na subperiodização, além disso, mencionarei os momentos que significaram pontos de inflexão no interior desta, assim como o papel dos partidos políticos de matriz socialista.

Esta decisão tem um caráter epistemológico e está vinculada ao que indicava nos parágrafos anteriores quando me referia ao conceito de formação econômico-social. Considero que a realidade é uma totalidade, portanto, as diferenciações entre “o político”, “o econômico”, “o social” ou “o cultural”, entendo-as como cisões de caráter analítico de uma mesma realidade que formam parte dessa mesma totalidade e que permanentemente interagem influenciando-se mutuamente. Desta forma rechaço as análise tanto “politicistas”, como os “economicistas”, os “sociologistas” ou os “culturalistas”. Justifica-se, então, a necessidade de realizar um estudo inter e transdisciplinario, quer dizer, de conjunto. Como não pretendo, nem posso aqui, resolver a tensão entre estruturas e sujeitos me mantereí na afirmação geral realizada

⁴⁰ Lenin é propriamente quem realiza uma reconceitualização do termo em *Quais são os amigos do povo e como lutam contra os sociais democratas?* É uma obra que data de 1894 e entra em polêmica com o silêncio e as deformações do conceito em mãos do marxismo positivista da II Internacional. Por sua parte Antonio Labriola, o dirigente comunista italiano, escreveu seus *Ensaio sobre o materialismo histórico* durante 1895 e 1896, de uma vez que Franz Mehring fez o mesmo no *On historical materialism* que data de 1893.

⁴¹ Ver: Quadro 2. Periodização geral na formação econômico-social argentina (1880-2005).

por Marx no *XVIII Brumário de Luis Bonaparte*, onde expõe que os homens fazem a história, mas em condições que eles não escolhem:

“Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado (...)” (Cf. Marx 1997:21).

A periodização geral na formação econômico-social está apoiada na análise crítica fundamentalmente de dois trabalhos considerados “clássicos” e “imprescindíveis”. O primeiro é *História econômica do gado argentino* de Horacio Giberti e o segundo é *História da indústria argentina* de Adolfo Dorfman. Em menor medida utilizarei outros dois livros, *Modos de regulação, regimes de acumulação e suas crises na Argentina (1880-1996)* de Julio César Neffa, o qual é um estudo realizado do marco teórico da teoria da regulação, opondo-se às ortodoxias tanto estruturalista como neoclássicas e *Etapas de acumulação e alianças de classes na Argentina (1930-1970)* de Mónica Peralta Ramos, que é um trabalho muito sistemático, no meu entender com alguns traços estruturalistas embora realizando um esforço para evitar cair nessa corrente teórica.

Para abordar melhor a periodização geral conceitualizarei sinteticamente o que entendo por acumulação e crise uma vez que explicarei sucintamente o que se entende por teorias da regulação.

Considero que toda forma de acumulação capitalista implica submissão da força de trabalho ao capital, portanto as distintas etapas da acumulação de capital na indústria argentina, como expõem Mónica Peralta Ramos, implica uma determinada forma de submissão do trabalho ao capital, uma particular forma de exploração da força de trabalho. Faço próprio o ponto de vista de Beverly J. Silver, segundo o qual, historicizando, afirma que onde há capital há conflito (Cf. Silver: 2005) As lutas de classes que não transcendem o marco do capitalismo, modelam a configuração de uma determinada forma de submissão da força de trabalho ao capital em uma formação econômico-social determinada.

Por sua vez, para que se entenda o marco teórico das teorias da regulação recorrerei a Julio César Neffa para quem:

A teoria analisa o modo de desenvolvimento de uma determinada formação social, em termos de regularidades econômicas que constituem um regime de acumulação e integrando à análise as formas institucionais ou estruturais que

desempenham o papel de um modo de regulação e que trocam no tempo e no espaço territorial constituindo o cenário onde atuam os atores econômicos movidos por uma racionalidade situada e limitada. (Cf. Neffa 1998:12).

O que acredito importante nesta teoria é a possibilidade de poder relacionar os conceitos de acumulação e reprodução. A acumulação é necessária para a reprodução ampliada do capital.

A teoria da regulação tem duas vertentes, alguém é de inspiração marxistas sendo seus principais expoentes Gérard Destanne de Bernis, Roland Borelly e Fortunato di Ruzza. Esta corrente teórica utiliza uma teoria do valor apoiada no trabalho; está interessada na análise das condições e a reprodução do capital; realiza uma articulação entre as duas leis da taxa de lucro, que Marx denomina o princípio único do capital e tem uma teoria das crises. A articulação das duas mencionadas leis da taxa de lucro para esta teoria é:

“1º) a busca da maximização da taxa de lucros a escalas do conjunto do capital social e 2º) as contradições do processo de acumulação do ponto de vista de cada uma das frações do capital ao deslocar-se de setor em setor, de indústria em indústria, para tratar de procurar as taxas de lucros mais elevadas, em um processo que conduziria a sua igualação” (Cf. Neffa 1998:33)

A regulação é a articulação das duas leis no período de reprodução ampliada, mas é mais que isso, é também um processo através do qual uma nova forma de articulação entre as leis mencionadas se reconstitui no próprio modo da crise do modo de regulação. Esta nova articulação se manifestará com a posta em prática de uma nova fase de reprodução ampliada, cuja forma dependerá da luta social.

A segunda vertente, conhecida como a “versão parisiense da teoria da regulação” se encontra em algum lugar entre “Keynes e Marx”, sendo seus principais expoentes Michel Aglietta e Robert Boyer e é este o marco teórico utilizado por Neffa e sua equipe de pesquisa. Resgato o esforço que realiza esta corrente para realizar um estudo de caso, da formação econômico-social argentina com uma perspectiva de longo prazo⁴².

Em relação com as crises, a corrente teórica da escola da regulação inspirada no marxismo expõe que as crises do modo de regulação são inevitáveis no modo de produção capitalista. Para poder fazer frente a estas, os empresários incrementam a

⁴² Entretanto tomarei criticamente sua periodização, já que não utilizarei dois conceitos fundamentais para este ramo da teoria, ou seja: regimes de acumulação extensivos e regimes de acumulação intensivos. Além disso, considero inexistente esse pretendido lugar entre Marx e Keynes, já que ambos são incompatíveis tão teóricas como ideológica e politicamente.

composição orgânica do capital, mas isso, por sua vez, desvaloriza a força de trabalho, o que por sua vez leva à queda das taxas de lucros.

“A forma de rebater essa tendência é aumentar de maneira combinada a mais-valia absoluta e relativa, reduzir o capital variável mediante o incremento da composição orgânica do capital, a introdução de novas técnicas produtivas mais eficazes, e mudanças no processo e a organização do trabalho, que conduzam à desvalorização da força de trabalho” (Cf. Neffa 1998:40)

O conceito de crise é fundamental nesta tese porque nos permite realizar uma adequada periodização na formação econômico-social argentina.

Para definir crise recorrerei às três explicações das teorias das crises sugeridas por Marx e sintetizadas por Ernest Mandel: a pura desproporção; o puro subconsumismo das massas e a sobreacumulação.

A crise pelo puro subconsumo das massas se geraria pela diferença entre produção maciça e consumo maciço, o que daria lugar a uma sobreprodução maciça do setor II (bens de consumo). O crescimento da composição orgânica de capital e da taxa de mais-valia aumentam o poder aquisitivo destinado aos meios de produção com mais força que o poder aquisitivo destinado aos bens de consumo, como saldo final, haveria um estoque invendível de bens de consumo.

Por último, a crise por sobreacumulação teria como razão uma massa insuficiente de mais-valia produzida em comparação com o capital total acumulado. Em momentos de um forte aumento da produção capitalista, incrementam-se os investimentos e se fabricam em excesso mais meios de produção destinados a produzir os bens de produção, os quais, por sua vez, possibilitam produzir bens de consumo. Há um crescimento desigual das duas seções produtivas que determinam uma sobreprodução na seção I.

As crises de sobreprodução são então simultaneamente crises de sobreacumulação de mercadorias. Não é possível analisar em separado cada um destes tipos de crise. Para superar as crises simultaneamente devem dar um aumento na taxa de lucro e uma expansão do mercado, como resultante do aumento dos salários.

A periodização geral na formação econômico-social argentina, seguindo estas teorias das crises, inclui então, cinco partes, ou seja:

- 1) O Modelo Agroexportador (1880-1930);
- 2) A Industrialização por Substituição de Importações (1930-1952);
- 3) A Crise da Industrialização por Substituição de Importações (1953-1975);

- 4) O Modelo Neoliberal (1976-2002) e
- 5) A Crise do modelo neoliberal (2002-2004)

Quadro 2. Periodização geral na formação econômico-social argentina (1880-2005)

Período	Característica	Modelo de acumulação
1880-1930	b1. Modelo agro-exportador.	Baseado nas exportações agropecuárias e no baixo preço dos alimentos e insumos de origem agropecuária. A magnitude da renda agrária não diminuiu, mas sim as taxas de lucros dos terratenentes.
1930-1952	b2. Industrialização substitutiva de importações (ISI) e transferência de renda agrária.	A indústria é o elemento mais dinâmico na expansão econômica. Há transferência de renda do setor agrícola ao industrial. Subetapa 1930-1943. ISI, baseada em uma Composição Orgânica do Capital (COC) mais estável, com hegemonia dos ramos têxtil e alimentício das indústrias. Extração de Mais Valor absoluto (Pva) Subetapa 1943-1952. ISI baseada em uma COC alta, substituição de mão de obra por capital. Expansão do mercado interno e a partir da década de '50 hegemonia da indústria metalúrgica. Extração de mais valor Relativo (PvR)
1953- 24 de março de 1976	b3. Crise da ISI.	Terceira fase da ISI. Exploração intensiva de mão de obra. Capital estrangeiro e burguesia industrial monopolista. Introdução de tecnologia e capital. Extração PvR. Subetapa 1953-1963. Processo conhecido como de <i>stop and go</i> . Subetapa 1964-1972. Cresce a produção e o emprego sem desajustes entre a evolução da produtividade e os salários reais. Subetapa 1973-1976. Terceiro governo peronista. Crises econômicas e políticas recorrentes.
1976-20 e 21 de dezembro de 2002	b4. O modelo neoliberal.	Subetapa 1976-1983. Ditadura Militar. Resolução da crise sob a hegemonia do capital financeiro. Subetapa 1983 - 20 y 21 de diciembre de 2002. Regime democrático. Alfonsinismo 1983-1989. Continuismo neoliberal sob uma heterodoxia tecnocrática. Menemato 1989-2002. Aprofundamento do modelo neoliberal.

2003-2005	b5. Crise do modelo neoliberal.	Subetapa 2003-2006. Recomposição política do regime. Duhaldismo e Kirchnerismo. Continuidade do neoliberalismo sem continuismo.
------------------	--	---

Fonte: Elaboração própria.

d. Os sujeitos. As matrizes socialistas, comunistas e trotskistas.

A noção de matriz, dado que não é um conceito, remete à origem do partido político e me permite agrupar por famílias políticas, com traços comuns, a diferentes correntes de interpretação e de ação dentro de um mesmo padrão de características. Tem a vantagem adicional de não colocar a necessidade de definir critérios para expor se tal ou qual grupo é marxista ou socialista na atualidade, de acordo a um critério fixado previamente.

No marco da explicitação de que esta linha de análise relaciona os marxismos com a América Latina, e dentro desse marco relaciono os socialistas com a Argentina, realizo um recorte que denomino “esquerdas políticas” para as diferenças neste primeiro momento das esquerdas anarquistas, “antipolíticas”. As esquerdas políticas são originalmente de matriz marxista e as subdivido como mencionei anteriormente em três matrizes: a socialista, a comunista e a trotskista. Estas matrizes são partes das matrizes do marxismo a nível internacional, entretanto, não se podem entender todos os partidos políticos destas matrizes só como formas de elaboração de políticas forâneas, fundamentalmente porque empobrece seu estudo e porque foram e são muito mais que isso⁴³.

d.1. A matriz socialista no plano internacional.

A matriz socialista é a primeira grande matriz do socialismo mundial e na Argentina, e é desta matriz que surge a matriz comunista, a qual por sua vez dará origem à matriz trotskista. Isto é possível porque como já mencionei o PS no país se forma precocemente e isso é uma característica peculiar comparado com outros PS latino-americanos como em, por exemplo, nos casos do Chile, Brasil e Peru.

No plano internacional, em 28 de setembro de 1864 em Londres, forma-se a Primeira Internacional. Embora Marx imponha seus pontos de vista sobre os postulados pelos seguidores de Robert Owen ou de Giuseppe Mazzini, coincidem com sua posição de fato tanto os adeptos das *Trade Unions*, sindicalistas, como os seguidores do

⁴³ Ver Quadro 1. Matrizes do marxismo na Argentina neste mesmo capítulo.

anarquista francês, Pierre-Joseph Proudhon⁴⁴. A idéia de formar uma Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) foi aprovada com unanimidade.

A disputa no interior da AIT entre Marx e os seguidores de Proudhon, expressar-se-á no Primeiro Congresso público da Internacional, realizado em Genebra, Suíça em 1866, onde triunfa a posição política do primeiro. O mesmo ocorrerá no II Congresso realizado em Lausanne, também na Suíça em 1867, onde a postura de Marx a respeito da necessidade da luta política das trabalhadoras triunfa sobre a idéia antipolítica do anarquista francês.

Estas diferenças entre os marxistas e os bakunistas⁴⁵ são as que finalmente dividem a Internacional. Em 1872, decide-se o traslado da Internacional aos Estados Unidos e em 1876 se dissolve a AIT, mais conhecida como a Primeira Internacional.

A Segunda Internacional foi fundada entre outros por Jules Guesde e Federico Engels⁴⁶ em 1889. Nesta, participaram todos os representantes dos partidos dos trabalhadores da Europa além de delegados dos Estados Unidos e da própria Argentina. Uma vez morta a primeira geração de líderes social democratas, a luta de classes extraparlamentar e parlamentar começa a ser substituída pela administração de grandes organizações políticas e sindicais. Começam a existir tensões na apreciação da relação entre reforma ou revolução, em polêmicas cercadas por Aguste Bebel, Edouard Bernstein, Jean Jaurés, Rosa Luxemburgo e Karl Kautsky⁴⁷; ocorre o mesmo com as discussões a respeito da necessidade ou não do uso da violência revolucionária, questão que se coloca em um primeiríssimo plano com a revolução de 1905 na Rússia e com as idéias sobre o papel do colonialismo, nas quais os sindicatos e uma ala de partido social-democrata, expõem de fato a necessidade de uma “colonização civilizada”.

Finalmente a aceitação da maioria dos partidos membros da internacional à guerra imperialista pôs fim a esta primeira etapa da Segunda Internacional, que ainda com as tensões mencionadas, em nenhum momento deixava de expor a necessidade histórica da superação do capitalismo.

Quando se reconstitui nos anos 20, sua orientação já é definidamente reformista,

⁴⁴ Robert Owen (Newtown, Gales 1771 – Newtown, Gales 1858) socialista utópico, precursor indiscutido do socialismo científico. Federico Engels no *Anti-Duhring* escreveu o seguinte:

“Todos os movimentos sociais, todos os progressos reais registrados na Inglaterra em interesse dos operários, vão associados no nome do Owen” (Cf. Engels: 1972)

Giuseppe Mazzini (Génova, Itália 1805 – Pisa, Itália 1872) e Pierre-Joseph Proudhon (Besançon, França 1809 - Paris, França 1869), anarquista francês.

⁴⁵ A referência é ao anarquista russo Michael Alexandrovich Bakunin (Prjamuchino, Rússia 1812 – Berna, Suíça 1876)

⁴⁶ Jules Guesde (Paris, França 1845-Lille, França 1922) e Federico Engels (Barmen, Alemanha 1820 – Londres, Inglaterra 1895)

⁴⁷ Auguste Bebel (Colônia, Alemanha 1840 - Passugg, Suíça 1913); Edouard Bernstein (1850 – 1932); Jean Jaurés (ver nota 5, p.20) ; Rosa Luxemburgo (Zamosc, Polônia 1871 – Berlin, Alemanha 1919) e Karl Kautsky (Praga, República Tcheca 1874 – Amsterdã, Holanda, 1938)

e volta a reorganizar-se, depois da Segunda guerra mundial (1939-1945) sob uma nova forma e tomada a atual denominação de Internacional Socialista (IS).

Reúnem-se em Londres, a iniciativa dos socialistas belgas e sob a hegemonia do Partido Trabalhista inglês, em 1945 pouco antes do fim da segunda guerra mundial, um grupo de partidos socialistas e sociais democratas e em maio de 1946 realizam no *Clacton on Sea* uma Conferência Socialista Internacional, na qual participaram 19 partidos, os quais criaram o Escritório de Informação e Coordenação Socialistas, conhecida em inglês como (SILO), a qual ainda funcionava anexa ao Secretariado do Partido Trabalhista britânico. Os socialistas da Argentina, Nicolás Repetto e Enrique Dickman, participaram de representação dos PSs da Argentina e do Uruguai.

Em novembro de 1946, realiza-se uma nova Conferência em Bournemouth, também na Inglaterra, a qual cria um Comitê Consultivo, que tinha a função de afiançar as relações entre os partidos participantes.

Em junho de 1947, realiza-se a Terceira Conferência, na cidade de Zurich, Suíça, onde principalmente se discutiu a forma de aceitação dos novos membros a incorporar-se a Internacional. A Quarta Conferência, por sua parte, realizou-se em Amberes (Bélgica) e ali se conformou o Comitê Internacional da Conferência Socialista (BELISCO) composto por um representante de cada partido membro. Em 1948 se reúne em Viena, Áustria, já sob a presidência do Secretário Geral do Partido Trabalhista, Morgan Phillips.

Depois de várias outras conferências, em dezembro de 1949 se realiza em Paris a que nomeia como Secretário a Julius Braunthal, membro do socialismo austríaco, exilado durante a guerra em Londres e a quem é encarregada a tarefa de organizar um subcomitê para preparar um projeto de declaração sobre princípios básicos comuns aos partidos membros. Extremamente respeitado tanto como intelectual, como organizador e como político e de uma vez com capacidade executiva, editou e dirigiu o Anuário da Internacional Socialista e Movimento Trabalhista, fontes necessárias para a reconstrução deste período de tentativa de reconstrução da IS.

Finalmente, em 1950, em Copenhague, Dinamarca e em 1951 em Londres, toma a decisão política de reconstruir a Internacional sob as seguintes premissas: a Conferência Socialista Internacional começaria a denominar-se Internacional Socialista (IS); o COMISCO se transformaria em Conselho da Internacional Socialista e o Subcomitê do COMISCO se transformaria no Bureau da Internacional Socialista. Distintamente de épocas anteriores o perfil da internacional tinha mais em conta a experiência dos partidos que o debate teórico e intelectual; os partidos membros mantinham o socialismo como o fim último a alcançar, mas já a partir de definições mais amplas. No Partido Socialista na Argentina observaremos que se dirigirá

diferenciando o programa mínimo do programa máximo defendendo o primeiro nas campanhas eleitorais e deixando o segundo para um futuro incerto.

Formalmente, o Primeiro Congresso desta nova etapa da Internacional Socialista (IS) realizou-se, em 1951, na cidade de Frankfurt, na Alemanha, adotando a organização um programa titulado “Fins e tarefas de um socialismo democrático”, de uma vez que se designou a Phillips como presidente e a Brauthal como secretário.

Em síntese, poderíamos dizer que o programa realizava uma crítica ao grande capital, já não a toda forma de capital, de uma vez que se diferenciava politicamente do comunismo e os regimes “socialistas reais”, sendo esta sua principal delimitação.

“O sistema capitalista é incapaz de funcionar sem crises destruidoras e desocupação massiva. Provocou insegurança social e enormes contrastes entre pobres e ricos. Agudizou os conflitos entre nações e raças, a consequência da expansão imperialista e a exploração colonialista. A barbárie do passado sob a forma de nazismo e de fascismo, levantou novamente sua cabeça em uma série de países, com a ajuda do grande capital.

Os comunistas invocam, sem motivo, a tradição socialista. Na verdade, deformaram esta tradição até fazê-la irreconhecível. O comunismo se petrificou em um dogmatismo incompatível com o espírito crítico do marxismo. O comunismo internacional é o instrumento do novo imperialismo.

O socialismo aspira à liberação dos povos da dependência de uma minoria que possui ou domina os meios de produção. Seu objetivo é garantir ao conjunto do povo o direito a dispor da economia. Luta por um estado em que os homens cooperem como iguais. Não há socialismo sem liberdade. O socialismo só pode chegar a fazer a democracia, a democracia só pode ser realizada no socialismo.” (Citado por Julio Godio 1986: 16-17)

Além disso, criou-se o Conselho Internacional de Mulheres Social-democratas (*Internacional Council of Social-Democrat Women*), consideraram-se organizações associadas à IS e à Conferência Socialista Asiática (CSAs.), à União Socialista do Centro e Leste Europeu (USCEE), à União Internacional de Juventudes Socialistas, conhecida mundialmente por suas siglas em inglês, a *IUSY*, e à União Internacional de Professores social-democratas (UIMSD) (Cf. Maiztegui 1993:19)

No IV Congresso da IS, realizado em Londres em 1955, sintam-se as bases sobre as que seria criado o Secretariado Latino-americano, que é instalado no Montevideo por uma resolução do Bureau Político da mesma de 18 de outubro de 1955. Em tal ocasião é eleito como seu secretário, o delegado do PS uruguaio Humberto Maiztegui. Este

secretariado, devia servir para o intercâmbio informativo entre os PS's da região e editar um boletim mensal, o Boletim do Secretariado Latino-americano da Internacional Socialista, cujo primeiro número apareceu em 1 de janeiro de 1956 e que foi editado, com breves interrupções, durante quinze anos.

A Primeira Conferência Socialista Latino-americana impulsionada pelo Secretariado Latino-americano da Internacional Socialista se realiza entre nos dias 11 e 13 de maio de 1956, na cidade de Montevideu, Uruguai, com a intenção de construir um Comitê Consultivo que se encarregue da organização do socialismo a nível latino-americano, deixando para uma etapa posterior fazer o próprio com o socialismo dos países caribenhos.

Embora desde sua fundação os socialistas argentinos participassem da II Internacional, esta era a primeira vez que a IS encara uma política concreta destas características para a região. O socialismo impulsionado nesta etapa pela Internacional era entendido como um socialismo democrático, um espaço político no qual tanto o socialismo argentino como o de Uruguai, se sentiam cômodos, mas que gerava alguns “ruidos” no socialismo chileno, um PS de formação tardia, já que foi baseado em 1933 e que poderíamos afirmar que em términos gerais foram partidários de um marxismo abertamente contrário ao revisionismo e até o momento independente da II Internacional.

Segundo as leituras de Emilio Frugoni, teórico e dirigente do socialismo uruguaio que se considerava mais um seguidor de Jean Jaurés que de Berstein e de Humberto Maiztegui, Secretário Latino-americano da IS, o socialismo rioplatense tinha sido influenciado pelas idéias berstenianas do revisionismo alemão e do chileno não⁴⁸ (Cf. Frugoni 1947 e Cf. Maiztegui 1992)

Esta primeira conferência contou com a presença de Alicia Moreau de Justo e Américo Ghioldi pelo Partido Socialista (PS) da Argentina, o Senador José Pedro Cardoso e o deputado Arturo Dubra pelo PS do Uruguai e o Senador Raúl Ampuero e Federico Klein pelo Partido Socialista Popular do Chile⁴⁹. Este período para o PS argentino, é o de um apoio sem fissuras à Revolução Libertadora que derrubou Perón

⁴⁸ É importante ressaltar certas influências do socialismo argentino da província de Mendoza, cuja federação constituiu uma das bases do Partido Socialista Operário (PSO), cisão do PS originariamente “esquerdista”. Sem dúvida que as idéias revisionistas berstenianas tiveram influência no socialismo argentino mas também outras idéias socialistas que permitiram em diferentes circunstâncias certa radicalização partidária e/ou rupturas. O PS e Juan B. Justo, por exemplo, foram muito mais, que uma “tendência teórica neomarxista quase bersteniana” como afirma Frugoni e repete acriticamente Maiztegui uma vez que Alfredo Palacios foi muito mais que um socialista nacional idealista, “antimarxista” (Cf. Maiztegui 1992:28) É curioso, não há explicação para quem afirma esta homogeneidade ideológica bersteniana de como esse mesmo PS “ultrareformista” sofreu quase sempre cisões por esquerda marxistas, algumas trostkistas e outras que derivarão no maoísmo.

⁴⁹ O Partido Socialista Popular chileno cujo líder era Raúl Ampuero foi uma cisão do PS do Chile liderado por Salvador Allende.

em 1955.

A Segunda Conferência realizou-se em Buenos Aires nos dias 21, 22 e 23 de dezembro de 1956, visualizando-se no PS da Argentina, matizes internos em relação com a caracterização do peronismo por parte dos grupos de dirigentes que em 1958 dividirão o Partido Socialista no Partido Socialista Argentino (PSArg.) e o Partido Socialista Democrático (PSD). Enquanto que o setor que durante o peronismo tinha estado exilado no Uruguai encabeçado por Nicolás Repetto e Américo Ghioldi, mantinham uma posição de apoio incondicional ao governo militar que derrubou Perón, que tinha resistido no país, o grupo encabeçado por Moreau de Justo e Muñiz dava um apoio ao crítico ao regime, tendo uma maior sensibilidade para as bases sociais operárias do peronismo brutalmente reprimidas pelo regime de fato.

No marco de uma interpretação das ditaduras latino-americanas como um elemento de subdesenvolvimento em toda a região, concebidos como o produto de uma inaudita barbárie política comum, a decisão mais importante deste conjunto dos PSs, foi a realização de acordos políticos que abriram instâncias de colaboração com outros partidos socialistas e populares afins para a formação de um amplo movimento continental que restaure a vida democrática. Além disso, solidariza-se com os presos políticos democráticos de toda a América Latina. Impulsionam como veremos mais adiante, um recorte democrático, cidadão, policlasista. Neste contexto, propõe-se convocar uma reunião em Santiago de Chile em agosto de 1957 cujo tema central seria o imperialismo e o anti-imperialismo na América Latina além de impulsionar a realização da primeira Conferência de Experientes Economistas dos Partidos Socialistas.

Um antecedente da pretendida política de colaboração entre os PSs da região e a ampliação para outras forças populares, é o Congresso de Partidos Socialistas e Partidos Populares da América Latina realizado em Santiago, Chile, entre em 28 de abril e em 5 de maio de 1946, que contou com a participação de Tenha que a Torre pelo (APRA) peruano; Rómulo Bogliolo pelo PS da Argentina; Luis Lander e Mercedes Fermín por Ação Democrática (AD) da Venezuela; Manuel Agustín Aguirre pelo Partido Socialista Equatoriano (PSEc.); Antonio García pelo Partido Socialista Colombiano (PS-Couve.); Arturo Dubra e o sindicalista Juan Antonio Cunha pelo Partido Socialista do Uruguai (PSU) e o Partido Socialista do Chile (PS-o Chile), grupo político que serviu de anfitrião. Além disso, participaram correntes socialistas do México, dos EUA e o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) no exílio. Esta reunião em sua Declaração de Princípios estabelecia:

“Os trabalhadores de todo o mundo e os povos dos países coloniais dependentes

estão empenhados em uma luta decisiva para eliminar as causas da guerra, destruir o imperialismo e os regimes totalitários, conjurar as crises econômicas periódicas e abolir as misérias das massas. (...) Os partidos declaram participar com todas suas forças nesta luta pela Democracia e a Paz, liberdade nacional, planejamento da economia em escala nacional, continental e mundial (...) No caso da América Latina operando sobre uma economia de transição nacional e capitalista e depois do fracasso das classes dominantes nas tarefas de industrializar nossos países e eliminar as relações feudais de produção no campo, os partidos (...) assumem a responsabilidade de incrementar as forças produtivas em benefício do povo trabalhador (...) Nos países latino-americanos o estado deve ser um fator ativo no desenvolvimento econômico nacional. Mediante o controle das utilidades, o fomento e a direção da economia e as finanças, deve impedir que o desenvolvimento material de nossos países se produza em benefício de uma minoria e em detrimento ou prejuízo do interesse coletivo (...) A industrialização da América Latina, para neutralizar a pressão do capitalismo estrangeiro deve determinar uma política econômica dirigida a diversificar nossas economias monoprodutoras (e assegurar) um mercado continental” (Cf. Maiztegui 1992: 24 e 25).

A conclusão do mencionado encontro foi manifestar o propósito de criar um Comitê Coordenador dos Partidos Socialistas e Populares do Continente que aceitem a declaração de princípios e cuja filiação seja passada pelos partidos constituintes.

Os partidos populares mais importantes do subcontinente na década de 50 com quem os socialistas latino-americanos procuram uma aproximação são o partido Ação Popular Revolucionária Americana (APRA), peruano, dirigido por Raúl Haya de la Torre, um partido definido como indo-americanista e anti-marxista⁵⁰; Ação Democrática (AD) da Venezuela conduzida por Carlos Andrés Pérez; o Partido da Liberação Nacional (PLN) da Costa Rica que tinha como líder José Figueres; o Movimento Nacional Revolucionário (MNR) da Bolívia do Hernán Siles Suazo e Víctor Paz Estensoro e o Partido Revolucionário Febrerista (PRF) do Paraguai, dirigido pelo General Rafael Franco.

A heterogeneidade destes grupos onde encontramos desde partidos leninistas como o PS equatoriano, marxistas como o PS Chileno e predominantemente reformistas como os PSs da Argentina, Uruguai e Colômbia, assim como partidos populares com algumas posições políticas de esquerda, levou, entre outras causas ao fracasso desta primeira tentativa.

⁵⁰ Recordemos as polémicas entre Haya de la Torre e Mariátegui.

A Segunda Conferência foi convocada em Buenos Aires por Alicia Moreau de Justo e Américo Ghioldi pelo PS local, por Raúl Ampuero e por Clodomiro Almeida pelo PSP chileno e por José Pedro Cardoso e por Arturo Dubra pelo PS uruguaio, teve uma importante repercussão no plano internacional.

Em abril de 1958, realiza-se em Santiago do Chile a Terceira Conferência e o Primeiro Encontro de Economistas Socialistas, sendo Alicia Moreau de Justo a representante do PS da Argentina, entretanto, a pretensa Primeira Conferência de Partidos Democráticos e Socialistas da América fracassou pelas divergências entre os partidos socialistas e os partidos populares. Além disso, participaram Clodomiro Almeida pelo PSP chileno e Vivián Trías pelo Partido Socialista do Uruguai.

Esta Terceira Conferência emitiu várias declarações: uma sobre o imperialismo e o antiimperialismo na América Latina, outra de repúdio às ditaduras da região que exigia a ruptura de relações diplomáticas com o Paraguai e com Cuba; uma mais saudando a ação Democrática (AD) da Venezuela, força política considerada como um ponto nevrálgico da luta contra a ditadura de Pérez Jiménez; uma declaração de comemoração ao povo espanhol e ao PSOE no exílio por sua luta contra a ditadura de Franco; outra de apoio ao PS Popular da Colômbia e por último, uma referida aos limites geográficos do Equador, procurando uma solução equânime e apoiada na solidariedade latino-americana. Também repudia às diversas ditaduras que açoitam a América Latina como a dos irmãos Somoza na Nicarágua e a de Cambraia expressando por sua vez uma saudação ao povo cubano, o qual, dirigido por sua juventude, libera uma batalha contra o usurpador, sua solidariedade e uma comemoração ao Movimento 26 de julho liderado por Fidel Castro.

A Conferência de Peritos Econômicos dos Partidos Socialistas se realizou nos dias prévios à Terceira Conferência e contou com a participação de Luis Emilio Valencia e Jorge Vila Cantillo, da Colômbia; Leopoldo Portnoy, socialista da Argentina; Mario Bucheli, do PS uruguaio e Raúl Ampuero e Clodomiro Almeida pelo PS do Chile. Estes elaboraram uma resolução intitulada “O Desenvolvimento econômico-social na América Latina” na qual expõem:

“o desenvolvimento econômico (...) não pode adotar nos países dependentes e atrasados como os da América Latina as formas e o sentido que tomo nos países hoje economicamente avançados durante sua revolução industrial; [uma vez que denuncia] (...) a aliança da classe burguesa com a classe latifundiário feudal e a aliança destas com o imperialismo estrangeiro, o que explica a dificuldade que os países atrasados possam se desenvolver seguindo o modelo dos países hoje economicamente desenvolvidos (...)” (Cf. Citado por Maiztegui

1992:41)

Os economistas socialistas⁵¹ propõem para poder levar adiante a pretendida tarefa transformadora à aliança entre a classe operária, o grupo de camponeses, os pequenos e médios agricultores, os setores da pequena burguesia, os intelectuais, os profissionais e os técnicos. Pareceria uma posição política semelhante ao “bloco de quatro classes” impulsionado pela Internacional Comunista. Em síntese, estes economistas expuseram a necessidade de um planejamento da economia, da reforma agrária e da gestão direta através das empresas públicas, entretanto, dentro dessa economia planejada consideram importante o papel da iniciativa privada e declaram o seguinte:

“Nas condições predominantes na América Latina, a empresa privada e as leis do mercado têm ainda um papel considerável que desempenhar no sistema produtivo” (Cf. Maiztegui 1992:41)

Antes da realização da Quarta Conferência que se realiza finalmente dois anos depois entre 23 e 28 de fevereiro de 1960, na cidade de La Paz na Bolívia e não no Equador onde foi proposta originalmente, realiza-se o Quinto Congresso da Internacional Socialista (IS) em Viena, Áustria, entre 2 e 5 de julho de 1959. Também antes desta quarta conferência produz-se a reunificação do PS chileno.

Esta conferência está marcada pelo triunfo da Revolução Cubana, em 1 de janeiro de 1959, com um impacto muito importante na esquerda latino-americana em geral e nos partidos socialistas do subcontinente em particular.

Tendo-se produzido na Argentina em 1958 a divisão entre socialistas democráticos e socialistas argentinos, o PS Argentino foi reconhecido como membro. Participaram David Tieffemberg, precisamente pelo Partido Socialista Argentino (PSArg.); Salvador Allende, Clodomiro Almeida, Carlos Cortez Dias, Eduardo Ruiz e Agustín Muñoz Cativo pelo PS Chileno (PS-o Chile); Vivián Trías pelo PS do Uruguai (PSU); Jorge Villa Cantillo pelo PS Popular da Colômbia (PSP-Couve.) e como membros fraternais os dirigentes do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) da Bolívia, do AD da Venezuela, do Movimento 26 de Julho de Cuba (M26J-Q), Morgan Phillips, Secretário Geral do laborismo britânico pela IS e ex-presidente da mesma e o PS do Peru (PS do P).

⁵¹ Um indicador da importância das opiniões dos economistas socialistas recorda em suas memórias Maiztegui, é que o próprio Raúl Prebisch, nesse momento Diretor da CEPAL convidou a um almoço a ditos economistas para discutir a situação da economia na América Latina. (Cf. Maiztegui 1992: 42)

Votou-se um acordo político para impulsionar com força o comitê que relacionaria aos partidos socialistas com outros partidos populares revolucionários, o que constituiu de fato a divisão dos partidos populares entre “revolucionários” e “tradicionais”. Também se buscou impulsionar um mercado Comum Latino-americano, contrário aos investimentos estrangeiros, apoiado em “critérios marxistas” e com elementos da “teoria do imperialismo leninista” e em terceiro lugar, impulsionar uma Central Sindical Latino-americana independente. Além disso, houve uma resolução de apoio e solidariedade com a Revolução Cubana e um repúdio à presença do presidente norte-americano Eisenhower na América Latina.

A Quinta Conferência realiza-se em Montevidéu, Uruguai, em 23 e 24 de julho de 1960, impulsionada pelo PS do Uruguai no marco seu próprio processo de radicalização para expressar publicamente o apoio à Revolução Cubana. Participaram só os Partidos Socialistas da Argentina, Chile e Uruguai e como delegação fraternal um delegado de uma cisão da Partida Revolucionário Febrerista (PRF) do Paraguai. Pela Argentina participaram: Ramón A. Muñiz, Abel Latendorff, David Tieffemberg, Andrés López Acotto e Roberto Campbell, à exceção de Muñiz, o resto formará o Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV), um partido de matriz socialista que formará a “nova esquerda”. Votaram-se declarações em defesa da Revolução Cubana, contra a política norte-americana para a ilha e convocava-se a integrar tropas no caso de uma agressão a Cuba.

A Sexta Conferência, também, realiza-se em Montevidéu, Uruguai, tem um caráter de urgente, em 1961, com motivo da tentativa de invasão norte-americana a Cuba, contando com a presença dos Partidos Socialistas do Chile, Uruguai e Argentina e tem como única missão declarar novamente a solidariedade com a Revolução Cubana. Esta foi a última conferência do Comitê Consultivo do Secretariado Latino-americano da Internacional Socialista, de uma vez que paralelamente, os partidos populares tinham formado seu próprio espaço a nível subcontinental, a Escola Interamericana de Educação Política (EIDED), com sede em Costa Rica.

Em janeiro de 1964, mudou-se a denominação e o Comitê Consultivo do Secretariado Latino-americano da Internacional Socialista (DC-SL-IS) começou a denominar-se Bureau Coordenador da Internacional Socialista na América Latina (BC-IS-AO).

Assim como os socialistas espanhóis, os exilados do PSOE colaboraram com os socialistas latino-americanos, os socialistas suecos em 1966 decidem abrir um escritório para a América Latina do Partido Social democrata Sueco (PSDS) dirigida pelo Subsecretário de Relações Internacionais deste partido, Pierre Schori. A Conferência intitulada “Desenvolvimentos no pensamento e ação socialistas democráticos nas novas

nações”, realizada na Universidade de Uppsala entre 26 e 29 de abril, antes da X Conferência da IS, na mesma cidade de Estocolmo foi um evento de envergadura impulsionado pelo PSDS.

Podemos adicionar também que Luis Armando Carello, dirigente juvenil socialista argentino, nos anos setenta foi renomado presidente da *IUSY*, e que da década de 80 o Partido Socialista Popular da Argentina, dirigido por Guillermo Estévez Boero, também terá um papel importante nesta organização juvenil.

Entretanto, será o alemão Willy Brandt quem será designado nos anos 70 como presidente da Internacional Socialista (IS), quem com o cargo de chanceler dá um impulso ao apoio aos partidos membros na região. A social democracia alemã através da Fundação Friedrich Ebert, que auspicia uma revista teórica, *Nova Sociedade*, editada em Caracas, Venezuela, instalou em meados dos anos sessenta um Instituto de Pesquisa em Santiago de Chile e em outros lugares da América Latina, assim como, entre outras atividades, patrocinou o Centro de Estudos Democráticos da América Latina (CEDAL) com sede em San José de Costa Rica.

A política da IS para a América Latina é retomada com força em maio de 1976 organizando em Caracas a Venezuela uma reunião entre políticos socialistas europeus e políticos latino-americanos sob o nome “Reunião de dirigentes políticos da Europa e da América Latina em prol da solidariedade democrática internacional”. Esta reunião esteve organizada pelos partidos Ação Democrática (AD) da Venezuela e a socialdemocracia alemã. É interessante destacar que pela Argentina a presença mais destacada não foi a socialista, mas sim a do líder da Linha Nacional da União Cívica Radical (LN-UCR) Ricardo Balbín⁵². Os delegados da IS, mostraram seu assombro pela escassa combatividade de Balbín contra a ditadura militar e sua ausência de sensibilidade ante a situação vivida pelo movimento sindical argentino. Godio e Maztegui destacam este assombro dos membros de IS, entretanto, omitem expor que a posição política de Balbín não era nova e sua conduta anti-operária e pró-genocida era coerente com as afirmações realizadas no ano anterior para colaborar na construção do clima do golpe de estado de 1976. Balbín expôs abertamente desde 1975, a necessidade de acabar com a “guerrilha fabril”, nesses termos, entendendo por esta toda manifestação operária impulsionada pelo peronismo ou pela esquerda, que utilizasse como método de luta a greve. Só pode alegar-se desconhecimento, posto que quem conhecesse um pouco a trajetória política de Balbín, visualiza rapidamente sua tendência anti-operária confessa, sua ausência de sensibilidade e sua passividade cúmplice com os crimes da ditadura argentina.

Desde 1976 até meados dos anos oitenta, a IS no caso particular da Argentina

⁵² A LN-UCR dirigida pelo Balbín era o setor mais conservador do partido.

tentou resolver três contradições.

A primeira é entre uma política orientada a abrir a organização a partidos populares e a pré-existência de dois partidos socialistas pequenos e nesse momento sem base de massas como o Partido Socialista Popular (PSP) e a Confederação Socialista Argentina (CSA) já que o Partido Socialista Democrático (PSD) apóia em geral as resoluções do Congresso, as publica e difunde, mas não são membros plenos.

A segunda é que a grande maioria dos partidos da IS, considerava a UCR, como o partido político da Argentina, mais afim, mas este, entretanto, era um partido liberal-popular, sem base nem vocação sindical, de composição pequeno burguesa e burguesa, que além de manter relações com a IS mantinha também com a democracia cristã alemã, por exemplo, através da Fundação Adenauer⁵³. Em realidade, o setor mais próximo à IS era uma linha interna da UCR, o Movimento de Renovação e Mudança (MRyC) presidido por Raúl Alfonsín.

A terceira contradição radica em que embora a afinidade política era com os radicais, no plano sindical, impulsionados fundamentalmente por sindicalistas socialistas alemães e de Ação Democrática (AD) da Venezuela, pretendem colaborar em diferentes níveis no caso que os sindicalistas peronistas a solicitem (Cf. Godio 1986: 55-56)

É interessante observar as leituras que realizam Julio Godio em meados dos 80 e Michel Löwy quase vinte anos depois para contrastá-las, posto que ambas desde pontos de vista divergentes, realizam uma síntese da IS na época. Para Julio Godio:

“Os partidos hegemônicos na IS, são os europeus: estes partidos defendem o socialismo democrático, conquistáveis através de reformas sucessivas do regime capitalista em condições de democracia política. Ao mesmo tempo desde 1976 a IS se derrubou para o Terceiro Mundo com o objetivo de integrar em seu seio a partidos e movimentos policlasistas progressistas. Sob a presidência de Willy Brandt, o eixo da estratégia da IS é promover a distensão entre o Leste e o Oeste, consolidar a unidade da Europa ocidental e avançar na democracia social e econômica, e impulsionar o diálogo Norte-Sul.

É certo que esta estratégia ‘coincide’ objetivamente com interesses de comprimento prazo dos países capitalistas europeus: os partidos europeus da IS sabem que seus projetos reformistas só são compatíveis com uma Europa próspera, e isso significa aumentar as exportações de mercadorias e capitais.

Mas a natureza social-democrata da IS e seus partidos europeus social-

⁵³ Como não é difícil de imaginar, este fato, obviamente, não causava nenhuma simpatia a social democracia alemã.

democratas e socialistas obrigatoriamente conduz a esses partidos, representativos há um século do mundo do trabalho, que lutem por melhorar as condições de vida e de trabalho dos assalariados europeus. Em sua ação internacional apóiam as ações sindicais e reivindicativas por parte de seus partidos membros no Terceiro Mundo (...) ”. (Cf. Godio 1986:9).

Para Löwy, por sua vez, a IS atualmente é uma coleção bastante heterogênea de partidos e movimentos, sobretudo da Europa e América Latina, que vão desde frentes de libertação, como a Frente Sandinista de Liberação Nacional (FSLN) ou a Frente Farabundo Martí de Liberação Nacional (FMLN) até partidos abertamente pró-imperialistas, como o Partido Trabalhista inglês de Tony Blair que, por exemplo, envia tropas ao Afeganistão e ao Iraque fazendo seguidismo de Bush. A IS abandonou desde faz um bom tempo o reformismo e prepondera nela uma “social democracia de tendência moderada”, quer dizer “social-liberal”, como o Partido Social Democrata Alemão (PSDA), o Partido Socialista Francês (PSF) ou o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE). Seu objetivo já não é, como na época de F. Engels, Wilhelm Liebknecht⁵⁴ e Jean Jaurés, a supressão do capitalismo e a transformação socialista da sociedade, nem sequer o reformismo do último Karl Kautsky ou de Edouard Berstein, mas sim se resignaram a tentar realizar uma “utópica” gestão "social" do capitalismo neoliberal. (Cf. Lowy 2003 <http://www.rebellion.org/izquierda/lowy010203.htm>)

d.2. A matriz comunista no plano internacional.

A Internacional Comunista (IC) que é também conhecida como a III Internacional (TI) ou o Comintern foi fundada por Vladimir Ilich Lenin e pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS) em março de 1919. Desde o começo, seus objetivos foram lutar com todos os meios disponíveis, inclusive os armados, para derrubar a burguesia internacional e estabelecer uma República Soviética Internacional como passo transitório à completa abolição do Estado. A ditadura do proletariado era visualizada como o único caminho possível para libertar a humanidade dos horrores do capitalismo.

O Comintern constituiu-se de maneira independente da II Internacional contra o social-patriotismo dos partidos membros desta, em relação à guerra interimperialista. Seus dirigentes coincidiam na necessidade de agrupar a uma fração do movimento operário mundial em defesa do estado soviético e de uma política revolucionária internacionalista. A II Internacional que tinha exposto em múltiplas ocasiões que em

⁵⁴ Wilhelm Liebknecht (Giessen, Alemanha 1826 - Charlottenburg, Alemanha 1900)

caso de desatá-la guerra interimperialista a resposta do proletariado devia ser a greve geral, fez seguidismo, de uma ideologia alheia ao movimento operário o nacionalismo burguês e em seus principais partidos europeus tomou a decisão política de seguir o chauvinismo de suas burguesias nacionais, abandonando o internacionalismo e desarmando a possível resistência do proletariado.

O Comitern teve sete Congressos mundiais, sendo o primeiro realizado em março de 1919 ainda em vida de Lenin e mantendo um congresso anual entre esse ano e 1923; durante a época de Joseph Stalin, realizaram-se só dois congressos o VI em 1928 e o VII em 1935, antes de sua dissolução em 1943⁵⁵.

O I Congresso da IC realizou-se em março de 1919 e no plano político divide as correntes políticas socialistas mundiais em três grupos: os social-patriotas aos quais terá que combater sem quartel; os revolucionários centristas que deverão ser cindidos na medida em que criticam as seus dirigentes e os elementos revolucionários do proletariado, os quais deverão formar-se de maneira autônoma. Este congresso definiu principalmente posturas a respeito da democracia burguesa e da ditadura do proletariado.

O II Congresso da IC realizou-se em julho de 1920 em Petrogrado. Neste, reformula-se a noção de ditadura do proletariado em função da experiência de ação dos soviets, de uma vez que busca definir com maior clareza o papel do partido na revolução. O Partido Comunista se entendeu como um partido de vanguarda, que agrupa ao mais consciente, combativo, decidido e revolucionário do proletariado e que se constitui sobre a base organizativa do centralismo democrático. Paralelamente, considera como necessária a elaboração de uma política para os sindicatos, os quais são entendidos tanto como uma escola de formação política para os comunistas como organismos de combate contra o capitalismo. Neste Congresso, tomaram-se ademais resoluções sobre o parlamentarismo, as questões agrária e colonial, aprovaram-se os estatutos da IC e as vinte e uma condições de adesão para constituir partidos comunistas em cada país como seções da IC.

O III Congresso da IC reuniu-se em junho de 1921 e sua proposta sobressalente, logo depois de importantes discussões, foi a formação de uma frente única proletária, a qual era visualizada como a união de todos os operários dispostos a lutar contra o capitalismo, procurando a máxima unidade possível de todas as organizações operárias em cada ação contra o capitalismo. O lema deste Congresso foi: “para as massas”.

⁵⁵ Sobre a Internacional Comunista (IC) ver *Os quatro primeiros congressos da internacional comunista* (dois volumes) nos Cadernos de Passado e Presente nros. 43 e 47; *A Internacional Comunista da morte do Lenin*, texto também conhecido como *Stalin, o grande organizador de derrotas* de León Trotsky ou *A história da terceira Internacional* de Milos Hájek que se centra na política de frente única impulsionada pela III Internacional entre 1921 e 1935. Este antigo Diretor do Instituto de História do Socialismo da Praga na Checoslováquia foi expulso do PC de seu país.

No IV Congresso, realizado em novembro de 1922 realizou um balanço da política de frente único e a manteve e embora tratou diversos temas a ênfase esteve posta no programa da IC e das seções alemã, francesa, italiana, Tchecoslovaca, búlgara, Noruega, norte-americana e japonesa. Existe nesse Congresso uma declaração que faz referência a América Latina em um chamado aos operários e camponeses da América do Sul.

O V Congresso, realizado durante meados de junho e até princípios de julho de 1924, devia definir quais seriam as conclusões para a política de frente única que elaboraria em função da experiência a IC. Houve um debate mais intenso sobre a frente única que embora articulasse grupos heterogêneos, cristalizou-se nas posições políticas “esquerdistas” expressas pelo dirigente italiano Amadeo Bordiga e a maioria da delegação alemã e a “direitista” canalizada por Karl Radek e Clara Zetkin⁵⁶. Na resolução, incluiu-se a formulação da tática de frente única como mero método de agitação e mobilização, como uma manobra já que se caracterizava aos sociais democratas como a ala esquerda do fascismo e se descartava a política de coalizão de comunistas e socialistas por ser considerada como oportunista. Além disso, dedicou-se ao problema do governo operário-camponês logo depois de um debate entre Grigori Zinóviev e Palmiro Togliatti⁵⁷, aprova-se a resolução impulsionada pelo primeiro em que articula governo operário-camponês como sinônimo de ditadura do proletariado enquanto que o italiano citando a Lenin procurava ligá-lo à necessidade de conquistarem aliados e explorar as contradições da burguesia.

O VI Congresso reuniu-se em junho de 1928 em Moscou e vai se cristalizando uma linha política que começa a se manifestar em 1927 e que se consolidaria em 1929, embora não sem dificuldades, e que é a denominada tática de “classe contra classe” que se apóia na consolidação das teses sobre o denominado “socialfascismo” e suas conseqüências políticas: a definição da ala esquerda da social democracia como mais perigosa que a ala da direita, de uma vez de entender a frente única só como uma ação individual com operários socialistas. Esta orientação está vinculada às disputas no plano do desenvolvimento da política econômica na URSS entre Joseph Stalin e Nicolas Ivanovich Bukharin, onde a partir do triunfo do primeiro se impulsiona a linha política mencionada. É neste Congresso que se define uma posição política sobre os países

⁵⁶ Amadeo Bordiga (Nápoli, Itália 1889 – Formia, Itália 1970) dirigente da esquerda socialista posteriormente comunista italiana; Karl Radek (Lviv, zona polonesa da Rússia imperial 1885 – URSS 1939?) purgado pelo estalinismo se acredita que morreu em um campo de concentração nesse ano e Clara Zetkin (Widena, Saxônia 1857 -Moscou, URSS 1933)

⁵⁷ Grigori Evseevich Zinóviev (1883-1936) Bolchevique, formou triunvirato com Stalin e Kamenev, teve um destacado papel na III Internacional, mas foi assassinado acusado de participar da morte do Kirov. Palmiro Togliatti (Génova, Itália 1933 – Yalta, URSS 1964) foi um dos principais dirigentes do Partido Comunista Italiano (PCI)

coloniais, semicoloniais e considerados independentes como a Argentina ou Brasil que influenciará em grande medida a atuação política dos comunistas na América Latina.

O VII Congresso da IC, realizado em Moscou em 1935, consolida a tática de recuperação da política de frente única. O ponto central da ordem do dia era o relatório de Georgi Dimitrov⁵⁸ sobre a ofensiva do fascismo e as tarefas da Internacional Comunista (IC) na luta pela unidade da classe operária contra este, onde se afirma explicitamente que em muitos países a social democracia já não era o principal suporte da dominação burguesa. A resolução é clara a respeito:

“Sem renunciar em nenhum momento à própria autonomia de trabalho para a educação comunista, a organização e a mobilização de massas, os comunistas para facilitar aos operários o caminho para a unidade de ação devem esforçar-se por realizar ações comuns com os partidos social democratas, com os sindicatos reformistas e outras organizações do povo trabalhador contra os inimigos de classe do proletariado, apoiando-se em acordos a curto prazo ou permanentes” (Cf. Hájek 1984: 311)

O Congresso propõe uma mudança essencial de tática em relação ao V Congresso e elabora a política conhecida como a de “frente popular”, a qual significava nas idéias dos comunistas um governo unitário no marco de uma estratégia mais ampla.

Em 1943, oito anos depois de seu último Congresso, a Terceira Internacional é dissolvida por Stalin sem deliberação democrática alguma e sem sequer consultar a seus partidos membros.

Embora existam algumas controvérsias, o Partido Socialista Internacional (PSI), logo Partido Comunista Argentino (PCA) parecesse ter participado dos dois primeiros congressos da IC, embora representados por membros de outras nacionalidades. Igualmente, será o dirigente Rodolfo José Ghioldi, quem argumentará em 1920 a necessidade de aceitar as vinte e uma condições da III Internacional, sendo este o primeiro argentino a vincular-se a ela.

De acordo com o jornalista da agência soviética TASS na Argentina, Isidoro Gilbert, o PCA foi o primeiro em aderir organicamente ao leninismo, em satisfazer as condições exigidas pela IC e desta forma se converteu em um aliado incondicional de sua política. Desta forma, para Caballero, converteu-se durante vinte e cinco anos no mais confiável dos PC's da região e foi líder inclusive de seções com maior peso político e enraizamento social (Cf. Gilbert 1994: 39 e Caballero 1987: 77) Bate-papos informais com dirigentes comunistas de diferentes países da América Latina verificam

⁵⁸ Georgi Dimitrov (Kovachevtsi, Bulgária 1882 – Moscou, URSS 1949)

esta ideia sobre o peso político e enquadramento que geravam os comunistas argentinos. Como exemplo posso mencionar Carlos Figueroa Ibarra, membro do Partido do Trabalho da Guatemala (PTG), que lembrando seu pai assassinado por uma das múltiplas ditaduras guatemaltecas recordava o “respeito” que gerava, e como com só sua presença enquadrava, o italiano, dirigente do comunismo argentino, Vittorio Codovilla, a todos os PC’s latino-americanos⁵⁹.

Desta forma, ficou constituída a matriz comunista no plano internacional, tendo de um começo no caso argentino relações com setores provenientes do tronco do socialismo.

d.3. A matriz trotskista no plano internacional.

Esta matriz constitui-se frente a definições em relação com a ruptura dentro da URSS e o movimento comunista internacional entre Joseph Stalin e Leon Trotsky. Embora, este grupo opositor à burocracia de Stalin apresente ante o VI Congresso da III Internacional, em 1928, uma carta titulada: *E agora? (Carta ao VI Congresso da Internacional Comunista)* e um documento denominado *Projeto de Programa da Internacional Comunista (Crítica das teses fundamentais)*, que é difundido de maneira semiclandestina entre os delegados⁶⁰, só começa a organizar-se como Oposição de Esquerda Internacional (OII) a partir da expulsão de Trotsky da URSS em 1929. Sua plataforma política está definida em onze pontos, aprovados em um documento elaborado em fevereiro de 1933, intitulado “*Tarefas e métodos da Oposição de Esquerda Internacional*”.

A interpretação é que depois do fracasso da linha política do Partido Comunista Alemão (PCAI), que opôs a linha sectária no V Congresso da IC de classe contra classe, frente à proposta de Frente Única Operária impulsionada por Trotsky, quer dizer, uma frente única entre social democratas e comunistas para enfrentar aos nazistas, Trotsky expõe que é impossível corrigir o rumo dos Partidos Comunistas (PC’s) e da Internacional Comunista (IC), motivo pelo qual, é preciso construir partidos independentes e uma nova internacional.

Na conferência constitutiva da IV Internacional, que se celebra em Paris em setembro de 1938, participam vinte e dois representantes de onze países. Do total, dezenove delegados votaram pela constituição da internacional, enquanto que os dois delegados poloneses e um francês votaram em contra.

⁵⁹ Carlos Figueroa Ibarra, conversação com o autor, Guararema, São Paulo, 31 de agosto de 2006.

⁶⁰ De acordo com versões trotskistas morenistas, que não citam fontes, uma cópia do documento teria chegado ao departamento de tradução. Os tradutores, quem carecem de instruções, o teriam traduzido e o distribuem entre muitos delegados antes que seus “chefes” se dêem conta e corrijam o “engano”.

A conferência aprova dois documentos, o programa da Internacional que é *O Programa de Transição*, e um *Manifesto aos trabalhadores do Mundo*. A própria conferência se vê marcada pela iminência da guerra. O *Manifesto aos trabalhadores* começa com as seguintes palavras:

“Trabalhadores, explorados e povos coloniais de todos os países! A Conferência de fundação da IV Internacional - o partido mundial da revolução socialista - reunida em setembro de 1938 vos lança este urgente chamado no momento em que o maior perigo ameaça às massas do mundo inteiro (...) Estamos ante os horrores de uma nova guerra imperialista mundial (...) O mundo capitalista está ferido de morte. Em sua agonia, exala os humores venenosos do fascismo e da guerra totalitária”.

As principais bases políticas da fundação da IV Internacional são as seguintes:

Em primeiro lugar, afirma que as forças produtivas deixaram de crescer. O capitalismo não oferece mais progresso, mas sim uma deterioração crescente das condições de vida, motivo pelo qual se encontra mais vigente que nunca a luta entre duas alternativas, o socialismo ou a barbárie.

Em segundo lugar, estão dadas as condições objetivas para a revolução, entretanto, há uma ausência de fatores subjetivos, dali se infere que a crise da humanidade, é a crise de sua direção revolucionária.

Em terceiro lugar, expõe que a burocracia estalinista traiu a revolução, portanto, sua existência é um obstáculo para o desenvolvimento da URSS e para a revolução. A burocracia leva a destruição da URSS e à restauração do capital.

Em quarto lugar, não obstante o anterior, as conquistas da Revolução de Outubro ainda sobrevivem, motivo pelo qual o movimento revolucionário deve assumir a defesa da URSS e das conquistas de Outubro frente ao imperialismo.

A busca de Trotsky, frente à guerra que se aproximava, é a de tentar tomar medidas necessárias para que se assegure a transmissão da herança política do bolchevismo através de uma organização política apoiada no programa e a experiência dos anos de luta pela revolução.

A contradição visualizada por Trotsky é entre a maturidade das condições objetivas necessárias para o triunfo da revolução socialista e a imaturidade das condições subjetivas necessárias para a vitória, quer dizer, a ausência de consciência do proletariado, gerada pela crise de sua direção. O programa de transição procura superar essas “insuficiências subjetivas”. Neste sentido, as reivindicações transitórias não cumprem a função de programa mínimo. As lutas de massas não geram por si próprias,

para Trotsky, uma solução que denomina a crise histórica de nossa época, à crise da consciência e da direção proletárias. Se isto for assim, se as lutas de massas por reivindicações imediatas não geram uma consciência anticapitalista, a divisão entre um programa mínimo e um programa máximo, exposta pelos socialistas e os comunistas, não resolvem esta contradição. A luta deve ser por objetivos transitórios irrealizáveis dentro do marco do capitalismo, uma vez que este tem contradições irreduzíveis e que são insolúveis sem sua derrocada.

Sob a direção de Michel Raptis, conhecido como o camarada Pablo ou Michel Pablo, a IV Internacional realiza algumas reelaborações teóricas, que logo são apoiadas por Ernest Mandel. Expõem-se mudanças na caracterização do papel da burocracia estalinista e dos partidos comunistas, o que as impulsiona a sustentar uma política de entrismo nos PCs.

Posteriormente, o argentino Nahuel Moreno, que tinha realizado uma política de entrismo no peronismo na Argentina e era aliado de Pablo no plano internacional se separa deste e constitui um grupamento internacional independente. Como parte do Comitê Internacional, Moreno e outros trotskistas organizaram um Comitê Latino-americano, que pouco tempo depois se converteu no Secretariado Latino-americano do Trotskismo Ortodoxo (SLATO).

O Secretariado Internacional (SE) dirigido por Pablo convoca o “Quarto Congresso Mundial” e é nesse Congresso, que a ala que leva a política do “pablismo” mais a fundo, rompe com a internacional e se une diretamente aos PC’s. Nas teses redigidas com motivo de uma efêmera unificação entre dois correntes trotskistas, os partidários de Nahuel Moreno e o Comitê pela Reconstrução da Quarta Internacional (CORCI), dirigido pelo trotskista francês Pierre Lambert, em 1980 concordam em definir desta forma a linha trotskista pablista a partir do que eles consideram a traição no curso da revolução boliviana:

“A síntese da traição pablista se deu na Bolívia. Neste país o POR (Partido Operário Revolucionário) boliviano, seção da [Quarta] Internacional, orientado por Pablo, cometeu uma das traições mais tremendas contra uma revolução no correr do século. Tão ou maior que a dos mencheviques à Revolução Russa, que a dos social democratas durante e depois da Primeira guerra mundial, que a dos estalinistas na China, na Alemanha ou na Espanha etc. Na Bolívia, a classe operária, educada pelo trotskismo, realizou - no início de abril de 1952 - uma das revoluções operárias mais perfeitas conhecidas: destruiu o exército

burguês, constituiu tropas operárias e camponesas como único poder real no país e organizou a Central Operária Boliviana para centralizar ao movimento operário e às tropas. A burocracia que dirigia a COB [Central Operária Boliviana] entregou o poder - que estava em suas mãos - ao partido nacionalista burguês, ao MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário). O trotskismo boliviano era uma potência, tinha grande influência no movimento operário e de massas, tinha participado como codireção na insurreição operária e popular que tinha destruído o exército. O Secretariado Internacional (SE), dirigido por Pablo, deu a linha traidora e reformista de apoiar criticamente ao governo burguês. A crise atual do trotskismo boliviano, a crise atual de toda a Quarta Internacional, a fortaleza do estalinismo na Bolívia e de todos os movimentos nacionalistas pequeno-burgueses na América Latina, arrancam dessa política criminoso de colaboração de classes que Pablo obrigou a praticar na Bolívia a toda nossa Internacional. O princípio revisionista pablista era sempre o mesmo: o MNR, pressionado pelo movimento de massas, ia ver-se obrigado a fazer uma revolução socialista”

Há um fato determinante que é o triunfo da revolução cubana, o qual gera um grande impacto em toda a esquerda, mas em particular no *Socialist Worker Party* (SWP) norte-americano. No começo, esta revolução foi para o SWP como uma espécie de “divina surpresa” que deve resolver o problema da direção revolucionária na América do Norte. Propõem a constituição em Cuba de um Partido Revolucionário, sob a direção de Castro, no que devem integrar-se como corrente os trotskistas cubanos⁶¹. Logo esta concepção, que os aproxima das posições dos pablistas do SI, levar-lhes-á a questionar a necessidade da IV Internacional. Aqui, começam a desenvolver uma tese, que a direção revolucionária pode surgir, como em Cuba, dos chamados “marxistas naturais”.

Em 1961, a maioria do Bureau Latino-americana do Secretariado Internacional, dirigido por Posadas, considera até as últimas conseqüências as possibilidades de um enfrentamento iminente entre a burocracia e o imperialismo, declarando que a ameaça de uma guerra nuclear imediata exige o apoio sem fissuras a China e à URSS,

⁶¹ Os trotskistas em Cuba estavam agrupados no Partido Operário Revolucionário-trotskyista (POR-t), que era membro do SE. Castro os dissolve e encarcera nesse preciso momento, paralelamente faz destruir as provas de impressão de *A Revolução Traída* do Trotsky. O trotskista argentino, Ángel Fanjul, mandelista, cumpriu um papel destacado entre os trostkistas que estavam em Cuba.

afirmando a necessidade política de construir uma V Internacional que incluía a partidos tão diferentes como o Partido Comunista Chinês (PCChino) e o Partido Baas Sírio (PBS), entre outros grupos políticos.

Em 1963, o mencionado *Socialist Worker Party* (SWP) dos Estados Unidos, reunifica-se com os pablistas e constitui o “Secretariado Unificado da IV Internacional” (SUCI), uma organização formada como uma federação de partidos nacionais que tem como característica organizativa o não estar regida pelo centralismo democrático. Nesta nova reorganização entra também a corrente argentina e latino-americana de Moreno.

Para o SUCI os três pilares da revolução mundial eram as revoluções anticolonialistas nos países atrasados, as revoluções proletárias nos países capitalistas avançados e as revoluções políticas nos países dominados pela burocracia soviética.

Michel Pablo publica na revista *Quatrième Internationale* uma carta a Fidel Castro em que comemora a criação de um partido único que em sua opinião, será em definitiva um grande partido marxista profundamente revolucionário, e visualiza na figura do Castro a de um “trotskista natural”. Paralelamente, partidos membros do SUCI na América Latina decidem realizar treinamento militar em Cuba. Apesar disto, Castro continua denunciando o trotskismo como contra-revolucionário e os trotskistas como vulgares instrumentos do imperialismo e da reação.

Com pouco tempo de produzida a reunificação, a direção do SWP, junto com a seção a Suíça, o Partido Operário Revolucionário (POR) Chileno e os partidários de Nahuel Moreno, rompem com o Comitê Internacional. O POR chileno orienta-se rapidamente para os movimentos castristas, dissolvendo-se dentro do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR). O partido trotskista chileno desapareceu dentro do MIR chileno, uma organização castrista considerada por outros grupos políticos da matriz trotskista como “pequeno-burguesa” e como a ala esquerdista da política de frente popular chileno, em síntese, como uma variante armada da Unidade Popular (UP). Luis Vitale, o historiador do movimento operário, por então, secretário geral dos trotskistas chilenos, escreveu:

“(...) o fato indisputável é que as revoluções do período da pós-guerra puseram na ordem do dia a guerra de guerrilhas cujo epicentro está no grupo de camponeses”

Os pablistas elaboram uma “nova teoria”, a das chamadas “novas vanguardas”, surgidas da pequena burguesia, dos “nacionalismos do terceiro mundo” e inclusive até do próprio estalinismo. Há certa adaptação à concepção maoísta da revolução camponesa militar e à teoria maoísta do cerco da cidade pelo campo no marco do

impacto causado pela recente experiência em Cuba e em menor medida a experiência a China:

“Em vista da estrutura sócio-econômica peculiar destes países, a principal força do proletariado não está nos trabalhadores das fábricas industriais, quem, com exceção da Argentina, formam só uma minoria de assalariados e uma fração muito pequena da população trabalhadora ativa desses países (...) a ênfase deve ficar nos mineiros, operários das plantações, trabalhadores agrícolas e no vasto número de desempregados (...) Nas formas de expandir as forças da guerrilha, o grupo de camponeses desempenhou, indubitavelmente, um papel muito mais radical e decisivo na revolução colonial que o que foi previsto na teoria marxista (...)”.

Assim, o IX congresso do SU adota, seguindo o Partido Operário Revolucionário (POR) boliviano de Moscoso⁶² uma resolução pelo desenvolvimento sistemático de guerrilhas urbanas e rurais na América Latina. Há nesta corrente durante esse período uma glorificação do “guerrillerismo frentepopulista”, que desorientou, desorganizou e esbanjou os esforços e a vida de numerosos elementos revolucionários do proletariado e da pequeno burguesia. O pablista boliviano Moscoso dizia:

“O método da guerrilha defendido pelos cubanos é aplicável a todos os países subdesenvolvidos, embora sua forma deva variar de acordo com as peculiaridades de cada país. Naqueles países onde existe uma grande massa camponesa com o problema da terra sem resolver, as guerrilhas tirarão sua força do grupo de camponeses. A luta guerrilheira introduzirá às massas na ação, resolvendo seus problemas agrários com as armas na mão, como ocorreu em Cuba, começando com a Serra Professora. Mas em outros países o proletariado e a radicalizada pequena-burguesia das cidades proporcionará a força à guerrilha (...) Nas condições imperantes na América Latina os resultados obtidos pela guerrilha cubana, podem ser alcançados em qualquer país. portanto, eu afirmo que a guerra de guerrilhas é incontrovertivelmente o caminho que devem seguir os revolucionários para liberar a seu povo da exploração capitalista e imperialista”

Esta posição política ante o guerrilheirismo levou a destruição à boa parte das seções do SU na América Latina. Em especial, na Argentina, o abandono em 1963 do

⁶² Há outro POR na Bolívia, dirigido pelo Guillermo Lora, que pertence ao Comitê Internacional (CI).

caráter proletário da revolução anticapitalista por parte do Secretariado Unificado, teve consequências trágicas. A seção argentina da Internacional era o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT)⁶³. Em 1968, o PRT dirigido por Mario Roberto Santucho e Nahuel Moreno adotou a orientação “foquista” para alguns ou “guerrilheirista” para outros, apoiada em um primeiro momento, mas logo fortemente resistida por Moreno⁶⁴. Durante anos o SU esteve dividido em duas tendências, a majoritária, agrupada por detrás de Ernest Mandel, Pierre Frank e Livio Maitan, e a Tendência Leninista-Trotskista (TLT), agrupada no SWP e PST de Moreno⁶⁵. No final dos anos 70, o SWP a abandona, tanto que a maioria dos militantes latino-americanos se une na Tendência Bolchevique (depois, Fração Bolchevique), centrada no PST da Argentina dirigido por Moreno, enquanto que um grupo de militantes mantém a TLT.

A corrente morenista em 1973 já se opunha tanto ao guerrilheirismo como às leituras hegemônicas nas esquerdas sobre as revoluções cubanas e China. Em um balanço dessa linha realizado por Eduardo Grieco em sua apresentação das *Teses sobre o guerrilheirismo* expõe a posição política da então TLT:

“(...) Desde Mao adiante parece dar-se quase uma lei: quando triunfa uma revolução cuja direção foi guerrilheira ou fez guerrilhas, produz-se e generaliza uma concepção equivocada: quem triunfou foi a guerrilha, não o movimento de massas. Entretanto, a realidade indica o contrário: jamais triunfou uma organização guerrilheira com base em sua estratégia guerrilheira (mas sim sempre foram derrotadas); sempre que houve triunfos revolucionários eles foram produto de grandes mobilizações revolucionárias de massas. Algumas direções, como a castrista, ocultaram essa realidade; outras, como a sandinista, reconheceram-na.

Logo depois dos fracassos das experiências guerrilheiras na América Latina, a

⁶³ Surto da fusão entre a organização trotskista "Palavra Operária" dirigida por Nahuel Moreno e a "Frente Revolucionária Indoamericana Popular", um movimento anti-imperialista vagamente definido pelo socialismo. Deste acordo nasceu em 1965 o Partido Revolucionário dos trabalhadores (PRT), que formava parte da IV Internacional, embora curiosamente, recusava-se a considerar-se trotskista, considerava-se fundamentalmente castro-guevarista e tinha como vago modelo o Partido do Trabalho do Vietnam.

⁶⁴ Os dois documentos mais importantes contra o guerrilheirismo foram elaborados pela corrente política trotskista morenista e por Elías Semán, ex-dirigente do Partido Socialista Argentino de Vanguarda, no momento da redação do documento Secretário Geral de Vanguarda Comunista (VC).

⁶⁵ Em todo caso, tratava-se de um marco de discussão bastante peculiar. O Congresso da SU de 1974 é descrito assim pelo Daniel Bensaid, nesse então dirigente da Liga Comunista Revolucionária (LCR) francesa:

“(...) parecia-se mais a um encontro diplomático de delegações que uma deliberação coletiva. As questões importantes foram abordadas separadamente e a portas fechadas sobre tudo nas reuniões das duas tendências”.

partir de 1980, Moreno e Pierre Lambert constituem o Comitê Internacional-Quarta Internacional (CI-CI) e ao cindir-se desta o morenismo forma a Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional (LIT-CI); paralelamente continua com sua presença o Secretariado Unificado - Quarta Internacional (SU-CI), mandelista.

Pretendi mencionar só as principais tendências mais gerais em que esteve dividido o trotskismo no plano internacional até 1980, na atualidade esta é uma corrente política com uma escassa inserção de massas e hiper fracionada já que são múltiplos os reagrupamentos que desde diferentes países e com argumentos semelhantes propõem a reconstrução da quarta internacional.

e. Os partidos políticos socialistas na Argentina como objeto de estudo.

Logo depois de ter avançado nas relações entre o marxismo e América Latina, em algumas conceptualizações, mencionado a periodização geral na formação econômico-social argentina e ter dividido ao marxismo em suas três matrizes principais que têm expressão ou relação tanto na Argentina como no plano internacional, estou em condições, dentro deste complexo marco, de definir e de justificar, brevemente, a importância a matriz socialista argentina como objeto de estudo.

O estudo e a análise dos partidos políticos de matriz socialista na política argentina é um tema ainda pendente. Ainda não se realizou no âmbito acadêmico uma análise minuciosa de conjunto nem do conjunto das organizações que formaram parte do Partido Socialista (PS), assim como de suas múltiplas divisões e incorporações ou como dos variados aspectos políticos sociais e culturais que sua praxe implicou.

Sim encontramos alguns estudos, ensaios ou monografias que se centram na figura de alguns de seus principais dirigentes ou que retomam aspectos parciais de um tema mais geral, assim como um recente e importante catalogo dos Recursos de Arquivo de Nicolás Repetto, Juan Antonio Solari e Enrique Dickman (1894-1980)⁶⁶ que organiza livros e importantes documentos políticos. Da mesma maneira, podemos afirmar que é desigual a quantidade de livros, ensaios e *papers* de acordo com o período histórico que se aborde. A maioria dos estudos, os livros e os ensaios, centram-se em um período que abrange desde 1894 até 1930; há menos que incluam a evolução dos partidos socialistas entre essa data e até 1945 momento do surgimento do peronismo e mais difícil ainda é encontrar estudos que abordem o trabalho dos socialistas durante o

⁶⁶ Ver: Catálogo 7 do Centro de Documentação e Investigação da Cultura de Esquerdas na Argentina (CeDinCI) Os socialistas argentinos através de sua correspondência. Catalogo dos Recursos de Arquivo de Nicolás Repetto, Juan Antonio Solari e Enrique Dickman (1894-1980) Serie Catálogos do CeDinCI Recursos de Arquivo nro. 1 organizados pelo Andrea Pietra (Buenos Aires: 2004)

peronismo e depois da mais importante ruptura da segunda metade do século XX, a de 1958 que dividirá o Partido Socialista em Partido Socialista Argentino (PSArg) e Partido Socialista Democrático (PSD), que segundo uma de minhas hipóteses se mantém até a atualidade, independentemente da recente unificação no ano 2002 entre socialistas democráticos e populares depois do fracasso da Aliança em 2001 da qual formaram parte. Por último, encontramos uma verdadeira lacuna no estudo da evolução do socialismo nas décadas sessenta, setenta e oitenta até a atualidade.

O importante estudo de José Vazeilles, *Os Socialistas* inclui até o Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV) formado em 1961, data de 1967. O trabalho mais completo sobre os socialistas especificamente sob o peronismo é o realizado por Marcela García Sebastiani *Os antiperonistas na Argentina*, que abrange entre 1943 e 1951 e estuda os antiperonistas como seu título indica, o que inclui também os radicais e tem a característica de ser um estudo de caráter mais amplo (Cf. Vazeilles 1968 e Sebastiani 2005)

São escassos também os estudos sobre a projeção nacional de seus grupos e ainda não existe sequer um mapa do conjunto das organizações políticas socialistas que atuaram entre 1894 e 2005, de sua influência eleitoral, assim como as origens de cada grupo, suas características, a reavaliação de suas estratégias, suas táticas e seus limites. Sobre a projeção regional do PS é muito importante o trabalho de Pablo Lacoste, *O socialismo na Mendoza e na Argentina* (Cf. Laqueou: 1993), mas não há virtualmente estudos sobre o socialismo na cidade de Rosário ou na província da Santa Fé, onde na atualidade ocupam a intendência na primeira e o governo do Estado, além de ter uma presença política muito importante há mais de uma década e meia. É realmente incrível e reveladora a inexistência de trabalhos sistemáticos sobre o Partido Socialista Popular (PSP) sem dúvida um dos partidos socialistas mais importantes do país desde meados dos anos setenta e fundamentalmente desde meados dos oitenta, com uma intensa e sistemática militância no âmbito estudantil e com projeções políticas regionais.

Um dos trabalhos mais ambiciosos como observaremos no capítulo 4 onde realizarei um balanço da literatura sobre os socialistas na Argentina é a compilação editada recentemente por Hernán Camarero e por Carlos Miguel Herrera intitulada *O Partido Socialista na Argentina. Sociedade, política e idéias através de um século*. Tem a virtude de tratar de abranger aos socialistas de diferentes maneiras, em diversos aspectos, por um largo período histórico, mas de uma vez tem a dificuldade “quase obrigada”, da maioria das compilações, a diferença na qualidade e na relevância dos trabalhos apresentados. Entretanto, a proposta é das mais completas e seus estudos sobre a historiografia socialista, impecável

Tendo em conta os argumentos precedentes, sintetizarei, o objetivo desta tese,

que pretende realizar uma análise crítica, nem apologética nem catastrofista, que de conta da riqueza política das experiências socialistas e fundamentalmente de sua evolução política no marco da formação econômico-social argentina fundamentalmente durante um século, entre 1880 e 1980.

Além das mencionadas razões que remetem principalmente a justificações dos motivos de necessária originalidade própria de uma tese de doutorado, queria somar com a intenção de enriquecer minha argumentação, um conjunto de razões políticas, sociais, históricas e culturais de caráter mais general para reforçar a necessidade deste estudo.

Para alcançar este objetivo, em primeira instância, incluirei alguns dos argumentos do programa de investigação que traçara José Aricó em seu ensaio *A Hipótese de Justo* onde afirma:

“Tomarei a tradição socialista porque manteve uma larga permanência desde fins do século passado, foi uma experiência nacional, contribuiu a formar o primeiro partido político moderno, alimentou outras culturas políticas e deu lugar a excepcionais reagrupamentos parlamentares durante três décadas. Interessa-me indagar como suportou a desagregação da força política que lhe deu sustento e que fica hoje de uma experiência que parecesse ter sido ‘consumada’ pela evolução política argentina. Como esta corrente ideal encontrou um centro ideológico, teórico e político de condensação nas figuras de Juan B. Justo e de outros pensadores e políticos vinculados a seu trabalho, deterei-me sobre os elementos que caracterizam sua hipótese estratégica, a que defino como o projeto mais coerente de nacionalização das massas, de incorporação dos trabalhadores à vida nacional e de construção de uma democracia social avançada, até a chegada do peronismo.” (Aricó; 1999: 11).

Em segundo lugar, estudarei os partidos políticos socialistas como uma parte das esquerdas de matriz marxista na Argentina posto que têm uma presença política centenária, com uma influência que embora seja desigual de uma vez é relevante. Embora a longevidade, não é um motivo se por acaso mesmo para seu estudo, sim o é a persistência de sua presença e o fato de refletir a frágil continuidade de uma memória histórica plena de conflitos e de desejos de mudanças, que viveu o país durante pouco mais de um século. A multiplicidade de agrupamentos políticos das esquerdas marxistas que existem na atualidade, tem sua origem histórica na matriz socialista, no Partido Socialista (PS) da Argentina, já que formam parte desta matriz ou das sucessivas subdivisões desta. Em um país sem memória, onde se pretendeu amputar a memória

histórica, fundamentalmente, durante a última ditadura militar (1976-1983), destacar os atores políticos que expressam essa continuidade, tem uma particular importância.

Em terceiro lugar, o Partido Socialista (PS), é o primeiro partido político argentino de caráter nacional, o qual tem o objetivo de organizar-se em todo o território do país. Desta maneira, com sua organização metódica e suas propostas políticas reformistas ou em palavras do próprio Juan B. Justo, de “reivindicações inteligentes”, os socialistas argentinos formam o primeiro partido político moderno e obrigam aos partidos das frações das elites, no caso argentino os conservadores e os radicais, também a modernizar-se, tal como ocorresse na Europa. Esta é uma especificidade dos socialistas argentinos que não verificamos em geral, no resto da América Latina.

Em quarto lugar, assim como mencionei que os socialistas foram a matriz principal de onde surgiram outras forças políticas de matriz marxistas como os comunistas e os trotskistas e suas múltiplas subdivisões, os socialistas argentinos influenciaram outras culturas políticas não marxistas, como a radical, a peronista e inclusive a algumas de suas correntes a linhas conservadoras e reacionárias.

Em quinto lugar tiveram embora também de maneira desigual, uma destacável influência parlamentar. Na Argentina, foi eleito o primeiro deputado socialista da América Latina, Alfredo Palacios pelo bairro operário de La Boca no ano 1904 e de maneira irregular, de nenhuma forma ininterrupta mantém representação parlamentar até nossos dias.

Em sexto lugar, foi o Partido Socialista o primeiro partido político que expressou às heterogêneas classes subalternas da formação econômico-social argentina, foi a primeira organização política independente dos partidos oligárquicos, de suas cisões e do Estado, o qual entendeu à política como uma construção de relações de forças ao Estado, segundo o modelo organizativo da social democracia alemã, mas que contou também com importante influência, às vezes menos destacadas pela literatura, como a do socialismo francês, fundamentalmente através da figura de Jean Jaurés e dos socialistas e os cooperativistas belgas, como mencionamos no começo deste mesmo capítulo. Esse reconhecimento da política como um espaço de ação e de conflitos, estabelece a sua vez uma diferença significativa com os anarquistas. O PS, além disso, reconhece a necessidade e a possibilidade de formar um partido das massas trabalhadoras, que por sua vez seja também independente do resto do movimento democrático e popular (Cf. Aricó 1991:126) Esta é uma característica importante que sublinho e que é criticado por influentes estudiosos como o são o próprio Aricó e Juan Carlos Portantiero.

Em sétimo lugar, nos fatos, seu projeto político esteve vinculado originalmente a uma estratégia anticapitalista a partir da ampliação da institucionalização democrática e

do progresso nacional, posto que seus partidos mais importantes não se constituíssem em uma organização de combate e careciam de uma teoria revolucionária (Cf. Aricó 1991:42) A visão de Justo segundo Aricó é a seguinte:

“Concebendo o socialismo como um resultado inevitável do avanço da cultura política e da democratização das instituições, Justo foi um democrata cabal, um conseqüente proseguidor das tradições liberais democráticas que tiveram em Sarmiento seu maior expoente na sociedade argentina” (Aricó 1991:70-71)

Observamos aqui, ao menos em Juan B. Justo, elementos de continuidade e de ruptura com a tradição liberal do século XIX, elementos que impregnarão às diferentes força socialistas. Aqui encontramos elementos não marxistas em Justo, já que trabalha com as idéias de continuidade e de ruptura, mas não as relaciona dialeticamente. O aprofundamento dos elementos mais inteligentes da cultura da época provocará de fato reforma que estabelecerão a ruptura e permitirão avançar para o socialismo. Os socialistas em suas formações majoritárias aderirão aos programas da II Internacional abandonando seu originário caráter anticapitalista. Embora não apareça com clareza, o reformismo de Justo tem mais elementos e proximidades com o socialismo reformista de Jean Jaurés e do cooperativismo belga, que com as idéias de Berstein, embora possam encontrar-se elementos comuns, não é possível assimilá-lo automaticamente como expõe Alberto J. Pla.

Em oitavo lugar, embora não seja equiparável, assim como é destacável sua presença sindical durante as três primeiras décadas do século e sua ativa participação na Reforma Universitária de 1918, durante fins dos anos 50 e começo dos sessenta teve uma notável influencia nos debates que à luz da revolução cubana, culminarão no surgimento da denominada “nova esquerda” e ao menos desde meados da década de sessenta tem uma influência respeitável nas organizações da estudentada universitária argentino, tanto na Federação Universitária Argentina (FUA) como em suas federações regionais principalmente na Federação Universitária de Rosário (FUR) e na Federação Universitária de Buenos Aires (FUBA). Isto se produz, fundamentalmente, a partir da formação do Movimento Nacional Reformista (MNR) o qual está vinculado desde suas origens ao Partido Socialista Popular (PSP). Em um país como a Argentina onde as universidades são públicas e massivas e existem Co-governos no interior destas casas de altos estudos, não é um dado menor sua presença. Tem uma destacada presença estudantil e isto não foi destacado, nem sequer mencionado pela literatura sobre os socialistas no país. O PSP, cuja figura mais destacada fora Guillermo Estévez Boero, constitui uma tentativa bem-sucedida de quadros universitários que constituem uma

corrente política partidária e que a sustentam no tempo.

Em nono lugar, considero o socialismo argentino como uma expressão das classes subalternas deste país. As classes subalternas por definição não estão unificadas, portanto, a importância da política radica na possibilidade de sua unificação histórica. A diferença das classes dominantes cuja unidade orgânica se dá no Estado ou na sociedade política, a história das classes subordinadas é uma função desagregada e descontínua da história da sociedade civil. Seguindo Gramsci, podemos entender as *classes subalternas* como um conjunto heterogêneo de frações de classes que não formam parte do bloco de classes dominantes em uma formação econômico-social dada. Nas formações econômico-sociais capitalistas, pode variar de país em país, mas inclui fundamentalmente à classe operária e demais setores subjugados da sociedade, camponeses, desocupados, índios, mulheres, minorias sexuais, entre outros.

Antonio Gramsci é quem expõe com maior clareza a necessidade de estudar as classes subalternas da sociedade visualizando em primeiro lugar a formação objetiva dos grupos sociais subalternos; em segundo sua adesão ativa ou passiva às formações políticas dominantes; em terceira instância o nascimento de partidos novos entre os grupos dominantes para manter o consenso e o controle dos grupos subalternos; em quarto lugar as formações próprias dos grupos subalternos por suas reivindicações de caráter restrito e parcial; em quinto as novas formações que afirmam a autonomia dos grupos subalternos dentro dos velhos quadros e em sexto e por último as formações, que afirmam a autonomia integral. A história dos grupos sociais subalternos é, necessariamente desagregada e episódica daí a necessidade de sua reconstrução, no marco de uma totalidade. Os socialistas argentinos foram expressões dessas classes subordinadas.

Paralelamente, os grupos subalternos sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes, mesmo que se rebelam e revoltam só a vitória permanente quebra e não imediatamente, a subordinação. Qualquer vestígio de iniciativa autônoma dos grupos subalternos deveria, portanto ser de valor inestimável para o “historiador integral”; dali que uma história deste tipo não pode ser tratada mais que por monografias e que cada monografia exige um grande amontoado de materiais às vezes difíceis de recolher (Cf. Gramsci 1986b: 249-251 *Critérios metodológicos*)

Também extraí de Gramsci seus trabalhos a respeito da função da emigração como criadoras de novas correntes e de novos grupamentos intelectuais, isto foi precisamente o que aconteceu no caso argentino sem por isso considerar os socialistas como um fato externo ao processo político ou como um fenômeno de fora (Cf. Gramsci 1986b: 277 *Emigração e movimentos intelectuais*)⁶⁷.

⁶⁷ Para ampliar sobre classes subalternas, remeter-se aos escritos de Antonio Gramsci sobre a história das

No marco do estudo desta evolução do socialismo argentino, esta tese incluirá à parte mais significativa dos partidos políticos socialistas na Argentina durante o período que abrange os cem anos que vão desde 1880 até 1980.

Propõe-se estudar em seu conjunto as correntes político-partidárias socialistas mais relevantes, face aos problemas da sociedade, considerando que pode contribuir à compreensão dos complexos processos sociais que conduziram a atual situação argentina e a entender, as sempre cambiantes, relações de força entre os grupos sociais em dita sociedade, em determinados momentos históricos. Esta perspectiva, como vimos, tem em conta a Argentina no marco de uma unidade de análise mais ampla que é a da América Latina e o socialismo em sua relação mais general com o marxismo.

Embora, os atores políticos socialistas têm uma forte carga ideológica, tenta estudá-los de um ponto de vista realista, quer dizer, do que realmente foram e são e não do que supostamente “deveriam ser”. Pretende-se realizar uma abordagem teórica dos sujeitos partidos políticos socialistas na Argentina, que constitua uma análise política-histórica-comparativa que inclua a noção de processo. Por este motivo esta tese não pretende ser um estudo histórico ou conjuntural, embora trate de temas históricos ou conjunturais, tampouco um trabalho apologético ou catastrofista, como mencionava mais acima, posto que, pretende analisar processos políticos, o que necessariamente excluirá as apreciações de caráter “ético”, tão comum em grande parte das leituras desse heterogêneo campo que denominarei as esquerdas.

O uso do termo genérico partido político de matriz socialista, introduz uma maior lassidão que, por exemplo, o de partido político marxista a secas e como cortina de fundo observamos que as maiorias dos partidos socialistas, verão que de nenhuma forma todos, vinculam-se precocemente à II Internacional e não sem interrupções, esta relação continua até a atualidade. É importante esclarecer que a cultura política socialista também alimentou adesões à terceira ou à quarta internacional, assim como cumpriram um papel importante em algumas das formações da denominada “nova esquerda” surgindo grupos que se declararam castristas, guevaristas ou maoístas.

Os partidos socialistas de matriz marxista, independentemente de suas frações, cisões e unificações mantêm e reivindicam a seguinte declaração de princípios redigida por Juan B. Justo e corrigida de punho e letra pelo próprio F. Engels, a qual foi passada no Congresso Constituinte, realizado na Cidade de Buenos Aires, em junho de 1896:

“O Partido Socialista, representado por seus delegados reunidos em Congresso afirma:

Que a classe trabalhadora é oprimida e explorada pela classe capitalista

classes subalternas (Cf. Gramsci 1986b: 249-285)

governante.

Que esta, proprietária como é dos meios de produção e dispondo de toda a força do Estado para defender seus privilégios, apropria-se da maior parte do que produzem os trabalhadores e lhes deixa só o que necessitam para poder seguir servindo na produção.

Que por isso, enquanto uma minoria de parasitas vive no luxo e vadiagem, os que trabalham estão sempre na insegurança e na escassez, e muito usualmente na miséria.

Que na República Argentina, apesar da grande extensão de terra inexplorada, a apropriação individual de todo o chão do país estabeleceu totalmente as condições da sociedade capitalista.

Que estas condições estão agravadas pela inépcia e rapacidade da classe rica, e pela ignorância do povo.

Que a classe rica, enquanto conserve sua liberdade de ação, não fará a não ser explorar cada dia mais aos trabalhadores, no que a ajudam a aplicação das máquinas e a concentração da riqueza.

Que, por conseguinte, ou a classe operária permanece inerte e é cada dia mais escravizada, ou se levanta para defender desde já seus interesses imediatos e preparar sua emancipação do jugo capitalista.

Que não só a existência material da classe trabalhadora exige que ela entre em ação, mas também os altos princípios de direito e justiça incompatível com a atual ordem de coisas.

Que a liberdade econômica, base de toda outra liberdade não será alcançada enquanto os trabalhadores não sejam donos dos meios de produção.

Que a evolução econômica determina a formação de organismos de produção e de mudança cada vez maiores, em que grandes massas de trabalhadores se habituem à divisão do trabalho e à cooperação.

Que assim, ao mesmo tempo em que se afasta para os trabalhadores toda possibilidade de propriedade privada de seus meios de trabalho, formam-se os meios materiais e as idéias necessárias para substituir o atual regime capitalista por uma sociedade em que a propriedade dos meios de produção seja coletiva ou social, em que cada um seja dono do produto de seu trabalho, e à anarquia econômica e ao sob egoísmo da atualidade aconteça um planejamento científico da produção e uma elevada moral social.

Que esta revolução resistida pela classe privilegiada, pode ser levada pela força do proletariado organizado.

Que enquanto a burguesia respeite os atuais direitos políticos e os amplie por

meio do sufrágio universal, o uso desses direitos e a organização da resistência da classe trabalhadora serão os meios de agitação, propaganda e melhoramento que servirão para preparar essa força.

Que por este caminho o proletário poderá chegar ao poder político, constituirá essa força, e se formará uma consciência de classe que lhe servirá para praticar com resultado outro método de ação quando as circunstâncias o façam conveniente.

Portanto:

O Partido Socialista chama o povo trabalhador a alistar-se em suas filas de partido de classe, e desenvolver suas forças e preparar sua emancipação sustentando seu programa mínimo”.⁶⁸.

O ponto de partida programático geral do socialismo argentino é a presente declaração de princípios. Independentemente do tipo de marxismo cunhado por seus dirigentes, é evidente a estampagem marxista desta declaração que, como mencionei anteriormente, foi corrigido de punho e letra pelo próprio Engels⁶⁹.

O penúltimo parágrafo foi motivo de múltiplas controvérsias entre os socialistas. Formou parte da declaração de princípios do I Congresso do Partido Socialista, habitualmente denominado Congresso Constituinte, já que ali foram passados nos Estatutos, o Programa Mínimo e a Declaração de Princípios (Cf. Oddone 1983:57) Para mencionar alguns exemplos, o II Congresso realizado entre os dias 12 e 13 de junho de 1898, a iniciativa de Juan B. Justo, diretamente se suprimiu o mencionado parágrafo e no VI Congresso, realizado entre 24 e 25 de junho de 1905, presidido por Enrique del Valle Iberlucea, quem posteriormente à ruptura dos socialistas internacionais formará parte da fração “tercerista”, que defendia a revolução russa dentro do PS e sua incorporação a III Internacional, aprova-se a seguinte resolução:

“Ação de classe do Partido Socialista. O Congresso declara que afirma uma vez mais seu caráter de partido de classe, sua tendência profundamente revolucionária e sua vontade de chegar à emancipação absoluta do proletariado empregando todas suas forças para organizar-se econômica e

⁶⁸ Partido Socialista Argentino. Declaração de Princípios, em Moreau de Justo, Alicia, *O que é o socialismo na Argentina?*, Sul-americana, Buenos Aires, 1983, pp.196/197.

⁶⁹ Víctor García Costa foi o primeiro Secretário Geral do Partido Socialista Popular (PSP), entre os anos 1974 e 1983, partido que posteriormente se transformará no Partido Socialista Autêntico (PSA). Em uma entrevista com o autor confirma que o mesmo encontrou no arquivo do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) documentação sobre as correções de Engels ao programa. Víctor García Costa, entrevista realizada pelo autor em 11 de dezembro de 2003; Bar Ibéria, Cidade Autônoma de Buenos Aires.

politicamente para a luta, sem excluir no último caso todo outro meio de ação que as circunstâncias aconselhem” (Cf. Moreau de Justo 1983:37/38)

Algo mais que setenta e cinco anos depois, o Partido Socialista Popular (PSP), sob a Secretaria Geral do Guillermo Estévez Boero, no começo dos anos 80 adiciona também a esta declaração de princípios, uma defesa da constituição e das instituições democráticas. (Cf. s/d: Declaração de princípios do PSP⁷⁰).

Desde o princípio, observamos entre as forças e correntes socialistas uma disputa a respeito das estratégias políticas, já que as discussões sobre parágrafos da declaração de princípios socialistas remetem a evidentemente a diferentes propostas de ação. Não é casual que Alicia Moreau de Justo, omita o parágrafo que figura no Congresso Constituinte do PS quando expõe a Declaração de princípios do Partido Socialista Argentino (PSA) no anexo de seu livro de divulgação, veremos que longe de ser um esquecimento accidental isto está vinculado neste caso, pela época em que é redigido pela doutora, à consolidação de um tipo de ação socialista exclusivamente parlamentarista e não violenta.

Tomando então esta declaração, é indubitável e inegável a clara influência do marxismo, a estampagem marxista como corrente internacional nesta declaração de princípios, mas isto de maneira nenhuma significa que, para uma direção política ilustrada e com múltiplas leituras, estou falando do principal dirigente em suas origens, Juan B. Justo, mas também nos casos de José Ingenieros, Leopoldo Lugones, Roberto J. Payró, Emilio de la Cárcova, Germán Ave Lalléman, Alicia Moreau de Justo, as irmãs Mariana, Fenía e Adela Chertkoff, entre as quais Fenía tem um lugar destacado, Adolfo e Enrique Dickman, Mario Bravo, Enrique del Valle Iberlucea, entre muitos outros e outras, tivessem-no como a única fonte de inspiração. Mas assim como não pode afirmar-se que o Partido Socialista é unicamente marxista tampouco pode negar-se levemente sua relação com esta corrente política. Afirmações tais como que o Partido Socialista não foi marxista em suas origens ou que o próprio Justo, o primeiro tradutor do Capital ao espanhol não o era e quase como que se opunha a este, como afirmam Aricó ou Portantiero também o considero um exagero de caráter contrário (Cf. Aricó: 1999 e Portantiero: 1999)

e. Hipótese e metodologia.

⁷⁰ s/d (sem data). Sugiro que este documento deve ter sido republicado com motivo da participação eleitoral do PSP em 1983, já que lhe adicionou um parágrafo, no documento que acessei escrito à mão, onde se coloca a defesa da democracia como é obrigado por lei para a legalização de qualquer partido político.

Trabalharei com um conjunto de hipótese e problematizações que me permitam traçar o percurso da evolução política dos partidos políticos socialistas na Argentina, pretendendo em primeiro lugar realizar um mapeamento inexistente na atualidade.

A hipótese central é que a estratégia política hegemônica entre os socialistas na Argentina, de construção autônoma sob uma hegemonia reformista, quase exclusivamente parlamentarista, permitiu-lhes oscilar entre o liberalismo e o comunismo passando pelo nacionalismo, mas hipotecou suas possibilidades de constituir-se em uma opção de poder tanto nos momentos de alta da luta de classes onde quase desaparecem como nos momentos de crise de hegemonia. Interessa-me entender as chaves da evolução de sua estratégia política e o tipo de reformismo proposto e observar como sendo este hegemônico permitiu o surgimento de correntes tanto liberais como nacionalistas e inclusive revolucionárias.

Desta se desprende uma hipótese secundária que é a seguinte: a institucionalidade democrática beneficiou e beneficia aos socialistas, entretanto ao menos entre 1955 e 1983 em suas versões dominantes na prática apoiou regimes ditatoriais em seu próprio prejuízo, o que vai contra os primeiros quase oitenta anos de tradição partidária já que em 1930 o grupo antiirigoyenista golpista, “os setembrinos” são expulsos e obrigados a constituir o Partido Socialista Independente (PSInd). Aqui surge uma pergunta importante o que foi o que fez que os socialistas, antimilitaristas por política e programaticamente, tenham apoiado militares em nome do antiperonismo, Que mudanças são necessárias na linha política para tomar essa decisão?

Logo depois destas duas utilizarei cerca de umas dez problematizações de menor fila que me permitirão traçar a mencionada evolução.

A primeira problematização, embora pareça óbvia, mas não o é, é que há elementos de marxismo no Partido Socialista Argentino. O PS forma parte dessa mesma família política como foi antecipado neste mesmo capítulo.

São inegáveis os elementos comuns entre a declaração de princípios do PS e, por exemplo, *O Manifesto Comunista* elaborado por Marx e Engels em 1848, para a Liga dos Comunistas. Entre estas similitudes é essencial, o encargo por parte dos socialistas da ruptura entre burguesia e proletariado como irreconciliável, entendendo desta forma a necessidade de uma estratégia emancipatória cujo sujeito seja a classe operária, de uma vez que realizam uma reivindicação da necessidade de uma ação política independente por parte do proletariado.

O marxismo é importante sublinhá-lo para não cair em anacronismos, nesse momento não existia com tal, e mais que uma reprodução memorística ou uma leitura dogmática dos escritos do Marx, era uma das tantas teorias emancipatórias ou redentoras dos oprimidos, que se caracterizava pela reivindicação da ação política da

classe operária. Isto nos fornece uma maior acuidade conceitual no plano teórico, ao expor que não é qualquer oprimido, mas sim são os trabalhadores, os explorados no modo de produção capitalista, que são capazes de construir uma sociedade socialista onde ao emancipar-se possam emancipar o conjunto da humanidade por ser a classe universal. A categoria exploração é chave, já que implica um avanço frente à conceitualização idealista de alienação hegeliana e significa o reconhecimento da existência de uma sociedade burguesa, o qual aparece de um começo na declaração de princípios do PS. Entretanto, ao estudar a estratégia política dos socialistas, observaremos uma diferenciação tão cortante entre um programa mínimo e um programa máximo, que de fato vai cristalizar uma linha política reformista que os afastava paulatinamente em suas correntes dominantes, da luta anticapitalista. Os comunistas, não sem discussões também realizarão esta divisão entre programas enquanto que como vimos os trotskistas a rechaçam e lhe opõem suas “reivindicações transitivas”.

No socialismo conviveram várias correntes, mas em geral se afirma que existiram duas correntes quase contraditórias apoiadas uma, na tradição política de Juan B. Justo, mais liberal e europeizante e outra, de Alfredo Palácios mais nacional e popular. Eu gostaria de problematizar se isto for tão transparente e se o fato disto existir levou a tomada de posições políticas diferentes nos momentos políticos decisivos. A pergunta é a seguinte: se eram realmente tão diferentes como afirmam grande parte da literatura e seus dirigentes por que a ruptura mais profunda entre uma ala liberal “direitista” e outra nacional “esquerdista” se produz recém em 1958 em função da caracterização sobre o peronismo?. Sendo este um fato político bastante posterior à morte de Juan B. Justo. O grupo “nacional” do PS de Muñiz e de Palácios, sendo minoria no PSArg., mas tendo de seu lado às figuras públicas, expulsa do setor juvenil, majoritário e rebelde, de esquerda, tomando os locais socialistas com ajuda da polícia.

Os socialistas, embora formassem parte de grupamentos internacionais, elaboraram propostas específicas para a Argentina, pensaram o país desde sua especificidade, não aplicaram simplesmente receitas, em oposição ao afirmado pelas leituras populistas.

A quinta problematização é que a necessidade de construção de um partido autônomo influi de maneira decisiva na vinculação com outros partidos políticos, tanto com aqueles que impugnam a ordem social como com os partidos que aspiram a mantê-lo, perguntamo-nos, de que maneira?

Em sexto lugar, por que neste marco, houve tanta dificuldade para entender aos movimentos nacionais, ao radicalismo e ao peronismo, oscilando a política dos socialistas entre o rechaço em bloco em nome da autonomia ou à aceitação de

hegemonias alheias?

O problema da unidade e das divisões dos socialistas é central e recorrente. A pergunta que nos surge é por que um tipo de organização reformista e democrática tem tanta dificuldade para resolver as diferenças no plano interno?; observaremos que a grande maioria das dissidências políticas terminaram em fragmentações, divisões, subdivisões e reorganizações.

Por último o grupo que não demorará em hegemonizar ao Partido Socialista Popular e que tem grandes possibilidades de tornar-se hegemônico no PS, logo depois da unificação, não surge da tradição socialista, mas sim era uma organização política autônoma que se declara socialista posteriormente.

A unificação política de 2003 realizada pela aliança entre o Partido Socialista Democrático e do Partido Socialista Popular, fecha em parte, mas não de forma definitiva o processo aberto com a divisão de 1958.

Do plano metodológico, tentarei realizar uma análise no amplo campo do materialismo histórico, o qual desde meu ponto de vista significa em síntese realizar do plano epistemológico uma abordagem totalizadora; assumir a hipótese de que a luta de classes é o motor da história e que a formação econômica social argentina é capitalista da formação de sua Estado-nação em 1880, pelo qual é socialmente possível e necessária sua superação, assim como considerar que os partidos políticos são expressão de um grupo social, quer dizer, que não flutuam no vazio.

É neste sentido que utilizarei uma caracterização gramsciana de partido político para contrapor-la às visões institucionalistas tão comuns e infecundas na Ciência Política dominante. Pretendo realizar uma abordagem “sociológico-político”, no marco da ciência política, mas considerando que os complexos fenômenos dos processos políticos e sociais argentinos, não podem explicar-se só a partir de categorias políticas, como tampouco poderia fazer-se usando só conceitos sociológicos ou econômicos.

Parto do suposto que um partido orgânico pode ter frações e que o estado maior intelectual do partido orgânico pode não pertencer a nenhuma das frações deste, mas que atua como uma força dirigente. Os periódicos, as revistas ou os grupos de revistas são como partidos, frações de partidos ou atuam como eles.

A abordagem de um partido político, então, deve ser totalizadora, deve levar em conta sua vida interna, como nascem, os primeiros grupos que o constituem, as polêmicas ideológicas que constituem seu programa, suas concepções do mundo e da vida; os aderentes, esse grupo de homens e mulheres que seguiu aos promotores, os sustentaram com sua confiança, lealdade e disciplina e inclusive que os criticou de uma maneira realista. É o grupo social do qual é expressão. Um partido político ou neste caso um conjunto de partidos políticos que tem uma mesma matriz expõem a história

geral de um país de um ponto de vista monográfico.

Para fechar o primeiro capítulo e completar as considerações metodológicas considero necessário esclarecer que as entrevistas serão usadas ao longo de toda a tese como fontes.

III. Capítulo 2. As estruturas. A formação econômico-social Argentina (1880-2004)

O objetivo deste capítulo é realizar uma periodização de largo prazo no marco da formação econômico-social argentina apoiada nos modelos de acumulação de capital entre 1880-2006. Pretendo tomá-la como um pano de fundo sobre o qual interagem os diferentes grupos sociais e políticos, com especial insistência nos partidos políticos de matriz marxista socialista.

a. As vias de desenvolvimento capitalista na Argentina e o modelo

agro-exportador (1880-1930)

A Argentina desde suas origens como Estado-nação, que poderíamos localizar genericamente em 1880 e até a crise de 1930, se insere no capitalismo mundial, de uma maneira específica, mas como muitos outros países da América Latina como um país exportador de matérias primas.

Encontramos no país uma classe latifundiária moderna, fundamentalmente no pampa úmido, a qual vai ser o motor desta inserção, que se beneficia com a renda agrária diferencial com valor excedente⁷¹ realizada no mercado mundial capitalista.

Marx escreve no Manifesto Comunista em 1848 que a sociedade moderna tem duas classes sociais fundamentais, a burguesia e o proletariado. Décadas depois no Capital, realizando uma análise mais pura do modo de produção capitalista, estudando a Inglaterra, fala de três classes sociais, a burguesia, o proletariado e os latifundiários. A partir do considerado neste estudo de caráter mais analítico, podemos entender que embora a burguesia e os latifundiários, formam parte do bloco de classes dominantes frente ao proletariado e outros setores sociais subordinados na sociedade capitalista, seus interesses são suficientemente coincidentes para ter que diferenciar analiticamente entre a burguesia, entendida como industrial e os latifundiários, compreendidos como uma classe social moderna beneficiadas com a renda nas sociedades capitalistas. Isto é importante para poder entender tanto a formação econômico-social argentina como a base social dos conflitos neste país. O homem de Tréveris toma de David Ricardo a categoria renda diferencial e a partir desta tenta explicar a mais-valia excedente dessa renda.

“(...) toda a dificuldade na análise da renda consistia em explicar o excedente do ganho agrícola por cima do ganho médio, não a mais-valia, mas sim a mais-valia excedente característica desta esfera da produção”. (Marx 1988: 996)

Os latifundiários da região do Pampa Úmido na Argentina são uns exemplos de um setor social beneficiado por este tipo particular de renda capitalista. Esta é uma renda latifundiária adicional que se obtém por duas razões, por um lado pela localização geográfica das terras, próximas aos portos ou meios de comunicação para estes, em caso argentino as ferrovias e por outro lado pela riqueza do solo, a fertilidade da terra. O caso da Argentina é paradoxal, já que como expõem os estudos de Ernesto Laclau e de Julio

⁷¹ A diferença entre renda, renda diferencial e renda diferencial com valor excedente, encontramos-la fundamentalmente no capítulo XLVII Gênese da renda capitalista da terra (Cf. Marx 1988b: 995-1034) no Tomo III, Volume 8, Terceiro Livro, Sexta seção do Capital, Transformação da mais-valia em renda da terra (Cf. Marx 1988b:791-1034)

Godio, em determinadas condições pode haver uma transitiva correspondência, entendida como um processo histórico, entre a presença de um modo de produção capitalista como dominante no país dependente e a absorção de excedente por parte do país hegemônico. Há papéis diferentes a ser cumpridos na divisão internacional do trabalho, assim como há diferentes graus de composição orgânica do capital, como estas diferenças respondem a causas estruturais, o país monopolista pode apropriar do excedente econômico. No caso argentino, o monopólio da terra, era uma condição preexistente à expansão, a qual pôde adaptar-se aos requerimentos postulados pela economia internacional na segunda metade do século XIX. É central entender que na Argentina encontramos uma economia capitalista com eixo agropecuário e em condições de dependência (Cf. Laclau 1969 e Godio 1987)

A via do desenvolvimento capitalista na Argentina é a do que poderíamos denominar como um “prussianismo capitalista agrário” aonde, encontramos mútuos condicionamentos entre os investimentos estrangeiros e as indústrias nacionais sob a hegemonia das primeiras.

O capital monopolista, fundamentalmente o britânico, orienta-se exclusivamente para os investimentos de caráter complementar da produção das matérias primas: o controle das finanças, o comércio exterior, a infra-estrutura, os serviços e as indústrias transformadoras da produção boiadeira como os frigoríficos. Paralelamente a isto, enormes extensões de terras são controladas pelas companhias colonizadoras, as quais são montadas especialmente sobre as concessões ferroviárias. Assim como é indiscutível a hegemonia do capital estrangeiro sobre o nacional, dentro do capital estrangeiro o é a hegemonia do capital britânico.

Sobre a base do latifúndio pastoril se produz uma lenta transformação que permite a passagem de uma economia agrária atrasada a uma expansão das explorações produtoras de carnes e de cereais para o mercado europeu.

Sinteticamente, esta evolução toma como ponto de partida a *difusão do gado*, sendo os primeiros eqüinos os chegados com Pedro de Mendoza⁷² em 1536; continua com as *vacarias* que eram incursões para os campos para caçar o gado silvestre que pastoreava livremente, nas primeiras décadas do século XVII; segue com a *estadia colonial*, nas primeiras décadas do século XVIII onde encontramos que terra e gado próprio constituem as únicas fontes lícitas da produção bovina; posteriormente, para fins do século XVIII aparece o *saladero*, isto é, a salgação das carnes com fins comerciais a partir de franquias alfandegárias e o barateamento do sal; prossegue com o *predomínio da lã* a partir da segunda metade do século XIX, adquiridas pela Inglaterra,

⁷² Pedro da Mendoza (Guadix, Espanha 1497 - morreu em alto mar rumo à Espanha, 1537) Primeiro adiantado do Rio da Prata e primeiro fundador da Cidade de Buenos Aires, em 2 de fevereiro de 1536 com o nome de Nuestra Señora Santa María del Buen Ayre.

França e Estados Unidos, até chegar ao *frigorífico* (Cf. Giberti: 1985)

Pretendo, em função do anterior, destacar que não houve feudalismo na formação econômico-social Argentina embora a Espanha tentasse transplantar algumas instituições de seu “feudalismo periférico” e embora existam as Mercedes reais. A ausência de feudalismo não nega a existência de economias pré-capitalistas vinculadas a um capitalismo em ascensão através das mediações impostas pelos países colonizadores.

No caso argentino, realizou-se uma acumulação capitalista no marco de uma matriz latifundiária em um país dependente. Neste sentido, é interessante observar que na Argentina se reforça a continuidade histórica da tese que afirma que o capitalismo não partiu contra o latifúndio, mas sim operou de dentro deste e em um estreito entrelaçamento com o capital estrangeiro (Cf. Godio 1987:32) As formas predominantes de exploração da mão de obra na região pampiana, a principal do país, foram o trabalho assalariado e o arrendamento. O frigorífico já estimula a formação de grandes latifundiários capitalistas, os *invernadores*, proprietários e grandes arrendatários dos melhores campos nos que se engorda o gado antes de sua industrialização. A criação de gados especiais origina outro tipo de latifundiários que são os *cabañeros*, encarregados de procriar animais de grande rendimento. Como a produção boiadeira exige forragens, complementa-se este panorama com a aparição da produção agropecuária em grande escala. Este processo de expansão agropecuária foi hegemonizado pelos latifundiários boiadeiros em aliança com o capital estrangeiro. A particularidade da acumulação na Argentina se deve a que esteve assinada pelos estímulos que provinham da estadia, o salga e comercialização para o exterior, o que contrasta com a acumulação nos países capitalistas centrais no século XIX, a qual provinha da indústria pesada e manufatureira.

É importante recalcar o seguinte contraste enquanto que a sociedade burguesa na Europa se constitui em geral contra os grandes proprietários territoriais, a característica na Argentina radica em que foi precisamente uma acumulação capitalista em uma matriz latifundiária dependente que não entra em confrontação com o capitalismo europeu, ao longo do processo de formação de sua própria sociedade burguesa.

“Os interesses dos grandes latifundiários, assim que classe hegemônica nacional durante esse período, e seu correspondente entrelaçamento com os monopólios, determinam as características do desenvolvimento capitalista na Argentina, desenvolvimento capitalista que se opera em um país cuja função dentro da economia mundial é a de apêndice agrário. Mas um ‘apêndice agrário’ que consegue ocupar os primeiros lugares no comércio mundial como produtor de artigos primários e que se constitui em uma das áreas de maior

atração para o capital estrangeiro e a imigração” (Cf. Godio 1987: 36)

Como observamos no quadro 2⁷³ durante o modelo agro-exportador: a indústria não é o elemento mais dinâmico da expansão econômica; a hegemonia no processo capitalista a tem uma fração de classe latifundiária; não existe um grupo de camponeses nativo; os índios são vítimas de um genocídio que vinha sendo realizado desde tempo atrás mas que cristaliza como uma verdadeira “solução final” durante a denominada “campanha ao deserto” impulsionada por Julio Argentino Roca⁷⁴ e encontramos também a presença de uma heterogênea massa de imigrantes como a principal força produtiva, o que permitiu de alguma forma canalizar os conflitos de classe no campo.

A principal manifestação do protesto social no campo foi o “moderado” Grito de Alcorta, recém realizado no ano 1912, no sul da província da Santa Fé e no norte da província de Buenos Aires e que contou com o apoio de anarquistas e socialistas. Este Grito, impulsionado pelos chacareros acomodados da zona expor como ordem: “Abaixo os arrendamentos”; isto nos permite visualizar que em nenhum momento fica em questão a estrutura de propriedade da terra a não ser o valor dos arrendamentos. O saldo organizativo desta luta que articulou os chacareros ricos e os chacareros pobres sob a hegemonia dos primeiros foi a fundação da Federação Agrária Argentina (FAA) Esta é a mesma região aonde sobre a base da Liga do Sul (LSur), fundará-se o Partido Demócrata Progressista (PDP)⁷⁵ em 1914, como expressão social em grande medida os interesses dos chacareros ricos da região e dos criadores de gado em oposição aos proprietários dos estufas.

Décadas depois partidos de diferentes matrizes como a socialista e a comunista realizam uma reivindicação do Grito de Alcorta. Como exemplos, podem-se mencionar que o Partido Socialista Popular realiza uma conferência, em 1975, durante a crise do governo de Isabel Martínez de Perón, na própria cidade de Alcorta ao cumprir um novo aniversário do “Grito”. O Secretário do Interior do PSP e Secretário Geral da Federação Socialista Popular da província de Santa Fé, Héctor Cavallero, pronuncia um discurso na mencionada conferência sob o título *O desabastecimento: arma dos monopólios*, onde considera que o objetivo destes é escavar as bases de sustentação do governo de

⁷³ Ver Quadro 2, Periodização geral na formação econômico-social argentina (1880-2005) no Capítulo 1.

⁷⁴ Julio Argentino Roca (Tucumán, Argentina 1843 - Buenos Aires, Argentina 1914). Presidente da República Argentina (1880-1886) e (1898-1904) membro da Partida Autonomista Nacional (PAN)

⁷⁵ O PDP será aliado do Partido Socialista em diferentes oportunidades, para nomear só algumas podemos nos referir às alianças eleitorais que constituíram a Aliança Democrata Socialista (ADS) em dois períodos históricos diferentes para as eleições presidenciais de 1932 impulsionando ao binômio Lisandro de La Torre-Nicolás Repetto (PDP-PS) e para as de 1983 fazendo o mesmo com a fórmula Rafael Martínez Raymonda-Rene Balestra (PDP-PSD); além disso conformaram a União Democrática (UD) contra o peronismo em 1945 e colaboraram com embaixadores em Portugal, Américo Ghioldi (PSD) e Itália, o próprio Raymonda (PDP) durante a última ditadura militar argentina desde 1976.

Isabel e enfatiza um chamado para defender esse governo por ter sido eleito pela vontade popular. Paralelamente, realiza uma difusa comparação entre os colonos, os comerciantes e os professores que participaram do Grito de Alcorta e que se uniram porque deviam enfrentar ao mesmo patrão ou porque dependiam do mesmo latifundiário, com o seu critério a necessária unidade da classe trabalhadora, a classe média e a juventude para evitar o golpe de estado que se gerava contra Isabel Perón (Cf. Documento *O desabastecimento: arma dos monopólios* 1975)

Por outra parte, o Partido Revolucionário de Liberação (PRL) de origem socialista, mas que cristaliza entre as correntes maoístas do comunismo argentino, quer dizer, uma fração surgida do maoísta Partido da Liberação (PL), por sua vez proveniente de Vanguarda Comunista (VC) cisão do Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV), expõe que o Grito de Alcorta de 1912 expressa o surgimento de uma nascente burguesia nacional agrícola (Cf. Documento *Uma história, um compromisso com o marxismo leninismo*; Agosto de 1999; Partido Revolucionário de Liberação).

No plano industrial, além dos frigoríficos controlados pelo capital britânico e norte-americano que constituem a principal atividade industrial do país, encontramos também indústrias nacionais subordinadas.

As indústrias com preponderância de capital nacional abrangem do simples aproveitamento das matérias primas fundamentais em sua forma mais singela como por exemplos os moinhos farináceos, as fábricas de vinho, os fornos de tijolos ou os engenhos, que são indústrias nacionais que ao não manter conflitos de interesses com as importações estrangeiras têm um crescimento acelerado entre 1880 e 1914 e que contaram com o apoio estatal; as indústrias que produzem artigos que competem ou podem converter-se em fontes de conflitos com os interesses dos importadores como as que encontramos nos ramos têxtil, metalúrgica e química e em terceiro lugar as oficinas dedicadas a atividades tipicamente artesanais. Segundo Alejandro Bunge:

“Durante os anos 1880 e 1914, as relações de dominação se consolidam sobre a base da formação de um mercado nacional único, subordinado à economia agrícola-boiadeira do Litoral e aos correspondentes mecanismos de participação desta região no processo de reprodução ampliada da economia britânica” (Cf. Bunge 1940: 222)

Aqui retomo uma importante pergunta exposta já por Godio: que estrutura de classes se forma sobre a base de um capitalismo agrário dependente e como se manifestam social e politicamente essas classes? Encontramos uma diferença

fundamental entre a formação econômico-social argentina e as que se corresponde com a maioria dos países coloniais, semi-coloniais e dependentes, nos quais os centros urbanos estão rodeados por uma entristecedora maioria de camponeses no marco de relações sociais pré-capitalistas. É interessante observar que a maioria da população no caso argentino se ocupa de atividades não agrícolas, pelo qual o desenvolvimento capitalista no campo, na região pampiana nos mostra a vitalidade deste capitalismo prussiano agrário.

Nesta mesma linha de análise, mas expondo outro olhar para Arico, durante um razoável período de tempo, Argentina teve as seguintes particularidades: a condição de não ser nem periférica nem central; a autonomia de suas formas estatais e uma ausência de dominação direta por parte dos países centrais da independência; a existência de movimentos nacionais e populares orientados à conquista de um espaço “nacional” próprio; um elevado grau de elevação institucional, ideológica e política das classes dominantes; o caráter capitalista da evolução política, econômica e cultural do país, o que faz que não possa ser identificada com os países da Ásia e da África que a III Internacional qualificou genericamente como países coloniais e semicoloniais.

A crítica à conceitualização da Terceira Internacional tão enfatizada por Arico, também deve ser aplicada às análises da Segunda Internacional, os de Internacional Operária Socialista (IOS)⁷⁶ e da posteriormente Internacional Socialista (IS), coisa que Aricó omite, já que têm uma caracterização semelhante e embora suas conclusões políticas sejam diferentes, sua pobreza conceitual ao referir-se a América Latina e a Argentina são semelhantes. Para Aricó, por sua vez, a Argentina se assemelha mais ao capitalismo periférico europeu que Gramsci localizava na Itália, Espanha, Polônia e Portugal, que aos países coloniais ou semicoloniais.

No plano da expressão política do modelo agroexportador, podemos observar que a principal organização política da aliança de classes hegemônica pelos latifundiários durante o modelo agroexportador na Argentina foi o Partido Autonomista Nacional (PAN) que em seu imaginário, pensou na fundação de um Estado Liberal ao estilo dos estados absolutistas europeus existentes nos séculos XVI e XVII, como um instrumento de uma sociedade política limitada e excludente.

A geração dos 80 pôde implementar, um projeto econômico hegemônico durante cinquenta anos (1880-1930), entretanto, sua hegemonia política alcançou cerca de trinta anos, já que foi deslocado por um partido liberal democrático, a União Cívica Radical (UCR). Este partido, conhecido como o “radicalismo”⁷⁷ é a partida que expressa em

⁷⁶ A Internacional Operária Socialista (IOS) surge da integração da II Internacional e a II Internacional e Meia, sob uma hegemonia reformista.

⁷⁷ Claramente não deve entender-se radical no sentido inglês do termo, porque depois da Revolução del Parque em 1895 este partido deixou de sê-lo, é um partido em termos gerais com uma ideologia “liberal

termos políticos originalmente às “classes médias”, utilizando uma noção difusa, mas que mostra a heterogeneidade de sua composição social, a qual incluiu setores universitários, profissionais, comerciantes, filhos de imigrantes e principalmente pequenos burgueses, entre outras frações sociais e que pela primeira vez chegou ao governo no ano 1916, logo depois das reformas impulsionadas pela Lei Sáenz Peña levando Hipólito Yrigoyen⁷⁸ à presidência.

A mencionada geração dos 80 elaborou um modelo de país excludente mas “economicamente bem-sucedido”, o que obrigou às classes subalternas a enfrentar-se frontalmente com este como um projeto de desigualdade social. Em primeiro lugar este enfrentamento esteve impulsionado pelos socialistas e pelos anarquistas, posteriormente também pelos comunistas e pelos sindicalistas revolucionários, quem em suas formas de confrontação contra o Estado e o modelo, articularam ações reivindicativas com propostas de substituição ou modificação do projeto econômico.

Neste contexto, a UCR, por sua vez ocupou na consciência social o espaço político que separando artificialmente a política da economia, permitia-lhe avançar em certas propostas de “democratização política”, mas que não questionavam um modelo econômico “bem-sucedido”, excludente e com importantes índices de adesão. Entretanto, sob seu discurso democratizante não duvidou em reprimir⁷⁹, muitas vezes com mais sanha ainda que os próprios conservadores, às expressões políticas e sindicais do movimento operário que questionavam o modelo econômico defendido de igual maneira no plano político tanto pelos conservadores como pelos radicais.

Em síntese, esta é uma época moderna, a uma só vez oligárquica, excludente, durante a qual se formam ao menos cinco partidos políticos que terão em maior ou em menor medida, uma influência centenária:

- a) o Partido Socialista (PS) da Argentina formado em 1894 e que realiza seu

democrática”.

⁷⁸ Hipólito Yrigoyen (Buenos Aires, Argentina 1852 - Buenos Aires, Argentina, 1933) Presidente da República Argentina (1916-1922) e (1928-1930) membro da União Cívica Radical (UCR)

⁷⁹ A UCR, como partido de composição social pequeno-burguesa, mas que defende os interesses da grande burguesia, manteve em muitas situações históricas uma política anti-operária. Como exemplos mencionamos que durante o governo de Hipólito Yrigoyen, realizam-se os primeiros massacres de operários, tanto na Patagonia Argentina como em Buenos Aires ou em Santiago del Estero. Na Patagonia são assassinados trabalhadores às centenas em meio de fortes greves dirigidas fundamentalmente pelos anarquistas, da mesma forma que ocorreu durante a Semana Trágica de 1919. O mesmo ocorreu no norte do país onde os operários reduzidos quase à servidão no corte de árvores foram proibidos de usar camisas de cor vermelha, causa pela qual até inclusive podiam ser assassinados.

Entre 1955 e 1976, foi fundamental seu apoio, direto ou indireto à maioria dos golpes de estado no país. Isto não exclui que pudessem coexistir em seu seio setores “republicanos democráticos”, como podem ter sido por um breve período Raúl Alfonsín e originalmente sua linha interna partidária, o Movimento de Renovação e Mudança (MRyC), que são quem quis expressar uma ideologia tendencialmente social democrata mas a diferença dos partidos socialistas europeus, sem apóie operária.

Os massacres operários dos radicais são expostos detalhadamente em diferentes trabalhos do historiador anarquista Osvaldo Bayer.

Congresso Constituinte em 1896;

b) o Partido Socialista Internacional (PSI), cisão por volta da esquerda do PS depois da Revolução de Outubro de 1917, que em 1918 se transformará no Partido Comunista da Argentina (PCA);

c) a União Cívica Radical (UCR) fundada pela maioria do Comitê Nacional da União Cívica (UC) a instâncias de Leandro Nicéforo Alem⁸⁰ em 2 de julho de 1891, a partir do rechaço de um acordo subscrito por Bartolomé Mitre, um dos líderes da UC com o já mencionado Julio Argentino Roca, o mencionado presidente conservador responsável pela expansão da “fronteira civilizatoria”.

d) as forças políticas conservadoras, agrupadas, primeira no Partido Autonomista Nacional (PAN) e posteriormente no Partido Demócrata Nacional (PDN) e

e) o Partido Demócrata Progressista (PDP), baseado em 14 de dezembro de 1914 por Lisandro De la Torre⁸¹, depois de seu afastamento da UCR em 1897 e tomando como base a já catalogada Liga do Sul (LSur) constituída no ano 1908 na cidade de Rosário.

A época que se abre em 1880 e se fecha em 1930 são os momentos da argentina roquista, uma Argentina que tinha “solucionado o problema dos índios” através de seu extermínio, construtora de ferrovias e de meios de comunicação, exportadora, terra de imigração e de organização sindical em um mundo convulsionado que rapidamente terá guerras no coração da Europa e a revolução na Rússia.

É neste contexto, que em 7 de abril de 1894 aparece o primeiro número de *A Vanguarda*, levando como subtítulo o lema periódico socialista cientista defensor da classe trabalhadora dirigido por Juan B. Justo. Este subtítulo não é um dado menor, já que permite diferenciar ao socialismo científico das demais formas de emancipação social, neste caso do anarquismo e de outros utopismos, já que os próprios Marx e Engels se localizam na terceira parte do Manifesto Comunista de 1848, aos materialistas históricos como os socialistas científicos e aos anarquistas como parte das correntes socialistas utópicas (Cf. Marx e Engels: 1987). A definição que incansavelmente aparecerá no periódico *A Vanguarda*, no marco das polêmicas no movimento operário internacional entre socialistas e anarquistas se coloca claramente do lado da corrente marxista, o que nos fornece um elemento mais para poder se localizar ao Partido Socialista e à matriz socialista no marco do marxismo, em um momento que como antecipei no capítulo anterior, o marxismo não existia ainda como tal.

Em um primeiro momento, *A Vanguarda* foi o periódico do Agrupamento Socialista (AgS), fundada em 1892 por Carlos Mauli, Augusto Kuhn e Gotoldo

⁸⁰ Leandro Nicéforo Alem (Buenos Aires, Argentina, 1842 - Buenos Aires, Argentina 1896)

⁸¹ Lisandro De La Torre (Rosario, Argentina, 1868 – Rosario, Argentina 1939)

Hummel, a qual rapidamente aderiram Juan B. Justo e Esteban Jiménez, e continuou sendo quando este agrupamento formou em 14 de julho do mesmo ano o Centro Socialista Operário (CSO), que posteriormente seria o centro do Partido Socialista da seção 10° da Capital Federal.

Assim via *A Vanguarda* em seu conhecido primeira editorial escrita pelo próprio Juan B. Justo esta época a que nos estamos referindo:

“Este país se transforma. À planície aberta e indivisa com o aspecto, e em certa medida, as funções de uma propriedade comum, aconteceram os campos cercados, que logo abrangessem toda a superfície utilizável.

A grande agricultura se desenvolve onde faz vinte anos eram cultivadas por seus donos umas poucas chácaras. A ferrovia morreu às carretas. Os grandes portos suprimiram a maior parte da cabotagem. O Mercado Central de Frutos substitui à antigo barraco.

Em Buenos Aires, as fábricas de calçado e de chapéus, as grandes ferrarias e carpintarias suprimem a maior parte das oficinas desses Ramos. Em Tucumán o trapiche desaparece ante os grandes engenhos de açúcar e em Santa Fé se multiplicam os moinhos de cilindros onde nunca tinham havido nem tahonas (...)” (Cf. *A Vanguarda*, ano 1, n° 1, julho 1894; chamado entre outros por Oddone 1983)

Este período do socialismo argentino será desenvolvido no capítulo 5, sinteticamente, podemos antecipar que esta é a etapa do surgimento e da consolidação do Partido Socialista (PS), o qual constrói um espaço próprio no marco da ordem conservadora e se relaciona de maneira também diferenciada com o radicalismo e suas táticas, tão fora como dentro do governo. É o período das primeiras cisões de suas correntes, fundamentalmente por “esquerda”, mas também por “direita”, assim como o do surgimento de elementos para realizar algumas interpretações de caráter “nacional”.

b. Origens e desenvolvimento da indústria substitutiva de importações e a transferência da renda diferencial com valor excedente à indústria (1930-1952)

As indústrias, como vimos, antes da crise capitalista mundial de 1930 estavam subordinadas às exportações agropecuárias, entretanto, a partir desse ano se constituirão no mais dinâmico da expansão econômica.

As transformações na economia mundial a partir da crise de 30 se

materializaram na América Latina na passagem desse modelo apoiado na exportação de matérias primas a outro centrado em uma industrialização por substituição de importações. Este modelo teve distintas fases e se concretizou de maneira diferenciada em cada país da América Latina, foi o que começou a entrar em crise em meados da década dos '50 para encontrar seus limites definitivos na crise mundial dos anos 70.

Desde 1930 se visualizam dois subetapas no processo de industrialização por substituição de importações na Argentina de acordo com a liderança de diferentes ramos da economia. Na primeira subetapa que abrange da crise 1930 até o golpe de estado de 1943, temos uma industrialização cuja composição orgânica do capital (COC) é, mas bem estável⁸², encontramos uma grande quantidade de mão de obra nas indústrias e dentro destas a hegemonia é dos ramos têxteis e alimentícios; a extração de mais-valia nesta subetapa tem um caráter absoluto (Pva). É importante destacar que na Argentina será a transferência de parte da renda agrária diferencial com valor excedente às indústrias a que permitirá o processo de industrialização.

Na segunda subetapa que abrange desde 1943 até o começo da crise do segundo governo peronista em 1952, o processo de industrialização terá uma COC mais alta, sendo o central a substituição da mão de obra por capital, configurando um tipo de acumulação onde a extração de mais-valia tem um caráter relativo (PVr) devido tanto à expansão do mercado interno a partir de 1943 como à hegemonia da indústria metalúrgica no processo de industrialização partir da década de 50, a qual tem uma maior COC.

A crise de 1951-1952 precocemente começa a nos fornecer alguns indícios de que o regime de acumulação por substituição de importações dá algumas assinala de esgotamento tanto por razões endógenas como por exógenas. No terreno interno havia limites para aumentar a produção e a produtividade por hectare e por trabalhador ocupado, enquanto que simultaneamente o crescimento demográfico e o incremento dos ganhos e por fim o nível de consumo dos assalariados gerou um aumento da demanda interna de mantimentos e de insumos industriais, que reduziu os saldos exportáveis. No plano externo, por sua vez, acentuaram-se as restrições devido à queda do volume da demanda, a baixa dos preços internacionais dos produtos agropecuários e a deterioração dos termos de intercâmbio. Isto trouxe como consequência o freio à importação de insumos intermédios estratégicos, de equipamentos e de bens de capital, todos necessários para aumentar a produtividade na indústria e lançar-se com êxito a uma segunda etapa do processo de substituição de importações produzindo bens intermédios e de consumo duráveis (Cf. Neffa 1998).

⁸² Estável, em termos relativos, já que a estabilidade da COC entre outras coisas também depende das lutas de classes.

Este contexto contribuiu que a diferença do ocorrido nos países capitalistas europeus centrais depois da Segunda guerra mundial, a articulação entre capitalismo e democracia não fora o característico desta etapa na periferia latino-americana em geral e na Argentina em particular, mas sim preponderou uma constante instabilidade política e a alternância entre regimes ditatoriais e “semi-democráticos” fracos. Entretanto, durante todo este período houve uma expansão da intervenção do Estado, especialmente no plano produtivo e se desenvolveram certas instituições que permitiram a socialização da força de trabalho.

É suficientemente conhecido que embora na primeira etapa do modelo de substituição de importações surgiram na América Latina uma série de regimes populistas ou nacional-populares, que implicaram uma articulação dos interesses das classes populares através do Estado, estes não plasmaram em formas estáveis de Estado Benfeitor por diversas razões, que remetem precisamente ao caráter periférico das formações econômico-sociais latino-americanas. Por este motivo considero mais adequado conceitualmente, no caso argentino, me referir à idéia de Estado Populista, Estado nacional-popular ou Estado social e não a de Estado de Bem-estar Social, para me referir à articulação das alianças de classes que constituíram ao que denominarei primeiro peronismo (1945-1955).

Deve se ter em conta que o processo de industrialização por substituição de importações que tem lugar na periferia responde às exigências de uma economia mundial já constituída, a que se adapta a Argentina depois da quebra que significou a crise de 30, mas também é certo que neste processo de adaptação há importantes fatores internos que especificam as diferentes formas de inserção de cada Estado-nação latino-americano.

Recordemos que o Estado tem duas funções basicamente contraditórias, a coerção e o consenso. Por uma parte deve assegurar as condições que tornem possível a acumulação e a reprodução ampliada do capital, o que o leva a adotar as medidas coercitivas necessárias para que as classes subalternas se acomodem, disciplinem-se, frente à lógica do capital. Entretanto, por outro lado, deve legitimar sua dominação para torná-la estável, recorrendo a uma série de mecanismos que não se reduzem só ao ideológico, mas sim implicam concessões materiais concretas, que se traduzem em gastos sociais destinados a garantir um certo grau de consenso das classes dominadas.

Em sua concepção ampliada do Estado, seguindo nisto as contribuições de Thwaites Rey, Gramsci analisa que a supremacia da burguesia no capitalismo desenvolvido não se deve unicamente à existência de um aparelho de coerção, o Estado em um sentido restringido, mas sim consegue manter seu poder mediante uma complexa rede de instituições e de organismos que no seio da sociedade civil, além de organizar e

expressar sua própria unidade como classe, organiza o consenso das classes subalternas, para a reprodução do sistema de dominação. A dimensão simbólica cumpre um papel muito importante na reprodução das relações sociais dominantes. A supremacia, então, é algo mais que a mera disposição dos aparelhos repressivos do Estado, e se expressa em formas que excedem os limites do Estado em um sentido restrito, para abranger o conjunto da sociedade civil⁸³, uma enorme e complexa rede de casamatas que se interpõem da sociedade civil e entre a sociedade civil e o Estado.

Nos países periféricos, o Estado tem, além disso, outra tarefa ainda mais complexa que as funções anteriores: deve construir alguma margem de autonomia para suas políticas no marco da inserção dependente do sistema produtivo nacional no mercado mundial, que por outra parte deve assegurar. Deste modo, a possibilidade de construir uma vontade nacional a partir do Estado, apresenta-se fortemente vulnerável aos condicionamentos externos.

O “pacto populista” aparece como a resposta periférica às novas condições mundiais nas que o papel do Estado começava a adquirir uma importância cada vez maior na regulação do ciclo econômico. As idéias keynesianas se difundem rapidamente e são reinterpretadas pelos Estados-nação periféricos, como sinônimos de intervencionismo econômico. Em sua primeira fase, o populismo também expressa uma etapa na qual as condições econômicas do pós-guerra permitiram aos Estados periféricos contar com algumas bases materiais que lhes possibilitaram, certa “autonomia relativa” em relação às condições que os Estados-nação centrais imprimiam à “economia mundial constituída”.

No plano ideológico, a partir dos anos 50 começou sobretudo na América Latina a visão cepalina, que produziu a legitimação progressiva do planejamento público como um instrumento de uma nova relação Estado-economía (Cf. Graciarena, 1990) O Estado aparecia, nesta visão, como o fator fundamental do desenvolvimento econômico, entendendo-o prioritariamente como um processo de industrialização, ao mesmo tempo

⁸³ Frente às visões que pretendem fazer de Gramsci um pacifista e social democrata gradualista, considero que Gramsci era leninista. Dito isto, observamos nesta concepção de estado ampliado está presente em Gramsci, distintamente de Vladimir I. Lenin uma percepção não instrumentalista do Estado, na medida em que a noção de Estado, como lugar de constituição da classe dominante, e portanto intrínseca a ela, exclui qualquer noção de “exterioridade” e de “pré-constituição” da classe, assim como a idéia de uma subordinação mecânica do aparelho estatal. Para as visões instrumentalistas, pelo contrário, o Estado aparece só como um instrumento de dominação de uma classe sobre outra, é visualizado como um conjunto de aparelhos que se encontrariam como acima e à margem da sociedade, sendo utilizados pela classe dominante quase a seu desejo, para assegurar seu predomínio. A coerção vehiculizada por estes aparelhos, neste caso, é concebida como o único que garante tal supremacia, já que de outro modo estaria questionada pela realidade estrutural das contradições classistas (Cf. Thwaites Rey 1994) Igualmente, é importante contextualizar o pensamento de Lenin, já que o Estado Terrorista czarista e a ausência completa de sociedade civil nessa a Rússia contrastam substantivamente com a realidade dos Estados nas complexas sociedades capitalistas ocidentais. Daqui também vem a diferenciação política de Gramsci entre sociedade e estado no Oriente e Ocidente, o que conduz a estratégias diferenciadas.

que o concebia como um caminho único com etapas precisas a cumprir para alcançar o crescimento, à maneira dos países desenvolvidos.

Na perspectiva populista, por sua vez, a construção estatal da nação frente aos poderes internacionais dominantes, no caso argentino, na versão peronista, a terceira posição frente aos dois poderes mundiais⁸⁴, outorgava centralidade ao Estado no processo de afirmação da soberania nacional, visualizando-o como uma instância neutra⁸⁵ capaz de eliminar as contradições classistas da sociedade e impulsionar um desenvolvimento “nacional e popular” sustentado.

O Estado-nação se convertia assim no ponto de referência simbólico que unificava os interesses internos frente à dominação estrangeira. E precisamente, era esta divisão entre o dentro e o fora o que potencializava a legitimação estatal e contribuía a expandir seu acionar. A esta perspectiva também contribuiu o enfoque cepalino, incluindo suas variantes “esquerdistas”⁸⁶.

Também, certa noção que assemelhava colonialismo e imperialismo nos países do denominado terceiro mundo, trouxe como consequência uma visão muito arraigada da necessidade de luta dos Estados-nação periféricos contra a dominação colonialista ou imperialista, que reforçava o papel estatal e, ao interior do território, a necessidade de formar alianças policlassistas, as quais se visualizavam como imprescindíveis para obter a emancipação nacional, em virtude das contradições, entre o capital nacional e o imperialista.

Em determinados momentos para uma parte importante das esquerdas marxistas, fundamentalmente nas de matriz comunista tanto em sua versão marxista-leninista-estalinista pró-soviética ou mais adiante na visão marxista-leninista-estalinista-maoísta pró-China, mas não exclusivamente nessas correntes, a necessidade de procurar um burguês nacional para diferenciá-lo do burguês estrangeiro, converteu-se quase em uma grande obsessão, estando localizadas no mesmo nível que as discussões políticas sobre o caráter da revolução na Argentina.

O caráter da revolução era a diferença política mais sobressalente em termos estratégicos entre comunistas e trotskistas. Neste sentido, não é casual a forma escolhida por Löwy para periodizar a recepção do marxismo na América Latina. Simplificando,

⁸⁴ Um dos principais postulados do peronismo nessa época foi a terceira posição frente aos dois blocos constituídos, expressa em uma ordem que sintetiza sorte posição política: “Nem *yankees*, nem marxistas, peronistas”.

⁸⁵ Todo Estado é classista. O populismo realiza uma fetichização do Estado ao colocá-lo como uma instância neutra acima dos interesses das classes e das frações de classes da sociedade, ocultando o caráter classista da dominação estatal nas sociedades modernas, expressando e pretendendo ocultar, desta forma a subordinação das frações populares a determinadas frações da burguesia, na aliança populista.

⁸⁶ Para uma visão que articula o enfoque cepalino do sistema econômico mundial com elementos do marxismo ver *Dependência e desenvolvimento na América Latina* de Fernando Enrique Cardozo e Enzo Faletto, publicado pela primeira vez em 1969 (Cf. Cardozo e Faletto: 1998)

os partidos políticos de matriz marxista comunista lutavam por uma revolução democrático-burguesa-antiimperialista em caminho interrompido para o socialismo, enquanto que os da matriz marxista trotskista expor diretamente a necessidade de uma revolução socialista⁸⁷. Por sua vez na matriz marxista socialista, encontramos com uma heterogeneidade de posições políticas, mas com uma clara hegemonia reformista, que entretanto depois de 1958 continha grupos socialistas liberais como é o caso do Partido Socialista Democrático (PSD), socialistas de esquerdas populistas, uma forma como pode ser caracterizado o Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV) e inclusive grupos cindidos do Partido Socialista Argentino (PSArg.), que culminarão em posições políticas insurrecionalistas ou socialistas revolucionárias. Estes são os casos, para mencionar dois exemplos, do importante dirigente do PSAV, Elías Semán, autor do livro *Cuba Miliciana*, fundador de Vanguarda Comunista (VC), maoísta e partidário da mencionada estratégia da revolução democrática através da via insurrecional, ou de Juan Carlos Coral, membro do Partido Socialista Argentino-Casa del Pueblo (PSA-CP), ex-secretário de Alfredo Palacios e fundador junto do dirigente trotskista Nahuel Moreno do Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), cujo inicial reformismo de esquerda, logo depois da morte de Palacios em 1963, leva-o a posições políticas partidárias socialistas revolucionárias, quer dizer, expondo a necessidade de uma revolução socialista sem etapas.

Quadro 3. Caminho para o socialismo em alguns dos principais partidos das esquerdas de matriz marxista na Argentina entre 1958 e 1975.

Matriz	Partido	Camino al socialismo
Socialista	Partido Socialista Democrático (PSD)	Reformismo liberal.
	Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV)	Reformismo radical com concessões ao populismo.
	Partido Socialista Argentino – Casa del Pueblo – sección Coral (PSA-CP-SC)	De origem reformista radical estão em conluio com a revolução socialista.
Comunista	Partido Comunista Argentino – prosoviético- (PCA)	Revolução democrático burguesa.
	Partido Comunista Revolucionario (PCR) – maoísta-	Revolução democrático burguesa nacional antiimperialista no caminho ininterrupto para o socialismo.
	Partido de Vanguardia Comunista (PVC) ex PSAV –	Revolução democrático burguesa nacional

⁸⁷ Sergio Ortiz, Secretário Geral do Partido da Liberação (PL), Ex-vanguarda Comunista (VC) expõe: “Nós nunca fomos trotskistas, sempre pensamos que era impossível passar diretamente do capitalismo ao socialismo em um país como a Argentina, primeiro devíamos passar por uma etapa de revolução democrática anti-imperialista e esta sim em um caminho ininterrupto para o socialismo (...) Essa era minha diferença principal com o dirigente classista cordobés que terminou no trotskismo, Paez, que fora candidato a vice-presidente em 1973 pelo Partido Socialista dos trabalhadores (PST)”
Entrevista com o autor em sua casa na cidade de Córdoba na província do mesmo nome.

	maoísta-	antiimperialista no caminho ininterrupto para o socialismo.
Trotskista	Palabra Obrera (Pal.Ob) – Partido Revolucionario de los Trabajadores <i>La verdad</i> – (PRT-LV) - Partido Socialista de los Trabajadores (PST)	Revolução Socialista.

Fonte: Elaboração própria.

Em suma, em todas estas perspectivas, inclusive em muitas das esquerdas, a intervenção estatal aparecia claramente legitimada assim como sua liderança na articulação dos processos políticos, econômicos e sociais. Desta maneira, o estatismo, consolidou-se no discurso político de todos os “partidos populares”, embora com graus e matizes diferenciados. Nas esquerdas de matriz marxista devemos incorporar também as experiências dos “modelos” dos “socialismos reais” com suas fortes doses de estatismo. Para alguns partidos desta matriz, o socialismo se transformou em sinônimo de estatismo e não de autogestão operária ou de auto-organização social generalizada.

Desde sua constituição como Estado-nação a fins do século XIX até meados da década de 70 a Argentina teve a possibilidade de “construir” uma lógica de acionar estatal com importantes margens de autonomia, a partir de mover-se em um marco de folga fiscal relativamente elevado. A captação de uma parte da renda agrária diferencial com valor excedente como mencionei mais acima, foi o elemento determinante, sobre tudo desde meados de século, para o desenvolvimento de uma indústria destinada ao mercado interno. A redistribuição progressiva da renda está expressa não só nos salários diretos mas também em salários indiretos, com todo um sistema de segurança social garantido pelo Estado e na provisão de serviços públicos a preços relativamente baixos por parte das empresas estatais, as quais foram manifestações disso. Estas tarefas, funcionais aos requerimentos do desenvolvimento “keynesiano” ou mais precisamente intervencionista da burguesia industrial, redundaram na fiança do papel legitimador do Estado e contribuíram para criar o imaginário “estatista” que questionado desde meados dos anos setenta pelo neoliberalismo, entrou em crise nos anos oitenta.

É obvio que esta modalidade de intervenção estatal não deixou de ter suas tensões próprias e ainda suas questões irresolutas. Na Argentina funcionou um “Estado de compromisso nacional-popular”, o que implicava um padrão de acumulação apoiado na substituição de importações cujo ponto forte era a folga fiscal antes mencionada e cuja debilidade estava centrada na vulnerabilidade do setor externo, que ocasionava recorrentes problemas na balança de pagamentos. Neste tempo estavam dadas as condições para permitir um crescimento importante da atividade estatal, expressa em seus aparelhos e instituições. Desta maneira, em consonância com o auge mundial do

modelo interventor benfeitor, o crescimento da atividade estatal se justificava duplamente tanto pelas necessidades de escorar o desenvolvimento nacional, frente a uma suposta incapacidade dos atores privados, como por ser o modelo dominante no mundo.

Mas, o que ocorreu na Argentina contemporânea no plano político para que desde 1945 não pudesse se constituir ou consolidar uma esquerda socialista de apóie operária, nem reformista nem revolucionária com força de massas? A primeira resposta a encontramos no peronismo.

O pacto entre o capital e o trabalho que caracteriza ao populismo argentino tem duas características fundamentais que condicionam seu futuro.

Em primeiro lugar é encarnado por uma fração modernizadora da classe dominante que adverte o imperativo de adaptar o aparelho produtivo e o papel do Estado às novas necessidades da acumulação, através da industrialização substitutiva de importações, mas que é constantemente oposta pelos setores que podemos denominar não modernizantes, os quais expõem as saídas recessivas clássicas (Cf: Tarcus, 1992) As lutas entre ambas as frações acontecem após, e são atravessadas pelos interesses das frações externas da burguesia, mais estreitamente ligadas à economia mundial, que empurram o processo industrializador no sentido de seus interesses. A ausência de uma clara construção hegemônica impedia de armar um projeto de comprimento agrado como nação, independentemente das altas taxas de crescimento econômico. No plano político, a ausência de resolução da inserção do peronismo no sistema de poder político e mais globalmente a falta de representação orgânica dos atores de um projeto industrialista, gerava as tensões sociais que levaram a crise do modelo e às sucessivas intervenções militares.

A impossibilidade de processar o público através de um regime político democrático evidenciava tanto as tensões localizadas no nível da sociedade civil como as complexidades presentes no nível da sociedade política⁸⁸.

A “crise” se apresenta como a manifestação da ineficiência dinâmica da acumulação na Argentina. Quando as distintas variantes de financiamento do gasto público, através das transferências da renda agrária diferencial com valor excedente se esgotaram e quando o esquema de regulações se tornou disfuncional, despiram-se as conseqüências da incapacidade dos capitais individuais argentinos de tornarem-se

⁸⁸ A expressão política mais característica desta etapa é constituída pelo peronismo, que governou o país no período 1945-1955 e em seguida entre 1973 e 1976. Também governou entre 1989-2000, mas já expressando um populismo conservador, regressivo, de caráter neoliberal sob a presidência do Dr. Carlos Saúl Menem. O peronismo também governa desde dezembro de 2001 com Eduardo Duhalde e até a atualidade com Nestor Kirchner, eleito no ano 2003, que não sem dificuldade, obtiveram a recomposição de um regime político em crise das jornadas de 20 e 21 de dezembro de 2001 que expulsaram do governo o Presidente radical Fernando De la Rúa e o Ministro da Economia Domingo Cavallo.

competitivos a nível internacional. Esta ineficiência dinâmica será produto da particular forma de acumulação dos grupos econômicos dominantes na Argentina, das pressões privadas sobre o aparelho do Estado para criar esses atalhos de ineficiência e de uma lógica *lobbystica* de interesse de preservação dos capitais individuais por cima da eficiência global⁸⁹ (Cf. Gerchunoff-Guadagni, 1987)

Isto tem como consequência a debilidade estrutural do pacto populista para dar sua continuidade através das instituições democráticas. A dependência das frações impulsoras do desenvolvimento industrial da renda agrária diferencial com valor excedente e a subordinação às tendências industrializantes prefixadas pela lógica do mercado mundial, impediram de sustentar um nível de ganhos indispensável para resolver os gastos do “Estado-nacional-popular”. Esta impossibilidade enclausurou por muito tempo a relação entre o capitalismo e a democracia na periferia em geral e na Argentina em particular. O impacto das condições materiais sobre o regime político, vê-se assim claramente exposta.

Em segundo lugar, continuando com o exposto por Tarcus, distintamente dos países centrais, as classes populares na Argentina estavam em um processo de formação no momento do pacto, por isso não podemos falar de um pacto realizado entre classes pré-constituídas, quer dizer, cuja existência antecede a do pacto como é o caso dos pactos sociais impulsionados pela social democracia européia (Cf. Tarcus: 1992)

A formação definitiva da classe operária como classe, através de seus instrumentos políticos, sindicatos e partidos, no caso argentino, leva a estampagem da intervenção estatal. Se no pacto keynesiano a classe operária termina subordinando-se ao capital, pela dinâmica própria da luta de classes e o efeito contraditório das conquistas operárias no marco dos capitalismos desenvolvidos, no pacto populista, já arranca subordinada. Isto não significa que o pacto não tenha sido impulsionado por importantes luta, que implicaram certo desenvolvimento das organizações políticas e sindicais autônomas da classe operária, mas esta não conseguiu impor as mesmas condições que nos capitalismos centrais em matéria de extensão e de características do modelo benfeitor. Por outra parte, a existência mesma do pacto populista se traduziu em uma importante expansão da estrutura estatal, que foi a que entrou em crise, como foi mencionado, em meados dos anos setenta.

Como observaremos no capítulo 6, este é um período paradoxal para os socialistas. Iniciam o período estando divididos em dois grupos, o PS (Casa do Povo),

⁸⁹ Muitas discussões teóricas se deram sobre o Estado e sobre as relações entre classes e frações de classes com os Estados em diferentes formações econômico-sociais capitalistas, entretanto, o Estado, para obter a reprodução da sociedade, deve garantir os interesses comuns da burguesia como classe em geral não os interesses dos burgueses particulares. Esta última, repito, é uma especificidade das formações econômico-sociais periféricas.

quer dizer o PS tradicional e o PS Independente (PSInd.). A leitura política dos socialistas a respeito dos militares e da institucionalidade democrática terá consequências para o futuro. O socialismo crescerá durante a década de 30 e o PSInd., cumprirá um papel destacado durante o fraudulento governo conservador da Concordância. Este período será o do surgimento do peronismo e o das dificuldades dos socialistas para visualizar um fenômeno novo e diferente que envolveu uma parte potencial e real da base social socialista. Surge também o Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN) amparado pelo Estado populista a fins da segunda presidência de Perón.

Começa um processo que possibilita certas reformulações teóricas gerais e discussões no PS sobre o papel do Estado na economia e a necessidade do planejamento democrático em coerência com as idéias “socialistas democráticas”.

c. Gênese e desenvolvimento da crise da industrialização por substituição de importações (1953-1976)

A crise econômica de 1951-1952 cristaliza no plano político na derrocada do Gral. Juan Domingo Perón em 1955. Depois desta derrocada, como mencionássemos mais acima, a ausência de uma hegemonia clara no país impedia de armar um projeto de longo prazo como nação.

O modelo de industrialização por substituição de importações começou lentamente a entrar em crise com o que se constata uma inadequação do modo de regulação ante as mudanças na estrutura econômica da formação econômico-social argentina e o comércio internacional, o que trará como consequência no plano econômico o bloqueio do regime de acumulação.

Partindo de uma economia cujo setor industrial tinha ficado durante mais de uma década relativamente fechado ao comércio, às finanças e aos investimentos internacionais, com fortes amparos alfandegários, passa-se desde meados da década de 50 a uma economia mais aberta que facilita, embora com certas restrições, o ingresso de investimentos extraíra e a implantação das empresas transnacionais (ETNs). A prioridade tiveram aquelas ETNs que estavam dedicadas à produção de bens de consumo duráveis como as pertencentes aos ramos metalmeccânicas e de eletrodomésticos, assim como às produtoras de certos insumos intermédios como as indústrias siderúrgicas, as químicas e as petroquímicas. Em menor medida encontramos as dedicadas à fabricação de bens de produção. As ETNs vão desempenhar um papel cada vez mais importante na economia argentina, assumindo um papel decisivo na industrialização por substituição de importações e no papel de exportadoras de bens

“não tradicionais”, devido ao estrangulamento externo pela falta de divisas. Com o peso das ETNs, o mercado assume uma morfologia cada vez mais oligopólica e monopolista segundo os setores, sendo este um tipo de industrialização que aumenta a COC.

Dentro deste mesmo regime de acumulação podemos encontrar três subetapas. Na primeira, que abrange desde 1953 até 1963, encontramos descontinuidades no regime político e desequilíbrios no processo de crescimento, provocados por uma alta taxa de investimento, predominantemente estrangeira que em médio prazo fez crescer fortemente as importações e provocou um estrangulamento externo conhecido como processo de *stop and go*. Neffa descreve este processo da seguinte maneira:

“(...) durante vários anos crescia o PBI e com ele o emprego, a produtividade, os salários; isto incrementava a demanda de bens de consumo e de investimento e, por conseguinte as importações, mas dada a rigidez da oferta, esse mesmo dinamismo provocava a curto prazo a diminuição dos saldos agro-exportáveis, uma escassez de divisas e a adoção de medidas reguladoras, consistentes em desvalorizações que freavam as importações, mas que desencadeavam a inflação e o desemprego. Ao redistribuir os ganhos em detrimento dos assalariados se provocava uma queda da demanda e a recessão, o aumento dos investimentos se dava junto com o aumento dos saldos exportáveis, e por essa via se chegava a um novo ponto de equilíbrio.” (Cf. Neffa 1998:252)

Na segunda subetapa que vai desde 1964 a 1972 visualizamos como características baixas taxas de inflação, um crescimento mais estável e sustentado da economia estimulado pelo incremento do comércio mundial e o desenvolvimento de exportações não tradicionais que não provocam grandes desequilíbrios entre a produção e a demanda. Cresceu a produção e o emprego sem desajustes entre a evolução da produtividade e os salários reais. Entretanto, em 1972, produziu-se uma crise na balança de pagamentos, o que impulsionou uma política de desvalorização com conseqüências inflacionárias. O governo simultaneamente bloqueava os incrementos salariais para controlar a inflação e de uma vez que reduzia a demanda interna de bens/salários e como uma forma de aumentar os saldos exportáveis. Estas medidas somadas ao fechamento do sistema político em geral e a proscrição do peronismo em particular no marco de um processo de radicalização política crescente que vivia o país, à luz das mudanças impulsionadas pela revolução cubana e o surgimento de “novas esquerdas”, o que gerava uma forte conflitividade social.

A terceira subetapa (1973-1976) coincide com o terceiro governo peronista e encontramos uma sucessão de crises econômicas e políticas. Em meados de 1974 o

Mercado Comum Europeu fecha seus mercados às importações de carnes argentinas o que produz um desequilíbrio inesperado na balança comercial, caindo o volume das exportações em 11%, paralelamente a uma deterioração dos termos de intercâmbio de 25%, para finalmente produzir um déficit na balança de pagamentos que ronda os 40% das exportações (Cf. Miotti: 1994) Um ano depois nos encontramos frente a uma crise estrutural do regime de acumulação e do modo de regulação, devido a fatores internos mas potencializados pela crise econômica internacional. A restrição externa e o déficit da balança de pagamentos dão-se paralelamente a uma queda nas taxas de produtividade, de ganho e de investimento, o que trouxe como conseqüências o incremento do déficit fiscal e pressões devaluacionistas que desencadeiam um violento processo inflacionário. A taxa de inflação que era de 2,6% anual em 1974, passa a ser de 11,9% no primeiro semestre de 1975 e de 32% no primeiro trimestre de 1976, nos marcos de cada vez mais importantes conflitos sociais (Cf. Neffa 1998: 254)

O governo de Isabel Martínez de Perón realizou uma forte desvalorização da moeda, o que trouxe como conseqüências inflação, desemprego e a queda tanto dos salários reais como da proporção dos salários na distribuição dos ganhos do país. O plano econômico impulsionado pelo Ministro Celestino Rodrigo fez cair a demanda interna com o objetivo de reduzir as importações e deixar maiores saldos exportáveis. Manifestações populares conhecidas como “o Rodrigazo” obrigaram à renúncia do Ministro. Uma das conseqüências políticas deste plano econômico, é que pela primeira vez na história a Confederação Geral do Trabalho (CGT), peronista, realiza uma parada a um governo de seu mesmo signo, no qual as 62 organizações de sindicatos peronistas cumpriam um papel muito importante.

Em síntese, ao longo de todo este período, entre 1953 e 1976, observamos que os ramos com volumes de produção mais importantes som a metalúrgica e a automotriz.

Em um plano mais geral e além do declarado, todos aceitavam de fato uma lógica de intervenção estatal forte, sustentada em um Estado com folgados recursos, as discussões se centravam no sentido e na orientação do acionar estatal, mas não nesta lógica. Podemos excluir um setor das esquerdas marxistas, os quais não eram contrários à mencionada lógica estatal, mas sim “estadolatria” mediante pretendiam substituir uma lógica estatal por outra. A partir da direita, tomando, por exemplo, a administração do abertamente liberal Krieger Vasena⁹⁰ durante a ditadura de Onganía, observamos que

⁹⁰ Para ter uma verdadeira noção da influência da ideologia de uma época, neste caso a do intervencionismo estatal, como posteriormente o serão as idéias neoliberais, é suficiente recordar que a ideologia de Krieger Vasena era explicitamente liberal. Foi Ministro da Economia durante a presidência do Gal. Juan Carlos Onganía, durante o “Cordobazo”, em 29 maio de 1969, entretanto, sua gestão teve também esses rasgos mencionados de caráter nitidamente intervencionista. Para ver mais sobre o “Cordobazo” ver nota 28 P. 28 neste mesmo capítulo. Depois da aplicação sistemática do Terrorismo de Estado durante a última ditadura militar, foi o neoliberalismo, o qual, primeiro a sangue e fogo e

entre outras medidas, estatiza empresas para salvá-las da quebra e tem uma política muito dura no aspecto das retenções ao agro.

Em toda esta etapa o Estado cumpriu um papel fundamental para garantir a reprodução capitalista nos distintos níveis. Por uma parte, provendo a regulação básica da vida em comum, quer dizer, ocupando-se de aspectos básicos como a defesa exterior, a segurança interior, a justiça e a administração. Do mesmo modo, o Estado deveu garantir a produção e a acumulação do capital, o nível de atividade e o nível de emprego, formando o que se deu em chamar um “capitalismo assistido”. Neste plano, o Estado promoveu o desenvolvimento de atividades estratégicas para o crescimento e a competitividade econômicas, por uma suposta ausência de capital privado o suficientemente “amadurecido” para encará-las. As formas da liderança do setor público se verificaram na concentração da produção, na formação de capital em empresas públicas industriais e de serviços e nos subsídios fiscais e financeiros que foram outorgados às empresas privadas com capacidade de pressão.

Na Argentina, o processo político entre 1955 e 1976, esteve caracterizado por uma crise de hegemonia entre os setores dominantes, que expressa o começo da crise e uma lenta agonia do modelo de acumulação apoiado na industrialização por substituição de importações até sua definitiva “superação” pelo modelo neoliberal. No marco da luta política, o enfrentamento cristaliza entre peronistas e antiperonistas.

O peronismo, de um plano sociológico, é uma aliança de classes integrada por uma fração da burguesia nacional, beneficiada durante a segunda guerra mundial pelo processo de substituição de importações; setores nacionalistas das Forças Armadas identificados ideologicamente com o campo das forças do Eixo; setores civis nacionalistas pré-existentes, alguns dos quais tinham atuado como “guardas brancos” durante a insurreição operária da “semana trágica” de janeiro de 1919⁹¹ e a ampla maioria do proletariado. As hegemonias nesta heterogênea aliança de classes a têm os setores burgueses e nacionalistas. No terreno político significa a incorporação do proletariado à vida política argentina, sua cidadanização, através do que denominei o “pacto populista”, quer dizer, sem independência de classe, sem autonomia nem da

posteriormente sob uma legitimação democrática, que se transformou na ideologia da época.

⁹¹ A “Semana Trágica” foi uma insurreição operária realizada entre os dias 7 e 17 de janeiro de 1919, em um contexto de grandes greves frente ao governo do primeiro presidente radical Hipólito Yrigoyen no plano nacional e a primeira grande guerra mundial, a época do imperialismo e do triunfo da Revolução Russa no plano internacional. Sua derrota, a sangue e fogo, constitui segundo Edgardo Bilsky, o fechamento do período insurrecional do proletariado argentino (Cf. Bilsky 1984: 153) Embora compartilhe esta afirmação em termos gerais, referindo-se a uma forma de fazer política e de luta sindical, simplesmente a matizaria reformulando-a desta forma, é o fechamento do período em que a luta insurrecional era a forma dominante da luta política e sindical, desta forma fica claro que a insurreição deixa de ser a forma principal de luta, mas não é excluída para sempre e em toda circunstância a possibilidade, a mais das vezes, menos provável de uma insurreição.

burguesia, nem do Estado.

O antiperonismo, por sua vez, também é uma heterogênea aliança de frações de classes que inclui setores burgueses liberais “ilustrados”, dependentes primeiro do intercâmbio com a Inglaterra e depois com os Estados Unidos; a pequena burguesia, quer dizer, as “classes médias” tradicionalmente vinculadas ao radicalismo argentino e à democracia progressista na província da Santa Fé, os setores sociais identificados politicamente com os socialistas e os comunistas. As grandes maiorias das frações burguesas se encontram neste campo social, o embaixador dos Estados Unidos e uma parte dos setores conservadores, entretanto, as frações da burguesia são também os grupos sociais hegemônicos neste campo.

A derrocada do peronismo e sua proscrição política, realizado pela autodenominada Revolução Libertadora (1955-1958), abriu um processo social que conduziu a uma radicalização de importantes setores da sociedade civil, os quais no médio prazo, expor tanto dos setores peronistas como da esquerda marxista antiperonista a necessidade de uma ruptura com o capitalismo, trocando de algum jeito a forma do enfrentamento.

Originalmente, as esquerdas de matriz marxista formam parte do bloco antiperonista através do Partido Socialista (PS) e do Partido Comunista Argentino (PCA), que integrou a União Democrática (UD), a aliança política do antiperonismo integrada também pelos radicais e democratas-progresistas, a qual se enfrentou eleitoralmente ao peronismo sem êxito, com o impulso de Braden, o embaixador americano na Argentina⁹².

A leitura simplista que realizam sobre o peronismo tanto os socialistas como os comunistas, como veremos mais adiante, era defini-lo como a versão vernácula do fascismo, tomando um rasgo particular do peronismo, seu autoritarismo político e seu rechaço às mais mínimas liberdades democráticas, realizavam uma generalização, deixando de lado a análise de sua composição social e sua dinâmica política. Isto lhes impediu de entender um fenômeno político complexo, como foram os regimes políticos nacional-populares, bonapartistas e conduziu a essas correntes políticas a desvincular-se da classe operária, majoritariamente peronista não só por ser opositores a este mas também e principalmente, por aliar-se aos inimigos históricos da classe operária

⁹² Alguns trabalhos sobre o PS como, por exemplo, o elaborado por Oscar Serrat tenta minimizar as decisões políticas desse partido, afirmando que distintamente do que muitos sustentam os conservadores não formaram parte da União Democrática (UD). Esse é um argumento real, mas secundário, porque o peronismo é uma forma de autoritarismo diferente que o fascismo e a maioria dos conservadores de dentro e desde fora, apoiaram indubitavelmente a UD. Entretanto, o partido democrata nacional ou os partidos conservadores não foram aceitos organicamente na UD (Cf. Serrat: http://www.jsd.org.ar/el_partido_socialista.htm.) O anterior não exclui a presença de conservadores no campo peronista, que também os havia.

argentina para combater o populismo confundido com fascismo.

No comunismo sua participação na União Democrática (UD) está influenciada além pelo fato de caracterizar a esta etapa como a da necessidade de realizar frentes populares contra o fascismo e entender que o caráter da revolução na Argentina devia ter um caráter democrático-burguês de acordo com a resolução do VI Congresso da III Internacional de 1928, que expôs ao começo do primeiro capítulo. Para os comunistas argentinos a tarefa da hora era bater ao nazista-peronismo.

É uma diferença muito importante a que existe entre o fascismo e o populismo. O fascismo como categoria histórica é a revolta das classes médias organizadas pelo grande capital para destruir ao proletariado, enquanto que o populismo, no caso argentino, é uma aliança de frações de classes que inclui embora de maneira subordinada ao proletariado, torna-o cidadão, mas o controla, busca destruir sua potencialidade revolucionária, mas o integra ao Estado. São modelos políticos diferentes, independentemente de certas concepções corporativistas em Perón, seu apoio aberto a Franco junto com Evita durante a guerra civil espanhola e sua admiração desde jovem por Mussolini, já que isto remete a concepções ideológicas definidas como seu anticomunismo, mas não à forma específica que tomo o peronismo para evitar seu triunfo.

No socialismo argentino a concepção sobre o peronismo é centralmente sobre as possibilidades políticas de relacionar-se com a classe operária majoritariamente peronista, produzirá em médio prazo uma ruptura substantiva, a de 1958 entre o Partido Socialista Argentino (PSArg.) e o Partido Socialista Democrático (PSD), a qual continua, de uma ou outra forma, até nossos dias.

Se considerarmos os partidos das esquerdas marxistas em seu conjunto, o grupo conseqüentemente mais favorável ao peronismo foi a “esquerda nacional” dirigida por Jorge Abelardo Ramos, do Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN)⁹³. Embora Ramos, um ex-anarquista, nesse momento trotskista nacional, tinha estado em contra do peronismo em um começo, rapidamente troca de estratégia, expondo que a esquerda nacional devia partir ao lado do peronismo, para quando a classe operária quisesse tomar a direção dessa frente de classes e alterar a hegemonia no interior do mesmo, esta pudesse fortalecer-se se aliando ao partido que estava mais próximo a ela para a esquerda. Nas próprias palavras do documento em que realizam um balanço da trajetória da esquerda nacional para incorporar-se às filas do peronismo, já sob hegemonia do peronismo menemista, o próprio Movimento Patriótico de Liberação (MPL), continuidade histórica das organizações políticas da esquerda nacional

⁹³ O PSRN foi o Partido Socialista oficial sob o regime peronista, já que foi o único partido socialista reconhecido pelo Estado durante o final da segunda presidência do Perón.

argentina: PSRN, proscrito durante a Revolução Libertadora, o Partido Socialista da Esquerda Nacional (PSIN) construído sob a proscrição do peronismo, que por sua vez constitui o Frente de Esquerda Popular (FIP) como uma ferramenta eleitoral para intervir na abertura política de 1973, em 1994, afirma:

“Durante o meio século ‘cavalgamos ao lado’ do peronismo, nas boas e nas más, mais nas más. Ensinamos a meia Argentina que era o peronismo, mas ficamos fora. A tese mais ou menos explícita, era a seguinte: em algum momento, a classe operária reclamaria mais poder no frente de classes, cuja ala socialista externa fomos nós, iluminado-los. Sobreviria um reacomodação de tais forças. aprofundar-se-ia o leito da revolução iniciada em 1945. Os setores políticos burgueses do peronismo, no combate interno da Frente de classes, seriam deslocados e se avançaria para um governo operário e popular. Essa seria ‘nossa hora’, em um impreciso futuro. Enquanto isso, nosso dever era apoiar Perón, que era a encarnação histórica das massas populares e ao movimento justicialista, que era o leito que os acontecimentos tinham cavado para que corresse o imenso caudal.” (Cf. Documento *Dissolução do MPL e incorporação de suas forças ao movimento justicialista*: 1994)

Por outro lado, Hugo Brezano, mais conhecido como Nahuel Moreno, nesse momento principal dirigente de palavra Operária (PALOB), depois que este grupo caracterizou a partir de uma análise simplista o Gral. Juan Domingo Perón virtualmente como um “agente inglês”⁹⁴ se deu, durante um tempo, uma política de entrismo no peronismo, que também foi um fracasso. Neste período, o trotskista Nahuel Moreno e seus partidários entram no partido socialista nacional o *Partido Socialista da Revolução Nacional* (PSRN), e publicam seu periódico, *Palavra Operária* que levava o seguinte subtítulo: “sob a disciplina do general Perón e do Conselho superior peronista”.

A participação de Ramos no PSRN tem uma função estratégica, enquanto que para Moreno, constitui uma opção tática.

A sua vez, ao interior do PSAV se produzem um conjunto de intensos debates sobre o peronismo. Os grupos que posteriormente aderirão ao maoísmo como o Partido de Vanguarda Comunista (VC) de origem socialista e o Partido Comunista Revolucionário (PCR) de origem comunista realizarão uma avaliação diferente do

⁹⁴ Simplificando brutalmente, um raciocínio por sua vez brutalmente simplista, a leitura de palavra Operária (PALOB) sobre Perón, o grupo trotskista dirigido por Nahuel Moreno, antes de dar uma política de entrismo no peronismo, era que Perón era um agente inglês. O raciocínio era o seguinte: se Perón era burguês e a burguesia norte-americana estava contra ele, no marco de uma luta interburguesa, só lhe caberia, a Perón, a possibilidade de ser um “agente da burguesia inglesa”.

peronismo que a feita tanto pelo PCA como pelos distintos grupos socialistas. Entretanto, isto os levou em múltiplas ocasiões a cair no engano contrário, quer dizer, a fazer seguidismo do peronismo na política nacional ou nos sindicatos, o que lhes impedia ao final elaborar uma estratégia política autônoma. Durante os anos oitenta, o PCA também realizou uma crítica de suas políticas para o peronismo, mas muitas vezes caindo também no mencionado seguidismo. Como exemplos desta tendência podem mencionar o apoio do PCR a Isabel Perón e o seu Ministro da Ação Social, José López Rega, o criador da tripla A, a quem considerava como parte da burguesia nacional, principalmente frente ao socialimperialismo russo e em menor medida ao imperialismo norte-americano no país, ou alianças com setores da burocracia peronista em numerosos sindicatos ou o integrar as listas da Frente Justicialista de Unidade Popular (FREJUPO)⁹⁵, aliança política que levou Carlos Saúl Menem a sua primeira presidência em 1989; também se pode mencionar o chamado a votar do candidato presidencial do peronismo Ítalo Argentino Luder nas eleições de 1983, por parte do PCA, como pelo maoísta, Partido da Liberação (PL).

No marco da matriz socialista, é o Partido Socialista Popular – Secretaria Estévez Boero (PSP-SEB) que apoiará Isabel e López Rega, assim como o socialismo autêntico, o PSA participou das listas da FREJUPO.

Nesta etapa o processo de radicalização política e social, atravessa os dois campos em que se manifesta o conflito político, tanto o peronista como o antiperonista e expõe uma unidade de fato, por um lado, entre os setores operários peronistas radicalizados, as esquerdas peronistas e os setores operários classistas, os primeiros enfrentados com a condução política do peronismo e os segundos, independentes já do bloco antiperonista, hegemonzados pelas esquerdas classistas de matriz marxista.

A partir do ‘Cordobazo’⁹⁶, o processo de radicalização se manifesta de maneira contundente e inequívoca. A resposta da ditadura, cujo presidente era o Gral. Juan Carlos Onganía, foi ocupar militarmente o território, feito que, entretanto, assinou a sorte de seu governo. O Cordobazo não foi uma revolução social, para alguns foi uma “semi-insurreição”, entretanto, obtém mudanças essenciais no plano institucional como foram fazer irreversível o levantamento da proscrição do peronismo e do Gral. Juan Domingo Perón depois de quase vinte anos, assim como a conquista da democracia em

⁹⁵ Um partido de matriz socialista, o Partido Socialista Autêntico (PSA), continuidade histórica do Partido Socialista Argentino (PSArg.), também formou parte do FREJUPO.

⁹⁶ O “Cordobazo” foi um protesto social organizado na cidade do Córdoba, fundamentalmente pelos sindicatos classistas automotrizistas, que contando com o respaldo da Confederação Geral do Trabalho (CGT) local, convocaram a uma bem-sucedida greve que em 29 de maio de 1969 parou a cidade. Em uma cidade com uma das mais tradicionais, importantes e maciças universidades públicas do país, a Universidade Nacional do Córdoba (UNC), a greve foi uma forma de expressão da unidade operário-estudantil.

1973.

O Cordobazo foi, a principal ação de massas independente do período e a partir desse momento até 1975, as esquerdas de matriz marxista na Argentina aumentaram sua influência no conjunto da sociedade e constituíram uma força social, visualizada tanto por suas organizações partidárias como pelas organizações políticas e sociais opositoras a estas e pelas classes dominantes como “anticapitalistas”. É importante esclarecer, que quando me refiro à construção de uma “força social anticapitalista”, esta deve ser adequadamente colocada no nível de uma hipótese ou no imaginário dos grupos sociais que vão se enfrentar no período.

Em síntese, este é um período de crise de hegemonia tão econômica como política. O golpe de estado de 24 de março de 1976 deve resolver esta crise de hegemonia, no campo econômico adotando uma política de valorização financeira e no campo político derrotando socialmente às esquerdas, condição para obter o objetivo anterior.

Os socialistas, como desenvolveremos no capítulo 7, neste período sofrem a divisão mais importante da segunda metade do século, consolidam uma corrente partidária da intervenção estatal como meio de obter um planejamento democrático, o PSArg., assim como uma corrente que mantém um liberalismo econômico a “ultranza”, o PSD. É o período que à luz da revolução cubana se produz um processo de radicalização no PSArg., que impulsiona diversas divisões e fragmentações partidárias. Os socialistas realizam contribuições muito importantes à construção da denominada “nova esquerda” e cumpre um papel destacado o Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV). Sobre o fim do período surgem o Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), com hegemonia trotskista morenista, o Partido Socialista Popular (PSP) como um grupo político novo que desde fora deste se incorpora ao tronco socialista e suas cisões e a Confederação Socialista Argentina (CSA).

d. O modelo neoliberal (1976-2001)

O neoliberalismo ou neoconservadorismo não é um fenômeno exclusivo da América Latina, como expõe Perry Anderson. Embora pode tomar-se como ponto de partida o Chile de Augusto Pinochet em 1973 e a política econômica do Ministro da Economia do autodenominado Processo de Reorganização Nacional (PRN) José Alfredo Martínez de Hoz em 1976 na Argentina, vai consolidar-esse em termos “democráticos” com os triunfos de Margaret Thatcher na Inglaterra e de Ronald Reagan nos Estados Unidos nos anos 80. Teve um novo impulso na Europa com a transformação dos partidos socialistas a posições mercadófilas fundamentalmente na

experiência de Felipe González e do PSOE (Partido Operário Socialista Espanhol) nesse país e na Oceania com a reconversão do laborismo australiano ao neoliberalismo. Posteriormente, produz-se a legitimação “democrática” das mencionadas políticas na América Latina e por último, a conversão a essa ideologia e prática política por uma importante parte dos ex-partidos comunistas na Europa do Leste, logo depois da queda do muro do Berlim em 1989 (Cf. Anderson: 2003).

O modelo neoliberal na Argentina chega até nossos dias, entretanto, abrange propriamente do final do governo de Isabel Perón em 1975, mas fundamentalmente do golpe de estado de 24 de março de 1976 até nos dias 19 e 20 de dezembro do 2001 onde culmina sua hegemonia política, não assim econômica, sendo todo este um período aonde o modelo de acumulação está apoiado na valorização financeira. A cristalização do que depois vai ser o modelo neoliberal na Argentina o situo em 1976 durante o Ministério de Economia de José Alfredo Martínez de Hoz. O que obtém Martínez de Hoz, para colocar ali a cristalização real do neoliberalismo na Argentina? Este realiza importantes desregulações, diminui a percentagem do Produto Interno Bruto (PIB) destinado de maneira direta ou indireta aos assalariados e impor como política hegemônica os juros do capital financeiro, sendo esse um ponto virtualmente de “não retorno”, do ponto de vista das elites políticas dominantes no país e para grande parte da sociedade. Logo em dezembro de 2001 esse modelo entrará em uma crise política e social mas como mencionei parágrafos atrás continua sendo hegemônico no plano econômico. Em síntese, a redistribuição regressiva da renda e a perda de milhares de postos de trabalho na indústria, expressam também uma mudança nas relações de forças entre as frações de classes, que nos mostra, uma vez mais, que a classe operária é a principal derrotada ao longo de todo este processo.

Economistas “heterodoxos”, mas também do *establishment* visualizam assim este período:

“(...) produz-se assim a quebra definitiva do modelo de acumulação apoiado na substituição de importações e, conseqüentemente, trocam as modalidades de intervenção estatal. Iniciou-se um processo de concentração econômica em mãos de uns poucos grupos, aprofundando uma tendência a transnacionalização da economia; entretanto, contra a corrente de sua prédica liberal-privatista, o Estado foi em ajuda do capital privado nos casos de quebras de entidades financeiras ou quando sob a presidência de Domingo Felipe Cavallo no Banco Central da República Argentina (BCRA), subsidiou-se os devedores privados ao estatizar sua dívida externa e socializá-la. (Cf. Torre e

Gerchunoff 1988)

Durante toda esta época, embora por um lado, desmantela-se o Estado de compromisso nacional popular e se abre passo a um Estado que subsidia de maneira central os grandes grupos econômicos, pelo outro, segue-se ainda contando com uma margem de folga fiscal, mas já não por causa da apropriação de renda agrária com valor excedente, mas sim pela tomada de créditos no exterior (Cf. Torre e Gerchunoff 1988) No caso argentino, as instituições estatais chegam a ser virtualmente colonizadas, dando lugar a um capitalismo assistido e parasitário⁹⁷.

No caso argentino Carlos Saúl Menem, expressará, então, o aprofundamento, de nenhuma forma a fundação do modelo neoliberal, na Argentina. É expressão precisamente do processo iniciado por José Alfredo Martínez de Foices em 1976 e contínuo pelo alfonsinismo, sob uma difusa forma heterodoxa e tecnocrática, com a breve exceção dos primeiros meses desse governo com Jorge Grispuñ à frente do Ministério de Economia. A decisão política de Alfonsín de substituir Grispuñ por um tecnocrata heterodoxo como Juan Vital Sourrouille, implicou a decisão política da busca de uma nova legitimação do neoliberalismo.

A última ditadura militar resolve, ao menos por vinte e cinco anos, a crise de hegemonia no interior do bloco de classes dominantes que caracterizou a Argentina da derrocada do Gral. Juan Domingo Perón em 1955 durante vinte anos, até 1976. Os maiores favorecidos com a resolução da crise foram os setores sociais vinculados ao capital financeiro, os quais conseguiram impor a sangue e fogo um modelo econômico, político, social e cultural “neoliberal”, que logo depois de ter tido uma quase absoluta hegemonia no país, a partir do ‘*Argentinazo*’ de dezembro de 2001 é rechaçado pela maioria da população mas que entretanto continua sendo o modelo macroeconômico hegemônico.

É necessário entender, que para impor este modelo, foi necessário, derrotar os projetos das esquerdas e diante dessa nova situação das esquerdas, da Argentina e do mundo, emergiram novos atores sociais na sociedade civil, centralmente o movimento de direitos humanos durante a década de oitenta e o dos desempregados durante a dos noventa, novos atores sociais que obrigaram a problematizar tanto as relações das esquerdas com estes como com a democracia e a refletir reabrindo o debate sobre o ou dos sujeitos da mudança social.

A derrota das esquerdas na Argentina, neste período, foram as que permitiram realizar um conjunto de mudanças no terreno econômico, político e social, que conduziu

⁹⁷ Isto é a objetivação mais perversa do que anos antes Fernando Henrique Cardoso tinha chamado anéis burocráticos, onde uma parte da sociedade civil passa a existir dentro do aparelho do Estado (Cf. Cardoso 1989)

em um processo de fôlego amplo, à adaptação da economia às novas condições do mercado mundial capitalista sob a hegemonia do capital financeiro, à transformação do Estado e à cristalização de uma separação entre o social e o político, coisa que por sua vez gerou consequências com repercussões na atualidade.

A ditadura militar (1976-1983) cumpre, então, com seu objetivo, o de recompor a ordem e a derrota para as esquerdas já é irreversível no curto e no médio prazo. Reafirmo, não há neoliberalismo na Argentina sem a derrota política, militar, social e ideológica das esquerdas marxistas e não marxistas na Argentina.

Aqui estou utilizando com um conjunto de argumentos com relação a este período e ao imediatamente prévio. O triplo A, a Aliança Anticomunista Argentina (AAA), criada pelo Ministro da Ação Social de Isabel Martínez de Perón, José López Rega, “O Bruxo” em 1974, é uma força paramilitar que cumpre o objetivo de ser uma força militar para isolar, ainda durante o período constitucional, fundamentalmente os ativistas classistas e combativos das organizações de esquerda, armadas ou não, de sua base social através de atentados. Durante o autodenominado PRN, sob a presidência do General Jorge Rafael Videla (1976-1980), articulam-se esses grupos paramilitares aos Grupos de Tarefas (GT) que vão formar parte dos aparelhos repressivos do terrorismo de estado⁹⁸. A diferença dos GT com o triplo A, é que os primeiros estavam incorporados como parte do Estado Terrorista, eram os grupos encarregados especificamente do seqüestro das vítimas, os responsáveis pelos desaparecimentos e de levar às pessoas desaparecidas até os Centros Clandestinos de Detenção (CCD)⁹⁹ onde “depositavam”, segundo suas próprias palavras, seus corpos. Outro setor dos aparelhos repressivos do estado se encarregava das torturas imediatas para obter informações e uma vez obtida esta se produziam os “traslados definitivos”, quer dizer, os assassinatos.

Esta complexa rede de terror teve como objetivo político a aniquilação sistemática do que era considerado pelos setores dominantes como uma força social anticapitalista, em outras palavras, que pretendeu dissolver a possibilidade de revolução social e disciplinar à sociedade para poder adaptar a economia às novas condições do mercado mundial capitalista. A dose de terror devia ser mais que proporcional que a vontade de mudança da sociedade. A partir disto se verifica que os encarceramentos dos militantes “populares”, os assassinatos e os desaparecimentos por razões políticas, que

⁹⁸ Os grupos paramilitares, como a tripla A, cumpriram uma função similar a dos *Freikorps* na República de Weimar antes da ascensão do nazismo, os quais em grande medida foram integrados ao Estado nazista e ao Partido Nacional Socialista, depois do triunfo do Hitler. Sobre o papel dos *Freikorps* (Cf. Elías 1997:175)

⁹⁹ Para ter uma dimensão do horror ocorrido, na Argentina foram oficialmente documentados cerca de 340 campos clandestinos de detenção estendidos ao longo e ao largo do país (Cf. CONADEP 1987:54 e 179) Pode-se adicionar que com posterioridade a este relatório elaborado em 1984, foram encontrados vários outros campos de concentração.

começam sob o regime constitucional de Isabel Perón, produzem um salto qualitativo e quantitativo no período 1976-1980 da ditadura militar, alcançando em 1978 seu pico máximo (Cf. Conadep 1987)

O conflito desatado na Argentina assume em primeira instância um caráter político, logo depois da crise internacional do petróleo, e mais precisamente em 1975, quando começam a ranger os alicerces do modelo de acumulação. Claramente existia uma crise econômica e no marco internacional a novidade era a recessão produto do desmoronamento do modelo fordista, entretanto, a disputa aberta no terreno da hegemonia política na Argentina, amplificava-a.

Em relação com as esquerdas, repito, me contrapondo neste tema a outros estudos como, por exemplo, o de Osvaldo Coggiola (2000), tomarei como ponto de partida que foram derrotadas durante a última ditadura militar. A análise de Coggiola pode ser resumida da seguinte maneira: a luta do movimento operário gerou uma derrocada da ditadura, o que constituiu uma situação revolucionária (Cf. Coggiola 2000). Muitos grupos marxistas e populares, inclusive o alfonsinismo, compartilharam com diferentes variantes esta perspectiva. Estas diferenças têm conseqüências no plano da prática, já que distinto som as tarefas políticas do momento de acordo ao balanço que se faça do período. Se a conclusão for que a ditadura foi derrotada pela luta social e não pelo neoconservadorismo inglês na Guerra das Malvinas em junho de 1982, deve-se impulsionar uma prática política tendente a redobrar a ofensiva do movimento; enquanto que, se pelo contrário, conclui-se que o movimento operário e seus aliados foram derrotados, a ação política deve tender a recompor os laços de solidariedade, as articulações sociais rotas, uma tarefa fundamental, para tentar sair da defensiva, mas que certamente é mais lenta e na aparência menos heróica.

Para entender a efetividade da repressão, insisto com isto porque não pode entender o neoliberalismo na Argentina sem este esclarecimento, considero oportuno e necessário formular um terceiro argumento, o qual se contrapõe às leituras alfonsinistas do período sobre a Argentina da ditadura e a leitura da CONADEP, que tiveram como objetivo a recomposição política das forças Armadas genocidas argentinas com o propósito de inserir-as, sem sua prévia democratização no sistema democrático (Cf. CONADEP 1987)

Em termos gerais, queria argumentar que na Argentina da ditadura não desaparecia qualquer, os desaparecidos eram majoritariamente militantes, quadros políticos e sociais das esquerdas marxistas e não marxistas que expressavam uma “relação social”, essa que articulava “o social” e “o político”, essa disrupção, essa desarticulação é a que denota derrota. Pelo contrário, para a CONADEP e o alfonsinismo a vítima tinha sido toda a sociedade:

“(...) Quanto à sociedade, ia arraigando a idéia da desproteção, o escuro temor de que qualquer, por inocente que fosse, pudesse cair naquela infinita caça de bruxas, apoderando-se de uns o medo assustador, e de outros uma tendência consciente ou inconsciente a justificar o horror: ‘por algo será’ se murmurava em voz baixa, como querendo assim propiciar aos terríveis e inescrutáveis deuses, olhando como emprestados aos filhos ou pais dos desaparecidos. Sentimentos, entretanto vacilantes, porque se sabia de tantos que tinham sido tragados por aquele abismo sem fundo sem ser culpado de nada, porque a luta contra ‘os subversivos’ (...) converteu-se em uma repressão demencialmente generalizada (...) No delírio semântico, encabeçados por qualificativos como ‘marxismo-leninismo,’ ‘apátridas’, ‘materialistas’ e ‘ateus’, inimigos dos valores ocidentais e cristãos’ (...) [desapareciam] adolescentes sensíveis que foram a vilas de emergência para ajudar a seus moradores. Todos caíam na jogada a rede: dirigentes sindicais (...) moços que tinham sido membros de um centro estudantil, jornalistas que não eram adeptos à ditadura, psicólogos e sociólogos, jovens pacifistas, monjas e sacerdotes (...) E amigos de qualquer deles, e amigos desses amigos (...) todos inocentes de terrorismo ou sequer de pertencer aos quadros combatentes da guerrilha, porque estes apresentavam batalha ou morriam no enfrentamento, ou se suicidavam antes de entregar-se, e poucos chegavam vivos à mãos dos repressores” (CONADEP 1987:9-10)

Insisto em que não desaparecia qualquer um, essa versão adoçada da realidade evita a responsabilidade política da sociedade civil e oculta deliberadamente seu apoio à ditadura. Estas leituras ao estilo “todos fomos vítimas”, “a sociedade civil é boa” e “os militares são maus pela sua natureza”, clara exposição da teoria dos demônios, coloca aos militares como uns monstros por fora da sociedade não como o braço armado dessa sociedade que os educou, constituiu-os e os apoiou para que aniquilem como exigiu o peronismo em 1975 à guerrilha marxista. Essas leituras despolitizantes negam que na Argentina existiu nos fatos luta de classes, quer dizer uma guerra civil mais ou menos larvada e que os militares e o bloco de classes dominantes triunfaram com o apoio dessa mesma sociedade civil para aqueles que se postulavam como os defensores da pátria, os defensores da sociedade ocidental e cristã frente às forças sociais do ateu marxismo apátrida. Em síntese, através de uma operação política se nega o caráter de classe do conflito o que impede uma reconstrução sobre novas bases da força social aniquilada. A ditadura deu golpes de maneira precisa, atacou os quadros políticos e sociais, buscou-se quebrar as bases sociais que alimentavam a uma força social visualizada como

anticapitalista por ambos os campos do conflito social argentino. Não obstante tudo isto, existiu uma dificuldade para visualizar em um primeiro momento também na esquerda partidária sua situação de debilidade, o que trouxe sérias consequências políticas.

Como argumenta Inés Izaguirre, entendemos por derrota:

“Igualmente a todo processo de enfrentamento, produz-se primeiro uma ruptura de relações sociais, processo que se dá tanto entre indivíduos, grupos ou frações sociais, pelo qual os termos da relação ficam separados, não se reconhecem mais uns aos outros como formando parte de um conjunto. Tecnicamente é o que se conhece como derrota, palavra que etimologicamente significa isso, ruptura, do latim disrupta, ou seja interrupção de certos processos sociais prévios” (Cf. Izaguirre 1992:21)

Neste plano, independentemente de outras conclusões debatíveis, considero de suma relevância o balanço de Luis Mattini, Ex-secretário Geral do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT)¹⁰⁰ depois do assassinato de Mario Roberto Santucho nas mãos da ditadura militar em meados de 1976, quando afirma que a derrota da esquerda em primeiro lugar foi política, depois militar, ficando as esquerdas, adicionaria, restringidas a um escasso prestígio social e a uma virtualmente nula representatividade no plano político (Cf. Mattini 1995)

A ditadura triunfou, cumpriu seus objetivos essenciais, eliminou o que denominava como a “subversão marxista” e com isto qualquer possibilidade de mudança social no imaginário da cidadania no curto e no médio prazo, de uma vez que realizou as mencionadas transformações econômicas neoliberais com um largo alcance.

Todas estas opiniões contrastam com as visões do alfonsinismo, da CONADEP e de uma parte importante da “transitología”, cuja visão politicista os torna incapaz de realizar uma análise totalizadora do período. Como um exemplo vou nomear o conhecido estudo de Linz e Stepan (1999) onde expressam o argumento contrário ao que desenvolvi até aqui:

“(...) o regime militar argentino, entre 1976 e 1983, possa ser visto como uma terrível tentativa e, em última análise, completamente fracassada de usar da força para mudar a economia e a comunidade política argentina e de instaurar um novo jogo” (Linz e Stephan 1999:235).

¹⁰⁰ O Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT), que em seu V Congresso tinha decidido formar um braço armado o Exército Revolucionário do Povo (ERP), foi a guerrilha marxista mais importante da Argentina.

Em plano político, por sua vez, desde 1983 houve estabilidade democrática com alternâncias políticas até dezembro de 2001. Raúl Alfonsín (1983-1989), membro da UCR foi sucedido por Carlos Menem, peronista, eleito pelo período 1989-1995 e reeleito democraticamente para presidir o país entre 1995 e 1999. O integrante do Partido Justicialista (PJ), por sua vez foi substituído por Fernando De la Rúa 1999-2001, membro da UCR que da mesma forma que Alfonsín, tampouco terminou seu mandato. A novidade na Argentina em termos políticos é que todo este conjunto de crise política não trouxe como consequência uma quebra da ordem constitucional, coisa impensável décadas atrás. A continuidade institucional pode explicar-se a partir de que nenhum destes presidentes tentou trocar, nem sequer questionou o modelo econômico neoliberal.

A década do Menem foi à da culminação do processo de transformações começado em 1976. A cristalização da reconversão neoconservadora merece um estudo particular das mudanças na sociedade, assalariado-los e a própria esquerda. No plano internacional coincide com a queda dos coletivismos burocráticos e o fim do mundo bipolar.

Deve ficar claro sem dúvida alguma que o menemismo é uma das variantes do peronismo, como afirma Atilio Boron:

“ (...) Ao falar de menemismo não estamos aderindo à tese que sustenta que o governo de Carlos S. Menem representa uma ruptura com o significado profundo da doutrina e práticas peronistas (...) esta formulação expõe uma distinção – errônea a meu entender – entre o ‘autêntico’ peronismo e o menemismo, a partir do qual se pode postular uma oportuna contradição entre ambos que evita ter que fazer-se cargo dos estragos realizados pelo último em nome do primeiro e que, de passagem, convida a lutar por um retorno do ‘autêntico’ peronismo ao poder (...) o menemismo está muito longe de ser uma traição ao ‘verdadeiro’ peronismo: constitui a culminação involutiva de uma aliança policlassista em que jamais ficou em questão a hegemonia da burguesia (...)” (Borón 1991: 50-51).

No final do capítulo 7, dedicarei aos diversos papéis cumpridos pelos partidos políticos da matriz socialista sob a ditadura militar.

e. A crise do modelo neoliberal (19 e 20 de dezembro de 2001-2004)

Argentina é um país atípico na América Latina, já que tem ou pelo menos teve

uma classe média bastante desenvolvida, essa classe média cumpre a função da denominada ‘nova pequena burguesia’ por Nicos Poulantzas.

É comum a falsa idéia de que existe um progressismo “bem pensante” na classe média portenha, na qual encontramos certamente elementos contraditórios. É essa mesma classe média o setor social que legitimava o desaparecimento de pessoas durante a ditadura militar argumentando que era por algum motivo, que fez seu o tristemente famoso: “por algo terá sido”, a sua vez justificado pela CONADEP e o alfonsinismo e que paralelamente se manifestou para defender os direitos humanos organizando o movimento social argentino mais importante dos anos oitenta. É essa mesma classe média quem fez Menem ganhar a reeleição na Capital Federal, pela estabilidade econômica e a possibilidade de consumo em cotas, mas que a sua vez grite em cada parte em defesa da educação pública o gorila “eu não votei nele”, jogando a culpa na pobreza da responsabilidade política de ter votado em Menem. Uma cidade com um imaginário tão bem pensante e progressista, que é a terra da representação política da direita contra Kirshner, Mauricio Macri, um personagem abertamente favorável ao grande capital e das empresas parasitárias que vivem dos contratos do Estado e que no ano 2005 deu o triunfo na Capital sobre um já “direitizado” candidato Kirschnerista. É a mesma classe média que em aliança com os piqueteiros derrubou De la Rúa e Cavallo sob a defesa incondicional do programa menemista, o plano de convertibilidade de Menem (1 peso=1dólar) exclamando com seus *cacerolazos* que a Argentina não era a ex-URSS para que lhes confiscassem suas economias, mas que por sua vez se manifestou maciçamente contra o estado de sítio e a repressão de De la Rúa às Madres de la Plaza de Mayo, coisa que nem Videla tinha feito abertamente.

A reivindicação da maioria dos poupadores era precisamente uma reivindicação menemista, que reconheçam um peso por um dólar, a continuidade da convertibilidade. Esta mesma classe média que foi a base do partido da desvalorização, Duhalde e Kirshner, já que os principais beneficiários dessa política foram mais uma vez o sistema financeiro, prejudicando a essas mesmas classes médias que tinham colaborado em múltiplas ocasiões para defender esse modelo de valorização financeira, mas que esta vez se viam “extorquidas”. Paralelamente foram quem alimentaram importantes experiências nas Assembléias de Bairro e formas locais de democracia direta até seu esvaziamento.

Para determinar estruturalmente a esta ‘nova pequena burguesia’, quer dizer, aos empregados de escritório, aos técnicos, aos funcionários, entre outros, Nicos Poulantzas examina os critérios econômicos, políticos e ideológicos que a diferenciam a esta da classe operária.

O critério econômico é a distinção entre trabalho produtivo e trabalho

improdutivo. O trabalho produtivo, no modo de produção capitalista é o que produz mais-valor reproduzindo imediatamente os elementos materiais que servem como substrato da relação de exploração, está imediatamente comprometido na produção material produzindo valores de uso que aumentam a riqueza material.

O critério político está apoiado na diferenciação entre posições de supervisão ou ausência de posições de supervisão. A atividade de supervisão representa a dominação política do capital sobre a classe operária. Para tentar resolver uma situação na qual no nível econômico o trabalho supervisorio na produção de mercadorias é explorado da mesma forma que o trabalho manual, mas que no nível político participa da dominação política da classe operária, Poulantzas, distingue analiticamente entre *divisão social do trabalho* e *divisão técnica do trabalho*.

O critério ideológico, por sua vez, é a divisão entre *trabalho mental e trabalho manual*. O argumento para afirmar que a nova pequena burguesia pertence à mesma classe que a pequena burguesia tradicional é que ambas encerram a mesma relação ideológica em relação com a luta de classes entre o proletariado e a burguesia. Os elementos centrais dessa ideologia em comum são o reformismo, o individualismo e o fetichismo do poder (Cf. Poulantzas 1990).

Entretanto, sem dúvida as jornadas de 19 e 20 de dezembro de 2001, implicam uma ruptura com o período anterior do ponto de vista da consciência de milhares e milhares de argentinos. A ilegitimidade das políticas neoliberais na Argentina é um fato depois do ‘Argentinazo’. Isto não significa que tenha mudado o modelo de acumulação, embora esteja em uma crise, mas sim no caso argentino, no marco de uma crise capitalista mundial, as políticas de valorização financeira só podem ser aplicadas com suma dificuldade e a partir de uma verborragia ao menos antineoliberal do regime político, como o foram primeiro Eduardo Duhalde e depois Nestor Kirchner.

O ‘Argentinazo’, sinteticamente, foi uma manifestação de composição social heterogênea e com um forte espontaneísmo que expulsou do governo o Ministro da Economia Domingo Felipe Cavallo e até o próprio presidente De la Rúa, abrindo uma crise política sem precedentes no país. O heterogêneo leque do protesto social integrava os mencionados setores médios cujas economias tinham sido expropriados em benefício do sistema bancário e financeiro; setores inorgânicos, extremamente marginalizados que saquearam supermercados, muitas vezes instigados pelos “ponteiros”¹⁰¹ do peronismo e a convocatória permanente da esquerda orgânica, contando em muita menor medida com a presença de piqueteiros e de sindicatos.

¹⁰¹ Os “punteros” (*punteros*) são o que no Brasil se conhecem como os “cabos eleitorais”. No caso argentino formam fundamentalmente parte da estrutura política clientelista do peronismo, em alguns casos beiram o mafioso, que apoiaram Menem, depois Duhalde e sem nenhum tipo de princípio e sem mudar suas práticas sociais, apóiam agora Kirchner.

Vou me apropriar e aprofundar a idéia com a que a Central dos Trabalhadores Argentinos (CTA) trabalhou nos documentos preparatórios de seu Congresso Nacional realizado na cidade de Mar del Prata em dezembro de 2002, quando discutia lançar-se à ação política, depois do fracasso de sua política de apoio ao “centro esquerda neoliberal”¹⁰² na Argentina, quando expõe que 2001 significa o fim da Argentina da ditadura.

As crises e os conflitos da sociedade Argentina ‘pós-argentinazo’ são diferentes aos do período neoliberal e podem ser analisados tendo em conta três dimensões que interagem simultaneamente, ou seja:

a) as relações conflitivas entre o modelo capitalista argentino, apoiado na acumulação financeira e o capitalismo global;

b) as divisões internas do bloco de classes dominantes, quer dizer, uma feroz luta intercapitalista e

c) um alto grau de conflitos sociais e de mobilizações populares que transbordaram às estruturas políticas tradicionais, gerando uma crise de governabilidade e questionando a um conjunto heterogêneo de instituições sustentaram e sustentam o modelo neoliberal.

Depois do ‘Argentinazo’ nada é o mesmo na Argentina, no caso das esquerdas marxistas ampliaram sua participação social e política real tanto na organização dos parados no movimento dos desempregados, conhecidos como piqueteiros, na recuperação das empresas e fontes de trabalho e colocadas em funcionamento em alguns casos sob o controle operário, no terreno sindical onde listas classistas recuperaram corpos de delegados e até sindicatos logo depois de décadas de controle social do sindicalismo peronista sobre os trabalhadores. Nada é o mesmo na consciência de uma grande parte da sociedade argentina desde esses acontecimentos, entretanto, a continuidade da ditadura se expressa na incapacidade ou impossibilidade das esquerdas de transladar ao plano político sua maior inserção social e a subestimada por certa esquerda capacidade de recomposição política do regime e do peronismo iniciada com Eduardo Duhalde e culminada, com sucesso por Néstor Kirchner.

A crise Argentina teve um caráter integral (político, econômico, social e cultural), portanto, como a estratégia de resposta não conseguiu ser integral, nesse momento de crise de hegemonia, a fragmentação das lutas dos setores sociais alternativos¹⁰³ permitiu uma recomposição da hegemonia dominante.

¹⁰² Entendo por “centro-esquerda neoliberal” a Frente Grande (FG) dirigida por Carlos “Chacho” Álvarez, a Frente País Solidário (FREPASO) e a Aliança (A). Recordemos que foi este político quem pressionou De La Rúa para que colocasse Cavallo como Ministro da Economia.

¹⁰³ Diferencio alternativa de alternância. Considero como alternativos a aqueles setores sociais, grupos e partidos que pretenderam construir um modelo diferente ao modelo neoliberal e não só uma alternância, a qual entendo como uma mudança dentro do modelo que tem como objetivo reconstituir a hegemonia do

A Argentina atravessou uma crise orgânica, uma crise de hegemonia posto que, por um lado as classes dominantes tiveram sérias dificuldades para fazer avançar a sociedade com o desenvolvimento de suas forças produtivas e, por outro lado porque se viveu uma ruptura entre a estrutura e as superestruturas no interior do bloco histórico. Em relação a isto, Gramsci afirma:

"Se a classe dominante tiver perdido o consentimento, ou seja, já não é 'dirigente', mas sim só 'dominante', detentora da mera força coativa, isso significa que as grandes massas se desprenderam das ideologias tradicionais, não acreditam já naquilo no que antes acreditavam, etc. A crise consiste precisamente em que morre o velho sem que possa nascer o novo, e nesse interregno ocorrem os mais diversos fenômenos mórbidos" (Gramsci 1986d:313)

As contradições no bloco histórico se convertem em crises orgânicas e sobre estas podem atuar as classes subordinadas para produzir transformações favoráveis a seus interesses. De maneira esquemática toda crise de hegemonia pode resolver tanto de uma recomposição da hegemonia do bloco dominante sob novas bases, quanto pelo surgimento de um novo movimento político e social que se constitua como articulador de uma nova vontade coletiva. No caso Argentino ocorreu o primeiro.

Sem dúvida, não toda crise é uma crise orgânica e não toda crise orgânica desemboca em uma mudança revolucionária. A capacidade dos atores de identificar esta diferença é central em termos políticos e o engano de identificação, pode conduzir sérias consequências na elaboração de uma estratégia política.

Diante da crise orgânica Argentina, os setores do *establisment* ofereceram duas respostas que defendem uma interpretação parcial da crise de 2001.

Uma destas respostas foi formulada pelos partidos tradicionais argentinos que constituem a coalizão política que apoiou ao presidente Eduardo Duhalde (o Partido Justicialista (PJ); a União Cívica Radical (UCR); uma parte da Frente País Solidário (FREPASO) e os partidos provinciais, de caráter conservador. Esta coalizão teve seu fundamento econômico no denominado Grupo Produtivo (GP)¹⁰⁴, integrado pela Sociedade Rural Argentina (SRA), pela União Industrial Argentina (UIA) e pela Confederação Geral do Trabalho (CGT). A resposta que ofereceram se limitava ao plano econômico: defesa do nacional, da produção, do trabalho e rechaço da aliança existente desde 1976, entre o Estado e o setor financeiro. Sem dúvida como bem

bloco de classes dominantes.

¹⁰⁴ São grupos locais e estrangeiros integrantes de uma cúpula empresarial que possui uma forte inserção entre os exportadores e um forte controle sobre a produção no país (Cf. Lozano 2002).

afirmou a CTA:

“(...) são uma parte do bloco dominante que foi e é tributário da valorização financeira promovida pelo neoliberalismo no quarto último de século, e que em tudo caso na última etapa dos noventa perdeu parte de sua influência. São claramente integrantes do bloco dominante e do sistema político tradicional” (CTA: 2002)

Estes setores sociais foram os partidários da estratégia de desvalorização cambial e se mostraram incapazes de gerar uma alternativa que possa, ao menos, dar início à derrocada da catastrófica situação social argentina. Menosprezaram os aspectos institucionais da crise em favor de aspectos essencialmente econômicos, limitando-se a criticar o neoliberalismo econômico com o objetivo de “salvar” o conjunto das instituições que legitimaram esse mesmo modelo, fundamentalmente, os partidos tradicionais e suas práticas clientelistas.

Uma segunda resposta foi formulada pelos Organismos Internacionais, os bancos estrangeiros e as empresas que foram privatizadas. Este grupo argumentou que a crise é produto da corrupção do sistema político. O problema, portanto, não seria de ordem econômica, mas sim é que devido à existência de uma distorção gerada por um sistema institucional corrupto. Ricardo López Murphy, do Movimento Federal (MF) para Recriar o Crescimento (MOFERECREAR) aliança entre Recriar o Crescimento (RECREAR) e o Movimento Federal¹⁰⁵ e Mauricio Macri de Compromisso para a Mudança (CpC), ambos os líderes da aliança eleitoral Proposta Republicana (PRO)¹⁰⁶, poderiam ser colocado como a expressão política deste bloco.

Este pensamento reflete uma estratégia de maior liberalização, cujo objetivo é mercantilizar plenamente a educação e a saúde pública, eliminar os bancos estatais e realizar uma reforma política profundamente antidemocrática, uma “reforma política” que imponha maiores restrições à representação e alterar o mapa institucional do país mediante um reordenamento das províncias, abandonando a sua sorte a aquelas economicamente não rentáveis.

Está claro que estes dois enfoques, supostamente contrários, têm em comum o

¹⁰⁵ O Movimento Federal (MF) é uma confederação de partidos provinciais, o Partido Renovador de Salta (PR), o Partido Demócrata Progressista (PDP), o Partido Demócrata de Mendoza (PD), o Partido Federal (PF), Partido Liberal de Corrientes (PL), Partido Demócrata da Cidade de Buenos Aires (PD), Partido Demócrata Liberal de Córdoba (PDL), Movimento Popular Catamarqueño (MPC), União Provincial de Entre Rios (UP), Partido da Esperança da Província de Buenos Aires (P), Cidadãos Independentes de Tucumán (CIT), Norte Federal de Jujuy (NF). O Movimento Federal para Recriar o Crescimento constituiu a fórmula presidencial Ricardo López Murphy – Ricardo Gómez Díez para a eleição presidencial do ano 2003.

¹⁰⁶ PRO é a aliança eleitoral para as eleições legislativas do ano 2005 entre o MOFERECREAR e CpC.

fato de oferecer respostas parciais a uma crise integral, uma proposta tenta salvar o sistema político tradicional em nome da crise econômica real¹⁰⁷; a outra, por sua vez, tenta salvar ao poder econômico em nome de uma crise real do sistema político tradicional.

Em matéria econômica, entra em colapso uma economia apoiada na acumulação financeira e na transferência de recursos ao exterior por diferentes mecanismos realizou-se uma abertura irrestrita da economia que funcionou apoiada em dois pilares: o endividamento externo e no papel do setor público como promotor do processo, o que destruiu uma grande parte do aparelho produtivo e trouxe como consequência um aumento essencial das taxas de desemprego no país.

O colapso se produz porque a reestruturação do capitalismo engendrou a diminuição de recursos para os países “emergentes” enquanto que paralelamente, o endividamento da economia argentina impediu que o Estado pudesse tomar novos créditos.

Do ponto de vista social, a crise adquire dimensões enormes. De acordo com o estudo realizado por Claudio Lozano (2002) o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* atual da Argentina era 23% inferior ao PIB verificado em 1975. Como podemos observar no quadro seguinte, mais da metade da população se encontra debaixo da linha de pobreza.

Quadro 4. Pobreza e Indigência na Argentina - Junho de 2002.

Classificação	Quantidade de Habitantes	Percentagens
População abaixo da linha de pobreza	18.219.000	51,4%
População em situação de indigência	7.777.000	21,9%
Menores de 18 anos abaixo da linha de pobreza	8.319.000	66,6%

Fonte: Claudio Lozano (2002) Catástrofe Social na Argentina. A situação em junho de 2002. (Instituto de Estudos e Formação da CTA)

Esta situação social pode ser sintetizada da seguinte maneira: altos índices de desemprego permanente, deterioração das condições de trabalho, exclusão social e queda social das camadas médias. Este quadro dificulta seriamente a possibilidade de realizarem novos ajustes com consenso e gera, no plano político, em casos de conflitividade social uma institucionalização mais autoritária do regime. Exemplo disto foi a execução por parte da Polícia do governo de Eduardo Duhalde de dois desocupados, militantes piqueteiros da Corrente de Trabalhadores Desocupados Aníbal

¹⁰⁷ O fracasso desta estratégia é observado no fato de que o Ministério da Produção - criado por Duhalde e cujo titular foi o presidente da União Industrial Argentina (UIA)- vegetou sem pena nem glória.

Verón (CTD-AV), Darío Santillán e Maximiliano Koseki, que o obrigaram a convocar as eleições, ao final ganha por seu candidato Néstor Kirchner, depois de uma escandalosa fraude na interna peronista para que não ganhe o candidato mais desejado pelo peronismo para o país, Carlos Menem¹⁰⁸.

Assim como afirmamos que Kirshner é produto do ‘Argentinazo’, também o é dos assassinatos do duhaldismo para frear o protesto social e da fraude no interior do PJ.

Da mesma maneira que a estratégia Kirchnerista por um lado se afirma como garantista, ao dizer que não pretende criminalizar o protesto social e por outro tenta dividir aos piqueteiros brandos, favoráveis às políticas do governo, dos piqueteiros duros, os opositores ao governo, reprimindo ou impedindo marchas para a casa de governo por parte destes.

A crise de representação e de governabilidade se expressou no fortalecimento de uma sociedade civil que teve suas relações de forças anteriores modificadas na sociedade e manteve as relações de força nas demais instituições políticas, como o Parlamento. Como consequência da continuidade institucional no plano político, a luta pela renovação e transformação integral das instituições provocaram temporariamente uma ruptura das relações entre os representantes e os representados, proliferando assembléias e novas práticas sociais as quais esvaziadas de dinâmica social terminaram burocratizando-se ou dissolvendo-se, paralelamente à recomposição política do regime.

Nas mobilizações do período se deu uma unidade política prática entre os “piqueteiros”, desempregados organizados, os “poupadores”, setores das classes médias e altas que tiveram suas economias confiscadas e os saqueadores de supermercados, já seja organizados pelas máfias dos aparelhos peronistas, como espontaneamente, evento que não ocorreria antes de dezembro de 2001¹⁰⁹.

No plano cultural, a ideologia neoliberal permeou o conjunto da sociedade argentina, inserindo-se com apoio dos meios maciços de comunicação e com a ‘adaptação/integração’ de grande parte da intelectualidade que, em décadas anteriores, cumpriu um papel crítico em e da sociedade. O neoliberalismo se impôs, primeiro, mediante o terrorismo de estado surgido durante a ditadura militar para posteriormente, sob o regime democrático, naturalizar os processos sociais anteriores. Desta forma, as ideologias mercantis, o antiestatismo por princípio, o princípio individualista do “salve-se quem puder” e a erradicação de qualquer idéia de mudança social e solidariedade constituíram, sem dúvida, uma ideologia de época.

¹⁰⁸ O roubo do livro de atas do congresso do justicialismo que escolheria Menem como candidato impediu sua oficialização e permitiu que o peronismo apresentasse três candidatos, enquanto na Quinta de San Vicente, a residência do governador da província de Buenos Aires, era escolhido Kirshner como candidato do duhaldismo.

¹⁰⁹ A forma de luta característica dos piqueteiros é o corte de estradas, a dos poupadores expropriados é o “cacerolazo” e a de uma parte dos setores inorgânicos, o saque dos supermercados.

É inegável que houve resistência à implementação da hegemonia das idéias neoliberais, mas estas tiveram um caráter essencialmente defensivo e fragmentário frente a um modelo global. Esta fragmentação foi tão grande que observamos que nem sequer depois do ‘Argentinazo’ foi possível reverter esta separação entre o político e o social produzida pela ditadura. Esse fato traz uma grave consequência, na Argentina não cristalizam as lutas sociais na construção de uma força política e social, algo que sim ocorreu no Brasil com o surgimento do Partido dos Trabalhadores (PT)¹¹⁰ e a eleição de Lula como presidente. Isto é independente da rápida conversão do PT ao credo neoliberal e que Luiz Inácio Lula da Silva, um ex-operário metalúrgico que perdeu um dedo na produção e uma mulher em um hospital público por falta de atenção adequada, converteu-se na feliz expressão de Tariq Alí, em um “Tony Blair tropical”¹¹¹.

Nos dias 19 e 20 de dezembro marcam, entretanto, uma inflexão na política do país. Realizou-se uma ação política e social de massas; houve ações ‘independentes’, mas em um contexto de forte espontaneidade; manifestou-se uma crítica radical a todas as instituições, mas houve saques de supermercados organizados pela máfia peronista de alguns municípios; mesclaram-se fortes elementos “antipolíticos” com uma politização crescente; deixou-se de pagar os impostos e os políticos responsáveis pela crise foram escrachados¹¹², mas muitas das ordens do cacerolazo tinham reivindicações do programa menemista. A base econômica foi a confisco das economias, mas o desencadeiem foi político a luta contra o estado de sítio, imposto por De la Rúa.

Da perspectiva dos atores sociais que pretendem construir uma alternativa, observamos distintas leituras sobre a etapa, as quais implicaram e implicam diferentes estratégias tanto de luta social como de intervenção política. Quase todos estes atores coincidiram em visualizar a esse momento como o de crise de hegemonia, mas a diferença radicava em que alguns consideravam e inclusive na atualidade concebem que na Argentina se viveu ou se vive uma situação revolucionária.

Com relação à chamada “situação revolucionária”, no plano das “condições objetivas”, a sociedade argentina cumpriu com algumas das formulações elaboradas por

¹¹⁰ A profundidade da derrota dos projetos de transformação social, os 30.000 desaparecidos quer dizer a ausência de uma geração, a separação entre o político e o social, a divisão e a subdivisão das esquerdas, uma igreja altamente hierárquica e vinculada ao poder e o peso político do peronismo permitem começar a explicar porque na Argentina não existiu nada nem sequer parecido com o PT.

¹¹¹ O fato de Lula, um ex-operário metalúrgico, ter sido eleito presidente em um país infestado de pré-conceitos é um triunfo em se mesmo, entretanto, não deixa de ser certa a expressão formulada pelo paquistanês Tariq Alí no Foro Social Mundial de Porto Alegre em janeiro de 2005. A decisão política de Lula é manter e aprofundar o modelo macroeconômico neoliberal, não redistribuir renda, nem solucionar os conflitos agrários.

¹¹² O ‘escrache’ é uma nova forma de luta própria da Argentina, que denuncia um repressor impune ou um político tradicional corrupto, de modo que este seja exposto publicamente diante de seus vizinhos, sendo expulso de um restaurante ou de um supermercado. Para encontrar uma explicação sobre as origens e uma aproximação a uma definição dos escraches (Cf. Catela da Silva: 2001)

Lenin¹¹³, logo depois da derrota provocada pela ditadura a ausência de “elementos subjetivos” se tornou evidente, o que nos impulsiona a rechaçar essa leitura já que para o revolucionário russo existe uma relação dialética entre ambas as condições, as objetivas e as subjetivas.

Na Argentina pós-Argentinazo houve uma crise de hegemonia, mas não uma situação revolucionária. As jornadas de 19 e em 20 de dezembro constituíram uma inflexão, posto que expusessem, pela primeira vez desde 1976, a existência de organizações sociais e níveis de mobilização que são externas as estruturas de poder econômico, político, sindical e cultural. Neste sentido, aceito a definição da CTA quando afirma que, do ponto de vista dos “setores populares”, o ano 2001 representa o fim da Argentina da ditadura, entretanto, o hiato entre o político e o social continuou o que implica que não se superou de maneira permanente esta separação.

De la Rua, tinha chegado à presidência, depois do triunfo em uma coalizão, a Aliança¹¹⁴, cujo vice-presidente Carlos “Chacho” Alvarez, da Frepaso tinha renunciado a seu cargo, no ano anterior, o que frente a sua renúncia a presidência ficou vaga. Este foi o motivo, pelo qual ante a ausência de vice-presidente, seguindo com a linha de sucessão De la Rua foi substituído pelo Presidente da Câmara de Senadores, o peronista Ramón Puerta, que presidiu o país durante o par de dias que se tomou a Assembléia Legislativa para escolher como novo presidente ao peronista Adolfo Rodríguez Saa. O puntano¹¹⁵ frente ao desamparo do interior do próprio peronismo, suas ambições políticas, que incomodavam o duhaldismo, seu enfrentamento objetivo aos grupos de poder e o ter colocado em funções do governo a peronistas tradicionais do mais corrupto da arca menemista, caiu pouco depois de uma semana de ter assumido. Este, por sua vez, foi substituído pelo Presidente da Câmara de deputados, o peronista duhaldista Eduardo Caamaño, enquanto a Assembléia Legislativa escolhia um novo presidente. O novo presidente eleito foi o ex-vice-presidente do primeiro mandato de Carlos Menem, o Ex-governador da Província de Buenos Aires e nesse momento

¹¹³ Ver no capítulo 1, no compartimento *a.4 A Revolução Cubana e a difusão das idéias de Antonio Gramsci. Entre a revolução e contra-revolução (1959-1989)*, a definição leninista de situação revolucionária exposta na bancarrota da Segunda Internacional.

¹¹⁴ A Aliança foi uma coalizão eleitoral entre a UCR e a FREPASO (Frente País Solidário), integrado por sua vez pela Frente Grande (FG), ex-peronistas dissidentes com Menem e ex-comunistas; o Partido Intransigente (PI) e a Unidade Socialista (US), que inclui dois Partidos Socialistas, o Democrático e o Popular. A Aliança foi expulsa pelo protesto social ante sua incapacidade para resolver a crise econômica, política e social. O PSD se retirou do governo da Aliança uns meses antes de sua queda enquanto que o PSP continuou apoiando a De la Rua até seus últimos momentos. Rubén Giustiniani, Senador do PSP e atual Secretário Geral do PS, votou a lei de flexibilização trabalhista, impulsionada pelos organismos financeiros internacionais e o bloco de poder local, mas para cuja sanção De la Rua teve que subornar a senadores peronistas.

¹¹⁵ “Puntano” é o nome que recebe o habitante da província de San Luis, de onde é oriundo o ex-mandatário.

Senador, pela mesma província, o peronista Eduardo Luis Duhalde. Duhalde que tinha perdido nas eleições presidenciais com Fernando De la Rúa, governou eleito de maneira indireta enquanto nas ruas e nas assembléias se clamava uma ordem “antipolítica”: “que se vayan todos”, indiferenciando a todos os políticos e despolitizando ainda mais à sociedade argentina.

Em seu momento pareciam visualizar-se três saídas possíveis frente à crise¹¹⁶, dois que expressariam a vitória dos setores dominantes, o aplastamento ou isolamento das classes subordinadas e o retorno das massas à passividade política, e uma terceira que seria a construção de uma alternativa ao modelo neoliberal. Em síntese, estas eram as possibilidades:

1) a reconstituição de certa hegemonia do bloco de poder, fundamentalmente e não unicamente, com certo consenso, que é o iniciará Duhalde e concluirá Kirshner, que é produto do Argentinazo, mas que também expressa a recomposição política do regime;

2) a manutenção e o aprofundamento do modelo mediante a aplicação de um crescente autoritarismo, ou seja, com maior repressão, em caso de ser necessário;

3) a construção de uma frente ampla política e social contra o modelo, ou seja, a construção de uma força social contra-hegemônica que tivesse capacidade para enfrentar de maneira global a crise e começar a resolvê-la em favor dos setores alternativos. O que já estava claro era que a legitimidade do modelo neoliberal estava esgotada.

A limitação da convocatória de Duhalde às eleições aos cargos de presidente e vice-presidente, sem eleição de deputados e senadores em um contexto de uma forte crise de representação, colocou diversos dilemas para as organizações alternativas. Participar ou não dessas eleições? Apresentar candidatos ou abster-se? Em caso de abstenção, votar em branco ou boicotar as eleições? Os mencionados assassinatos de piqueteiros obrigaram Duhalde a pôr uma data de eleições, entretanto, esta convocatória parcial terminaria servindo mais ao regime que aos setores alternativos entre os quais se agudizariam suas diferenças.

Ficava em claro que as eleições pretendiam fragmentar a luta política daqueles que priorizavam o conflito social, pois a luta política potencializava a unidade na prática dos setores subordinados, enquanto que a convocatória a eleições parciais procurava melhorar as condições de triunfo do peronismo. Esta convocatória procurava uma saída continuísta em um contexto de crescente autoritarismo, entretanto, negar as eleições era

¹¹⁶ Um dado positivo dentro dessa conjuntura é a impossibilidade da intervenção militar como forma de resolução da crise, pois o desprestígio das forças armadas como instituição foi e é ainda maior que a própria crise de representação. Menem e Lopez Murphy foram os únicos candidatos presidenciais em 2003 que propuseram publicamente a intervenção destas na repressão do conflito social.

um reflexo de espontaneísmo antipolítico que potencializava a separação entre o político e o social herdada da ditadura.

A hegemonia dos setores dominantes pôde recompor-se sob uma nova legitimidade, havendo uma articulação das duas primeiras possibilidades. Duhalde implicou uma autoritarização do regime, pelos assassinatos mencionados, a fraude ao interior do Partido Justicialista, rompendo o Congresso partidário o qual presidia e era minoria frente à maioria dos congressistas que eram partidários de Carlos Menem e desta maneira impor a candidatura de Kirschner, tão antimenemista e antineoliberal quanto foi duas vezes governador da província de Santa Cruz em aliança com Menem e que compartilhou em diferentes ocasiões oito eleições com este, como bons companheiros peronistas.

Todas as organizações políticas e sociais alternativas coincidiam com a caracterização, inclusive Néstor Kirschner, que no começo foi impulsor do “que se vayan todos”¹¹⁷ antes de erigir-se em candidato de Duhalde; as diferenças surgiam com relação às respostas. A forma da convocatória, refletia a derrota da luta em favor da prescrição de todos os mandatos, executivos, parlamentares e judiciais e de sua renovação. Igualmente não se pode entender o kirschnerismo a não ser como produto deste processo e de suas limitações.

Entre os partidos tradicionais, o peronismo encontrou dificuldades para construir uma candidatura única depois da fraude Duhaldistas que impediu que terminasse de fazer a sessão o Congresso, com o qual se apresentou em três listas diferentes: Néstor Kirschner, apoiado por Eduardo Duhalde e os dois ex-presidentes, Carlos Menem e Adolfo Rodríguez Saa.

O radicalismo teve a menor intenção de votos de toda sua história, e também pode dizer-se que se apresentaram três listas: a da União Cívica Radical (UCR) propriamente dita encabeçada por Leopoldo Moreau, um político radical tradicional; os radicais de direita quem junto com partidos de direita e provinciais impulsionaram a candidatura do Ex-ministro da Economia de Fernando De la Rúa, o radical ultraliberal Ricardo López Murphy e os “radicais progressistas” ou “centro-esquerdistas” que candidatavam a Elisa Carrió. Coloco-o entre aspas porque a característica desta política alfonsinista é seu misticismo e ultracatolicismo, esta sim, moralista e republicana, aliada a um conservador, membro de um partido, o Partido Demócrata (PD) de Mendoza que

¹¹⁷ Esta ordem impulsionava uma justa crítica ao sistema político em geral, entretanto impedia de diferenciar politicamente entre o conjunto dos políticos. Por exemplo, os deputados nacionais Patricia Walsh (Esquerda Unida) ou Luis Zamora (ex-trotskista), embora em franca minoria e com ideologias muito distintas, não significam nem expressam quão mesmo o resto dos deputados do peronismo, do radicalismo ou do conservadorismo provincial. Esta afirmação é independente da decomposição pessoal e política de uma boa parte dos antipolíticos da política do partido Autodeterminação e Liberdade (AyL) de Zamora.

apoiou a ditadura militar. Fundadora de Argentinos por uma República de Iguais (ARI), como recorda sempre que pode o kirshnerismo, foi também funcionária judicial da ditadura na província do Chaco.

Uma parte dos setores alternativos foi dividida, a Esquerda Unida (IU) construiu uma aliança eleitoral entre o PCA e Movimento Socialista dos Trabalhadores (MST) – organização trotskista morenista- que propôs as candidaturas de Patrícia Walsh e do Herman Schiller; o Partido Socialista (PS) expôs uma fórmula presidencial unificada entre o PSD e o PSP, conformada por Alfredo Bravo (PS-PSD) e Rubén Giustiniani (PS-PSP); o Partido Operário (PO) impulsionou as candidaturas de Jorge Altamira e Marcelo Ramal e o Partido Socialista Autêntico (PSA), continuidade histórica do Partido Socialista Argentino (PSArg.) levou candidaturas próprias nas figuras de Mario Mazzitelli e Alejandro Camps.

Por outra parte, os grupos maoístas como o Partido Comunista Revolucionário (PCR) e o Partido da Liberação (PL) assim como grupos trotskistas como o Movimento ao Socialismo (MAS) e o Partido de Trabalhadores Socialistas (PTS) convocaram de maneira separada ao boicote eleitoral.

Desde dezembro de 2001, gerou-se uma crescente instabilidade política por causa da crise social e econômica do país, entretanto, o novo na política argentina é a ausência de uma saída militar à crise. O triunfo e a consolidação de Néstor Kirschner expressam a recomposição política do regime e uma relativa estabilidade em apoio a uma retórica neoliberal e a uma recomposição econômica com taxas de crescimento importantes que embora não supera a situação prévia ao ‘Argentinazo’ permite certa reativação e consumo.

IV. Capítulo 3. Os sujeitos. As matrizes socialistas, comunistas e trotskistas na Argentina.

Depois de definir no primeiro capítulo o porquê do uso do conceito de matriz e sucintamente haver referido às três matrizes que vou utilizar no plano internacional, agora farei o próprio com as matrizes socialista, comunista e trotskista na Argentina.

Entendendo a matriz como uma entidade principal ampla, vou definir, no marco desta, às correntes transpartidárias, para denominar a um subgrupo de partidos dentro da mesma matriz e às tendências, para me referir às linhas internas dos partidos.

Como exemplos de correntes transpartidárias, posso mencionar no primeiro caso ao socialismo nacional como uma corrente transpartidária dentro da matriz socialista que inclui o Frente de Esquerda Popular (FIP) e o Partido da Esquerda Nacional (PIN); ao maoísmo como uma corrente transpartidária dentro da matriz comunista, que pode estar integrada entre outros grupos pelo Partido Comunista Revolucionário (PCR) e o Partido Comunista Argentino Marxista-Leninista (PCAML) ou ao morenismo como uma corrente transpartidária dentro da matriz trotskista integrada entre outros partidos pelo Movimento ao Socialismo (MAS) e o Movimento Socialista dos Trabalhadores (MST).

Como exemplo do segundo caso, das tendências, pode mencionar como exemplos os marxistas revolucionários, os internacionalistas ou o ghioldismo como tendências dentro do Partido Socialista, no marco da matriz socialista, em diferentes momentos de sua história; os gramscianos ou o Comitê Nacional de Recuperação

Revolucionária (CNRR) como tendências dentro do Partido Comunista Argentino (PCA), na matriz comunista nos anos sessenta ou à denominada Tendência Bolchevique Internacionalista (TBI) dentro do MAS na matriz trotskista, em 1988.

É muito difícil realizar uma generalização, mas no caso da matriz socialista é importante apontar que não existe uma subordinação às políticas da II Internacional. Esta internacional é utilizada como um espaço ampliado de participação geral, como um importante espaço político internacional de pertença.

Como apontamos no primeiro capítulo os socialistas argentinos cumprem um papel destacado no Comitê Consultivo do Secretariado Latino-americano da Internacional Socialista (DC-SL-IS) que organiza seis Conferências Socialistas Latino-americanas (CSL) entre 1953 e 1963 e também tiveram certa influência, a partir de janeiro de 1964, com a criação sobre essa base do Bureau Coordenador da Internacional Socialista na América Latina. Na década de setenta o escasso peso político do socialismo em suas principais vertentes, no marco de uma diáspora do PSArg., as polêmicas e inclusive divergências ideológicas de alguns partidos da matriz socialista do período, leva-os a ter um papel um cada vez menos dinâmico no IS. Entretanto, na década dos oitenta, em momentos em que o alfonsinismo é considerado como o grupo político mais afim embora não seja membro da IS, mantêm um lugar espectador o Partido Socialista Popular (PSP) e a Confederação Socialista Argentina (CSA) como partidos observadores. O Partido Socialista Unificado (PSU) participa de certa forma através de Simón Lázara e o Partido Socialista Democrático (PSD) reivindica algum dos programas e difunde de fato em seu periódico *A vanguardia* algumas posiciones políticas da IS.

A primeira coincidência dos socialistas com a II Internacional radicava em seu começo no entender a necessidade de realizar lutas no terreno político para alcançar as mudanças sociais propostas, quer dizer, que distintamente dos anarquistas, os socialistas reconhecem ao Estado. A segunda coincidência é posterior e tem um caráter programático, já que em muitas de suas tendências e partidos socialistas observamos um rechaço à via insurrecional e uma ideologia reformista, já seja em suas visões reformistas liberais, socialistas democráticas e inclusive reformistas radicais.

No caso argentino, contrastando com a Europa, o reformismo dos socialistas depois de 1945 não tem base operária, entretanto, no plano das coincidências ideológicas podem incluir o rechaço do modelo soviético e o das políticas elaboradas pelo que eles denominam o “grande capital”. As idéias de um “socialismo democrático” como as propostas pela II Internacional, coincide com muitos dos postulados de uma parte importante dos partidos socialistas na Argentina.

O caso dos comunistas vai ser diferente já que estes se constituem em grande

medida como a fração partidária defensora da revolução de outubro até a morte do Lenin e da ideologia oficial do Estado Soviético, a partir do estalinismo e das políticas da III Internacional.

É inegável, entretanto, que antes da revolução soviética existiam ao menos desde 1912 diferenças políticas estratégicas no interior do velho Partido Socialista (PS) que embora, poderíamos afirmar que também estavam cruzadas por outros níveis, centralmente e em termos políticos poderíamos agrupá-las em dois campos: os principalmente reformistas e os principalmente revolucionários. A dependência do Partido Comunista da Argentina (PCA) com a III Internacional é muito mais estreita entre outras coisas porque o conjunto de disposições a aceitar para ser membro desta são muito maiores que as lassas condições da Internacional Socialista. A pouco de começar a andar os PC's se constituirão salvo honrosas exceções dentro da mesma família política em defensores de um marxismo-leninismo, poderíamos afirmar “sem dialética”, entendido como uma dogmática ideologia de Estado que trazia como conseqüências a castração da potencialidade revolucionária de sorte corrente no plano mundial e obviamente na Argentina. Distintamente de outros países latino-americanos como Brasil e Chile, o Partido Comunista Argentino que tinha uma menor inserção social que muitos outros na região, atuou como um “guarda”, como um “delegado político” do resto dos partidos na área, o que seria a seu entender coerente com o que eles denominavam os princípios leninistas de organização que além disso do vínculo com as massas, a organização celular, a crítica e a autocrítica e o centralismo democrático, incluía em sua visão a idéia de “vigilância revolucionária”.

“A vigilância revolucionária é a pedra de toque para distinguir um militante com consciência de classe daquele que carece dela, porque o objetivo da infiltração e dos provocadores é destruir as organizações revolucionárias sem as quais é impossível o triunfo da revolução” (Cf. <http://www.pcr-arg.com.ar>)

Esta generalidade, partindo de uma premissa correta, o fato da possibilidade e decisão da reação de infiltrar às organizações revolucionárias, também abre passo à arbitrariedade da que não estiveram isentos os partidos desta matriz. Este parágrafo é do Partido Comunista Revolucionário (PCR), maoísta, mas existem afirmações similares em outros partidos desta matriz como por exemplos o próprio PCA ou o Partido Comunista Congresso Extraordinário (PC-CE), que atualmente estalinista e kirshnerista¹¹⁸.

As revoluções Cubana e Chinesa, assim como os movimentos de libertação

¹¹⁸ Hoje faz parte de Libres del Sur (Lib-S) com a Corrente Nacional Pátria Libre.

nacional nos países coloniais, configuraram uma nova situação internacional que impactou embora de maneira desigual em todas as matrizes do marxismo argentino, entretanto, a fração que se constituirá na “corrente maoísta” surge como uma fração dentro do Partido Socialista Argentino de Vanguarda, mas por suas polêmicas e ideologia formarão parte principalmente da matriz comunista. Os comunistas revolucionários também cristalizarão no caso argentino como uma corrente maoísta dentro da matriz comunista, mas sendo já uma cisão do PCA.

O maoísmo se tornou na mais importante corrente dentro do comunismo opositora ao pró-sovietismo do PCA, defendendo uma ideologia marxista-leninista-estalinista-maoísta, também em uma forma dogmática. Isto não pode ocultar que paralelamente, no marco da necessidade de diferenciação com os comunistas pró-soviéticos, “reformistas no melhor dos casos”, converteu-se em uma busca, ao menos até 1978, de uma potencialidade revolucionária abandonada por esse tipo de comunismo.

No caso da matriz trotskista, podemos mencionar que o primeiro grupo sul-americano da Oposição de Esquerda Internacional (OII) é argentino. Embora as políticas orgânicas de Quarta a/as Internacional/ais foram pensadas do panorama mundial para cada país em particular, o trotskismo argentino deu destacados dirigentes mundiais que tiveram influência muito além da Argentina, como por exemplos são os casos de Juan Posadas e de Nahuel Moreno em seu momento dois dos mais importantes dirigentes do trotskismo mundial, entre vários outros.

Sendo consciente de que cada partido mantém uma determinada concepção do mundo, referências ideológicas, teóricas e caracterizações, assim como diferentes inserções sociais nos fronts de massas, estratégias e publicações, neste capítulo tentarei realizar um panorama geral destas três matrizes na Argentina, para no capítulo próximo, com certo grau de generalidade me remeter a um balanço específico da literatura sobre os socialistas na Argentina, para nos outros três me remeterei centralmente aos partidos políticos socialistas no marco dos processos políticos na formação econômico-social argentina.

1. Os partidos políticos da matriz socialista na Argentina (1894-2006).

a. Origens e evolução Os partidos políticos da matriz socialista na Argentina sob o modelo agroexportador (1894-1930).

A matriz socialista é a primeira matriz do marxismo argentino.

O ponto de partida é o Partido Socialista (PS) que foi baseado como tal em 1896¹¹⁹ por Juan B. Justo, Leopoldo Lugones, José Ingenieros, Roberto J. Payró, Ernesto de la Cárcova e Eduardo Schiafino entre outros e outras e é o primeiro partido político das classes subalternas de matriz marxista da Argentina, que aspira a organizar ao incipiente movimento operário do país.

O Partido Socialista (PS) tem como características históricas, a de ser pré-bolchevique somando-se rapidamente a II Internacional, a Internacional Socialista, que existiu entre 1889 e 1918, e de tomar precocemente, embora não em seu congresso institucional, as bandeiras do reformismo. Procurando aprender da experiência histórica dos partidos socialistas europeus, considera fundamental incorporará os elementos mais modernos do socialismo de sua época histórica: os elementos organizativos da social democracia alemã, o modelo do trabalho cooperativa do socialismo belga e as idéias do teórico e político socialista pacifista francês Jean Jaurés. Este é o reformismo que influência de maneira mais forte o PS, mas que o próprio Edouard Berstein¹²⁰, com o qual coincidem certamente mais em política que em teoria.

O PS, sofrerá pelas razões mais diversas múltiplos divisões e reorganizações ao longo de mais de um século de vida política. É o partido “mãe” de todas as matrizes marxistas argentinas. Durante o período estudado alguns partidos são membros e outros têm uma aproximação da II Internacional e a particularidade de sua ideologia variar em uma ampla gama que abrange do liberalismo, até a socialdemocracia, incluindo um certo reformismo moderado, em alguns casos elementos nacionalistas e populistas, sem faltar elementos castristas e revolucionários.

Em 1 de maio de 1890 se realiza na Argentina a primeira concentração pelo dia Internacional dos Trabalhadores. Esse mesmo ano, o alemão Germán Ave Llamemant, da Federação Operária Argentina (FOA) publica o periódico *O Operário*, em sintonia com as idéias da socialdemocracia alemã¹²¹ de fins do século XIX, sendo a primeira

¹¹⁹ Víctor García Costa, afirma que na verdade o Partido Socialista foi fundado em 14 de dezembro de 1892, de acordo com isto o Partido foi constituído antes de realizar seu Primeiro Congresso, que é conhecido como Congresso Constituinte, dois anos depois (Víctor García Costa: entrevista com o autor, 11 de dezembro de 2003, Cidade Autônoma de Buenos Aires, Argentina)

¹²⁰ É preciso estar de acordo ainda hoje com José Aricó, editor dos célebres Cadernos de Passado e Presente, quando afirma que a obra de Edouard Berstein é provavelmente a mais insultada e a menos lida no marxismo. O social democrata alemão elabora uma crítica do marxismo em uma série de artigos publicados em primeiro lugar na *Die Neue Ziet*, a revista teórica do Partido Social democrata Alemão (PSDA) dirigida por Karl Kautsky, agrupada com o título genérico de *Os Problemas do Socialismo* depois da morte de Engels (1895). Isto é com anterioridade a seus escritos em *As premissas do socialismo e as tarefas da social democracia*, assim como sua relevante conferência em Amsterdã, Holanda, intitulada *O revisionismo na social democracia*. Só uma leitura de conjunto destes escritos permite uma idéia acabada do que significou o revisionismo de Berstein, o tipo de reformismo exposto que não excluía a superação da sociedade capitalista e sua influência nas diferentes forças socialistas.

¹²¹ Recordemos que a aprovação dos créditos de guerra pelo bloco parlamentar social democrata alemão nos indica um ponto de inflexão, podendo afirmar de maneira simplista que antes desse momento este grupo político sustentava uma estratégia anticapitalista revolucionária, enquanto que posteriormente até o

revista em realizar uma interpretação marxista da Argentina. Por sua vez, em 1894, Juan B. Justo publica *A Vanguarda*, que posteriormente se constituirá no órgão de imprensa oficial do PS. No caso do PS observamos que sua imprensa precede à constituição oficial do partido.

O Primeiro Congresso do Partido Socialista da Argentina¹²², conhecido como o Congresso Constituinte, é realizado em 1896 e triunfam as posições políticas antirreformistas expressas por José Ingenieros e Leopoldo Lugones¹²³. Ao ser derrotadas suas posições, Juan B. Justo não aceita nenhum lugar na direção do no partido em construção.

No final do século XIX e no começo do século XX as divisões no movimento operário argentino se dão fundamentalmente entre os socialistas e os diferentes grupos anarquistas.

Desde seus inícios o socialismo terá vários reagrupamentos e cisões.

A primeira divisão se produz em 1899, já que uma fratura dará lugar à Federação Socialista Operária Argentina (FSOA), também denominada Federação Socialista Operária Coletivista (FSOC). Centralmente se opunham a que os estrangeiros se tornem cidadãos argentinos para ingressar no partido e, desta maneira, ter o direito de eleger e de ser eleitos, além de considerar que era necessário levar adiante primeiro, lutas econômicas para posteriormente realizar lutas políticas. Leopoldo Lugones encontra-se neste grupo, que se autodenominam “marxistas intransigentes”. É uma cisão efêmera, já que muitos dos membros deste grupamento retornam rapidamente ao PS.

Em 1904 é eleito Alfredo Palácios como o primeiro deputado socialista da América Latina, em representação da quarta circunscrição eleitoral, o bairro operário de La Boca com 1257 votos. Este é um fato político de transcendência porque é a primeira vez que algumas propostas socialistas chegam ao parlamento, em seu primeiro e conhecido discurso Palácios afirma que traz as ofensas da classe proletária.

Em 1906 surge outra fração que é conhecida como a corrente “sindicalista revolucionária”, a qual realiza críticas ao PS tanto por seu reformismo como por seu eleitoralismo. São expulsos e seus principais dirigentes, Julio Arriaga, Emilio Troise,

abandono definitivo de uma estratégia anticapitalista, sustentou uma que na que o socialismo alemão era partidário de uma superação do capitalismo através de uma política de reformas graduais e pacíficas.

¹²² Como bem recorda Alberto J. Pla, 1896, é o ano da fundação do PS, fazia pouco tempo tinha morrido F. Engels e paralelamente Eduard Berstein começa a fazer públicas suas idéias pacifistas e reformistas que cristalizarão em *Los Principios do socialismo* contrariando às idéias centrais de Marx e Engels (Cf. Pla:1986)

¹²³ Ingenieros e Lugones expressam nesse Congresso a ala “esquerda” do PS e as posições políticas “anti-reformistas” embora posteriormente o primeiro se concentre no positivismo, mas apoiando à revolução de outubro de 1917 e o segundo vire para o nacionalismo de direita e apóie o fascismo em geral e o Presidente Uriburu, em 1930, em particular. A esquerda, dentro do PS, nesse momento, se expressa em um periódico de breve vida, que se publica durante 1897, *A Montanha*, no qual José Ingenieros tem um papel relevante.

Bartolomé Bosio, Aquiles Lorenzo e Gabriela L. de Conilo organizam o novo grupo que tem como ordem central a idéia de exigir “todo o poder aos sindicatos” seguindo a linha de George Sorel. Esta corrente argumenta principalmente que a ação direta do sindicalismo deve opor-se às práticas políticas. Em 1907, este grupo, que tinha sido minoritário no PS, acede à direção da central sindical socialista, a União Geral de Trabalhadores (UGT), a qual se opunha à Federação Operária da República Argentina (FORA) que em seu V Congresso, em 1905, tinha adotado como definição o “anarco-comunismo”.

Em julho de 1915 se produz outra ruptura, Alfredo Palácios é expulso do PS por bater-se em duelo com um deputado radical que tinha insultado Juan B. Justo. O duelo estava expressamente proibido nos estatutos do partido e um grupo de dirigentes solidários com Palácios forma o Partido Socialista Argentino (PSArg.), ao qual este se filia a pouco tempo de constituir-se.

Uma das divisões mais importante do socialismo, porque dará origem a outra matriz, é a que começa a gerar-se em 1912 a partir do Centro de Estudos Carlos Marx (CECM) e que dará origem em 1917 ao Partido Socialista Internacional (PSI), o qual em 1918 se transformará em Partido Comunista da Argentina (PCA), seção Argentina da III Internacional.

Dentro do PS, logo depois da expulsão dos socialistas internacionais, ainda ficava um setor crítico de Justo conhecido como os “terceristas” que expõem como moção o ingresso do partido na III Internacional, a Internacional Comunista (IC). Entretanto, no Congresso do PS realizado em fevereiro de 1921 na cidade de Bahía Blanca, província de Buenos Aires, rechaça-se o apresentado e os derrotados se concentram no Grupo Claridade (GC), que estava integrado por Carlos Mauli, Silvano Santander - que posteriormente será deputado radical -, José Semino, Orestes Ghioldi, José P. Barreiro e o mais importante de todos estes, o Senador eleito do PS pela Capital Federal, Enrique del Valle Iberlucea. Posteriormente os terceristas são expulsos do partido, entretanto, o senador não os acompanha, aceita a resolução do congresso partidário, mas segue defendendo a revolução russa.

Em 1921, em uma manobra de conservadores e radicais, o Senado aprova o desaforo de del Valle Iberlucea por defender a revolução russa apoiando-se nos discursos pronunciados no mencionado Congresso Socialista de Bahía Blanca. Em pouco tempo morre, em 30 de agosto do mesmo ano. A grande maioria dos componentes dos Terceristas decide sem maiores dificuldades sua incorporação ao PCA, grupo com o qual mantinham profundas coincidências políticas.

Em 1927 o PS tem uma importante cisão “para a direita”. Um grupo expulso por suas idéias conservadoras e de apoio ao militarismo para derrubar Yrigoyen, em 7 de

agosto de 1927 forma o Partido Socialista Independente (PSInd). Integram este grupamento Antonio de Tomaso, Héctor González Iramaín, Augusto Bunge e Federico Pinedo entre outros. O órgão partidário dos socialistas independentes será o periódico, *Liberdade*. Embora sua existência fosse relativamente breve, não foi seu peso político já que colheram importantes resultados eleitorais e cumpriram um rol muito importante na política argentina da crise de 30 e durante a primeira metade dessa década.

Nas eleições de 1928 na Capital Federal ocuparam o segundo lugar, detrás dos radicais mas à frente dos socialistas.

Em 1930, nas eleições para renovar os deputados triunfaram na cidade de Buenos Aires e seu antiirrigoyenismo os impulsionou a apoiar o golpe de estado, que em 6 de setembro de 1930 colocou na presidência ao Gal. José Félix Uriburu, derrubando o presidente constitucional Hipólito Yrigoyen. Este fato lhes valeu o mote de “setembrinos”.

Posteriormente, Antonio De Tomaso e Federico Pinedo, em 1932, serão os ministros socialistas independentes do presidente conservador Agustín P. Justo, como parte da Concordância (Conc.), a qual governará através da fraude até o golpe de estado de 1943. O PSInd., desaparecerá no ano 1935 diluídos na Concordância.

Quadro 5. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista socialista na Argentina sob o modelo agroexportador (1894-1930)

Partido Socialista	Período	Principais Dirigentes	Periódico	Evolução e observações
1.Partido Socialista (PS)	1894-1958	Juan Bautista Justo; Leopoldo Lugones (hasta 1899); José Ingenieros (hasta 1899); Roberto J. Payró; Ernesto de la Cárcova; Eduardo Schiaffino; Alfredo Palacios; Nicolás Repetto; Enrique Dickman; Joaquín Coca; Alicia Moreau de Justo; Enrique del Valle Iberlucea; Mario Bravo; Américo Ghioldi; Antonio Solari.	La Vanguardia <i>Periódico Socialista Científico defensor de la clase trabajadora</i> fundado por Juan B. Justo	1958. Partido Socialista Argentino (PSArg.) y Partido Socialista Democrático (PSD)
2.Federación Socialista	1899	Leopoldo Lugones		Oposição à nacionalização dos

Obrera Argentina (FSOA) o Federación Socialista Obrera Colectivista (FSOC)				estrangeiros. Prioridade das lutas econômicas sobre as políticas. Autodenominados Marxistas Intransigentes. reincorporam-se ao PS no III Congresso 20 e 21 de junho de 1900.
3.Corriente Sindicalista Revolucionaria (CSR)	1906-1930	Julio Arriaga; Emilio Troise; Bartolomé Bosio; Aquiles Lorenzo y Gabriela L. De Conilo	Acción Socialista <i>Periódico Sindicalista Revolucionario</i>	Criticam o PS por reformista e eleitoreiro. São expulsos. Sorelianos , a ação direta do sindicalismo deve opor-se às práticas políticas. Em 1907 dirigem a União Geral dos Trabalhadores (UGT) criada pelos socialistas. Abandonam a ação política.
4.Partido Socialista Argentino (a) (PSArg.a)	1915	Alfredo Palacios	La Acción	Palacios é expulso do PS por bater-se a duelo com um radical que tinha injuriado ao Juan B. Justo. O duelo estava proibido no estatuto do PS. Palacios se reincorpora ao PS em 1930.
5.Partido Socialista Internacional (PSI) Partido Comunista Argentino (PCA)	1918-2005	Rodolfo Ghioldi, Vittorio Codovilla, José Penelón, Arnedo Alvarez, Athos Fava, Fernando Nadra, Patricio Echegaray, Jorge Kreynes	Nuestra Palabra; Nueva Era; Propuesta; Aquí y Ahora <i>la Juventud;</i> <i>Tribuna Popular;</i> Margen izquierdo.	Em 1912 se forma o Centro de Estudios Carlos Marx (CECM). Em 1917 são expulsos e em 1918 formam o PCA [ver matriz comunista]
6.Terceristas (T) o Grupo Claridad (GC)	1921	Carlos Mauli; Silvano Santander; José Semino; Orestes Ghioldi; Enrique del Valle Iberlucea, Senador pela Capital Federal, apoia os terceristas mas aceita a decisao		Impulsionam o ingresso do PS a III Internacional. O exponho é rechaçado pelo Congresso partidário e são expulsos. incorporam-se ao PCA e del Valle

		do Congreso partidário.		Iberlucea permanece no PS
7.Partido Socialista Independiente (PSInd)	1927-1935	Antonio de Tomaso; Héctor González Iramáin; Augusto Bunge e Federico Pinedo	Libertad	Seu antiirigoyenismo as impulsiona a aliar-se aos conservadores. Apóiam o golpe de estado do Urriburu em 1930 e se dissolvem na Concordância que governou mediante a fraude na década infame.

Fonte: Elaboração própria.

Durante este período, entre 1880 e 1930, podemos antecipar que encontramos seis partidos que surgem do tronco do PS.

Encontramos duas cisões que questionam a relação do partido com a luta corporativa, que podemos denominar genericamente “sindicalistas”: a Federação Socialista Operária Coletivista (FOSC) e a Corrente Sindicalista Revolucionária (CSR). Têm em comum, a crítica à ação política tal como se desenvolve no PS já que consideram que relegam a um segundo plano a ação corporativa em nome da primeira.

Outras duas correntes que surgirão do PS, serão rupturas “esquerdistas”, que se assumirão como revolucionárias e qualificarão o PS como reformista, hegemônico no partido desde seu segundo congresso. Defenderão incondicionalmente a revolução russa e aderirão às condições da III Internacional. Das duas o PSI é a mais importante, já que a dos terceristas é um reflexo tardio em política da separação anterior, motivo pelo qual salvo del Valle Iberlucea, o resto dos membros do grupo se incorpora às filas do PCA.

“O Partido Socialista Argentino, como seu nome o indica, é uma cisão com orientação ‘nacional’. Impulsiona o uso dos símbolos pátrios nos atos e nas manifestações nas que participa o partido. Alfredo Palacios é sua figura sobressalente e em 1930 pouco depois do golpe de Urriburu, com o PSArg., dissolvido nos fatos, este se reincorpora ao PS.

A última é uma divisão claramente para “a direita” é o Partido Socialista Independente (PSInd.) Este grupo tentou constituir-se como o grupo organizador do apoio civil do golpe de Urriburu em 1930 por seu antiirigoyenismo. Aliados aos conservadores durante a “década infame” ocuparam lugares centrais na administração do estado, como por exemplo, Federico Pinedo, que foi Ministro da Economia de Agustín P. Justo e cumpriu uma função muito importante já que teve clareza para perceber as mudanças no capitalismo mundial a partir da crise de 30 com mais clareza que os socialistas tradicionais e atuou nesse sentido em favor das elites.

b. Evolução dos partidos políticos da matriz socialista na Argentina sob a gênese e desenvolvimento do modelo de substituição de importações (1930-1955).

Em 1937 o PS tem uma cisão inicialmente “para a esquerda” o Partido Socialista Operário (PSO). É um grupo que se opõe à política de “frente democrática” impulsionada pelo PS, rechaçando a necessidade de formar alianças com diferentes setores da burguesia. Benito Marianetti da Federação Socialista de Mendoza, o deputado Joaquín Coca e o advogado Gregorio Aráoz Alfaro, são os dirigentes mais destacados deste grupo.

No Congresso do PS realizado na província de Santa Fé este setor é derrotado com amplitude. Entretanto, na Capital Federal, para as eleições de 1938, uma vez constituídos como grupo político autônomo, recebeu tanto votos como o PS. Em 1941, a maioria de seus membros ingressa no PCA encabeçados por Marianetti, enquanto que uma minoria retorna ao tronco do PS. Coca, por sua vez, continuou sua trajetória como fundador do Partido Trabalhista (PLab) que apoiaria a candidatura do Gal. Juan Domingo Perón à presidência, em meados da década de quarenta.

O peronismo proscreve os socialistas, encarcera seus militantes, obriga a seus principais dirigentes a exilar-se e incendeia as bibliotecas e os locais partidários, que levam como nome “Casa do Povo”. A mais importante destas, situada sobre a Avenida de Mayo, na Capital Federal, é destruída e incendiada sob a ordem pronunciada pelo próprio Juan Domingo Perón, “alpargatas sim, livros não”. Logo no final da segunda presidência deste, cria-se em 1952, sobre a base do Movimento Socialista (MS), um Partido Socialista afim ao regime peronista, o Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN), sendo este o único PS reconhecido pelo Estado durante esta etapa do peronismo. O peronismo lhe outorga ao pessoal do PS o MS e se transforma no PSRN.

Este partido se formou sobre a base de três vertentes diferenciadas, uma minoria do velho tronco do PS encabeçada por Enrique Dickman¹²⁴, um dirigente socialista histórico, por um grupo trotskista nacional dirigido por Jorge Abelardo Ramos e pelo grupo trotskista morenista, que formava parte do partido Operário Revolucionário

¹²⁴Não encontrei nenhuma resposta satisfatória em termos políticos do socialismo que expliquem a atitude do respeitado e dirigente histórico do PS, Enrique Dickman. Os argumentos escutados são de um subjetivismo pouco acreditável que merece a melhor análise: Dickman teria aceitado apoiar o peronismo sob ameaças do governo de dar à luz escândalos financeiros realizados por seu filho ou explicações de outro tipo como que já estava velho e não sabia o que fazia. São explicações absolutamente insuficientes para uma decisão política de tanta transcendência. Ernesto González, historiador do trotskismo morenista, desmente qualquer acordo entre Dickman e Perón em termos não políticos. Assim refere-se ao “velho Dickman”:

“Era um reformista puro, mas honesto. Nunca pediu nada ao peronismo nem a ninguém, cabe ressaltar que Perón lhe tinha um respeito incrível” (Cf. González1995: 222)

(POR). Encabeçados por Nahuel Moreno, sua corrente política decide realizar uma política de entrismo no PSRN, para o qual destinou importantes quadros, não a todos, e os concentrou na Federação Socialista Portenho do PSRN, dirigida pelo próprio Moreno, já que era Secretário Geral. A idéia do entrismo era visualizada como uma possibilidade de aproveitar as frestas que abria o regime para realizar uma tarefa legal. É necessário destacar que o entrismo dos morenistas foi ao PSRN não no peronismo. Embora o PSRN fosse um partido “boneco” do peronismo, não era o peronismo.

Quadro 6. Composição política do Partido Socialista da Revolução Nacional – PSRN (1952-1955)

Partido	Corrente	Principais Dirigentes
Partido Socialista (PS)	Tronco tradicional del PS	Enrique Dickman
Partido Obrero de la Revolución Socialista (PORS)	Troskista nacional	Jorge Abelardo Ramos
Partido Obrero Revolucionario (POR)	Trotskyista morenista en acuerdo con los posadistas	Nahuel Moreno

Fonte: Elaboração própria.

O peronismo é visualizado pelos socialistas como a encarnação vernácula do fascismo, entendendo que em coerência com a situação internacional, a luta que se livrava na Argentina era entre dois campos, o das forças democráticas contra as forças do totalitarismo. Baixo esta concepção, os socialistas, formaram parte de tanto da União Democrática (UD) nas eleições de 1945, junto com os comunistas, os radicais e os democratas progressistas, assim como do grupo de partidos políticos que assessoravam à Revolução Libertadora em sua Junta Consultiva, a ditadura militar com apoio civil que derrubou Perón em 1955, mediante um golpe de estado.

Quadro 7. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista socialista na Argentina sob a gênese e desenvolvimento do modelo de substituição de importações (1930-1955)

Partido Socialista	Período	Principales Dirigentes	Periódico	Evolución y observaciones
1. Partido Socialista (PS)	1894-1958	Alfredo Palacios; Nicolás Repetto; Enrique Dickman;	La Vanguardia <i>Periódico Socialista Científico defensor de la clase trabajadora</i>	1958. PSArg y PSD

		Joaquín Coca; Alicia Moreau de Justo; Mario Bravo; Américo Ghioldi; Antonio Solari.		
7.Partido Socialista Independiente (PSInd)	1927-1935	Héctor González Iramain; Augusto Bunge y Federico Pinedo	Libertad	Concordância até sua dissolução em 1935.
8. Acción Socialista ¹²⁵ (Ac.Soc.)				Neste período se centra em realizar campanhas de apoio a favor dos republicanos na guerra civil espanhola.
9.Partido Socialista Obrero (PSO)	1937-1941	Benito Marianetti; Joaquín Coca y Gregorio Araoz Alfaro.	El Socialista. Periódico decenal de la Federación Socialista de Mendoza.	Rechaça qualquer aliança com setores da burguesia. Em 1941 a maioria ingresa no PCA ; a minoria regressa ao PS e Joaquín Coca é fundador do Partido Laborista (PLab) que levará Perón à presidência em 1945.
10.Partido Socialista de la Revolución Nacional (PSRN)	1952-1955	Enrique Dickman José Oriente Cavallieri; Sául Bagú; Dickman hijo (PS) ; Jorge Abelardo Ramos, trotskista nacional, Partido Obrero Revolucionario Socialista		Único PS reconhecido pelo Estado durante o peronismo. Properonistas. Dissolvido em 1955 pela Revolução Libertadora.

¹²⁵ Existem dois grupos políticos com um nome bastante similar, o primeiro é Ação Socialista (Ac.Soc.) e temos só referência por Sanguinetti, que em seu livro sobre os socialistas independentes quando fala da diáspora de seus dirigentes afirma que seus locais, inclusive o mais importante da rua México, haviam ficado em poder do grupo Ação Socialista que com os fins mencionados durante a guerra civil espanhola. O outro grupo é o Agrupamento Ação Socialista (.AAc.Soc) que se forma logo depois da expulsão de Dardo Cúneo durante o peronismo. Neste grupo encontramos os primeiros passos públicos de Guillermo Estévez Boero, posteriormente fundador e líder do PSP.

		(PORS); y Nahuel Moreno, trotskista morenista, Partido Obrero Revolucionario (POR)		
11. Agrupación Acción Socialista (A.Ac.Soc)	1952-1955	Dardo Cúneo; después se integra Guillermo Estévez Boero futuro dirigente del PSP .		Partido de los Trabajadores (PdeT ¹²⁶)

Fonte: Elaboração própria.

c. Evolução dos partidos políticos da matriz socialista na Argentina sob a gênese e desenvolvimento da crise do modelo de substituição de importações (1955-1975).

Em junho de 1958 fracassa o Congresso convocado na cidade de Rosário, na província da Santa Fé, pela hostilidade entre dois setores do socialismo, pelo qual, logo depois deste, o socialismo se divide, já que em 7 de julho desse ano, os setores majoritários do Congresso expulsam Nicolás Repetto, Américo Ghioldi e Antonio Solari.

O Comitê Executivo Nacional do Partido Socialista em julho de 1958, decide repudiar os fatos que impediram de terminar o LII Congresso e dissolver as Juntas Executivas da Federações Socialistas da Capital Federal e as das províncias de Buenos Aires e de Tucumán. A partir da mencionada divisão, dez dirigentes, Alfredo Palácios, Alicia Moreau de Justo, Ramón Muñiz, Carlos Sánchez Viamonte, José Luis Romero, María L. Berrondo, Luicio Lua, Héctor Iñigo Carreira, Emilio Carreira e David Tieffemberg, formam o Partido Socialista - Secretaria Muñiz (PS-SM); enquanto que outros sete constituem o Partido Socialista - Secretaria Solari (PS-SS), ou seja: Américo Ghioldi, Nicolás Repetto, Antonio Solari, Andrés Justo, Arturo L. Ravina, Teodoro Bronzini, Jacinto Oddone e Manuel Bessaso.

A justiça obriga a ambos os grupos a adicionar um aditamento no nome de PS, ficando constituídos o Partido Socialista Argentino (PSArg.) sobre a base do PS-SM e o Partido Socialista Democrático (PSD) sobre a do PS-SS (Cf. Moreau de Justo: 1983) O Partido Socialista Argentino, colocará como ordem, recuperado para a classe trabalhadora, de uma vez que reforça uma idéia de um socialismo argentino e para os argentinos. A divisão, portanto, a simples vista parece ser como consequência de

¹²⁶ Não confundir o Partido do Trabalho (PdeT) com Partido de los Trabajadores (PdelosT) ou com o PT brasileiro.

diferentes concepções sobre o socialismo.

Quadro 8. Divisões do Partido Socialista (1958-1961)

Partido	Tendencia	Principais Dirigentes
Partido Socialista Democrático PSD	Socialismo reformista liberal democrático	Nicolás Repetto, Américo Ghioldi y Antonio Solari .
Partido Socialista Argentino PSArg	Socialismo reformista radical con elementos nacionalistas.	Alfredo Palacios, Alicia Moreau de Justo y Ramón Muniz.
Partido de los Trabajadores PdelosT	Socialismo reformista	Guillermo Estévez Boero

Fonte: Elaboração própria.

Os setores juvenis de esquerda do PSArg., triunfam em uma interna frente ao grupo conduzido pelo Secretário General Ramón Muñiz, ao não ser reconhecido de fato seu triunfo, formam em junho de 1961 o Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV), sendo seus principais dirigentes David Tieffemberg, Alexis Latendorf e Héctor Polino. Também formou parte deste grupamento o prestigioso historiador José Luis Romero. O grupo de Muñiz, Alfredo Palacios e Alicia Moreau de Justo, começa a denominar-se Partido Socialista Argentino - Casa do Povo (PSA-CP). O relevante é que neste caso a minoria, mas que tem de seu lado às figuras públicas e à polícia para recuperar os locais partidários é quem expulsa à maioria “esquerdista” obrigando estes a formar o PSAV.

O PSAV gerará uma diáspora na qual se contabilizam ao menos sete grupos. Em primeiro lugar, em 1962 o PSAV expulsa um setor trotskista dirigido por Miguel Posse conhecido como “Oscar”, quem tinha formado parte do partido Operário da Revolução Socialista (PORS) e da União Operária Revolucionária *O Militante* (UOR-EM) ¹²⁷ e estava fazendo entrismo.

Em segundo lugar, outro grupo sobre a base do PSAV Secretaria Latendorf (PSAV-SL), formará o Partido da Vanguarda Popular (PVP) dirigido por Manolo Do Barro e o próprio Latendorf, que em 1972 se dissolve no peronismo. Publicam o periódico *Non Negociar* e uma revista teórica titulada *Socialismo de Vanguarda*.

Um terceiro grupo forma sobre a base da Tendência Principista do PSAV (PSAV-TP), o Partido do Trabalho (PdelT), dirigido pelo Abel Korilchik, conhecido como Andrés Aldao e Enrique Miranda que será o primeiro grupo argentino em abraçar o maoísmo. Editavam o periódico, *Democracia Popular* que se publica até 1973.

Em quarto lugar, uma parte do PSAV formará um partido único com o PCA e um quinto grupo confluirá com ex-membros do PSRN encabeçados por Jorge Abelardo Ramos para dar vida ao Partido Socialista da Esquerda Nacional (PSIN). Um sexto agrupamento, um dos mais transcendentais constitui em 1965 o Partido de Vanguarda

¹²⁷ Ver na matriz trotskista argentina estes grupos políticos neste mesmo capítulo.

Comunista (PVC) que derrubará o maoísmo e que se denominará em 1976, Partido Comunista Marxista-Leninista e desde 1983, Partido da Libertação (PL). De uma vez que um sétimo grupo do PSAV que desde 1966 tem vínculos com Vanguarda Revolucionária, cuja origem encontramos em uma cisão na matriz comunista, começam a pensar a necessidade de construir uma organização político militar que seja um apêndice do Exército de Libertação Nacional (ELN) da Bolívia dirigido por “Che”, denominado Exército de Libertação Nacional 2 (ELN 2). Em 1970, finalmente esta união pode consumir-se, logo depois da morte do Che e ambos os setores formam as Forças Armadas Revolucionárias (FAR), que será o setor mais marxista que por fora de todas as estruturas do peronismo se incorpora aos Montoneros.

Em 1963, o Partido Socialista Argentino sofre novas cisões, ficando constituídos o PSArg-CP, que logo depois da morte de Palácios em 1966, expulsará ao ex-deputado e seu secretário Juan Carlos Coral, junto com outros dois grupos que se denominam Partido Socialista Argentino - Secretaria García Costa (PSArg-SGC) e o Partido Socialista Argentino - Secretaria Jorge Selser (PSArg.-SJS). Por outra parte o que poderíamos denominar Partido Socialista Argentino- Casa do Povo - Seção Coral (PSA-CP-SC), impulsionará junto com o PRT *A Verdad*, dirigido pelo trotskista Nahuel Moreno um Plenário de Centros Socialistas, em 31 de janeiro de 1971, aonde se expor a necessidade de construir um pólo socialista eleitoral, que se denominará Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), sendo Juan Carlos Coral, duas vezes candidato a presidente em 1973¹²⁸.

Quadro 9. Principais divisões do Partido Socialista Argentino (1961-1971)

Partido e evolução	Origem	Principais dirigentes ou observações
Partido Socialista Argentino – Casa del Pueblo (PSArg.-CP)	Partido Socialista Argentino (PSArg.)	Alfredo Palacios e Alicia Moreau de Justo
Partido Socialista Argentino de Vanguardia (PSAV), 1961	PSArg.	David Tieffemberg, Alexis Latendorf, Héctor Polino e José Luis Romero
PSAV-Fracción trotskista, 1962	PSAV	Miguel Posse “Oscar” se incorpora a organizaciones trotskistas.
Partido Socialista de la Izquierda Nacional (PSIN), 1962	Corriente Socialista Nacional del PSAV y ex PSRN	Jorge Abelardo Ramos y Jorge Enéas Spilimbergo.
PSAV-Secretaría Latendorf/ Partido de la Vanguardia Popular (PVP)	PSAV/ PSAV-Secretaría Latendorf.	Manolo Do Barro y Alexis Latendorf se dissolvem em 1972 no peronismo.
PSAV-Tendencia Principista/ Partido del Trabajo (PdT)	PSAV/ PSAV – Tendencia Principista	Maoísta

¹²⁸ Como veremos o PST, pela hegemonia do morenismo em seu interior, será localizado como um partido de matriz trotskista.

Fracción pro-comunista del PSAV	PSAV	Formam um partido único com o PCA.
Partido de Vanguardia Comunista (PVC)	PSAV	Elías Semán e Roberto Cristina
Partido Socialista Argentino - Casa del Pueblo – Sección Juan Carlos Coral (PSArg.-CP-SC), 1966.	PSArg.-CP	Juan Carlos Coral e Rubén Visconti.
Partido Socialista Argentino – Secretaría Víctor García Costa, (PSArg.-SVGC), 1966	PSArg.-CP	Víctor García Costa
Partido Socialista Argentino – Secretaría Jorge Selser, (PSArg. SJS), 1966	PSArg.-CP	Jorge Selser
Fuerzas Armadas Revolucionarias (FAR), 1970	PSAV – Vanguardia Revolucionaria (VR)	Se converterá na ala marxista dos Montoneros.
Partido Socialista de los Trabajadores (PST), 1971	PSArg.-CP-SC y Partido Revolucionario de los Trabajadores La verdad (PRT-LV)	Juan Carlos Coral, Rubén Visconti e Nahuel Moreno.

Fonte: Elaboração própria.

O PSArg., ficou em franca debilidade depois das expulsões da maioria, que constituirá o PSAV, a morte de Palácios em 1963, a posterior expulsão de Coral e a divisão em duas secretarias que se reivindicavam do tronco partidário, o PSArg. – Secretaria Víctor García Costa e o PSArg. –Secretaria Jorge Selser.

O PSArg.-SJS se integra ao Movimento de Ação Popular Argentina (MAPA), baseado em 1968 e dirigido pelo Guillermo Estévez Boero, sobre a base do Movimento Nacional Reformista (MNR), agrupamento universitário onde além do Guillermo Estévez Boero, encontramos Oscar Cavallero¹²⁹, Ernesto Jaimovich e Juan Carlos Sabalza, que tinham formado parte da Ação Popular Revolucionária Indoamericana (APRI), um agrupamento estudantil da Faculdade de Medicina na Universidade Nacional de Rosário (UNR)¹³⁰. O MAPA, com força fundamentalmente na cidade de Rosário, junto com o Grupo Evolución (G), uma cisão do PSD conduzida pelo Carlos Spini e Carlos Constenla, Militância Popular (MP), da qual formam parte Héctor Polino e Héctor López Demarco e o PSArg.-SGC, formarão em 1972 o Partido Socialista Popular (PSP), que elege por unanimidade Víctor García Costa como Secretário Geral e Guillermo Estévez Boero como Secretário do Interior, que é o cargo mais importante nos partidos socialistas argentinos depois do de Secretário Geral.

Quadro 10. Composição política do Partido Socialista Popular (1972)

¹²⁹ Em momentos da reeleição do Carlos Menem, em 1995, Oscar Cavallero conforma seu próprio partido, a Partida pelo Progreso Social (PPS) depois de ter sido intendente eleito pelo Partido Socialista Popular (PSP) na cidade de Rosário, a terceira do país.

¹³⁰ Juan Carlos Sabalza: entrevista com o autor, 21 de dezembro de 2003, escritório do Chefe de Governo da Municipalidade de Rosário, na cidade do mesmo nome.

Partido	Corrente	Principais Dirigentes
Movimiento de Ação Popular Argentina (MAPA), já tinha integrado ao Partido Socialista Argentino – Secretaria Jorge Selser (PSArg.-SJS)	Acción Popular Revolucionaria Indoamericana (APRI)	Guillermo Estévez Boero
Partido Socialista Argentino – Secretaría Víctor García Costa	PSArg-CP	VíctorGarcía Costa e Alicia Moreau de Justo
Grupo Evolución (GE)	Ex PSD	Carlos Spini e Carlos Constela
Militancia Popular (MP)	Ex PSAV	Héctor Polino e Héctor López Acoto

Fonte: Elaboração própria.

Em 1973, o PSP sofre uma divisão precoce, já que o próprio Jorge Selser e Simón Lázara constituíram o Movimento Socialista de Liberação Nacional (MSLN) para integrar como socialistas as listas da Frente Justicialista de Liberação (FREJULI), impulsionadas pelo peronismo. O MSLN, por sua vez se divide, já que enquanto Selser permanece nele, outro grupo, entre os quais se encontra Simón Lázara dará lugar ao Partido Socialista Unificado (PSU).

Em 1974, produz-se um conflito nos socialistas populares entre os provenientes do velho tronco do PSArg. e os do MAPA, o que dividiu o partido em duas secretarias, o PSP-Secretaría Víctor García Costa (PSP-SGC), integrada por membros provenientes do PSArg e o PSP-Secretaría Estévez Boero (PSP-SEB) formada originalmente por membros provenientes do MAPA. Depois de uma disputa judicial Estévez Boero continuou representando o PSP enquanto que o outro grupo deu origem, em 1982, ao Partido Socialista Autêntico (PSA), entre cujos dirigentes se encontrava Enrique Inda.

Quadro 11. Principais divisões do Partido Socialista Popular (1973-1974)

Partido	Origem	Principais dirigentes ou observações
Movimiento Socialista de Liberación Nacional (MSLN), 1973	PSP	Jorge Selser y Simón Lázara, formam a Frente Justicialista de Liberación Nacional (FREJULI)
Partido Socialista Unificado (PSU), 1974	MSLN	Simón Lázara
Partido Socialista Popular – Secretaría Víctor García Costa (PSP-SVGC), 1974.	PSP	Víctor García Costa; formará el Partido Socialista Auténtico (PSA)
Partido Socialista Popular – Secretaría Guillermo Estévez Boero (PSP-SGEB), 1974.	PSP	Guillermo Estévez Boero; Ernesto Jaimovich; Juan Carlos Sabalza. Em 1982 se quedarán con el PSP

Fonte: Elaboração própria.

Paralelamente, em 1974, se forma a Confederação de Agrupamentos Socialistas

Argentinos (CASA). A partir de 1975 sob a base da CASA se constitui na cidade de Avellaneda, na província de Buenos Aires, como a Confederação Socialista Argentina (CSA), sob a liderança de Alicia Moreau de Justo, com o objetivo de reunificar federativamente aos diferentes setores socialistas desagregados do PSP, PSD, PST, MSLN e o PS do Chaco, este último uma aliança provincial entre socialistas democráticos, populares e de Vanguarda. (Cf. *A Vanguarda Popular* nº 13.959: 4 de dezembro de 1981) Entre outros dirigentes, além da doutora, integram a CSA Héctor Polino, Oscar Palmeiro e Emilio Corbière (Cf. Moreau de Justo: 1983).

Quadro 12. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista socialista na Argentina sob a gênese e desenvolvimento da crise do modelo de substituição de importações (1955-1975)

Partido Socialista	Período	Principais Dirigentes	Periódico	Evolução e observações
1. Partido Socialista (PS)	1894-1958	Alfredo Palacios; Nicolás Repetto; Enrique Dickman; Joaquín Coca; Alicia Moreau de Justo; Mario Bravo; Américo Ghioldi; Antonio Solari.	La Vanguardia <i>Periódico Socialista Científico defensor de la clase trabajadora</i>	1958. PSArg y PSD
11. Agrupación Acción Socialista (AAS) –	1952-1957	Dardo Cúneo; Guillermo Estévez Boero		Partido de los Trabajadores (PdelosT)
12. Partido de los Trabajadores (PdelosT)	1957-1958	Guillermo Estévez Boero		PSArg - MAPA
13. Partido Socialista Argentino (PSArg.)	1958-1961	Alfredo Palacios; Alicia Moreau de Justo; Ramón Muñiz; Carlos Sánchez Viamonte; José Luis Romero; María L. Berrondo; Lucio Luna; Héctor Iñigo Carrera; Emilio Carreira y David	La Vanguardia , órgano del <i>Partido Socialista Argentino recuperado para la clase trabajadora</i>	Partido Socialista Argentino de Vanguardia (PSAV) Partido Socialista Argentino-Casa del Pueblo (PSArg-CP)

		Tieffemberg		
14. Partido Socialista Democrático (PSD)	1958-2002	Nicolás Repetto; Américo Ghioldi; Antonio Solari; Andrés Justo; Arturo L. Ravina; Teodoro Bronzini; Jacinto Oddone; Manuel Bessaso; Raúl Dellepiane; Norberto La Porta; Raúl Puy; desde 1985 Alfredo Bravo y Oscar González; desde 1989 Héctor Polino.	Afirmación (dirigido por Américo Ghioldi); La Vanguardia del <i>socialismo</i> <i>democrático</i> ; Revista Socialista	Em 2002 reconstrui o PS2 com o Partido Socialista Popular(PSP)
15. Partido Socialista Argentino – Casa del Pueblo (PSArg-CP)	1961	Ramón Muñiz; Alfredo Palacios y Alicia Moreau de Justo	La Vanguardia;	PSArg-Secretaría Víctor García Costa (PSArg- SVGC) PSArg-Secretaría Jorge Selser (PSArg.-SJS) PSArg.-CP- Secretaría Juan Carlos Coral (PSArg.-CP-SJCC)
16. Partido Socialista Argentino de Vanguardia (PSAV)	1961	David Tieffemberg; Alexis Latendorf; Héctor Polino y José Luis Romero.	La Vanguardia; No Transar	A juventude de esquerda do PSArg. ganha uma interna do Sec. Geral Muñiz e por nao ser reconhecido seu triunfo se forma o PSAV de cuja diáspora surgem ou se integram em ao menos sete grupos: 1. Uma facção trotskista encabezada por Posse "Oscar"; 2. El Partido de Vanguardia Popular (PVP); 3. Partido del Trabajo (PdT), maoísta; 4. Um grupo se incorpora

				ao PCA ; 5. El Partido de Vanguardia Comunista (PVC), 1965; 6. Uma parte com ex PSRN constituem o Partido Socialista de la Izquierda Nacional (PSIN), 1962; 7. Uma facção com Vanguardia Revolucionária (VR) ex -PCA formam primeiro o Ejército de Liberación Nacional 2 (ELN 2), em 1966 e depois as Fuerzas Armadas Revolucionarias (FAR), 1970
17. Frente Revolucionario Indoamericano Popular (FRIP)	1961	Mario Roberto Santucho Asdrúbal Santucho (Santiago del Estero)	Norte Revolucionario ; Revista del FRIP; Estrategia	em suas origens Mario Roberto Santucho teve relações com os socialistas santiagueños
18. Partido del Trabajo (PdT)	1962	Abel Korilchik (Andrés Aldao) y Enrique Miranda	Democracia Popular	Se convertem em maoístas
19. Partido de Vanguardia Popular (PVP)	1962-1972.	Manuel Do Barro Alexis Latendorf	No Transar; Socialismo de Vanguardia <i>Revista de tesis políticas del PSAV</i>	Se dissolve no peronismo camporista em 1972.
20. Partido Socialista de la Izquierda Nacional (PSIN)- Frente de Izquierda Popular (FIP)- Movimiento Patriótico de Liberación (MLN)	1962-1995	Jorge Abelardo Ramos; Jorge Enéas Spilimbergo	Izquierda Nacional; La Patria Grande	O setor majoritário se dissolve no peronismo menemista em 1995. Outro grupo forma desde 1982 a Corriente Nacional (CN) e desde 1984 o Partido de la Izquierda Nacional (PIN)

21.Partido Socialista Argentino – Secretaría Víctor García Costa (PSArg-SVGC)	1965-1974	Víctor García Costa		Fundadores em 1972 do Partido Socialista Popular (PSP)
22.Partido Socialista Argentino – Secretaría Jorge Selser (PSArg-SJS)	1965-1968	Jorge Selser		Se integra ao Movimiento de Acción Popular Argentina (MAPA) fundado em 1968.
23.Partido de Vanguardia Comunista (PVC)	1965-2005	Elías Semán; Roberto Cristina; Rubén Kriscausky; Saúl Micflic; Emilio Jauregui; Mario Geller; Manuel Malvicino; Sergio Ortiz; Pedro Jatar	No Transar (PVC); Nueva Democracia (PCML); Liberación (PL)	Maoísta. Em 1976 se transformam em Partido Comunista Marxista Leninista (PCML) ¹³¹ e em 1982 em Partido de la Liberación (PL)
24.Partido Socialista Argentino –Casa del Pueblo-Secretaría Juan Carlos Coral (PSArg.-CP-SJCC)	1966-1971	Juan Carlos Coral y Rubén A. Visconti	En Ruta; América Latina; Los de Abajo	Partido Socialista de los Trabajadores (PST) , de hegemonia trotskista morenista em 1982 se transforma em Movimiento al Socialismo (MAS)
25.Movimiento de Acción Popular Argentina (MAPA)	1968-1972	Guillermo Estévez Boero; Héctor Cavallero; Juan Carlos Zabalza		Grupo de base universitária fundador do PSP
26. Ejército de Liberación Nacional Sector2 ¹³² (ELN-S2) Fuerzas Armadas Revolucionarias (FAR)	1966-1970	Eduardo Jozami Roberto Quieto (ELN-S2) - Carlos Enrique Olmedo (FAR)		Se dissolvem nos Montoneros.

Fonte: Elaboração própria.

d. Evolução dos partidos políticos da matriz socialista na Argentina sob a gênese, desenvolvimento e crise do modelo neoliberal (1975-2006).

¹³¹ Como sua definição é maoísta serão colocados também na matriz comunista do marxismo argentino.

¹³² Colocarei este agrupamento em duas matrizes a socialista e a comunista porque está constituído por setores provenientes do Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV) da matriz socialista e Vanguarda Revolucionária (VR) da matriz comunista.

As posições políticas dos socialistas foram diferentes em relação à crise do governo de Isabel, sua queda e o golpe de estado de 1976, não houve uma posição política unívoca.

O PSP-Secretaría Estévez Boero e seus militantes defenderam o governo de Isabel e de López Rega com um argumento institucionalista e formalmente democrático, ambos representavam a vontade popular, de uma vez chamavam a formar uma Frente do Povo. O PSP- Secretaría García Costa estava contra Isabel mas clamava pelo respeito às instituições democráticas, o PSD apoiava o golpe com o mesmo antiperonismo que em 1955 e clamava por mais repressão e que a ditadura organize julgamentos públicos contra os peronistas. Na matriz comunista os maoístas do PCR apoiavam o governo de Isabel e denunciavam os sindicalistas classistas como agentes do social imperialismo russo na burocracia sindical peronista e foram brutalmente reprimidos pela ditadura. por sua vez, os comunistas criticavam Isabel e propunham a formação de um governo cívico-militar de uma vez que apoiavam o Gral. Videla entendendo que fosse um “general democrático” que evitaria o que a seu critério era o perigo real, a possibilidade de “pinochetização” do regime.

A CSA é quem torna público a fins de 1976 e princípios de 1977 o primeiro relatório sobre a situação dos direitos humanos na Argentina e em 1979 participa da entrega de relatório sobre os desaparecidos à comissão da Organização de Estados Americanos (OEA), política de Jimmy Carter nos Estados Unidos mediante¹³³.

Paralelamente a assinatura de Jorge Selser principal dirigente do MSLN aparece em uma solicitada dando um apoio explícito ao projeto político do Almirante Emilio Massera membro da Junta de governo militar, que fundará seu próprio partido o Partido da Democracia Social (PDS).

O PSD, organicamente, nomeia o seu máximo dirigente Américo Ghioldi como embaixador em Portugal, com o apoio incondicional de quem depois será um importante dirigente socialista, Norberto La Porta.

O Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT) e seu braço armado o Exército Revolucionário do Povo (ERP) e os maoístas Partido Comunista Revolucionário (PCR) e o Partido de Vanguarda Comunista (PVC), além da organização peronista Montoneros e seu Partido Autêntico (PA), são colocados na ilegalidade pela Junta do governo militar, quer dizer, que o só feito de pertencer ao partido era delito. Não ocorre o mesmo com os outros grupos socialistas nem com o PCA, a quem lhes suspende as atividades como aos partidos tradicionais.

¹³³ Documentação extraída dos arquivos pessoais de Manuel Outeriño, apresentados gentilmente ao autor por sua viúva Elena Tchaldy em entrevista realizada no bairro de Caballito, na Cidade Autônoma de Buenos Aires em dezembro de 2003.

Sobre o final da ditadura se produzem reacomodações no interior das forças socialistas, que cristalizam que o PSP-SEB no começo de 1981 realiza um acordo com a CSA (Cf. *Jornal A Nação*: 5 de março de 1981 e *A Vanguarda Popular* nº 13.953: março de 1981:1), enquanto que paralelamente o PSP-SGC, o PSU e o PS do Chaco assinam um documento conjunto (Cf. *A Vanguarda Popular* nº 13.954, maio de 1981:1)

Em 2 de julho de 1982 e quatro organizações socialistas: o PSP-SGC, o PSU, a CSA e o Movimento Socialista (MS)¹³⁴, este último conduzido por Renato Vasallo, realizam um ato único de comemoração dos fundadores do “velho e glorioso Partido Socialista” (Cf. *A Vanguarda Popular* nº 13.965, julho de 1982:3)

Em 19 de dezembro de 1982 se forma a Mesa de Unidade Socialista (MdeUS)¹³⁵ formada pela CSA, o PS do Chaco, o PSP e o PS de Salta sob a presidência da Dra. Alicia Moreau de Justo (Cf. Moreau de Justo: 1983) O grupo Orientação Socialista (VOS) dirigido por Ángel Di Paola e Antonio De Renzis, consideram que a MdeUS é um espaço político capaz de impulsionar uma frente de liberação nacional e social, onde a classe trabalhadora seja hegemônica, mas participem também a pequena e média burguesia, os produtores mercantis, os comerciantes, os profissionais e os trabalhadores por conta própria. Considera este um programa de liberação nacional em trânsito ao socialismo (Cf. Periódico: *Orientação Socialista* n° 1, outubro de 1983: 3)

As eleições de 1983 dividem à Confederação Socialista Argentina (CSA) em dois grupos, o setor amplamente majoritário formará a Confederação Socialista Argentina - Secretaria Oscar Palmeiro (CSA-SOP) que apoiassem as candidaturas presidenciais de Guillermo Estévez Boero e de Edgardo Rossi, pelo PSP, enquanto que a denominada Confederação Socialista Argentina – Secretaria Héctor Polino (CSA-SHP) apoiará a candidatura do radical Raúl Alfonsín. Polino será renomado Secretário de Ação Cooperativa durante a presidência deste.

Nas mesmas eleições de 1983, a primeira candidata para integrar o Colégio Eleitoral que elegeria o presidente nas listas do PSP foi a Dra. Moreau de Justo e não resultou eleita. Esse mesmo ano, um grupo que se desprende da CSA encabeçado pelo Jorge Otonello, forma uma linha interna na União Cívica Radical (UCR) hegemonizada pelo alfonsinismo, o Movimento Radical Socialista (MRS).

Em 1984 a maioria do CSA-SOP se incorpora ao Partido Socialista Autêntico (PSA) enquanto que a outra parte deste mesmo setor constituída pela Confederação Socialista do Chaco (CSCh) e a nonagenária dirigente Alicia Moreau de Justo se

¹³⁴ Movimento Socialista (MS) não tem nada a ver com o grupo de Dickman que durante a segunda presidência do Perón organiza a base do que foi o Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN)

¹³⁵ Embora se encontrem semelhanças, não é o mesmo a Mesa da Unidade Socialista (MdeUS) formada em 1982 que a aliança eleitoral Unidade Socialista (US) formada pelo Partido Socialista Democrático (PSD) e o Partido Socialista Popular (PSP), a qual começa a gerar-se em 1984 e cristaliza para as eleições legislativas de 1985.

integrarão definitivamente à Unidade Socialista (US), uma aliança eleitoral formada pelo PSD e o PSP. Observamos durante todo este período que o PSD se mantém virtualmente sem fragmentações da divisão de 1958, separando-se só o escassamente expressivo Grupo Evolução (G) que em 1972 é um dos grupos fundadores do PSP e que se integrará à corrente socialista liderada por Estévez Boero.

O dia 1º de dezembro de 1984 segundo as informações de seu periódico, forma-se o Partido Socialista 1º de maio (PS1ºM) no hotel do sindicato dos trabalhadores ferroviários, “A Fraternidade”, sobre a base de 27 centros socialistas da Capital Federal e da província de Buenos Aires convocados pela CSA, centros socialistas independentes das províncias de Córdoba e Santa Fé e um setor do PSU. A Secretaria Geral esteve a cargo de David Tieffemberg, o ex-dirigente do PSAV.

O PS1ºM, integra para as eleições legislativas nacionais de 1985 a Frente do Povo (FREPU), uma aliança eleitoral constituída fundamentalmente pelo PCA e pelo Movimento ao Socialismo (MAS), grupo político de orientação trotskista morenista, sob hegemonia do PCA e para as eleições legislativas de 1987, a FRAL (Frente Ampla de Liberação), a aliança entre o PCA e o Partido Humanista (PH), hegemonizada também pelo PCA.

Em 1984 também se realiza um Congresso de unificação entre o PSA, o PSU e a CSA, escolhendo uma condução associada integrada por Enrique Inda (PSA), Simón Lázara (PSU) e Héctor Polino (CSA). Entretanto, em 1987, Simón Lázara e Héctor Polino, são separados de suas funções partidárias por assinar a Convergência Programática Nacional impulsionada pelo presidente Raúl Alfonsín (Cf. Camps *O PSA e nós; a geração de 71* em *A Vanguarda Autêntica* nº 13.996, janeiro/fevereiro 1987:3). Lázara¹³⁶, quem era Secretário de Ação Política do PSA, reconstruiu o PSU para integrar-se às listas de deputados nacionais do radicalismo pela Capital Federal para as eleições legislativas de 1985, compartilhando as listas com figuras como a de Francisco “Paco” Manrique¹³⁷ enquanto que Héctor Polino¹³⁸, que era Secretário de Interior do

¹³⁶ Simón Lázara tinha ganhado certo prestígio na área de direitos humanos durante a ditadura militar por seu trabalho na Assembléia Permanente pelos Direitos humanos (APDH) na qual também participava Raúl Alfonsín. A APDH, iniciativa de Lázara e de Graciela Fernandez Meijide foi um dos primeiros organismos de direitos humanos a aceitar a política de claudicações alfonsinistas na área de direitos humanos como a única possível, dividindo o outrora poderoso movimento de direitos humanos. Lázara aceita ser candidato com o radicalismo depois deste, ter votado as leis de impunidade de ponto final e de obediência devida.

¹³⁷ Francisco “Paco” Manrique, membro da Força Aérea que bombardeou a Plaza de Mayo em uma tentativa fracassada de derrocada do peronismo antes de 1955 assassinando civis, formou parte da Revolução “Fuziladora”, nome com que se conheceu a Revolução Libertadora pelo fuzilamento de operários peronistas esse ano e foi Ministro da Ação Social do ditador Juan Carlos Onganía. Em 1987 com o Partido Federal (PF) do qual foi fundador também adere à Convergência Programática Nacional impulsionada por Alfonsín.

¹³⁸ Héctor Polino em 1987 decidiu não respeitar a política do PSA e se somou acriticamente ao governo radical, entretanto, frente a um oferecimento no ano 2006 do presidente Kirshner com o mesmo interesse

PSA permaneceu como Secretário de Ação Cooperativa de Raúl Alfonsín, para posteriormente integrar-se ao PSD. Justo é reconhecer que além de Lázara e de Polino muitos socialistas de diferentes grupos incluídos, o reformista combativo Alfredo Bravo e membros do tronco histórico do socialista liberal PSD, tinham formado parte do também alfonsinista Conselho para a Consolidação da Democracia (CCDem), embora de uma maneira “independente”.

Paralelamente aos já mencionados PS do Chaco, conduzido por Edgardo Rossi e de Salta dirigido pelo Vicente Baffa Trassi, na década de oitenta se formam outros dois partidos socialistas de origem provincial, o Partido Socialista Autêntico de Chubut (PSA-Chu) e o Partido Socialista Operário para a Liberação na província de Mendoza. O primeiro, é dirigido por Anselmo de Carmen Montes e não forma parte da estrutura nacional do PSA, é um partido de estrita projeção provincial e se consideram garcía-costistas em referência ao Ex-secretário Geral do PSP e do PSA, Víctor García Costa. O Partido Socialista Operário para a Liberação (PSOL) nasce na província de Mendoza, mas tenta ter uma projeção nacional. O partido é fundado por Ángel Bustelo, que tinha formado parte do PCA durante cinquenta anos e foi expulso em 1987. Decide construir o PSOL e por ele foi candidato presidencial em 1989. (Cf. Lacoste 1993: 82-83) É um caso curioso onde se constrói um partido socialista a partir da matriz comunista.

A partir de 1985, com vindas e voltas, crise e conflitos, funciona uma aliança eleitoral denominada Unidade Socialista (US)¹³⁹, entre o PSD e o PSP, logo depois de um breve afastamento para negociar melhor cada grupo espaços próprios em uma estrutura antidemocrática como a da Aliança entre a UCR e a FREPASO, que por grandes diferencia ideológicas, surpreendentemente, no ano 2002 se forma a unidade em uma mesma estrutura, reorganiza-se o PS.

No ano 2001, Alexis Latendorf, o ex-dirigente do PSAV, ex-membro da Frente pela Democracia Avançada FDA que tinha sido eleito como Legislador pela Cidade Autônoma de Buenos Aires, como candidato pelo Partido Socialista Autêntico (PSA) separa-se e é objeto de uma campanha infame em seu contrário por parte dos partidos majoritários. Foi submetido a calúnias morais e políticas para expropriar seu assento, por parte do “chachismo” e do “ibarrismo” frepasista¹⁴⁰ e pela UCR, todas elas

de cooptação que outrora Alfonsín, mudou de atitude decidindo respeitar a posição política do atual PS e não se integrou ao governo.

¹³⁹ Para as eleições de Constituinte de 1995, impulsionadas por Menem para garantir sua reeleição a Unidade Socialista se ampliou como Unidade dos Socialistas com a participação da Frente pela Democracia Avançada (FDA) e do Partido Socialista Autêntico (PSA).

¹⁴⁰ Na mesma eleição legislativa local o “ibarrismo”, a referência é ao ex-intendente da cidade de Buenos Aires, Aníbal Ibarra, frepasista, fez fraude na recontagem dos votos para impedir que assumia um terceiro legislador por Esquerda Unida (IU), Jorge Makarz, do Pólo Socialista (P.Social.) Como para Esquerda Unida (IU) tinham entrado dois legisladores de suas correntes políticas majoritárias, Vilma Ripoll pelo Movimento Socialista dos Trabalhadores (MST) e Patricio Echegaray (PCA), não defenderam

acusações que foram depois desprezadas pela própria justiça “burguesa”.

Forma o Bloco Piquete Socialista (PiqSoc), o qual apóia nas eleições do 2003 à Frente trotskista PO-MAS e seu grupo político se dissolve logo depois da eleição no mencionado frente e com o fim de seu mandato legislativo.

Como antecipei parágrafos acima, no ano 2002, produz-se a unificação dos dois partidos socialistas mais importantes do país, o Partido Socialista Democrático (PSD) e o Partido Socialista Popular (PSP), que reconstróem o Partido Socialista (PS), entretanto, o Partido Socialista Autêntico (PSA), continuidade histórica do Partido Socialista Argentino não forma parte da mencionada unidade.

Quadro 13. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista socialista na Argentina sob a gênese, desenvolvimento e crise do modelo neoliberal (1975-2006)

Partido Socialista	Período	Principais Dirigentes	Periódico	Evolução e observações
14. Partido Socialista Democrático (PSD)	1958-2002	Nicolás Repetto; Américo Ghioldi; Antonio Solari; Andrés Justo; Arturo L. Ravina; Teodoro Bronzini; Jacinto Oddone; Manuel Bessaso; Raúl Dellepiane; Norberto La Porta; Raúl Puy; desde 1985 Alfredo Bravo y Oscar González; desde 1989 Héctor Polino.	Afirmación (dirigido por Américo Ghioldi) La Vanguardia <i>del socialismo democrático</i> Revista Socialista	Em 2002 reconstrói o PS com Partido Socialista Popular (PSP)
20. Partido Socialista de la Izquierda Nacional (PSIN) Frente de Izquierda Popular (FIP)- Movimiento Patriótico de Liberación (MLN)	1962-1995	Jorge Abelardo Ramos; Jorge Enéas Spilimbergo	Izquierda Nacional; La Patria Grande	El setor majoritário se dissolve no peronismo menemista em 1995. Outro grupo forma a Corriente Nacional (CN) e desde 1984 o Partido de la Izquierda Nacional (PIN)
24. Partido Socialista de los Trabajadores (PST)	1971-1982	Juan Carlos Coral y Nahuel Moreno	Avanzada Socialista; La Chispa Órgano de la Juventud Socialista (JS), PST .	Aliança de PSArg.- CP-SJCC com o Partido Revolucionario de los Trabajadores - La verdad, trotskista morenista (tm) sob

politicamente com força seus direitos para evitar romper o equilíbrio no interior da aliança com um terceiro grupo e legislador. Uma vez derrubado o kirshnerismo, o mandato de Ibarra foi caçado por um incêndio em um recital onde morreram mais de 190 jovens por irresponsabilidades múltiplas. Ibarra foi responsável político por habilitações municipais irregulares a partir de subornos.

Por ‘chachismo’ entendemos à corrente política encabeçada por Carlos “Chacho” Álvarez.

			Solidaridad	hegemonía deste; PST-Resistencia (PST-R); Movimiento al Socialismo (MAS) -Liga Internacional de los Trabajadores -Cuarta Internacional (LIT-CI)
31. PSP-Secretaría Víctor García Costa (PSP-SVGC);- Partido Socialista Auténtico (PSA) desde 1982	1974-2005	Víctor García Costa Enrique Inda Mario Mazitelli Adrián Camps	La Vanguardia Popular - La Vanguardia Auténtica	PSA y Piquete Socialista (Piq.Soc.)
32.PSP – Secretaría Guillermo Estévez Boero- (PSP-SGEB); Partido Socialista Popular (PSP) desde 1982	1974-2002	Guillermo Estévez Boero; Héctor Cavallero; Juan Carlos Zabalza; Carlos Spini; Carlos Constenla; Ernesto Jaimovich; Hermes Biner; Rubén Giustiniani	La Vanguardia Popular y Socialista	No ano 2002 em aliança com o PSD reconstrui o PS2
33.Movimiento Socialista de Liberación Nacional (MSLN)	1973-1982	Jorge Selser; Simón Lázara hasta 1974		Apoia o Almirante Masera em 1977 em seu projeto político.
34.Partido Socialista Unificado (PSU)	1974-1987	Simón Lázara	El Socialista órgano del PSU	Se dissolve na Convergência impulsionada pela UCR em 1987. Lázara, termina seus dias como porta voz do ex- presidente Raúl Alfonsín
35.Confederación de Agrupaciones Socialistas Argentinas (CASA) - Confederación Socialista Argentina (CSA)	1974-1982	Oscar Palmeiro; Alicia Moreau de Justo; Héctor Polino; Héctor López Acoto; Emilio Corbière; Manuel Outeriño; Elena Tchalidy; Rubén Visconti	El Socialista Argentino Director: Oscar Palmeiro, fundado por Alicia Moreau de Justo el 15 de marzo de 1980 Palabra Socialista <i>Tribuna del socialismo obrero</i> Federación Socialista de Santa Fé - CSA.	Confederación Socialista Argentina - Secretaría Oscar Palmeiro (CSA-SOP) Confederación Socialista Argentina - Secretaría Héctor Polino (CSA-SHP) Rubén Visconti se integra o trotskista morenista MAS
36. Partido Socialista de Chaco (PSCha)	1982-1984	Vicente Baffa Traci		Forman a Confederación Socialista de

				Chaco (CSCh)
37. CSCh	1985	Edgardo Rossi; Alicia Moreau de Justo		Se dissolvem na Unidad Socialista (US) aliança eleitoral do PSD e o PSP desde 1985.
38. PS de Salta (PS-Sal)	1985			US
39. PS de Misiones (PS-Mi)	1985			US
40. Corriente Nacional – Partido de la Izquierda Nacional (CN-PIN)	1982-2002	Jorge Enéa Spilimbergo		Formam parte das listas do PSP nas eleições presidenciais de 1983.
41. CSA-SOP	1982-1984	Oscar Palmeiro; Alicia Moreau de Justo; Héctor López Acoto; Emilio Corbière; Manuel Outeriño; Elena Tchalidy;		Se incorporam ao PSA
42. CSA-SHP	1982-1989	Héctor Polino		Depois de seu apoio a Alfonsín e Polino formar parte de seu governo, em 1989 se incorporam ao PSD
43. Orientación Socialista (OS)	1982-1995	Ángel di Paola y Antonio de Renzis	Orientación Socialista	Apoiam em diferentes momentos à CSA, a FRAL a Izquierda Unida (IU) primera época.
44. Movimiento Socialista (MS)	1982	Renato Vasallo		Acercamentos ao PSA
45. Movimiento Radical Socialista (MRS)	1983	Jorge Otonello		Apoiam Alfonsín, se dissolvem como linha interna da UCR.
46. Partido Socialista 1° de Mayo (PS1°m)	1984-1989	David Tieffemberg	La Herramienta	Se incorporam a FREPU e a FRAL
47. Partido Socialista Auténtico de Chubut (PSAChu)		Anselmo del Carmen Montes		Não têm vinculação com o PSA nacional, García Costistas.
48. Partido Socialista Obrero para la Liberación (PSOL)	1985-1989	Andrés Bustelo		Ex comunista.
49. Piquete Socialista (PIQSO)	2001-2003	Alexis Latendorf		Ex - PSA Expulsado sendo legislador na Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Apoia a Frente

				Partido Obrero – Movimiento al Socialismo (Fte. PO- MAS) en el 2003
50. Partido Socialista (PS)	2002	Rubén Giustiniani; Oscar González; Raúl Puy; Norberto La Porta; Hermes Binner; Héctor Polino; Roi Cortina	La Vanguardia	Aliança que reunifica o PSD e o PSP.

Fonte: Elaboração própria.

Como poderemos observar nos quadros 5, 7, 12 e 13, neste mesmo capítulo, aonde pretendo realizar um mapeamento geral das trajetórias dos socialistas na Argentina, podemos afirmar que em um período de cento e doze anos que abrange entre 1894 e 2006 na formação econômico-social da Argentina contabilizamos ao menos uns cinquenta grupos e/ou partidos políticos que têm sua origem na matriz marxista socialista os quais se dividiram e reuniram em múltiplas ocasiões gerando perfis particulares como parte da pluralidade das esquerdas argentinas.

2. Os partidos políticos da matriz comunista na Argentina.

a. Origens e evolução dos partidos políticos da matriz comunista na Argentina sob o modelo agroexportador (1918-1930).

A matriz comunista surge a partir de uma cisão do PS, no ano 1918, tanto por causas internas como externas.

Em relação com as causas internas sobre a base do Comitê de Propaganda Corporativa do PS (CPG-PS), do Centro de Estudos Carlos Marx (CECM) e da Federação Juvenil Socialista (FJS), fundada em 1916, constitui-se um pólo de oposição revolucionária às idéias de reformistas no PS, que no plano teórico internacional rechaçava as idéias do Berstein e as posições políticas dos socialistas argentinos com respeito à primeira grande guerra e à revolução soviética de outubro de 1917, com o qual se forma o Partido Socialista Internacional (PSI). (Cf. Arévalo 1983; Corbière 1984)

As diferenças políticas entre reformistas e revolucionários, entre partidários da intervenção na guerra por questões vinculadas às necessidades do comércio exterior argentino como o grupo parlamentar do PS e os partidários da paz, os futuros comunistas, vão trazer entre outras consequências a divisão do PS.

O ponto de partida desta transcendente divisão política é um grupo que existe já desde 1912 dentro do PS, o qual se agrupa no mencionado CECM, elabora definições

políticas antirreformistas no plano teórico, quer dizer, contrárias às tese de Eduard Bernstein no plano internacional como já foi mencionado e às de Juan B. Justo dominantes no plano local do II Congresso do PS. Nesse mesmo ano começam a publicar um periódico próprio, chamado *Palavra Socialista*, constituindo de fato uma fração dentro do partido.

No III Congresso Extraordinário do PS que se reúne nos dias 28 e 29 de abril de 1917, este grupo, majoritário no Congresso, mas minoria no Comitê Executivo da PS impulsiona uma moção favorável à paz e contra a guerra, a qual resulta triunfante. O setor de Justo e o dos parlamentares, que expor que qualquer decisão sobre a guerra devia ficar em mãos dos próprios parlamentares e do Comitê Executivo, perdeu o Congresso, entretanto, como mantinham sua maioria no Comitê Executivo, atuam desconhecendo de fato as resoluções do Congresso. Ante esta situação, forma-se um “Comitê Pró-Defesa das Resoluções do III Congresso Extraordinário” cujos membros são expulsos do partido ao não aceitar a exigência do Comitê Executivo de dissolvê-lo.

Posteriormente, nos dias 5 e 6 de janeiro de 1918, realiza-se um Congresso dos Centros Socialistas dissolvidos e das minorias expulsas, os quais formam o Partido Socialista Internacional (PSI), o qual em 1919 adotará definitivamente o nome de Partido Comunista da Argentina (PCA). O PCA será o partido “mãe” da matriz marxista comunista argentina, a qual também pode ser denominada, marxista-leninista a partir da consolidação desta como ideologia de Estado na URSS. Entre os principais dirigentes deste novo agrupamento política se encontram José Panelón, Rodolfo Ghioldi, Juan Ferlini e Victorio Codovilla.

A Revolução Russa atuou tanto como um impulsor das lutas sociais, como uma divisória de águas no movimento operário internacional e nos partidos socialistas de todo o mundo. Nesse contexto, na Argentina os comunistas decidem aceitar as vinte e um condições que exigia a Internacional Comunista (IC), a III Internacional ou o Comintern para integrar-se a ela. Recém em 1924, José Panelón, é o primeiro líder comunista argentino eleito como membro pleno da IC.

Entretanto, queria ressaltar uma vez mais que na ruptura dos socialistas internacionais no caso argentino não devem subestimá-las razões internas, as diferenças políticas estratégicas que cristalizam em diferentes concepções sobre o socialismo. O que pretendo destacar é que a cisão, não foi uma simples ruptura impulsionada do exterior, mas sim foi uma consequência da evolução de posições políticas pré-existentes em diferentes setores ao interior do PS. Da mesma forma que tampouco pode ocultar-se que o PC é a seção Argentina da III Internacional.

Em 1923, no V Congresso do PCA, começa a cristalizarem-se duas posições políticas enfrentadas, uma chamemo-la “esquerdista”, majoritária no Congresso e outra

minoritária que mantém o controle da direção. A discussão que atravessará também o VI Congresso, realizado um ano depois, será a respeito da implementação de um programa de reivindicações imediatas, ao estilo do Partido Socialista (PS), impulsionadas pela direção do partido, mas que era rechaçada pelos esquerdistas. Esta divisão entre programa mínimo e programa de ‘máxima’, vai ser um elemento comum a tanto aos socialistas como aos comunistas. Este Congresso convoca à formação de uma comissão de redação de programa para ser apresentado no próximo Congresso. A direção partidária encabeçada por Vittorio Codovilla obtém o apoio da IC para disciplinar aos dissidentes sob o chamado a “bolchevizar o partido”.

Ao VII Congresso a comissão de programa chega dividida, produzem se enfrentamentos entre os grupos com o saldo de um militante da Federação Juvenil Comunista (FJC) do setor morto da direção, o que precipita a ruptura em cismas. Os “esquerdistas” formassem entre fins de 1925 e princípios de 1926 o Partido Comunista Operário (PCO), que também serão conhecidos como os “chispistas”, já que publicam o periódico *A Faísca* entre fins de 1926 e fins de 1929. O PCO dirige o Sindicato Operário da Indústria Metalúrgica (SOIM), apresenta-se a eleições em 1928 e dirige a seção Argentina da Liga Anti-imperialista Mundial (LAM). Seus principais dirigentes foram Mateo Fossa, Héctor Raurich, Angélica Mendoza e Cayetano Oriolo. Se auto-dissolvem no princípio de 1930 e se identificaram em grande medida com as posturas da oposição de esquerda internacional na URSS, pelo qual muitos de seus membros como veremos participaram da formação das primeiras organizações trotskistas argentinas. Ao se negar a aceitar a diferenciação entre um programa mínimo e programa máximo, Panelón antecipava o que seria uma das posições políticas características do que posteriormente será o trotskismo.

José Panelón estava preocupado por solidificar a presença política no país dos comunistas além de ser a seção da IC na Argentina, portanto exigia uma política eleitoral e uma política municipal para o PCA. Sua postura é derrotada pela linha do Rodolfo Ghioldi e de Aclamo Codovilla, o que precipita seu afastamento do partido.

Em 1928 o dirigente comunista e vereador pela Capital Federal, José Panelón, logo depois de ser expulso do PCA, funda o Partido Comunista da Região Argentina (PCRA) que rapidamente adotará o nome de Partido Comunista da República Argentina (PCRepA). Posteriormente, devido à ilegalizar o partido pela ditadura de Uriburu em 1930, refunda-se com o nome de Concentração Operária (CO). Obtém certa presença local, o que permite que Panelón seja reeleito vereador entre 1930 e em 1934. Em 1945 CO, opôs-se tanto à candidatura de Perón como a da União Democrática (UD), tentando viabilizar a fórmula Honório Pueyrredón - Alfredo Palácios, a qual não prosperou. O órgão do PCRA foi *Adiante* que se publica entre 1928 e 1930, enquanto que o do CO foi

Frente Democrática, que aparece entre 1943 e 1945. Desta corrente de partidos, surgirá o primeiro grupo trotskista sul-americano em 1929 o Comitê Comunista de Oposição (CCO)¹⁴¹.

Quadro 14. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista comunista na Argentina sob o modelo agroexportador (1918-1930)

Partido	Período	Principais Dirigentes	Periódico e/ou Revistas	Evolução
1. Partido Socialista Internacional (PSI) - Partido Comunista Argentino (PCA)	1918-2005	José Panelón; Rodolfo Ghioldi; Juan Ferlini; Victorio Codovilla; Rubens Iscaro; Fernando Nadra; Athos Fava; Jerónimo Arnedo Álvarez; Patricio Echegaray y Jorge Kreynes	Revistas: Nueva Era; Margen Izquierdo. Periódicos: ¿Qué pasa?; Aquí y Ahora la Juventud; Nuestra Propuesta; Diario Sur.	Prosoviéticos. PCA, Partido Comunista Obrero (PCO) y Partido Comunista de la República Argentina – Partido Comunista de la Región Argentina (PCRA) – Concentración Obrera (CO)
2. Partido Comunista Obrero (PCO)	1925-1930	Mateo Fossa, Héctor Raurich, Angélica Mendoza y Cayetano Oriolo	La Chispa ¹⁴²	Oposición de izquierda internacional - trotskistas
3. Partido Comunista de la República Argentina (PCRepA); Partido Comunista de la Región Argentina (PCRA); Concentración Obrera (CO)	1929-1945	José Panelón	Adelante (PCRA) - Frente Democrático (CO)	Comité Comunista de Oposición (CCO) trotskistas

Fonte: Elaboração própria.

O mais importante neste período é a ruptura dos socialistas internacionais e uma vez formados como PCA observamos um processo aonde os dois primeiros grupos surtos da matriz comunista evoluirão para posições políticas trotskistas, o Partido Comunista Operário (PCO) conhecidos como chispistas pelo nome de seu periódico e o Partido Comunista da Região Argentina (PCRA) e suas continuidades históricas, o Partido Comunista da República Argentina (PCRepA), depois Concentração Operária (CO). O dirigente que mais se destaca deste conjunto de partidos foi José Penelón.

¹⁴¹ Ver a matriz marxista trotskista na Argentina neste mesmo capítulo.

¹⁴² Este grupo político é conhecido como os “chispistas”.

b. Evolução dos partidos políticos da matriz comunista na Argentina sob a gênese, desenvolvimento e crise do modelo de substituição de importações (1930-1975).

Em relação às posições políticas em relação ao peronismo em 1946 se produz um debate durante o XI Congresso do PCA, logo depois da derrota eleitoral da União Democrática (UD), impulsionada pelos membros do partido das Ferrovias do Sud. Estes propunham extirpar o browderismo¹⁴³ do partido, de uma vez que rechaçavam o autoritarismo interno, já que de acordo com sua posição impedia um debate criativo (Cf. Schulman: 2000).

É importante destacar que desde fins da década de 20 e começos da de 30 o PCA não sofrerá rupturas que constituam uma nova orgânica até a década de 60, manteve-se virtualmente monolítico durante cerca de quarenta anos, embora sim exista expulsões no partido.

A linha do PCA para o peronismo pode sintetizar do seguinte modo: expor a necessidade de combater ao nazista-peronismo formando uma frente democrática policlassista. Assim como no socialismo se produz um tênue debate entre Américo Ghioldi e González, no comunismo sucede o mesmo com membros do partido da ferrovia Sud e o conjunto da direção. As políticas de Ghioldi no socialismo e da direção do comunismo foram amplamente hegemônicas e os críticos destas linhas tiveram pouco peso político.

A Revolução cubana, o “descobrimento” do conjunto dos escritos de Antonio Gramsci e sua difusão na América Latina, o surgimento do guevarismo como uma estratégia guerrilheira, o papel dos povos do Terceiro mundo em sua luta pela libertação e o maoísmo fundamentalmente a partir do triunfo da Revolução Chinesa, o próprio conflito chinês-soviético e a Revolução Cultural, são algumas das causas que subdividirão os partidos de matriz comunista, permitindo que se expressem diferenças estratégicas que aninhavam no interior do partido. Desencadeiam conflitos latentes.

Segundo Raúl Burgos, existe um conjunto de condições políticas, sociais e culturais que fazem que ao calor da radicalização que vive a América Latina, como consequência do triunfo da revolução cubana, seja possível que um grupo de jovens e intelectuais no interior do Partido Comunista Argentino, aproximem-se de Antonio

¹⁴³ O browderismo faz referência ao dirigente comunista norte-americano, Earl Browder, que desde 1924 tinha pertencido aos órgãos diretores da IC, já seja como membro titular do Comitê Executivo e suplente do Presidium do Comitê Executivo do VII Congresso em 1935, que pregava no contexto do pós-guerra em favor de uma sociedade de convergência e integração entre o capitalismo e o socialismo e transformando a tática da política de Unidade dos Estados Antifascistas em uma estratégia para a IC (Cf. Schulman: 2000)

Gramsci como uma forma de enfrentar o autoritarismo e dogmatismo desse partido. É o Grupo político que edita a revista, *Passado e Presente* que se transformará em um referente da nova esquerda em gestação e que será expulso do PCA (Cf. Burgos 2004:63).

A revista começa a gerar-se no seio do PCA, já que José Aricó era Secretário de Organização da Federação Juvenil Comunista (FJC) de Córdoba em abril de 1963. Posteriormente Juan Carlos Portantiero abandona o PCA, mas em Buenos Aires e no que poderíamos denominar “códigos maoístas”. O grupo de Portantiero e de Juan Gelman, distintamente do de Córdoba decide constituir uma nova organização política ao ser expulsos do PCA em 1963, Vanguarda Revolucionária (VR), junto com Eduardo Jozami.

O Exército Guerrilheiro do Povo (EGP) foi uma guerrilha marxista instalada em 1963 no noroeste argentino. Foi organizado pelo jornalista Jorge Ricardo Masetti, cujo nome de guerra era o de “Segundo Comandante” já que o “Primeiro Comandante” era o próprio “Che” Guevara e é um grupo que embora não surge do PCA se relaciona com estas dissidências através de um ex-militante do partido, Ciro Bustos, que é o membro do EGP, que obtém o apoio urbano a esta organização tanto do grupo cordobés que integrava Aricó como do de Buenos Aires encabeçado por Portantiero. As tentativas de instalar esse foco guerrilheiro fracassam estrepitosamente e sua presença não supera março ou abril de 1964, desaparecendo Masetti na selva do Yuto e sem voltar a se ter notícias dele.

Em 1962 e em 1965 e duas cisões diferentes do Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV) formarão respectivamente o Partido do Trabalho (PDT) e o Partido de Vanguarda Comunista (PVC), que posteriormente atribuirão ao maoísmo. Este último grupo em 1976 a partir de seu II Congresso denominar-se-á Partido Comunista Marxista Leninista (PCML) e desde 1983 até hoje, Partido da Libertação (PL). Estas duas organizações voltam a ser mencionada porque embora tenham sua origem na matriz socialista, em uma divisão do socialismo argentino, sua evolução política e ideológica os faz cristalizar politicamente na corrente maoísta da matriz marxista comunista argentina.

Também em 1965 o setor universitário da Federação Juvenil Comunista (FJC) forma o Comitê Nacional de Recuperação Revolucionária (CNRR), que em 1968 dará lugar ao Partido Comunista Revolucionário (PCR). Esta é a divisão mais importante do comunismo argentino porque o dividiu em duas importantes correntes, a comunista pró-soviética “reformista” e a que, rompendo como revolucionária contra o que consideravam esse PC reformista e com uma estampagem guevarista, finalmente

cristalizará como maoísta, influenciados por certos acordos táticos com o VC¹⁴⁴. No plano jurídico, em 1985 o PCA ganhou um julgamento do PCR com relação ao uso legal do nome comunista, pelo qual a denominação deste importante grupo político já maoísta politicamente, é PCR, enquanto que a legal e jurídica é a Partido do Trabalho e do Povo (PTP).

Em 1968 o PCR se divide, formando-as Forças Armadas de Liberação (FAL), que explicitava a necessidade da luta armada como forma de ação imediata. Em 1970, as colunas mais importantes das FAL eram as seguintes: Benjo Cruz, Máximo Mena, América em Armas, Inti Peredo, Che Guevara e 22 de agosto.

Em 1966 como também expus quando me referi à matriz socialista, setores provenientes do PSAV e do VR começam a pensar a necessidade de construir uma organização político militar que seja um apêndice do Exército de Liberação Nacional (ELN) da Bolívia dirigido pelo “Che”. Esta experiência é conhecida com o nome de Exército de Liberação Nacional 2 (ELN-2), já que o ELN-1 seria o de “Che”, em 1966 e em 1970, estes setores já formam as Forças Armadas Revolucionárias (FAR).

No marco desta matriz podemos afirmar que em 1968 se forma o Movimento de Ação Socialista para a Liberação da Argentina (MASLA) e que em 1969, surgem os Comandos Populares de Liberação (CPL), como uma cisão das maoístas Forças Armadas de Liberação (FAL), que convergirão posteriormente ao menos com três grupos políticos, com as Forças Armadas Revolucionárias (FAR), com a esquerda peronista e com o Partido Revolucionário dos Trabalhadores – Exército Revolucionário do Povo (PRT-ERP).

Em 1973, os agrupamentos O Operário (EO), o Movimento de esquerda Revolucionário (MIR), o Movimento Revolucionário Argentino (MRA) e Orientação Socialista (OS)¹⁴⁵ formaram a Organização Comunista Poder Operário (OCPO), um agrupamento autodenominado “marxista revolucionário” que formou um braço armado as Brigadas Vermelhas (BR).

Em 1974, surge dentro desta matriz também, o Partido Comunista Argentino Marxista Leninista (PCAML), o qual com uma particular presença política na cidade de La Plata, transforma-se, em 1976 no efêmero Partido Comunista Marxista Leninista Maoísta (PCMLM).

¹⁴⁴ Segundo Sergio Ortiz, atual Secretário Geral do Partido da Liberação (PL):

“Fomos nós em um momento de acordos táticos no final da Revolução Argentina como o boicote às eleições de 1973 e o chamado a votar em branco sob nossa ordem ‘nem golpe nem eleição revolução’, os que apresentamos aos chineses ao PCR”.

Sergio Ortiz entrevista com o autor, em sua casa na cidade do Córdoba, Argentina.

¹⁴⁵ Este grupo político é um grupo marxista revolucionário que não tem nenhuma relação com a corrente socialista que sob esse nome apóia à Confederação Socialista Argentina durante a década de 80.

Quadro 15. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista comunista na Argentina sob a origem, desenvolvimento e crise do modelo de substituição de importações (1930-1975)

Partido	Período	Principais Dirigentes	Periódico e/ou Revistas	Evolução
1. Partido Comunista Argentino (PCA)	1918-2005	Rodolfo Ghioldi; Juan Ferlini; Victorio Codovilla; Rubens Iscaro; Fernando Nadra; Athos Fava; Gerónimo Arnedo Álvarez; Patricio Echegaray y Jorge Kreynes	Revistas: Nueva Era; Margen Izquierdo. Periódicos: ¿Qué pasa?; Aquí y Ahora la Juventud; Nuestra Propuesta; Diario: Sur.	Prosoviéticos. PCA; PCRepA – PCRA - CO.
3. Partido Comunista de la República Argentina (PCRepA); Partido Comunista de la Región Argentina (PCRA); Concentración Obrera (CO)	1929-1945	José Penelón	Adelante (PCRA) - Frente Democrático (CO)	Comité Comunista de Oposición (CCO) trotskistas
4. Vanguardia Revolucionaria (VR)	1963	Juan Carlos Portantiero, Juan Gelman Eduardo Jozami	Táctica	Maoístas- Gramscianos, Grupo Pasado y Presente (GPYP) e Política Obrera (POLOB)
5. Ejército Guerrillero del Pueblo (EGP)	1963-1964	Ricardo Masetti Ciro Bustos		Guevaristas que se vinculan aos grupos ex – PCA (setores de VR y al de Córdoba de José Aricó)
6. Partido de Vanguardia Comunista (PVC)	1965	Elías Semán; - Ernesto Cristina (ambos desaparecidos); Mario Geller; Sergio Ortíz	No Transar Liberación	Partido de la Liberación (PL);- Partido de la Liberación Marxista Leninista (PLML);- Partido Revolucionario de Liberación

				(PRL)
7. Comité Nacional de Recuperación Revolucionaria (CNRR) - Partido Comunista Revolucionario (PCR) - Partido del Trabajo y del Pueblo (PTP) ¹⁴⁶	1965-2005	Otto Vargas; Antonio Sofía	Hoy <i>La nueva izquierda.</i>	Guevaristas e posteriormente Maoístas - Fuerzas Armadas de Liberación (FAL)
8. Ejército de Liberación Nacional Sector 2 (ELN-S2) ¹⁴⁷ ; Fuerzas Armadas Revolucionarias (FAR)	1966 -1970	Eduardo Jozami Roberto Quieto (ELN-S2); Carlos Enrique Olmedo (FAR)		Guevaristas
9. Fuerzas Armadas de Liberación (FAL)	1968	Juan Carlos Cibelli (ex Praxis) – Roberto Quieto y Eduardo Jozami (ex VR)		Maoístas. Fuerzas Armadas Revolucionarias (FAR); Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT)
10. Comandos Populares de Liberación (CPL)	1969	Roberto Quieto Eduardo Jozami		Fuerzas Armadas Peronistas (FAP); peronismo
11. Liga Espartaco (LE)				Luxemburguistas Grupo Obrero Revolucionario (GOR) ¹⁴⁸
12. El Obrero (EO)	1974			Grupos de

¹⁴⁶ É a mesma organização política, como mencionei mais acima, a denominação “política” é: Partido Comunista Revolucionário (PCR) enquanto que a legal, depois de perder um julgamento com o PCA, é Partido do Trabalho e do Povo (PTP).

¹⁴⁷ Este agrupamento já foi colocado também na matriz socialista porque está constituído por setores provenientes do Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV) desta matriz e de Vanguarda Revolucionária (VR) da matriz comunista. Ver localização no quadro 10 neste mesmo capítulo.

¹⁴⁸ Existiram duas organizações diferentes denominadas Grupo Operário Revolucionário na Argentina, como observaremos, na matriz trotskista, mas em dois momentos históricos diferentes, o primeiro entre 1939 e 1941 liderado por Mateo Fossa e Liborio Justo enquanto que o segundo, é constituído em 1970 e será fundida a cisão trotskista mandelista do Partido Revolucionário dos Trabalhadores, o PRT Fração Vermelha e desaparecerá em 1979.

Cba./ Poder Obrero (POD.OB) Sta. Fé/ Movimiento de Izquierda Revolucionario (MIR) Bs.As./ Acción Comunista (AC) – Lucha Socialista (LS)				Esquerda Revolucionaria Socialista que em 1974 conformaram a Organización Comunista Poder Obrero (OCPO)
13.Organización Comunista Poder Obrero (OCPO) – Brigadas Rojas (BR)	1975	Comando Militar: Oscar Salerno, Vampi Tissera, Raúl Tissera, Eduardo Renedo. Político: Fessia, Camilión y Castro	El Obrero	Esquerda Revolucionaria Socialista. Tendências: uma Militarista e outra espontaneísta
14. Orientación Socialista (OS)		Sergio Domecq		Origem como Tendência Comunista do PRT (TC-PRT) conformam a OCPO
15.Movimiento Revolucionario Argentino (MRA)				
16.Partido Comunista Marxista Leninista Maoísta (PCMLM)- Partido Comunista Argentino Marxista Leninista (PCAML)				Maoístas
17.Partido Comunista Marxista Leninista (PCML) ¹⁴⁹				Maoístas

Fonte: Elaboração própria.

c. Evolução dos partidos políticos da matriz comunista na Argentina sob a gênese, desenvolvimento e crise do modelo neoliberal (1975-2006).

O XVI Congresso do PCA, realizado em meados da década de 80, gerará debates, polêmicas e inflexões no rumo político partidário. Logo depois de um balanço

¹⁴⁹Encontramos três partidos políticos com a denominação Partido Comunista Marxista Leninista na Argentina (PCML), o primeiro de denominarei PCML por uma questão cronológica é um efêmero grupo maoísta, o segundo que é o mais importante é o nome que adota o Partido de Vanguarda Comunista em seu segundo congresso em 1976, que denominarei PCML2 e o terceiro, o PCML3 uma divergência estalinista por detrás do XVI Congresso do PCA.

de sua atuação dos últimos quarenta anos, inclina-se por tentar realizar o que denominam uma “virada” rechaçando a política estalinista defendida até o momento e a de frente democrática impulsionada desde 1945.

Depois de haver se oposto durante as décadas de sessenta e de setenta à luta político militar, impulsiona-se a necessidade de uma “frente de liberação nacional e social” como os formados na América Central pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) da Nicarágua e a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN). O comunismo fica ao menos integrado por três blocos, a velha guarda stalinista que não foi expulsa do partido, mas sim recolocada em lugares com uma menor visibilidade pública, Fernando Nadra, Athos Fava e Rubens Iscaro; a nova direção que cresceu amparada pelos estalinistas, mas que expôs a necessidade de uma mudança na política, Patrício Echegaray e Jorge Kreynes e o setor cooperativista o que foi ganhando cada vez mais peso por seu controle do aparelho econômico do partido em particular de seus bancos, Floreal Gorini ate sua morte a fines de 2004 e um dos gerentes do Banco Credicoop, Carlos Heller.

Sofre várias cisões, a maioria não cristaliza em organizações políticas, uma vez que podemos encontrar organizações “satélites” ¹⁵⁰, quer dizer, que sem ser comunistas giram ao redor do eixo do PCA.

Entre os grupos que cristalizaram organizativamente em termos políticos podemos destacar o Partido Comunista Congresso Extraordinário (PCCE), que é um grupo político que se reivindica estalinista e que está dirigido pelo Jorge Pereyra, o Ex-secretário de Organização do PCA e que na atualidade forma parte do kirshnerismo por fora do peronismo. Opõem-se categoricamente à virada partidária dada no XVI Congresso, uma vez que reivindicam o caráter estalinista da EX-URSS, considerando que as críticas a Stalin são uma manobra do imperialismo. Outro grupo estalinista que forma parte desta matriz é o Grupo Avançar (GA), um grupo que se nega a dar informação calçada de seu origem, mas que além disso, realiza uma reivindicação específica do ex-líder do Partido do Trabalho da Albânia (PTA), Enver Hotxa.

Por “direita” também sofreu cisões como a Corrente Protagonismo Popular

¹⁵⁰ Entendo como “satélites” do PCA um conjunto de grupos políticos que não sendo do PCA apóiam em grande medida suas políticas desde outras experiências até um ponto em que rompem com as políticas da partida ou desaparecem. Até certo momento entre 1985 e 1990 encontramos como parte destes grupos Néstor Vicente Ex-democrata Cristão, Ex-partido Intransigente e membro da Esquerda Democrática Popular (IDEPO); o Movimento de Liberação 29 de Maio (ML29M), também conhecidos como radicais de liberação, ex-alfonsinistas; os intransigentes pela frente, que depois formarão a Corrente Nacional Pátria Livre (CNPL), dirigidos pelo Ex-PRT, Humberto Tumini, de todos os grupos é o que elaborará uma política própria e autônoma-se totalmente das influências do PCA; o Partido Socialista 1 de Maio (PS1m); o Partido Nova República (PNR) na província de Santa Fé e o Movimento Peronista 26 de Julho (MP26J). O mesmo pode-se dizer da castrista União de Militantes pelo Socialismo (UMS), dirigida por Luis Bilbao.

(CPP) dirigida pelo Jorge Sigal e Alejandro Mosquera, a qual contou com a simpatia da jornalista Maria Seoane. Este grupo político impulsionou a dissolução do PCA e fracassou, de uma vez que aceitaram continuar na Frente Grande (FG) quando seu principal dirigente Carlos “Chacho” Álvarez, como peronista e “macartista militante”, pôs como condição para a aliança comunistas que estes se dissolvam como partido.

Por “esquerda” também sofreu cisões como Orientação Socialista 2 (VOS 2), Refundação Comunista e os grupos que formaram as revistas *Tese XI* e a União de Militantes pelo Socialismo (UMS) *Crítica de Nosso Tempo*, dirigida por Luis Bilbao.

Quadro 16. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista comunista na Argentina sob a gênese, desenvolvimento e crise do modelo neoliberal (1975-2006)

Partido Comunista	Período	Principais Dirigentes	Periódico e/ou Revistas	Evolução
1. Partido Comunista Argentino (PCA)	1918-2005	Rodolfo Ghioldi; Juan Ferlini; Victorio Codovilla; Rubens Iscaro; Fernando Nadra; Patricio Echegaray y Jorge Kreynes	Revistas: Nueva Era; Margen Izquierdo. Periódicos: ¿Qué pasa?; Aquí y Ahora la Juventud; Nuestra Propuesta; Diario Sur.	PCA prossoviéticos
6. Partido Comunista Marxista Leninista (PCML)	1965-2006	Roberto Cristina, Sergio Ortiz, Mario Geller.	Nueva Democracia	PL; PLML; PRL.
7. Partido Comunista Revolucionario (PCR) - Partido del Trabajo y del Pueblo (PTP)	1965-2006	Otto Vargas; Antonio Sofía	Hoy. <i>La nueva izquierda.</i>	Maoístas
15. Organización Comunista Poder Obrero (OCPO) – Brigadas Rojas (BR)	1975	Comando Militar: Oscar Salerno, Vampi Tissera, Raúl Tissera, Eduardo Renedo. Político: Fessia, Camilión y Castro	El Obrero	Izquierda Revolucionaria Socialista. Tendencias: una Militarista y otra espontaneísta
18. Partido de la Liberación Marxista Leninista (PLML) - Brigada Che Guevara (BCG)	1989	Mario Geller		Maoístas (ex PL) Desaparecen con el suicidio de Geller y el fracaso estrepitoso de un asalto a una escuela.
19. Partido	1989	Manuel Malviccino		Maoístas

Revolucionario de Liberación (PRL)				(ex PL)
20.Partido Comunista Marxista Leninista 3 (PCML 3)	1990			Estalinistas
21.Partido Comunista - Congreso Extraordinário (PCCE)	1996-2005	Jorge Pereyra	Nuestra Palabra	Estalinistas
22.Unión de Militantes por el Socialismo (UMA)	1986	Luis Bilbao	Crítica de Nuestro Tiempo	Comunistas
23. Grupo Tesis XI (GT-XI)			Tesis Once	Comunistas
24. Corriente Protagonismo Popular (CPP) - Alternativa y Liberación, Frente Grande (AyL-FG)	1990	Eduardo Sigal, Alejandro Mosquera		Ex – Comunistas, Frente Grande (FG), Frente País Solidario (FREPASO)
25.Refundación Comunista (RC)	1995		Orientación para la Revolución Socialista	Guevaristas
26.Grupo Avanzar (GA)	1995			Stalinistas-Hotxistas (proalbaneses)

Fonte: Elaboração própria.

Neste estudo como exponho nos quadros 14,15 e 16, neste mesmo capítulo acha-se perto de vinte e seis organizações político - partidárias que têm sua origem na matriz comunista do marxismo argentino ou que formam parte desta matriz em um lapso de oitenta e oito anos, entre 1918 e 2006.

3. Os partidos políticos de matriz trotskista na Argentina.

A matriz trotskista é mais numerosa, complexa e difícil de agrupar. Com a intenção de realizar um ordenamento que de algum jeito simplifique a exposição, em primeiro lugar realizarei um recorte que abrange desde fins dos anos vinte até meados dos cinquenta (1928-1955), o qual é o primeiro período do trotskismo argentino, para posteriormente delimitar um segundo período (1956-1990) da queda do peronismo e radicalização à luz da revolução cubana e até a crise do Movimento ao Socialismo (MAS), a qual mereceria um estudo em particular. O primeiro período coincide virtualmente com a crise de 30, a gênese e desenvolvimento do modelo de substituição

de importações enquanto que o segundo, com o começo da crise e a crise desse mesmo modelo e a instauração do neoliberalismo.

Uma vez exposto este panorama no primeiro período, abordarei o segundo, diferenciando na matriz trotskista argentina a cinco diferentes correntes que têm peso próprio no interior da matriz e que denominarei correntes transpartidárias, posto que em geral, existem mais de um grupo ou partido que forma parte a mesma corrente. Estas são a corrente trotskista morenista; a trotskista nacional; a trotskista pablista-mandelista, que inclui os grupos castro-guevaristas¹⁵¹ já que foi uma tática apoiada e impulsionada por esta corrente; a trotskista posadista e a trotskista altamirista, onde incluirei aqui os trotskistas loristas e os lambertistas, já que os primeiros são uma cisão tardia do altamirismo e os segundos não tiveram uma presença relevante no país a não ser nos momentos de acordo com a mencionada corrente do trotskismo argentino.

a. Os partidos políticos da matriz marxista trotskista na Argentina desde suas origens até a gênese e desenvolvimento do modelo de substituição de importações (1928-1955)

Os trotskistas argentinos, como antecipei, constituem o primeiro grupo sul-americano da Oposição de Esquerda Internacional (OII), entretanto, como expõe Osvaldo Coggiola, não surgem do Partido Comunista Argentino (PCA) oficial mas sim de uma cisão deste, o Partido Comunista da Região Argentina (PC-RA), que posteriormente se transformará em Partido Comunista da República Argentina (PC-RepA) e finalmente em Concentração Operária (CO) e cujo principal dirigente foi José Penelón (Cf. Coggiola 1985: 12-13)

Alguns de quão dirigentes deram origem ao trotskismo argentino, provieram também do Partido Socialista e de experiências em países europeus. O primeiro grupo trotskista na Argentina surge no ano 1929 e os dirigentes mais destacados dessa época foram Antonio Galo, Pedro Milesi, Liborio Justo e Mateo Fossa.

Em 1930 se forma na Argentina o Comitê Comunista de Oposição (CCO) dirigido pelos ingleses, Roberto Guinney, M. Guinney e por Camilo López.

Em 1932 surge a Esquerda Comunista Argentina (ICA), a qual publica um *“Boletim de Oposição”* que difunde as posições políticas da Oposição Internacional e as críticas à teoria estalinista do “socialismo em um só país”, de uma vez que realiza uma defesa do centralismo democrático leninista frente ao centralismo burocrático do modelo “socialista real” e divulga a teoria social do fascismo, entre outras posições

¹⁵¹ Aqui encontramos uma dificuldade na classificação, o castro-guevarismo é uma tática do ‘trotskismo pablista-mandelista’ uma vez que é uma estratégia própria também de grupos político cuja origem está no PCA e no PSA.

políticas. No plano nacional realiza críticas ao PCA. Posteriormente se somará a ICA, uma vez expulso do PCA Pedro Milessi, o Secretário Geral dos Empregados Municipais.

A princípios de 1935 aparece o Grupo IV internacional (G-IV-I), que estava integrado por duas organizações, a Liga Comunista Internacional que editava o periódico *Nova Etapa* (LCI-NE), dirigida por Héctor Raurich e inspirado em um ex-militante socialista Antonio Gallo, e o setor da Liga Comunista Internacional Bolchevique-Leninista Seção Argentina, que publicava *Tribuna Leninista* (LCI-BI-ÁS-TL).

Para finais de 1936 um setor trotskista encabeçado por Liacho, decide fazer entrismo no Partido Socialista Operário (PSO), para o qual organizam frações dentro deste e editam o periódico, *Frente Proletária-Boletim do Marxismo Revolucionário* (FP-BMR) e a revista *Marxismo*, que era o órgão da fração marxista revolucionária do PSO. Em geral são expulsos do partido e estabelecem uma diferenciação política no plano eleitoral nacional posto que distintamente do PCA e do PSO que aderem à candidatura de Marcelo Torcuato de Alvear, para as eleições presidenciais de 1937, que ganhará o radical antipersonalista Roberto M. Ortiz, os trotskistas apoiarão as candidaturas impulsionadas pelo PS.

Em 1938 Milesi impulsionou a publicação da Revista Inicial e Liborio Justo à formação do Grupo Quebracho (GQ). Em 1939 Liborio Justo (Quebracho), Jorge Lagos e um grupo de estudantes anarquistas da cidade de La Plata, encabeçados pelo Jorge Abelardo Ramos conhecido como ‘Seignac’ e Mateo Fossa fundaram o Grupo Operário Revolucionário (GOR). Publicaram primeiro o periódico *A Internacional* e depois *A Nova Esquerda* que constituem as bases sobre as que se forma o GOR. A polêmica central entre estas duas revistas e a *Revista Inicial* se instalou ao redor do problema da “liberação nacional”. Simultaneamente, em 1939 se forma o Grupo Bolchevique Leninista (GBL).

Por volta dos anos 40, Justo e Fossa junto a grupos do interior transformaram o Grupo Operário Revolucionário (GOR) na Liga Operária Revolucionária (LOR) em 1941 e publicaram o periódico *A Nova Internacional*. Mais adiante, estes grupos com algumas contribuições de setores juvenis, publicarão *Luta Operária*. O GOR, então, em 1941 se dissolve na Liga Operária Revolucionária (LOR), entretanto nesse mesmo ano Ramos formará a Liga Comunista Revolucionária (LCR)¹⁵².

¹⁵² Existiram ao menos dois LCR na Argentina, mas em momentos históricos diferentes, o primeiro em 1941 dirigido pelo Jorge Abelardo Ramos e o segundo grupamento que é uma fração do Partido Revolucionário dos Trabalhadores – *O Combatente*, que será expulsa e constituirá a base do Partido Revolucionário dos Trabalhadores - Fracción Vermelha (PRT-FR), com orientação trotskista mandelista entre 1972 e 1979.

Paralelamente com o anterior, Gallo e Milesi, que, como mencionávamos, publicava a *Revista Inicial*, fundaram em 1940 a Liga Operária Socialista (OS). Aderiram a esta um grupo de operários das oficinas ferroviárias de Liniers, o grupo trotskista de La Plata, um de Rosário, militantes do Córdoba e depois se somariam Jorge Abelardo Ramos, Ontiveros e Navajas sob a direção deste último, segundo diversos estudos se mantém até 1948.

Em 1941 se produziu a visita do delegado da IV Internacional, Phelan (Sherry Surripiam), com o objetivo de impulsionar a unificação do trotskismo vernáculo, quer dizer, a LOR e a LOS. Em tais negociações, a LOR de Justo decide retirar-se em oposição aos postulados de concretizar primeiro a unificação para depois discutir as diferenças políticas.

Em 1942 Liborio Justo rompeu com a IV Internacional e Mateo Fossa se retirou da LOR. Este ano, uma série de grupos, fundou o partido Operário da Revolução Socialista (PORS) que publicou *Frente Operária* até 1948. O PORS se transforma na primeira Seção Argentina da IV Internacional. Este partido, o PORS, constitui-se na cidade de Punta Lara, na província de Buenos Aires e em 1943 se dividirá no que se conheceu como Frente Operária Pequena (FOCh) e Frente Operária Grande (FOG), agrupamento, este último, onde se enquadram Jorge Abelardo Ramos, Niceto Andrés e Posadas, que posteriormente será um dos mais destacados dirigentes do trotskismo argentino e mundial. Os dois primeiros, como mencionamos, tinham formado parte em 1941 da Liga Comunista Revolucionária (LCR) e no ano 1947 juntamente com o Grupo Outubro (GO), decidem romper com a IV Internacional.

A fins de 1943, aparece o Grupo Operário Marxista (GOM) dirigido por Nahuel Moreno, outro dirigente trotskista argentino que cumprirá um papel destacado no trotskismo mundial. A evolução política do GOM sinteticamente, inclui a passagem pelo partido Operário Revolucionário (POR), o Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN), com o propósito de fazer entrismo no socialismo para fazer política na legalidade sob o regime peronista e com um significativo peso político em Federação Socialista de Buenos Aires, a transformação em 1956 de seus quadros em Palavra Operária (PAL.OB.); a co-fundação em 1965 do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT) em aliança com a Frente Revolucionária Indoamericana Popular (FRIP) dirigido por Mario Roberto Santucho; logo depois de sua divisão em 1968 se denominará Partido Revolucionário dos Trabalhadores A Verdade (PRT-LV) para construir em 1972 Partido Socialista dos Trabalhadores (PST) junto com Juan Carlos Coral, ex-secretário de Alfredo Palácios e membro do PSArg.-CP-SJCC; por último o PST a partir de 1982 se denomina Movimento ao Socialismo (MAS).

A crise do MAS produz uma diáspora que deu origem ao menos a uma dúzia de

grupos e organizações políticas trotskistas, alguns dos quais continuam reivindicando-se morenistas como por exemplos: o Movimento Socialista dos Trabalhadores (MST) a sua vez subdividido no MST 1 ou MST-Alternativa e MST 2 ou MST O Socialista; a Liga Socialista Revolucionária (LSR), a União Socialista dos Trabalhadores (UST), o Partido da Revolução Socialista (PRS) e Convergência Socialista (CS). Considerarei o ano 1943 será como ponto de partida da corrente política trotskista morenista como uma corrente com peso político e idéias próprias dentro do conjunto de agrupamentos.

Em 1943, Posadas se dá uma política de “entrismo” no Partido Socialista e forma o Grupo IV Internacional (G.IV.I), que participa como a seção Argentina no III Congresso da IV Internacional realizado em 1951; este é o mesmo grupo político que posteriormente formou o partido Operário Revolucionário (POR) o qual em 1960 se transformará no partido Operário Revolucionário-Trotskyista (POR-T) e que em 1983 deriva no partido Operário Revolucionário-Posadista (POR-P)¹⁵³. Dissolvem-se em um partido de matriz socialista, o Partido Socialista Democrático (PSD), em 1994.

É importante destacar novamente que o morenismo e o posadismo constituíram destacadas correntes do trotskismo tanto no plano local como no internacional.

Em 1947, Esteban Rey é expulso do PS por entrismo e no mesmo ano Jorge Abelardo Ramos, junto com Oscar Posse e Mateo Fossa da União Operária Revolucionária (UOR) formam o Grupo Outubro (GO)

Em 1948 se realiza o primeiro congresso do partido Operário Revolucionário (POR) liderado por Nahuel Moreno e Ángel “el Basco” Bengoechea. Este é o grupo político que toma a decisão de manter sua estrutura, mas enviar importantes quadros a realizar um entrismo orgânico no socialismo pró-peronista, o PSRN. Esta é a época e a razão pela qual na Argentina Nahuel Moreno e seus partidários ingressam no socialista nacional Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN) e publica seu periódico, como mencionei, *Palavra Operária* com o seguinte lema como subtítulo: “sob a disciplina do General Perón e do Conselho Superior Peronista”.

Outra das correntes trotskistas mais relevantes na Argentina é a denominada em um primeiro momento trotskista nacional e é conduzida por Jorge Abelardo Ramos.

A questão nacional entra no marxismo argentino através de três vias: em primeiro lugar, posturas políticas ao interior do velho socialismo como as expostas por Manuel Ugarte em 1901, onde realiza uma diferenciação política entre o “nacionalismo de direita” e o que denomina um “nacionalismo superior”, cuja idéia de pátria se

¹⁵³ O Partido Operário Revolucionário - Posadista (POR-P) é diferente do Partido Operário Revolucionário - Massas da Argentina (POR MA) Este último, no caso argentino, é uma cisão do Partido Operário (PO) realizada em meados dos anos oitenta com vínculos iniciais, mas não na atualidade - com o outrora capitalista Partido Operário Revolucionário - Massas boliviano (PELO MB) conduzido pelo dirigente trotskista do altiplano e internacional Guillermo Lora.

relaciona ao direito que têm todos os núcleos sociais a viver a sua maneira; em segunda instância, as idéias de Vladimir Ilich Lenin sobre o imperialismo, a questão nacional, a relação entre países opressores e oprimidos, a autodeterminação dos povos e a necessidade de lutas de liberação nacional nos “países sem história”, exposta na divulgada idéia que “a cadeia imperialista se rompe pelo elo mais débil” e se reintroduz, em terceiro lugar, através do trotskismo defendendo a idéia de “socialismo nacional” de Leon Trotsky na revolução permanente frente à de “socialismo em um só país” elaborado pelo Joseph Stalin (Cf. Galasso 1983).

É o próprio Norberto Galasso, quem explica que o socialismo nacional deve entender-se como:

“(...) um socialismo profundamente enraizado em sua própria realidade, inserido em suas tradições e costumes, com rasgos próprios, nascidos de sua própria história e sua própria economia claramente definidas a favor da revolução nacional e disposto a lutar junto ao movimento nacional por essa liberação, aspirando a representar dentro do frente nacional, os interesses dos trabalhadores e a lhe dar inclusive a esse frente uma perspectiva socialista” (Cf. Galasso 1983:24).

O efêmero Partido Socialista Operário, através de Joaquín Coca, chegou a expor a questão da liberação nacional, entretanto, Liborio Justo, filho de Agustín P. Justo, no começo do trotskismo, expõe com clareza desde 1939, que a Argentina é uma semicolônia oprimida pelo imperialismo, portanto a tarefa da liberação nacional recai sobre a classe operária.

Entretanto, o documento básico da esquerda nacional, vai aparecer no periódico do partido Operário Revolucionário Socialista (PORS), *Frente Operária* (segunda época), em setembro de 1942, sob o impulso das idéias de Carvajal e de Perelman. Aqui ambos expõem que a revolução democrático-burguesa deve dar-se em luta contra o imperialismo e com o propósito de liquidar a herança feudal e que por este motivo, a missão histórica da vanguarda proletária da IV internacional é lhe dar consciência ao movimento inconsciente, ao movimento inorgânico das massas (Cf. *Frente Operária* 19/10/1945; citado também por Galasso 1983:56).

Em 1948 se forma o Partido Operário Revolucionário (POR) dirigido por Posadas e por Nahuel Moreno, cindido este último, Posadas o transforma em 1960, no Partido Operário Revolucionário - Trotskista (POR-T), grupo político que em 1983, logo depois da morte do prestigioso dirigente, adota o nome de Partido Operário Revolucionário - Posadista (POR-P). Esta corrente do trotskismo conhecida

internacionalmente como posadismo foi muito relevante. Posadas morreu na Itália em 1981 em um acidente de avião. Poderíamos adicionar como já mencionei no primeiro capítulo quando expus o trotskismo no plano internacional, que Posadas, foi o mais importante impulsor do entrismo no PC da Argentina e das correntes trotskistas nos comunismo da região. Primeiro com a autorização do Secretariado Internacional da Quarta Internacional (SE-CI), convoca uma conferência latino-americana para aplicar ali a política de ‘entrismo sui generis’, mas que tem como objetivos reforçar seu controle sobre o secretariado latino-americano e de ali pressionar a maior organização trotskista do subcontinente, o Partido Operário Revolucionário (POR) da Bolívia, para que entre no partido nacionalista, nesse então pró-estalinista e hoje neoliberal, Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). Posadas acabará proclamando que o Secretariado Latino-americano é a IV Internacional (SL-CI) e romperá com o SE-CI.

Por outro lado, em 1949, Jorge Abelardo Ramos quem será o principal dirigente e uns dos teóricos mais prolíficos do trotskismo nacional ou do já mencionado socialismo nacional, publica o livro *a América Latina um país*, aonde simplificando assemelha toda a cultura européia à idéia de imperialismo.

A principal expressão política destas idéias, socialistas nacionais, vai ser o Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN), fundado no começo de 1953, por quatro vertentes como já foi mencionado: em primeiro lugar, os socialistas provenientes do tronco tradicional do PS como Enrique Dickman, Joaquín Coca, Oriente Cavallieri, Juan Unamuno e Carlos María Bravo; em segundo lugar por integrantes do Frente Operária como E. Rivera; em terceira instância por quem posteriormente formará a corrente morenista do trotskismo, esquerdistas internacionalistas de reconhecida liderança nesta matriz como Esteban Rey e Nahuel Moreno e em quarto lugar por membros do trotskismo nacional como Jorge Abelardo Ramos e Jorge Enéas Spilimbergo. As idéias destes dois últimos, podem-se resumir da seguinte forma: a esquerda cipaya internacionaliza seus esquemas pseudo-marxistas para ocultar sua dependência do pensamento imperialista.

Em 1952, Silvio Frondizi junto com Marcos Kaplan, tinham formado o Grupo Praxis, pretendendo realizar um balanço e um reagrupamento do trotskismo argentino. Este é um emprendimiento no qual participam também Jorge Altamira, Marcelo Torrens e Roberto Gramer. Nesse mesmo ano, 1952, constitui-se também a Organização Marxista Leninista (OML).

Em 1953, a IV Internacional estava dividida entre os “pablistas”, partidários do Michel Pablo e o Comitê Internacional da IV Internacional, integrados pelo Socialist Worker Party (SWP) e o grupo do Nahuel Moreno.

Quadro 17. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista trotskista na Argentina desde suas origens até a gênese e desenvolvimento do modelo de substituição de importações (1928-1955)

Partido Político de Matriz Trotskista	Fundação	Periódicos e Revistas	Principais Dirigentes	Evolução
1.Comité Comunista de Oposición (CCO)	1928		José Panelón; Roberto Guinney; M.Guinney; Camilo López	
2.Izquierda Comunista Argentina (ICA)	1932	Boletín de Oposición	Pedro Milessi	
3.Liga Comunista Internacional – Nueva Etapa (LCI-NE)		Nueva Etapa	Héctor Raurich; Antonio Gallo	Grupo IV Internacional (G-IV-I)
4.Liga Comunista Internacional Bolchevique-Leninista - Sección Argentina (LCI-TL).	1935	Tribuna Leninista		(G-IV-I)
5.Fracción Trotskista – Liacho – Partido Socialista Obrero (FT-L-PSO)	1936	Frente Proletario-Boletín del Marxismo Revolucionario o Revista Marxismo		Sao expulsos do PSO
6.Grupo Revista Inicial	1938	Revista Inicial	Pedro Milessi	Liga Obrera Socialista (LOS)
7.Grupo Quebracho	1938		Liborio Justo	Grupo Obrero Revolucionario (GOR)
8.Grupo Obrero Revolucionario (GOR)	1939	La Internacional - La Nueva Izquierda	Liborio Justo; Jorge Lagos; Jorge Abelardo Ramos; Mateo Fossa	Liga Obrera Revolucionaria (LOR) e Liga Comunista Revolucionaria (LCR)
9.Grupo Bolchevique Leninista (GBL)	1939			
10.Liga Obrera Revolucionaria (LOR)	1940	La Nueva Internacional ; Lucha Obrera	Liborio Justo; Mateo Fossa	
11.Liga Obrera Socialista (LOS)	1941 - 1948	Nuevo Curso	Pedro Milessi; Antonio Gallo; Jorge Abelardo Ramos; Ontiveros; Navajas	
12.Liga Comunista Revolucionaria (LCR)			Jorge Abelardo Ramos; Andrés Niceto	
13.Partido Obrero de	1942-1948	Frente		É a primeira seção

la Revolución Socialista (PORS)		Obrero		da IV Internacional na Argentina. Duas frações: Frente Obrero Grande (FOG) e Frente Obrero Chico (FOCh)
14.PORS – Frente Obrero Grande (PORS-FOG)		Frente Obrero	Jorge Abelardo Ramos; Andrés Niceto; Posadas	Grupo Octubre (GO)
15.PORS – Frente Obrero Chico (PORS-FOCh)		Frente Obrero		
16.Partido Obrero Revolucionario Socialista (PORS)	1942	Frente Obrero (segunda época)	Carvajal; Perelman;	Trotskismo nacional
17.Grupo Obrero Marxista (GOM)	1943		Nahuel Moreno	Corriente morenista
18.Grupo IV Internacional	1943		Posadas	Corriente Posadista
19.Unión Obrera Revolucionaria (UOR)			Oscar Posse; Mateo Fossa	Grupo Octubre (GO)
20.Fracción Estebán Rey – Partido Socialista	1947		Esteban Rey	Esteban Rey é expulso do PS por realizar uma política de entrismo desde o trotskismo.
21.Grupo Octubre (GO)	1947	Octubre	Jorge Abelardo Ramos; Oscar Posse; Mateo Fossa	Partido Socialista de la Revolución Nacional (PSRN)
22.Partido Obrero Revolucionario (POR)	1948	Voz Proletaria	Nahuel Moreno; Ángel Bengoechea; Posadas	IV Internacional; morenistas y posadistas
23.Partido Socialista de la Revolución Nacional (PSRN)	1953	La Verdad – Federación boaerense del PSRN	Jorge Abelardo Ramos; Enrique Dickman; Joaquín Coca; Oriente Cavallieri; Juan Unamuno; Carlos María Bravo; E. Rivera; Estaban Rey; Nahuel Moreno y Jorge Enéas Spilimbergo.	Corriente Trotskista nacional - Trotskismo morenista - Socialistas históricos properonistas
24.Grupo Praxis (GP)	1952		Silvio Frondizi; Marcos Kaplan; Jorge Altamira; Marcelo Torrens; Roberto Gramer	
25.Organización	1953			

Marxista Leninista (OML)				
------------------------------------	--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria.

b. Os partidos políticos da matriz marxista trotskista na Argentina desde os da crise do modelo de substituição de importações, até a gênese, apogeu e crise do modelo neoliberal (1955-2006)

b. 1. A corrente morenista da matriz trotskista argentina.

Como tínhamos exposto na descrição da evolução do trotskismo na Argentina durante o primeiro período, na década de 40 Nahuel Moreno funda o Grupo Operário Marxista (GOM). Podemos de algum jeito encontrar aqui as origens “próprias” da trajetória política de um dos mais importantes dirigentes trotskistas em plano local e mundial.

O GOM formará o POR com Posadas. O morenismo com seus quadros contribuirá na formação do Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN) procurando atuar legalmente sob o peronismo, no marco de uma tática política de entrismo no socialismo favorável ao peronismo para poder fazer política legal.

Em 1956, Nahuel Moreno apoiado em seus próprios quadros e na Federação Bonaerense do Partido Socialista da Revolução Nacional, proscrito pela Revolução Libertadora reconstituirá o grupo político, Palavra Operária (PAL.OB.).

Em 1963 se cinde de palavra Operária um grupo militarista, o Comando Buenos Aires que forma as Forças Armadas da Revolução Nacional (FARN), dirigido por Ángel “el Basco” Bengoechea. Este agrupamento tenta realizar ações político-militares e realizam uma re-avaliação do peronismo fundamentalmente durante a “resistência”. O grupo se dissolve quando Bengoechea morre junto com o médico Hugo Santilli e outros importantes membros do partido em 1964 enquanto preparavam explosivos em um apartamento da Capital Federal.

Em 1965 se forma o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT) a aliança entre os grupos Palavra Operária (Pal.Ob.) dirigido por Nahuel Moreno e a Frente Indoamericana Popular (FRIP) dirigido por Mario Roberto Santucho, que tinha tido certa relação com o Partido Socialista Argentino (PSArg), dando conferências em sua província natal, Santiago del Estero.

Em 1968 o PRT adotou como orientação a luta armada, política apoiada em um primeiro momento, mas depois resistida pelo próprio Moreno¹⁵⁴, que em um princípio propunha organizar as Forças Armadas da Revolução Nacional (FARN). O PRT, embora tivesse sofrido umas cisões precoces menores, depois de um ano de atividade guerrilheira, volta a se dividir centralmente em seus grupos constitutivos, o PRT *A Verdade* de caráter morenista, que tinha abandonado sua idéia de formar as FARN e o PRT *O Combatente*, dirigido por Mario Roberto Santucho que em 1970, em seu V Congresso, constrói como seu braço armado o Exército Revolucionário do Povo (ERP). O grupo de Moreno que dirigia o periódico *A Verdade*, fica com ele, enquanto que o grupo de Santucho começa a publicar *O Combatente*, ambas as correntes adicionam à denominação do PRT, os nomes de seus respectivos periódicos.

O PRT *A Verdade* construirá em 1971 uma ferramenta eleitoral, o Partido Socialista dos Trabalhadores (PST) depois de sua fusão com uma cisão “esquerdista” do Partido Socialista Argentino-Casa do Povo, dirigida por Juan Carlos Coral que previamente tinha sido expulso desta última organização. Nesse ano, o PRT *A Verdade* dirigido por Moreno convoca para em 31 de julho a um plenário de Centros Socialistas com o objetivo de construir um pólo socialista e operário eleitoral apoiado no Partido Socialista Argentino (PSArg.), que foi quem levou de candidato presidencial o próprio socialista Juan Carlos Coral. No PST observamos uma clara hegemonia morenista.

Por volta do início dos anos oitenta uma cisão do PST durante a última ditadura militar, vai dar lugar a um pequeno partido, o PST-Resistência (PST-R) que teve a virtude junto à Confederação Socialista Argentina (CSA) e um grupo de intelectuais de esquerdas exilados no México e Europa de opor-se à guerra das Malvinas.

Embora fossem eclipsados até a ditadura de 1976 por o PRT *O Combatente* (PRT-ERP), mais que em política pela espetacularidade de algumas das ações político-militares realizadas por este grupo; durante o alfonsinismo e por um breve lapso de tempo, o morenista Movimento ao Socialismo (MAS), a continuidade histórica do PST, conseguiu constituir-se como a expressão hegemônica da esquerda argentina.

O PST para a abertura democrática de 1983 tenta adotar uma postura movimientista apoiada no trabalho realizado na área de direitos humanos pelos

¹⁵⁴ Os dois documentos mais importantes contra o guerrillerismo foram elaborados pela corrente política trotskista morenista e por Elías Semán, ex-dirigente do Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV), no momento da redação do documento Secretário Geral de Vanguarda Comunista (VC).

advogados Luis Zamora¹⁵⁵ e Marcelo Parrilli. Esse e o fato de ter sido declarado ilegal pela ditadura, muda sua denominação pela de MAS, impulsionando a candidatura presidencial do primeiro e de Silvia Díaz. Esta própria idéia movimientista remete a uma versão menos dogmática do trotskismo, em certa medida característica comum a corrente morenista.

O MAS em 1989, dois anos depois da morte de Moreno, constituir-se-á no partido trotskista maior do mundo, sendo a quarta força eleitoral do país em aliança com o PCA, em Esquerda Unida (IU), disputando convocatória com o peronismo na Plaza de Mayo em 1990 e tendo feito eleger o primeiro deputado nacional trotskista da América Latina, Luis Zamora e como deputada provincial a Silvia Díaz, por uma seção operária do conurbano portenho, que inclui o município de La Matanza na zona oeste da província de Buenos Aires.

Paradoxalmente, é a partir desse momento em que começará sua diáspora, dividindo-se em cerca de dez grupos trotskistas diferentes. A primeira divisão é prévia, já que em 1988 se forma no interior do MAS, a Tendência Bolchevique Internacionalista (TBI) oposta à aliança com o PCA, ao qual continuavam considerando estalinista, que dará lugar ao Partido de Trabalhadores pelo Socialismo (PTS). Segundo a própria leitura deste setor, em um balanço expõe-se que o PTS foi uma ruptura “centrista progressiva”, a qual evoluiu para uma postura trotskista principista. De uma vez, no marco de seu próprio balanço, consideram que no plano internacional desde 1951 todo reagrupamento trotskista foi centrista. Além de sua oposição à aliança com o PCA, discordavam fundamentalmente com a caracterização do MAS, logo depois da morte de Moreno, segundo a qual a Argentina era o centro da revolução mundial por ter o maior partido trotskista do mundo. Por sua vez, o PTS considerava mais dinâmicos os acontecimentos de Médio Oriente e Palestina, a incipiente Intifada e até os processos políticos na EX-URSS para negar a hipótese central do MAS visualizados como “trotskistas nacionalistas”.

Da diáspora do MAS, encontramos perto de uma dúzia de partidos trotskistas a maioria dos quais reivindica seu morenismo. A corrente mais importante entre estes

¹⁵⁵ Luis Zamora posteriormente renegou o trotskismo, o marxismo e a esquerda e formou seu próprio partido Autodeterminação e Liberdade (AeL), o qual pretendendo-se original ao rechaçar as ataduras ideológicas dos partidos tradicionais e dogmáticos das esquerdas elegeu vários deputados nacionais e legisladores locais na cidade de Buenos Aires. Rapidamente sem compromissos políticos de nenhum tipo e lutando pela despolitização um a um quase sem exceções, os legisladores foram cooptados de diferentes formas demonstrando ter sido uma das piores excrescências das jornadas do ‘Argentinazo’.

desde começos dos anos noventa é o Movimento Socialista dos Trabalhadores (MST) o qual se mantém unificado, mas com duas tendências internas importantes, o MST- Documento 1 ou MST- *Alternativa Socialista* (MST-AS), que edita o periódico *Alternativa Socialista* e é dirigido por Vilma Ripoll e o MST- Documento 2 ou MST- *O Socialista* (MST-ES) que publica *O Socialista* e cujo principal dirigente é Giordano. Na atualidade o MST-1 continua se denominando Movimento Socialista dos Trabalhadores – UNITE- Nova Esquerda (MST-UNITE-NE), em quanto que o MST-2 denomina-se Esquerda Socialista (ES).

Outros desprendimentos do MAS, o constituem: a Liga Socialista Revolucionária (LSR) conduzida por Guidobuono; a Liga Comunista Revolucionária (LCR) dirigida até sua morte no final de 2005, pelo operário classista cordobés, José Francisco Páez “el petizo”, que se integra a LSR; o Partido da Revolução Social (PRS) que forma o Comitê Internacional do Trotskismo Ortodoxo (CITO); o Partido dos Trabalhadores (PT), um grupo político com influencia na província de Santa Fé e encabeçada por Expósito; a Liga Socialista (LS) que convergirá com a Liga Marxista (LM); Convergência Socialista (CS) cujo principal dirigente é Héctor Lagar; o Grupo Socialista Guernica (GSG); o Comitê de Iniciativa Operária Socialista (CIOS) que surge da fusão de membros que tinham formado parte do PRS e membros do MAS, dirigidos por Creuza Piriz, Vicente Balvanera e Torre Pintos; a Frente Operária Socialista (FOS) onde encontramos Nora Ciapone e a União Socialista dos Trabalhadores (UST) formada por ex-militantes do PRS-CITO.

Continuo considerando o PTS como parte da corrente morenista por sua origem, entretanto, desde meados dos noventa romperam definitivamente com o trotskismo morenista. Podem ser reconhecidas ao menos quatro divisões no PTS.

A primeira está formada por um grupo que rapidamente se reintegrará ao MAS, que contava entre outros com a dirigente juvenil e universitária Marina Goretti e que alguns anos depois, formarão o grupo Socialismo Libertário (SL), tentando articular o marxismo de raiz trotskista com o anarquismo como parte dessa mesma corrente internacional.

A segunda cisão constituirá a Liga Marxista (LM), ao redor de 1990, e que foi impulsionada por Rolando Astarita que publicava a Revista *Debate Marxista* e colocavam uma ênfase especial a formação política, às vezes por cima da própria

prática.

A terceira será Democracia Operária, possivelmente a mais importante já que a impulsionam importantes dirigentes dentro da estrutura do PTS como Hugo Manes e um punhado de dirigentes operários, encabeçado por Pico, reconhecido dirigente de base da planta automotriz Sevel-Peugeot conhecido como “Piquito” com destacada participação nas greves de meados dos noventa. É uma cisão supostamente “obrerista” e “esquerdista”, já que critica a importância dada à juventude e à universidade por parte do partido, e dali seu nome como PTS - Fração Proletária durante sua gestação. Articulam-se internacionalmente como o partido Operário Internacionalista (POI).

A quarta cisão é “para a direita” e não tem um caráter marxista, mas sim um que poderíamos denominar ‘populista’, já que da direção da província de Mendoza se realiza uma crítica ao PTS por não apoiar suficientemente os movimentos nacionalistas na América Latina como o encabeçado por Hugo Chávez¹⁵⁶.

Quadro 18. Partidos Políticos de Matriz Trotskista - Corrente Morenista (MT-CM) entre 1956-2006.

Partido MT-CM	Fundação e origem	Periódicos e Revistas	Principais Dirigentes	Evolução
26. Palabra Obrera (PAL.OB) Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT) – Partido Revolucionario de los Trabajadores La Verdad (PRT-LV) Partido Socialista de los Trabajadores (PST) – Movimiento al Socialismo (MAS)	A partir da Federación Socialista bonaerense do PSRN, Palabra Obrera se reconstituiu em 1956. En 1965 se forma o PRT e no '68 o PRT-LV. Em 1971, o PST aliado al PS-CP_SJCC e em 1982 o MAS.	Palabra Obrera (PAL.OB); La Verdad (PRT e PRT LV); Avanzada Socialista (PST) e Solidaridad Socialista (MAS); Correo Internacional (MAS/LIT-CI) Herramienta ¹⁵⁷ (MAS) y Socialismo o Barbarie (MAS)	Nahuel Moreno (More em 1986) – Juan Carlos Coral (PSArg.) – Nora Ciapone - Luis Zamora e Silvia Díaz (até 1990); - Romero	De PAL.OB cindem o Comando Buenos Aires de PAL.OB que constituirão as Fuerzas Armadas de la Revolución Nacional. O MAS por sua vez se divide em uma dezena de grupos: Partido de Trabajadores por el Socialismo (PTS); Movimiento Socialista de los Trabajadores (MST); Liga Socialista Revolucionaria (LSR); Liga

¹⁵⁶ Recordemos que na Venezuela os grupos trotskistas à esquerda de Chávez, tanto morenistas como ex-morenistas estão tentando organizar-se com suma prudência, no Partido da Revolução Social (PRS) com apoio de alguns sindicatos e do movimento estudantil. Constituem a oposição à esquerda a Chávez que não se alia à direita, como o fazem outros grupos como o maoísta, Bandeira Vermelha, grupo outrora esquerdista e insurrecionalista que praticou a luta armada e que agora não duvida em aliar-se a seus inimigos históricos contra Chávez.

¹⁵⁷ O MAS decidiu organicamente pela publicação da Revista *Ferramenta*, mas na atualidade se “autonomizou” e é independente, por este motivo o partido começou a publicar uma revista teórica: *Socialismo ou Barbárie*.

				Comunista Revolucionaria (LCR); Partido de la Revolución Social (PRS); Partido de los Trabajadores (PT); Liga Socialista (LS); Convergencia Socialista (CS); Grupo Socialista Guernica (GSG); Comité de Iniciativa Obrera Socialista (CIOS); Frente Obrero Socialista (FOS); Unión Socialista de los Trabajadores (UST) y Liga Marxista (LM).
27. Comando Buenos Aires Pal.OB – (CBsAs-PAL.OB) Fuerzas Armadas de la Revolución Nacional (FARN)	1963 ex-POL.OB.		Ángel Bengoechea y Hugo Santilli.	Desaparecem em 1964 depois de uma explosão na que morrem seus principais dirigentes.
28.Partido Socialista de los Trabajadores-Resistencia (PST-R)	1979. ex-PST			
29.Partido de Trabajadores por el Socialismo (PTS)	Ex-MAS tem seu origem no morenismo pero cindem dele. 1988 Tendencia Bolchevique Internacionalista (TBI) [corrente ao interior do MAS] que forma o PTS-Fracción Trotskista-Estrategia Internacional (PTS-FT-EI)	Periódicos: Avanzada Socialista; Rebelión de los Trabajadores; La Verdad Obrera. Revistas: En Clave Roja (universitaria); Estrategia Internacional (Internacional) y Lucha de Clases (teórica)	Emilio Albamonte – Hugo Manes - Jorge Montes -Christian 'Chipi' Castillo	PTS e Democracia Obrera (DO)

Fonte: Elaboração própria.

b. 2. A corrente pablista-mandelista da matriz trotskista argentina

Em 1963 se formará o Secretariado Unificado da Quarta Internacional (SU-CI),

a partir da aliança entre os pablistas e o *Socialist Worker Party* (SWP) dos Estados Unidos.

Nesse mesmo ano, o SU-CI, trotskista pablista-mandelista, explicita o que de acordo com seu critério são os três pilares da revolução mundial: a revolução colonial nos países atrasados, a revolução proletária nos países capitalistas avançados e a revolução política nos países controlados pela burocracia soviética.

A posição política do Secretariado Unificado da Quarta Internacional (SU-CI), cujo primeiro dirigente é Pablo foi a defesa do guerrillerismo castrista na América Latina, o que levou a destruição a boa parte das seções do SU na América Latina.

No caso argentino em particular, o abandono em 1963 do caráter proletário da revolução anticapitalista por parte do Secretariado Unificado, visto na perspectiva histórica, teve consequências trágicas, já que a seção argentina da Quarta Internacional era o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT), que evoluirá para a formação de uma organização político-militar.

além da ruptura de Moreno em 1971, a mais importante, o PRT sofrerá outras cinco cisões.

A primeira foi a separação de suas filas da Tendência Comunista do partido (TC-PRT), um grupo qualificado como teóricos, que posteriormente darão origem a Orientação Socialista (OS), dirigida por Sergio Domecq. Este grupo político, mais tarde confluirá com grupamentos marxistas revolucionários na formação da Organização Comunista Poder Operário (OCPO).

A segunda cisão dará origem ao Grupo Operário Revolucionário (GOR) dirigido por Daniel Pereyra, quem provinha do morenista Palavra Operária e uma terceira, constituiu-se como Tropa Operária (MO) e adquiriu um caráter explicitamente foquista.

Enquanto isso, o PRT *O Combatente* (PRT-EC), castro-guevarista continuava sob a direção de Mario Roberto Santucho, Benito Urteaga e Luis Mattini. consideravam-se discípulos de Che Guevara, continham em sua ideologia e em sua estratégia, elementos de Mao Tse Tung, Ho Chi Minh, do general Giap e de Kim IL Sung, e apesar de ter muitas reticências para o Trotsky, contraditoriamente acabaram formando parte do Secretariado Unificado, sendo reconhecidos por este como sua seção na Argentina de uma vez que eles não ocultavam sua relação com o secretariado. O PRT-EC, apoiou a invasão da Tchecoslováquia pela URSS, o que o levaria a romper com o SU, embora sem desvincular-se plenamente do trotskismo.

A quarta divisão está constituída pelo PRT 22 de agosto (PRT-22A), conduzido pelo advogado Fernández Palmiero, grupo político que em 1973 apoiará a candidatura presidencial do peronista Héctor J. Cámpora.

Uma Quinta divisão é estritamente de caráter mandelista e se denominou em

primeira instância PRT Fração Vermelha (PRT-FR). Este último grupo se constitui em 1972, denominar-se-á desde 1974 Liga Comunista Revolucionária (LCR) e mais tarde se incorporará ao mencionado GOR, a segunda cisão, sendo esta, a corrente de partidos efetivamente trotskistas mandelistas e membros do Secretariado Unificado da Quarta Internacional (SEU-CI). O PRT – FR, então, é uma cisão que tem como ponto de partida o trabalho interno realizado por militantes do partido Operário Comunista (POC), fundamentalmente por brasileiros, membros da Liga Comunista Francesa (LCF), que por sua vez pertenciam ao SUCI e que se encontravam na Argentina realizando uma preparação no PRT-ERP. Um resumo do relatório interno realizado pelo próprio Santucho, Secretário Geral do PRT-ERP sobre o grupo “divisionista”, denominado ‘Relatório sobre um trabalho fraccional’, no Boletim Interno nº 34 do PRT, o qual é apresentado com minuciosidade por Mattini. (Cf. Mattini 1995: 179-185). Recordemos que o PRT-ERP, foi o grupo de esquerda marxista insurgente mais importante do país e o PRT-FR se unirá em meados dos setenta junto com a Liga Espártaco (LE) ao GOR.

Durante a década de 70 o mandelismo se difunde na América Latina através da Quarta revista *Internacional*, enquanto que na década de oitenta suas posições políticas estão expressas para a América Latina na revista *Imprecoor* e para a Argentina em particular, depois de 1983, por intelectuais da revista *Praxis*¹⁵⁸ como Horacio Tarcus e Emilio Cafasi, uma parte dos membros da revista *Cadernos do Sul* como Eduardo Lucita, assim como por membros da Revista *Cadernos Novo Curso* como Ángel Fanjul, Dora Codolesky e o prestigioso médico Ricardo Zambrano. Neste período nenhum dos grupos mandelistas terá o peso político que teve, por exemplo, no Brasil a corrente Democracia Socialista (DS) como tendência do Partido dos Trabalhadores (PT) e formam parte do governo de Lula, nem o dos setores vinculados a Heloísa Elena, fundadora do partido Socialismo e Liberdade (PSOL), a qual em alguns momentos se manifestou partidária desta corrente do trotskismo.

Voltando para a diáspora do PRT, em um contexto histórico completamente diferente, em 1992 se dá a conhecer a Organização Revolucionária do Povo (ORP). Sua origem é indeterminável, para alguns provavelmente tenha se constituído em uma cisão “esquerdista” do PRT, a qual se adjudicou atentados contra caixas automáticas em 1992, extorquiram à cadeia de supermercados COTO, um empresário que cresceu à sombra de repartições com o menemismo e posteriormente em 1996 se adjudicaram um atentado que feriu o médico torturador Jorge Bergés. Aparentemente sua líder é Adrián Krmpotic, condenado em primeira instância em abril de 2002 a 18 anos de cárcere, uma

¹⁵⁸ Não confundir quem publica a Revista *Praxe* nos anos oitenta, com o Grupo Praxe (GP), baseado em 1952 e dirigido por Silvio Frondizi

vez que outros membros da organização são Eduardo Mario Osóres, Patricia Ángela Malatesta, Víctor Miguel Meneses e José Armando Alonso.

Quadro 19. Partidos Políticos de Matriz Trotskista - Corrente Pablista - Mandelista (MT-CPM) entre 1965-2006.

Partido MT-CPM	Fundação e origem	Periódicos e Revistas	Principais Dirigentes	Evolução
45. Frente Indoamericano Popular Antiimperialista (FRIP) - Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT) – Partido Revolucionario de los Trabajadores El Combatiente (PRT-EC)- Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT) – Ejército Revolucionario del Pueblo (ERP)		PRT-EC y PRT: El combatiente, Hombre Nuevo e El Mundo (diario). Ejército Revolucionario del Pueblo (ERP): Estrella Roja.	FRIP: Mario Roberto Santucho e Asdrubal Santucho. PRT-EC e PRT-ERP: Mario Santucho, Benito Urteaga, Luis Mattini; Domingo Mena, Santucho e De Sanctis.	PRT; Movimiento Democrático Popular Antiimperialista (MODEPA) PRT Santucho; PRT V Congreso; Partido Intransigente (PI); Corriente Nacional Patria Libre (CNPL); Movimiento Todos por la Patria (MTP)
46. Tendencia Comunista del PRT (TC-PRT) – Orientación Socialista (OS) – Organización Comunista Poder Obrero (OCPO)	1971		Sergio Domecq	Orientación Socialista (OS) – Organización Comunista Poder Obrero (OCPO)
47. Grupo Obrero Revolucionario (GOR)	1971		Daniel Pereyra	Incorpora ao PRT – FR
48. Milicia Obrera (MO)	1971			
49. PRT 22 de agosto (PRT-22A)	1972		Fernández Palmeiro	Se dissolvem no camporismo
50. PRT-FR, Liga Comunista Revolucionaria (LCR) y GOR.	1972	Cuarta Internacional		GOR
51. Liga Espartaco (LE)				GOR
52. Praxis¹⁵⁹ (Px)	1983	Praxis	Horacio Tarcus e Emilio Cafassi	
53. Cuadernos del	1985		Eduardo Lucita	Izquierda

¹⁵⁹ Praxis, o grupo que edita a revista do mesmo nome, igualmente ao que forma Cadernos do Sul, têm uma ideologia predominantemente mandelista nos momentos em que tenta realizar uma intervenção política como grupo. É por este motivo que os coloco como se fossem, efetivamente um partido político mandelista.

Sur (CdS)				Socialista Independiente (ISI)
54. Nuevo Curso (NC)	1987	Nuevo Curso	Ángel Fanjul	ISI
55. Izquierda Socialista Independiente (ISI) – Frente por la Democracia Avanzada (FDA)¹⁶⁰ - Polo Socialista (Polo Socialist)	1988	Argumentos Socialistas - Democracia Avanzada	Jorge Makarz (ex SUCI); Ángel Fanjul (mandelista) Atilio Boron foi sua principal figura pública, mas não provém desta matriz	Alianza Sur (Al.S); Frente Grande (FG); Izquierda Unida (IU); Argentinos por una República de Iguales (ARI); Piquete Socialista (piq. Soc) y PCA
56. Organización Revolucionaria del Pueblo (ORP)	1992		Adrián Krmpotic; Eduardo Mario Osore; Patricia Ángela Malatesta; Víctor Miguel Meneces y José Armando Alonso.	Dissolvida com a prisão de seus líderes.

Fonte: Elaboração própria.

b. 3. A corrente trotskista nacional da matriz trotskista argentina ou os socialistas nacionais.

O principal teórico e dirigente do trotskismo nacional ou da corrente socialista nacional foi Jorge Abelardo Ramos, “o Avermelhado”. Este dirigente tem uma importante trajetória política desde sua juventude, primeiro no anarquismo e logo no trotskismo. Sinteticamente podemos afirmar que cumpriu uma de suas primeiras funções políticas com o cargo de diretor do periódico da trotskista Liga Operária Socialista (OS), mais adiante, formará parte do partido Operário Revolucionário Socialista (PORS), como já mencionamos neste mesmo capítulo, um grupo político que se dissolve pouco antes do golpe de estado impulsionado pelo Grupo de Oficiais Unidos (GOU) em 1943 do qual Perón formava parte.

Como características próprias esta corrente foi defendendo um socialismo nacional, que de uma vez que critica ao estalinismo. Nos origens do peronismo, Ramos e seu grupo foram contrários a este, entretanto, trocam rapidamente sua linha política de intervenção e se tornam fio-peronistas, o que cristaliza na formação junto com outros

¹⁶⁰ Tanto a ISI como o FDA não se declaravam “mandelistas”, entretanto, o Secretário Geral do FDA, Jorge Makarz, durante seu exílio belga, formou parte do SUCI e embora rompeu politicamente com o mandelismo antes de sua volta ao país, em meados dos oitenta, manteve certas relações com o mandelismo. Além disso, este foi o grupo político que convidou Ernest Mandel à Argentina antes de sua morte. Ángel Fanjul continuava sendo mandelista, enquanto que a principal figura pública e Vice-reitor da Universidade de Buenos Aires (UBA), Atilio Borón, nunca o foi.

grupos do Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN) e que se acentua durante a proscrição do mesmo.

Em 1962, este grupo de ex-membros do PSRN junto a ex-membros do PSAV formam o Partido Socialista da Esquerda Nacional (PSIN), do qual algo mais de dez anos depois, para as eleições nacionais de 1973 lançam a Frente de Esquerda Popular (FIP).

Um dado importante é que no ano 1969 tiveram uma importante participação no “Cordobazo”, um ano depois, nesse momento de auge de massas acessam à Presidência da Federação Universitária Argentina (FUA) através de suas correntes universitárias articuladas no Agrupamento Universitário Nacional (AUN), dois de cujos dirigentes foram Jorge Mackarz e Alejandro Horowicz.

Em 1973 apóiam a formula presidencial Juan Domingo Perón-María Estela Martínez de Perón (Isabelita) e levam candidatos próprios nas demais instâncias eletivas, tendo um bom desempenho eleitoral com ordens chamando a votar por Perón por esquerda. Podemos adicionar que levaram como candidato a Senador nacional pela Capital Federal ao prestigioso trotskista independente Silvio Frondizi, quem pouco depois será assassinado pelas bandas paramilitares peronistas da Tripla A.

Desde meados dos setenta o trotskismo nacional ou o socialismo nacional, mantém uma divisão que nos 80 se explicita. Um setor da FIP, que continua sendo dirigida pelo próprio Ramos e a Corrente Nacional (CN) que é dirigida por Jorge Enéas Spilimbergo e que em 1985 se transformará no Partido da Esquerda nacional (PIN).

Em 1983, o FIP impulsiona uma candidatura presidencial própria, a fórmula encabeçada por Jorge Abelardo Ramos e secundada pelo “Pimpi” Colombo, enquanto a CN integrará as listas do Partido Socialista Popular (PSP) encabeçadas em esse nível por Guillermo Estévez Boero e Edgardo Rossi, e que contava com o apoio da quase centenária Alicia Moreau de Justo, primeira candidata a eleitora presidencial e membro da Confederação Socialista Argentina - Secretaria Oscar Palmeiro (CSA-SOP).

Em 1985, o FIP se transforma no Movimento Patriótico de Liberação (MPL) o qual nas eleições de 1989 apóia a candidatura do peronista Carlos Saúl Menem, integrando as listas da Frente Justicialista de Unidade Popular (FREJUPO). O MPL apoiou Menem em toda sua gestão, em sua reeleição e até sua morte Jorge Abelardo Ramos foi embaixador de Menem no México. Desde meados dos oitenta elaboraram uma política para as Forças Armadas considerando que o exército estava dividido entre um setor nacionalista e popular e outro reacionário e liberal, “lanussista”, motivo pelo qual a linha a seguir devia ser a de apoio ao primeiro setor, expresso no Mohamed Alí

Seineldín¹⁶¹. O MPL se autodissolve em 1990 enquanto que o PIN apóia a setores nacionalistas em diferentes coalizões eleitorais como a aliança Pátria e Povo, com nacionalistas de direita como Gonzalez Arzac e os maoístas do PCR e posteriormente, por um breve tempo com setores internos do Frente Grande.

No ano, 2005 se reconstituiu o PSIN - segunda época (PSIN-SE) reivindicando a tradição socialista nacional, entretanto, virtualmente ninguém dessa matriz reconhece a existência real do grupo.

Quadro 20. Partidos Políticos de Matriz Trotskista - Corrente Socialista Nacional - MT-CSN entre 1962-2006.

Partido MT-CSN	Fundação e origem	Periódicos e Revistas	Principais Dirigentes	Evolução
56. Partido Socialista de la Revolución nacional (PSRN) - Partido Socialista de la Izquierda Nacional (PSIN) - Frente de Izquierda Popular (FIP) - Movimiento Patriótico de Liberación (MPL)	PSRN 1953; PSIN 1962; FIP 1972; MPL 1985.	MPL: La Patria Grande.	Jorge Abelardo Ramos	Autodisolución en 1995, Partido de la Izquierda Nacional (PIN) y Partido Socialista de la Izquierda Nacional – Segunda Época (PSIN-SE).
57. Corriente Nacional (CN) - Partido de la Izquierda Nacional (PIN)	Ex FIP; 1985 PIN		Jorge Enéas Spilimbergo	PIN
58. Partido Socialista de la Izquierda Nacional – Segunda Época (PSIN-SE)	Ex MPL			PSIN-SE

Fonte: Elaboração própria.

b. 4. A corrente posadista da matriz trotskista argentina.

Esta corrente, como seu nome indica, faz referência ao dirigente trotskista nacional e internacional Posadas, um ex-jogador de futebol de Estudantes de La Plata, que utilizou seu prestígio como jogador de futebol para ser uma referência indiscutida no trotskismo. Podemos assinalar, sinteticamente, que em 1943 realiza uma política de

¹⁶¹ Este militar encabeçou rebeliões militares entre 1987 e 1989, exigindo frente ao Presidente Alfonsín, a impunidade dos militares acusados de violações aos direitos humanos durante a ditadura militar (1976-1983), enquanto que para o Presidente Menem, o cumprimento de um suposto pacto pelo qual ia nomear o próprio Seineldín como Comandante em Chefe do Exército. A última rebelião foi sufocada pela força e Seineldín foi encarcerado.

“entrismo” no PS e forma o Grupo IV Internacional (G.IV.I), que participa como a seção Argentina no III Congresso da IV Internacional realizado em 1951. O G IV I dirigido por Posadas, será o primeiro partido político que participa organicamente de uma reunião dessas características.

Este grupo político dará origem ao Partido Operário Revolucionário (POR) junto com os morenistas. O POR vira para o castrismo e que em 1956 se transforma no partido Operário Revolucionário-Trotskyista (POR-T), mantendo várias seções na América Latina como o Brasil, Chile e Bolívia sob a direção de Guillermo Lora. Em 1962, sobre a base do Secretariado Latino-americano da Quarta Internacional dirigido por Posadas, este decide que essa é a Quarta Internacional.

Posadas morreu em 1981 em um acidente aéreo na Itália e seu grupo político na Argentina, desde 1983 se denomina Partido Operário Revolucionário - Posadista (POR-P), em sua honra. Durante os últimos anos sua política se reduziu virtualmente a formar Comitês em Defesa da Revolução Cubana (CDR) na Argentina e se dissolvem, de fato, em um partido de matriz socialista liberal, o Partido Socialista Democrático (PSD), em 1994, para ressurgir a mediados da primeira década dos 2000 com um perfil próprio novamente.

Quadro 21. Partidos Políticos de Matriz Trotskyista - Corrente Posadista (MT-CP) entre 1943-2000.

Partido MT-CSN	Fundação e origem	Periódicos e Revistas	Principais Dirigentes	Evolução
59.Grupo IV Internacional (G-IV-I) - Partido Obrero Revolucionario (POR)- Partido Obrero Revolucionario – Trotskyista (POR-T) Partido Obrero Revolucionario – Posadista (POR-P)	G-IV-I 1943; POR-T 1956; POR-P 1982.	Voz Proletaria	Posadas	Se dissolve no PSD no ano 2000.

Fonte: Elaboração própria.

b. 5. A corrente ‘altamirista’ da matriz trotskista argentina.

Em 1961, um grupo cindido do Grupo Praxis (GP) de Silvio Frondizi, encabeçado por Jorge Altamira forma o Movimento da Esquerda Revolucionária Argentina (MIRA), que por sua vez em 1962 constitui a organização Reagrupar, para

finalmente no ano de 1964 fundar Política Operária (Pol.Ob). Este último é um partido composto fundamentalmente por quadros trotskistas vinculados a Altamira mas também por membros provenientes de uma cisão de Vanguarda Revolucionária (VR), que por sua vez como vimos provinha do PCA.

No ano 1967, Pol.Ob., forma sua corrente universitária, a Tendência Estudantil Revolucionária Socialista (TERS) a qual desde 1971 forma a União de Juventudes pelo Socialismo (UJS) a qual, mantém-se com esse nome até nossos dias. Em 1970 Pablo Riesnick é eleito por esse agrupamento como membro da Mesa Diretiva da Federação Universitária Argentina (FUA).

Recém em dezembro de 1975 se realiza o Primeiro Congresso de Política Operária, em 1977 o segundo e desde 1982 trocam sua denominação pela de Partido Operário (PO). No plano internacional realizam em um primeiro momento acordos com a Organização Comunista Internacional (OCI), de caráter lambertista, onde expõem a necessidade da revolução proletária, polemizando centralmente com as posições políticas tanto dos pablistas–mandelistas como com as do morenismo.

O PO para as eleições de 1983, levou como candidato a Presidente Gregorio Flores, um dirigente operário de Córdoba que teve uma destacada atuação no ‘Cordobazo’ e como Vice-presidenta a Catalina Guagnini, uma dirigente de direitos humanos do agrupamento Familiares de Detidos e Desaparecidos por razões Políticas (Familiares) Durante o período 2000-2004 manteve um legislador, seu principal dirigente, Jorge Altamira, na cidade autônoma de Buenos Aires.

Quadro 22. Partidos Políticos de Matriz Trotskista - Corrente Altamirista (MT-CA) entre 1945-2006.

Partido MT-CA	Fundação e origem	Periódicos e Revistas	Principais Dirigentes	Evolução
60. Movimiento de Izquierda Revolucionario de Argentina (MIRA) – Reagrupar (Reagr.) Política Obrera (POLOB) – Partido Obrero (PO)	MIRA 1961; Reagrupar 1962; POLOB 1965 e PO 1982	Prensa Obrera - En Defensa del marxismo	Jorge Altamira; Pablo Rieznick; Marcelo Rapanelli; Marcelo Ramal	PO; Partido Obrero Revolucionario – Masas (POR-M); Partido Bolchevique por la Cuarta Internacional (PBCI) e Grupo Trotskista Internacionalista – Corriente Trotskista por la cuarta Internacional (GTI-CTCI)
61. Partido Obrero Revolucionario	Ex-PO; Ex-Loristas ¹⁶² .	Masas	Gustavo Gamboa	

¹⁶² A referência é ao dirigente trotskista boliviano Guillermo Lora.

Masas (POR-M)				
62.Partido Bolchevique por la Cuarta Internacional (PBCI)	Ex - PO			
63.Grupo Trotskista Internacionalista (GTI) - Corriente Bolchevique por la Cuarta Internacional (CBCI)	Ex - PBCI			Ken W.- Martín I.- Víctor K.
64. Lista Naranja – Filosofía y Letras UBA (LN-FyL-UBA)	Ex - PO	Dialéctica	Patricio Mc...	Abandonam o trotskismo se dissolvem no autonomismo

Fonte: Elaboração própria.

Simplesmente para completar este panorama, duas precisões. Recordemos que em 1962, Miguel Posse conhecido como “Oscar”, cuja corrente trotskista estava realizando uma política de entrismo no PSAV, como já foi mencionado, é expulso de tal organização política, grupo político que não enquadrados e temos referências até meados dos oitenta como continuidades da União Operária Revolucionária (UOR), a UOR, em certa medida muito debilitada continuou no arquipélago do trotskismo argentino até meados dos anos oitenta.

Por outra parte, como mostramos de uma maneira muito general no capítulo 1, deve-se recordar que no ano 1970, no plano internacional os lambertistas e os morenistas formam o Comitê Internacional da IV Internacional (CI-CI). Em julho de 1972, durante a Conferência do Comitê Internacional da IV Internacional, forma-se o Comitê de Organização pela Reconstrução da Quarta Internacional (CORCI). Em 1973 se forma a Tendência Lenin-Trotsky da IV Internacional sobre a base do SWP e do Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), da Argentina. Moreno forma a Tendência Bolchevique Leninista - Quarta Internacional (TBL-CI) e sobre essa apóie em 1980, Moreno e Lambert formam o Comitê Internacional-Quarta Internacional (CI-CI). Moreno, posteriormente, construí a Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional (LIT-CI) enquanto que desde 1963 e de maneira ininterrupta encontramos a presença do SUCI.

IV. Capítulo 4. Balanço da literatura sobre os partidos socialistas na Argentina.

O estudo e a análise dos partidos políticos da matriz marxista socialista na política argentina é um tema ainda pendente, assim como sua evolução política de um ponto de vista crítico. Ainda não se realizou no âmbito acadêmico uma análise minuciosa de conjunto nem do conjunto das organizações que formaram parte do Partido Socialista (PS), assim como de suas múltiplas divisões e incorporações ou como os variados aspectos políticos sociais e culturais que sua práxis implicou. Entretanto, encontramos uma importante bibliografia que poderíamos caracterizar como desigual e heterogênea se tivermos em conta diferentes períodos históricos.

Tanto José Aricó como Horacio Tarcus, fazem referência e desde diferentes perspectivas, em termos gerais, a descontinuidade da memória histórica das lutas sociais das classes subalternas (Cf. Aricó 1992 e Tarcus 2000)

No caso argentino, é preciso por um lado ter em conta a ruptura e reconstrução de relações sociais baixo novas bases que significaram as rupturas institucionais e em particular a última ditadura militar (1976-1983), mas por outro lado, também sob os regimes democráticos encontram obstáculos objetivos para o acesso a muitas das fontes, uma ausência de hemerotecas e arquivos públicos completos e essencialmente uma ausência de uma políticas públicas de preservação dos espaços existentes, como é o caso das dificuldades que padecem para seu sustento as bibliotecas operárias.

No caso da literatura sobre os socialismos tampouco existem fontes biblio-hemerográficas, motivo pelo qual não podemos saber com exatidão quais nem quantas são as publicações que tem ou que teve uma determinada corrente política. O trabalho de cada pesquisador é individual e o ponto de partida parece ser quase sempre ser o

mesmo, zero. A criação do Centro de Documentação e Investigação das Culturas de Esquerdas na Argentina (CeDInCI) em 1997, é um ponto de partida inestimável e um passo adiante para reverter esta tendência mas ainda está em pleno processo de construção.

No plano das organizações político-partidárias das esquerdas argentinas tampouco existiu durante muitos anos uma política de investigação específica sobre suas próprias correntes, liberando em geral aos militantes com possibilidades e inquietações a sua própria sorte.

No marco do Partido Socialista (PS) nos dois principais grupos que se unificaram no ano 2002, observamos que o Partido Socialista Popular (PSP) sustenta duas fundações, a Fundação Guillermo Estévez Boero (F-GEB) na cidade de Rosário e a Fundação Socialismo Popular (FSP), atualmente denominada Fundação Ernesto Jaimovich (F-EJ) na Capital Federal, de uma vez que não existem institutos ou centros de investigação impulsionados por parte do Partido Socialista Democrático (PSD), embora algumas bibliotecas operárias no melhor dos casos indiretamente auspiciadas por este grupo político.

Há uns poucos anos devemos notar que houve uma mudança de tendência no caso do Partido Comunista Argentino (PCA) e este criou que maneira orgânica, vinculado a sua rede de bancos cooperativos e o Instituto Mobilizador de Recursos Cooperativos (IMFC), o Centro Cultural da Cooperação (CeCC)¹⁶³, na atualidade chamado 'Floreal Gorini'. Em pleno centro da Capital Federal organizaram e teve êxito no incentivo e fomento de diversos temas de investigação de importância para a reconstrução de uma esquerda plural.

Por último no caso do trotskismo, funciona há pouco mais de um ano o Instituto do Pensamento Socialista Karl Marx (IPS-KM), o qual é impulsionado pelo Partido de Trabalhadores pelo Socialismo (PTS), como o mais antigo, Centro de Investigações e Publicações Leon Trotsky (CEIP-LT), que realizam um destacado trabalho para reivindicar, difundir e recriar o pensamento marxista de um ponto de vista revolucionário.

Esta pequena introdução ao capítulo tem como objetivo expor que a classificação do conjunto da literatura sobre o socialismo argentino, uma literatura heterogênea e fragmentada, é um trabalho complexo que obriga realizar grupamentos a partir de diferentes critérios, o que por sua vez conduz necessariamente a simplificações.

¹⁶³ Não confundir CeCC, as siglas usadas para nomear o Centro Cultural de Cooperação impulsionado pelo Partido Comunista Argentino (PCA), com o CCC que denomina a Corrente Classista e Combativa, a organização piqueteira de trabalhadores ocupados e desocupados impulsionada no plano sindical pelo maoísta Partido Comunista Revolucionário (PCR).

Em primeiro lugar justificarei uma determinada forma possível de agrupar esta bibliografia, de maneira nenhuma a única, para depois me referir a ela nos capítulos posteriores, em função de meu problema de investigação, a evolução política do socialismo na Argentina.

Quando me refiro ao conjunto da literatura, realizo um recorte centrado fundamentalmente em livros e revistas, e a divido em cinco partes: a) a literatura socialista sobre o socialismo; b) as literaturas partidárias e acadêmicas centradas na figura de Juan B. Justo; c) as literaturas militantes contrárias ao socialismo argentino; d) as literaturas partidárias e acadêmicas centradas em outras figuras do socialismo e e) a literatura acadêmica sobre o socialismo.

a. Literatura socialista sobre o socialismo.

Em primeiro lugar me referirei à literatura partidária socialista sobre diferentes aspectos da história do PS. Esta literatura dos socialistas sobre os próprios socialistas tem fundamentalmente um caráter militante e é, mas bem descritiva que analítica, em geral bem documentada e tende a justificar a ação política, quer dizer, as táticas e as estratégias políticas socialistas.

As primeiras abordagens sobre o socialismo na Argentina provieram dos militantes e dirigentes do Partido Socialista (PS), que desenvolveu distintos trabalhos que abordavam alguns aspectos da história do PS. Isto foi assim até meados da década dos sessenta virtualmente extinguindo-se na atualidade.

O ponto de partida quase obrigatório é um dos trabalhos clássicos a respeito da história do PS, a *História do socialismo argentino*, que consta de dois volumes que abrangem desde 1896 até 1911 e foi escrito pelo operário torneiro, Jacinto Oddone, que se aproximou das filas partidárias a partir do periódico *A Vanguarda*. Este trabalho, bem documentado, foi publicado pela primeira vez em 1934 e republicado em 1983.

No primeiro volume aborda a formação dos primeiros agrupamentos socialistas; a necessidade para a nova organização de ter um órgão de imprensa próprio, que foi um periódico pré-existente *A Vanguarda*, que se definia como um periódico socialista cientista defensor da classe trabalhadora e que tinha sido fundada por Juan B. Justo, em 7 de abril de 1894; a formação do Partido; o papel nas eleições nacionais de 1896; o Congresso Constituinte ou institucional do Partido; a reação dos capitalistas frente a este novo agrupamento política; os primeiros Congressos e as conquistas corporativas, assim como a organização interna do Partido Socialista Operário Argentino (PSOA).

No segundo volume se ocupará de uma efêmera cisão, a Federação Operária

Socialista Coletivista (FOSC); dos primeiros nove congressos ordinários e o primeiro extraordinário do PS; do papel da partida nas eleições da Capital Federal; da eleição do primeiro deputado socialista da América, Alfredo Lorenzo Palácios e sua ação parlamentar, assim como da eleição do primeiro vereador socialista, na cidade de San Nicolás de los Arroyos, na província de Buenos Aires, o menos conhecido Agustín Reynés, que foi eleito em 1903.

Também nesta parte do livro aborda quatro temáticas transcendentais para o socialismo argentino: a imprensa, o programa socialista no campo, a cooperação livre e o sindicalismo. A conclusão do estudo de Oddone é uma valoração positiva e positivista do socialismo, como desprendemos de suas próprias palavras:

“O desenvolvimento industrial e comercial do país e a elevação intelectual de sua classe trabalhadora tinham criado os elementos básicos de sua existência; a ação constante e valente de seus propagandistas e impulsores tinham feito o resto.

Nada deteria sua marcha adiante. Nenhum obstáculo impediria seu avanço, que enrolaria a quantos tentassem cruzar-se em seu caminho.

Os ensaios feitos por seus inimigos para contê-lo foram inúteis. Movimento histórico e social resultante da civilização e do progresso, cumpriria sua missão não obstante a oposição e as cercas que achasse a seu passo. E esta verdade a tinham podido constatar as classes conservadoras argentinas, que se empenharam na vã tarefa de conter sua marcha” (Oddone 1983:291-292)

Esta visão sobre o socialismo em Oddone como uma força incontrolável, é semelhante à idéia de democracia elaborada por Alexis de Tocqueville, sobre a democracia que destrói tudo a seu passo. O trabalho de Oddone expõe uma documentação muito detalhada e é um inegável ponto de referência.

Mario Bravo, poeta e político, na *Revista Argentina de Ciência Política*, dirigida por Rodolfo Rivarola, em 1915 já tinha realizado um balanço dos primeiros vinte anos de existência do PS intitulado *Organização, programa e desenvolvimento do Partido Socialista na Argentina* onde elabora, da mesma maneira que Oddone, uma visão positiva do Partido e seu acionar além de querer em suas próprias palavras, destruir aquela lenda que apresentava o PS como uma seita onde todos os homens eram cortados com a mesma tesoura. Bravo tem outros dois estudos, um que tinha sido publicado na mencionada revista em 1912 titulado, *O unitarismo no Partido Socialista*, esclarecendo

posição sobre o unitarismo e federalismo do PS e *A Revolução deles*¹⁶⁴ sobre o golpe de estado de 1930, publicado em 1932, que reproduz uma conferência dada em 21 de novembro de 1930, no Centro Socialista da seção 9 Sul, da Capital Federal. Um resumo já tinha sido publicado em *A Vanguarda* de 22 de novembro de 1930, sob o título *O Partido Socialista e a revolução*. Nesse contexto o livro de 1932, se refere à posição do Partido Socialista e a revolução de 30; as bases morais da revolução; a situação política do país analisada pelo Congresso Extraordinário de PS de agosto de 1931; o PS e a Constituição; uma análise do passado, o presente e o futuro da política argentina assim como do Congresso e da ditadura. Além disso, conta em um anexo documentário interessante, dois manifestos históricos, ou seja, o pronunciamento do PS ante o movimento militar de 6 de setembro de 1930 e as posições do PS frente a declarações do presidente Uriburu em um instituto militar em meados de dezembro de 1930.

É interessante constatar, que embora em termos, pacifistas e inclusive institucionalistas, o PS se pronunciou de um primeiro momento contra o golpe de estado de 1930, sendo o argumento central a defesa da legalidade, o que contrasta com a posição política dos socialistas independentes que contribuíram a gerar as condições do golpe e em um primeiro momento, apoiaram-no. A avaliação dos socialistas tradicionais sobre o golpe também nos permite observar sua posição em relação aos radicais:

“(...) o governo da União Cívica Radical (UCR) significou para a república um castigo superior ao engano sincero do povo que a exaltou (...)

A república carece de autoridades legítimas. Seu governo atual é um governo de fato. Seus atos são ilegais. Será ilegal a apropriação que faça dos dinheiros públicos; serão ilegais seus atos no regime da administração pública; como é ilegal a expiração do Congresso e dos corpos representativos da Capital e das províncias, formados pelo sufrágio universal legítimo.

O Partido Socialista não pode aceitar este estado de coisas voluntariamente. Nem pode impedi-lo. Tentá-lo significaria precipitar à nação em uma luta de incalculáveis e dolorosas conseqüências, e o Partido Socialista se sente tão solidário com o sofrimento do povo argentino que não poderia estimular procedimentos que contribuam a subsumi-lo em crise irreparáveis. (Cf. Bravo 1932: 142 e 147)

Precisamente outro estudo que aborda a queda de Yrigoyen e o golpe de estado de 1930 é *O Conluio. Memórias de um deputado operário* de Joaquín Coca, que se

¹⁶⁴ Pouco mais de quarenta anos depois, em 1971, o dirigente socialista Héctor Polino, como veremos mais adiante irá expor a atualidade dessa mesma expressão para referir-se a autodenominada Revolução Argentina que governou o país entre 1966 e 1973.

centra em uma análise hiper-crítica da cisão que constituiu os socialistas independentes. O livro consta de duas partes, a primeira publicada em 1931 pela editora socialista *Claridad* e a segunda trinta anos depois em 1961 pela editora da esquerda nacional, Coyoacán, de uma vez que foram republicadas de maneira conjunta em 1981. Nesta última edição encontramos dois prólogos: um de Miguel Unamuno que se intitula *Em tempos do conluio* onde realiza uma biografia de Coca e explica que em 1937, forma parte do Partido Socialista Operário (PSO) e que em 1945 se aproximará do peronismo sendo fundador do Partido Trabalhista (PLab) e outro de Emilio Corbière intitulado *Atualidade do Conluio*” assim como dois anexos a modo de epílogos *A entrevista Yrigoyen-Justo* de Miguel Unamuno e *Justo e Yrigoyen* de Emilio Corbière.

Em síntese, o livro de Coca é uma denúncia das práticas parlamentares realizadas pelo grupo que posteriormente formará o Partido Socialista Independente (PSInd) entendidas como uma tática de infiltração dos setores oligárquicos e conservadores no PS, a qual estava liderada por Antonio de Tomaso e Federico Pinedo.

Adolfo Dickman, por sua vez, realizou uma história institucional do PS onde resenhava as resoluções e as discussões partidárias entre os anos 1896-1936 em *Os Congressos Socialistas. Quarenta anos de ação democrática*, em um livro publicado em 1936.

Algo semelhante realizará uma década depois, em 1946, Miguel Palacín, que escreve uma *Breve Historia do Partido Socialista*, onde realiza um desenvolvimento histórico da organização logo depois de seus primeiros cinquenta anos de vida.

Para completar este quadro Enrique Dickman estuda a presença dos socialistas nos Congressos Internacionais, que precisamente se intitula *O Partido Socialista Argentino nos Congressos Internacionais* e que é publicado em 1946; Luis Pan, centra-se na ação parlamentar do socialismo, em *Visão socialista do meio século argentino. A obra parlamentar do Partido Socialista Argentino*, que é uma obra de 1947 e Juan Nigro realiza uma apertada síntese na obra do socialismo argentino, que é publicada em 1956.

Pedro Verde Tello em *O Partido Socialista sua atual forma de organização*, que data de 1952, enfoca uma espécie de história jurídico-institucional do PS, preocupando-se com observar a evolução de seus estatutos, a Carta orgânica da partida e no apêndice coloca a declaração de princípios, o regulamento uniforme para todos os centros socialistas, as entidades de colaboração e o regulamento para sua organização e funcionamento. Pouco mais de dez anos mais tarde, em 1963, o próprio Pedro Verde Tello, escreverá a primeira tentativa de discutir a fratura socialista de 1958 na divisão socialista. Sua origem e desenvolvimento, que é publicada no ano 1963. Antes de 1952, a Editora Bases, já tinha publicado outros três livros do mesmo autor: *Governo popular*

pela representação proporcional; Alcance social da Reforma universitária e A reforma constitucional e o Partido Socialista.

Ángel M. Giménez se centrou no trabalho educativo, científico, artístico, cultural e moralizador empreendido pelo PS desde suas origens, assim como realizou um estudo sobre os precursores do socialismo no país. Entre vários outros livros publicou *Os precursores do socialismo na República Argentina* em 1917 e *A ação cultural do Partido Socialista* que data de 1926. Além disso, em sua significativa obra encontramos *Páginas de história do movimento social na república argentina* e *Nossas bibliotecas operárias*, este último livro prefaciado em 1932 por Américo Ghioldi, que será desde 1958 o líder do Partido Socialista Democrático (PSD).

No plano da gênese do socialismo se destacam os trabalhos de Augusto Kuhn, *Apontamentos para a história do movimento operário socialista na Argentina* publicado na revista *Novos Tempos* em 1916 e três trabalhos de Dardo Cúneo, *O primeiro jornalismo operário e socialista na Argentina* cuja primeira edição é de 1943 e uma vez completada a segunda parte da pesquisa é publicado de maneira completa em 1994 sob o nome de *O jornalismo da dissidência social (1858-1900)* e *As duas correntes do movimento operário nos anos noventa* que aparece na *Revista de História* em 1957.

Depois do surgimento do peronismo começam a aparecer escritos autobiográficos e testemunhos, os quais se caracterizam, além disso, por realizar uma determinada seleção de documentos. O mais importante som os de Enrique Dickman, *Lembranças de um militante socialista*, publicado em 1949 e os dois volumes de Nicolás Repetto, *Minha passagem pela política* que datam de 1956 e 1957, respectivamente. Do mesmo Repetto também encontramos *De novo à ação* de 1958 e *Meus primeiros noventa anos* de 1962. Todos estes livros reconstroem diferentes momentos da vida partidária através da própria vida de seus protagonistas.

Em 1956, com a queda do peronismo e instalada a autodenominada Revolução Libertadora, aparecem e se agrupam alguns trabalhos de socialistas que tinham circulado no exterior e clandestinamente sob esse regime no país. No que os socialistas consideram um regime de transição entre a tirania e a democracia, Américo Ghioldi publica justamente, *Da tirania à democracia social. Caiu a ditadura, agora o que?* Ai afirma em sua introdução da primeira parte intitulada *O mito Eva Perón* escrito no exílio montevidiano em 1952:

“Desde o primeiro momento do movimento peronista compreendi que se iniciava no país um ciclo totalitário, imposto de cima e em boa parte de fora, características ambas dos aspectos conhecidos nos movimentos totalitários que se conheciam na Europa. Pensei então que era importante descobrir a

experiência do mal para reduzi-la e neutralizá-la na cabeça dos homens (...)
As duas necessidades argentinas são voltar a Perón e superar o Perón-
totalitarismo; para o primeiro é necessário a força; e para o último, é
indispensável uma remodelação da consciência, capaz de criar a vontade de
formas novas e um novo conceito da realidade.” (Ghioldi 1956: 13)

A ampla sinopse descrevendo a trajetória de Ghioldi que aparece na contra-capla da mencionada edição é de fato uma oda realizada por Luis Pan.

Da mesma corrente partidária, Juan Antonio Solari, Secretário Geral do PS entre 1940 e 1951, publica em 1956 *E doze anos de opróbrio. (Itinerário da ditadura)* sobre o peronismo e *Prédica democrática* de 1958 que se centra fundamentalmente na Revolução Libertadora e na realidade argentina daquela época. Figuram, entre outros trabalhos escritos durante 1955 e 1957, neste último livro editado pela Comissão de comemoração com motivo dos trinta anos da publicação de seu primeiro livro, o prólogo do mencionado *Doze anos de opróbrio*, anteriormente intitulado *depois da queda da ditadura*; inclui uma dissertação na Radio Belgrano em dezembro de 1955, *Deveres desta hora argentina*; outra da Rádio O Mundo na mesma data *Para o ano novo da liberdade na república*; um texto sobre os comunistas em razão da virada do XX Congresso do PCUS intitulado, *Outra virada. – O morto tem a culpa...*; um trabalho sobre *Seis décadas de ação socialista* onde realiza um balanço da trajetória do PS e *A um ano da Revolução Libertadora*, onde expõe também um balanço desse ano na política argentina.

David Tieffemberg, que poucos anos mais tarde formará a esquerda da esquerda do PS, já que será o Secretário Geral do PSAV, também em 1956 publicou dois textos em um mesmo livro *Exigências proletárias à revolução* e *A legislação Operária no regime peronista*, com um prólogo de Carlos Sánchez Viamonte onde o comparava nada menos que com o autor do novo direito, quer dizer, Alfredo Palácios. Para o constitucionalista o livro de Tieffemberg é desmistificador, porque:

“A história não registra uma maior mistificação que aquilo que se deu entre nós o nome de justicialismo. Durante os dez anos de ditadura, em marcha progressiva para a tirania, não se adverte nada que signifique uma contribuição ao Novo Direito (...) a única legislação do trabalho neste país se deve à inspiração e à ação socialistas, e que foi obtida pela tenacidade de legisladores entre os quais ocupa o primeiro lugar Alfredo L. Palácios, cujo livro ‘A Justiça Social’ constitui uma formidável alegação por escrito em tal sentido”
 (Tieffemberg 1956: 10)

No mesmo espírito antiperonista, comum aos diferentes dirigentes que darão origem a grupos políticos diversos, é o próprio Tieffemberg quem afirma:

“Abatida a oprobiosa ditadura que havia vertebrado seu sistema despótico e opressivo sobre o cerceamento de todas as liberdades, o povo argentino se prepara a retomar o largo caminho da democracia, para dar a esta o conteúdo social que lhe havia negado ou escamoteado o regime deposto quebrando sua trajetória histórica.

A Revolução Libertadora, que cumpriu essa etapa gloriosa, foi popular no momento em que se produziu, e deve seguir sendo; e mais; deve acrescentar sua popularidade compreendendo aos setores operários ainda resistentes, para que no cumprimento de seus postulados confessados não encontre obstáculos que impeçam ou dificultem sua plena e promissora realização” (Cf. Tieffemberg 1956: 11)

Como observamos em 1956, tanto aqueles que constituirão, depois da ruptura da PS em 1958 a asa mais de “direita” do socialismo, o PSD como a asa mais de “esquerda”, o PSAV, logo depois de sua passagem pelo PSArg., não tinham diferenças substantivas em relação com a leitura que realizavam sobre o peronismo. A comparação entre estes dois livros a modo de exemplos nos permite justificar tal afirmação.

Paralelamente, os trabalhadores socialistas, depois do advento do peronismo, começam a reconstruir histórias do movimento operário nas quais privilegiavam as posições do PS em dito terreno. Destacam-se as obras de Martín Casaretto, que publica *História do movimento operário* em 1946 e Jacinto Oddone que escreve *Gremialismo proletário argentino*, editado pela primeira vez em 1949 com prólogo de Dardo Cúneo e novamente em 1975 com prólogos de Américo Ghioldi e Luis Pan. Fundamentalmente destacam como, um sindicalismo independente com mais de cinquenta anos de história, era arrasado por um regime totalitário, que era a forma em que qualificavam o peronismo. Sempre destacam o papel dos socialistas na formação das primeiras associações sindicais no país assim como o desenvolvimento das principais centrais sindicais operárias até a criação da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) desde 1930 e até sua dissolução pelo regime militar de 1943. Nestes livros, encontramos o papel dos socialistas na preparação dos atos do 1º. de Maio, nas grandes greves operárias de começos de século e a incessante luta contra as medidas anti-operárias dos governos de turno.

Bastante depois e em um tom mais autobiográfico, o fundador e figura chave da

União Operários e Empregados Municipais (UOyEM), durante meio século, Francisco Pérez Leirós fez o mesmo, em *Grandezas e misérias das lutas operárias*, publicada em 1974, com um prólogo de Juan Antonio Solari.

Encontramos em todos estes trabalhos uma leitura apologética e acrítica do trabalho dos socialistas no terreno corporativo assim como uma leitura semelhante sobre o peronismo, o qual parece irromper como um fenômeno externo ao movimento operário e que terminaria com o paciente trabalho pedagógico, de clarificação, organização e moralização que os socialistas realizaram desde seus inícios. Estas leituras sobre o papel dos socialistas no gremialismo argentino devem ser matizadas entre outras pelas visões anarquistas, comunistas e sindicalistas revolucionárias, quem realiza dois tipos de puntualizações, por um lado expõem o caráter reformista e conciliador dos socialistas e por outro a subordinação da ação sindical à organização partidária¹⁶⁵.

Nos inícios dos anos setenta vão começar aparecer os escritos de um dos militantes mais prolíficos do socialismo na Argentina, Emilio Corbière. Sua vasta produção inclui trabalhos sobre o socialismo, sobre as origens do comunismo e sobre Juan B. Justo entre outros temas. Em relação aos diferentes aspectos da vida do PS se podem mencionar *Socialistas e anarquistas, 1880-1910* publicado na *Revista Polêmica* em 1972; *Origens do comunismo argentino* publicado pela primeira vez na revista *Tudo é História* em 1974, para alcançar sua versão definitiva em 1984 como *Origens do comunismo argentino (O Partido Socialista Internacional)* assim como um panorama da corrente socialista publicada na *Revista Tudo é História* em 1996 sob o título *Um século de socialismo na Argentina*.

Héctor Polino, que tinha pertencido ao Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV) e que em 1971 formava parte da diáspora dos socialistas argentinos, escreve *Compêndio de desatinos. Cinco anos de Revolução Argentina*. É um livro curioso uma vez que era produto da dinâmica da época, como se publica dois anos depois do Cordobazo, é dedicado aos que caíram na luta pela libertação do país e parafraseando o livro de Mario Bravo, define a Revolução Argentina como *A Revolução deles*. Simultaneamente, deve-se levar em conta que é um livro publicado sob um regime que utilizava a censura, o que faz com que em uma primeira leitura apareça mais como uma crítica à gestão municipal na cidade de Buenos Aires que uma crítica política geral mais forte à ditadura. Não encontramos uma crítica frontal à ditadura no livro de Polino.

Simón Lázara, que fora um socialista que rompeu com setores socialistas apoiar

¹⁶⁵ Ver neste mesmo capítulo o quadro intitulado *As leituras político-partidárias contrárias ao socialismo argentino*, fundamentalmente as posições políticas de Diego Abad de Santillán (anarquista), Rubens Iscaro (comunista), Sebastián Marotta (sindicalista revolucionário) e Atilio López (classista).

em primeiro lugar a Frente Justicialista de Libertação (FREJULI) em 73, como parte do Movimento Socialista de Liberação Nacional (MSLN) para posteriormente formar o Partido Socialista Unificado (PSU) em 1982, escreve um livro intitulado *Proposta socialista frente à crise argentina*. É o livro mais significativo de tal corrente política e de fato se trata de um manifesto com as linhas de ação dessa corrente socialista que desaparecerá apoiando nas eleições de 1985 as listas da Convergência Nacional impulsionadas pela União Cívica Radical (UCR) sob a hegemonia do alfonsinismo. Uma vez culminado seu mandato como deputado nacional por essa força, em 1989, Lázara se converterá diretamente no porta-voz de Alfonsín até sua morte no ano 2000.

O livro de Lázara consta de três partes claramente diferenciadas, a primeira é sobre a dependência em crise; a segunda é a respeito da soberania e a dependência na luta pelas Malvinas e em terceiro lugar elabora propostas socialistas unificadas para sair da crise concluindo com uma apelação à unidade dos socialistas no caminho da luta popular antiimperialista pela liberação nacional.

Com a abertura democrática em 1983 surgem alguns livros explicando a trajetória histórica de diferentes correntes políticas, entre elas a socialista. Com um claro objetivo político, *O que é o socialismo na Argentina?* é assinado pela doutora Alicia Moreau de Justo, mas que entretanto, foi escrito centralmente por Emilio Corbière mas como parte de uma elaboração coletiva da Confederação Socialista Argentina (CSA)

É um livro básico, mas relativamente completo, onde tem como objetivo voltar a apresentar o socialismo de maneira virtualmente acrítica, salvo algumas colocações em relação ao peronismo as novas gerações.

Na primeira parte trata dos mais diversos temas: ocupa-se do marco econômico-social que permitiu o surgimento do socialismo; dos precursores do socialismo na Argentina; dos fundadores do PS; da pátria da fraude; da relação do socialismo com o movimento operário; das primeiras disputas internas no PS; do papel de Alfredo Palacios e por seu impulso a sanção das primeiras leis operárias; da influência de Juan B. Justo no parlamento; do trabalho parlamentar de conjunto do PS entre 1912 e 1930 e entre esse ano e 1943; da ruptura que configuraram os socialistas internacionais e os terceristas em primeira instância “pela esquerda”; da cisão dos socialistas independentes “pela direita”, assim como a posição política frente ao golpe de 1930; da aliança com os democratas progressistas, a Aliança Democrata Socialista (ADS); da transformação do país com o advento do peronismo e da dispersão posterior à ruptura de 1958.

O livro se complementa com uma segunda parte onde é inserido um apêndice documentário no que aparece o testemunho da própria Alicia Moreau de Justo em uma entrevista realizada por Alberto M. Perrone; a declaração de princípios de Partido

Socialista Argentino¹⁶⁶; um projeto de lei de criação de um Conselho Econômico do Trabalho impulsionada pelo senador Enrique del Valle Iberlucea em 1920; o testamento político de Mario Bravo; a proposta de criação da Comissão de Planos Econômicos, conhecida como a COPLAN, apresentada em 1932 na Câmara de deputados por Rómulo Bogliolo; um conhecido relato de Enrique Dickman intitulado *Um lo. de maio trágico*, extraído de *Lembranças de um militante socialista*; uma parte que dedica ao ‘novo direito’ em honra ao reconhecido livro de Alfredo Palacios do mesmo nome, onde se detalham com seu respectivo número e data, quarenta e dois (42) leis impulsionadas pelos socialistas e aprovadas até 1942; um texto de Alicia Moreau de Justo intitulado *A mulher na democracia*, para culminar com uma cronologia em forma de quadro. Além disso, o livro possui documentos fotográficos.

É um trabalho de divulgação e é bastante sistemático até o advento do peronismo, mas é muito mais fraco depois do surgimento deste, o que se explica, entre outras coisas, pela própria debilidade política e fragmentação do socialismo posterior a este. Deve, entretanto, ressaltar-se que realiza um balanço relativamente crítico do papel dos socialistas sob o peronismo, mas a importância do tema no livro é muito pequena em comparação com outros temas.

Distintamente das primeiras décadas de onde a produção dos socialistas sobre os socialistas foi muito importante, nos últimos trinta anos não ocorre o mesmo. Há um deslocamento do interesse para o âmbito extra-partidário, fundamentalmente o acadêmico. Isto pode ter como causa a fragmentação de 1958 e a debilidade política em vários momentos desse período, mas é uma tendência que não se reverteu nem com o avanço eleitoral, em termos parlamentares entre 1983 e a atualidade recuperando a representação, a consolidação do Partido Socialista Popular (PSP) na província de Santa Fé em geral e em Rosário em particular, do Partido Socialista Democrático (PSD) na Capital Federal, a conquistas de alguns municípios e a unificação de seus dois principais grupos. É notória a ausência de militantes e de dirigentes socialistas na atualidade que escrevam sobre o socialismo. As exceções são o mencionado escrito da Confederação Socialista Argentina (CSA), uma biografia de Luis Pan, na corrente ghioldista sobre Justo e os escritos de García Costa e Corbière do Partido Socialista Autêntico (PSA). Muito pouco para uma tradição tão rica.

Víctor García Costa realiza uma *Seleção de textos* de *O Operário* antecedido por um estudo preliminar em 1985. *O Operário*, foi o primeiro periódico marxista que apareceu na Argentina, levava como lema Defensor dos interesses da classe proletária e era publicado pela Federação Operária. Todos os números incluíam na capa a frase final

¹⁶⁶ Alicia Moreau de Justo expõe a Declaração de Princípios do II Congresso do PS, pacifista, aprovada sob a hegemonia de Juan B. Justo, não a do I Congresso, que não descarta a violência como forma de ação política em caso que não reste nenhuma alternativa.

do manifesto comunista: Proletários de todos os países, uní-vos! E foi baseado, dirigido, sustentado e em grande medida escrito pelo social democrata alemão Germán Avé Lallemand, que mantinha relação direta com a social democracia internacional em geral e com Federico Engels em particular. O periódico apareceu pela primeira vez em 12 de dezembro de 1890.

García Costa também, em um breve trabalho historiográfico publicado na revista *Tudo é História* em 1996, retomando certas idéias de Kuhn sobre a origem do socialismo, expõe sua hipótese original aproxima que a data institucional do PS correspondeu a dezembro de 1892 quando o Agrupamento Socialista (AS) decidiu constituir-se em partido, contrastando com a data do Congresso Constituinte, realizado em 1894, data que é aceita pelos partidos socialistas do país como a de sua fundação.

Quadro 23. Literatura partidária socialista sobre diferentes aspectos da história do PS.

Autor	Título	Período e enfoque	Lugar, Editora/s e ano
Jacinto Oddone	Historia del socialismo argentino	1896-1911; Historiográfico gênesis e institucional	Buenos Aires (Bs. As.), La Vanguardia, 1934; Bs. As., Centro Editor de América Latina (CEAL) 1983 (2 vol.)
	Gremialismo proletario argentino (Prólogos en 1949 de Dardo Cúneo y en 1975 de Américo Ghioldi y Luis Pan)	Historiográfico gremial	Bs. As.; La Vanguardia 1949. Reeditada en Bs. As.; Líbera, 1975
Mario Bravo	El unitarismo en el Programa del Partido Socialista	Historiográfico	<i>Revista Argentina de Ciencia Política</i> (RACP); Bs. As., III, 27, diciembre de 1912; pp.285-196.
	Organización, programa y desarrollo del Partido Socialista en la Argentina	Historiográfico institucional	<i>RACP</i> ; Bs. As., V, 56, mayo de 1915; pp. 121.
	La Revolución de ellos	Historiográfico. Golpe de estado de 1930.	Bs. As.; La Vanguardia, 1932.
Augusto Kuhn	Apuntes para la historia del movimiento obrero socialista en la república argentina	Historiográfico gênesis	<i>Nuevos Tiempos</i> ; Bs. As., 1/7 mayo agosto de 1916.
Ángel M. Giménez	Los precursores del socialismo en la república argentina	Historiográfico gênesis e cultural	Bs. As.; La Vanguardia, 1917
	Treinta años de acción cultural	Historiográfico cultural	Bs. As.; La Vanguardia, 1926
	Páginas de historia del movimiento social en la república argentina	Historiográfico cultural	Bs. As.; s/e; s/f. Es posterior a los dos libros anteriores ya que es la compilación de estos.
	Nuestras bibliotecas obreras (prólogo de	Historiográfico cultural	Bs. As.; Sociedad Luz; Imprenta La Vanguardia, 1932

	Américo Ghioldi)		
Joaquín Coca	El contubernio. Memorias de un diputado obrero.	Gênese da ruptura dos socialistas independentes	Bs. As.; Editorial Claridad, 1931 (primera parte) Bs. As.; Editorial Coyoacán, 1961. (segunda parte) Bs. As., de la Campana, 1981.
Adolfo Dickman	Los Congresos Socialistas. Cuarenta años de acción democrática.	1896-1936; Historiográfico institucional	Bs. As.; La Vanguardia, 1936
Dardo Cúneo	El primer periodismo obrero y socialista en la Argentina	Historiográfico gênese	Bs. As.; La Vanguardia, 1945;
	El periodismo de la disidencia social	1858-1900 Historiográfico gênese	Es la profundización de la investigación del libro anterior Bs. As., CEAL; 1994.
	Las dos corrientes del movimiento obrero en el '90	Historiográfico gremial	<i>Revista de Historia</i> , Bs. As., I, primer trimestre 1957.
Manuel Casaretto	Historia del movimiento obrero	Historiográfico gremial	Bs. As.; Lorenzo 1946 (vol.1) y 1947 (vol. 2)
Enrique Dickman	El Partido Socialista Argentino en los congresos internacionales	Historiográfico institucional	Bs. As.; La Vanguardia, 1946
	Recuerdos de un militante socialista	Autobiográfica	Bs. As.; Claridad 1949
Manuel Palacín	Breve Historia del Partido Socialista	Historiográfico institucional	Bs. As.; La Vanguardia 1946
Luis Pan	Visión socialista de medio siglo argentino. La obra parlamentaria del Partido Socialista	Historiográfico centrado na ação parlamentar	Bs. As.; La Vanguardia 1947
Américo Ghioldi	De la tiranía a la democracia social. ¿Cayó la dictadura, ahora qué?	Caracterização e crítica do peronismo.	Bs. As., Gure, 1956.
Juan Nigro	La obra del socialismo argentino	Historiográfico institucional	Bs. As.; Amarouta 1956
David Tiefenberg	Exigencias proletarias a la revolución y La legislación Obrera en el régimen peronista (prólogo Carlos Sánchez Viamonte)	Caracterização e crítica do peronismo.	Bs. As., Ediciones Populares Argentinas, 1956.
Nicolás Repetto	Mi paso por la política	Autobiográfico	Bs. As.; Santiago Rueda, 1956 y 1957 (2 vol.)
	De nuevo a la acción	Autobiográfico	Bs. As.; Bases 1958
	Mis primeros noventa años	Autobiográfico	Bs. As.; Bases 1962
Juan Antonio Solari	Doce años de oprobio. (Itinerario de la dictadura)	Caracterização e crítica do peronismo	Bs. As.; Bases 1956
	Prédica democrática	Sobre a Revolução	Bs. As. S/e 1958

		Libertadora de 1955	
Pedro Verde Tello	Gobierno popular por la representación proporcional	Institucional	Bs. As.; Bases; s/f
	Alcance social de la Reforma Universitaria	Universidade	Bs. As.; Bases; s/f
	La Reforma constitucional y el Partido Socialista	Histórico institucional	Bs. As.; Bases; s/f
	El Partido Socialista su actual forma de organización	Historiográfico institucional	Bs. As.; Bases 1957
	La división socialista. Su origen y desarrollo.	Historiográfico centrado na divisão de 1958 (PSArg e PSD)	Bs. As.; Libertad 1963
Héctor T. Polino	Compendio de desatinos. Cinco años de Revolución Argentina	Balanço da Revolução Argentina	Bs. As.; s/e, 1971
Francisco Pérez Leiroz	Grandezas y miserias de la lucha obrera (Prólogo de Juan Antonio Solari)	Autobiográfico gremial	Bs. As.; Líbera; 1974
Emilio J. Corbiere	Socialistas y anarquistas, 1880-1910	Historiográfico; polemica entre socialistas e anarquistas	<i>Revista Polémica</i> , Bs. As., nro. 42, 1971; retomado en Historia integral Argentina, vol. 5, Crecimiento y desequilibrios; CEAL, 1972
	Orígenes del comunismo argentino	Historiográfico; ruptura dos socialistas internacionais (comunistas)	Revista <i>Todo es Historia</i> , VII, 81, febrero de 1974.
	Orígenes del comunismo argentino (El Partido Socialista Internacional)	Historiográfico; ruptura dos socialistas internacionais (comunistas)	Reedición ampliada; CEAL; 1984
	Un siglo de socialismo en la Argentina	Visão panorâmica	Revista <i>Todo es Historia</i> , XXX 347, junio de 1996.
Simón Alberto Lázara	Propuesta socialista frente a la crisis argentina	Proposta política do Partido Socialista Unificado (PSU)	Bs. As., Nuevo siglo, 1982
Alicia Moreau de Justo	¿Qué es el socialismo en la Argentina?	Histórico institucional interno	Bs. As.; Sudamericana; 1983
Víctor García Costa	El Obrero. Selección de textos.	Historiográfico	Bs. As.; CEAL; 1985.
	¿El centenario de la fundación del Partido Socialista?	Historiográfico	Revista <i>Todo es Historia</i> , XXX, 348, julio de 1996.

Fonte: Elaboração própria.

b. Literatura partidária e acadêmica centrada na figura de Juan B. Justo

Em segundo lugar podemos localizar a bibliografia tanto partidária, não só socialista, como a acadêmica centrada na figura de Juan B. Justo, um dos fundadores do PS e sem dúvida seu dirigente mais destacado entre um conjunto de importantes dirigentes, a qual é muito significativa. O fundador de *A Vanguarda* e do PS, que morreu em 1928, foi objeto de uma produção histórica partidária específica, que constituíram ensaios que se estenderam até o centenário de seu nascimento em 1965. Posteriormente a essa data os trabalhos sobre Juan B. Justo, de dirigentes partidários vão cedendo lugar à pesquisa acadêmica. Como observamos é um deslizamento geral, já que ocorre algo semelhante com os estudos dos socialistas sobre os próprios socialistas e o PS.

O primeiro trabalho sobre Juan B. Justo é o realizado por Enrique Monchet, e se intitula *Juan B. Justo. Ensaio preliminar sobre sua vida, seu pensamento e sua obra* que data de 1932.

Em 1933, um jovem Américo Ghioldi, que anos depois será um destacado dirigente socialista e logo depois da divisão de 1958, o líder indiscutido do PSD até sua morte, publicou *Juan B. Justo. Suas idéias políticas, suas idéias históricas e suas idéias filosóficas*, reeditado em múltiplas oportunidades.

Logo depois deste José Rodríguez Tarditi centrou-se na obra parlamentar do fundador do socialismo em *Juan B. Justo parlamentar* publicado no ano 1934 com um prólogo de Juan Antonio Solari, outro futuro dirigente socialista democrático.

Outro histórico dirigente, Nicolás Repetto, dedica ao menos dois estudos a Juan B. Justo. O primeiro é uma biografia como seu próprio título o indica *Contribuição à biografia de Juan B. Justo*, que é publicada em 1935; enquanto que o segundo trabalho se intitula *Juan B. Justo e o movimento político e social argentino*, o qual em sua segunda edição tem um prólogo que consiste em um estudo preliminar de Américo Ghioldi sobre o modo de ser político Nicolás Repetto.

Neste livro se incluem as palavras de despedida de Repetto sobre o leito mortuário de Justo; um artigo publicado na *Revista Ação Socialista* aparecido em fevereiro de 1928; cinco discursos: a primeira em comemoração a Justo; o segundo pronunciado esse mesmo ano na cidade de Junín, na província de Buenos Aires; o terceiro surge de dois discursos, a gente pronunciado na Casa do Povo em 1935 na Capital Federal e uma síntese de outro realizado na localidade de Sáenz Peña em 1947, também na província de Buenos Aires; um quarto brindado em Necochea, também na província de Buenos Aires, com motivo de tirar o chapéu uma placa em comemoração a

Justo em 1959 e a quinta é uma comemoração parlamentar realizado na Câmara de deputados. Por último, o livro reúne também, as palavras pronunciadas com motivo da entrega dos livros de Justo à Biblioteca Operária que levará seu nome em 1931. Este livro inclui também o prefácio de Repetto ao mencionado livro de Monchet de 1932 e um estudo apresentado para formar parte do tomo XLV da Biblioteca de Grandes Escritores Argentinos que contém escritos e discursos de Juan B. Justo, cuja publicação data de 1933.

Dardo Cúneo, publica seu primeiro livro sobre “o professor” em 1943, prefaciado por Nicolás Repetto sob o título de *Juan B. Justo*, posteriormente escreve *Juan B. Justo e as lutas sociais argentinas* em 1964 cuja versão definitiva aparece em 1997, absorvendo ambos os livros. Esta é sem dúvida a biografia mais completa a respeito de Justo e foi editada com apoio do socialismo popular. Reconstrói desde seu nascimento, sua chegada ao socialismo a partir da medicina e seu encontro com o país, a fundação de *La Vanguarda*, sua participação nos primeiros grupos socialistas e no Congresso Constituinte, assim como seu papel nas lutas socialistas, a batalha parlamentar e suas diferenciações políticas com conservadores e radicais, incluindo declarações desde diferentes planos ideológicos, com motivo de sua morte.

Alicia Moreau de Justo, publicou três livros que em essência são o mesmo: *O socialismo segundo a definição de Juan B. Justo*, datado em 1946, *Juan B. Justo e o socialismo* de 1984 e *O socialismo segundo Juan B. Justo* de 1995. Nestes livros a autora, tem como objetivo em primeiro lugar dirigir-se aos jovens, a quem a seu critério augura uma pesada tarefa, decepcionada por uma evolução do mundo que não era a esperada em sua juventude.

“Os jovens de minha geração podiam, (...), acreditar no valor da ciência como fonte incessante de superação e entregar-se a seu cultivo como artesãos de um ilimitado progresso que encerrava um imanente sentido de aperfeiçoamento, que ia para o desaparecimento da dor, para a multiplicação infinita das forças criadoras, para o aumento do bem-estar para todos.

(...) Os que assistiram a esse fantástico desdobrar de forças criadoras e destruidoras perderam para sempre a fé na ciência como autora de progresso moral. Ela está ao serviço do Poder e não pode ser para os jovens, que agora se formam mais que seu instrumento (...) (Moreau de Justo 1995: 7-8)

Mas, entretanto, é um livro que centra suas esperanças na juventude, que no marco de uma luta que se livrava a seu critério mundialmente entre os regimes totalitários e os democráticos, em momentos em que os socialistas se opunham em

nosso país ao peronismo. É essa mesma juventude a que segundo a doutora, lutou na rua contra a ditadura militar de 1943 ao grito de “Democracia sim! , Ditadura não!” e que realizou a greve em apoio dos professores despedidos esse ano. É precisamente a essa juventude que Moreau de Justo tenta explicar o significado do socialismo em geral e a definição de Justo do socialismo em particular. Os três livros se centram na definição de socialismo conceitualizada por Juan B. Justo em uma conferência partidária por pedido do Comitê Executivo do PS em 1902. A dirigente socialista a fragmenta para explicar a de uma maneira didática:

“O socialismo é a luta em defesa e para a elevação do povo trabalhador que, guiado pela ciência, tende a realizar uma livre e inteligente sociedade humana, apoiada sobre a propriedade coletiva dos meios de produção” (Cf. Moreau de Justo 1995: 29).

Esta é a definição de socialismo de Juan B. Justo com maior difundida. A ciência é uma guia para que os trabalhadores possam trocar sua situação, elevando-se, no sentido de melhorar. Encontramos nesta definição idéias positivistas, inclusive elementos iluministas e uma definição política favorável à propriedade coletiva dos meios de produção e contra a propriedade privada. É uma concepção anticapitalista.

Encontramos um interessante trabalho de David Tieffemberg publicado em 1948, *Juan B. Justo na história e na política argentina*, que como mencionamos posteriormente formará as filas do Partido Socialista Argentino (PSArg.) e uma vez expulso dessa organização é dirigente do Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV) sendo um expoente claro de uns dos setores da esquerda do PS. É interessante comparar esta leitura de Juan B. Justo com a reconstrução histórica que farão do PS uma vez constituídos no PSAV, onde para entre outros, José Vazeilles farão uma releitura, poderíamos dizer, “mítica” de Juan B. Justo onde se buscavam nele um conjunto de posições políticas que não formavam parte de seu ideário (Cf. Vazeilles: 1967).

Luis Pan, desde uma visão ghioldista, dedica três livros a Justo, *Juan B. Justo e a fundação do Partido Socialista* publicado em 1956, *Justo e Marx. O socialismo na Argentina*, de 1964 e *Juan B. Justo e seu tempo. Aponte para uma biografia intelectual*, que data de 1991.

Juan Antonio Solari, o dirigente socialista que fundará o Partido Socialista Democrático, logo depois da ruptura do PS de 1958, realizará uma *Recordação de Juan B. Justo. O homem, suas idéias, sua obra* publicado em 1965 com motivo do centenário do nascimento do fundador do socialismo onde reúne artigos publicados desde sua

morte em 1928. Inclui uma biografia de Juan B. Justo no centenário de Juan B. Justo; *O robusto lavrador* que são um conjunto de páginas escritas ao falecer Justo e reunidas posteriormente em *Evocações* de 1943; o prólogo ao livro *Juan B. Justo parlamentar* de J. Rodríguez Tarditi de 1934 intitulado *Justo parlamentar e orador*; um editorial de *La Vanguarda* de 8 de janeiro de 1938 ao cumprir-se dez anos da morte de Juan B. Justo intitulado *Arquétipo da nacionalidade* e uma conferência, *Fundador, orientador, realizador*, realizada no Centro Socialista da seção 5ta da Capital Federal em 21 de abril de 1950 intitulada, *Aniversários. Aos setenta anos do Partido Socialista*.

Em geral, até meados da década dos sessenta, a preocupação por ressaltar e/ou recuperar a figura de Justo, proveio quase exclusivamente por parte de dirigentes e militantes socialistas, que depois formaram diferentes tendências mais “direitistas”, “populistas” ou “esquerdistas”. Esta tem a característica de ser uma literatura militante que busca enaltecer a figura de Justo e justificar a tática dos diferentes agrupamentos socialistas. Por exemplo, assim como do socialismo democrático, através das leituras de Américo Ghioldi, Juan Antonio Solari e Luis Pan se realiza uma leitura mais liberal de Justo, do socialismo argentino, que em 1961 desenvolve uma linha conhecida por sua ordem “voltar para Justo”, que atribui a José Luis Romero. Isto significaria uma volta a um socialismo justista “puro e correto”, “cientificista e marxista”, que teria sido transformado em um positivista, partidário de um reformismo liberal, por parte do Américo Ghioldi (Cf. Vazeilles 1968:178-179).

Entre os comunistas “oficiais”, quer dizer o PCA, é Rodolfo Ghioldi¹⁶⁷, quem publicou com motivo do centenário do nascimento de Justo em 1965, o livro *Juan B. Justo* onde embora critique a líder socialista como reformista ressalta nele um conjunto de virtudes como sua lucidez, sua defesa do proletariado e seu enfrentamento com as classes dominantes. Para o dirigente comunista:

“Justo foi um reformista, mas nunca um reformista comum e ordinário, nem muitíssimo menos comparável aos dirigentes socialistas da direita. Seu reformismo não procedia de uma ausência de ódio à burguesia, à oligarquia e ao imperialismo, mas sim de sua incompreensão dos problemas da revolução argentina, em particular. Essa limitação, vinculada a seu desalinho global frente ao materialismo dialético, empurrou Justo a posições reformistas, mas ainda dentro delas, Justo conduziu uma luta, muitas vezes enérgica e resolvida, contra as classes dominantes” (Cf. Rodolfo Ghioldi, *Revista Nova Era*, Buenos Aires, julho de 1965 citado por Ratzer 1969: 163 e por Pla 1986: 52)

¹⁶⁷ Américo Ghioldi é dirigente do PS e do PSD, enquanto que dois irmãos dele Rodolfo e Orestes Ghioldi são dirigentes do comunismo argentino “oficial”, do PCA.

Esta dialética entre crítica política e admiração é a que dominou a interpretação dos comunistas sobre Justo.

Emilio Corbière dedica ao menos três escritos que abordam diferentes aspectos de Juan B. Justo. O primeiro deles é *Juan B. Justo e a questão nacional* publicado em 1972 e o outro é *Juan B. Justo. Socialismo e imperialismo* publicado esse mesmo ano e reeditado em 1973. São dois textos breves, mas são interessantes já que polemiza em um contexto de forte politização contra as leituras socialistas nacionais fundamentalmente com um trabalho de Spilimbergo, *Juan B. Justo ou o socialismo cipayo* e as leituras peronistas a respeito de Justo e do socialismo. Corbière pretende demonstrar três coisas: Justo era nacionalista, antiimperialista e um marxista anticapitalista, para o qual deve realizar uma reinterpretação de Justo, a nosso critério descontextualizando alguma das citas que usa¹⁶⁸. O mais destacável de Corbière, é que é um esforço fundamentalmente político, e busca recolocar o socialismo entre as polêmicas do momento, liberação nacional ou dependência e socialismo capitalismo, em uma tentativa de tirá-lo da defensiva.

O terceiro texto do historiador socialista é bastante posterior, de 1981, foi publicado na revista *Tudo é História* e tem um tom mais acadêmico tentando responder a seguinte pergunta: *Foi Juan B. Justo um positivista?*

Hernán Camarero e Carlos Manuel Herrera realizam uma síntese importante dos temas abordados nas obras mencionadas:

“O ‘professor’ apareceu valorizado em suas múltiplas facetas: o genial fundador do primeiro autêntico partido político do país e de A Vanguarda, um dos mais destacados órgãos jornalísticos da América Latina; o brilhante tradutor¹⁶⁹, jornalista, orador, conferencista, polemista e parlamentar; o impulsor de bibliotecas, centros de estudos e cooperativas; o grande pensador da Argentina moderna e de seu peculiar capitalismo; o ferreiro do primeiro programa popular de transformação do país; o discípulo herético e original de Marx e Engels, a quem se animou a criticar até em suas teorias do valor; o desmascarador do falso profeta Ferri e o ávido leitor de Lasalle, Bebel, Kautsky e Jaurés¹⁷⁰, que deixou uma marca própria dentro do patrimônio da Segunda Internacional; o erudito, [o] portador de um método científico que procurou

¹⁶⁸ Para ser equânime, deve se destacar que realizam o mesmo os autores do campo político que critica Corbière

¹⁶⁹ Juan B. Justo é o primeiro tradutor do *Capital* do Marx ao espanhol, que em 1898 é editado na Espanha.

¹⁷⁰ Justo lia Marx e estes políticos socialistas em seus idiomas originais.

formular uma teoria geral das atividades humanas e uma base biológica da história; o crítico do sensualismo, do empirismo e da dialética hegeliana; o último elo de uma tradição intelectual nacional e civilizatória que podia ser observada em Mariano Moreno, Bernardino Rivadavia, Esteban Echeverría, João Batista Alberdi, Domingo Faustino Sarmiento e Bartolomé Mitre”. (Cf. Camarero e Herrera 2005:40)

No marco dos trabalhos acadêmicos elaborados por estrangeiros, temos a tese de doutorado de Donald F. Weinstein, publicada em 1978 na Argentina através da Fundação Juan B. Justo, a qual se intitula *Juan B. Justo e seu tempo*. É um trabalho que aborda as características do socialismo argentino, mas centrando-se na figura de Juan B. Justo. Analisa as idéias de Justo minuciosamente embora o trabalho tem dois limites, por momentos é apologético e ao analisar uma estrutura complexa e dinâmica como o PS a partir só da dimensão de sua principal líder, limita o estudo.

Sem dúvida, os trabalhos mais profundos e rigorosos realizado sobre o fundador do socialismo foram umas séries de escritos sobre o socialismo na América Latina redigido por José Aricó, elaborados desde seu exílio mexicano e publicados primeiro em Puebla nesse país em 1981, na Revista *A cidade futura* de Buenos Aires, editada pelo Clube de Cultura Socialista (DCS) e que concluíram na hipótese de Justo, a partir de *Escritos sobre o socialismo na América Latina* que data de 1999.

Está claro que a abordagem de Aricó tem simultaneamente um interrogante intelectual e militante. É um trabalho acadêmico, mas realizado por um militante político, o introdutor de Gramsci na América Latina, que centralmente pretende elucidar em termos mais gerais o porquê das razões do desencontro secular entre o socialismo e América Latina. Para realizar esta reivindicação da tradição socialista rechaça os argumentos socialistas nacionais e peronistas que expõem o caráter intrinsecamente eurocêntrico da doutrina marxista, supostamente incapaz de aproximar-se de realidades diferentes como as de nosso continente. Para analisar as condições de recepção do pensamento socialista na América Latina, sempre segundo Aricó, é necessário estudar o desdobramento sistemático da trajetória histórica do socialismo na Argentina.

Como mencionava no capítulo 1 desta tese, fornece uma das melhores justificações dos socialistas como objeto de estudo embora disso não se desprenda de maneira alguma a coincidência com suas conclusões:

“Tomarei a tradição socialista porque manteve uma larga permanência desde fins do século passado, foi uma experiência nacional, contribuiu a formar o

primeiro partido político moderno, alimentou outras culturas políticas e deu lugar a excepcionais reagrupamentos parlamentares durante três décadas. Interessa-me indagar como suportou a desagregação da força política que lhe deu sustento e que fica hoje de uma experiência que parecesse ter sido ‘consumada’ pela evolução política argentina. Como esta corrente ideal encontrou um centro ideológico, teórico e político de condensação nas figuras de Juan B. Justo e de outros pensadores e políticos vinculados a seu trabalho, deterei-me sobre os elementos que caracterizam sua hipótese estratégica, a que defino como o projeto mais coerente de nacionalização das massas, de incorporação dos trabalhadores à vida nacional e de construção de uma democracia social avançada, até a chegada do peronismo.” (Aricó 1999: 11)

Como estivemos observando até o trabalho de Aricó os estudos centrados na figura de Juan B. Justo foram fundamentalmente apologéticos, elaborados por parte de seus seguidores como são os casos de Dardo Cúneo e de Nicolás Repetto ou “catastrofistas” como as críticas demolidoras tanto das correntes adversas às forças socialistas como o conservador Roberto Azaretto em seu livro sobre Pinedo, o peronista Hernández Arregui com seus escritos de 1973 ou os provenientes do socialismo nacional como Norberto Galasso em seu livro de 1983. (Cf. Cúneo 1997; Repetto 1964; Azaretto 1998; Hernández Arregui 1973 e Galasso 1983)

Embora acreditemos que destaca elementos positivos e até por momentos claramente reivindicativos da figura de Justo, o diretor dos famosos *Cadernos de Passado e Presente* desde suas inquietações políticas abre uma nova oportunidade para realizar uma abordagem acadêmica e/ou político sobre o “velho professor”. O objetivo de Aricó é realizar uma análise interna das hipóteses teóricas e políticas que fundaram a ação de Justo na constituição do Partido Socialista. Localiza-o como um teórico de primeira linha do socialismo internacional que estabelece uma relação de continuidade e mudança com o pensamento liberal do século XIX, principalmente com Domingo Faustino Sarmiento e Juan Batista Alberdi. As leituras de Arico e de Portantiero, também afirmam que sem ser marxista tira de Karl Marx o conceito de luta de classes mas vinculando-o com as instituições que os trabalhadores poderiam construir em seu enfrentamento com o capital: partido, sindicatos e cooperativas. Esta é uma hipótese comum, bastante difundida, mas de nenhuma forma tão transparente como é exposta, pode ser discutida desde diferentes planos.

Justo procura a construção de um caminho próprio para as classes subalternas emersas da modernização. Observava que o latifúndio e o parasitismo de um capitalismo ausentista eram os apoios da ordem oligárquica ao que opunha a

organização partidária, sindical e cooperativa dos trabalhadores para realizar um profundo programa de reformas econômicas, políticas e sociais, apoiada na articulação de transformações socialistas e de democracia agrária.

Aricó argumenta que o fracasso do programa de Justo se deveu fundamentalmente a uma visão iluminista sobre a constituição política dos sujeitos sociais posto que Justo observa uma relação transparente entre as posições na economia e os comportamentos políticos. De acordo com Portantiero, por sua parte, Justo não entendeu a dialética pela quais os trabalhadores podiam transformar-se em direção da sociedade, de uma vez que subestimou a capacidade de absorção do Estado a partir das reformas políticas de 1912, sendo desta forma escavada a base popular do socialismo, primeiro pelo yrigoyenismo e depois pelo peronismo.

A crítica a Aricó mais rigorosa é a realizada por Alberto J. Pla quem se localiza entre quem expõe uma luta entre revolucionários de dentro e de fora do PS contra o PS reformista, justista, do II Congresso. Pla afirma que produto da ocultação deste enfrentamento Aricó manipula seu objeto de estudo ignorando que o triunfo parlamentarista de Justo foi contra as correntes políticas socialistas revolucionárias. Isto situa Aricó segundo Pla ao lado dos comunistas e dos peronistas como Rodolfo Puiggrós que lutavam por uma frente popular. A leitura de Aricó seria uma reabilitação de Justo para uma política essa política de conciliação de classes, que culmina no apoio do democratismo alfonsinista. A afirmação de Pla, embora não seja maoísta, coloca-o em espaço de análise elaborada por Jorge Ratzert¹⁷¹, luta entre revolucionários e reformistas no socialismo e até por fora dele para rechaçar com clareza o que entende como a conclusão política de Aricó que para Pla teria como objetivo defender Justo, um socialismo reformista e paralelamente o movimento nacional e popular:

“A manobra intelectual de Aricó tende a duas coisas, que ao final se resumem ou convergem em uma só. Por um lado, defender Justo (representante conspícuo do pensamento reformista e parlamentarista social democrata) e por outro defender uma hegemonia operária no que pode ser um ‘bloco histórico’ que o movimento nacional do yrigoyenismo já expressava em sua época. A sutil conclusão que surge logicamente dali é que hoje na Argentina, mesclando um pouco de social democracia reformista (que é uma ‘guia certa’) e um pouco de peronismo (que sim tem classe operária), poderá-se chegar a formar um novo bloco nacional e popular). Fica assim Justo revivido em uma atualidade

¹⁷¹ Jorge Ratzert é quem realiza uma releitura da história nacional do comunismo revolucionário junto com Otto Vargas são as leituras do hoje maoísta PCR, dividindo aos conflitos ao interior e de fora do socialismo como uma luta de duas linhas que se expressam com maior ou menor força dependendo do momento histórico, revolucionários e reformistas.

argentina que salva a social democracia e ao movimento nacional e popular. Malabarismos que impõe a ideologia! (Cf. Pla 1986 57-58)

Em política prática Aricó nesse momento apoiaria a Alfonsín, tomado como um social democrata ao menos em termos ideológicos, posto que no melhor dos casos pudesse se haver pensado que seria a história que como diria Engels não se escreve em potencial, demonstrou que nem sequer foi, um impulsor de um reformismo sem uma base social operária¹⁷².

Na revista *Tudo é História* no ano 1993 Berta Calvo escreve *Nicolás Repetto e Juan B. Justo pioneiros da educação rural*, abordando de um plano original aos dois dirigentes, enquanto que no ano 2001 E. Reitano recoloca a polêmica entre Justo e Ferri, em um trabalho intitulado *A polêmica entre Juan B. Justo e Enrico Ferri. O socialismo argentino tem direito a existir?*

Do socialismo democrático temos uma biografia de Juan B. Justo realizada por Luis Pan, um autêntico herdeiro do ghioldismo possivelmente o último que escreve algo desde essa corrente, quem realiza uma leitura do fundador do socialismo onde o valora como um revisionista na linha de Berstein e um adversário das visões “catastrofistas” de Marx e Engels, quem para o autor a diferença de Justo eram revolucionários e dialéticos. A que constitui a leitura contemporânea mais completa e de uma vez mais abertamente “direitista” de Justo e do Partido Socialista, é a realizada em 1991 pelo próprio Pan em *Juan B. Justo e seu tempo*. Aponte para uma biografia intelectual. Recordemos que o ghioldista já tinha escrito outros dois trabalhos sobre o mesmo tema um publicado em 1956 *Juan B. Justo e a fundação do Partido Socialista* e outro em 1964 intitulado, *Justo e Marx. O socialismo na Argentina*, entretanto em nenhum dos dois tinha tirado conclusões tão abertamente de “direita”.

No marco da mesma tradição política, a do socialismo democrático, C. J. Rocca escreve *Juan B. Justo e Alejandro Korn no socialismo argentino*, publicado em 1988.

Durante os últimos quinze anos, a literatura fundamentalmente acadêmica, como virtualmente não poderia ser de outra maneira pela debilidade política relativa do PS, centrou-se no perfil intelectual de Juan B. Justo.

O filósofo Jorge Dotti, preocupou-se com analisar o caminho que realizou Justo

¹⁷² O estudo de Burgos sobre o grupo *Passado e Presente*, denominados “gramscianos argentinos”, é impecável e imprescindível para ter uma idéia clara das diferentes posições políticas, da trajetória desse importante grupo político e intelectual. Embora essa mesma admiração por seu próprio objeto de estudo, uma coisa difícil de que não aconteça devido à sedução intelectual que oferece o mesmo, leva-o a Burgos para justificar de fato, como um corolário quase necessário e inevitável, o percurso do grupo *Passado e Presente*, uma visão institucionalista da democracia estudada, transicionista, o que o leva a um certo acriticismo (Cf. Burgos 2004).

para traduzir *O Capital*, centrando-se na leitura que realizou da teoria do valor e a teoria da história de Marx em *Justo leitor do Capital* publicado em 1990.

Javier Franzé preocupou-se com entender as contribuições do liberalismo e do positivismo no ideário de Justo em geral e em seu conceito de política em particular no conceito de política em Juan B. Justo, publicado em dois volumes que datam de 1993. Franzé está preocupado por realizar um itinerário intelectual e tenta analisar o pensamento de Justo desde diferentes dimensões: a relação entre a história e a biologia; a relação da história com a lei, a indução e a aplicação; a questão da determinação no marco da relação entre estrutura e superestrutura; a idéia sobre a luta de classes e sua relação com o progresso; a evolução e os caracteres do capitalismo; a interpretação do socialismo como movimento e possibilidade para concluir com o conceito de política em Juan B. Justo propriamente dito no denomina um sentido mais restringido e um sentido mais amplo. O autor em um anexo do mesmo livro sintetiza o conceito de política no positivismo, no liberalismo e no marxismo.

M. I. Da Orden analisou a forma em que Justo entendeu a nação e a guerra em *Entre internacionalismo e nacionalismo o enfoque da nação em Juan B. Justo* publicado em 1994.

Por outra parte, Patricio Geli e Leticia Prislei realizaram dois trabalhos sobre Juan B. Justo. No primeiro, *Uma estratégia socialista para o labirinto argentino. Aponte sobre o pensamento político de Juan B. Justo*, publicado em 1993, tentaram demonstrar que os caminhos para entender a realidade argentina do líder do socialismo tinham um caráter eclético e assistemático; no segundo, por sua parte sublinharam a influência que exerceu sobre ele, sua viagem realizada em 1895 aos Estados Unidos, já que para os autores de *Apontamentos de viagem Juan B. Justo nos Estados Unidos* publicado em 1996, este lhe teria ensinado a analisar diversas realidades nacionais transcendendo as visões canônicas.

Todos estes textos acadêmicos têm a particularidade de ser estudos que aprofundam um aspecto de Juan B. Justo, nenhum pretendeu realizar uma reconstrução global do pensamento deste.

A exceção é o texto de Juan Carlos Portantiero, *Juan B. Justo. Um fundador da Argentina moderna*, publicado em 1999, onde realiza uma síntese geral das idéias e do perfil político e intelectual deste, de uma vez que retoma alguma das hipóteses formuladas por José Aricó. Entendendo-o como um dos fundadores da história argentina moderna, Portantiero, na primeira parte de seu trabalho, realiza uma síntese biográfica vinculada à análise dos processos sociais argentinos e as concepções justistas. Inclui desde a primeira editorial de *La Vanguarda* intitulada *Este país se transforma* até os conceitos de guerra e revolução, passando pelo que é considerado como o primeiro

partido político moderno, a infância e a juventude, o papel que cumpriu Juan B. Justo na fundação e na organização do PS, a formação intelectual, sua análise do capitalismo argentino, a reconstrução da teoria de Justo, seu conceito de história e sua reconceitualização da luta de classes, o papel que cumpriu entre a última década do século passado e as duas primeiras deste, o programa econômico, seu trabalho parlamentar, o papel desempenhado durante o denominado “Grito de Alcorta” e o papel dos socialistas frente a Yrigoyen.

Na segunda parte recolhem opiniões de Alejandro Korn, Macedonio Fernandez, Juan J. Fernández Arregui, José Aricó, Jorge Abelardo Ramos, Rodolfo Ghioldi, Roberto F. Giusti, José Luis Romero e Adolfo Posada, para realizar na terceira uma cronologia e na quarta centrar-se nas principais obras de Juan B. Justo e as principais obra sobre Juan B. Justo.

Ricardo Nudelman na revista de história *Entrepasados* de 1996 escreve *Notas para um estudo das relações entre Juan B. Justo e Alfredo Palacios*.

Jorge Warley, realiza uma análise crítica do fundador do socialismo, apresentada nas Segundas Jornadas das Esquerdas na Argentina organizadas pelo CeDInCI, *O “realismo ingênuo” de Juan B. Justo. Leitura de um folheto*.

Por último, A. Pons e L Seminara têm uma exposição em versão digital, da mesma forma que Warley sobre *Juan B. Justo: do discurso antimilitarista à fetichização do mercado como fiador da paz*, apresentadas nas Jornadas do Partido Socialista na Argentina realizada no ano 2004 que é uma versão de outro texto das autoras publicados no mesmo ano intitulado *Os espectros da guerra na teoria e nas práticas socialistas*.

Quadro 24. Literatura partidária e acadêmica centrada na figura de Juan B. Justo.

Autor	Título	Lugar, Editora/s e ano
Enrique Mouchet	<i>Juan B. Justo. Ensayo preliminar sobre su vida, su pensamiento y su obra.</i>	Bs. As.; La Vanguardia 1932
Américo Ghioldi (PS-PSD)	<i>Juan B. Justo. Sus ideas históricas, sus ideas socialistas, sus ideas filosóficas.</i>	Bs. As.; La Vanguardia 1933, 1950, 1964 y 1984.
José Rodríguez Tarditi	<i>Juan B. Justo parlamentario</i> (Prólogo de Juan Antonio Solari)	Bs. As.; La Vanguardia 1934
Nicolás Repetto (PS-PSD)	<i>Contribución a la biografía de Juan B. Justo</i>	Bs. As.; La Vanguardia 1935
	<i>Juan B. Justo y el movimiento político y social argentino</i> (estudo preliminar de Américo Ghioldi)	Bs. As.; Monserrat 1964
Dardo Cúneo (PS)	<i>Juan B. Justo</i> (prólogo de Nicolás Repetto)	Bs. As.; Américallee; 1943;

	Juan B. Justo y las luchas sociales en la Argentina	Bs. As.; Alpe 1956; Edición definitiva: Bs. As.; Ediciones del Solar 1997, incluye también el libro anterior de 1943.
Alicia Moreau de Justo (PS-PSArg.-CSA)	a. <i>El socialismo según la definición de Juan B. Justo.</i> b. <i>Juan B. Justo y el socialismo.</i> c. <i>El socialismo según Juan B. Justo</i> ¹⁷³ .	a. Bs. As.; Polis 1946; b. Bs. As.; CEAL; 1984; segunda edición aumentada y corregida. c. Bs. As.; Leviatán 1995
David Tieffemberg (PS-PSArg-PSAV-PSAV ST-PS1m)	Juan B. Justo en la historia y en la política argentina	Bs. As.; La Vanguardia 1948
Luis Pan (PS-PSD)	Juan B. Justo y la fundación del Partido Socialista	Bs. As.; La Vanguardia 1956
	Justo y Marx. El socialismo en la Argentina	Bs. As.; Monserrat 1964
	Juan B. Justo y su tiempo. Apuntes para una biografía intelectual	Bs. As.; Planeta 1991
Juan Antonio Solari (PS-PSD)	Recordación de Juan B. Justo. El hombre, sus ideas, su obra.	Bs. As.; Bases 1965
Rodolfo Ghioldi (PCA)	Juan B. Justo	Bs. As.; Revista <i>Nueva era</i> ; 6 de julio de 1965
Emilio J. Corbière (CSA-PSA)	Juan B. Justo y la cuestión nacional	Revista <i>Todo es Historia</i> , VI, 62, julio de 1972.
	Juan B. Justo. Socialismo e Imperialismo	Bs. As.; imprenta Honegger, 1972 (reeditado en la <i>Colección Todo es Historia</i> , 1973)
	¿Fue Juan B. Justo un positivista?	Revista <i>Todo es Historia</i> , XVI, 173, octubre de 1981
Donald F. Weinstein (académico extranjero)	Juan B. Justo y su época.	Bs. As., Fundación Juan B. Justo, 1978
José Aricó (académico Club de Cultura Socialista)	Textos parciales sobre Juan B. Justo, que corregidos formaram parte do livro de abaixo.	Revista <i>Estudios Contemporáneos</i> 3-4; Puebla; julio-diciembre de 1980 / <i>Espacios de crítica y producción</i> , Buenos Aires 3, diciembre de 1985. <i>La Ciudad Futura. Revista de Cultura Socialista</i> , Buenos Aires 30-31 diciembre de 1991/febrero de 1992.
	La hipótesis de Justo. Escritos sobre el socialismo en América Latina.	Bs. As., Sudamericana, 1999
C. J. Rocca (académico)	Juan B. Justo y Alejandro Korn en el socialismo argentino	La Plata, UPAK, 1988.
Jorge Dotti (académico)	Justo lector de El Capital	Em Las vetas del texto. Una lectura filosófica de Alberdi, los positivistas, Juan B. Justo; Bs. As., Punto Sur, 1990.
B. Calvo (académica)	Nicolás Repetto y Juan B. Justo, pioneros de la educación rural.	Revista <i>Todo es Historia</i> , XXVII 315, octubre de 1993.

¹⁷³ Essencialmente, os livros a, b e c são o mesmo livro publicado nas três ocasiões com diferentes títulos.

Javier Franzé (acadêmico)	<i>El concepto de política en Juan B. Justo</i>	Bs. As.; CEAL; 1993 (2 vols.)
Patricio Geli y Leticia Prislei (acadêmicos)	<i>Una estrategia socialista para el laberinto argentino. Apuntes sobre el pensamiento político de Juan B. Justo.</i>	<i>Entrepasados. Revista de Historia</i> , Bs. As., III, 4-5, fines 1993.
	<i>Apuntes de viaje Juan B. Justo en los Estados Unidos.</i>	<i>Entrepasados, Revista de Historia</i> , Bs. As., VI, 11, fines 1996.
M. I. Da Orden (acadêmico)	<i>Entre internacionalismo y nacionalismo el enfoque de la nación en Juan B. Justo</i>	<i>Estudios Sociales</i> , Santa Fé, 4, 6, primer semestre 1994.
Ricardo Nudelman (acadêmico Club de Cultura Socialista)	<i>Notas para un estudio de las relaciones entre Juan B. Justo y Alfredo Palacios</i>	<i>Entrepasados, Revista de Historia</i> , Bs. As., VI, 11, fines 1996.
Juan Carlos Portantiero (acadêmico Club de Cultura Socialista)	<i>Juan B. Justo: Un fundador de la Argentina moderna</i>	Bs. As., Fondo de Cultura Económico (FCE), 1999
E. Reitano (acadêmico)	<i>La polémica entre Juan B. Justo y Enrico Ferri. ¿El socialismo tiene derecho a existir?</i>	<i>Revista Todo es Historia</i> , XXXV 408, julio de 2001.
Jorge Warley (acadêmico)	<i>El "realismo ingenuo" de Juan B. Justo. Lectura de un folleto.</i>	II Jornadas de Historia de las izquierdas, Bs. As., 11,12 y 13 de diciembre de 2003.
A. Pons y L. Seminara (acadêmicos)	<i>Los espectros de la guerra en la teoría y en las prácticas socialistas</i>	En G Guevara y J. L. Hernández: <i>La guerra como filigrana de la América Latina contemporánea</i> , Bs. As., Dunken, 2004.
	<i>Juan B. Justo: del discurso antimilitarista a la fetichización del mercado como garante de la paz.</i>	Es una versión del texto anterior presentada en la mesa Partido obrero y modernización en las <i>Jornadas El Partido Socialista en la Argentina: Sociedad, políticas e ideas a través de un siglo</i> , organizadas por el Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires (DH/FFyL/UBA), los días 20, 21 y 22 de abril de 2004.

Fonte: Elaboração própria.

c. Literaturas militantes contrárias ao socialismo argentino.

Em terceiro lugar, encontramos toda uma série de leituras político-partidárias ou militantes, em um sentido mais amplo do termo, contrárias ao socialismo argentino, as quais são formuladas desde diferentes opções ideológicas, em primeiro lugar, antes do advento do peronismo das tradições liberal, anarquista, sindicalista revolucionária e comunista; para depois do surgimento deste as leituras realizadas da esquerda nacional também conhecida como socialista nacional ou trotskista nacional; a peronista

propriamente dita; a comunista revolucionária, inicialmente guevarista e posteriormente maoísta, assim como a trotskista em suas diferentes variantes.

Um dos primeiros trabalhos sistemáticos é uma crítica por “direita” realizada por Germinal Rodríguez, vereador da cidade de Buenos Aires, pelo Partido Socialista Independente (PSInd), publicada em 1930 *A crise política do socialismo argentino, Partido Socialista ou Partido de Vanguarda?* Reagrupa um conjunto de textos que tinha publicado o autor desde 1923 a respeito das orientações do PS com o propósito de apresentá-los a seus companheiros do PSInd.

Realizando uma separação entre, o socialismo como doutrina e o socialismo como política, afirma que pode servir-se ao primeiro desde diferentes lugares como a ação cooperativa, corporativo e cultural e a política é um lugar mais, de nenhuma forma o principal da ação socialista. Centralmente do periódico socialista independente *Liberdade* acusa de personalismo a Justo e ao Repetto no que denomina que o Partido Socialista (Casa do Povo) transformou-se em um “socialismo de família”.

“Quando se produziu a divisão do Partido de Repetto pela qual ficamos fora do mesmo, o grupo que hoje constitui o PSInd., foi tratado de ‘traidor’ pelos mesmos homens com quem até ontem tínhamos trabalhado como companheiros a seu lado, e para os homens da Casa do Povo nos bastou o afastamento de seu lado para que já deixássemos de por isso ser socialistas.

Foi então quando descobri a ‘fórmula argentina’ do socialismo a qual não havia ainda sido levada como nossa invenção a nenhum congresso internacional e era que para ser socialista em nosso país se precisava ter patente oficial da Casa do Povo. Nem ainda o ser afiliado o creditava como socialista, pois tinha que ser amigo e obsequioso com a família diretora e lhe servir para todos seus misteres. Só assim se podia reconhecer socialista em nosso país.

A fórmula sacramental do coletivismo se condensava no chamado ‘socialismo de família’ ” (Cf. Rodríguez 1930: 117-118; Liberdade 30 de outubro de 1929)

Da mesma maneira em que Germinal Rodríguez se refere a Partido de Repetto e ‘socialismo de família’, em 1933 encontramos a opinião do militante e historiador anarquista Diego Abad de Santillán sobre o socialismo em geral centrada na figura de Juan B. Justo:

“(...) o socialismo produz uma figura (...) Juan B. Justo, que não pode considerar-se como um homem isolado, mas sim em seu meio e em sua época.

De inteligência extraordinária, desvirtuou o socialismo, fazendo uma colaboração de classes, conciliando nacionalismo e internacionalismo e disparando flechas a política dos latifundiários burgueses, formulando seu credo reformista na célebre frase ‘capitalismo são’ e ‘capitalismo espúrio’. O socialismo aborígene lhe deve sua organização e sua tática que pode sintetizar-se na palavra do Comitê Executivo de 1932: ‘O método evolutivo que consiste em capacitar o povo trabalhador para a conquista progressiva de seu bem-estar e de sua emancipação’ ” (Cf. Pla 1987: 53)

Neste caso, centrada na figura de Justo esta é uma boa síntese das críticas formuladas do anarquismo ao socialismo, crítica às que deveriam somar o parlamentarismo como expõe Diego Abad de Santillán, no primeiro capítulo de *La FORA. Ideologia e trajetória do movimento operário revolucionário na Argentina* publicado pela primeira vez em 1933.

Do peronismo encontramos as análises de Rodolfo Puiggrós, ex-comunista e de Juan José Hernández Arregui, um ícone da “esquerda peronista” e preocupado pela formação de uma consciência nacional no país.

Um já peronista Rodolfo Puiggrós analisa a trajetória do PS na Argentina no marco de uma história mais geral dos partidos políticos, em *Historia crítica dos partidos políticos argentinos*, publicada pela primeira vez em 1956 e um de cujos volumes nas edições ampliadas de 1973 e 1986, intitulado *As esquerdas e o problema nacional* tem uma boa parte dedicada aos socialistas¹⁷⁴.

Puiggrós realiza em primeiro lugar uma crítica à interpretação que Justo e seus discípulos realizam de Marx, entendendo-o ao “professor socialista” virtualmente como uma corrente dentro do positivismo, uma variante positivista, já que suprimiam toda base filosófica do revolucionário de Tréveris:

“Sem suas raízes materialistas e dialéticas nada fica do marxismo. A obra de Justo se resume assim em uma tentativa de substituir o rico conteúdo materialista dialético de Marx pelo positivismo lógico em suas formas mais elementares e pseudocientíficas” (Cf. Puiggros 1986:57)

No plano político as idéias liberais, individualistas e elitistas, próprias dos socialistas para o ex-reitor peronista da Universidade de Buenos Aires (UBA), têm sua origem em que o Partido Socialista tinha como ponto de partida o que denomina “um

¹⁷⁴Fundamentalmente o peronismo foi criticado por dedicar um volume dos três que formam o livro às esquerdas argentinas.

pecado original”, que era conceber-se com “uma auto-suficiência moral” para salvar os crioulos, a qual provinha de uma visão estrangeira dos fatos e da realidade política da Argentina.

“Era seu pecado original, do que nunca se redimiram, contemplar a Argentina de fora e de uma posição de superioridade” (Cf. Puiggrós 1986: 70)

A crítica mais forte que realiza Puiggrós é que o socialismo não entendeu o problema nacional, não o abandono do socialismo, no sentido de luta anticapitalista. Em última instância termina sendo uma crítica de “direita” ao socialismo do “nacionalismo popular peronista”.

Por sua parte Hernández Arregui, soma-se ao peronismo do setor sabattinista¹⁷⁵ da União Cívica Radical (UCR), um radicalismo com base na cidade de Córdoba pré-industrial, que foi a tendência mais nacionalista do radicalismo na década de quarenta. Os nacionalistas populares tanto de origem radical como os de esquerda cumpriram um papel fundamental no surgimento do que Richard Gillespie denomina a “esquerda peronista”.

Em 1960, Hernández Arregui publica *A formação da consciência nacional (1930-1960)* onde realiza um cruzamento entre peronismo e marxismo, nacionalismo e socialismo, que se transformou em uma leitura obrigatória para a “esquerda peronista” e definia à “esquerda nacional” no contexto do mundo subdesenvolvido como:

“(...) a teoria geral aplicada a um caso nacional concreto, que analisa a luz do marxismo, em tanto método de interpretação da realidade, e tendo em conta, em primeiro termo as peculiaridades e o desenvolvimento de cada país, a economia, a história e a cultura em seus conteúdos defensivos e revolucionários, e ordena tal análise teórica com a luta prática das massas contra o imperialismo no triplo plano nacional, latino-americano e mundial e nessa ordem.” (Cf. Hernández Arregui 1960: 475)

¹⁷⁵ A referência é ao líder radical cordobés Amadeo Sabattini (Rosário 1892 – Córdoba 1960) É paradoxal, o sabattinismo forma o setor nacionalista de radicalismo e dali provém Juan José Hernández Arregui, entretanto, Sabattini não aceitou ser vice-presidente em 1945 da fórmula que estava gerando Perón e por outra parte apoiou e assessorou o General Ávalos, que foi o encarregado de ordenar a detenção do Perón, o qual foi o ponto de partida de 17 de outubro. Igualmente não esteve de acordo com que a UCR forme parte da União Democrática (UD) a frente eleitoral contra o peronismo (Cf. Saitta e Romero 2006; *Amadeo Sabattini*, Diário *Página 12*; Seção: Especiais da sexta-feira, 24 de fevereiro de 2006).

Aqui encontramos uma das chaves explicativas para entender a relação das esquerdas não marxistas com o marxismo. Para quem não vem da esquerda marxista o marxismo simplesmente é utilizado como uma forma de interpretação, como um método e não como praxe; para quem vem do marxismo se produz um deslocamento do marxismo como praxe ao marxismo como método.

No mencionado trabalho de Hernández Arregüi, assim como o resto de sua frondosa obra que inclui os livros *Imperialismo e Cultura*; *Imperialismo e Nação*; *Nacionalismo e Liberação* e *O que é o ser nacional?*, todas editadas em 1973 pela terceira vez, têm um objetivo preciso, criticar implacavelmente à esquerda sem consciência nacional, quer dizer, aos socialistas e aos comunistas, assim como aos nacionalistas de direita que têm consciência nacional mas que carecem de amor ao povo.

Do campo da esquerda nacional, embora Hernández Arregüi, atribui-se a paternidade do termo, o grupo político mais compacto, coerente e contínuo desta é aquele tem sua origem no trotskismo nacional entendido como socialismo nacional, onde encontramos fundamentalmente as obras de Jorge Abelardo Ramos, Jorge N Spilimbergo, Norberto Galasso e A. Merthol Ferré entre vários outros.

Jorge Abelardo Ramos em um ambicioso trabalho expõe uma releitura da história argentina e nesse marco as leituras das esquerdas na Argentina tanto em *Revolução e contra-revolução na Argentina* editada pela primeira vez em 1957, assim como nas esquerdas no processo político argentino. Uma resposta a um questionário de Carlos Strasser, esta última obra publicada em 1959.

A primeira é uma vasta reinterpretação da história argentina dividida em cinco períodos: *As massas e as lanças (1810-1862)*, reeditada em 1986; *Do patriciado à oligarquia (1862-1904)*; *A bela época (1904-1922)* reeditada em 1973 pela quinta vez; *O sexto domínio (1922-1943)* e *A era do bonapartismo (1943-1970)*. Pareceria a primeira obra de comprimento fôlego fundada de acordo com os editores em uma “interpretação marxista do passado nacional”.

Quando se refere ao socialismo de Justo, Ramos afirma que este era entendido como um fenômeno que trasladava mecanicamente um europeísmo alheio à tradição argentina e separava aos operários conscientes da cidade de Buenos Aires” dos bárbaros”, os mais atrasados do interior do país. Ramos explicita uma ausência de política dos socialistas por volta desses crioulos do interior e entrevista uma parte do documento redigido por Justo com motivo do massacre a operários anarquistas no ato do dia 1 de maio de 1909 no Plaza Lorea:

“O governo responsável pela massacre operária de 1 de maio, proclama com

fruição que quase todas as vítimas eram estrangeiras.

Filho do predomínio político das províncias de terra adentro, a obra sanguinária de seus jenizaros lhe parece excelente procedimento de argentinização. Quer nivelar ao proletariado de Buenos Aires com o das zonas do país onde é mais abjeto e servil, quer que o nível mental dos trabalhadores da capital não exceda ao dos inconscientes emparelha que trazem do interior e arma para sua nefasta obra de extermínio” (Cf. Ramos 1973: 113-114)

Ao realizar o balanço das esquerdas na Argentina Ramos idealiza esse sujeito do interior “povo argentino”, de uma vez que não é casual a diferenciação política que realiza entre Justo e Repetto por um lado e Manuel Ugarte, José Ingenieros, Leopoldo Lugones e Alfredo Palácios, por outro. Fortalece uma leitura bastante comum, em que coincidem estudiosos socialistas de outras correntes como Víctor García Costa que constrói uma hipótese semelhante, segundo a qual no PS convivia um núcleo reformista, encabeçado por Justo e dominante desde o II Congresso com outro nacionalista e latino americanista, personificado em Alfredo Palacios. Seria a variante socialista nacional da divisão entre socialistas reformistas e socialistas revolucionários, realizadas pelas diferentes variantes do comunismo vernáculo, fundamentalmente em chave maoísta. O livro foi escrito em 1959 e lhe permite ao grupo político de Ramos, com essa diferenciação política dar-se uma política depois da fratura do PS de 1958, para o Partido Socialista Argentino (PSArg.)

“E bem, neste país onde viviam ainda os velhos guerreiros que um dia lutaram a tacuara, onde se percebia ainda o eco apavorado dos últimos malones e onde a imensa maioria do povo argentino vivia à margem da economia monetária e da civilização urbana, o "socialismo" europeu do doutor Justo inculcou aos operários estrangeiros a idéia do livre-câmbio, sua desconfiança de portenho para o interior, e sua admiração colonialista pelos grandes personagens europeus da social democracia. O rancor imperialista que professava Justo para os homens simbólicos que tinham baseado o país em uma época de sangue e ferro estava associado a uma notável incompetência para elaborar uma política nacional do proletariado. Produz-se assim um perfeito isolamento dos operários portenhos de procedência européia e as massas argentinas do interior, para as quais não regia nenhuma legislação protetora e que ainda não tinham encontrado o leito de um partido popular. Poderia ter sido o Partido Socialista, em sua primeira época, o grande partido do povo argentino, se esse

socialismo tivesse sido genuíno e não importado, e se tivesse compreendido o caráter semicolonial da Argentina, o peso decisivo de suas massas rurais, a chave de sua dolorosa história e o segredo da penetração imperialista. Nesses tempos eram socialistas e latino-americanos Manuel Ugarte, José Ingenieros, Leopoldo Lugones, Alfredo Palácios. Em outros trabalhos assinalai o "trágico destino de uma geração", como chamou Ugarte em um livro silenciado ao infortúnio que padeceram, e que finalmente os aniquilou, frustrando a grande possibilidade de um socialismo, popular, nacional, latino-americano e revolucionário.

Pois este socialismo de lojista que nos tocou foi precisamente justamente o contrário: europeizante, portenho, antinacional e reformista. Seu internacionalismo era para os discos raiados do 1ro. de maio, para as toadinhas que cantam os gerentes das cooperativas na velha efemérides. Era um internacionalismo parecido ao da Unesco, de gênero híbrido, bancário e interalimentício, de conferência de peritos (...) (Cf. Ramos 1959 em <http://www.marxist.org/espanol/ramos/1950s/1959.htm>).

Para Abelardo Ramos, da mesma forma que para Puiggrós, os socialistas argentinos tampouco foram marxistas. Continua afirmando:

“Partido metropolitano de consumidores, toda sua política careceu de grandeza e voltou suas costas ao futuro, traindo a um marxismo que jamais compreenderam e a um país que lhes era profundamente estranho. Porque é bom dizer o de uma vez por todas: o Partido Socialista de Juan B. Justo nem foi marxista, nem foi argentino. E não se pode ser o um sem ser o outro, já que o revolucionário deve ser filho de seu tempo e intérprete de sua terra se é que deseja remodelar a sociedade em que vive e ser ator de sua história. Todo o resto é graveto, fumaça teórica, e macaneos de professores, que tanto abundam e de parvos solenes que manipulam traduções ignóbeis de Nicolás Lenin. (Cf. Ramos 1959 em <http://www.marxist.org/espanol/ramos/1950s/1959.htm>).

Logo expõe porque os socialistas revolucionários devem ser nacionalistas e latino americanistas, definindo em primeiro lugar sua interpretação do socialismo e o opõe tanto ao PS, como ao que denomina os “super-internacionalistas”, referindo-se fundamentalmente ao Partido Comunista da Argentina e às seitas “ultra-esquerdistas” que é como Ramos considera aos outros grupos trotskistas.

Todos estes grupos tanto para o Ramos como para o Vazeilles, constituem-se espelhados no PS mas a sua esquerda.

“(...) Somos socialistas revolucionários em tanto somos argentinos e latino-americanos do século XX, que é o século da irrupção das massas na criação de seus próprios destinos. Esta afirmação do nacional não entranha contradição alguma com as idéias gerais do marxismo, mas sim constituem sua ratificação mais diáfana, porque o socialismo não germina nem pode triunfar a não ser nas condições específicas herdadas do passado. A correlação das tarefas socialistas com as tarefas democráticas no processo revolucionário só poderá ser fixada pela luta mesma, pelo desenvolvimento econômico do país e pela maturidade política das massas. Estabelecer a priori uma abstração estratégica de índole puramente "socialista", como o faz o socialismo amarelo de Juan B. Justo e de alguns super-internacionalistas, não significa outra coisa que deixar ao imperialismo a iniciativa e o controle da história atual. Resulta sugestiva esta coincidência entre o Juan B. Justo e as seitas "ultra-esquerdistas" de variada pelagem sobre o caráter "capitalista" puro da Argentina e América Latina, enunciação da que se inferem importantes conclusões táticas, entre outras, a subestimação das tarefas democráticas e nacionais no processo revolucionário. Nenhuma destas seitas que hoje proliferam emprega a expressão "revolução nacional", chave professora na luta revolucionária pela liberação e unificação latino-americana. (Cf. Ramos 1959 em

<http://www.marxist.org/espanol/ramos/1950s/1959.htm>)

Jorge E. Spilimbergo em seu livro, *Do socialismo cipayo à esquerda nacional*, reúne uma série de textos críticos do socialismo na Argentina, reforçando as expressões expostas por Ramos e sua conclusão é fundamentalmente política.

Reproduz o documento institucional de junho de 1962 do Partido Socialista de Esquerda Nacional (PSIN) a partir do acordo entre o Partido Socialista Argentino de Vanguarda – Secretaria Tieffemberg e o setor da esquerda nacional que a fins da segunda presidência de Perón tinha formado parte do Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN), dirigido por Enrique Dickman e dissolvido pela Revolução Libertadora que derrubou Perón em 1955. Logo depois de criticar à esquerda cipaya, socialistas e comunistas, este conclui que finalmente a esquerda nacional tem seu próprio partido.

“Todos os operários recordarão que antes de 17 de outubro de 1945 o país estava dividido entre os partidários da entrada argentina na guerra imperialista mundial e aqueles que se opunham a infame matança. A cipayería acusava de “nazistas” os neutralistas da pequena burguesia e os marxistas revolucionários que condenavam a guerra. Entre estes últimos estávamos nós, desde 1939. Os mesmos cipayos desses anos -radicais, conservadores, socialistas e comunistas- serão os que formaram em seguida a União Democrática contra o peronismo. E quando em 1945 as massas populares imprimiram um novo rumo aos destinos do país, os socialistas revolucionários, só um punhado, estivemos junto ao povo e recebemos com o povo o mote de “nazista-peronistas”. Em 1945 também nós fomos “nazista-peronistas”, unicamente porque, sem ser peronistas, apoiávamos a luta contra o imperialismo e as grandes realizações do governo de Perón. As condições políticas da pequena burguesia, polarizada no antiperonismo mas cego, e da classe operária, polarizada no peronismo como sua primeira etapa de luta política, impediram que a ideologia socialista revolucionária cristalizasse em partido” (Cf. Spilimbergo 1969)

Norberto Galasso por sua vez realiza o mesmo em um balanço das origens da esquerda nacional até a constituição da Frente de Esquerda Popular (FIP) na esquerda nacional e a FIP publicado em 1983. A FIP é arrojado pelo PSIN como sua ferramenta eleitoral e Galasso explica como a partir de uma interpretação de Leon Trotsky se chega à conclusão da necessidade da construção de uma esquerda nacional e latino-americana, um socialismo completamente diferente do expresso pelos socialistas e pelos comunistas, contra as visões dessas esquerdas denominadas “cipayas”, propondo um socialismo diferente ao destas, um socialismo necessariamente anti-imperialista, antiestalinista, argentino e latino-americano (Cf. Galasso 1983)

A questão nacional, sempre segundo Galasso, como colocamos no capítulo anterior, entra no marxismo argentino através de três vias: as posturas políticas nacionalistas ao interior do velho socialismo, o leninismo e o trotskismo.

A primeira via de entrada começa a ser exposta por Manuel Ugarte em 1901, onde diferencia o nacionalismo de direita do que denomina um nacionalismo superior, cuja idéia de pátria se relaciona ao direito que têm todos os núcleos sociais a viver a sua maneira. A linha do socialismo nacional, explica Galasso no folheto *Socialistas e anarquistas na Argentina* toma como ponto de partida Manuel Ugarte, recordemos que foi expulso em 1913 do PS logo depois de uma confusa situação e de declarar o querer bater-se a duelo com Palácios; localiza-se junto com o José Ingenieros e Leopoldo

Lugones nas primeiras polêmicas partidárias contra Justo; alinha-se também com o socialista italiano Enrico Ferri em seus debates contra de Juan B. Justo e com o alemão Germán Avé Lallemant. Ugarte, Ferri e Lallemant afirmam que se a composição do socialismo for a classe média neste Argentina deveria elaborar uma posição política “radical-democrática” e “não socialista”, tese desprezada por Justo. Encontramos nesta linha eclética uma conclusão de “direita”, não é possível construir um partido socialista, de classe na Argentina, é prematuro, por este motivo a proposta política era que o PS para ser coerentemente reformista, moderado e democrático, deveria ter apoiado tanto o yrigoyenismo como o peronismo, as duas expressões do movimento nacional. Esta posição política também tem que ver com uma determinada leitura das relações sociais na formação econômico-social argentina.

A segunda são as idéias de Vladimir Ilich Lenin sobre o imperialismo, a questão nacional, a relação entre países opressores e oprimidos, a autodeterminação dos povos e a necessidade de lutas de liberação nacional nos países sem história, exposta na divulgada frase de que a cadeia imperialista se rompe pelo elo mais débil.

Em terceiro lugar, e por último, volta a se introduzir, através do trotskismo defendendo a idéia de “socialismo nacional” de Leon Trotsky na revolução permanente frente à tese de “o socialismo em um só país”, elaborada por Joseph Stalin.

Segundo Norberto Galasso, o socialismo nacional, deve entender-se então como:

“(...) um socialismo profundamente enraizado em sua própria realidade, inserido em suas tradições e costumes, com rasgos próprios, nascidos de sua própria história e sua própria economia claramente definidas em favor da revolução nacional e disposto a lutar junto ao movimento nacional por essa liberação, aspirando a representar dentro do frente nacional, os interesses dos trabalhadores e a dar inclusive a essa frente uma perspectiva socialista” (Cf. Galasso 1983:24)

Tanto nas leituras de Puiggrós, Hernandez Arregui, Ramos, Spilimbergo, Galasso e Merthol Ferre, achamos um questionamento claro do socialismo argentino entendido como uma condição prévia para a reconciliação entre socialismo e nacionalismo.

Segundo Camarero e Herrera todos estes textos têm idéias comuns:

“Nestes textos o socialismo aparecia caracterizado como uma ‘flor exótica’, artificial, cosmopolita e estrangeirizante, que deu sempre as costas às

verdadeiras expressões do povo argentino; um partido apoiado em operários imigrantes mas sobre tudo na pequeno burguesia portenha, que desde seus inícios teria sido pró-imperialista e operante como asa esquerda da oligarquia nativa. Justo e o universo ideológico do PS, em tanto, eram mostrados como estranhos ou hostis ao marxismo, e próximos ao liberal-positivismo, ao pensamento spenceriano e ao darwinismo social” (Cf. Camarero e Herrera 2005: 44)

A primeira análise do socialismo nacional sobre o movimento operário é o realizado em 1960 por Alberto Belloni, um “operário ilustrado” como gostava de autodenominar-se, que publica o livro, *Do anarquismo ao peronismo. História do movimento operário argentino*, casualmente ou não o percurso esboçado pelo título do livro, com uma escala no trotskismo, coincide com a trajetória de Jorge Abelardo Ramos, embora em seguida tenha tido diferenças com ele no PSIN.

O comunismo por sua vez, não teve uma visão unívoca sobre o socialismo além de afirmações gerais sobre sua composição pequeno-burguesa e sua ideologia reformista que tendiam mais a justificar determinadas táticas que colocar o debate sobre questões de fundo. Até fins dos anos 80 a história oficial do Partido Comunista que incluía uma leitura do socialismo era o famoso *Esboço da história do Partido Comunista* organizado pelo próprio Comitê Executivo nos anos quarenta. É reatualizado só até o ano 1928 em 1988 por E. Moreno e R. Bertaccini sob o título *O nascimento do Partido Comunista*, os quais segundo Daniel Campione procuram responder às, em seu olhar, as evidentes mentiras impulsionadas da esquerda nacional:

“Sem fazer contribuições com novidades, ao menos limpava as falsidades e omissões mais evidentes contidas na versão original” (Cf. Campione 2005: 145)

A leitura a respeito das origens do socialismo do comunismo estará expressa em dois trabalhos de Luis Passo, *A classe operária e o nascimento do marxismo na Argentina*, publicado em 1974 e sua *História dos partidos políticos na Argentina (1900-1930)* que data de 1983.

Tomarei centralmente os trabalhos de Rubens Iscaro, Oscar Arévalo e Daniel Campione. As duas primeiras são as leituras anteriores ao XVI Congresso do Partido Comunista¹⁷⁶, enquanto que a de Campione é uma leitura mais azeitada em consonância

¹⁷⁶ Segundo a versão dos próprios comunistas em novembro de 1986, em seu XVI Congresso, o Partido Comunista deu começo a um processo de autocritica e de reformulação de sua política. Isto se conhece como a “virada” do partido, no sentido que se buscam um conjunto de mudanças os quais tirados de seu

com a atual direção política do PCA, que começou a ter influência depois do mencionado Congresso.

Os livros do dirigente comunista Rubens Iscaro, em primeiro lugar *Origem e desenvolvimento do movimento sindical argentino*, publicado em 1959 e a *História do movimento sindical argentino* publicada em dois volumes em 1973 e que inclui o anterior, ensaia uma crítica à política sindical dos socialistas que poderia resumir-se da seguinte maneira, a inconseqüência dos socialistas no plano da luta corporativa seria produto de seu reformismo e seu parlamentarismo.

Oscar Arévalo é o encarregado de realizar a redação final de um trabalho *O Partido Comunista*, surgido de uma série de encontros realizados no Centro de Estudos Marxista-Lenista Vittorio Codovilla, no qual participaram em 1982, Alberto Kohen, Eugenio Moreno, Leonardo Paso, Jorge Bergstein, José María Lanao, Enrique Bashkanski, Angel Negri e M. Moscovici. O livro foi publicado em 1983¹⁷⁷.

Segundo Arévalo, a diferença central entre socialistas e comunistas estava dada pela política revisionista dos socialistas e seu apoio às idéias de Edouard Berstein, que se expressava nas diferenças políticas entre pacifistas e belicistas, reformistas e revolucionários e em função do apoio ou não à Revolução Soviética. Não há uma visão diferente da história argentina que a brindada pelos socialistas, os comunistas seriam a continuidade revolucionária de dita tradição, o que marca uma diferença central com as leituras da esquerda nacional.

É interessante que Daniel Campione em seus trabalhos sobre o Partido Comunista embora critique o *Esboço da história do Partido Comunista*, publicada nos anos quarenta pelo Comitê Executivo do Partido como mencionamos e a qualifica como uma apologia omite em seus estudos o trabalho coletivo dos comunistas redigido por Arévalo¹⁷⁸, antes do XVI Congresso do PCA.

conjunto levaram a uma mudança de estratégia, de concepção organizativa, de atitude para a teoria revolucionária e embora parcialmente produzisse uma mudança importante na direção partidária depois de quase meio século.

¹⁷⁷ Nesse escrito, o Partido Comunista ainda diferenciava entre militares democráticos como o Gal. Videla e os antidemocráticos pinochetistas, neste livro o autor reivindica essa política de maneira transparente. (Cf. Arévalo 1983: 130-155)

¹⁷⁸ A omissão da crítica de Campione, membro do PCA, a Arévalo é absolutamente desnecessária, já que este último foi deslocado dos cargos de direção partidária depois do XVI Congresso do PCA. A corrente política formada no interior do partido por Arévalo, “Adiante”, nas eleições presidenciais de 1989 apoiou a candidatura presidencial de Carlos Menem, enquanto que ao menos oficialmente o PCA impulsionou as candidaturas presidenciais de Nestor Vicente e de Luis Zamora membros de Esquerda Unida (IU) – primeira época- Justo é reconhecer que a posição do velho dirigente estalinista foi pública, enquanto que a Federação Juvenil Comunista (FJC), embora organicamente formava parte do IU não só nas internas abertas negociou com o aparelho peronista da província de Buenos Aires o apoio a seu candidato Néstor Vicente frente ao acelerado crescimento do trotskista morenista Movimento ao Socialismo (MAS) com maior inserção que os comunistas nos subúrbios operários do conurbano portenho e diferenciando-se politicamente com clareza do peronismo tanto no plano político como no plano sindical, mas sim apoiaram ao Carlos Menem por entendê-lo representante dos interesses populares (Cf. Oriolo: 1994)

Por outra parte em seu trabalho *Partido revolucionário ou partido de governo? A fundação do Partido Socialista Internacional* publicado no ano 2005, coincide nas idéias aproxima que a discussão no socialismo se dava entre belicistas e pacifistas, que coincidirão com o grupo parlamentarista e reformista frente ao defensor da revolução russa.

“O aprofundamento das tendências reformistas, de velha data no PS, e seu tombo a posições qualificadas como ‘guerreras’, unidas à repercussão do enfrentamento no interior do movimento socialista mundial em torno da Guerra e a formação da chamada ‘esquerda do Zimmerwald’, deu às correntes de esquerda pábulo para reagrupar-se e desenvolver uma oposição mais articulada ante a poderosa condução partidária, que unia o controle pleno do Partido, e o lugar de exposição pública que proporcionavam seus recentes posições parlamentares” (Cf. Campione 2005: 147)

Finalmente, Campione esboça uma hipótese sociocultural e sociológica a respeito da ruptura dos socialistas internacionais com os socialistas. É uma visão mais elaborada que a acusação de pequeno-burgueses dada habitualmente pelos comunistas:

“A luta intrapartidaria pode ser também interpretada como um enfrentamento entre dois grupos com características socioculturais bem diferenciadas: por um lado uma elite em parte associada à fundação do PS, composta em grande medida por profissionais universitários, alguns deles com famílias enriquecidas, com elevado manejo da escritura e a oratória e os posicionamentos no parlamento nacional. Frente a eles, um grupo de homens mais jovens, em geral sem instrução universitária e situados fora do âmbito parlamentar. Estes últimos se diferenciam progressivamente e, a propósito da posição ante a guerra, projetam-se a uma disputa aberta contra o poder da dirigencia tradicional, em um empenho por certo difícil, mas que distava de ser disparatado. O fracasso nesse empenho abriria a perspectiva de fundar seu próprio partido” (Cf. Campione 2005: 156)

A hipótese é interessante e está expressa com clareza, entretanto, embora intuitivamente pudesse coincidir-se com ela, entretanto, o comunista, não fornece nenhum elemento adicional para sua comprovação, além do já conhecido que uma importante parte da cisão que formará o novo agrupamento tem uma origem

corporativa, precisamente é o Comitê de Propaganda Corporativa (CPG) e juvenil. Por outra parte, a base do grupo se articulou, desde 1912, no Centro de Estudos Carlos Marx (CECM) o que constitui um argumento em contrário ao da falta de instrução dos futuros comunistas comparada com os socialistas.

Do ponto de vista dos sindicalistas revolucionários achamos um estudo de Sebastián Marotta, também operário, sobre o movimento sindical argentino intitulado, *O movimento sindical argentino. Sua gênese e desenvolvimento* em três tomos publicados nos anos 1961, 1962 e 1970. Realiza uma reconstrução do sindicalismo argentino e critica as posições favoráveis à luta política e o parlamentarismo impulsionada pelos socialistas. É outra crítica do plano sindical ao trabalho dos socialistas tanto nesse plano como no político.

Atilio López um sindicalista classista de Córdoba, organizador do Cordobazo junto com Agustín Tosco, vicegovernador de Córdoba e assassinado pela Aliança Anticomunista Argentina (tripla A) em 1975, escreve um livro sobre *História do movimento social e a classe operária argentina* em 1971. Em ele se refere de maneira colateral ao sindicalismo socialista realizando algumas críticas a seu acionar sindical e político.

As leituras militantes da nova esquerda dos sessenta podem sintetizar-se em três grupos de perspectiva diferenciados. Alguns comentários de Elías Semán que aparecem no partido marxista-leninista e o guerrillerismo, publicado originalmente no Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV) em 1964, mas que desde 1965 será a posição política do Partido de Vanguarda Comunista (PVC), o primeiro grupo político maoísta com certa influência da Argentina; a obra de José Vazeilles, quem na época pertencerá ao Movimento de Liberação Nacional (MLN), autor do livro *Os socialistas*, um estudo crítico sobre os socialistas e as esquerdas argentinas publicado em 1968, mas começada sua redação quatro anos antes quando ainda parecia que o socialismo argentino podia logo depois de sua ruptura, articular uma política de esquerda, que compreendesse o peronismo e que tivesse em conta o castrismo e a de Jorge Ratzler, *Os marxistas argentinos dos noventa*, de 1969, que expressa a leitura dos comunistas revolucionários, o PCR, uma cisão guevarista do PC em 1968 e que atribuirão ao maoísmo desde 1971 impulsionados pelo PVC.

Elías Semán, ainda membro do PSAV, expressa que todos os esforços por impulsionar uma virada para a esquerda do partido de Justo prescindem das atuais polêmicas no seio do campo socialista centralmente a chinês-soviética e as lutas de liberação anticolonialistas e essa é a raiz de seu fracasso. Paralelamente tenta demonstrar os limites dessas políticas que terminavam fazendo seguidismo do

peronismo e do comunismo¹⁷⁹. Evidentemente à esquerda do Partido Socialista Argentino (PSArg.) o PSAV é visualizado pelo posteriormente primeiro Secretário Geral de Vanguarda Comunista, desaparecido pela ditadura militar em 16 de agosto de 1978, como o esforço mais importante sobre o exposto da necessidade de reconstruir o Partido marxista-leninista na Argentina. Entretanto, em seu intento de conciliar o marxismo-leninismo com o populismo, realiza-o a gastos do primeiro. O resgatável da herança do que denomina permanentemente o “velho PSAV” é essa busca abnegada da revolução, mas para alcançá-la, o voluntarismo ou o espontaneísmo são insuficientes, conclui com que terá que formar o Partido Marxista – Leninista, inexistente no país, entendendo-o como a vanguarda organizada do proletariado argentino (Cf. Semán 2004: 8)

Visualizamos com clareza a permeabilidade e receptividade no socialismo argentino, fundamentalmente em seus setores juvenis, mas não só ali dos movimentos revolucionários cubano, argelino e chinês. A crítica interna ao PSAV elaborada por Semán é de uma vez uma crítica externa porque se enquadra em uma matriz que é a comunista e particularmente na corrente maoísta que formará no VC poucos meses depois.

A obra de Vazeilles tem duas virtudes fundamentais, por um lado, é uma reconstrução histórica global que inclui uma análise o suceder do socialismo na Argentina desde suas origens até depois do peronismo e se ocupa de suas divisões até 1967, nesse sentido é um estudo bastante completo e por outro lado inclui uma seleção de documentos a modo de fontes bastante plural que permite ao leitor formar uma opinião própria, embora fragmentada. O modo de inclusão desses documentos intercalados no texto poderia ter sido realizado de uma maneira que facilite mais a leitura, entretanto são muito importantes. Inclui fragmentos correspondentes a dezesseis textos e a treze autores, ou seja: *A Guerra de Teoria e prática da história e Programa de ação para as juventudes socialistas* de Juan B. Justo; *Lembranças de um militante socialista* (1949)¹⁸⁰ de Enrique Dickman; *Meu passo pela política* de Nicolás Repetto; *Visão socialista do meio século argentino. A obra parlamentar do socialismo argentino* (1947) de Luis Pan; *A ação cultural socialista e operária* (1940) de Angel M. Giménez; *A justiça social contra o arcaísmo do código civil. O risco profissional* de Alfredo Palacios; *A luta pelo socialismo* (1946) de Rómulo Berboglio; *A grande amansadora* (1947) de María L. Berrondo; *Marxismo, socialismo, esquerdismo, comunismo e a realidade de hoje e História crítica da Revolução de 43* de Américo Ghioldi; *Comunismo, catolicismo e socialismo* (1951) de Alicia Moreau de Justo; *O fermentario*

¹⁷⁹ É no que terminam muitos dos grupos da diáspora do PSAV como observamos no capítulo 3.

¹⁸⁰ Entre parêntese coloco o ano de publicação do texto.

“*Juan B. Justo*” em 1950 que apareceu no Anuário Socialista de 1951; *A oportunidade do Partido Socialista. Reflexões sobre sua ação futura* (1950) de Julio V. González; a introdução de *Exigências proletárias à revolução e A legislação operária no regime peronista* (1956) de David Tieffemberg e *O socialismo: alternativa nacional* de Pablo Giussani.

Vazeilles, é virtualmente o único, Semán como vimos é outro, mas com diferentes objetivos e emolduradas suas reflexões em outra discussão, quem esboça alguma hipótese sobre as rupturas para esquerda do socialismo argentino e para a esquerda da esquerda deste:

“Cronologicamente, primeiro dominou a atitude do falseio da tradição; encontrava-se um Justo que não existiu nunca, um Partido Socialista antiimperialista que tampouco existiu; logo, salvo algumas exceções que, em geral, não passam de reconhecer o engano, sem dar uma explicação profunda do mesmo, negou-se a tradição como algo estranho aos próprios socialistas (efetuiu-se uma análise meramente ideológica e incompleta), não se falou mais dela, e sobre tudo, não se deu nenhuma explicação que abrangesse o problema da inserção de classe do Partido, de sua mudança de praxe e suas razões, e outros dados de uma análise profunda; em uma palavra não se fez uma autêntica autocrítica” (Cf. Vazeilles 1967: 15-16)

Jorge Ratzer, um dos intelectuais do Partido Comunista Revolucionário (PCR), analisando a formação dos grupos que deram origem ao socialismo nos marxistas argentinos de 90, escrito em 1966 e publicado em 1969 entre os *Cadernos de Passado e Presente*, editados por Aricó. A idéia central de Ratzer, simplificando era que desde suas origens existiram no marxismo dois grupos, um reformista revisionista e outro revolucionário que de maneira mais aberta ou mais larvada confrontação. O PS foi hegemonizado pelos grupos reformistas e os setores revolucionários reaparecerão com vigor nos debates prévios e a ruptura que deram origem aos comunistas. Na mesma linha de trabalho, Ratzer em 1981 publicou *O movimento socialista na Argentina*. Estas idéias são similares às que podemos encontrar nos trabalhos de Otto Vargas, o Secretário Geral do PCR, como por exemplo, no tomo I de sua obra, *O marxismo e a revolução argentina*, publicada em 1987.

Estas posições políticas estão, além disso, expressas no próprio Programa Político atual do PCR da seguinte forma:

“Nós os comunistas revolucionários da Argentina temos uma posição tomada nesta trincheira. Assumimos a continuidade histórica dos que nos precederam em nossa luta atual pelo comunismo: dos que difundiram as idéias comunistas há mais de um século; dos marxistas revolucionários que 1892 formaram o Agrupamento Socialista¹⁸¹; e dos marxistas internacionalistas que em 1918 fundaram o Partido Comunista da Argentina” (Cf. Programa do Partido Comunista Revolucionário)

De menor relevância, em 1994, Jordão Oriolo, um comunista, expulso das filas do comunismo argentino, publica *Antiesboço da história do Partido Comunista*, em oposição a dois trabalhos já mencionados, o esboço de Rodolfo Ghiodi e a história do Partido Comunista de Oscar Arévalo. Desvelando algumas falsidades históricas da reconstrução de sua própria história que realiza o PCA, refere-se aos socialistas e sua leitura, entretanto, não difere da comunista tradicional, os socialistas foram a corrente reformista frente aos socialistas internacionais, os revolucionários e os defensores da Revolução de Outubro.

Observamos um mesmo fenômeno, assim como decaiu a produção partidária sobre o PS, também diminuíram as leituras militantes críticas sobre o PS. A derrota que significou a ditadura militar, despolitizou e consolidou a separação entre intelectuais e compromissos políticos partidários fortes.

Quadro 25. As leituras político-partidárias contrárias ao socialismo argentino.

Autor	Título	Lugar, Editora/s e ano	Tendência
Germinal Rodríguez	La crisis política del socialismo argentino. ¿Partido Socialista o Partido de vanguardia?	Bs. As., Imprenta fontana, 1930	Partido Socialista Independiente
Diego Abad de Santillán	La FORA. Ideología y trayectoria del movimiento obrero revolucionario en la Argentina	Bs. As.; Nervio 1933; Bs. As.; Proyección; 1971	Anarquista
Rodolfo Puigross	Historia crítica de los partidos políticos argentinos (3 volumes)	Bs. As.; Argumentos; 1956. Bs. As.; Cepe; 1973. Edición ampliada em três volumes: <i>Las izquierdas y el problema nacional</i> , é aquele que corresponde aos socialistas; Bs. As.; Hyspamérica; 1986 (3 vol.) O segundo volume (caps. 19 al 24 inclusive) é <i>Las izquierdas y el</i>	Nacional-Popular (Nac. & Pop.) [peronista, ex comunista]

¹⁸¹ Em dezembro de 1892, Carlos Mauli, Augusto Kuhn e Gotoldo Hummel formaram o Agrupamento Socialista (AgS), que levou o nome de “Partido Operário Seção Buenos Aires” (PO-SBA) e publicou durante seis números o periódico *O Socialista* sendo o objetivo do agrupamento a que ao pouco tempo ingressou Juan B. Justo solucionar os problemas sociais argentinos inspirados nos princípios do socialismo internacional (Cf. Oddone 1983:10-11)

		<i>problema nacional</i>	
Jorge Abelardo Ramos	Revolución y contrarrevolución en Argentina (cinco volúmenes)	Bs. As.; Amerindia; 1957	Izquierda Nacional (IN) ou Socialismo Nacional (SN)
	Las izquierdas en el proceso político argentino. Respuesta a un cuestionario de Carlos Strasser	Bs. As.; 1959 en http://www.marxists.org/espanol/ramos/1950s/1959.htm	idem
Rubens Iscaro	Origen y desarrollo del movimiento sindical argentino	Bs. As.; Anteo; 1958	Comunista. Partido Comunista Argentino (PCA)
	Historia del movimiento sindical	Bs. As.; Fundamentos; 1973 (2 vol.) Edição ampliada que inclui o livro anterior.	idem
Alberto Belloni	Del anarquismo al peronismo. Historia del movimiento obrero argentino.	Bs. As.; A. Peña Lillo; 1960	IN o SN
Juan José Hernández Arregui	La formación de la conciencia nacional (1930-1960)	Bs. As.; Hachea; 1960	Nac. & Pop. (peronista)
Sebastián Marotta	El movimiento sindical argentino. Su génesis y desarrollo	Bs. As.; Lacio y Palomino; 3 vols. Publicados en 1960, 1961 y 1970 respectivamente	Sindicalista Revolucionario
Alberto Methol Ferré	La izquierda nacional en la Argentina	Bs. As.; Coyoacán; 1963	IN ou SN
José Vazeilles	Los socialistas	Bs. As.; Jorge Álvarez 1968	Nueva Izquierda (NI) Movimiento de Liberación Nacional (MLN)
	La izquierda argentina que no fue. Estudios de historia ideológica.	Bs. As.; Biblos 2002	idem
José Ratzer	Los marxistas argentinos del '90	Córdoba; Pasado e Presente; 1969	Comunista revolucionario. Partido Comunista Revolucionario (PCR)
	El movimiento socialista en la Argentina	Bs. As.; Ágora; 1981	idem
Jorge Énea Spilimbergo	Del socialismo cipayo a la izquierda nacional	Bs. As.; Mar Dulce; 1969	IN ou SN
	El socialismo en Argentina.	Bs. As.; Editorial Octubre; 1974.	idem
Atilio López	Historia del movimiento social y la clase obrera argentina	Bs. As.; Programa; 1971	Classista
Leonardo Paso	Historia de los partidos políticos en la argentina (1810-1918)	Bs. As., Ediciones Centro de Estudios, 1972	PCA
	Historia de los partidos	Bs. As.; Directa; 1983	idem

	políticos en la argentina (1900-1930)		
Oscar Arévalo	El Partido Comunista	Bs. As.; CEAL; 1983	PCA
Norberto Galasso	La izquierda nacional y el FIP	Bs. As.; CEAL; 1983	IN ou SN
	Socialistas y anarquistas en la Argentina	Bs. As.; Centro Cultural Enrique Santos Discépolo 2001; Cuadernos para la otra historia nº 17	idem
	Socialismo y cuestión nacional	Bs. As.; Homo Sapiens; 2001	idem
Jordán Oriolo	Antiesbozo de la historia del Partido Comunista	Bs. As.; CEAL; 1994 (2 vol.)	Comunista Expulso do PCA
Otto Vargas	El marxismo y la revolución argentina	Bs. As.; Ágora; 1987 (vol. 1)	PCR
Daniel Campione	¿Partido revolucionario o partido de gobierno? La fundación del Partido Socialista Internacional	En Hernán Camarero y Carlos Miguel Herrera (eds.): 2005.	PCA
	El comunismo en Argentina. Sus primeros pasos.	Bs. As., Instituto Movilizador de Fondos Cooperativos, Centro cultural de la Cooperación Floreal Gorini, 2005	Idem

Fonte: Elaboração própria.

d. Literaturas partidárias e acadêmicas centradas em outras figuras do socialismo na Argentina.

Em quarto lugar me referirei, de maneira sucinta, à literatura tão acadêmica como partidária, mais significativa, centrada em outras figuras do PS como: Alfredo Palácios, Manuel Ugarte, Carlos Sánchez Viamonte, Enrique del Valle Iberlucea, Germán Avé-Lallemant, José Ingenieros, Nicolás Repetto, Gabriela Coni, Alicia Moreau de Justo, Mario Bravo, Carolina Muzilli, Federico Pinedo e Américo Ghioldi.

junto com Juan B. Justo uma das principais figura do socialismo argentino foi Alfredo palácios, o primeiro legislador socialista da América e o legendário último mosqueteiro como o batizaria Raúl Larra em sua biografia romanceada de 1988.

d.1 Alfredo Palácios.

Será Víctor García Costa, militante do socialismo argentino e primeiro secretário geral do Partido Socialista Popular (PSP), desde 1974 e pelo lapso de dez anos, quem vai publicar uns cinco estudos sobre o primeiro deputado socialista da América, ou seja: *Alfredo Palácios* onde realiza seu primeiro esboço da trajetória política do líder socialista e que é publicada pelo CEAL em 1971, como o número 70 na coleção A história popular, vida e milagres de nosso povo. O segundo estudo de García Costa se intitula *Um socialismo argentino e para a Argentina, Alfredo L. Palácios* que consta de

dois volumes que expõem uma primeira biografia, mais completa que a anterior embora não definitiva serão publicados em 1986 e a mais acabada será *Alfredo Palácios entre o cravo e a espada. Uma biografia* publicada em 1997. Neste último trabalho o autor, onde esboça além algumas hipótese a respeito da divisão de 58 entre o PSD e o PSArg. que remeteriam a concepções diferentes que conviviam dentro do socialismo entre uma corrente mais liberal encarnada por Justo e outra mais nacional representada por Palácios, o que explicaria que além da personalidade indisciplinada de Palácios as diferenças políticas que sintetizavam diferentes concepções sobre o socialismo.

Ademais, Víctor García Costa, foi também o primeiro Secretário Geral do Partido Socialista Autêntico, partido que adota esse nome quando seu setor do PSP perde um julgamento durante o fim da ditadura militar por mãos do Partido Socialista Popular – Secretaria Estévez Boero (PSP-SEB). O PSA é a continuidade histórica do PSArg.. García Costa, além disso publica *Genialidades e contradições de Alfredo Palácios* em 1986 na revista *Tudo é História* e além em 1988 realiza um extenso prólogo à edição da tese que Alfredo Palácios apresentou para doutorar-se na Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires e que foi rechaçada em 1899. Centrada em um trabalho de campo sobre a condição da classe operária em Buenos Aires e intitulada *A miséria na República Argentina*. O próprio Palácios a esse respeito afirmava:

“(...) Em 1900, quando já não havia Index para as tese liberais, foi rechaçada a minha, por sustentar idéias socialistas” (Cf. García Costa 1988: 28)

Outro socialista, atualmente no socialismo autêntico, Ovidio Andrada escreveu sobre o *Alfredo Palácios, O socialismo romântico na Argentina* em 1972 da mesma forma que Ernesto Goldar, quem foi membro do Frente pela Democracia Avançada (FDA), escreve Alfredo Palácios a primeira parte do suplemento *O Socialista* da Revista *Tudo é História* em 1956.

Raúl Larra, quem já tinha realizado uma biografia criada novelas de outro tribuno, Lisandro da Torre, fundador do Partido Demócrata Progressista (PDP), intitulada *O solitário de Pinas*, escreve também uma biografia criada como uma novela, esta vez sobre o Alfredo Palácios intitulada *O último mosqueteiro*, que foi publicada em 1988. Entretanto, foi Antonio Ferreiro o primeiro em realizar uma biografia de Alfredo Palácios ainda em vida deste que data de 1925, *Alfredo Palácios: caracteres, valores e problemas de sua ação; política social, reforma universitária e iberoamericanismo*.

F. Gil Lozano, F. Bianchini e C. Salomone, de um plano acadêmico, publicam *Palácios, Fidel e o triunfo de 61* na Revista *Tudo é História* em 1995, onde analisam o

triunfo eleitoral do candidato socialista nas eleições de Senador na Capital Federal esse mesmo ano assim como as divisões do Partido no período. Por último podemos mencionar uma biografia surgida no ano 2000 na coleção dirigida por Félix Luna, *Grandes protagonistas da história argentina*.

d.2 Germán Avé Lallemand.

O socialista alemão é estudado de maneira específica em um estudo original que realiza María Rosa Labastie de Reinhard, na Revista *Nossa História*, quem aborda a polêmica virtualmente desconhecida entre Germán Ave Lallemand e José Ingenieros. O alemão critica o folheto intitulado *O que é o socialismo?* Publicado em 1895 por Ingenieros, onde coloca que este não conhecia Marx e que capitulava ante Spencer e Ferri. Quão interessante esta polêmica coloca em chave de julgamento certas idéias lineares que fazem aparecer Lallemand e Ingenieros como membros de um mesmo bloco homogêneo, para alguns de “esquerda”, para outros de caráter “nacional”, mas sempre enfrentados a Justo.

Sobre o socialista alemão encontramos dois estudos mais o realizado em 1993 por R. Ferrari na cidade de San Luis, *Germán Avé Lallemand. Introdução à obra científica e técnica de Germán Avé Lallemand (1869-1910)* e outro por Horacio Tarcus na Revista *Políticas da Memória* correspondente ao período 2003-2004 *Um marxismo sem sujeito? O naturalista Germán Ave Lallemand e sua recepção do marxismo na década de 1890*.

Na revista *Tudo é História* abordaram temas específicos como um trabalho sobre Germán Avé Lallemand publicado em 1993 redigido pelo nacionalista Fermín Chávez e intitulado *Um marxista alemão em San Luis*.

d.3 As mulheres socialistas: Alicia Moreau de Justo, Gabriela Coni e Carolina Muzilli.

Entre os estudos das centrados nas mulheres socialistas, destacam-se: um trabalho da María de Carmen Feijoo sobre Gabriela Coni em *Tudo é História* em 1981, sobre uma das principais lutadoras do feminismo argentino e no qual realiza uma reivindicação desta, intitulada *Gabriela Coni: a luta feminista*. Sobre feminismo também trata o trabalho de Emilio Corbière publicado na mesma revista em 1982, *Alicia Moreau de Justo: feminismo e socialismo*.

Mirta Henaut realiza a primeira *Biografia* da Alicia Moreau de Justo, nesse então uma veterana e quase centenária dirigente socialista, a qual é publicada em 1983.

O próprio se realiza em uma biografia da doutora, Aparecida no ano 2000 na coleção dirigida por Félix Luna, Grandes protagonistas da história argentina

Jorge Armagno Consentino resgata do esquecimento a figura da malograda jovem socialista *Carolina Muzilli*, defensora incansável das mulheres e dos meninos que trabalhavam, em uma obra publicada em 1984. “A máquina de costurar” concluiu esgotando com sua enfermidade, a tuberculose, a existência aos vinte e oito anos de idade da editora do quinquenário *Tribuna Feminina*. A representante do Centro Feminino Socialista (CFS) na Liga Internacional das Domésticas e participante do Primeiro Congresso Feminista Mundial, em 1910, afirmava:

“Eu chamo feminismo de diletantes aquele que só se interessa pela preocupação e o brilho das mulheres intelectuais (...) É hora de que o feminismo esportivo deixe passo ao verdadeiro, que deve enquadrar-se na luta de classes. Do contrário será um movimento «elitista» chamado a proteger a todas aquelas mulheres que fazem da submissão uma renúncia a seu direito a uma vida melhor. Abomino a humildade pelo simples motivo de meu apoio a quem exige bens que lhes correspondem simplesmente por viver em um país onde se recita que «todos são iguais ante a lei» (Cf. Citada por Consentino: 1984)

O que têm em comum vários destes escritos, é seu caráter fundamentalmente biográfico.

d.4 José Ingenieros.

Sobre José Ingenieros, encontramos um livro publicado por Oscar Terán desde seu exílio mexicano publicado em 1980, onde colocam na análise as relações entre socialismo e nação, diferenciando o de outros socialistas como Justo. Como poderemos observar em outra parte deste capítulo Terán é também quem publica os documentos dos socialistas revolucionários como o periódico *A Montanha*, impulsionado por José Ingenieros e Leopoldo Lugones.

Do comunismo, sobre José Ingenieros, entre outros temos os livros *José Ingenieros. Cidadão da juventude* de 1975 de Héctor Agosti e *As idéias políticas de José Ingenieros* que em realidade é um prólogo à publicação do livro *A evolução das idéias argentinas* escrito por próprio José Ingenieros e que data de 1962. O interesse do comunismo por Ingenieros radica em que expressaria os primeiros passos da corrente revolucionária em socialismo em oposição a Justo e por sua defesa da revolução russa.

Angel Rodríguez Kauth, realiza uma biografia de título *José Ingenieros* publicada em 1996, da mesma forma que outra biografia de José Ingenieros forma parte da coleção dirigida por Félix Luna, Grandes protagonistas da história argentina e que foi publicada no ano 2002.

Por sua parte Néstor Kohan, de um ponto de vista marxista revolucionário independente, escreve no ano 2000, *De Ingenieros ao Che. Ensaio sobre o marxismo argentino e latino-americano*, colocando-o como um ponto de partida e de referência do antiimperialismo latino-americano e do socialismo.

d.5 Enrique del Valle Iberlucea.

O próprio Corbière escreverá um prólogo a uma interessante seleção de textos de Enrique del Valle Iberlucea (1877-1921), intitulado *O marxismo de Enrique del Valle Iberlucea*, publicado em 1987, sobre o prestigioso senador socialista perseguido jurídica e politicamente por seu apoio à Revolução Russa. Em geral, é localizado como um expoente da tradição marxista revolucionária, antipositivista impulsionada por Antonio Labriola em oposição ao justismo dentro do PS.

Da tradição socialista mais liberal é reivindicado como legislador como é o caso de Juan Antonio Solari do PSD *Enrique del Valle Iberlucea: primeiro senador socialista da América* publicado em 1972 e do comunismo por Benito Marianetti, *Enrique del Valle Iberlucea uma honesta conduta frente à revolução russa*, de 1972, por seu apoio a essa revolução e ser partidário da III Internacional.

Permaneceu como já mencionamos, no PS logo depois da expulsão dos Terceiristas (T) dos quais formava parte. Morreu pouco depois de ser expulso de sua banca no Senado por uma manobra de conservadores e radicais por suas idéias revolucionárias à idade de quarenta e quatro anos, afligido por um câncer de garganta, uma semana depois de participar de um ato partidário de denúncia de seu desaforo.

Em setembro do ano 2001, publicou-se uma breve biografia do prestigioso senador socialista realizada por Juan Carlos Nicolau, *Enrique de Vale Iberlucea. Humanista, político, historiador e jurista*.

d.6. Mario Bravo e Manuel Ugarte.

Mario Bravo (1882-1944) é resgatado tanto no plano literário como no plano político por Dardo Cúneo em seu livro *Mario Bravo: poeta e político* que data de 1985.

Manuel Ugarte, por sua parte, foi transformado em um ícone do socialismo

nacional pela esquerda nacional. O primeiro estudo sobre ele foi realizado por Jorge Abelardo Ramos em 1961 sob o título de Manuel Ugarte e a revolução latino-americana, onde exalta sua figura contrastando-a com a da esquerda socialista e comunista ‘cipaya’. Na mesma corrente ideológica e política, encontramos vários escritos de Norberto Galasso sobre este sendo os dois principais *Manuel Ugarte. Da vassalagem à liberação nacional. Da liberação nacional ao socialismo* publicado em 1973 e a biografia mais completa deste que data do ano 2001 *Manuel Ugarte e a luta pela unidade latino-americana*. Em todos estes livros, inclusive em outro mencionado no compartimento anterior neste mesmo capítulo sobre a esquerda nacional e o FIP, Galasso insiste em várias idéias sobre o Ugarte vendo nele origem de um socialismo autenticamente nacional. Desde 1901 Ugarte expõe a necessidade de um nacionalismo superior diferente do nacionalismo de direita e entende o conceito de pátria como o direito que têm todos os núcleos sociais a viver a sua maneira.

Desde o comunismo, logo depois de ter passado pelo Partido Socialista Operário (PSO), Benito Marianetti, exalta a figura *Manuel Ugarte. Um precursor na luta emancipatória da América Latina*.

Na atualidade setores acadêmicos “peronistas” críticos, sustentam na cidade capital de Córdoba o Seminário Ibero-americano de Estudos Sócio- Econômicos Manuel Ugarte (SIESE-MU), em uma linha de unidade latino-americana com interpretações mais próximas ao socialismo nacional que ao peronismo em alguns aspectos.

d.7 Nicolás Repetto, Juan Antonio Solari e Enrique Dickman

Na tradição do socialismo democrático, Juan Antonio Solari publica, *Nicolás Repetto. Porta-voz e professor da república*. J. Campobassi, na mesma linha, escreve outro trabalho intitulado *Nicolás Repetto* e publicado em 1980. Luis Pan realiza uma biografia de Nicolás Repetto, *O mundo de Nicolás Repetto* que se publica em 1996.

Andrea Pietra realizou desde o CeDInCI, a organização do epistolário socialista e publico, *Os socialistas argentinos através de sua correspondência. Catálogo dos Recursos de arquivo de Nicolás Repetto, Juan Antonio Solari e Enrique Dickman (1894-1980)*, no ano 2004. Inclui três cronologias bio-bliopessoais, as correspondências e os fundos de arquivos de Nicolás Repetto, Juan Antonio Solari e de Enrique Dickman e família.

d.8 Carlos Sánchez Viamonte e Américo Ghioldi.

García Costa publica em *Tudo é História* um trabalho sobre Carlos Sánchez Viamonte, em 1997, intitulado *Carlos Sánchez Viamonte cidadão da república*.

Carlos Miguel Herrera dedica dois estudos a Carlos Sánchez Viamonte e outros dois a Américo Ghioldi. Aqueles referidos a Sánchez Viamonte têm em conta seu perfil político-jurídico tanto *Socialismo jurídico e reformismo político no Carlos Sánchez Viamonte* como em *Carlos Sánchez Viamonte ou o destino político de um jurista socialista* ambos publicados no ano 2001. Por outro lado se centra na discussão no PS sobre o peronismo entre o Américo Ghioldi e Julio V. González no Partido Socialista ante o peronismo: 1950. O debate González - Ghioldi que data de 2004; assim como a evolução/involução nas caracterizações do peronismo realizadas por Américo Ghioldi na *hipótese de Ghioldi? O socialismo e a caracterização do peronismo (1943-1956)* editada no ano 2005.

María Gabriela Misraje, desde o âmbito acadêmico, realiza um estudo original sobre as intensas discussões entre Ghioldi e o escritor Roberto Arlt, apresentada nas Segundas Jornadas sobre as Esquerdas na Argentina, no ano 2002, existindo uma versão digital intitulada *Metáfora do bacilo e prática da vacilação. A polêmica Art-Ghioldi, 1932*. Pode ser incluída assim como o debate Ghioldi-González como entre as escassas discussões sobre o peronismo no socialismo, embora Art não o fora.

d.9 Federico Pinedo e José Luis Romero.

Por “direita” e por “esquerda” dois protagonistas do socialismo em geral foram tomados em menor medida como objeto de estudo. A única biografia política de Federico Pinedo, o socialista independente, é realizada por um conservador, Roberto Azaretto, dirigente do Partido Demócrata (PD) da Capital Federal, o que ficou dos restos do velho partido conservador conhecido como o Partido Autonomista Nacional (PAN) e o Partido Demócrata Nacional (PDN) É um texto apologético da figura de Pinedo de alguém que já tinha defendido publicamente, em política relativizando o conhecido como “fraude patriótica” em outro livro de sua autoria intitulado, *Nem década, nem infame*.

Por “esquerda”, Omar Acha apresentou uma exposição nas segundas jornadas sobre as esquerdas na Argentina a respeito de José Luis Romero como historiador socialista no ano 2002 que justamente leva por título *José Luis Romero historiador socialista* e que se encontra em versão digital.

Quadro 26. Literaturas centradas em outras figuras do socialismo argentino.

Autor e Tendência	Título	Lugar, Editora/s e ano	Figura
--------------------------	---------------	-------------------------------	---------------

Antonio Herrero Acadêmico	Alfredo Palacios: caracteres, valores y problemas de su acción: política social, reforma universitaria e iberoamericanismo.	Bs. As., M. Gleizer, 1925	Alfredo Lorenzo Palacios
Víctor García Costa Socialista (PSArg ~ PSP ~ PSP-SVGC ~ PSA)	Alfredo Palacios.	Bs. As.; CEAL; 1971	Alfredo Lorenzo Palacios
	Alfredo Palacios. Un socialismo argentino y para la Argentina.	Bs. As.; 1986; 2 vol.	Alfredo Lorenzo Palacios
	Genialidades y contradicciones de Alfredo Palacios	Revista <i>Todo es Historia</i> , XX, 233, octubre de 1986.	Alfredo Lorenzo Palacios
	Alfredo Palacios entre el clavel y la espada. Una biografía.	Bs. As., Planeta, 1997	Alfredo Lorenzo Palacios
Ernesto Goldar Socialista	Alfredo Palacios	El socialismo I. Bs. As. <i>Colección Todo es Historia</i> ; 1976	Alfredo Lorenzo Palacios
Ovidio Andrada Socialista. PSA	Palacios. El socialismo romántico en la Argentina.	Bs. As.; CEAL; 1984	Alfredo Lorenzo Palacios
Raúl Larra Biografía novelada de Alfredo Palacios.	El último mosquetero	Bs. As., Leviatán, 1988.	Alfredo Lorenzo Palacios
F. Gil Lozano, F. Bianchini y C. Salomone acadêmica	Palacios, Fidel y el triunfo de 1961	Revista <i>Todo es Historia</i> , XXIX 341, diciembre de 1995.	Alfredo Lorenzo Palacios
Félix, Luna (director) Biografía académica	Alfredo Palacios	En colección Grandes protagonistas de la historia argentina, Bs. As., Planeta, 2000	Alfredo Lorenzo Palacios
Leonardo Paso Comunista, PCA	La clase obrera y el nacimiento del marxismo en la Argentina. Selección de artículos de Germán Ave Lllemant	Bs. As.; Anteo; 1974	Germán Ave Lllemant
María Rosa Labastíe de Reinhardt	Una polémica poco conocida: Germán Avé-Lllemant y José Ingenieros	Revista <i>Nuestra Historia</i> , Bs. As., 14, abril, 1975.	Germán Ave Lllemant
F. Chávez Historiador peronista nacionalista	Un marxista alemán en San Luis	Revista <i>Todo es Historia</i> , XXVI 310, mayo de 1993.	Germán Ave Lllemant
R. Ferrari acadêmica	Germán Avé Lllemant. Introducción a la obra científica y	San Luis, Instituto Científico y Cultural <i>El Diario</i> , 1993.	Germán Ave Lllemant

	técnica de Germán Ave Lallemand (1869-1910)		
Horacio, Tarcus Acadêmica	¿Un marxismo sin sujeto? El naturalista Germán Ave Lallemand y su recepción del marxismo en la década de 1890.	Políticas de la memoria, 4, verano 2003-2004.	Germán Ave Lallemand
M.C. Feijóo acadêmica	Gabriela Coni: la lucha feminista	Revista <i>Todo es Historia</i> , XV, 175, diciembre de 1981.	Gabriela Coni
Emilio J. Corbière (CSA-PSA)	Alicia Moreau de Justo: socialismo y feminismo	Revista <i>Todo es Historia</i> , XV, 183, agosto de 1982.	Alicia Moreau de Justo
Mirta Henault	Alicia Moreau de Justo. Biografía	Bs. As.; CEAL; 1983	Alicia Moreau de Justo
José Armagno Consentido acadêmica	Carolina Muzilli	Bs. As.; CEAL; 1984	Carolina Muzilli
Félix, Luna (director) Biografía académica	Alicia Moreau de Justo	En colección Grandes protagonistas de la historia argentina, Bs. As., Planeta, 2000	Alicia Moreau de Justo
Héctor Agosti Comunista, PCA	José Ingenieros. Ciudadano de la juventud.	Bs. As. ; Juárez López Editor; 1975	José Ingenieros
Oscar Terán Acadêmica	José Ingenieros. Pensar la nación.	México, Siglo XXI, 1980	José Ingenieros
Ángel Rodríguez Kauth acadêmica	José Ingenieros	Bs. As., Colección Perfiles, Almagesto, 1996	José Ingenieros
Nestor Kohan Marxista revolucionario independiente. Acadêmica	De Ingenieros al Che. Ensayos sobre el marxismo argentino y latinoamericano.	Bs. As., Editorial Biblos, 2000.	José Ingenieros
Félix, Luna (director) Biografía académica	José Ingenieros	En colección Grandes protagonistas de la historia argentina, Bs. As., Planeta, 2000	José Ingenieros
José Antonio Solari Socialista (PSD)	Enrique del Valle Iberlucea: primer senador socialista de América	Bs. As., Bases, 1972	Enrique del Valle Iberlucea
Benito Marianetti Socialista Obrero (PSO) - Comunista (PCA)	Enrique del Valle Iberlucea una honesta conducta frente a la revolución rusa.	Bs. As., Sílabo, 1972	Enrique del Valle Iberlucea
Emilio J. Corbière (CSA-PSA)	El marxismo de Enrique del Valle Iberlucea	Bs. As.; CEAL; 1987	Enrique del Valle Iberlucea
Nicolau, Juan Carlos Biografía académica	Enrique del Valle Iberlucea.	En http://www.desmemoria.com.ar	Enrique del Valle Iberlucea

	Humanista, político, historiador y jurista	/iberlucea.htm Septiembre de 2001	
Dardo Cúneo	Mario Bravo, poeta y político	Bs. As.; CEAL; 1983	Mario Bravo
Jorge Abelardo Ramos Izquierda nacional (IN) o socialista nacional (SN)	Manuel Ugarte y la Revolución latinoamericana	Bs. As., Editorial Coyoacán, 1961;	Manuel Ugarte
Benito Marianetti Socialista Obrero (PSO) - Comunista (PCA)	Manuel Ugarte. Un precursor en la lucha emancipatoria de América Latina.	Bs. As., Sílabo, 1976	Manuel Ugarte
Norberto Galasso IN o SN	Manuel Ugarte. Del vasallaje a la liberación nacional. De la liberación nacional al socialismo	Bs. As.; EUDEBA; 1973 (2 vol.)	Manuel Ugarte
	Manuel Ugarte y la lucha por la unidad latinoamericana	Bs. As.; Corregidor; 2001	Manuel Ugarte
José Antonio Solari Socialista (PSD)	Nicolás Repetto. Vocero y maestro de la república.	Bs. As., La Vanguardia. 1973.	Nicolás Repetto
J. Campobiasi Socialista ghioldista (PSD)	Nicolás Repetto	Bs. As., La Vanguardia, 1980	Nicolás Repetto
Luis Pan Socialista ghioldista (PSD)	El mundo de Nicolás Repetto	Bs. As., Grupo Editor Latinoamericano, 1996	Nicolás Repetto
Andrea, Pietra	Los socialistas argentinos a través de su correspondencia. Catálogo de los Fondos de archivo de Nicolás repetto, Juan Antonio Solari y Enrique Dickman (1894-1980)	Bs. As., CeDiInCI (Centro de Documentación e investigación de la cultura de izquierdas en la Argentina), 2004.	Nicolás Repetto Juan Antonio Solari Enrique Dickman
Víctor García Costa Socialista (PSArg ~ PSP ~ PSP-SVGC ~ PSA)	Carlos Sánchez Viamonte ciudadano de la república.	Revista <i>Todo es Historia</i> , XXXI 358, mayo de 1997.	Carlos Sánchez Viamonte
Carlos Miguel Herrera académica	Socialismo jurídico y reformismo político en Carlos Sánchez Viamonte	<i>Revista de Estudios Políticos</i> , Madrid, 113, julio-septiembre 2001	Carlos Sánchez Viamonte
	Carlos Sánchez Viamonte o el destino político de un jurista socialista	Taller. Revista de sociedad, cultura y política, Bs. As., n 17, diciembre de 2001.	Carlos Sánchez Viamonte
	El Partido Socialista ante el peronismo: 1950. El debate	Taller. Revista de sociedad, cultura y política, Bs. As., n 21, noviembre de 2004.	Américo Ghioldi

	González-Ghioldi		
	¿La hipótesis de Ghioldi? El socialismo y la caracterización del peronismo (1943-1956)	En Hernán Camarero y Carlos Miguel Herrera (eds.): 2005.	Américo Ghioldi
María Gabriela Misraje acadêmica	Metáfora del bacilo y práctica de la vacilación. La polémica Art-Ghioldi, 1932.	II Jornadas Historia de las Izquierdas, Bs. As., CeDInCI, 2002.	Américo Ghioldi
Roberto Azaretto Conservador, Partido Demócrata (Capital Federal)	Federico Pinedo. Político y economista.	Bs. As., Emece, 1998	Federico Pinedo
Omar Acha Acadêmica	José Luis Romero historiador socialista.	II Jornadas Historia de las Izquierdas, Bs. As., CeDInCI, 2002.	José Luis Romero

Fonte: Elaboração própria.

5. Literatura acadêmica sobre o socialismo.

Em quinto lugar agruparei à literatura acadêmica sobre o socialismo argentino.

Até os anos oitenta o socialismo virtualmente não foi tomado como objeto de estudo pela literatura acadêmica. Desde essa data até a atualidade proliferaram um conjunto de trabalhos, que produto dessa mesma lógica acadêmica, tem a característica de aprofundar alguns aspectos parciais da trajetória do PS no que se avançou bastante, mas como em muitos casos, de maneira nenhuma em todos carecem de uma perspectiva política não estão preocupados com realizar uma reconstrução de conjunto.

A *Revista Argentina de Ciencia Política* (RACP), dirigida por Rodolfo Rivarola desde 1910 é o primeiro lugar em que podemos dizer que aparece um estudo acadêmico sobre os socialistas argentinos. Consiste em uma pesquisa respondida entre 500 indivíduos autodefinidos como socialistas e tem como objetivo medir suas características sociais e ideológicas.

Em diferentes números da *RACP* encontramos entre 1912 e 1914 uns cinco trabalhos sobre o socialismo. Leonardo Maupas em *Transcendências políticas da nova lei eleitoral*, Rodolfo Rivarola no programa socialista e a forma unitária de governo assim como em outro trabalho *A filosofia da eleição recente*, Raymond Wilmart em *por que não temos políticos partidos de princípios?* e Osvaldo Saavedra em *Partidos e programas. III O socialismo*, referem-se a distintos aspectos do PS.

O desinteresse pelo estudo do socialismo chega até a aparição de alguns dos

trabalhos de José Luis Romero¹⁸², *As idéias políticas na Argentina*, publicado pela primeira vez em 1946, *As idéias argentinas do século XX* que data de 1965 e *A experiência Argentina e outros ensaios* de 1980.

O historiador platense José Penettieri que realiza um estudo da classe trabalhadora argentina sob o modelo agroexportador, onde articula socialismo e organizações operárias.

Abordado da ciência política, com as limitações ter utilizado só fontes secundárias e num marco teórico sobre os partidos políticos elaborado por Maurice Douverger, Alfredo Galetti na *A política e os partidos* publicado em 1961 e Alberto Círia em *Partidos e poder na Argentina moderna (1930-1946)* de 1967 destacaram algo substantivo, a importância do PS por ter sido o primeiro partido político do país estruturado organicamente como tal, o que poderíamos adicionar obrigou como no caso europeu, ao resto dos partidos a organizar-se também.

De acordo com estas duas análises o PS era considerado um organismo de forte articulação, de centralização ideológica e de uma democracia interna apoiada em um papel ativo dos afiliados e os centros partidários. Entretanto concluem que é um partido débil frente aos fatores de poder e aos grupos de pressão.

Da sociologia encontramos umas poucas referências pontuais sobre o PS. Gino Germani em *Estrutura social da Argentina*, publicado em 1955, estuda a correlação entre categorias ocupacionais e voto aos partidos políticos na Capital Federal durante os anos quarenta; os estudos de José Luis de Imaz nos que mandam que data de 1964 sobre os grupos dirigentes nas organizações operárias entre 1930 e 1960; algumas reflexões de Tortucuat S. Di Tella¹⁸³, nesse então próximo ao socialismo, no sistema político argentino e a classe operária, também de 1964 e que enfoca o alcance da experiência socialista como tentativa de expressão política da classe operária e os estudos eleitorais de Darío Cantón sobre todos os processos eleitorais na Capital Federal com o passar do século XX em *O parlamento argentino em épocas de mudança: 1890, 1916 e 1946*, que data de 1966 e em *Eleições e partidos na Argentina. História, interpretação e balanço: 1910-1966* publicada em 1973.

Em seus *Estudos sobre as origens do peronismo*, publicado em 1972 por Miguel Murmis e Juan Carlos Portantiero, explicam como as forças socialistas no movimento operário se diluíram ou se transformaram durante a gênese do peronismo.

¹⁸² José Luis Romero foi um dos principais historiadores argentinos. De orientação socialista ingressou no PS na década do quarenta e da década do cinquenta começa a ter um papel mais ativo, formou parte do Partido Socialista Argentino (PSArg.) e do Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV), partido que abandona em 1962 por diferenças políticas em relação com a tática eleitoral deste.

¹⁸³ Como veremos no capítulo 6, um Torcuato Di Tella, ainda socialista, participa ativamente nas discussões no interior do Partido Socialista Argentino entre as possíveis articulações do socialismo e a classe operária, o que remete a necessariamente às relações entre socialismo e peronismo.

No contexto de politização generalizada a começos dos setenta se renova o interesse pelo socialismo tanto na Revista Tudo é História como nas coleções e materiais de divulgação editados pelo Centro Editor da América Latina (CEAL). Juan Carlos Torre, na mencionada revista escreve em 1973 sobre *O primeiro triunfo eleitoral do socialismo*. Por outra parte, no CEAL, além das publicações de Emilio Corbière, mencionadas em outras partes deste mesmo capítulo, encontramos um trabalho de A. P. de Troncoso intitulado *Radicais, conservadores e socialistas* que foi publicado em 1972 e é realizado no marco de uma história argentina integral.

Horacio Sanguinetti¹⁸⁴ realiza um pormenorizado estudo a respeito da ruptura que concluo no Partido Socialista Independente (PSI). Primeiro, em um trabalho publicado em duas edições da revista, *Tudo é História*, a fins de 1975, para concluí-lo, e ampliado e re-intitulado como, *Os socialista independentes*, aparece a versão definitiva em dois volumes publicados em 1987.

Sanguinetti tem a virtude de resgatar do esquecimento a este efêmero, mas muito influente grupo político na década que abrange desde 1927 até 1937. Desde seu berço socialista até sua tumba conservadora, desde suas origens ao interior do PS até sua dissolução na Concordância “fraudulenta”, é preciso recordar que em 1930 ganhou as eleições legislativas da Capital Federal. Além disso, embora seja um estudo apologético, adverte com clareza que a literatura sobre o socialismo virtualmente condenou ao esquecimento a essa corrente política e polemiza abertamente com o único estudo sobre os socialistas independentes que é o realizado pelo deputado operário Joaquín Coca¹⁸⁵, a cujo livro considera uma diatribe carente de qualquer verossimilhança.

Colateralmente, no livro *O 45. Crônica de um ano decisivo* de Félix Luna, publicado em 1969, encontramos uma menção ao papel desempenhado pelo PS na situação aberta pelo golpe de 1943 e fechada com o triunfo eleitoral de Perón para depois analisar o papel dos socialistas durante o peronismo em outro livro, este de três volumes e publicado nos anos 1984, 1985 e 1986, intitulados *Perón e seu tempo*.

Julio Godio, em seu livro que data de 1972, analisa a posição política reformista e moderada dos socialistas durante *A Semana Trágica de 1919*, tanto por parte do Partido Socialista de Justo como a do Partido Socialista Argentino (PSArg) de Palacios. Edgardo J. Bilsky realiza o próprio de um ponto de vista anarquista em *La Semana Trágica* publicado em 1984.

¹⁸⁴ A ditadura militar em 1976 nomeou-o interventor do Partido Socialista Popular – Secretaría Víctor García Costa.

¹⁸⁵ O livro de Joaquín Coca, *O conluio. Memórias de um deputado operário*, o qual coloco na primeira parte deste capítulo entre as visões dos militantes socialistas sobre o socialismo e explica o processo que culmina com a ruptura dos socialistas independentes.

No marco da literatura acadêmica é também importante o contributo realizado pelos investigadores estrangeiros¹⁸⁶ sobre o socialismo desde meados da década do setenta.

Ernest Wellhofer em uma tese defendida na Columbia University em 1971, *Party development in new states: Socialist in Argentina*, realiza um trabalho onde toma ao Partido Socialista como um estudo de caso da institucionalização legal-racional de um partido político em um Estado Novo. Para estudar ao PS, reconstrói sua trajetória e desde seu ponto de vista anglo-saxão, considera-o uma expressão do liberalismo e da democracia formal desde seus inícios até a ruptura de 1958.

É um estudo superestrutural do PS enquadrado na sociologia política, encerrado em categorias teóricas weberianas, com uma importante análise da documentação, mas bem descritivo que analítico. O interessante é que, dividindo-o em dois períodos (1896-1943) e (1944-1958), o estudo transcende a década de 30, coisa que os outros estudos realizados por estrangeiros não fazem. Seus outros dois trabalhos são sobre temas semelhantes do socialismo argentino e apareceram publicadas em revistas norte-americanas: *Political Party development in Argentina. The emergence of Socialist Party parliamentarianism* de 1975 e *The Political Incorporation of the Newly Enfranchised Voter: Organizational Encapsulation and Socialist Labour Party Development* de 1981.

Ronald Woodbury realiza o estudo do comportamento parlamentar do PS durante os governos de Hipólito Yrigoyen e Marcelo Torcuato de Alvear, em sua tese de Doutorado também na Columbia University defendida em 1971, intitulada *The Argentine Socialist Party in Congress. The Politics of class and ideology (1912-1930)*.

O autor a partir do estudo do comportamento do bloco parlamentar durante esse período do PS, conclui que a intervenção legislativa do PS expressou uma política, uma identidade e um programa proletário no seio de uma instituição burguesa. Esta visão, embora realize uma reivindicação das políticas parlamentares do PS em termos classistas, é discutível quando analisamos os processos políticos argentinos no marco de uma forte conflitividade social como observamos nos livros sobre “a semana trágica” alguns parágrafos atrás.

Richard Walter realizou em seu estudo, uma história global, das quatro primeiras décadas de socialismo na Argentina no *The Socialist Party in Argentina (1890-1930)*. Teve capacidade para articular as discussões internas com os posicionamentos políticos nos momentos e processos mais salientes da história política do país. Articulava cronologia com uma análise mais profunda dos elementos chave do PS, como a

¹⁸⁶ Aos quatro autores que mencionarei nesta parte da tese devemos adicionar o trabalho de Weinstein (1978) que por centrar-se na figura de Juan B. Justo o coloquei na segunda parte deste mesmo capítulo.

imprensa, os líderes, as eleições e os conflitos internos. Sua conclusão tinha obviamente um caráter geral, o PS teria feito um significativo contributo ao desenvolvimento político e social da república, introduzindo um novo espírito.

Michel Mullaney em sua tese de doutorado defendida na University of Essex em 1982 *The Argentine Socialist Party, 1890-1930: Early development and Internal Schisms* tentava procurar especificamente as causas objetivas, que o entendia como ideológicas, políticas e sociais, das rupturas permanentes do PS.

Também podemos adicionar trabalhos mais gerais realizados por acadêmicos estrangeiros que abordam aos socialistas mas dentro de outros estudos mais gerais sobre o movimento operário argentino. Um dos mais reconhecidos é o estudo de Samuel L. Baily *Movimento operário, nacionalismo e política na Argentina*, publicado duas vezes uma em 1984 e outra em 1985, onde no marco desse estudo sobre o movimento operário entre 1890 e 1973, enfoca alguns aspectos do socialismo argentino fundamentalmente com o objetivo de ver que tinha que liberalismo, internacionalismo ou nacionalismo nesse movimento e em suas representações político-ideológicas.

Estudando a sociedade argentina como uma sociedade em transição de uma sociedade agrícola a uma sociedade moderna, polemiza com as leituras que de maneira simplista expor uma diferenciação marcada entre uns origens transparentes, classistas e internacionalistas no movimento operário, próprios do ideário marxista e anarquista, para afirmar que depois, a partir do surgimento e a consolidação do peronismo que os trabalhadores haviam-se reorientando para nacionalismo. A hipótese original é que da década de 30 perfilarem-se nos setores operários os elementos ideológicos que acabariam configurando a corrente nacional e popular. Embora discutível, brinda uma explicação possível à articulação entre movimento operário e nacionalismo na política argentina.

A obra de Herbert Spalding, *A classe trabalhadora argentina (Documentos para sua história -1890/1912)* publicada em 1970, forma parte de um estudo muito major sobre a formação da Argentina moderna. Distintamente do anterior, o livro tem uma base documentário, empírica importante, cujo objetivo é reunir uma série de documentos “ocultos” nos fatos sobre o tema, os quais estão organizados em oito seções documentários, ou seja: a) primeiras jornadas, b) situação e defesa operária, c) organização operária, d) greves e arbitragens, e) várias, f) greve de inquilinos, g) movimento social católico e h) legislação e medidas patronais e oficiais.

Tudo isto é precedido por uma introdução, em que contextualiza a época e se refere à classe operária na Argentina entre 1890 e 1918. Na basta documentação recolhida encontramos estatutos, programas, plataformas eleitorais, manifestos, posicione políticas frente a conflitos trabalhistas entre outros do PS assim como

documentos das centrais operárias influenciadas pelos socialistas junto com material extraído de periódicos como *A Vanguarda* ou *O operário*, como vimos dirigido por Germán Avé Lallemand. Aqui observamos um PS dinâmico, preocupado pela intervenção na política argentina e com uma estratégia para o proletariado.

David Rock, por sua vez que um dos estudiosos mais citados sobre a União Cívica Radical (UCR) no radicalismo argentino (1890-1930), realiza múltiplos referências ao papel completo pelo PS nesse período, depois de fazer um estudo sistemático do periódico *A Vanguarda* entre 1912 e 1930, mas sua visão do socialismo é bastante reducionista. O PS, para o Rock, seria um partido capitalino, de base operária aristocrática, com uma direção de classe média profissional, com uma estrutura interna rígida e com uma política reformista. Estes elementos estão no OS, mas conviveram também muitos outros omitidos por Rock.

A ditadura militar restringirá a produção teórica no país, portanto, só verão a luz trabalhos curtos, acadêmicos mas pensados para uma revista de divulgação geral *Tudo é História*, quer dizer, de pouca riqueza teórica e fundamentalmente centrada nas figuras do socialismo, junto com uma iniciativa quase pessoal de Emilio Corbière da Fundação Juan B. Justo e o esforço, pouco reconhecido pela literatura de Víctor García Costa, o então Secretário Geral do Partido Socialista Popular –Seção García Costa- para garantir a saída de *A Vanguarda Popular* regularmente na clandestinidade durante a ditadura militar. *A Vanguarda* editada pelo Partido Socialista Democrático (PSD), por sua parte, mantinha uma periodicidade semanal sem maiores inconvenientes por seus acordos com a ditadura militar.

Em *Tudo é História* M. D. Bejar escreve em 1979 sobre *A entrevista Dickman-Perón* indagando a aproximação de Enrique Dickman ao peronismo ao final de sua vida contra a corrente de sua trajetória formando o Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN). Em 1981, por sua vez, aparece um trabalho onde escrevem sobre a Editorial Socialista Claridad, J. Barcia, E. Giúdice, Sergio Bagú, E. Castelnuovo entre outros, intitulado *Claridade: uma editorial do pensamento*.

Em um trabalho realizado desde seu exílio europeu e contando com uma documentação inexplorada até então localizadas em Paris e em Amsterdã, Ricardo Falcón estuda as origens do socialismo argentino e tenta analisar sua história, em *Luta de tendências nos primeiros Congressos do Partido Socialista Operário Argentino (1896-1900)*. Este é o principal trabalho de Falcón e se centra nos primeiros congressos socialistas, primeiro nos debates com o grupo que se articula ao redor do periódico *A Montanha*, impulsionado pelos socialistas revolucionários como José Ingenieros e Leopoldo Lugones, assim como as discussões com quem formasse a primeira cisão do socialismo argentino, conhecido-los como os “coletivistas” que organizassem a efêmera

Federação Socialista Operária Coletivista (FSOC) Posteriormente Falcão publicará três trabalhos com semelhantes perspectivas e período histórico *A Primeira Internacional e os origens do movimento operário na Argentina 1857-1899* publicada em 1980; *As origens do movimento operário* de 1984 e *Esquerdas, regime político, questão étnica e questão social na Argentina (1890-1912)* publicado no Anuário da Universidade Nacional de Rosário (UNR) correspondente aos anos 1986-1987.

Como colocamos oportunamente, o trabalho de Pla, em polêmica aberta com Aricó, se centra na luta entre marxistas e social democratas, revolucionários e reformistas, desde um ponto de vista marxista das origens do socialismo argentino. Critica também as leituras frente populistas, nacional, populares e peronistas sobre o socialismo na Argentina em um trabalho publicado em 1986, *Marxistas e social democratas na origem do Partido Socialista Argentino*.

Com a abertura democrática surgem alguns trabalhos acadêmicos sobre o socialismo, como os de Roberto Reinoso, quem realizou uma *Seleção de textos de A Vanguarda (1894-1955)*, assim como as do periódico sindicalista revolucionário, *Bandeira Vermelha (1922-1935)*, ambos publicados em 1985.

Alfredo Bauer apresenta uma visão global do *Clube Vorwärts*, o qual baseado e integrado por imigrantes alemães confluiu na formação do PS. Seu trabalho, *A Associação Vorwärts e a luta democrática na Argentina*, publicado em 1989 leva uma introdução de Emilio J. Corbière.

Seguindo com os trabalhos acadêmicos, na Revista Tudo é História aparecem em 1997 um trabalho de D. O. de Lucía sobre *Os socialistas e a infância*, que é um estudo das políticas socialistas por volta da infância até os anos trinta que incluíram a regulamentação do trabalho infantil, a lei 5291 de Regulamentação do Trabalho das Mulheres e dos Meninos, que data de 1908; campanhas higienistas; nutricionistas e de medicina preventiva; extensão da educação básica e uma crítica da formação retrógrada na educação.

Na mesma revista, mas já no ano 2004, aparece um trabalho realizado por E. Pastoriza e G. Cicalese sobre *Os socialistas em Mar del Plata*, cidade da província de Buenos Aires que deu o triunfo ao socialismo em múltiplos eleições, durante toda a década de vinte e inclusive entre os cinquenta e meios dos setenta. Inclusive depois da ruptura de 1958 o Partido Socialista Democrático (PSD) ganhará algumas eleições municipais, por exemplo, quando a ditadura realiza o golpe de 1976, o PSD conta com o intendente de Mar del Plata.

Contrastando com a escassa literatura partidária socialista sobre o socialismo da abertura democrática, como mencionasse no começo desta seção, uma heterogeneidade de aspectos parciais do socialismo é abordada em termos acadêmicos no marco mais

general de um interesse sobre as esquerdas na Argentina.

Diferentes estudos sobre o movimento operário, trabalhos que articularam sindicalismo e socialismo, aparecem, com a característica de centrar-se fundamentalmente até o surgimento do peronismo.

Isidoro Cheresky, publica em 1984 *Sindicatos e forças políticas na Argentina preperonista (1930-1943)*; Hugo de Campo, *Sindicalismo e peronismo. Os começos de um vínculo perdurável*, que data de 1983; Hiroshi Matsushita, *Movimento operário argentino 1930-1945. Suas projeções nas origens do peronismo* publicada em 1983 e D. Tamarin, *The Argentine Labour movement, 1930-1945. A study in the origins of peronism* publicada em 1985.

Edgardo Bilsky escreve *A FORA¹⁸⁷ e o movimento operário (1900-1910)* publicado em dois volumes em 1985. Todos são trabalhos acadêmicos, entretanto o de del Campo tem uma perspectiva peronista e o de Bilsky, anarquista.

Julio Godio refere-se ao socialismo centralmente em três de seus cinco volumes sobre a história do movimento operário argentino. No volume 1, *O movimento operário argentino (1870-1910) Anarquistas, socialistas e sindicalistas* de 1987, no volume 2, *O movimento operário argentino (1910-1930) Socialismo, sindicalismo e comunismo*, que data de 1988 e no volume 3, *O movimento operário argentino (1930-1943) Socialismo, comunismo e nacionalismo operário* de 1989. Além disso, faz o mesmo em *Esboço de história do movimento operário argentino desde seu origens até o advento do peronismo* publicada em 1987.

Por sua vez, Mario Rapoport, elabora um trabalho em 1988 *Os partidos de esquerda, o movimento operário e a política internacional (1930-1946)* com um perfil maoísta - peronista. Juan Carlos Torre, também do peronismo se ocupa da velha guarda sindical e Perón. Sobre as origens do peronismo em 1990.

J. Horowitz, escreve *Argentine unions, the State and the rise of Perón 1930-1945* em 1990 e Torcuato S. Di Tella, de uma visão peronista “independente” escreve *Perón e os sindicatos. A origem de uma relação conflitiva*, publicado no ano 2003.

O período mais estudado é, entre a crise de 30 e a consolidação do peronismo em 1945, quando surge e se consolida uma nova identidade política entre os trabalhadores e trazendo como conseqüências, as crescentes dificuldades de socialistas e comunistas para dar uma política efetiva para o movimento operário.

Camarero e Herrera sintetizam um balanço das leituras desta literatura:

“O balanço que pode extrair-se de todos estes trabalhos é o de um socialismo que, desde seus inícios, encontrou sérios obstáculos para penetrar orgânica e

¹⁸⁷ FORA, Federação Operária da República Argentina.

firmemente no mundo corporativo e que quando obteve parcialmente reverter esta situação, desde fins dos anos vinte, e especialmente, desde meados dos anos trinta (o momento em que aconteceu conduzir a CGT), não alcançou a consolidar esta presença e foi arrasado pela irrupção do laborismo-peronismo. As razões prévias pelas que, em parte, pôde ocorrer tudo isto, foram exploradas em alguns trabalhos (como os de Tortti e Camarero-Schneider¹⁸⁸). Neles se destacou preocupar-se da atividade corporativa ou a separar a da atividade política, combatendo as tentativas de superar esta alienação (como ficou expresso com a dissolução do Comitê de Propaganda Corporativa, constituído entre 1914-1917 pela esquerda liderado por José F. Penelón) (Cf. Camarero e Ferreira 2005: 62)

Outra área de preocupação dos acadêmicos foram as redes educativas e culturais desenvolvidas pelos socialistas até os anos 30.

Dora Barranco retoma os trabalhos de Angel Giménez sobre o trabalho pedagógico e cultural do PS e realiza também uma inovadora análise de fontes primárias comparando as redes de socialização argentinas ‘separadas’ ao mesmo estilo que as da social democracia européia, da sociedade. Barranco dedicou cinco trabalhos a estes temas *As leituras “comentadas” um dispositivo para a formação da consciência contestatária entre 1914-1930* publicado em 1987; *Os meninos proselitistas das vanguardas operárias, 1898-1913* do mesmo ano que o anterior; *Educação, cultura e trabalhadores (1890-1930)* que data de 1991; *A cena iluminada. Ciência para os trabalhadores* de 1996. O quinto livro da autora que foi legisladora na cidade de Buenos Aires pela Frente País solidário (FrePaSo) foi um estudo publicado no ano 2005, *Socialismo e sufrágio feminino. Nota para sua história (1890-1947)*, onde relaciona as complexas relações entre socialismo, causa feminina e sufrágio universal.

Sobre a necessidade de estudar esta cultura política socialista já tinham advertido tanto Aricó na já mencionada *A hipótese de Justo* como Juan Carlos Portantiero em *Nação e democracia na Argentina do novecentos*, publicado em 1982, quem esboçou algumas análise sobre o tema. Leandro Gutiérrez e Luis Alberto Romero abordaram este enfoque, que podemos denominar “culturalista”, ao estudar os setores populares no livro *Setores populares, cultura e política. Buenos Aires na entre - guerra*, que data de 1995.

¹⁸⁸ Refere-se, por um lado, a seis trabalhos da Maria Cristina Torti, ou seja *Estratégia do Partido Socialista. Reformismo político e reformismo sindical* (1989); *Classe operária, partido e sindicatos. Estratégia socialista nos anos 30* (1989); *Crise, capitalismo organizado e socialismo* (1995); *Debate e rupturas nos partidos Comunista e Socialista durante o frondizismo* (2002); *A nova esquerda a princípios dos '60: Socialistas e Comunistas na Revista CHE* (2005) e *As divisões no Partido Socialista e as origens da nova esquerda argentina* (2005). Por outro ao de Camarero-Schneider que data de 1991, *A Polêmica Penelón-Marotta (marxismo e sindicalismo soreliano 1912-1918)*

Em todos estes trabalhos se destacou a sistematicidade e coerência do projeto pedagógico dos socialistas assim como sua crença na ciência e sua confiança cega no progresso.

Marina Becerra estudou em dois trabalhos como o modelo de educação estatal argentino gerava tensões no PS em seu origens, o primeiro foi, *Cultura política, socialismo e questão nacional a princípios do século XX*, exposto nas Segundas Jornadas sobre as esquerdas do ano 2002 e disponível em versão digital e *Festas pátrias ou festas socialistas? Rituais escolar e identidade socialista a princípios do século XX* publicado no ano 2005.

Na mesma área, mas centrando-se na universidade e sua relação com os intelectuais socialistas Osvaldo Graciano escreve também no 2005, *Os projetos científicos e as propostas legislativas dos intelectuais socialistas para a renovação da universidade argentina 1918-1945*.

Um estudo da organização do PS em um período concreto foi o realizado por Sergio Berenztein, *Um partido para a Argentina moderna. Organização e identidade do Partido Socialista (1896-1916)* onde procurava a partir do estudo da seleção de seus dirigentes, as formas de participação e sua identidade “medir” sua “eficácia política” sob a ordem conservadora. Sua hipótese inovadora consistia em ver o PS como um partido que se adaptava e avançava sobre a sociedade ao estilo da social democracia européia, mas que carecia de uma vocação hegemônica, quer dizer, uma incapacidade para pensar o Estado e construir relações de força, lutar pelo poder. Aricó já advertia sobre a ausência de uma estrutura de combate no PS, com capacidade de lutar pelo poder, quer dizer, que carecia de uma estratégia de poder. Berenztein encontra de maneira transparente e sem nenhuma contradição a continuidade entre um liberalismo democrático e o socialismo, localizando-se diretamente como algo alheio ao universo do marxismo, o PS seria simplesmente um partido reformista liberal.

Waldo Ansaldi reafirmará a linha de Aricó, em 1993, escreve *Um caso de nomenclaturas equivocadas? Os partidos políticos depois da Lei Sáenz Peña (1916-1930)* cuja hipótese principal é que a orientação sócio-cultural do PS era central para entender sua ineficácia política depois da sanção da Lei Sáenz Peña.. Além disso, ambos coincidem em não visualizar ao PS como um partido operário porque segundo suas opiniões, a mobilidade social na Argentina impediu a consolidação de classes, pelo qual seria expressão de setores populares urbanos nos termos do recentemente mencionado trabalho de Gutiérrez e Romero.

Entre os acadêmicos estrangeiros, o único que de fato escreve na atualidade com certa frequência sobre os socialistas é Jeremy Adelman, quem tem três trabalhos, dois publicados em espanhol *Os socialistas e o problema agrário argentino* que data de

1989 e *O Partido Socialista Argentino* publicado no ano 2000; o outro é um trabalho que apareceu em inglês *Socialism and Democracy in Argentina in the Age of the Second International* datado em 1992.

No primeiro estudo analisa a política agrária do PS até o ano 1912. Recordemos que no ano 1899, Juan B. Justo se instala na cidade de Junín na província de Buenos Aires, onde funda um centro socialista, cria uma biblioteca, uma sociedade de socorros mútuos e uma cooperativa de uma vez que se dedica a elaborar uma política específica dos socialistas para o campo, que é pronunciada em uma conferência em 1901, *O programa socialista no campo*. Adelman, em seus outros dois trabalhos pretendeu encontrar a partir da lógica eleitoral do socialismo antes dos anos trinta uma conexão entre o fracasso do socialismo ante as massas e o posterior êxito do populismo.

No âmbito acadêmico se está gerando um interessante avanço em relação com a reprodução de fontes. Na Universidade Nacional de Quilmes (UNQui), sob o impulso de Oscar Terán, quem já tinha demonstrado interesse por José Ingenieros¹⁸⁹, foi publicada sob o título de *A Montanha. Periódico socialista revolucionário. 1897*, a coleção completa do periódico desse grupo político impulsionado por José Ingenieros e Leopoldo Lugones.

Nicolás Iñigo Carreiras publicou com seu prólogo duas séries de documentos do PS. O primeiro se intitula *Documentos para a história do Partido Socialista. Livros de atas do Centro Socialista Universitário (1896-1898) e do Comitê eleitoral central do Partido Socialista (1907-1912)* que data de 1996; enquanto que o segundo inclui um texto de Augusto Kuhn de 1917 *Os começos da luta proletária e socialista* e o rascunho manuscrito inédito das *Atas da primeira reunião do Conselho Nacional do PS reunido em dezembro de 1935*. Além disso, publicou *O Partido Socialista em seu origens e na década de 30* no marco das séries documentos e comunicações do Programa de Investigação do Movimento da Sociedade Argentina (PIMSA), publicado no ano 1997. Sua mais recente publicação sobre *A classe operária e a alternativa parlamentar (1932-1936): o Partido Socialista* que data do ano 2005, é uma análise discursiva, original, a respeito da relação do PS com a violência política da época.

Desde ano 2000 o Centro de Documentação e Investigação das Culturas de Esquerdas na Argentina (CeDInCI), vem agrupando e rastreando documentos sobre as esquerdas argentinas. Já vieram a luz duas séries de sete documentos muito importantes, sendo a primeira agrupada por Roberto Pitaluga e Horacio Tarcus, que data desse ano, *Catálogo de publicações políticas das esquerdas argentinas (1890-2000)* onde dedica uma boa parte ao socialismo argentino e a suas divisões.

No que se refere aos socialistas agrupam tudo o que têm sobre o socialismo até

¹⁸⁹ Terán, Oscar; *José Ingenieros. Pensar a nação*; 1980; México; Siglo XXI.

esse ano, classificando-os em Anuários e calendários; revistas; periódicos e diários; publicações oficiais do Partido Socialista Argentino; várias outras publicações socialistas vinculadas a alianças, tendências internas e rupturas; publicações socialistas posteriores à crise de 1958; livros e folhetos de autores e/ou de editoriais socialistas; as edições da livraria *A Vanguarda*; folhetos da Sociedade Luz, Universidade Popular; os folhetos da biblioteca “Francisco Bilbao”; a Editora Apóie; as práticas corporativas do socialismo; as práticas culturais do socialismo; os manuscritos e finalmente os materiais de referência, investigações e/ou edições de fontes. É um trabalho extremamente importante que tem o limite de poder classificar só o contido no CeDInCI. Encontramos abundantes materiais sobre o socialismo fundamentalmente em duas seções, a correspondente ao Partido Socialista Argentino e a correspondente às “novas esquerdas”.

A segunda série de documentos do CeDInCI, é o trabalho de organização epistolar dos arquivos de Repetto, Solari e Dieckman organizado por Andrea Pietra, que já foi mencionado mais acima, neste mesmo capítulo.

A maioria dos estudos considera ao PS um partido centrado na Capital Federal, sem deixar isto de ser certo, deve matizar-se essa afirmação tendo em conta que sempre tentou ser um partido de carácter nacional e em algumas regionais teve em diferentes momentos históricos um desempenho louvável, mas com menos visibilidade que na cidade de Buenos Aires.

Uma parte da literatura académica se ocupou e continua ocupando do desenvolvimento do PS no interior do país. Isidoro Olivier é um precursor já que em 1951 escreveu um trabalho intitulado *O socialismo no interior argentino*.

H. Iparraguirre e Ofelia Pianetto em 1968 realizam um estudo sobre o movimento operário cordovês, intitulado *A organização da classe operária no Córdoba 1870-1895* e nesse marco se dedicam também ao PS local. Encontramos além outro trabalho posterior do Pianetto *Junta histórica e movimento operário. Córdoba: 1917-1921* publicado em 1991. Sempre sobre o PS de Córdoba encontramos dois trabalhos de Alejandro Dujovne *O Partido Socialista na província de Córdoba: 1895-1936. Aproximações para sua história política* publicado no ano 2002 e *O Partido socialista da província de Córdoba, 1933-1936: uma leitura política do periódico Tribuna Socialista* que data de 2005; um de E. Chanaguir *O PS e Convenção reformadora da província de Córdoba de 1923* de 1994 e finalmente um de J. Ávila intitulado *Semeia de um militante socialista*, um livro autobiográfico mas que aborda indiretamente algumas aspectos da vida do PS da cidade mediterrânea e que foi editado em 1997.

Em relação com o socialismo marplatense, é interessante a abordagem a respeito das práticas sociais do socialismo já que sendo um lugar comum da historiografia

considerá-lo um partido moderno no caso da cidade de Mar del Plata onde teve certa densidade eleitoral e social, realizou em múltiplas ocasiões práticas políticas tradicionais. Este contraste é o marcado por M. L. Da Ordem em seu trabalho *Práticas tradicionais em um partido moderno? Socialismo e poder local. Mar de Prata, 1916-1929*, publicado em 1994.

Pablo Lacoste realiza um estudo sobre o socialismo na província de Mendoza, onde teve até 1943 uma importante presença. Prefaciado brevemente por Horacio Sanguinetti, como um estudioso do socialismo argentino e por Eduardo Devés Valdés, em caráter de ser um estudioso do socialismo chileno, os dois volumes que compõem *O socialismo em Mendoza e na Argentina* publicado em 1993 aborda diferentes eixos temáticos como o do socialismo na Argentina entre 1896 e 1943, do socialismo em Mendoza, as relações inter e intrapartidárias, a reforma educativa impulsionada pelos socialistas e seu impacto entre 1927 e 1936, a contra-ofensiva da reação nacionalista, a intendência socialista de Godoy Cruz entre 1933 e 1942, assim como os ataques a dita comuna entre 1934 e 1942. Expõe também a evolução política do socialismo em Mendoza dividido fundamentalmente entre membros do PS e do Partido Socialista Operário (PSO), animado por Benito Marianetti, posteriormente dirigente comunista.

Este livro tem um valor fundamental desde plano que demonstra com clareza, contra uma abundante historiografia, que o socialismo não foi só um fenômeno centrado na Capital Federal. Podemos adicionar então, os exemplos das intendências de Mar del Plata exercida pelos socialistas entre 1920 e 1929 e depois da crise de 58, o ter governado a comuna de Godoy Cruz por nove anos, assim como manter a intendência de Rosário ininterruptamente durante ao redor de quinze anos e ao governo da província de Santa Fé na atualidade. Considero isto suficiente evidencia empírica em contrário, além da projeção nacional durante a década infame que tiraremos de Iñigo Carreiras.

Daniel de O. Lucía, estudando a forma em que o socialismo abordou temas como a etnicidade e a questão indígena no interior do país chega à conclusão, contra muitos outros estudos, mas de caráter menos específico, que o PS não manteve uma política estrangeirizante e etnocêntrica neste plano. Sua obra, *Socialismo e a questão indígena na Argentina (1889-1943)*, foram publicados em 1997.

As relações dos socialistas com a social democracia internacional, foram estudadas por Patricio Geli, *O Partido Socialista e a II Internacional: a questão das migrações*, publicado no ano 2005 e por Julio Godio, quem estudou o papel jogado pela Internacional Socialista (IS) no país entre 1945 e 1984 em *A Internacional Socialista na Argentina* publicado em 1985 em dois volumes.

Juan Carlos Portantiero no ano 2005 investiga a influência dos debates da social democracia no socialismo que se centro na discussão econômica no debate na social

democracia europeia e o Partido Socialista na década de 1930. Anteriormente tinha publicado um texto *Imagens da crise. O socialismo argentino na década de 1930* em *Prisma Revista de história intelectual* do ano 2002.

Ricardo H. Martínez Mazzola, elaborou três trabalhos acadêmicos sobre o socialismo argentino, o primeiro está em versão digital e foi apresentado nas Segundas Jornadas sobre as esquerdas argentinas realizadas no ano 2002, *O proletariado não nasce da máquina de vapor. A “teoria moderna da colonização” e as tarefas do socialismo na Argentina*. Posteriormente analisa o periódico *O Operário* editado por Germán Avé Lallemant em um trabalho publicado na *Revista Políticas da Memória* 2003-2004 intitulado, *Campeões do proletariado. O Operário e os inícios do socialismo na Argentina*. Seu último estudo se intitula *Entre radicais, roquistas e pellegrinistas. O Partido Socialista durante a segunda presidência de Roca (1898-1904)*, data do ano 2005 e centralmente se dedica a analisar a tática eleitoral nos origens do socialismo.

E. Garguín, em 1999 publica *A maré vermelha. O triunfo socialista nas eleições de 1913*, aonde analisa a vitória eleitoral do PS nas eleições portenhas de 1913. Polemiza com um conjunto de idéias comuns, recorrentes, como que o triunfo eleitoral se deveu a que os conservadores votaram aos socialistas por medo a um triunfo radical e porque não os consideravam perigosos. De acordo com Garguín, essa visão não leva em conta que o caudal conservador estava em baixa, que tinha trocado o sistema eleitoral com a Lei Sáenz Peña e que o voto socialista na Capital Federal foi um fato sustentado no tempo, não um pouco meramente conjuntural.

Leticia Prislei tem três trabalhos que estudam diferentes aspectos específicos do socialismo em termos acadêmicos, *Crise do liberalismo e crise do socialismo. A imagem da Bélgica na imprensa socialista argentina de fins dos vinte* publicado em 1998 aonde realiza um estudo que toma em conta a influência do cooperativismo belga, virtualmente só acentuada por Aricó na literatura e busca analisar as visões da imprensa socialista sobre esse país; publica também um segundo estudo intitulado *O despertar de um povo: gestão política e debates culturais em uma comuna socialista da cordilheira patagônica*, editado no ano 2001 e onde se ocupa dos debates culturais em uma municipalidade socialista do sul argentino, para finalmente em seu último estudo dedicar-se ao Partido Socialista Independente (PSInd.) do ponto de vista da trajetória intelectual desse grupo em *Périplos intelectuais, revisionismos e algumas reflexões sobre o Partido Socialista Independente* que data do 2005.

Na Revista editada pelo Clube de Cultura Socialista, *A cidade futura*, Ricardo Nudelman realiza uma leitura, sem base empírica, pelo que o entende como a duvidosa posição política do PS frente ao golpe nos socialistas e o golpe de 30, da mesma forma

que Ricardo Foster, nos socialistas crave de uma frustração, entendem que a incapacidade para compreender as mudanças da sociedade argentina, a impossibilidade para reatualizar sua tradição e sua esclerose organizativa, foi o que levou a PS a fracassar e a diluir-se logo depois de ter alcançado certa presença social. Ambos os trabalhos foram publicados em 1997.

María Cristina Tortti dedica seis trabalhos ao socialismo argentino, como já mencionamos em uma nota de rodapé neste mesmo capítulo, ou seja: *Estratégia do Partido Socialista. Reformismo político e reformismo sindical*, junto com *Classe operária, partido e sindicatos. Estratégia socialista nos anos 30*, ambos publicados em 1989; *Crise, capitalismo organizado e socialismo*, editado em 1995; *Debate e rupturas nos partidos Comunista e Socialista durante o frondizismo* que data de 2002; assim como seus últimos dois trabalhos que viram a luz no 2005 *A nova esquerda a princípios dos '60: Socialistas e Comunistas na Revista CHE* e *As divisões no Partido Socialista e os origens da nova esquerda argentina*. Em seus trabalhos brinda elementos para pensar as razões prévias para ver como o socialismo não tendo podido consolidar seu incipiente presença no movimento sindical foi varrido pelo laborismo-peronismo.

No texto de 1995, Tortti, polemiza, por exemplo com leituras simplistas como a de Ricardo Foster, e nos mostra que inclusive depois da década de '30 se observa um Partido Socialista com discussões ideológicas, dinâmico e com conflitos internos. Examinou o grupo que impulsionou a *Revista Socialista* e a Escola de Estudos Sociais Juan B. Justo, impulsionada por Rómulo Bogliolo e José Luis Pena. Ali a autora encontra uma reformulação do reformismo partidário já que esta corrente se expôs transcender a dicotomia reforma/revolução através de uma linha denominada “revolução construtiva” que expor a necessidade de planejamento econômico e de um Estado interventor.

A discussão econômica dos anos 30 assim como a tática de frente popular foi abordada por Mariana Luzzi, em dois trabalhos publicados no ano 2001 e 2002 respectivamente, ou seja: *A virada da onda. As primeiras discussões sobre a intervenção do Estado no socialismo argentino* e *Da revisão da tática à Frente Popular. O socialismo argentino através de Claridad*. A autora centra-se nos debates sobre esses temas no seio do PS e na *Revista Claridad*.

Andrés Bisso, por sua parte, estuda as reformulações táticas e estratégicas do PS durante o período da Segunda guerra mundial e o avanço dos totalitarismos período durante o qual a partida levou adiante a linha e o discurso do “civismo antifascista” em dois trabalhos: *De Ação Democrática à União Democrática. O civismo antifascista como pré-dica política e estratégia partidária do Socialismo Argentino (1940-1946)* publicada no ano 2002 em *Prismas Revista de história intelectual* e nos socialistas

argentinos e a apelação antifascista durante a “fraude tardia” (1938-1943) publicado no ano 2005.

Carlos Altamirano, analisou a forma em que o PS leu o peronismo, desde concebê-lo como um fruto passageiro da demagogia, aventurerismo e mal totalitário, para depois da retórica de Américo Ghioldi construir o discurso propriamente antiperonista em *Peronismo e cultura de esquerda* publicado no 2001.

Marcela García Sebastiani produto dos estudos para sua tese de doutorado elaborou dois trabalhos sobre as dificuldades dos socialistas sob o peronismo, *O Partido Socialista na Argentina peronista: oposição e crise de representação política (1946-1951)* que data de 2002 e *Os antiperonistas na Argentina peronista. Radicais e socialistas na política argentina entre 1943 e 1951* de 2005.

Torcuato S. Di Tella publica no ano 2003 o livro *Perón e os sindicatos. O início de uma relação conflitiva* onde de certa forma se refere aos socialistas no âmbito corporativo e político partidário.

Cecilia Blanco por sua vez tem três trabalhos sobre o socialismo, logo depois da queda do peronismo *O Partido Socialista nos sessenta. Enfrentamento, reagrupamentos e rupturas*, publicado no ano 2000; *O socialismo argentino. Da euforia à crise de identidade 1955-1958. Uma análise da ideologia do PS do periódico A Vanguarda*, que data de 2002 e *A erosão da unidade partidária no Partido Socialista, 1955-1958* correspondente aos 2005. É um dos poucos estudos que se dedica a estudar as divisões do PS a partir da crise de '58.

Bárbara Raiter tem dois estudos que se referem a temas semelhantes, uma exposição que se encontra disponível em versão digital apresentada nas Segundas Jornadas de História das Esquerdas na Argentina organizadas pelo CeDInCI no ano 2002 intitulado *Feminismo socialista a começos do século XX*, de uma vez que um caderno publicado no ano 2004 pelo Centro Cultural da Cooperação “Floreal Gorini”, impulsionado em Buenos Aires pelo Partido Comunista Argentino (PCA), no ano 2004 que leva por nomeie *História de uma militância de esquerda. As socialistas argentinas a começos do século XX* onde logo depois de uma introdução se refere ao Centro Socialista Feminino (CSF) e seu papel dentro do PS, as ações do CSF, fundamentalmente no referente aos direitos das mulheres e dos meninos, assim como aos debates das e entre as socialistas, sua relação tanto com as damas como as que a autora denomina progressistas.

Quadro 27. A literatura acadêmica sobre o socialismo argentino.

Autor	Título	Lugar, Editora/s e ano	Observações
Autores Varios (AA.VV.)	Encuesta a 500 afiliados para definir	<i>Revista Argentina de Ciencia Política</i> (RACP)	A RACP foi dirigida desde 1910 por

	sus características sociales e ideológicas		Rodolfo Rivarola.
Leopoldo Maupas	Trascendencias políticas de la nueva ley electoral	<i>RACP</i> , Bs. As., II, 21, junio de 1912, pp. 421-424	idem
Rodolfo Rivarola	El Programa socialista y la forma unitaria de gobierno	<i>RACP</i> , Bs. As., III, 32, mayo de 1913, pp. 190-198	idem
	Filosofía de la elección reciente	<i>RACP</i> , idem.	idem
Raymond Wilmart	¿Por qué no tenemos partidos políticos de principios?	<i>RACP</i> , Bs. As., III, 36, septiembre de 1913, pp. 603-610	idem
Osvaldo Saavedra	Partidos y programas. III El socialismo.	<i>RACP</i> , Bs. As., IV, 43, abril de 1914, pp. 35-43	idem
José Luis Romero	Las ideas políticas en Argentina	México; Fondo de Cultura Económica; 1946	Reconhecido historiador socialista;
	Las ideas en la Argentina del siglo XX	México; Fondo de Cultura Económica; 1965	Foi membro do Partido Socialista (PS); do Partido Socialista Argentino (PSArg)
	La experiencia argentina y otros ensayos	Bs. As.; Editorial de Belgrano; 1980	e do Partido Socialista Argentino de Vanguardia (PSAV)
Isidoro Olivier	El socialismo en el interior argentino	Rosario, El Sol, 1951.	
Gino Germani	Estructura social de la Argentina	Bs. As.; Raigal; 1955	Sociólogo
Alfredo Galleti	La política y los partidos	Bs. As.; Fondo de Cultura Económica; 1961	Cientista Político, marco teórico de Maurice Douverger
Alberto Ciria	Partidos y poder en la Argentina moderna (1930-1946)	Bs. As.; Jorge Álvarez 1964; Bs. As.; Hyspamérica; 1985	Cientista Político, marco teórico de Maurice Douverger
José Luis de Imaz	Los que mandan	Bs. As.; EUDEBA; 1964	Sociólogo
Torcuato S. Di Tella	El sistema político argentino y la clase obrera	Bs. As.; EUDEBA; 1964	Sociólogo
Darío Cantón	El parlamento argentino en épocas de cambio: 1890, 1916 y 1946	Bs. As.; Editorial del Instituto; 1966	Sociólogo
	Elecciones y partidos en la Argentina. Historia interpretación y balance: 1910-1966	Bs. As.; Siglo XXI; 1973	idem
José Panettieri	Los trabajadores	Bs. As.; Jorge Álvarez 1967	Historiador
H. Iparraguirre y Ofelia Pianetto	La organización de la clase obrera en Córdoba 1870-1895	Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba (UNC), 1968.	Socialismo no interior da Argentina
Samuel L. Baily	<i>Labor, Nationalist and Politics in Argentina</i>	New Brunswick, (NJ) Rutgers University Press	Estrangeiro

	Movimiento obrero, nacionalismo y política en Argentina	Bs. As., Paydos, 1984; Bs. As. Hyspamérica, 1985. (traducción del anterior)	Idem
Félix Luna	El 45. Crónica de un año decisivo.	Bs. As., Jorge Álvarez, 1969; Bs. As.; Hyspamérica, ¿?	Historiador
	Perón y su tiempo.	Bs. As.; Sudamericana; (3 vol.) 1984, 1985 y 1986 respectivamente.	Idem
Hobert Spalding	La clase trabajadora argentina (Documentos para su historia -1890 /1912)	Bs. As., Galerna, 1970	Estrangeiro
Ernest Wellhofer	<i>Party development in new states: Socialist in Argentina</i>	Thesys, Columbia University, 1971.	Estrangeiro
	<i>Political Party development in Argentina. The emergence of Socialist Party parliamentarianism</i>	Journal of Inter-American Studies and World Affaire; Miami, vol. 17, mayo de 1975.	Idem
	<i>The Political Incorporation of the Newly Enfranchised Voter: Organizacional Encapsulation and Socialist Labor Party Development.</i>	Western Political Quarterly, Salt Lake City, 34, 1981.	Idem
Ronald G. Woodbury	<i>The Argentine Socialist Party in Congreso. The Politics of class and ideology (1912-1930)</i>	Ph.D. Dissertation, Columbia University, 1971.	Estrangeiro
Miguel Murmis – Juan Carlos Portantiero	Estudio sobre los orígenes del peronismo.	Bs. As., Siglo XXI, 1972;	Sociólogos
A. P. de Troncoso	Radicales, conservadores y socialistas	Historia integral argentina, vol. 7; El sistema en crisis; Bs. As.; CEAL; 1972	Historiador
Julio Godio	La semana trágica de 1919	Bs. As., Galerna, 1972. Bs. As. Hyspamérica, 1985 (edición corregida)	Sociólogo
	La Internacional Socialista en la Argentina	Bs. As., CEAL, 1985 (2 vols.)	Socialismo e social democracia internacional
	Esbozo de historia del movimiento obrero argentino desde sus orígenes hasta el advenimiento del peronismo	Bs. As., Biblos, 1987.	Relação socialismo e gremialismo
	El movimiento obrero argentino (1870-1910) Anarquistas, socialistas y sindicalistas	Bs. As., Legasa, 1987.	Socialismo e gremialismo
	El movimiento obrero	Bs. As., Legasa, 1988.	Socialismo e

	argentino (1910-1930) Socialismo, sindicalismo y comunismo		gremialismo
	El movimiento obrero argentino (1930-1943) Socialismo, comunismo y nacionalismo obrero	Bs. As., Legasa, 1989.	Socialismo e gremialismo
Juan Carlos Torre	La primera victoria electoral socialista	Revista <i>Todo es Historia</i> , VII, 76, septiembre de 1973.	Idem
	La vieja guardia sindical y Perón. Sobre los orígenes del peronismo.	Bs. As., Sudamericana, 1990	Socialismo e gremialismo
Horacio Sanguinetti	El Partido Socialista Independiente. Una esperanza frustrada (dos partes).	Revista <i>Todo es Historia</i> , IX, pp. 101-102, octubre/noviembre de 1975.	Idem
	Los socialistas independientes.	Bs. As.; CEAL; 1987. Edición ampliada, corregida y retitulada del libro anterior	Idem
David Rock	El radicalismo argentino, 1890-1930	Bs. As., Amorrortu, 1977	Estrangeiro
Richard J. Walter	<i>The Socialist Party of Argentina (1890-1930)</i>		estrangeiro
M.D. Béjar	La entrevista Dickman-Perón	Revista <i>Todo es Historia</i> , XI, 143, abril de 1979.	Historiadora
Ricardo Falcón	Lucha de tendencias en los primeros Congresos del Partido Socialista Obrero Argentino (1896-1900)	Apuntes;	acadêmico
	La Primera Internacional y los orígenes del movimiento obrero en la Argentina 1857-1899.	CEHSAL; Paris; 1980	Idem
	Los orígenes del movimiento obrero	Buenos Aires; CEAL; 1984	idem
	Izquierdas, régimen político, cuestión étnica y cuestión social en Argentina (1890-1912)	Anuario Escuela de Historia Facultad de Humanidades y Artes, UNR, Rosario, segunda época, 12 1986-1987.	idem
J. Barcia, E. Giúdice, Sergio Bagú, E. Castelnuovo y otros	Claridad, una editorial de pensamiento	Revista <i>Todo es Historia</i> , XV, 172, septiembre de 1981	idem
Michael Mullaney	<i>The Argentine Socialist Party, 1890-1930: Early development and Internals Schins</i>	Ph.D. Tesis, University of Essex, 1982.	estrangeiro
Juan Carlos Portantiero	Nación y Democracia en la Argentina del novecientos	Revista <i>Punto de Vista. Revista de Cultura</i> , Bs. As., 14, marzo-julio 1982.	acadêmico

	Imágenes de la crisis. El socialismo argentino en la década de 1930.	<i>Prismas, Revista de historia intelectual</i> , 6, Quilmes, 2002.	Idem
	El debate en la socialdemocracia europea y el Partido socialista en la década de 1930.	En Hernán Camarero y Carlos Miguel Herrera (eds.): 2005.	idem
Hugo del Campo	Sindicatos y peronismo. Los comienzos de un vínculo perdurable.	Bs. As., CLACSO, 1983	Peronista. Relação entre socialismo e gremialismo
Hiroshi Matsushita	Movimiento obrero argentino (1930-1945) Sus proyecciones en los orígenes del peronismo	Bs. As., siglo XX, 1983; Reeditado Bs. As., Hyspamérica, 1986	estrangeiro
Edgardo J. Bilsky	La Semana Trágica	Bs. As.; CEAL; 1984	Anarquista
	La FORA y el movimiento obrero	Bs. As.; CEAL; 1985	Anarquista. Relação entre socialismo e gremialismo
Isidoro Cheresky	Sindicatos y fuerzas políticas en la Argentina preperonista (1930-1943)	En Pablo González Casanova editor Historia del movimiento obrero en América Latina; Mejico, siglo XXI, volumen 4, 1984 (2 vol.)	Relação entre socialismo e gremialismo
Alberto J. Pla	Marxismo y socialdemocracia en los orígenes del PS Argentino	En Socialismo y sindicalismo en los orígenes del movimiento obrero latinoamericano, Puebla, Cuadernos del CIHMO 1985. Versión resumida en Cuadernos del Sur, Buenos Aires, 4, marzo-mayo de 1986.	Historiador marxista
Roberto Reinoso (comp.)	"Bandera Proletaria". Selección de textos (1922-1930)	Bs. As.; CEAL; 1985	Historiador
	"La Vanguardia". Selección de textos (1894-1955)	Bs. As.; CEAL; 1985	Idem
D. Tamarin	<i>The Argentine labour movement 1930-1945. A study in the origins of peronism</i>	Albuquerque, University of New Mexico Press; 1985.	Estrangeiro; relação socialismo e gremialismo
Dora Barrancos	Las lecturas "comentadas" un dispositivo para la formación de la conciencia contestataria entre 1914-1930	Bs. As., Centro de estudios e Investigaciones Laborales (CEIL)- CONICET; 1987	Socialismo, cultura e educação
	Los niños proselitistas de las vanguardias obreras, 1898-1913	Bs. As., Documento de Trabajo CEIL-CONICET; 1987	Socialismo, cultura e educação
	Educación, cultura y	Bs. As., CEAL, 1991	Socialismo, cultura e

	trabajadores (1890-1930)		educação
	La escena iluminada. Ciencia para los trabajadores.	Bs. As., Plus Ultra, 1996	Socialismo, cultura e educação
	Socialismo y sufragio femenino. Notas para su historia (1890-1947)	En Hernán Camarero y Carlos Miguel Herrera eds.: 2005	Socialismo e feminismo
Ricardo Forster	Los socialistas claves de una frustración.	En <i>La Ciudad Futura. Revista de Cultura Socialista</i> , Bs. As., 4, marzo de 1987.	Campo democrático, social democrata
Ricardo Nudelman	Los socialistas y el golpe del '30.	En <i>La Ciudad Futura. Revista de Cultura Socialista</i> , Bs. As., 4, marzo de 1987.	Campo democrático, social democrata.
Mario Rapaport	Los partidos de izquierda, el movimiento obrero y la política internacional (1930-1946)	En Conflictos y procesos de la historia argentina contemporánea, 15, Bs. As., CEAL, 1988.	Socialismo e gremialismo
Jeremy Adelman	Los socialistas y el problema agrario argentino.	Anuario del IEHS, Tandil, 4, 1989.	Estrangeiro, socialismo e questao agrária.
	<i>Socialism and Democracy in Argentina in the Age of the Second internacional</i>	Hispanic American Historical Review, Durham 72, 2, mayo 1992.	Estrangeiro
	El Partido Socialista Argentino	En M. Z. Lobato (ed.) El progreso, la modernización y sus límites (1880-1916), Nueva Historia argentina, tomo V, Bs. As., Sudamericana, 2000	Estrangeiro
Alfredo Bauer	La Asociación Vorwärts y la lucha democrática en la Argentina (introducción de Emilio J. Corbière)	Bs. As.; Legasa; 1989	Histórico
María Cristina Tortti	Estrategia del Partido Socialista. Reformismo político y reformismo sindical.	Conflictos y procesos de la historia argentina contemporánea, 34; Bs. As., CEAL, 1989.	Socialismo e gremialismo
	Clase obrera, partido y sindicatos. Estrategia socialista en los años '30.	Bs. As., Biblos; 1989	Socialismo e gremialismo
	Crisis, capitalismo organizado y socialismo	En <i>Representaciones inconclusas. Las clases, los actores y los discursos de la memoria (1912-1946)</i> Waldo Ansaldi, A. Pucciarelli y Juan Carlos Villarroel (eds.) Bs. As., Biblos; 1995.	
	Debates y rupturas en	<i>Prismas, Revista de historia</i>	Nueva izquierda

	los partidos Comunista y Socialista durante el frondizismo.	<i>intelectual</i> , 6, Quilmes, 2002.	
	La nueva izquierda a principios de los '60: Socialistas y Comunistas en la Revista CHE	<i>Estudios Sociales</i> , Santa Fe, XII, n 22-23, 2002	Idem
	Las divisiones en el Partido Socialista y los orígenes de la nueva izquierda argentina	En Hernán Camarero y Carlos Miguel Herrera (eds.): 2005	Socialismo e izquierdas
J. Horowicz	<i>Argentine unions, the state and the rise of Peron (1930-1945)</i>	Berkeley, University of California, 1990	Estrangeiro; socialismo e gremialismo
Sergio Berenztein	Un partido para la Argentina moderna. Organización e identidad del Partido Socialista (1896-1916).	Bs. As., Documento CEDES, 60, 1991.	Organização institucional interna.
Hernán Camarero y A. Schneider	La polémica Penelón-Marotta (marxismo y sindicalismo soreliano 1912-1918)	Bs. As., CEAL, 1991.	Socialismo e gremialismo
Ofelia Pianetto	Coyuntura histórica y movimiento obrero. Córdoba: 1917-1921.	Estudios sociales, Santa Fé, I, 1, 2 semestre 1991.	Socialismo no interior argentino
Waldo Ansaldi	¿Un caso de nomenclaturas equivocadas? Los partidos políticos después de la Ley Sáenz Peña (1916-1930)	En Argentina en la paz de dos guerras 1912-1945, en Waldo Ansaldi, A. Pucciarelli y J. C. Villarroel (eds.) Bs. As., Biblos, 1993.	Socialismo e cultura política.
E. Chanaguir	El PS y Convención reformadora de la provincia de Córdoba de 1923	Estudios, Córdoba, CEA-UNC, 3, otoño de 1994.	Socialismo no interior argentino
M. L. Da Orden	¿Prácticas tradicionales en un partido moderno? Socialismo y poder local. Mar del Plata, 1916-1929.	En F. Devoto y M. Ferrari (eds.) La construcción de las democracias rioplatenses: proyectos institucionales y prácticas políticas, 1900-1930; Bs. As., Biblos, 1994.	Socialismo no interior argentino
Pablo Lacoste	El socialismo en Mendoza y en la Argentina (2 vol.)	Bs. As., CEAL, 1994	Socialismo no interior argentino
Leandro Gutiérrez y Luis Alberto Romero	Sectores populares, cultura y política. Buenos Aires en la entre-guerra	Bs. As., Sudamericana, 1995.	Socialismo, cultura e educação
Oscar Terán (director)	La Montaña. Periódico socialista revolucionario, 1897.	Bernal, Universidad Nacional de Quilmes (UNQ), 1996.	Documentos socialistas.

Nicolás Iñigo Carreras (ed.)	Documentos para la historia del Partido Socialista. Libros de actas del Centro Socialista Universitario (1896-1898) y del comité electoral central del Partido Socialista (1907-1912)	Tandil, Instituto de Estudios Histórico-Sociales de la Universidad Nacional del Centro de la provincia de Buenos Aires, 1996.	Documentos socialistas.
-------------------------------------	--	---	-------------------------

Fonte: Elaboração própria.

VI. Capítulo 5. Os socialistas sob o modelo agro-exportador. Entre conservadores, radicais, anarquistas, sindicalistas revolucionários e comunistas (1880-1930).

O modelo agroexportador, que se corresponde à formação do Estado-nação argentino e o modelo político excludente da denominada “ordem conservadora ” constituiu um modelo de país hegemônico durante cinquenta anos entre 1880 e 1930.

Dentro deste mesmo modelo podemos encontrar duas subetapas claramente diferenciadas. A primeira é um período que se caracteriza pela hegemonia política e econômica das forças sociais conservadoras, é a mencionado ordem conservadora em termos estritos e abrange desde 1880 até o triunfo eleitoral do radical Hipólito Yrigoyen em 1916, o que significou a entrada em cena do primeiro movimento nacional. A segunda subetapa, por sua parte se caracteriza pela hegemonia econômica das forças conservadoras, mas já sem sua hegemonia política em termos de representação política, o qual inclui as presidências dos radicais Yrigoyen, em duas oportunidades e Marcelo Torcuato de Alvear, até o golpe de estado que derrocou ao primeiro de sua segunda presidência em 1930.

O ponto de inflexão na etapa, de um plano político, está dado pela sanção da lei conhecida como “Sáenz Peña”, já que durante seu período presidencial no marco de uma situação de prosperidade econômica excludente e importantes mudanças sociais devia de um ponto de vista conservador, flexibilizar o sistema político, mas de uma vez preservar os interesses das elites. Esta lei promulgada em 1912 e que sancionava o sufrágio “universal”, em realidade, masculino, secreto e obrigatório, junto com a confecção de novos cadastros eleitorais, foi o que permitiu o triunfo de Hipólito Yrigoyen, membro da União Cívica Radical (UCR) nos comícios de 1916.

1. Os socialistas sob a ordem conservadora (1880-1916).

Em 1880, produto de um processo social que ajudaram a levar adiante os três presidentes posteriores à batalha de Pavón¹⁹⁰, Bartolomé Mitre (1862-1868); Domingo Faustino Sarmiento (1868-1874) e Nicolás Avellaneda (1874-1880), Julio Argentino Roca procura resolver três problemas centrais referentes à unidade política do país: o territorial, o da identidade nacional e o da organização de um regime político, todas estas questões que remetem à essência do Estado-nação moderno na busca das elites por tentar garantir o monopólio legítimo da força.

É nesta a Argentina, agro-exportadora e roquista, aonde vai surgir o Partido Socialista (PS) na Argentina e é, nesse marco, que esta corrente política vai evoluir.

a. As origens do socialismo argentino. Os primeiros socialistas na Argentina (1880-1896)

A gênese e evolução do socialismo na Argentina antes de seu Congresso de 1896, conhecido como institucional, permite-nos afirmar que a matriz socialista é a primeira matriz do marxismo argentino e que a primeira organização de caráter socialista no país foi fundada em dezembro de 1892.

Por sua vez encontramos alguns periódicos socialistas que também precedem à constituição do PS como são os casos de *O Proletário. Periódico semanal político, literário e de variedades. Por uma sociedade da classe de cor*¹⁹¹ dirigida por Lucas Fernández e que publicou oito números desde 1858; *O Artesão* publicado em 1863, que é uma verdadeira síntese da época porque de fato inclui anarquistas, socialistas e sindicalistas em um mesmo jornal e uma primeira edição de *A Vanguarda* dirigida por Eduardo Camaño, que não tem nada que ver com a fundada em 1894 por Juan B. Justo, mas que expressará aos membros da Associação Internacional de Trabalhadores (AIT) - marxistas da seção de Buenos Aires, logo depois da separação dos anarquistas. Este periódico desaparecerá rapidamente, mas encontrará continuidade nos periódicos *A Luta Operária* e *Le Proletaire*.

Desde fins de 1871 e princípios de 1872, começaram a constituírem-se na cidade de Buenos Aires, seções da Primeira Internacional, apoiadas nas diferenças de língua. A primeira seção da Associação Internacional de Trabalhadores (AIT) em formar-se na

¹⁹⁰ Em setembro de 1861, na batalha de Pavón, Bartolomé Mitre, no comando das forças de Buenos Aires, derrota as tropas federais de Justo José de Urquiza.

¹⁹¹ Emilio J. Corbière em um de seus últimos trabalhos tem uma exposição apresentada em 1ras. Jornadas de História das Esquerdas em Argentina-Buenos Aires onde localiza a Lucas Fernández como um precursor do socialismo rioplatense (Cf. Corbière 2000)

Argentina, foi a francesa que começou em 1872 a publicar seu periódico, *O Trabalhador*, do qual apareceram sete ou oito números (Cf. Moreau de Justo 1983; 17). Esta atividade também é citada no relatório do Conselho Geral da Internacional reunido em Haia em 1872, onde a Argentina esteve representada pelo advogado Raimundo Wilmart¹⁹², que mantinha correspondência com Marx. Em 1873 foram criadas as seções italiana e espanhola da AIT, da mesma maneira que em 1874 se fundou uma seção desta na cidade de Córdoba. Cada um destes agrupamentos tinha um Comitê Central próprio e dois representantes de cada grupo portenho, formavam um Conselho Federal¹⁹³.

Em 1876 os setores anarquistas, bakunistas, da primeira internacional fundaram o Centro de Propaganda Operária e publicaram um folheto titulado *Uma idéia*, no qual se mostravam as diferenças políticas entre os anarquistas e os marxistas, tomando partido pelos primeiros e combatendo aos segundos. É nesse momento, como mencionamos mais acima, que fração marxista decide publicar *A Vanguarda*.

Uma primeira controvérsia que surge ao abordar o tema do socialismo na Argentina é o referente à data de sua fundação.

Em geral, há consenso para expor que o Partido Socialista (PS) foi fundado em 28 e 29 de junho de 1896, entretanto, Víctor García Costa afirma que o PS foi baseado com antecedência, em 14 de dezembro de 1892. O argumento que utiliza para demonstrá-lo é que o Partido Socialista Operário Argentino (PSOA)¹⁹⁴ participou dos comícios de março de 1896, para o qual já estava constituído como partido.

O de junho de 1896 é possivelmente, a seu critério, o Congresso mais importante ou onde se incorporaram outros grupos, mas a data de sua fundação é em 1892, com o nome de Centro Socialista-partido Operário Seção Buenos Aires, o qual antes de chamar-se Partido Socialista levou os nomes de Partido socialista Operário Internacional (PSOI) e Partido Socialista Operário Argentino (PSOA). Podemos inferir que García Costa tomou como ponto de partida a decisão política da “Seção Variada”, agrupamento corporativo que com esse nome esteve presente nos dois primeiros congressos da Federação Operária Argentina (FOA).

Em 1 de maio de 1890, realiza-se na Argentina a primeira concentração pelo dia Internacional dos Trabalhadores. Logo depois desse fato político internacional, a mencionada Federação tomou a decisão política de publicar um periódico e foi o alemão Germán Avé Lallemand o encarregado de fundá-lo, de dirigi-lo e virtualmente escrevê-

¹⁹² Paradoxalmente, já afastado do socialismo Wilmart formará parte do jurado que por razões políticas e ideológicas rechaçou a tese de Alfredo L. Palacios: “A miséria na República Argentina” na Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires (UBA).

¹⁹³ Com motivo de um confuso episódio, um incêndio no Colégio El Salvador foram detidos por um mês e meio onze de seus membros sem nenhuma prova.

¹⁹⁴ Víctor García Costa em entrevista com o autor em Buenos Aires, em 11 de dezembro de 2003.

lo em sua totalidade. O periódico se intitulou *O Operário. Defensor dos interesses da classe proletária*, o qual foi publicado desde em 12 de dezembro de 1890 virtualmente de maneira semanal durante vinte e dois meses, sendo oitenta e oito os números publicados até em 24 de setembro de 1892. O periódico estava em sintonia com as idéias da socialdemocracia alemã de fins do século XIX, sendo suas páginas as primeiras em realizar uma interpretação marxista da Argentina.

Neste período de gênese do socialismo encontramos também, três periódicos socialistas publicados em províncias do interior, duas na cidade de Paraná, província de Entre Rios, *Primeiro de Maio. Socialista* dirigido por Diego J. Cerque que aparece no ano 1893 e *O Socialista. Órgão defensor do Partido Socialista Operário* que aparece em 2 de fevereiro de 1896 e outro na cidade de Rosário, província de Santa Fé, titulado *O Futuro Social. Semanário Socialista. A cada um em proporção ao trabalho realizado*, sendo seu editor responsável Julián Nicolás.

É a Seção Variada da Federação Operária (SV-FO), formada em 5 de janeiro de 1891, a qual era denominada dessa forma por estar integrada por operários que não tinham ainda sindicatos constituídos na perspectiva de que os agrupados na seção, formem-nos na medida de seu crescimento. O agrupamento tem a virtude também de servir como um espaço de união dos socialistas dispersos de toda a cidade de Buenos Aires e mantê-los em contato.

É justamente em 1892, quando Carlos Mauli integrante desta, propõe transformar a “Seção Variada” em um Agrupamento Socialista (Ag. Soc.), para o qual conta com o apoio de Augusto Kunh e Gotoldo Hummel e leva o nome de Partido Operário-Seção Buenos Aires (PO-SBA) A recente Ag. Soc. resolveu publicar um efêmero periódico, *O Socialista*, do qual apareceram só seis números. O alemão Germán Avé Lallemant formava parte da redação sendo o próprio Carlos Mauli seu administrador. Aos poucos meses se aderiram ao recente agrupamento Juan B. Justo e Ángel Jiménez.

A idéia era procurar a solução dos problemas sociais argentinos inspirando-se nos grandes princípios do socialismo internacional. Sem dúvida encontramos aqui um elo explícito com as correntes socialistas, marxistas, no plano internacional.

É 14 de Julho de 1894, com motivo de inaugurar seu primeiro local, quando o agrupamento decide trocar sua denominação pela de Centro Socialista Operário (CSO), que posteriormente se transformará no centro da seção 10 uma vez formado o Partido Socialista (PS) em 1896. Em 4 de agosto desse mesmo ano, o Centro se dá uma Carta Orgânica em cujos propósitos expressa que é uma associação política cujo programa é o do Partido Socialista Operário (PSO) de todos os países com as modificações que as circunstâncias locais lhe exijam. Além disso, incluem como perspectiva a necessidade

de tentar transformar-se no Partido Socialista Operário da República Argentina (PSO-RA) o mais rapidamente possível, promovendo a organização de seções locais socialistas confederadas em todos os pontos aonde a classe trabalhadora esteja em condições de dar a luta política (Cf. Oddone 1983:10-12)

No Congresso “Constituinte” do Partido Socialista entre os muitos grupos pressente confluirão centralmente dois tipos, cada um dos quais, com seus próprios ritmos avançarão para a unidade.

Um primeiro grupo é o formado pelos imigrantes agrupados a partir de seu país de origem como por exemplos: o Clube alemão “*Vorwärts*” (Adiante), baseado em 1881, que tinha por objetivo cooperar à realização dos princípios e fins do socialismo de acordo com o programa da Social Democracia da Alemanha e que editou um periódico com seu mesmo nome; o grupo socialista francês “*Les Egaux*”, formado em 1891 e que editou o periódico *L’Egalité* e *L’Avenir social* e o agrupamento italiano “*Fascio dei lavoratori*” que adotou o programa do Partido Socialista Italiano (PSI), sendo seu órgão de propaganda *La Giustizia* e seu órgão de imprensa *La reivindicazione*.

O segundo grupo de organizações socialistas que confluem na fundação do Partido Socialista são aquelas que transcendem o caráter nacional de seus membros e está constituído por exemplos: pelo Centro Socialista Universitário (CSU), que foi baseado em 7 de dezembro de 1894, sendo seus membros em sua maioria estudantes de medicina, tendo como objetivo a perseguição dos fins do socialismo científico representado pelo Partido Socialista Internacional e sendo o Secretário de sua Comissão Diretiva, José Ingenieros; o Centro Socialista Revolucionário de Barracas (CSRB), constituído em 17 de novembro de 1894 como a seção Barracas Norte do Centro Socialista Operário, o qual posteriormente se transformará no centro da seção 3 do Partido Socialista da Capital Federal; o Centro Socialista de Balvanera (CSB), também em um bairro da Capital Federal; o Centro Socialista Operário Internacional (CSOI) da cidade de Córdoba; o Centro Socialista de Junín (CSJ), na província de Buenos Aires, baseado em 1896, posteriormente o próprio Juan B. Justo, que viverá um tempo nessa cidade, fundará o Centro Social Democrático (CSD) que terá um caráter permanente; o Centro Socialista de San Fernando e Tigre (CSSFyT) na zona norte do conurbano portenho formado em 1896 e o Centro Socialista de Estudos (CSE) baseado em 19 de maio de 1896, sendo Roberto J. Payró seu secretário e Leopoldo Lugones o bibliotecário.

A fundação do periódico *A Vanguarda*, que aparece pela primeira vez em 7 de abril de 1894, também cumpre um papel importante na formação do que será o Partido Socialista (PS). Em um primeiro momento, *A Vanguarda*, foi o periódico do Agrupamento Socialista (Ag. Soc.) e do Centro Socialista Operário (CSO). Em 6 de

março de 1896, o CSO decidiu cedê-la ao comitê executivo do PS, colocando como condições de sessão que o efetivizará quando o PS se organizou e tenha seus estatutos. Quer dizer, que desde seu Primeiro Congresso, o PS terá à *Vanguardia* como seu órgão oficial.

A fundação do periódico *A Vanguarda* precede, então, o reconhecido como Congresso “Constituinte” do Partido Socialista. O periódico já era expressão de um coletivo incipiente que irá adotando uma forma organizativa cada vez mais complexa e se transformará em partido.

Em seu primeiro editorial, escrito pelo próprio Juan B. Justo, visualiza-se da seguinte forma à argentina agro-exportadora:

“Este país se transforma. À planície aberta e indivisa com o aspecto, e em certa medida, as funções de uma propriedade comum, aconteceram os campos cercados, que logo abrangessem toda a superfície utilizável.

*A grande agricultura se desenvolve onde faz vinte anos eram cultivadas por seus donos umas poucas chácaras. A ferrovia morreu às carretas. Os grandes portos suprimiram a maior parte da cabotagem. O Mercado Central de Frutos substitui à antigo barraco. Até a indústria sendo tão rudimentar sofre uma modificação idêntica. Em Buenos Aires, as fábricas de calçado e de chapéus, as grandes ferrarias e carpintarias suprimem a maior parte das oficinas desses Ramos. Em Tucumán o trapiche desaparece ante os grandes engenhos de açúcar e na Santa Fé se multiplicam os moinhos de cilindros onde nunca tinha havido nem tahonas. junto com essas grandes criações do capital, que se apropriou que país, produziram-se na sociedade argentina os caracteres de toda sociedade capitalista. Suprimida toda solidariedade de interesses entre os patrões e os trabalhadores, estes que antes desfrutavam de certa liberdade dos meios de vida que oferecia o país, têm agora que submeter-se à dura lei do salário a não ser querem morrer de fome. O trabalhador, despojado de toda outra coisa não pode oferecer em troca dos meios de subsistência que necessita mais mercadoria que sua força de trabalho, e essa força de trabalho é comprada como qualquer outra costure pelo capitalista ao mais sob preço possível e na quantidade que lhe convém. A existência da população trabalhadora vem assim a depender de leis idênticas às que regem a produção e a mudança de uma mercadoria qualquer, a lã ou as vacas, por exemplo”. (Cf. *A Vanguarda*, ano 1, nº 1, Julho 1894; chamado entre outros por Cúneo 1994: 78-79)*

Impulsionados por *A Vanguarda* o Agrupamento Socialista (Ag.Soc.), o grupo francês *Les Egaux* e o italiano *Fascio dei laboratori* se constituíram em abril de 1894 no Partido Socialista Operário Internacional (PSOI)¹⁹⁵ que expor:

“Na República Argentina como em todos os países onde domina o regime capitalista, tem que formar um Partido Socialista Operário que se apodere do poder político e implante as reformas prévias econômicas e políticas necessárias para o advento final do socialismo (...) Esse partido operário existiria já se as centenas de milhares de trabalhadores europeus que há no país soubessem livrar-se de sua preocupação patriótica e nacionalizando resolvessem a lutar aqui pela emancipação de sua classe (...) O programa desse partido, que deveria ter em conta as circunstâncias locais, não diferiria muito, entretanto, do dos países europeus e norte-americanos. Em todas partes as condições do capitalismo são essencialmente as mesmas, como o são também as reclamações mais peremptórias do proletariado” (Cf. Oddone 1983: 26-27)

Em 13 de abril de 1895 se constitui um Comitê Central e é designado Secretário General José Ingenieros. Redigiu-se uma Carta Orgânica e um Programa Mínimo que incluía reformas políticas e econômicas, que implicavam uma verdadeira democratização da sociedade. O programa mínimo tinha um caráter fundamentalmente democrático sendo o programa de máxima o programa socialista propriamente dito, quer dizer, anticapitalista.

As profundas reformas democráticas incluídas no plano político eram as seguintes: o sufrágio universal (masculino e feminino); a naturalização dos estrangeiros com um ano de residência; a possibilidade de inscrição permanente nos registros cívicos; um sistema eleitoral proporcional com representação das minorias; o caráter revogável dos mandatos; a responsabilidade dos mandatários públicos; a autonomia municipal; a justiça gratuita e o julgamento por jurados para todo tipo de delitos; a eleição popular desses mesmos jurados; a abolição da pena de morte; a separação da Igreja do Estado e a confisco de todos seus bens; a abolição da dívida pública; a supressão das policiais secretas e militarizadas; a supressão dos exércitos e o armamento geral do povo; a abolição do preceito legal de não atenuar as penas por desconhecimento das leis e o divórcio.

Por sua parte no plano econômico expor: a jornada trabalhista de oito horas para os adultos, seis para quem tivesse entre 14 e 18 anos e a abolição do trabalho para os

¹⁹⁵ Aos poucos meses de constituído se aderiram o clube *Vöwarts* e o Centro Socialista Universitário (CSU).

menores dessa idade; a regulamentação do trabalho das mulheres e a proibição para estas de realizar trabalhos anti-higiênicos e imorais; igual trabalho e igual salário para ambos os sexos; um descanso obrigatório semanal de 36 horas corridas; um salário mínimo fixado pelos sindicatos de acordo com o preço dos artigos de primeira necessidade; a abolição do serão quando não forem de conveniência geral; a criação de comissões de vigilância para inspecionar fábricas e habitações dos operários; a responsabilidade patronal nos acidentes de trabalho; tribunais comuns de operários e patrões para solucionar controvérsias entre uns e outros; a instrução científica, laica, profissional e integral, de caráter obrigatória e garantida pelo Estado; o sustento estatal de anciões, órfãos e inábeis para o trabalho; a abolição dos impostos indiretos e a criação de impostos diretos e à renda; a supressão da herança em linha colateral e o imposto progressivo à herança direta e por último, a adoção de medidas que conduzam à emancipação da classe trabalhadora.

O primeiro manifesto do partido é referente ao 1 de maio de 1895 em sintonia com o Congresso Operário Internacional de Paris de 1889¹⁹⁶ para reclamar aos poderes públicos a implantação da jornada de trabalho de 8 horas. No mesmo manifesto se lança uma crítica unânime à classe capitalista que detém a riqueza gerada pelos trabalhadores.

Na convenção organizada pelo partido em 13 de outubro de 1895 se decide trocar o nome pelo de Partido Socialista Operário Argentino (PSOA) impondo-a necessidade ser cidadão argentino para ser membro do Comitê Central¹⁹⁷. Com este nome o partido participou das eleições nacionais¹⁹⁸. A convenção foi presidida por Juan B. Justo e o Secretário foi José Ingenieros e impulsionou-se a participação nas eleições com a tática de levantar candidaturas próprias não aceitando coalizões com os partidos burgueses.

Decidiu-se na primeira reunião de Comitê Executivo do PSOA, além disso, participar da reunião o Congresso Socialista Internacional em Londres em 1896, que excluiu explicitamente aos anarquistas, com duas moções: que os socialistas europeus estabelecidos na América adaptem sua ação ao médio em que atuam para que suas idéias sejam mais assimiláveis e sua propaganda mais eficaz assim como que o Congresso condene a prática do duelo.

O primeiro manifesto eleitoral expressava, a necessidade da propriedade coletiva

¹⁹⁶ A este encontro impulsionado por Jules Guesde, marxistas, concorreram representantes de todos os grandes grupos do movimento operário europeus mais delegados dos Estados Unidos e da Argentina (Cf. Abendroth 1977: 56)

¹⁹⁷ O *Fascio dei lavoratori* propôs a supressão desta cláusula, mas foi derrotado.

¹⁹⁸ A primeira lista de candidatos a deputados nacionais que o socialismo apresentou na Capital Federal foi sob o nome de Partido Socialista Operário Argentino (PSOA) e seus candidatos foram: Juan B. Justo (médico); Juan Schafer (sapateiro); Adrián Patroni (pintor); Germán Avé Lallemand (engenheiro) e Gabriel Abad (foguista)

dos meios de produção e de mudança, a separação da Igreja do Estado e um programa de reformas concretas de imediata aplicação prática para melhorar a situação dos trabalhadores argentinos. Isto pretendia entre outras coisas rebater aquelas afirmações que consideravam “utópica” a nova organização. Do ponto de vista político, localizava-se da seguinte forma na cena política nacional.

“Fundamentalmente distinto dos outros partidos, o Partido Socialista Operário não diz lutar por puro patriotismo, mas sim por seus interesses legítimos; não pretende representar os interesses de todo o mundo, a não ser os do povo trabalhador, contra a classe capitalista, opressora e parasitária; não faz acreditar no povo que pode chegar ao bem-estar e a liberdade de um momento a outro, mas lhe assegura o triunfo se se decidir a uma luta perseverante e tenaz; não espera nada da fraude nem da violência, mas tudo da inteligência e da educação populares” (Cf. Oddone 1983: 48)

Nossos dois primeiros argumentos são os seguintes. O primeiro é que existindo já do PSOI um Comitê Central, Secretário Geral, Carta Orgânica, candidaturas legislativas e programa mínimo, podemos demonstrar coincidindo com o García Costa que a fundação do socialismo argentino é anterior a seu Congresso “Constituinte” de nos dias 28 e 29 de junho de 1896, onde sem dúvidas unifica ao resto das forças socialistas e lhe imprime uma nova dinâmica. Em síntese, o ponto de partida do socialismo na Argentina é o Agrupamento Socialista (Ag.Soc.) que se denominou Partido Operário - Seção Buenos Aires (CORREIO-SBA), fundada em 14 de dezembro de 1892 e cujo “fio vermelho”, em termos mandelistas, continua no Partido Socialista Operário Internacional (PSOI) de 1894 que se transforma em Partido Socialista Operário Argentino (PSOA) a partir de 1895.

No marco do socialismo observamos que só Víctor García Costa coloca como data da fundação do socialismo na Argentina o ano 1892, o próprio realizam as duas variantes mais importantes do comunismo argentino, tanto o PCA como o PCR, junto ao historiador Alberto J. Pla. Em geral o resto da literatura tanto socialista como acadêmica, coloca-a em 1896 como são os casos de Emilio Corbière ou Alicia Moreau de Justo. Jacinto Oddone, por sua parte, dividindo entre Partido Socialista e Congresso Constituinte do Partido Socialista o coloca em 1894, mas continua tomando como ponto de partida o Congresso de 1896. Perguntamo-nos o seguinte: por quê?, é relevante?, o que troca?, é meticulosidade histórica ou tratando-se de um partido socialista encontramos razões políticas para isso?

A nosso critério encontramos com três casos diferentes.

O postulado de García Costa tem que ver com sua leitura geral a respeito das divisões do socialismo. Para ele, sempre conviveram no PS até 1958 e duas concepções de socialismo, uma mais “liberal” encarnada por Juan B. Justo que cristalizará um sua forma mais extrema no Partido Socialista Democrático (PSD) e outra mais “nacional” representada por Alfredo Palácios, que dará origem ao Partido Socialista Argentino (PSArg.) Esta releitura, este ajuste de contas com a “verdade histórica do PS”, permite-lhe, ao retomar a gênese do socialismo argentino, discutir com a reconstrução histórica dominante realizada pela tradição socialista liberal encarnada centralmente no Américo Ghioldi. Desta forma sem negar a figura de Juan B. Justo, García Costa contrapesa-a com a de Alfredo Palácios e outros pioneiros do socialismo como Germán Avé Lalléman, de quem o político e historiador, defende, inclusive, seu apoio à União Cívica Radical (UCR) na província de San Luis.

No caso das leituras dos partidos políticos da matriz comunista, a analogia é semelhante, já que tomam como ponto de partida ao Agrupamento Socialista (Ag. Soc.), mas não já para distinguir entre liberais e nacionalistas a não ser entre reformistas e revolucionários, o que em outros termos segundo seu critério seria entre “berstenianos” e “marxistas”, posteriormente “marxista-leninistas”. A reconstrução histórico-política pode centrar-se na figura de Carlos Mauli, porque é quem de alguma forma personifica este percurso, desde sua origem na Ag. Soc., passando pelo Partido Socialista (PS) até formar o Partido Socialista Internacional (PSI), comunista.

Segundo estas leituras, no socialismo desde suas origens se teriam manifestado, o que em termos maoístas seria uma luta de linhas, entre uma concepção socialista reformista e uma marxista revolucionária, tendo sido esta parcialmente derrotada a partir do triunfo do “justismo” no II Congresso do PS, mas que ressurgiu com novos bríos na ruptura socialista internacional de 1917. De uma forma um pouco mais contraditória esta leitura pode ser expressa também pela figura de José Ingenieros, Secretário Geral do PSOI, membro da asa esquerda do PS triunfante em seu primeiro congresso, editor de *A Montanha*, o periódico dos socialistas revolucionários, quem abandona a ação política, mas independentemente de seu positivismo, adere e defende à Revolução Russa de 1917.

Recordemos o que colocamos no balanço da literatura no capítulo anterior, entre os comunistas “oficiais”, quer dizer o PCA, é Rodolfo Ghioldi, quem publicou com motivo do centenário do nascimento de Justo em 1965, o livro *Juan B. Justo*, onde embora critique à líder socialista como reformista, ressalta um conjunto de virtudes como sua lucidez, sua defesa do proletariado e seu enfrentamento com as classes dominantes. Para o histórico dirigente comunista:

“Justo foi um reformista, mas nunca um reformista comum e ordinário, nem muitíssimo menos comparável aos dirigentes socialistas da direita. Seu reformismo não procedia de uma ausência de ódio à burguesia, à oligarquia e ao imperialismo, mas sim de sua incompreensão dos problemas da revolução argentina, em particular. Essa limitação, vinculada a seu desalinhamento global frente ao materialismo dialético, empurrou-o a Justo a posições reformistas, mas ainda dentro delas, Justo conduziu uma luta, muitas vezes enérgica e resolvida, contra as classes dominantes” (Cf. Rodolfo Ghioldi, *Revista Nova Era*, Buenos Aires, Julho de 1965, citado por Ratzer 1969: 163 e pela Pla 1986: 52).

Esta dialética entre crítica política e admiração é a que dominou a interpretação dos comunistas sobre Justo. Não encontramos uma releitura e ruptura real da continuidade justista entre a tradição liberal progressista e a socialista.

Em Jorge Ratzer, de cosmovisão comunista revolucionária, expressa também por Otto Vargas, se por outro lado encontramos uma busca de signos de ruptura entre ambas as tradições, o que lhes permite realizar uma releitura mais clara apoiada em uma linha de continuidade das origens revolucionárias até a atualidade. Alberto J. Pla, da historiografia marxista, mantendo-se na linha de Ratzer, também expressa que houve uma luta permanente entre revolucionários e reformistas de dentro e fora do PS.

O que têm em comum a releitura política dos comunistas, o PCA e o PCR e Pla, é que nas três, embora na deste último é mais crítica de Lallemand mas para depois também reivindicá-lo, é que cristalizam de uma maneira muito transparente as posições reformistas e revolucionárias nos origens do socialismo argentino, sendo que na realidade tanto as pessoas como as idéias elaboradas por estas, estavam atravessadas de uma maneira, poderíamos dizer, mais transversal. Em um período de construção, mudanças e luta de classes em um modelo econômico “bem-sucedido, mas excludente” necessariamente tudo estava muito mais misturado. Uma anedota simples mostra-nos em certa forma o afirmado, a própria Alicia Moreau de Justo, considerada um bastião do reformismo pelo conjunto dos grupos da matriz comunista, quando a juventude do PS pretende filiá-la ao partido, logo depois de quinze anos de trabalho da doutora junto aos principais líderes partidários, ante a proposta de José Mimado:

“A doutora os atende com amabilidade [aos jovens do PS] escuta sua solicitude atentamente, percorre-os um por um pelo olhar e de maneira singela mas terminante responde: me filiar eu? Ah não, de maneira nenhuma! O Partido Socialista é reformista, e eu sou uma revolucionária. (Cf. Luna 1999:52)

Pla, além disso, expressa um reflexo quase automático e imediato das idéias de Berstein em Justo, que deveria ao menos problematizar. Minha ênfase em diferenciá-lo a Justo de Berstein e aproximá-lo do reformismo de Jeán Jaures, não pretende ocultar que o pacifismo de Justo tem elementos comuns com o do alemão, fundamentalmente na idéia sobre a possibilidade de um trânsito pacífico do capitalismo ao socialismo. Justo está convencido que a expansão do sufrágio universal permite esse progresso pacífico:

“O sufrágio universal é um fenômeno histórico novo. Nunca antes a classe servil participou da formação e no exercício do governo. Não fez a sessão a burguesia do poder político mediante o voto mas sim pelo enriquecimento e a instrução.

O voto de todos os cidadãos, compreendido o das mulheres, é uma ação cada vez mais necessária para a vida normal dos povos. Assim que ele é vivo, pode falar-se corretamente da vontade social (...) todo progresso é pacificamente possível mediante o sufrágio universal”. (Cf. Juan B. Justo, *Teoria e Prática da História*; citado por Lua 1999:29)

A necessidade da expansão da democracia e a cooperação livre com as possibilidades de reformas políticas, econômicas e sociais, como condições para a tomada do poder, mostram-nos uma ausência de teoria revolucionária em Justo e sem esta o socialismo viria como por obra de uma evolução quase “natural” das sociedades, subestimando as forças de quem luta contra o socialismo e a capacidade de recomposição do capitalismo.

A *História do Socialismo argentino* de Jacinto Oddone, ao ser, mas bem descritiva que analítica, dificulta observar se houver ruptura ou continuidade entre os socialistas argentinos, colocando a formação do Partido Socialista em 1894 e seu Congresso Constituinte em 1896. É uma fórmula confusa porque o Partido Socialista já existiria antes de seu Congresso Constituinte. Distinto é o caso de Emilio Corbière ou da Dra. Alicia Moreau de Justo para quem antes de 1896, houve precursores do socialismo, para começar a haver Partido Socialista propriamente dito, só a partir desse ano. A historiografia socialista dominante, tanto a elaborada de dentro do próprio PS, assim como grande parte da literatura acadêmica, excluem de fato a origem revolucionária dos socialistas, silenciando, de maneira deliberada ou não, o caráter marxista de muitos destes grupos e pessoas.

É em função deste nó problemático que elaboramos o segundo argumento. A

matriz socialista argentina, sem dúvida, tem inegáveis relações com o marxismo as quais foram silenciadas por grande parte dos socialistas como da literatura acadêmica. Uma primeira esta relação dada em que os rasgos capitalistas atribuídos à sociedade argentina, a visão sobre as possibilidades de expansão do capital assim como a necessidade dos trabalhadores argentinos de vender sua força de trabalho no mercado submetendo-se à lei do salário, que é a expressão fenomênica do valor dessa força de trabalho, têm uma clara estampagem marxista. Encontramos um vínculo transparente entre estas idéias e as expostas por Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista em 1848:

“Na mesma proporção que se desenvolve a burguesia, quer dizer, o capital, desenvolvesse também o proletariado, a classe dos operários modernos, que não vivem a não ser na condição de encontrar trabalho, e o encontram unicamente enquanto seu trabalho acrescenta o capital. Esses operários, obrigados a vender-se ao detalhe, são uma mercadoria como qualquer outro artigo de comércio, sujeita, portanto, a todas as vicissitudes da competência, a todas as flutuações do mercado” (Cf. Marx e Engels 1987: 98-99)

A segunda está dada na mesma primeira editorial de *A Vanguarda* quando se afirma que está suprimida toda solidariedade de interesses entre trabalhadores e patrões, o que expressa a ruptura política entre a burguesia e o proletariado tal qual tinha sido enunciado por Karl Marx e Federico Engels, no mencionado manifesto redigido para a Liga dos Comunistas:

“Nossa época, a época da burguesia, distingue-se, entretanto, por ter simplificado as contradições de classe. Toda a sociedade vai dividindo-se, cada vez mais, em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes, que se enfrentam diretamente, a burguesia e o proletariado” (Cf. Marx e Engels 1987: 94).

Uma terceira relação aparece nas idéias como as de construção partidária, tira do poder político e reformas econômicas, políticas e sociais no caminho para o socialismo; assim como a transparência em seu programa eleitoral da defesa já não de uns inexistentes interesses gerais da sociedade mas sim os interesses da classe trabalhadora. Os socialistas entendem que a classe se constitui no terreno da política a semelhança de outros partidos socialistas do mundo.

“(...) toda luta de classes é uma luta política (...) Esta organização do proletariado em classe, e, portanto em partido político, volta sem cessar a ser escavada pela competência entre os próprios operários. Mas ressurge, e sempre mais forte, mais firme, mais potente”. (Cf. Marx e Engels 1987: 101)

A vontade política de participar do Congresso de Londres da Internacional, assim como a presença de um delegado pela Argentina, Alejo Peyret, educador exilado francês do golpe de estado de Luis Bonaparte em 1851, no Congresso Internacional Operário de Paris de 1889, organizado por Guesde, indicam-nos um quarto elo relacional entre o marxismo e as origens do socialismo argentino.

Quadro 28. Agrupamentos, periódicos e principais dirigentes na gênese do socialismo argentino (1880-1896)

Agrupamento	Periódico	Principais dirigentes	Delegados ao Primeiro Congresso do PS	Fundação
	<i>El Proletario. Periódico semanal político, literário e de variedades. Por uma sociedade da classe de cor, dirigido por Lucas Fernández. Publicou 8 números.</i>	Lucas Fernandes		1858
	<i>El Artesano</i>			1863
Asociación Internacional de Trabajadores – Sección Francesa (AIT-SF)	<i>El Trabajador</i>			Setembro de 1872
Asociación Internacional de Trabajadores – Sección Española (AIT-SE)				1873
Asociación Internacional de Trabajadores – Sección Italiana (AIT-SI)				1873
Asociación Internacional de Trabajadores – Sección Córdoba (AIT-SC)				1874
Grupos marxistas que habían pertenecido a las	<i>La Vanguardia dirigida por Eduardo Camaño, marxista;</i>			1879? (LV);1888 (LO); 1883

AIT	<i>La Lucha Obrera e Le Proletaire</i>			(LP)
Club "Vorwarts" (CV) alemanes	Vorwarts aparece entre o 2 de outubro de 1886 ao 15 de março de 1901. Primeiro diretor: A. Uhle	Augusto Latzke; Carlos Muske; Teodoro Weber	Alwin Kahle; Juan Schaefer e S. Feldman	Dezembro de 1881
Federación Obrera Argentina (FOA)	El Obrero periódico para a defesa da classe trabalhadora, em espanhol. Editado por Germán Avé Lalléman, G. Braun e Estebán Jiménez. Primeiro número 12 de dezembro de 1890 e último, oitenta e oito, o 24 de setembro de 1892.			Janeiro de 1891
Les Egaux Franceses	L'Égalité y L'Avenir Social. O primeiro número é de dezembro de 1894 e seu diretor foi Aquiles Gambier.	Adam Dembrowsky; Jorge Ballet; Carlos Mauli	Jorge Ballet e Enrique Thull	1891
Sección Varia (SV)- Agrupación Socialista- Partido Obrero – Sección Buenos Aires (Ag.Soc-PO-Sec.BA) - Centro Socialista Obrero (CSO) – Partido Socialista Obrero Internacional (PSOI) – Partido Socialista Obrero Argentino (PSOA)	El Socialista , administrador Carlos Mauli; secretario Germán Avé Lalléman; La Vanguardia , periódico socialista científico defensor da classe trabalhadora; publicada desde o 7 de abril de 1894, Órgano primeiro da Ag.Soc. e do CSO, o 6 de março de 1896 foi cedida al PS	Carlos Mauli; Augusto Kuhn; Gotoldo Kummel; posteriormente adhieren Juan B. Justo; Germán Avé Lalléman; Ángel Jiménez; José Ingenieros e Leopoldo Lugones.	Juan B. Justo y Domingo Risso (CSO)	1891 (SV); 14 de dezembro de 1892 (Ag.Soc.-PO-Sec.BA); 14 de julho de 1894 (CSO); PSOI abril de 1894; PSOA 13 de outubro de 1895.
	Primero de Mayo. Socialista. Paraná. Único número. Dirigido por Diego J. Valle.			1893
Fascio dei lavoratori (Fdl) – Circolo Socialista Italiano (CSI) italianos	La Giustizia (Fdl) y La Reivindicazione (CSI)		Enéas Arienti e Carlos Mauli	8 de abril de 1894
Centro Socialista Universitario (CSU)		Secretario: José Ingenieros; Ángel M. Giménez, vocal.	José Ingenieros e Nicanor Sarmiento	7 de dezembro de 1894
Centro Socialista de Bahía Blanca (CS-BB)				1894

Centro Socialista Revolucionario de Barracas al Norte (CSR-BN)		Impulsionado por miembros do CSO	Antonio Piñero e Ramón Potau	1 de junho de 1895
Centro Socialista de Balvanera (CS-B)		Impulsionado por miembros do CSO	Santiago Risso e Francisco Dagnino	Julho de 1895
Centro Socialista Obrero Internacional de Córdoba (CSOI-Cba.)			Leopoldo Lugones y Ángel M. Gimenez	Setembro de 1895
Centro Socialista de Quilmes (CS-Q)			José M. Lebrón e Nicolás Bottari	1895
Centro Socialista de Tolosa (CS-To)			Miguel E. Fondevila e A. Manresa Herrero	1895
Centro Socialista de Tucumán (CS-T)			Roberto J. Payró	1895
Centro Socialista "Carlos Marx" de Los Corrales (CS-CM-LC)			Antonio Chacón	1895
Club "Vorwarts"-Rosario (CV-R)			N. Frank	1895
	<i>El Porvenir Social.</i> <i>Semanario Socialista. A cada um em proporção ao trabalho realizado.</i> Rosario, editor responsable: Julián Nicolás.			Janeiro de 1896
	<i>El Socialista.</i> Órgano defensor do Partido Socialista Obrero, Paraná.			2 de fevereiro de 1896
Centro Socialista de Estudios (CSE)		Secretario Roberto J. Payró; Bibliotecario Leopoldo Lugones; Antonio Piñero		19 de mayo de 1896
Centro Socialista de Junín (CS-J) – Centro Social Democrático (CSD)		Juan B. Justo (CSD)	Juan Toulousse	Junho de 1896 (CS-J); 1900 (CSD)
Centro Socialista de San Fernando y de Tigre		Maestro Manuel Méyer González	Carlos Algelt e Manuel	1896

(CS-SFyT)			Méyer González	
Centro Socialista de Pilar (CS-P)			Ángel de Jannicelli e Vicente Rosáenz	1896
Centro Socialista de San Antonio de Areco (CS-SAA)			José Piccaluga y Miguel Pizza	1896
Centro Socialista de San Bernardo (CS-SB)			Andrés Abella e L. González	1896
Centro Unión Gremial Obrera Socialista de Paraná (CUGOS-P)			Adrián Patroni e Antonio Varela	1896

Fonte: Elaboração própria sobre a base de Oddone (1983), García Costa (1985) e Cúneo (1994)

b. O Congresso do Partido Socialista de 28 e 29 de junho de 1896.

O mapa dos partidos, periódicos e associações socialistas na Argentina nos marca em que situação os socialistas argentinos chegam ao que embora não foi seu Congresso originário, foi seu Congresso mais importante e o que marca sem dúvida um ponto de inflexão na organização partidária socialista argentina. Além disso, expõe o grau de consciência e organização dos setores subordinados da sociedade, assim como nos mostrará os perfis dos diferentes setores que formarão nos dias 28 e 29 de junho de 1896 o Partido Socialista (PS).

Então, como demonstramos o Partido Socialista precede a seu Primeiro Congresso e vai ser logo depois das eleições de 8 de março de 1896, que o Comitê Executivo do Partido Socialista Operário Argentino (PSOA), que tinha realizado várias assembléias e ao menos uma convenção decide preparar o congresso partidário no salão *Vowärts* na cidade de Buenos Aires. Tendo em vista seu próprio processo de construção, foram convidados agrupamentos socialistas e agrupamentos corporativos que não tinham aderido ao partido. A fórmula redigida por Juan B. Justo tinha elementos do socialismo internacional marxista já que se emoldura no terreno da luta de classes do proletariado para obter sua emancipação e para limpar qualquer dúvida frente aos anarquistas, expõe a necessidade da ação política além da corporativa:

“Formula-a de adesão a este Congresso é a mesma adotada pelos congressos operários internacionais que se celebram na Europa: no terreno da luta de classes que sustenta o proletariado para chegar a sua emancipação, reconhecer a necessidade da ação política e a ação corporativa (...)

A adesão ao Congresso não implica adesão ao Partido. Sua sociedade será considerada como não formando parte do partido, e seus delegados no Congresso só terão voz e voto nas questões econômicas, a menos que façam uma declaração expressa de adesão a nossa organização política” (Cf. Oddone 1983: 58)

Além dos trinta e cinco delegados provenientes dos agrupamentos socialistas¹⁹⁹ eleitos um a cada cem membros ou fração maior a cinquenta participaram também dezesseis organizações corporativas e cooperativas com um total de cinquenta e uns delegados²⁰⁰. Entre eles destacamos tipográficos como Esteban Jiménez, que editou *A Vanguarda*, Adam Dembrowsky, membro de *Les Egaux*, mas que participou do Congresso pela Sociedade Francesa de Artes Gráficas, Francisco Cúneo e Gabriel Abad delegados mecânicos e Miguel Pizza, membro do Comitê Executivo do PSOA, que figura como delegado da sociedade de funileiros e do Centro Socialista do Santo Antonio do Areco (CSSAA). A importância da lista de nomes radica em que nos permite visualizar a que setores do movimento corporativo organizado chegava o PS no momento de seu Congresso, qual era sua composição social e poderia servir de apoio para compará-los com os grêmios influenciados pelos anarquistas. Observamos que as maiorias dos trabalhadores estão empregados no setor serviços e que virtualmente não há operários industriais pela própria situação da formação econômico-social argentina.

Uma segunda observação é de caráter mais político. Germán Avé Lallemant, que

¹⁹⁹ Ver a lista de nomes dos delegados membros de agrupamentos socialistas no Quadro 1. Agrupamentos, periódicos e principais dirigentes na gênese do socialismo argentino (1880-1896) neste mesmo capítulo.

²⁰⁰ A seguir a lista de nomes completa das sociedades participantes e seus delegados, excluindo os delegados dos agrupamentos socialistas mencionados anteriormente. *Fomento Tipográfico*: três delegados Esteban Jiménez, Manuel Bua e Emilio Ferrando; *Sociedade Francesa de Artes Gráficas*: um delegado Adam Dembrowsky; *Sociedade de Correios*: um delegado Manuel F. García; *Sociedade Construtores de Carros*: três delegados Venancio Pérez, Juan B. Cantón e Juan Duinidou; *Sociedade do Bronceiros*: dois delegados Ricardo Gallart e José Margall; *Sociedade de Mecânicos*: quatro delegados Jorge Guichant, Francisco Cúneo, Gabriel Abad e N. Mujica; *Cooperativa de Tolosa*: dois delegados Valerio Colmeiro e M. Bousquet; *Sociedade de Vidreiros*: três delegados, Juan Sai, Julho Kuirchevek e Félix Conde; *Sociedade de Fideiros*: dois delegados José Belgiorno e Miguel Pego; *Sociedade de Carpinteiros*: dois delegados José Casot e Raúl Hoschek; *Sociedade de Condutores de Tráfico*: três delegados Ricardo Cardalda, Mateo Guerrero e Antonio Fernández; *Seção Alemã de Artes Gráficas*: um delegado Gillmeyer; *Sociedade de Toneleiros*: um delegado Vicente Rosáenz; *Sociedade de Funileiros*: dois delegados Miguel Pizza e José Genta; *Sociedade de Curtidores*: dez delegados Juan Labourdette, Juan M. Sai, Eduardo Valmak, Benjamim Puiles, Domingo Arroyo, Clemente Lorenzo, Adrián Perry, Batista Laucourt, Francisco Marti e Manuel Gil e a *Sociedade Construtores de Corruajes*: dez delegados Alejandro Lecarpintier, Buenaventura Benito, Silvestre Faure, Carlos Arienti, Augusto Charón, León Barlog, Ernesto Bucher, Alejandro Ponti, Guillermo Schuwert e Francisco Trucco.

Além do mencionado caso de Miguel Pizza, observamos que Vicente Rosáenz figura como delegado do Centro Socialista de Pilar e da Sociedade de Construtores de Carruagens e Juan Sai, figura desta forma como delegado da Sociedade de Vidreiros e como um Juan M. Sai aparece na Sociedade de Curtidores, acreditam que se trata da mesma pessoa.

tinha sido candidato na eleição pelo PSOA impulsionado pelos Centros Socialista Operários de Balvanera e de Pilar e pelo Clube *Vowärts*, não participou como delegado do Primeiro Congresso do Partido Socialista e na província de San Luis onde residia não constituiu Centro Socialista algum, entretanto, não abandonou a luta política.

Em 1890 tinha participado da cidade de San Luis capital da União Cívica Popular (UCP) da qual foi secretário; em 1905 seria eleitor na Capital pela lista União Provincial (UProv.) e em 1908 seria membro da Mesa Diretiva da União Cívica Radical (UCR). Evidentemente tinha diferenças políticas com quem decidiu construir o PS na Argentina e em relação com a política para outros partidos como a UCR. Na polêmica entre Justo e o italiano Enrico Ferri a respeito da necessidade de existência de um Partido Socialista na Argentina podemos induzir que o alemão está mais perto do segundo. Isto já era afirmado por Lallemant em *A Vanguarda* de 28 de junho de 1894:

“(...) o partido radical é hoje o elemento revolucionário na República Argentina, nascido da crise econômica, e encarregado de transformar nossas instituições políticas em formas estritamente ajustadas aos interesses capitalistas (...) Se os radicais nos temerem e nos olham de esguelha, nos é muito simpática sua luta a favor da democracia, embora não seja mais que da democracia burguesa. Nós somos os partidários mais decididos da democracia, embora não participamos de suas ilusões” (citado por García Costa 1985; 18-19).

Utilizando este parágrafo podemos abordar os matizes dentro dos socialistas na Argentina de uma maneira mais complexa porque se dá a seguinte paradoxo: o “ícone esquerdista” Germán Avé Lallemant, fundador e sustentador do periódico *O Operário*, colunista na revista da social democracia alemã dirigida pelo “primeiro Karl Kautsky”, quem fora tão destacado organizador das primeiras atividades socialistas no país, marxista confesso, não participa do Congresso mais importante realizado até o momento por agrupamento socialista alguma no país, e sem abandonar a atividade política, não organiza um centro socialista em sua cidade San Luis e apóia a “partidos de base popular, mas burgueses como o radicalismo desde a esquerda”.

Por outra parte, o “ícone do revisionismo”, Juan B. Justo, é partidário da organização de um capitalista PS na Argentina dadas as condições capitalistas do país, expondo a necessidade do proletariado de organizar-se de maneira independente do Estado, de todo interesse burguês ou pequeno-burguês, sem por isso acreditar que em todos os casos e em todas as questões estão opostos aos do proletariado.

Desta forma, simplesmente, pretendo reforçar a idéia exposta anteriormente: as

diferenças entre revolucionários e reformistas não estavam tão claramente delimitadas, depende bastante dos posicionamentos políticos concretos, nos diferentes momentos históricos.

Coincidimos com a Pla quando afirma que tanto Lallemand como Justo têm uma “visão etapista”, no sentido que é necessária uma etapa capitalista para o posterior desenvolvimento do socialismo, entretanto, esta coincidência geral não resulta em coincidências na política específica. Esta visão “economicista” é a que faz Lallemand apoiar o radicalismo como o partido burguês “anticonservador” mais puro, já que justificaria no plano político o que ocorre nas relações sociais, enquanto que Justo embora tenha idéias semelhantes, a economia argentina é dinâmica e moderna e a política crioula significa o atraso, tira uma conclusão contrária, expressa a necessidade da independência política dos trabalhadores.

A visão etapista de Avé Lallemand é a que explica sua postura frente ao radicalismo:

“Obedecendo à ação civilizadora do capital se elevou a União Cívica, levantando o regime puro da sociedade burguesa (...) Começa pois neste país a era da dominação burguesa até hoje claudicada por tradições caudilhescas hispano-americanas. Esta era do regime burguês puro importa sim um grande progresso, e nós que confessamos a lei fundamental do materialismo dialético, de que a história da humanidade é um desenvolvimento infinito, em que, de um estado alcançado se vem desenvolvendo o subsequente, e que sabemos que no capitalismo e na sociedade burguesa mesma, já se acham em vigoroso processo de desenvolvimento os germes da futura sociedade comunitária, cuja realização é o objetivo final de nossos esforços e desejos, nós aclamamos a nova era com satisfação.

Mas nós sabemos também que a história não é outra coisa que a luta de classes; que a era do regime da burguesia pura não importa outra coisa, mas sim uma crescente apropriação do trabalho não pago em forma de mas-valia e a exploração mais intensiva da força de trabalho dos operários (...)” (Cf. García Costa 1985:42; citado em parte pela Pla em *Cadernos do Sul* 4 1986: 45; ambos tirados do Operário 1 de 12 de dezembro de 1890)

No Primeiro Congresso do PS, corresponde a Juan B. Justo expor em nome do Comitê Executivo o relatório político onde entre outras coisas afirma como uma vantagem para o socialismo argentino, o ter podido aprender da experiência histórica dos partidos socialistas europeus:

“Começamos trinta anos depois que os partidos socialistas da Europa, e por quão mesmo começamos tarde, devemos começar melhor, aproveitando de toda a experiência já acumulada no movimento operário universal. Pouco faríamos se nos déssemos o mesmo ponto de partida que tiveram as ideias socialistas na Europa. Para ver como evoluiu o movimento operário, o melhor é comparar o da Inglaterra, Alemanha e Bélgica. Na primeira começou como movimento corporativo, e assim se conserva, sendo isto uma das causas de seu estancamento e de seu atraso; na Alemanha preponderou o caráter político do movimento, e nessa forma adquiriu seu grande desenvolvimento; na Bélgica, onde começou depois, ao caráter corporativo e político, adiciona-se de um princípio o elemento cooperativo, e nesta forma chega a adquirir uma importância relativa maior que em qualquer outra parte. Devemos procurar nosso modelo na forma mais recentemente adotada pelo movimento operário, e as ideias socialistas, neste país virgem de ideias, tomarão assim uma importância principal, se não decisiva. Notemos que insignificante como é nosso partido, é o único que representa no país ideias positivas e de governo” (citado por Oddone 1983: 61-62)

Neste mesmo Congresso, tomaram um conjunto de resoluções específicas, como nomear o Comitê Executivo, elaborar uma Declaração de Princípios e um novo Programa Mínimo e provar os Estatutos do PS. A Declaração de Princípios²⁰¹, já

²⁰¹ Reproduzimos uma vez mais a mencionada declaração devido a sua importância:

“O Partido Socialista, representado por seus delegados reunidos em Congresso afirma:

*Que a classe trabalhadora é oprimida e explorada pela classe capitalista governante.
Que esta, proprietária como é dos meios de produção e dispondo de toda a força do Estado para defender seus privilégios, apropria-se da maior parte do que produzem os trabalhadores e lhes deixa só o que necessitam para poder seguir servindo na produção.
Que por isso, enquanto uma minoria de parasitas vive no luxo e a vadiagem, os que trabalham estão sempre na insegurança e na escassez, e muito usualmente na miséria.
Que na República Argentina, apesar da grande extensão de terra inexplorada, a apropriação individual de todo o chão do país estabeleceu totalmente as condições da sociedade capitalista.
Que estas condições estão agravadas pela inépcia e rapacidade da classe rica, e pela ignorância do povo.
Que a classe rica, enquanto conserve sua liberdade de ação, não fará a não ser explorar cada dia mais os trabalhadores, no que ajudam a aplicação das máquinas e a concentração da riqueza.
Que, por conseguinte, ou a classe operária permanece inerte e é cada dia mais escravizada, ou se levanta para defender desde já seus interesses imediatos e preparar sua emancipação do jugo capitalista.
Que não só a existência material da classe trabalhadora exige que ela entre em ação, mas também altos princípios de direito e justiça incompatível com a atual ordem de coisas.
Que a liberdade econômica, base de toda outra liberdade não será alcançada enquanto os trabalhadores não sejam donos dos meios de produção.*

exposta no capítulo 1, foi objeto de importantes controvérsias.

Aprofundaremos o esboçado no primeiro capítulo, em ocasião de apresentar a matriz socialista argentina, a partir de realizar umas breves observações sobre a presente declaração.

Esta Declaração de Princípios é o ponto de partida programático mais general do socialismo argentino; todos os partidos socialistas e suas frações defenderam esta declaração. Independentemente dos diversos marxismos cunhados por seus dirigentes em diversas épocas históricas, é evidente a estampagem marxista desta declaração que foi corrigida de punho e letra pelo próprio Engels²⁰².

Os dois parágrafos que mencionaremos a seguir, formaram parte da declaração de princípios emanada do Primeiro Congresso do Partido Socialista e a controvérsia se centro nos métodos de ação. O penúltimo parágrafo, que é a conclusão política do expresso no anterior foi motivo de múltiplas polêmicas e controvérsias entre os socialistas. Os impulsores desta redação final foram os setores encabeçados por um lado por Leopoldo Lugones e José Ingenieros, e por outro por Adrián Patroni²⁰³, que, entre

Que a evolução econômica determina a formação de organismos de produção e de mudança cada vez maiores, em que grandes massas de trabalhadores se habituem à divisão do trabalho e à cooperação.

Que assim, ao mesmo tempo em que se afasta para os trabalhadores toda possibilidade de propriedade privada de seus meios de trabalho, formam-se os meios materiais e as idéias necessárias para substituir o atual regime capitalista com uma sociedade em que a propriedade dos meios de produção seja coletiva ou social, em que cada um seja dono do produto de seu trabalho, e à anarquia econômica e ao sob egoísmo da atualidade aconteça um planejamento científico da produção e uma elevada moral social.

Que esta revolução resistida pela classe privilegiada, pode ser levada a cabo pela força do proletariado organizado.

Que enquanto a burguesia respeite os atuais direitos políticos e os amplie por meio do sufrágio universal, o uso desses direitos e a organização da resistência da classe trabalhadora serão os meios de agitação, propaganda e melhoramento que servirão para preparar essa força.

Que por este caminho o proletário poderá chegar ao poder político, constituirá essa força, e se formará uma consciência de classe que lhe servirá para praticar com resultado outro método de ação quando as circunstâncias o façam conveniente.

Portanto:

O Partido Socialista chama o povo trabalhador a alistar-se em suas filas de partido de classe, e desenvolver suas forças e preparar sua emancipação sustentando o seguinte programa mínimo (...) (Cf. Oddone 1983: 64-65)

²⁰² Víctor García Costa em uma entrevista com o autor relata que em uma viagem a Europa por razões políticas, para a reunião da Internacional Socialista, durante a última ditadura militar (1976-1983), ele mesmo encontrou no arquivo do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) documentação sobre as correções de punho e letra de Engels ao programa. (Víctor García Costa, entrevista realizada pelo autor, 11 de dezembro de 2003 na Cidade Autônoma de Buenos Aires).

²⁰³ Alicia Moreau de Justo, em 1983, afirma que foi justamente a aliança entre os “verbalistas revolucionários”, Lugones e Ingenieros e os marxistas como Augusto Kuhn e Adrián Patroni, o que permitiu passar na moção. Não é casual seu desprezo pelos esquerdistas, mais que por “macartismo” por pacifismo, nem informa que maneira se produz a influência de Kuhn, uma que não foi delegado no Congresso. Além disso, sua qualificação de “marxistas” a estes dois últimos, oculta que entre quem defendia a moção de Justo também havia marxistas. No livro afirma que Emilio Corbière já trato a polêmica neste Congresso mas não fornece a referência, só cita dois livros na bibliografia.

outros, fizeram passar o despacho contra a moção redigida por Juan B. Justo. Reproduzimo-los agora de maneira isolada para poder compará-los.

“Que enquanto a burguesia respeite os atuais direitos políticos e os amplie por meio do sufrágio universal, o uso desses direitos e a organização da resistência da classe trabalhadora serão os meios de agitação, propaganda e melhoramento que servirão para preparar essa força.

Que por este caminho o proletariado poderá chegar ao poder político, constituirá essa força, e se formará uma consciência de classe, que lhe servirá para praticar com resultado outro método de ação quando as circunstâncias o façam conveniente” (Cf. Oddone 1983: 65)

A moção de Justo por sua parte afirmava:

“Que enquanto a burguesia respeite os atuais direitos políticos, essa força consistirá na aptidão do povo para a ação política e a associação livre. Que este é o caminho pelo qual a classe operária pode chegar ao poder político, e o único que a pode preparar para praticar com resultado outro método de ação, se as circunstâncias o impõem” (Cf. Moreau de Justo 1983: 196-197).

A discussão estava centrada, então, nos métodos de ação política, o uso dos mecanismos legais, os direitos políticos e até onde estes podem ser utilizados. Os dois grupos são favoráveis à ação política e à utilização dos mecanismos legais “arrancados” à burguesia.

As diferenças entre as propostas radicam na caracterização da democracia como um meio ou como um fim.

A moção triunfante visualiza a democracia como um meio para preparar a força proletária, criar consciência de classe e colocando de uma forma quase inexorável no comprido agrado a possibilidade de realizar “outros métodos de ação”, não especificados, pressupomos violentos e ilegais, para os quais independentemente da aprovação do parágrafo, a forma de organização do PS não estava preparado e para o qual o grupo triunfante não elaborou nenhuma estratégia.

A proposta minoritária, impulsionada por Justo, expor a necessidade de organizar essa força do proletariado em aptidão do povo para a política e a associação livre, o cooperativismo, entendido como único caminho para pensar em caso que as circunstâncias o obriguem outras formas de ação.

O próprio Justo não descartava adotar outra forma de ação se as circunstâncias o

obrigavam, mas inclusive para a classe poder realizar essas outras ações é a ação política e a associação livre a que pode prepará-la para que essa ação seja eficaz. Entretanto, sublinhamos que é difícil pensar em outras formas de ação, se a utilização dos direitos políticos é nos fatos o único caminho possível.

Delimitam-se dois terrenos, um que deixa aberta a possibilidade a outras formas de luta além da legal, mas “sem preparar-se para isso” e outro legalista, institucional, mas que se mostrará impotente para enfrentar fraudes e rupturas institucionais. É a declaração do PS contra o golpe de Uriburu em 1930, não o aceitam, mas admitem que não podem enfrentá-lo.

Ao ser derrotado em suas posições, Juan B. Justo, não aceita nenhum lugar na direção do recente partido.

Durante a evolução do PS observaremos que a posição política socialista reformista e parlamentarista se consolida, não sem contradições, a partir do II Congresso. É precisamente neste, realizado nos dias 12 e 13 de junho de 1898, que se suprimiu o parágrafo mencionado, entretanto, no VI Congresso, realizado em 24 e 25 de junho de 1905, presidido por Enrique del Valle Iberlucea, que posteriormente formará parte da fração “tercerista”, defensor da Revolução Russa de 1917 e do ingresso do PS a III Internacional logo depois da ruptura dos comunistas, aprova-se a seguinte resolução que contrasta com a aprovada no II Congresso:

“Ação de classe do Partido Socialista. O Congresso declara que afirma uma vez mais seu caráter de partido de classe, sua tendência profundamente revolucionária e sua vontade de chegar à emancipação absoluta do proletariado empregando todas suas forças para organizar-se econômica e politicamente para a luta, sem excluir no último caso todo outro meio de ação que as circunstâncias lhe aconselhem” (Cf. Moreau de Justo 1983:37/38)

Muitos anos depois, o Partido Socialista Popular (PSP), sob a Secretaria Geral de Guillermo Estévez Boero, a começos dos anos 80 adiciona a esta declaração uma defesa da constituição e das instituições democráticas, enquanto que Alicia Moreau de Justo coloca, da Confederação Socialista Argentina, em 1983, como oficial a declaração aprovada no II Congresso do PS. (Cf. s/d: Declaração de princípios do PSP²⁰⁴ e Moreau de Justo 1983: 196-197).

²⁰⁴ s/d (sem data). Sugiro que este documento deve ter sido republicado para a participação eleitoral em 1983 já que se adicionou um parágrafo em defesa da democracia como é obrigado por lei para o reconhecimento jurídico de qualquer partido político e pela ordem cronológica em que vai aparecendo o material nos arquivos da Fundação Socialismo Popular, da Capital Federal, posso inferir a data.

c. Os coletivistas. A Federação Socialista Operária Argentina (FSOA) ou Federação Socialista Operária Coletivista (FSOC)

Nos fins do século XIX e a começo do século XX as divisões no movimento operário argentino ocorrem conforme o movimento operário mundial, fundamentalmente entre os socialistas e os diferentes grupos anarquistas. Os debates sobre o papel da ação política e sua relação com a ação sindical, ao que no caso dos socialistas argentinos deve-se somar sua articulação com a ação cooperativa foi motivos de múltiplas e recorrentes controvérsias.

Estes debates, no socialismo, terão como conseqüências, entre outras, que desde seus inícios o socialismo se reagrupará e gerará cisões. A dificuldade para resolver democraticamente as diferenças internas é um rasgo comum aos partidos da matriz socialista.

Em 1899 se produz a primeira cisão no socialismo argentino, que dá lugar à Federação Socialista Operária Argentina (FSOA), também denominada Federação Socialista Operária Coletivista (FSOC), cujos principais dirigentes foram Francisco Cúneo e Vicente Rosáenz.

Jacinto Oddone, Ricardo Falcón, Alicia Moreau de Justo e Alberto J. Pla, referem-se à mesma desde diferentes pontos de vista. (Cf. Oddone 1983; Falcón 1979; Moreau de Justo 1983 e Pla 1986)

Encontramos uma controvérsia entre Oddone e Moreau de Justo frente a Falcón e Pla, a respeito de quem participa do Segundo Congresso do PS e sobre a data de formação do grupo. Oddone coloca que entre os agrupamentos presentes neste Congresso, realizado nos dias 12 e 13 de junho de 1898, encontra-se o Centro Socialista de Barracas Norte e que seu delegado foi Salvador Lotito (Cf. Oddone 1983:167), enquanto que segundo Falcón assevera que:

“Os afiliados de Barracas não concorrem ao segundo congresso. Entretanto outros centros dissidentes sim o fazem. Derrotadas suas posições no Congresso, unem-se aos já cindidos de Barracas e em novembro de 1898 realizam o Congresso constitutivo da Federação Operária Socialista Coletivista” (Citado pela Pla 1986:63)

Para Oddone, por sua parte a cisão se produz em meados do ano 1899 a partir de quatro agrupamentos partidários, o Centro Socialista Carlos Marx (CSCM), a Sociedade de Curtidores (SC) e os Centros Socialistas de Barracas Norte (CSBN) e de Las Heras (CSLH) e o Congresso realizou-se nos dias 18 e 19 de novembro, mas desse ano.

A preocupação central do Centro Socialista de Barracas Norte era que o partido se afastou de ser um agrupamento operário por priorizar a luta política à econômica e a corporativa. O II Congresso do PS em 1898 censura a atitude considerada fracional e os críticos constituem a FSOC.

A FSOC em um ano formou o Centro Socialista Barracas ao Sul, Avellaneda (CSBS), o Clube Nova Era (CNE) e um Centro Socialista dissidente da paróquia do Pilar (CSDisP). Um de seus dirigentes foi justamente Vicente Rosáenz, que participou como delegado pelo Centro Socialista de Pilar (CSP) no Primeiro Congresso do PS. Integram o grupo, majoritariamente antigos membros do Partido Socialista Operário Argentino (PSOA) que embora estejam de acordo com a Declaração de Princípios e o programa do PS, mantêm diferenças táticas e procedimentais.

A principal diferença tática consistia no papel da ação política, já que o novo partido entendia que não teria que empregar todas as energias na construção partidária, mas sim antes teria que examinar as condições econômicas e políticas do país. Uma consequência de priorizar a política por parte do PS foi a critério da FSOC impor desde muito cedo a necessidade de nacionalização, obter direitos políticos, por parte de quem pretenda ocupar cargos na direção do PS. Sem desconhecer a importância da política os coletivistas consideravam fundamental a consciência econômica dos proletários conscientes.

No plano internacional o Congresso decidiu aderir a Internacional Socialista e ao Congresso de Paris do ano 1900, enquanto que no plano nacional no caso em que o PS queria formalizar a unidade com a federação, seria considerado.

O PS realiza seu Terceiro Congresso em 28 de junho de 1900 e convidada a concorrer a FSOC participou representada por: Enrique Leonardi, Ricardo Caralda, Francisco Cúneo, Vicente Rosáenz e Ángel Balzaretti, realizadas as elucidações correspondentes se fundiram novamente ambos os grupamentos socialistas. Uma das saídas foi a modificação do Estatuto nesse mesmo Terceiro Congresso, criando um Conselho Nacional integrado por um delegado por cada agrupamento aderido ao PS²⁰⁵.

Falcón é o único que elabora uma hipótese explicativa sobre este grupo, a qual é compartilhada por Pla, para quem a FSOC seria uma antecipação da cisão sindicalista revolucionária de 1906. Têm elementos comuns se tivermos em conta que priorizavam a luta econômica por cima da luta política, mas a diferença dos sindicalistas revolucionários “sorelianos”, os coletivistas reconhecem a necessidade de uma organização política poderosa, como apreciamos no relatório que apresentou ao

²⁰⁵ A descrição mais completa da cisão e volta ao PS do grupo conhecido como *os coletivistas*, a FSOC ou FSOA, encontramos-na na *História do Socialismo argentino* de Jacinto Oddone. (Cf. Oddone 1983: 161-166; vol. 2 capítulo X)

Congresso da Federação Vicente Rosáenz.

“A outra parte de elementos [do PS] fomos os que sem desconhecer a necessidade da boa organização política, sustentávamos acima de tudo que devia formá-la consciência econômica, que é a base de toda questão social. Por esta razão apreciávamos nossa força não no número de votos, a não ser no de proletários conscientes” (Cf. Oddone 1983: 163)

d. Alfredo Palácios. O primeiro deputado socialista da América.

Alfredo Lorenzo Palácios será uma das principais figuras do socialismo argentino, embora em algumas ocasiões e quase de um primeiro momento manteve uma relação conflitiva com o PS.

Algumas leituras posteriores ao surgimento do peronismo como as provenientes, primeiro de uma parte do Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV) e outras do Partido Socialista Popular (PSP) como a de Víctor García Costa ou a de Guillermo Estévez Boero, entenderão que no PS conviveram duas correntes uma com características “tendencialmente liberais” e outra com elementos “tendencialmente nacionais”, sendo Justo e Palácios quem respectivamente as expressaria. Isto explicaria, de certa forma, a “autonomia relativa” de Palácios em relação com o partido. García Costa é enfático ao considerar como núcleo explicativo da ruptura do PS de 1958, a coexistência dessas correntes em seu interior.

A eleição de 1904, constitui um fato histórico, já que é eleito Alfredo Palácios como o primeiro deputado socialista da América, em representação da quarta circunscrição eleitoral, o bairro operário de La Boca, onde obtém 830 votos²⁰⁶. Logo depois da cruenta repressão às multitudinárias manifestações tanto socialistas como anarquistas com motivo dos atos de 1 de maio e negar-se a realizar um juramento religioso, assume sua cadeira com as seguintes palavras:

“Era meu ardente desejo que na primeira sessão desta Câmara se trouxesse a expressão de ofensas da gente proletária, que dando um alto exemplo de civismo, elevou-me até esta cadeira cuja posse traz aparelhada um sem-número de responsabilidades” (citado por García Costa 1986: 156)

²⁰⁶ Como expusemos no capítulo 4, o primeiro vereador socialista argentino foi Agustín Reynés, eleito em 23 de novembro de 1903 na cidade de San Nicolás de los Arroyos, na província de Buenos Aires com 65 votos.

O trabalho parlamentar de Palácios, em seu primeiro mandato como deputado nacional e o único deputado socialista entre 1904 e 1908, permitiu a aprovação das seguintes leis de sua autoria: um imposto progressivo às heranças; o descanso dominical; a proibição de estabelecer medidores de água nos cortiços; o não pago de patentes pelas cooperativas; a regulamentação e o amparo do trabalho de mulheres e meninos e o combate à "trata de blancas".

Outros tantos projetos de lei, não foram sancionados, entre eles encontramos: a proposta de derrogação da lei de residência; o estorvo à polícia da potestade em matéria de faltas ou contravenções; o estabelecimento da jornada trabalhista de oito horas; fortes impostos aos botequins e proibição da compra e venda de absinto; o divórcio absoluto; a responsabilidade patronal nos acidentes de trabalho; oferta de impostos aos artigos de primeira necessidade e direitos civis para as mulheres. Participou dos debates combatendo entre outras coisas o serviço militar obrigatório; combateu a lei de alfândega; os créditos para viagens de bispos ao Vaticano; a sanção do estado de sítio e o aumento das dietas, além de solicitar interpelações ministeriais em quatro oportunidades. Além disso, protestou formalmente contra o fechamento do Parlamento realizado pelo presidente conservador, Figueroa Alcorta, em 28 de janeiro de 1908, através de um manifesto:

(...) É uma lei histórica que a violência traz violência. Repudio a de baixo porque não constitui nada estável, mas repúdio com mais energia a de cima, que é a mais consciente e, portanto, mais perigosa. (citado por García Costa 1986: 156)

Do plano político, a defesa da ação política parlamentar, de fato visualizada “como um fim em se mesmo” e o rechaço de todo tipo de violência, quer dizer que o reformismo e o pacifismo, contrariamente ao que sustentam diversas leituras, como a mencionada do García Costa são elementos comuns tanto em Justo como em Palácios. Nosso suposto não nega algumas diferenças, entretanto, não são substantivas, a evolução política de Palácios vários anos depois da morte de Justo em um contexto nacional e mundial completamente diferente permitirão diferenciá-lo dos herdeiros de Justo, fundamentalmente de Nicolás Repetto e Américo Ghioldi.

g. Os Socialistas entre anarquistas, sindicalistas revolucionários e radicais.

As duas expressões do movimento operário no plano mundial a fins do século

XIX e começos do XX eram o socialismo e o anarquismo, divisão que também se manifesta na Argentina.

Neste país de imigração maciça espanhola e italiana os anarquistas em suas diversas variantes, sejam organizacionistas, seguidores de Mikhail Bakunin ou antiorganizacionistas, seguidores de Max Stirner, terão um peso importante da mesma forma que desde 1906 os sindicalistas revolucionários, seguidores de George Sorel.

As diferenças centrais entre socialistas e anarquistas tanto em nosso país como no resto dos países em que se encontram sortes correntes está dada principalmente por entender como necessária ou não à ação política, assim como o papel da violência. dentro dos anarquistas, Julio Godio, um estudioso do movimento operário argentino, interpreta que o triunfo dos partidários da organização contra os do espontaneísmo, é a chave para entender seu fortalecimento.

As idéias centrais dos “anarquistas organizacionistas” consistiam em que a única forma de ganhar nos operários era trabalhar nas sociedades de resistência e impulsionar daí as “greves revolucionárias”; enquanto que as dos “anarquistas antiorganizacionistas” entendiam que o trabalho nos sindicatos diluía o objetivo final, o comunismo anárquico.

Para Bakunin o trabalho nos sindicatos servia como um meio adequado para a propaganda anarquista e como embrião das formas organizativas de desenvolvimento da democracia direta. Os sindicatos seriam para o anarquista russo e seus discípulos como os franceses James Guillaume ou Fernand Pelloutier, o instrumento de guerra mais eficaz contra a burguesia ou como afirmava este último, eram escolas práticas de comunismo. Os sindicatos são concebidos como o elemento principal para uma transição poderíamos adicionar extemporaneamente “sem ditadura do proletariado”²⁰⁷. Por exemplo, para Guillaume os sindicatos eram concebidos uma peça central na transição, como instrumentos de autogestão e de administração popular:

“(...) não só para proteger seu salário contra a rapacidade dos patrões, mas também (...) para garantir-se mutuamente o uso dos instrumentos de trabalho que se encontram em posse de cada grupo e que, por contrato recíproco, passarão a ser propriedade coletiva da federação corporativa em sua totalidade” (citado por Godio 1987: 254-255)

Os espontaneístas no plano da teoria deviam recorrer a teóricos individualistas e de menos peso no movimento como Stiner que afirmava que toda forma de organização

²⁰⁷ Colocamos “extemporaneamente”, porque embora Marx e Engels já tinham cunhado o termo “ditadura do proletariado”, este não vai ter a conotação posterior ao desenvolvimento do conceito do Lenin no *Estado e a Revolução* em 1917.

supunha autoritarismo e hierarquias, o que ao cercear a liberdade das pessoas, quer dizer, individual, afastava-se da proposta anarquista e seu sentido. Os primeiros podiam ao menos dar resposta a dois problemas para o qual estavam impossibilitados os segundos: o auge do sindicalismo e a disputa teórica, ideológica e política com os socialistas.

A hipótese marxista sobre o sujeito social, que expor que é o proletariado o sujeito social que produto da exploração capitalista, no plano extra econômico, no plano político, constitui-se como classe, contrasta com a visão anarquista que se referiam a uma categoria mais ampla que a de proletário, a de explorado. Todos os homens explorados estavam representados em sua ideologia e como negavam a política podiam representar através de sua ideologia não só o operário industrial, mas também toda uma gama de crioulos e imigrantes oprimidos, sem ocupação fixa. Os culpados de todos os males eram o Estado e os patrões ao qual terei que opor a irmandade universal dos explorados, mas para o qual estes deviam enfrentar-se frontalmente contra os portadores da exploração. Havia uma subordinação de sua prática sindical a sua luta contra a ordem existente. Toda essa enorme massa que de fato estava marginada da política tinha um espaço no anarquismo já que consideravam a política própria da burguesia. Faziam das limitações dos operários, através de sua ideologia, virtudes e haveria uma espécie de imanência da consciência revolucionária, coisa rechaçada pelos marxistas.

Para os marxistas, o operário, no terreno econômico estava subordinado, e sem rechaçar a espontaneidade, insistiam na necessidade da organização e à constituição da classe no terreno da política. Tentava-se superar o nível de consciência econômico para produzir uma ruptura nas práticas passando do terreno econômico ao político de onde devia lutar-se pelo poder.

O Estado para os marxistas tem uma função política que é garantir a reprodução da formação econômico-social dominante, não é só uma instituição autoritária como para os anarquistas. Para estes toda atividade política era jogar dentro dos limites da autoridade.

No caso dos socialistas, como Juan B. Justo e os socialistas argentinos, o socialismo era o herdeiro legítimo do melhor da tradição liberal, independentemente dos projetos de classe, motivo pelo qual encontramos elementos de continuidade entre liberalismo e socialismo, para posteriormente pensar a ruptura nestas idéias; neste plano observamos uma influência muito importante da ideologia dominante na época, a do positivismo. Os anarquistas, por sua parte, consideravam que as únicas fronteiras eram as de classe e as bandeiras meros trapos de algodão, enquanto que os socialistas embora rechasassem os símbolos nacionais, fizeram o esforço de articular a história nacional com a imigração para integrá-la em um projeto político, isto significa que os socialistas

argentinos tentaram elaborar uma linha política fazendo o esforço de ter em conta o passado nacional.

Justo entendia que não existia uma coerência entre os progressos econômicos da burguesia portenha e o livre-cambismo com o sistema político, nesta idéia de incoerência coincide como foi mencionado com o Avé Lallemand. Nestas circunstâncias parecesse que o objetivo do PS seria o de adequar a estrutura com a superestrutura, terá que democratizar a vida pública já que a trava ao progresso não seria só a ausência de um partido operário, mas sim a ausência de partidos burgueses modernizadores.

Em 1906, produz-se a segunda cisão entre quão socialistas é conhecida como a corrente “sindicalista revolucionária”, a qual realiza críticas ao PS tanto por seu reformismo como por seu eleitoralismo e tem alguns elementos em comum, embora também divergências tanto com os coletivistas como com os anarcos-sindicalistas ou anarquistas organizacionistas. Coincidem com estes últimos em que não é o partido, mas sim os sindicatos a arma principal da luta operária e com os coletivistas em que deve priorizá-la luta econômica à luta política.

O principal teórico do sindicalismo revolucionário como mencionamos no primeiro capítulo foi George Sorel e a União Geral dos Trabalhadores (UTG) da França respondia a esta ideologia; na Itália, por sua parte, o teórico mais importante foi Arturo Labriola, membro do Partido Socialista Italiano (PSIt) e autoconsiderado marxista. Segundo Labriola:

“Os operários devem lutar para realizar no mundo a forma de igualdade que se desprende das exigências da vida sindical. Devem obrigar à vida a tomar uma forma exclusivamente sindical, ou seja, uma organização dos homens puramente contratual sobre a base da participação técnica na produção econômica” (citado por Godio 1986: 196)

Encontramos relação entre estas idéias e as anarquistas, fundamentalmente as “proudhonianas” a respeito de entender o contrato direto entre produtores como uma relação autenticamente libertária em oposição à idéia de relação coercitiva estatal; o contrato que é voluntário elimina a lei que é coercitiva. Os sindicalistas revolucionários, entretanto, distintamente dos anarquistas “toleram” os partidos políticos operários, mas se para os socialistas a ação sindical está subordinada à política, para os sindicalistas revolucionários o central na luta de classes é o sindicato, a união a partir da situação econômica, enquanto que o partido, que é delimitado como a comunidade ideológica da que pode participar pequeno-burgueses, intelectuais e inclusive burgueses, em síntese, a ação política deve estar subordinada à ação sindical.

A diferença dos anarquistas o método de luta dos sindicalistas revolucionários é a “greve política”, expressão concentrada da violência irracional das massas, diferenciando a da “greve revolucionária” anarquista. Tomando como argumento a leitura de uma carta de Marx a Hamman em 1869, um operário metalúrgico, procuram resgatar o revolucionário de Tréveris de seus intérpretes politicistas tomando dali a idéia de visualizar os sindicatos como escolas de socialismo.

O sindicalismo revolucionário tem sua origem na Argentina como uma corrente interna do PS, sendo impulsionado pela francesa Gabriela L. de Coni, o advogado Julio Arriaga, quem tinha estado um bom tempo na Europa e o Secretário Geral do PS, Aquiles S. Lorenzo. Os sindicalistas revolucionários começam a construir frações sindicalistas em 1903; em Julho de 1905 editarão seu primeiro periódico *A Ação Socialista* e permanecerão no PS até o VII Congresso celebrado nos dias 12, 13 e 14 de abril de 1906 na cidade de Junín na província de Buenos Aires. Em tal Congresso a proposta de Nicolás Repetto, os sindicalistas revolucionários são convidados a constituir outro agrupamento por 882 votos contra 222. A resolução expressava o seguinte:

“O VII Congresso veria com agrado que o grupo de afiliados titulados como sindicalistas se constitua em um partido autónomo, a fim de realizar a comprovação experimental de sua doutrina e sua tática” (Cf. Oddone 1983: 178)

Desta forma são expulsos seus principais dirigentes: Julio Arraga, Emilio Troise, Bartolomé Bosio, Aquiles Lorenzo e Gabriela L. de Coni, quem seguindo a linha de George Sorel, impulsionavam como ordem “todo o poder aos sindicatos”.

As diferenças teóricas, não demoram em cristalizar em conseqüências políticas e a posição política dos socialistas frente ao levantamento radical de 1905, acelera a necessidade de expulsão e a ruptura com os sindicalistas revolucionários. Esta corrente, minoritária no PS, em 1907 acede à direção da central sindical socialista, a União Geral de Trabalhadores (UGT) em seu IV Congresso, a qual se opunha à Federação Operária da República Argentina (FORA) que em seu V Congresso, em 1905, tinha adotado como definição o “anarco-comunismo”. Entretanto, estas diferenças não lhes impedem de levar adiante ações unitárias em diversas oportunidades.

Godio delimita a existência de um espaço próprio para os sindicalistas revolucionários, desta maneira:

“(...) o sindicalismo aparecia como uma tendência puramente operária, autónoma, revolucionária, não política e que opunha a unidade sindical às

disputas ideológicas” (Cf. Godio: 202)

A evolução política do grupo, entretanto, é diversa: Bartolomé Bosio e Emilio Troise ingressaram em diferentes momentos no Partido Comunista (PCA), o primeiro posteriormente será expulso também do PCA e o segundo que entrou tardiamente, em 1945, é renomado como membro do Comitê Central; Arriaga foi amigo pessoal e conselheiro de Hipólito Yrigoyen e Gabriela L. de Coni, dedicada à situação do menino e da mulher operários, faleceu prematuramente, no ano 1907.

A mencionada tentativa de “revolução radical” em 1905 foi rechaçada pelos socialistas, mas aprofundou e serviu para acelerar os tempos da expulsão dos sindicalistas revolucionários. Foi um levantamento só de caráter militar, realizou uma insurreição de uma parte da oficialidade, mas sem nenhum tipo de participação popular, por seu medo aos transbordamentos e às “puebladas”. O presidente Quintana sufocou o levantamento em menos de 24 horas.

De acordo com Julio Godio o radicalismo tinha uma leitura de comprimento agrado:

“Os radicais se sabiam vencedores, a longo prazo, porque expressavam uma política liberal com conteúdo social, capaz de aglutinar às classes populares marginadas do poder do Estado frente a um partido conservador sem base de massas.

O radicalismo pretendia ao mesmo tempo demonstrar à classe alta que uma política populista era o único freio para o movimento operário. O Manifesto do levantamento, assinado por Yrigoyen, Crotto, Gallo e outros assinalava que a política oligárquica era incapaz de dar uma resposta positiva às reclamações operários e que portanto, facilitavam as greves e outras ‘perturbações’.” (Godio 1987: 202-203)

Os socialistas em geral e Juan B. Justo em particular, consideravam de maneira depreciativa ao radicalismo, já que para eles formavam parte em bloco da “política crioula”, sendo definido como um partido “populachesco, caudilheiro e inorgânico”.

Os anarquistas tinham uma leitura diferente sobre os radicais, já que simpatizavam e os observavam como próximo a sua doutrina, precisamente pelos rasgos que os socialistas rechaçavam, esses elementos de inorganicidade que mostrava o radicalismo e que seria para os libertários uma expressão burguesa, mas autêntica, quase como uma reencarnação do “gaúcho libertário”, uma expressão multitudinária de uma parte da imigração que se opunha ao regime de um movimento que expressava a

desobediência ao governo. Desde seu periódico *O Protesto*, em 5 de fevereiro de 1905 os anarquistas criticaram as limitações ideológicas do movimento mas afirmaram que o movimento tinha triunfado, o que serve como justificção ao governo para perseguir de igual maneira a anarquistas e socialistas.

A direção do PS não enfrenta as medidas do governo, em certa medida por não considerar o movimento radical como algo “próprio”, mas também com um pouco de especulação política já que abrigavam a esperança em que os radicais sejam as vítimas de sua própria forma de luta e “desapareçam” da cena política, para desta forma lhes deixar o caminho livre para ser a única oposição ao sistema oligárquico-conservador. Na declaração expressam que as disputas eram rixas entre políticos “caudilhos” e que os operários deviam manter-se à margem. A conclusão dos socialistas era a seguinte:

“Convidar a classe trabalhadora a manter-se afastada destas rixas provocada pela desmedida sede de mando e de mesquinhas ambições e a negar seu contingente moral e pessoal à obra desmoralizadora que elas realizam, fortificando e consolidando sua organização econômica e política com o propósito de obter sua mais pronta liberação” (citado por Godio 1987: 274)

Os que formarão a cisão sindicalista revolucionária eram sindicalistas socialistas que dirigiam nesse momento a União Geral dos Trabalhadores (UGT), por um lado concordavam com a direção do PS em que nada tinham em comum nem com quem governa nem com quem aspirava a substituí-los, mas matizavam, expressando tanto às bases operárias frente uma a indiscriminada repressão, como aos militares encarcerados, e, portanto, exigiam do partido publicar uma declaração conjunta de repúdio à repressão e de resistência. A posição política do PS é a negativa e expõem que passem os sessenta dias do estado de sítio para retomar tanto a atividade política como a sindical. Paralelamente a agudização do conflito interno entre os socialistas, produz-se uma aproximação produto da mesma repressão entre os anarquistas e os sindicalistas revolucionários, planejando a realização de um ato conjunto para em 1 de maio, enquanto que os socialistas decidem preparar um para o 7 do mesmo mês, data em que se levantaria o estado de sítio.

O governo prorroga por outros sessenta dias o estado de sítio, ficando os socialistas completamente deslocados, de uma vez que proíbe o uso de ‘bandeiras vermelhas’ em qualquer ato, impossibilitando a realização do planejado ato pacífico “socialista”. No plano interno, a intentona radical traz como consequência o fortalecimento dos sindicalistas sorelianos frente à direção do PS, que confiava de fato na palavra de um governo conservador e fraudulento.

O ato conjunto entre anarquistas e sindicalistas revolucionários se realiza em 21 de maio e houve uma brutal repressão, o que deixou nos sindicalistas, com justa razão, a amarga sensação de que o partido os tinha deixado sozinhos. Decidem esse mesmo ano começar a publicar antes de sua expulsão o periódico *A Ação Socialista*.

O III Congresso da UGT celebrado entre nos dias 12 e 18 de agosto de 1905 expressa idéias tanto sindicalistas como socialistas, por este motivo Godio o denomina como um Congresso de compromisso embora com hegemonia dos sindicalistas revolucionários. Por um lado, ganha com amplitude uma proposta do sindicalista Julio Bernard, a de realizar um pacto de solidariedade entre a Federação Operária da República Argentina (FORA), anarquista e a UGT, argumentando a coincidência nos métodos de luta proletários frente à proposta do socialista Cúneo que se opõe expressando que existem grandes diferencia entre ambas as centrais sindicais. Esta proposta de unidade de ação que pretendem estender à luta contra a Lei Nacional do Trabalho, o Estado de Sítio e a Lei de Residência, é coerente com as idéias de fortalecimento dos sindicatos, os quais para os sindicalistas deviam ser: não ideológicos, pluralistas e partidários da luta de classes.

Mas paradoxalmente, no mesmo Congresso, quando se trata o tema da greve geral, a maioria dos delegados a aprova como uma arma defensiva como expor os socialistas e não ofensiva como pretendiam os sindicalistas revolucionários.

Em terceiro lugar, ao tratar o tema da complexa relação entre sindicatos e partido, voltam a triunfar os sindicalistas, já que a ação partidária fica subordinada à ação sindical.

Para entender as idéias hegemônicas no socialismo é necessário referir-se embora seja de maneira sucinta à polêmica entre Juan B. Justo, líder do socialismo argentino e Enrico Ferri, famoso advogado criminalista e líder da corrente interna do socialismo italiano, denominada “socialismo integral”. O socialista italiano com motivo de dar conferências acadêmicas viaja a Argentina e finalmente decide dar uma conferência no Teatro da Vitória na Capital Federal, em 26 de outubro de 1908 e a polêmica se centrou na possibilidade ou não de existência de um Partido Socialista na Argentina.

As teses de Ferri, simplificando eram as seguintes. Argentina era um país “técnico”, referindo-se desta forma a um país agrícola-boiadeiro capitalista, quer dizer, pré-industrial; considerava que um Partido Socialista devia ser um o produto natural do país no que se forma e no caso do argentino parecia ser um partido socialista importado dos socialistas europeus que emigram e imitado por quão argentinos traduzem e reproduzem os folhetos socialistas da Europa. A confusão da política argentina, faz que os socialistas tenham um programa operário no plano econômico, mas no plano político

sejam os verdadeiros radicais no sentido europeu do termo, os que se denominam radicais têm um programa negativo, abstenção eleitoral e um positivo, a revolução, mas em uma concepção bastante militarista, por isso faz falta ao país, conclui Ferri, um partido radical de esquerda verdadeiramente positivo e esse deve ser o papel que deve cumprir o PS. Se os colonos querem ser pequenos proprietários e os poucos operários de um país pré-industrial são trade-unionistas, desprende-se que para o Ferri devia dissolver-se, sem dúvida alguma, o PS como partido de classe.

Ferri, quem sem dúvida tinha uma visão positivista, onde influi sua formação criminalística, elaborou então duas reflexões, a primeira era que de fato em um país capitalista periférico como a Argentina era impossível, “antinatural”, que exista um Partido Socialista, a segunda difusamente e de maneira indireta, remetia-nos de alguma forma à problemática da posição sobre o radicalismo. Esta segunda reflexão era interessante e importante para os socialistas argentinos, já que remetia a sua relação com os radicais argentinos.

Juan B. Justo se encarrega de responder em um folheto titulado *O Professor Ferri e o Partido Socialista Argentino* aparecido em Buenos Aires em 1908 na *Revista Socialista Internacional*. Ali, o fundador do PS em primeira instância critica a subestimação do desenvolvimento capitalista argentino por parte de Ferri. Para Justo, nas grandes extensões territoriais para permitir a implantação capitalista devia impedir-se os aos recém chegados converter-se em autônomos, para isso se impede aos imigrantes e aos trabalhadores o acesso imediato às terras livres, as declarando propriedade do estado e lhes atribuindo um preço alto para que não possam ser compradas por estes. Esta é a forma em que se constitui um vasto proletariado que se transformou em uma classe social que não teria representação se não fora pelo PS.

A alternativa de Ferri conclui Justo, era subsumir a esse conjunto de proletários na superstição da propriedade e da autoridade. Para Justo, além disso, o PS era o único partido livre das práticas da política crioula.

f. O Partido Socialista Argentino (PSArg.)

Virtualmente o único que estudou sistematicamente e elaborado algumas hipóteses explicativas a respeito da ruptura que significou a expulsão de Palácios do PS e a formação de por alguns filiados do Partido Socialista Argentino em 1915 foi Víctor García Costa²⁰⁸. Tomando uma decisão política, escolhe como caminho historiográfico o

²⁰⁸ Alberto J. Pla que estuda as discussões nas origens do socialismo argentino até 1918, por exemplo, menciona esta cisão só em uma nota de pé de página através de uma entrevista de Puiggros; Moreau de Justo e Oddone não lhe dedicam nem um capítulo inteiro.

estudo de Alfredo Palácios e o considera como impulsor de um socialismo argentino e para a Argentina, como intitula algum de seus livros. Quando se refere à expulsão de Palácios do PS recolhe os principais documentos e em sua hipótese, que pode ser discutível, entretanto avança em argumentos mais elaborados que o que significa a questão estatutária do duelo como simplificam a maioria dos estudos no caso que se refiram ao tema em chave socialista. A hipótese do duelo é a versão oficial para o PS.

A importância desta pontualização radica em que não pode subestimá-la expulsão posto que não seja a de qualquer afiliado, mas sim é a de uma figura de primeiro nível, quem foi o primeiro deputado socialista da América e que sendo socialista sempre manteve idéias próprias e conflitos com a estrutura partidária.

“(...) a questão do duelo é a desculpa para separá-lo porque sua concepção socialista, de um socialismo argentino, de raiz nacional e conteúdo popular, não é compartilhada pela maioria da condução do partido” (García Costa 1986: 41)

Em uma biografia de divulgação sobre Palácios, García Costa já tinha antecipado sua hipótese sobre os socialistas argentinos de 1915, em uma linha de continuidade entre estes e os que formarão o Partido Socialista Argentino em 1958:

“Palácios, adiantando-se em muitos anos a atual interpretação das realizações nacionais do marxismo, com suas características próprias e particulares, e sem renunciar à concepção do internacionalismo proletário, faz ponta em uma linha que ao final fará surgir, depois da cisão do Partido Socialista de 1958, ao Partido Socialista Argentino” (Cf. García Costa 1971: 104-105)

Da visão do político e historiador socialista, García Costa, podemos afirmar que logo depois da diáspora de PSArg., esta esta continuidade dada pelo Partido Socialista Popular (PSP) em 1972 e no Partido Socialista Autêntico (PSA), desde 1982.

É no mês de Julho de 1915 que se produz a ruptura. Formalmente, Alfredo Palácios é expulso do PS por bater-se em duelo com um deputado radical que tinha insultado aos socialistas em geral e ao Juan B. Justo em particular. O duelo, como mencionamos, estava expressamente proibido nos estatutos do partido e um grupo de dirigentes solidários com Palácios forma o Partido Socialista Argentino (PSA).

Com argumentos injuriantes o deputado radical hirigoyenista Horacio B. Oyhanarte para defender uma proposta conservadora exposta sobre pranchas a respeito da aquisição de sementes para ser distribuídas em empréstimos, realiza acusações pessoais a diferentes membros da bancada partidária socialista entre eles a Justo,

Repetto, Di Tomaso e Dickman. Sem ser aludido, Palácios pede a palavra para defender a seus companheiros de bancada partidária e ao Partido a ponto tal de violar os estatutos do partido ao expor, a questão cavalheiresca e Oyhanarte levantar a luva:

“E são estes, meus colegas de representação, os que se sintam à esquerda da Câmara, os que defenderam corajosamente os princípios do partido, os que realizaram com sua paixão, com seu entusiasmo, com sua grandeza moral, a obra de abnegação, de verdadeiro patriotismo, a favor dos interesses da classe trabalhadora, obra que marcará em nossa história política uma época de progresso.

Desde aí, senhores deputados, a razão por que desde minha cadeira, ocupada honestamente em nome do Partido Socialista, e para que ninguém possa suspeitar uma cumplicidade passiva, eu quero me responsabilizar, me solidarizar com a ação fecunda de meus colegas de representação, lhe fazendo notar ao senhor deputado Oyhanarte que minha responsabilidade é ampla e chega até a violação dos estatutos, quando se trata de defender os ideais de meu partido ao que eu quero com toda minha alma (...) (citado por García Costa 1986: 20)

Recordemos que uma das propostas ao Congresso Internacional de Londres, que se reuniria em 1896, por parte dos socialistas operários argentinos era a condenação do duelo por entendê-la uma prática absurda e Bárbara que estava em oposição à moral singela e positiva da classe operária e o Partido Socialista. Durante o Primeiro Congresso do PS em 1896, o delegado pelo Centro Socialista Universitário (CSU) Nicanor González Sarmiento apresentou e defendeu a incorporação da declaração “antiduelista” aos estatutos do recente partido, a qual foi passada por unanimidade no artigo 61 deste:

“Nenhum afiliado ao Partido poderá aceitar o julgamento das armas para resolver questões pessoais de nenhum gênero, sendo em caso contrário separado do partido” (citado por García Costa 1986: 22)

Quão socialistas tiveram situações vinculadas ao tema do duelo foram Alfredo Palácios, José Ingenieros, Leopoldo Lugones, Manuel Ugarte, José Muzilli e Carlos Sánchez Viamonte. Como antecedentes, encontramos que Palácios já tinha aceito um duelo com Manuel Ugarte em 1913, qualificado como vergonhoso e ridículo por *La Vanguarda*, de uma vez que o Comitê Executivo solicitou ao Centro Socialista da

circunscrição 20 a expulsão de Ugarte e deixar para o Congresso a análise da conduta de Palácios.

O tema foi submetido a consideração no XII Congresso ordinário do PS reunido em Rosário nos dias 23, 24 e 25 de maio de 1914 e trunfa a posição de Palácios, posto que embora o Congresso considera o duelo como um costume imoral para a educação do povo, Palácios não é expulso.

Esse Congresso tem importância também porque é o primeiro em que se expõe, de certa forma, a questão nacional, já que, Mario Bravo propôs uma comemoração no 104 aniversário da Revolução de Maio, Alfredo Palácios apresentou uma moção para que se incorpore a bandeira argentina às manifestações socialistas, de uma vez que em um sentido contrário a essa amplitude para “quão nacional tomava o partido, o centro da circunscrição 18 responde com uma declaração de uma Assembléia de afiliados onde por unanimidade expõem sua absoluta adesão a Internacional Operária Socialista (IOS) e seu desprezo ao patriotismo rasteiro.

Aqui ficam expressos dois elementos para entender a ruptura dos socialistas argentinos e a expulsão de Palácios, o duelo pode visualizar-se como o desencadeamento de uma ruptura que tinha como discussão o papel da questão nacional no socialismo argentino.

Em 30 de junho de 1914 Palácios se bate a sabre com Carlos M. Silveira o que motiva uma censura e reprovação por parte do Comitê Executivo partidário, o que lhe permite realizar uma manobra aqueles que tinham sido derrotados no Congresso de Rosário, a qual consiste em pedir a partir de alguns centros, como o da seção 1 da Capital Federal, correspondente ao bairro da Pompeya, que se submeta a uma questão geral a situação de Palácios aos afiliados. Entre outras coisas o Comitê Executivo expressava por unanimidade:

“(...) Que a honra que se ventila no duelo não é a honra do povo, sendo um costume de classe praticada hoje pelas burguesias mais atrasadas e corrompidas do mundo;

(...) Resolve condenar a atitude do deputado Palácios, que tão pouca respeita os sentimentos e os costumes do agrupamento política a que pertence” (citado por García Costa 1986: 36)

O Comitê Executivo, tomou a proposta do centro que não reunia o quinto necessário de centros socialistas membros para realizá-la e aprovou ao voto geral em 19 de dezembro o seguinte artigo:

“Nenhum afiliado poderá bater-se em duelo, nem enviar nem aceitar padrinhos nas chamadas questões de honra. quem o fizer, ficará de fato separado do partido, seja qual for sua situação no mesmo” (citado por García Costa 1986: 37)

O resultado foi o seguinte: 2247 votos favoráveis ao artigo, 1040 contrários e 75 abstenções.

Palácios, que já tinha sido separado do Grupo parlamentar Socialista e do partido se dirige de fato para apelar ao II Congresso Extraordinário e XIV Congresso Ordinário do PS. Reunidos no Salão Verdi do bairro de La Boca na Capital Federal, entre nos dias 9 e 11 de Julho, é onde resolve logo depois de debates, confirmarem o resultado do voto geral dos afiliados na questão do duelo e rechaçar a apelação de Palácios.

Nos dias 4 e 5 de setembro se realiza o Congresso institucional do novo partido, organizado pelos socialistas dissidentes do Congresso do Salão Verdi, o qual aprova um Manifesto ao Povo da República, uma Declaração de Princípios, seus Estatutos e o Programa Mínimo; aos poucos dias Alfredo Palácios solicita a filiação. No mesmo Congresso, decide-se que o órgão de imprensa do PSArg. seja o periódico *A Ação*.

No Manifesto, os socialistas argentinos, expressam algum tipo de desacordo com o PS em função da questão nacional já que consideram que o agrupamento é de vanguarda, mas desconhece o que denominam as modalidades nativas. Reclamam-se como socialistas de um ponto de vista americano:

“Desgraçadamente, o agrupamento [o PS], desencarnado da terra onde pretendia arraigar, perdeu seu roteiro (...) dela nasceu, como um broto destinado a prender nas vísceras da nacionalidade, o Partido Socialista Argentino (...) Força que pretende ser genuinamente nativa e espontânea” (Manifesto do Partido Socialista Argentino, citado por García Costa 1986: 94)

Nas eleições de 1916 são eleitos três deputados pelo PS e embora Palácios teve um caudal de votos muito importante não alcançou para chegar a uma cadeira pelo PSArg., já que entre os socialistas, Juan B. Justo obteve 42.726 votos, Augusto Bunge 41.835 e Enrique Dickman 41.122, enquanto que o socialista argentino Palácios 33.650.

Nas eleições municipais de 6 de outubro de 1918, com representação proporcional o PSArg., obterá um vereador na cidade de Buenos Aires com 2912 votos sendo eleito Juan F. Mantecón. Em 1920 obterá 2.306 votos e em 1922 o partido virtualmente desapareceu.

As disputas entre os socialistas e os socialistas argentinos como expusemos não

foram simplesmente pelo tema do duelo. Enrique Dickman expõe na edição de *La Vanguarda* de 10 de outubro de 1915 em um artigo titulado *O caso Palácios* alguma das divergências entre o PS e Palácios, acusando o de ter criado durante sua campanha eleitoral para deputado nacional antes de sua expulsão, ainda no PS, comitês autônomos em pró de sua candidatura, que são os que depois da expulsão deram origem ao que denomina o Partido Nacionalista (PN), em referência ao PSArg.

O PSArg., dissolve-se rapidamente e no ano 1930 Palácios é convidado a voltar para PS.

2. Os socialistas frente aos radicais no governo (1916-1930)

Parágrafos atrás avançávamos com algumas leituras do socialismo sobre os radicais.

Recordemos que o radicalismo neste período (1916-1930) abandona a abstenção eleitoral e as opções militaristas sem participação popular, para converter-se na expressão política da hegemonia econômica conservadora sem hegemonia política.

A lei Sáenz Peña é uma expressão das novas relações de forças na sociedade, o radicalismo abandona sua postura política abstencionista em 1912 e governará o país sob as presidências de Hipólito Yrigoyen (1916-1922 e 1928-1930) e do Marcelo Torcuato de Alvear (1922-1928).

Ao nos perguntar como entendiam os socialistas os radicais?, a primeira resposta é que os viam formando parte da política crioula.

Os socialistas eufóricos pela conquista do sufrágio universal, ficaram evidentemente deslocados frente ao novo fenômeno constituído pelo radicalismo, já que ambos disputavam politicamente em um espaço político em parte comum, quer dizer, uma parte dos “setores populares”.

Em geral, os socialistas mantiveram uma atitude de rechaço, a exceção mais importante como observamos, foi do marxista alemão radicado em São Luis, Germán Avé Lallemant, quem com uma visão etapista entendia que no marco de uma cisão entre uma estrutura moderna e uma superestrutura política argentina atrasada, as lutas “democratizantes” do radicalismo eram vistas com simpatia como necessárias, para fazer coerentes em termos burgueses à sociedade argentina.

Godio expõe um paradoxo dos socialistas em sua relação com os radicais:

“Paradoxalmente, Justo reconhecia o mérito da geração de 80, mas era

incapaz de diferenciar entre liberalismo oligárquico e liberalismo popular. Para Justo, no fundo, a geração de 80 era legítima, mas a U.C.R. um fenômeno político 'ilegítimo', sem razão de ser. Esta idéia seria fatal para o socialismo pois o condenava a ser um partido com inserção parcial entre as 'classes populares' que majoritariamente se canalizarão na U.C.R. a partir de 1916" (Cf. Godio 1987: 234)

José Aricó também, na mesma linha de Godio, virtualmente a única crítica de fundo que realiza a Justo é o não ter apoiado ao radicalismo, também é a crítica da esquerda nacional, o haver-se afastado do movimento popular.

As leituras de Godio, Aricó e a esquerda nacional têm em comum o criticar o rechaço do socialismo à realização de frentes com forças "burguesas populares". O raciocínio implícito, é o seguinte, se o socialismo em geral e Justo em particular como seu máximo dirigentes são reformistas, ao máximo que podem aspirar é a uma democratização da sociedade, sendo isto assim não pode "perdoar" o Partido Socialista por não apoiar aos radicais. Os dois primeiros coerentes com sua postura social democrata e os segundos com sua posição cada vez mais nacional que de esquerda, exigem-lhe subordinar a autonomia do partido de classe para ser furgão de cauda de um projeto democrático-burguês, deixando de lado, por exemplo, os massacres de Yrigoyen durante a Semana Trágica de 1919, a Patagonia ou A Florestal.

Segundo o principal estudioso sobre o radicalismo David Rock, o período de 1912 e 1916 é o da organização partidária nacional. Sem exigências ideológicas, um liberalismo-populista-policlassista, segundo Godio, o radicalismo sob Yrigoyen consegue articular-se como um partido nacional a partir de uma federação de caudilhos regionais. O radicalismo manteria o modelo econômico, mas permitirá ascender socialmente aos setores médios urbanos, profissionais e comerciantes integrando-os a um governo do que até o momento estavam excluídos.

O socialismo continuou entendendo o radicalismo como homólogo aos conservadores, o triunfo da UCR para os socialistas é visto como uma operação demagógica bem-sucedida de Yrigoyen e assinala que nada mudará porque o radicalismo manterá o capitalismo. O documento intitulado "O advento" na parte *Hipólito Yrigoyen chega à Casa de governo* é realmente muito duro:

"Começa hoje para os radicais uma nova era na história da república. depois de batalhar, a seu modo, durante um quarto de século, sintam neste dia a seu chefe – talvez o último caudilho de nosso país – na poltrona presidencial da Rivadavia. O acontecimento terá uma importância transcendental para quem

confia mais nas individualidades que nos povos (...); mas só tem uma importância relativa para quem espera mais da consciência dos povos que da ação dos grandes homens (...)

Assistimos ao triunfo de um partido cujos homens tinham fracassado no parlamento e no governo de uma província, ao triunfo de um partido sem programa nem idéias definidas; à vitória de um candidato que durante toda a campanha eleitoral não se apresentou uma só vez ante seus partidários e não se dignou a expor nem por escrito nem de palavra, ante os eleitores, suas vistas políticas, suas aspirações sociais, seus princípios econômicos, em uma palavra, sua plataforma de governo.

(...) a explicação desse triunfo na Capital Federal. Em presença do avanço do Partido Socialista e ante as perspectivas de triunfo das forças realmente democráticas, os elementos reacionários se congregaram ao redor dos candidatos radicais, que para eles significavam a conservação dos interesses fundamentais da sociedade capitalista (...) No resto do país onde triunfou o radicalismo valendo-se de armas de boa ou de má lei, acolhendo-se à liberdade de sufrágio ou cometendo as fraudes mais escandalosas, o fato se explicou pelo espírito sistemático de oposição e a ignorância de massas analfabetas, incapazes ainda de compreender as idéias sociais e econômicas que contribuirão a obter seu bem-estar material, seu progresso intelectual e sua emancipação política.

Mas quaisquer que tenham sido as causas determinantes de seu triunfo, é indiscutível que o novo presidente representa a vontade popular, livremente manifestada, e que, portanto tem um significado democrático (...)

Entramos, pois, no dia de hoje não em uma nova era mas sim em um período de incerteza de nossa história. (...) O povo trabalhador sabe unicamente neste dia sobre ao poder um partido popular, mas de origem e de caráter burguês, um partido apoiado por grandes latifundiários e capitalistas, que contou desde sua primeira hora com militares de profissão e conta hoje com a simpatia, o aplauso e a adulação interessada dos elementos clericais. Sabe só que começa um governo de classe como todos os anteriores, para o qual sempre sobressairão os interesses capitalistas sobre os direitos do proletariado (...)

Quando o presidente de novo marca abandone a região das abstrações (...) compreenderá-se então que para concluir com o regime atual ou atenuar seus maus e reduzir seus privilégios, não bastará pondo a magistratura em mãos de um cidadão, mas sim será preciso formar essa consciência coletiva que permite aos povos emancipar-se a se mesmos – sem chefes, nem caudilhos, nem

presidentes- por obra da instrução geral e da educação cívica. (citado por Godio 1987: 46-47)

Observamos que a leitura política que realizam de Hirigoyen é como que este é o último caudilho, portanto é o representante da Argentina do atraso e reafirmam que os socialistas têm idéias e programas de participação coletiva frente aos indivíduos providenciais. Reconhecem que representa a vontade popular mas entretanto reafirma que é um governo de classe como os anteriores, quer dizer, que desde esse ponto de vista será capitalista e no marco das relações econômico-sociais será igual aos conservadores, não trocará a formas de produção.

Por sua parte, o dirigente socialista, Nicolás Repetto, se referira a Yrigoyen da seguinte forma:

“Teria sido um grande presidente três ou quatro lustros antes de sua exaltação ao poder; teria se antecipado, talvez, a grande revolução eleitoral que levou a cabo o presidente Sáenz Peña, mas ao assumir o cargo do governo era já um homem que se achava já fora de seu tempo, bastante estranho à nova visão com que se encaravam os problemas técnicos, políticos e sociais nos mais avançados países do mundo. Sua falta dessa experiência política que se adquire no desempenho das altas funções públicas e na ação parlamentar, deixou no profundas lacunas, que nunca alcançou a dissimular de tudo” (citado por Vazeilles 1967: 44)

A caracterização do governo radical por parte dos anarcosindicalistas, que formavam a FORA V Congresso, foi de um ponto de vista completamente diferente que os socialistas, o insurrecional e o antiestatista, semelhante que o destes, já que criticavam em bloco ao novo governo.

Diferente foi a posição política dos sindicalistas revolucionários da FORA IX Congresso, já que para eles o acesso ao governo por parte da UCR significava uma possibilidade para estabelecer acordos com o Estado e sentir-se protegidos, até certo ponto, nas negociações com os empresários²⁰⁹.

A posição política dos socialistas sobre o governo de Marcelo Torcuato de Alvear é diferente, mas não porque tenha trocado a forma de relacionar-se com o

²⁰⁹ Recordemos o seguinte. No V Congresso a Federação Operária Regional Argentina (FORA) declarou-se partidária do anarco-comunismo. No IX Congresso da FORA, em 1 de abril de 1915 disputaram hegemonia os anarco-comunistas e os sindicalistas. Triunfando os segundos e declarando-se a central como eminentemente operária e ideologicamente plural. Frente a isto em 2 de maio um conjunto de sociedades de resistência se reúnem e constituem outra FORA a que adicionam V Congresso, em função da definição de 1905.

radicalismo, mas sim pelo fato deste um político radical não ser um caudilho. De Alvear ressaltava o aspecto democrático-institucional, embora estivesse do ponto de vista político à direita do “passional Yrigoyen”. É uma vez mais, o próprio Repetto, que realiza desde o PS esta leitura de Alvear:

“As responsabilidades e a dignidade de quem governa, exigem destes um temperamento adequado para a função e uma cultura política superior. Precisam estar ou mostrar-se, por sua serenidade, sobrepostos a todo sentimento inferior ou simplesmente vulgar: não se admite já, em nenhum país civilizado do mundo, um presidente que se irrita ou, muito menos, que se confina em um léxico estranho ou se deixe vencer pelos arranques de ira (...) O presidente Alvear respondia plenamente aos atributos que deixo enunciados. Não cumpriu nem pretendeu realizar a obra de um estadista genial, mas gravitaram sobre sua ação três ou quatro grandes princípios fundamentais, que cumpriu sempre com grande firmeza e sem nenhuma jactância.” (Citado por Vazeilles 1967: 44-45)

Durante a segunda presidência de Yrigoyen o “anti-radicalismo” dos socialistas ressurgiu, opondo-se à demagogia em relação com o tema das aposentadorias e sob o lema “eleitoralismo petroleiro” o grupo parlamentar do PS, opôs-se ao monopólio estatal para Jazidas Petrolíferas Fiscais (YPF) aduzindo que se tratava de uma medida a fora de tempo e que nem a URSS se atrevia a aplicar.

a. O Partido Socialista Internacional (PSI).

Uma das divisões mais importantes do PS é a que começa a gerar-se em 1912, a partir do Centro de Estudos Carlos Marx (CECM) e a que dará origem em 1917, ao Partido Socialista Internacional (PSI), o qual em 1918 se transformará em Partido Comunista da Argentina (PCA), a seção Argentina da III Internacional. É a cisão que constitui a matriz comunista.

A diferença de outros temas da história e da evolução política do PS como vimos no capítulo anterior, este tema foi amplamente tratado por uma vasta literatura, fundamentalmente a militante.

Os principais trabalhos foram do socialismo os elaborados por Jacinto Oddone, Emilio Corbière e Alicia Moreau de Justo; do comunismo entre outros os de Oscar Arévalo e de Daniel Campione; da “nova esquerda” se destaca o estudo de José “Pico” Vazeilles, em particular do Movimento de Liberação Nacional (MLN); da “esquerda

nacional” Jorge Abelardo Ramos, Jorge N Spilimbergo e Norberto Galasso; do peronismo Rodolfo Puiggrós; do comunismo revolucionário Jorge Ratzer e Otto Vargas; enquanto que os trabalhos em chave acadêmica foram realizados por Julio Godio, de uma ideologia social-democrata e Alberto J. Pla da historiografia marxista.

Desde diferentes planos e pontos de vista todos têm algo que dizer a respeito desta ruptura, mas entre outras coisas porque a diferença de outras cisões de caráter efêmero perdurou no tempo e chega até nossos dias.

Para alguns aparece com clareza uma tendência dentro do PS em 1910, para outros reaparece, que reivindica seu caráter de classe. Fundamentalmente são jovens, operários, em menor medida são estudantes e intelectuais, por este motivo não é casual que a cisão surja a partir do Comitê de Propaganda Corporativa (CPG) do PS. Os dirigentes juvenis mais visíveis eram José Penelón e Juan Ferlini, que posteriormente será vereador em cidade de Buenos Aires pelo Partido Socialista Internacional (PSI), futuro Partido Comunista (PCA).

Uma vez mais, como tinha ocorrido com as cisões dos coletivistas e dos sindicalistas revolucionários, a crítica se situa no plano da relação entre os socialistas e a classe. Entretanto, reivindicarão ativamente a ação política.

O Centro de Estudos Carlos Marx (CECM) foi fundado em Julho de 1912 e editaram seu primeiro periódico, *Palavra Socialista*. Sinteticamente procuravam cultivar com firmeza o marxismo frente às idéias reformistas de Berstein e criticavam fundamentalmente o revisionismo prático do PS. Este é o contexto ideológico em que surgiram as juventudes socialistas, as quais com idéias próprias realizaram uma ação propagandística importante, celebraram seus próprios congressos e editaram um periódico, *Adiante*, que começou a sair em abril de 1916. Este foi dirigido em primeiro lugar por Juan Ferlini e participaram dele Rodolfo Ghioldi, Cortés Pla, Amadeo Zeme, e Jacobo Halperín, entre outros.

A reivindicação realizada pela juventude era a da tradição da esquerda do PS através das resoluções dos V e VI Congressos partidários.

Recordemos que o V Congresso partidário se realizou no salão do Clube Vowärts da cidade de Buenos Aires, nos dias 8 e 9 de Julho de 1903 e se introduziram modificações ao programa mínimo. No plano religioso, exigiam aos afiliados a observação de uma conduta antirreligiosa; propunha promover agitações contra o militarismo, contra o clericalismo e o sistema tributário; expor o ensino fundamental obrigatório de uma vez que impulsionava a construção de escolas populares para sustraer da educação burguesa aos meninos; propunham que os estrangeiros adquirissem em um ano a carta de cidadania; procuravam realizar propagandas diárias contra o capitalismo e a favor do coletivismo; organizar uma propaganda “anti-

imigratória internacional” assim que regesse a lei de residência no país; expor que o dever de todo socialista era o de participar de sua organização corporativa; apoiava toda campanha para combater o alcoolismo e a imigração artificial.

O VI Congresso, por sua parte, reuniu-se nos dias 3 e 4 de Julho de 1904 na cidade de Rosário. Neste se suprime o Conselho Nacional, defende-se uma lei do trabalho que tenha como objetivo o amparo dos trabalhadores e rechaça a lei impulsionada pelo governo; insiste a realizar propaganda socialista nos sindicatos e a priorizar a militância na UGT; envia uma delegação com um mandato imperativo para o Congresso Socialista Internacional a realizar-se em Amsterdã; define à greve geral como um meio de luta econômica reivindicativa e não como um meio revolucionário de emancipação; impulsiona a luta por uma jornada trabalhista de 8 horas, o combate ao militarismo, à tendência ao ensino clerical nas escolas burguesas, de uma vez que propõe sua substituição por uma educação laica; impulsiona a criação municipal da moradia operária devendo ser delas e não dos operários; a construção da Câmara do Trabalho projetada pela UGT; a supressão o Poder Executivo e sua substituição por um Conselho de ministros eleito pelo povo; que todo centro socialista tente na medida de suas possibilidades criar escolas operárias; a abolição da lei de ociosidade e os conchavos; uma tática parlamentar de crítica, sendo conscientes que por sua composição não poderá realizar nenhuma obra construtiva; o protesto contra a lei de residência; reafirma a ação de classe do PS; reconhece o periódico 1 de Maio como o órgão do PS de San Nicolás na província de Buenos Aires; elabora reivindicações específicas para os trabalhadores do campo e por último, constitui uma comissão para estudar a Lei Nacional do Trabalho e facilitar a naturalização de estrangeiros.

Este era o perfil partidário reivindicado pelos setores operários e juvenis do PS, quem conjuntamente em 12 de maio de 1914 formam o Comitê de Propaganda Corporativa do partido (CPG-PS). O Comitê Executivo o dissolveu depois de que tinham organizado dezoito sindicatos e três centros culturais.

Quando se desata a guerra interimperialista o PS mantém a postura da Segunda Internacional, greve geral de rechaço à guerra, mas quando os submarinos alemães afundam navios argentinos surge uma corrente pro-aliada, que influenciou para que os socialistas abandonem sua postura pacifista e neutralista. Alicia Moreau de Justo expõe a seguinte declaração do grupo parlamentar com motivo do afundamento do navio argentino Monte Protegido:

“O grupo socialista parlamentar, em presença da guerra submarina, que afeta os interesses da Nação, acredita que o governo deve adotar todas as medidas necessárias de ordem portuária e o emprego da marinha de guerra, para fazer

efetivo tão amplamente como é possível o comércio argentino em navios de qualquer bandeira, inclusive os navios alemães e austríacos refugiados nos portos que seriam utilizados pelo governo para serviço de seu intercâmbio ou fins de caráter militar” (Cf. Moreau de Justo 1983: 118)

Esta declaração, assinada também por senador Enrique del Valle Iberlucea e os deputados Mario Bravo, Augusto Bunge, Antonio Di Tomaso, Enrique Dickman, Ángel M. Jiménez, Juan B. Justo, Nicolás Repetto, Antonio Zaccagnini e Francisco Cúneo, causou tanta polêmica que o Comitê Executivo (C), deveu convocar o III Congresso Extraordinário do PS que tinha como objeto discutir a postura dos socialistas frente à guerra. O C do PS se dividiu em duas tendências, a majoritária integrada por Repetto, Di Tomaso, Bravo, Jiménez e Di Tella que sustentava a posição política do grupo parlamentar e a minoritária integrada por Penelón, Ferlini e Agustín F. Muzio, a qual se definia como internacionalista e abarcava toda a oposição esquerdista partidária.

Essas são as posições políticas com que se chega ao III Congresso extraordinário do PS. O projeto do grupo majoritário no CE foi redigido por Antonio di Tomaso, futuro fundador do socialismo independente e propunha o seguinte:

“O III Congresso Extraordinário do Partido Socialista, ante o giro que tomou a situação internacional com a cega e destruidora guerra submarina, que se faz violando em forma odiosa as regras estabelecidas pelo direito internacional para beligerantes e neutros, e atentando contra a existência material dos países e considerando

1. Que o ataque a qualquer navio mercante, sem mais limitação que a que queira colocar a vontade arbitrária do beligerante que o leva a cabo, importa fazer a guerra de fato contra todos os neutros.

2. Que essa nova forma de guerra implica a suspensão total da liberdade de comércio e da liberdade dos mares indispensáveis à civilização.

3. Que o Partido Socialista sustentou no Parlamento nacional a necessidade de que essas liberdades sirvam como bases de uma paz firme e duradoura.

4. Que a República Argentina é um país que produz para o mundo e recebe dele os instrumentos de trabalho, o combustível, o vestido, materiais para suas indústrias e parte de seu alimento e que a destruição desse comércio internacional como resultado da guerra submarina, que se faz afundando todo casco de navio mercante que sulque os mares rumo à Europa, significaria a paralisação de sua vida econômica, com as obrigadas conseqüências para a classe trabalhadora.

5. *Que uma atitude de acatamento servil ou de impassibilidade ante essa maneira de pisar as regras internacionais conhecidas e fazer sentir os males diretos da guerra, na forma de destruição de vidas e coisas, aos países neutros, seria incompatível com a obrigação peremptória de defender os direitos elementares dos povos, resolve:*

a) *Manifestar que aceitará em princípio qualquer medida de ordem diplomática, portuário ou de emprego da armada que os poderes públicos decretem ou aprovem por seus órgãos pertinentes, e que possam servir para garantir a efetividade de nosso comércio exterior em forma de convenções ou amparo.*

b) *Em caso de que, pela continuação da guerra submarina, a necessidade de defender mais amplamente nosso comércio, ou como conseqüências das medidas de amparo postos em vigência, os poderes públicos adotassem atitudes que tivessem um significado mais grave dentro do direito internacional, o Congresso deposita sua confiança no grupo parlamentar nacional e o Comitê Executivo para que as apóie, se as considera obrigadas, ajustando-se para resolver sua conduta, às seguintes normatiza*

Que toda iniciativa capaz de modificar a situação internacional seja tratada pelo Congresso da Nação; que o governo, no desenvolvimento de sua ação, tenha respeitado as regras do direito internacional e enquadrado seus procedimentos nelas; que não imponham ao povo sacrifícios estéreis de nenhuma natureza, como ser mobilizações terrestres com pretextos alarmistas que não tenham como fim a defesa de nosso comércio exterior, nossos direitos de neutras injustamente atacados e nossa situação de nação autônoma.” (Cf. Moreau de Justo 1983: 118-120)

O projeto da minoria do CE, por sua parte foi redigido por Juan Ferlini e expressava o seguinte:

“1. Que a guerra européia – apesar de velhas concepções- é uma conseqüência das relações econômicas atuais fundadas na propriedade privada e na propriedade mercantil.

2. Que a luta de nações contra nações tem sua entranha na necessidade capitalista de levar a novos mercados a produção confiscada ao proletariado de cada país.

3. Que o direito e a justiça proclamados como finalidade da guerra são concepções enganosas, já que o verdadeiro direito e a verdadeira justiça se

medem por conquistas positivas que não são para o proletariado a da guerra e sim as de sua ação de classe na paz.

4. Que são estas nossas conclusões, desprendidas dos fatos, as que nos moveram sempre contra a guerra e as que devemos reafirmar hoje frente ao conflito europeu estendido a nosso país.

5. Que a campanha dos submarinos deve nos alentar a seguir combatendo a guerra e não a apoiá-la em favor de um bando, desde que a campanha é conseqüência da guerra levada a seus últimos extremos.

6. Que é combatendo a guerra como podemos justificar nossas lutas futuras em pró da paz, que será uma conquista do direito socialista e não do direito burguês.

7. Que os interesses do país são os da paz e o trabalho e não os da guerra com sua seqüela de horror e miséria, e que, por isso, é necessário respirar e defender medidas de prudência na ação do governo.” (Cf. Moreau de Justo 1983: 120-121)

Encontramos duas posições políticas claramente enfrentadas. Para completar este quadro coincidimos com Pla, quando assevera que para entender a ruptura dos socialistas internacionais de 1918 devemos nos remeter a dois documentos históricos, *A Vanguarda*, do ponto de vista socialista e a *História do socialismo marxista na República Argentina. Origem do Partido Socialista Internacional*, elaborado pelos próprios socialistas internacionais.

O resto é história mais conhecida. A minoria no Comitê Executivo, foi maioria no Congresso já que sua moção triunfo por 4204 votos sobre os 3564 da maioria. A minoria do CE e o grupo parlamentar, atua desconhecendo a votação da Assembléia motivo pelo qual os Internacionalistas formam o “Comitê pró-defesa das Resoluções do III Congresso”, a direção do partido exige em dissolvê-lo e ante a negativa destes, são expulsos.

Em janeiro de 1918 se reúnem os delegados dos agrupamentos expulsos e formam o Partido Socialista Internacional (PSI).

b. Os Terceiristas.

Dentro do PS, logo depois da expulsão dos socialistas internacionais, ainda ficava um setor crítico de Justo conhecido como os “terceiristas” que expõem como moção o ingresso do partido a III Internacional, a Internacional Comunista (IC).

No Congresso do PS realizado em fevereiro de 1921 na cidade de Baía Branca,

província de Buenos Aires, rechaça-se o exponho e os derrotados, se nucleam no Grupo Claridade (GC), que estava integrado por Carlos Mauli, Silvano Santander - que posteriormente será deputado radical -, José Semino, Orestes Ghioldi, José P. Barreiro e o mais importante de todos estes, o Senador eleito do PS pela Capital Federal, Enrique del Valle Iberlucea.

Posteriormente os terceristas são expulsos do partido, entretanto, o senador não os acompanha, aceita a resolução do congresso partidário, mas segue defendendo a revolução russa. Em 1921, em uma manobra de conservadores e radicais, o Senado aprova seu desaforo por defender a revolução russa apoiando-se nos discursos realizados durante o Congresso do PS de Baía Branca. Ao pouco tempo morre de câncer de garganta, em 30 de agosto do mesmo ano.

Podemos entender os terceristas como uma parte do mesmo movimento político de ruptura que dá lugar à cisão dos internacionalistas. É um reflexo um pouco mais tardio do impacto da revolução russa e da formação da III Internacional no PS durante esses anos.

Este é o principal motivo pelo qual a grande maioria dos componentes deste grupo decide sem maiores dificuldades sua incorporação ao PCA com o qual mantinham profundas coincidências políticas.

c. O Partido Socialista Independente (PSInd).

Em 1927 o PS tem uma importante cisão “para a direita”. Um grupo expulso por suas idéias conservadoras e que ao final também se verificarão como de apoio ao militarismo, em 7 de agosto de 1927 forma o Partido Socialista Independente (PSInd). Integram este agrupamento Antonio di Tomaso, Héctor González Iramain, Augusto Bunge e Federico Pinedo.

O órgão partidário dos socialistas independentes será o periódico, *Liberdade*, dali que os conheça também como os libertinos.

Embora sua existência tenha sido efêmera, colheram importantes resultados eleitorais. Nas eleições de 1928, apoiaram a candidatura presidencial conservadora e na Capital Federal com lista própria ocuparam o segundo lugar, detrás dos radicais mas à frente dos socialistas. Antes do golpe, os socialistas independentes, ganham as eleições de 1930 na Capital Federal.

Encontramos duas leituras centrais contrapostas sobre esta cisão e seu desenvolvimento.

A primeira é a visão de Joaquín Coca, exposta em *O Conluio*²¹⁰. Memórias de um deputado operário e cuja primeira edição aparece 1931 através da Editorial Claridade, a editorial socialista. Esta leitura tem como objetivo a partir de sua experiência parlamentar, denunciar o que ele entendeu como as práticas de infiltração de setores oligárquicos e reacionários no PS e explicar como o PS conseguiu superar a crise expulsando a este grupo.

A leitura contrária é a realizada por Horacio Sanguinetti, que lhes dedica um livro titulado *Os Socialistas Independentes*, onde realiza uma defesa virtualmente acrítica desse grupo que é qualificado como “brilhante” pelo autor.

Sem ter em conta a complexidade da situação dos socialistas argentinos na época José Vazeilles, entretanto, sugere uma cumplicidade golpista sem maiores argumentações também do socialismo tradicional:

“É bem conhecido que contribuíram em boa medida, na cidade de Buenos Aires, ao clima que culminou com o golpe de 1930” (Cf. Vazeilles 1967:46)

Miguel de Unamuno, Emilio Corbière e Nicolás Iñigo Carreiras rebatem esta proposição de Vazeilles, a qual também é bastante comum nos críticos do socialismo, que afirma que os socialistas (casa do povo, tradicionais) como mencionamos, recentemente, geraram as condições do golpe de 30, colocando-os quase no mesmo plano que os socialistas independentes.

O que oculta a historiografia, salvo honrosas exceções, como as de Unamuno e de Corbière, é a entrevista entre Justo e Yrigoyen realizada na Costeira de Buenos Aires em 1927 para considerar a possibilidade que o bloco parlamentar socialista retire o projeto de invenção à província de Buenos Aires. Está era uma determinação decisiva para que Yrigoyen pudesse acessar ao governo em 1928 (Cf. Unamuno em Coca 1981:7-12 e 213-215 e cf. Corbière em Coca 1981:15-17 e 217-219)

O objetivo político dos conservadores e dos radicais alvearistas “antipersonalistas”, com o apoio do que seria em poucos meses mais o socialismo independente, “o Conluio”, como o denominara Joaquín Coca, era anular o principal distrito eleitoral do país, a província de Buenos Aires mediante uma intervenção, para evitar o triunfo de Yrigoyen.

O argumento central do projeto socialista de intervenção da mencionada província, era a oposição socialista, quase de caráter moral, ao jogo flutuante legal e ao

²¹⁰ Joaquín Coca entende por “Conluio”, em termos gerais o conjunto de práticas políticas, legais e ilegais, que confluirão nos fatos em uma “frente política antiirigoyenista” impulsionado por conservadores tradicionais, conservadores radicais ‘antipersonalistas’ – alvearistas – e conservadores socialistas que culminou na derrocada de Yrigoyen em setembro de 1930.

jogo ilegal, fundamentalmente os hipódromos clandestinos, que proliferavam na província sob o amparo dos radicais.

Uma irredutível postura moralizadora das práticas sociais, impulsionava os socialistas tradicionais a repudiar todo tipo de jogo, tão legal como ilegal, entendidos como uma forma de dilapidação salarial dos trabalhadores e transferência inútil de renda aos especuladores.

O grupo político que constituirá o socialismo independente encontrara uma desculpa perfeita, um poderoso argumento dentro da lógica do PS, com o qual tentaram somar ao conjunto do socialismo a luta para evitar de qualquer modo um segundo triunfo eleitoral de Yrigoyen, quer dizer, a sua política “contubernista”.

O antiirigoyenismo tinha maioria no senado, portanto foi aprovado o projeto de intervenção da província de Buenos Aires, em 1925, com os votos contrários dos Senadores socialistas Juan B. Justo e Mario Bravo, entretanto, para a aprovação na Câmara de Deputados os dezenove (19) votos socialistas se faziam imprescindíveis. Nos anos 1926 e 1927 se reformula a questão, mas com motivo da aprovação por parte das Câmaras legislativas da província de Buenos Aires da criação de cassinos e hipódromos. “O conluio” pretendia impulsionar a intervenção com o apoio dos socialistas tradicionais argumentando a inconstitucionalidade dos jogos de azar.

Tanto Unamuno como Corbière coincidem ao argumentar que este foi o resultado da “esquecida” reunião entre Justo e Yrigoyen, foi a anulação dessa lei pelos radicais portenhos e isto trouxe duas conseqüências políticas de transcendência, em primeiro termo permite o triunfo de Yrigoyen pela segunda vez e em segundo lugar acelera a cisão “direitista” socialista independente.

As posições políticas dos socialistas frente ao golpe de 30, como observarão no próximo capítulo, forem expostas com clareza em uma série de escritos por Mario Bravo, titulados *A Revolução deles*, que foi publicado em 1932, enquanto que o PSInd impulsionou, colaborou e atuou tentando articular o apoio civil do golpe.

VII. Capítulo 6. Os socialistas entre conservadores e peronistas (1930-1955)

Este período tem uma transcendental importância centralmente por dois motivos, por um lado, produz-se uma mudança no modelo de acumulação de capital a partir da crise de 30 e por outro se corresponde com o surgimento do peronismo, o segundo movimento nacional argentino, uma força populista, ‘policlassista’ com hegemonia burguesa mas com uma ampla base operária, o qual produz uma cisão entre os socialistas e os setores operários e populares, afirmação que podemos fazer extensiva ao resto dos grupos políticos das esquerdas argentinas.

Encontramos dois momentos claramente diferenciados no que estudarei o papel dos socialistas nos processos políticos argentinos durante o período.

O primeiro abrange da crise de 30 e o golpe de estado de Uriburu até o surgimento do peronismo em 1943. Este subperíodo coincide uma crise sem precedentes no marco do capitalismo mundial e a denominada ‘década infame’ por seus caluniadores ou o período da “fraude patriótica”, segundo a opinião dos conservadores. O segundo inclui os momentos correspondentes ao surgimento do peronismo, as duas primeiras presidências de Perón até a crise e a queda do peronismo com o triunfo da autodenominada Revolução Libertadora que o derrocou e o proscreeu.

1. Os socialistas frente ao golpe de estado de 30 e a “década infame”.

a. Os socialistas e o golpe de 30.

Em 1930 os socialistas se encontram fundamentalmente divididos em dois grupos, o Partido Socialista, propriamente também denominado por quem disputava seu espaço político e sua denominação como Partido Socialista (Casa do Povo) e o Partido

Socialista Independente (PSInd), como mencionamos ao final do capítulo cinco, sua cisão “direitista”.

Paralelamente continua, mas já formando outra matriz dentro do marxismo argentino, o Partido Comunista Argentino (PCA), de uma vez que se acentua o declínio de anarquistas e anarco-sindicalistas; de uma vez que começam a desenvolvê-las correntes trotskistas.

Nesta parte do trabalho denominarei Partido Socialista, PS (Casa do Povo) ou Partido Socialista tradicional aos setores que mantêm a continuidade histórica do tronco partidário mantendo de seu lado aos dirigentes mais destacados como Juan B. Justo até sua morte em 1928, Nicolás Repetto, sem dúvidas o principal dirigente socialista do período, um Américo Ghioldi em franca ascensão; Alfredo Palácios, quem poucos meses depois do golpe de 30 se reincorpora ao PS; enquanto que denominarei socialistas independentes aos partidários desse grupo político, o PSInd. que têm uma origem comum no socialismo tradicional mas que em função de seu antiirigoyenismo avançam para posições políticas em acordo, em aliança, com os setores conservadores e com os radicais antipersonalistas, aceitando e impulsionando embora com alguns reparos menores, às vezes na prática, as conseqüências políticas de tais acordos, ou seja apoiar o golpe de 30 e aceitar como algo natural a fraude conservadora para participar da gestão do Estado independentemente de qualquer legitimidade democrática.

Devemos destacar que a situação no interior do socialismo nessa época era complexa. Um dos principais articuladores do PSInd, Antonio Di Tomaso, tinha sido um homem de confiança e formado politicamente em certa medida pelo próprio Juan B. Justo; enquanto que independentemente desta transcendente cisão, o PS continuava avançando de maneira lenta mas relativamente com certa solidez na consolidação de um espaço político próprio, que se expressará neste período na construção de um expressivo bloco parlamentar e uma interessante presença sindical.

Em 1930, antes do golpe de setembro contra Yrigoyen, como já expusemos no final do capítulo anterior, nas eleições para renovar os deputados triunfaram na cidade de Buenos Aires os socialistas independentes e seu antiirigoyenismo os impulsionou, no marco dos acordos expressos anteriormente, a apoiar o golpe de estado, que em 6 de setembro de 1930 colocou na presidência o Gral. José Félix Uriburu, derrocando ao presidente constitucional radical Hipólito Yrigoyen.

É por este fato político que os membros de PSInd, são conhecidos também como os ‘setembrinos’ e é inegável este grupo, colaborou claramente com sua política parlamentar no trabalho de desgaste do plano civil do segundo governo de Yrigoyen, aceitando como válida a saída política em termos militares, o golpe de estado para derrocá-lo.

Na ruptura de 1918, os socialistas internacionais já tinham manifestado que o setor reformista do PS tinha realizado importantes concessões programáticas ao militarismo. É importante porque expõem a evolução sobre o tema no socialismo e permitirá entender que assim como havia tradicionalmente elementos antimilitaristas históricos também o trabalho parlamentar dos socialistas ia empurrando-o para posições menos críticas de dita instituição.

O grupo parlamentar do PS votava sempre os orçamentos de guerra e de marinha; pediram em um projeto a construção de novos quartéis argumentando questões de higiene; aceitavam que a jornada trabalhista de oito horas não se respeitasse em caso de guerra e colaboraram na elaboração dois novos Códigos, o Militar e a Penitenciária, opondo-se sobre na questão relativa ao duelo neste último. (Cf. Pla 1986: 68)

Encontramos elementos de uma mudança paulatina nas propostas do socialismo em geral em relação ao exército, entretanto, o apoio explícito dos socialistas independentes ao golpe significa um ponto de inflexão.

Agora expor uma parte substantiva da declaração emitida pelo Partido Socialista (PS) com motivo do golpe de 30 porque permite analisar alguns elementos da política partidária, ou seja: as relações entre os socialistas e os radicais; entre os socialistas e os militares; entre os socialistas e a democracia e por último entre os socialistas e a violência. Na declaração se realizam uma breve resenha histórica das expectativas populares desatadas pelo triunfo do yrigoyenismo, sua crise e seu desenlace no golpe de estado de Uriburu de 1930.

Este é um importante documento histórico insuficientemente analisado pelas literaturas políticas e acadêmicas, quão mesmo o livro *A revolução deles* de Mario Bravo e são fundamentais para compreender um conjunto de posições políticas dos socialistas.

A Declaração intitulada *O Partido Socialista frente ao movimento militar de 6 de setembro* foi datada em 11 de setembro de 1930 na cidade de Buenos Aires e foi assinada por Mario Bravo, Nicolás Repetto, Silvio L. Ruggieri, Manuel Palacín, Enrique Dickman, Anjo M. Jiménez, Jacinto Oddone, Francisco Pérez Leirós, Alejandro Castiñeiras, J. Della Latta e Adolfo Dickman.

“Força operária e popular armada do sufrágio universal, não pôde lhe ser indiferente a exaltação ao poder, precisamente pelo caminho do sufrágio, daquele agrupamento que tinha vivido alternativamente na conspiração, o motim do quartel ou a abstenção. O triunfo da União Cívica Radical em 1916, despertou em nós, como em todo o país, a espectadora ansiedade de lhe ver na

realização imediata de seu programa de grandes revisões (...)

A nação viveu em uma dolorosa realidade desde 1916 até estes recentes dias de setembro de 1930. Temos autoridade para dizer nesta recapitulação, que já pertence à história, que o governo da União Cívica Radical significou para a república um castigo superior ao engano do povo que a exaltou (...)

A União Cívica Radical, personificada em seu chefe, o ex-presidente Yrigoyen, estimulou, com seu desprezo pela opinião pública, a ação da violência. Os desejos civis de retificação política inadiáveis, encontraram na força armada da nação, formada em sua totalidade por cidadãos, e em sua grande maioria pelos setores que recrutam na entranha da classe trabalhadora, a cooperação eficiente que terminaram com um estado social, cuja prolongação, devemos dizê-lo, era impossível (...)

Mas, na ação de força que pôs termo a esta situação de governo, tivéssemos considerado completo todo um programa se essa ação se deteve no ponto preciso de em que a força da Constituição e da lei reclamava seu sítio (...)

A República carece de autoridades legítimas. Seu governo atual é um governo de fato. Seus atos são ilegais. Será ilegal a apropriação que faça dos dinheiros públicos para aplicá-los sem aplicação da lei; serão ilegais seus atos no regime da administração pública; como é ilegal a expiração do congresso e dos corpos representativos da Capital e das províncias, formados pelo sufrágio universal legítimo.

O Partido Socialista não pode aceitar este estado de coisas voluntariamente. Nem pode impedi-lo (...)

Organização consciente de sua força moral, o Partido Socialista, proclama ante o povo da República seu propósito de reclamar desde este momento a cessação deste estado de coisas. Quer que conclua no país o regime da força e do arbitrário e se devolva ao povo o regime da razão e a lei (...)

O Partido Socialista devolve ao povo, de onde provêm, as representações parlamentar, legislativa e comunal com que investisse, em comícios livres, a seus militantes (...)

O Partido Socialista se dirige por sua vez à classe operária e ao povo da República, para lhes incitar a cooperar na pronta restauração das instituições democráticas, lhes assinalando, na imensa perspectiva de seu desenvolvimento histórico, este episódio da democracia como uma experiência que deverá evitar-se no futuro, dando ao exercício do sufrágio o conteúdo moral e ideológico que reclama a nação para viver uma paz, honrosa, fecunda e construtiva” (Cf. Declaração: O Partido Socialista ante o movimento militar do 6 de setembro,

Buenos Aires 11 de setembro de 1930 em Bravo 1932: 139-149)

Em primeiro lugar encontramos uma leitura do radicalismo como uma força política inconseqüentemente democrática. Esta é uma crítica central, já que expõe que os radicais, não foram tradicionalmente uma força política democrática, embora se beneficiasse com o sufrágio universal. Antes da chegada ao governo através do sufrágio, os radicais tentaram diversas táticas, como a conspiração e a quartelada, confiando em setores do exército, mas sempre temerosos da participação popular, assim como na abstenção eleitoral, impulsionada como forma de ação política, no sentido de pressionar o Estado, entendendo então, a negação da política como uma forma de ação política. Isto somado ao caudilhismo yrigoyenista, considerado pelos socialistas como um produto do atraso da cultura política argentina, diríamos hoje, mostrava como os radicais eram um partido a mais do regime. Em uma atenta leitura desta declaração observamos que na análise tentam e até certo ponto conseguem embora timidamente, diferenciar os radicais no governo, do povo que os erigiu, o que lhes permite dar uma política para a base social do radicalismo, a partir de uma conotação certamente positiva desta e das expectativas depositadas, “erroneamente” segundo os socialistas, na UCR.

Um fato importante que se desprende também é responsabilizar do golpe e a violência ao yrigoyenismo por sua resistência a escutar a opinião pública²¹¹. Existiam desejos de mudança na sociedade, que podemos inferir que se expressaram eleitoralmente no triunfo dos socialistas independentes, furiosamente antirradicais, nas eleições da Capital Federal e que agora sensibilizavam a uma parte do exército, cuja base era principalmente operária e popular²¹². O que os socialistas não podem desconhecer é que em uma instituição como o exército quem tomou a decisão política de derrocar Yrigoyen não eram precisamente os setores plebeus deste.

Como demonstrou o triunfo dos socialistas independentes era um fato que as

²¹¹ Os socialistas entenderam esta mudança de ânimo na opinião pública a partir da cisão entre o apoio dado ao caudilho radical nas eleições executivas de 1928 e o fornecido a UCR nas legislativas de 1930. Existia uma cisão real entre os votos conseguidos pelo radicalismo em 1928 e 1930; as eleições legislativas de março de 1930 constituíram uma catástrofe eleitoral para o yrigoyenismo.

²¹² Em um exército elitista e com formação prussiana pensar que o componente plebeu podia influir na política real era uma utopia compartilhada tanto por socialistas como comunistas. Esta posição está muito afastada da de seus primeiros programas socialistas onde expressavam com clareza a necessidade de dissolver o exército dominante e a construção de tropas cidadãs. No caso dos comunistas a confiança se desprendia de seu leninismo e de insurreccionalismo, ao menos em teoria, já que para que a revolução social triunfasse era necessário quebrar o exército, o setor plebeu seria um ponto de apoio necessário para destruir a capacidade operativa e repressiva do exército dominante e para nutrir o próprio exército popular. Exponho em teoria porque o PCA não se deu uma prática insurreccional. Com a mesma lógica e leitura, o Partido Comunista Revolucionário (PCR), maoísta, a princípios dos anos noventa do século passado manteve conversações com o setor supostamente nacionalista do exército genocida argentino, Aldo Rico e Mohamed Alí Seineldín, líderes dos levantamentos militares para garantir a impunidade dos genocidas.

forças yrigoyenistas perderam terreno não só na Capital Federal, o distrito eleitoral mais importante politicamente, mas também em outros três distritos transcendentais: Córdoba, Santa Fé e a província de Buenos Aires.

Para dar alguns exemplos da debilidade em que ficou submetido o yrigoyenismo podemos dizer que Di Tomaso, que encabeçou a lista socialista independente triunfou com 120.000 votos na Capital Federal; Nicolás Repetto, socialista tradicional obteve 83.000 votos no mesmo distrito eleitoral e o yrigoyenismo teve uma queda significativa, passou de ostentar 127.000 votos em 1928 a 82.000 votos nessa eleição, perdendo em dois anos só na Capital Federal 45.000 votos, o que implica uma queda muito significativa no distrito mais importante do país, é uma queda de algo mais de 35 % em dois anos (Cf. Sanguinetti 1987: 147-149).

Seguindo com a declaração dos socialistas frente ao golpe de 30 observamos que tivessem apoiado a esta opção de força militar se tivesse limitado à defesa da Constituição e a legalidade, mas se opõem por ter instalado um regime ilegal.

É uma resposta política, entretanto, limitada a termos “juridicistas” e institucionais, a que realizam os socialistas. Logo depois disto criticam a opção de força fundamentalmente por ilimitada. Assim, logo depois de acusar o yrigoyenismo como causador do golpe e ver na base do golpe profundas aspirações cidadãs ante uma situação insustentável, criticam duramente o golpe de Uriburu de um começo.

Contrariamente a uma reconstrução histórica que com bastante freqüência e desde diferentes campos ideológicos criticam os socialistas tradicionais por ter gerado as condições e apoiado o golpe, querendo mesclar as posições políticas claramente diferenciadas entre estes socialistas e os socialistas independentes, com o objetivo político de desacreditar ao socialismo em geral. Observamos que este documento crítico do golpe emitido poucos dias depois de produzido é o elemento mais forte para sustentar junto com Corbière, Unamuno e Iñigo Carreira, a afirmação de que os socialistas não o apoiaram. As importantes contribuições à reconstrução da silenciada entrevista entre Yrigoyen e Justo em 1927 que realizam estes autores, assim como a declaração, permitem expor que ainda os princípios socialistas no PS, estavam por cima de sua forte oposição ao radicalismo.

Este mesmo documento nos permite observar a relação entre os socialistas e a violência, assim como nos mostra sua impotência, porque no plano da praxe pareceria que não pode fazer-se “nada” contra esta. Paralelamente, pela força da realidade, ante os múltiplos feitos de violência e assassinatos de que eram vítimas, tomaram a decisão política de ter uma mudança de atitude frente a esta, no marco do que denominaram uma autodefesa armada no caso de ser necessária.

Igualmente, os socialistas recalcam que a estratégia socialista é uma estratégia

democrática, está descartada a via insurrecional e a oposição violenta a um regime ilegítimo já que se isso acontecesse as conseqüências, para os socialistas, seriam pagas pelo povo trabalhador. No mesmo documento afirmam quase com resignação uma contradição, os socialistas não podem aceitar este estado de coisas de maneira voluntária, mas tampouco podem fazer nada por impedi-lo, quer dizer, que se opõem, mas terminam aceitando ao golpe, embora de maneira involuntária:

“Tentá-lo implicaria precipitar a uma luta de incalculáveis e dolorosas conseqüências, e o Partido Socialista se sente tão solidário com o sofrimento do povo argentino que não poderia estimular procedimentos que contribuam a sumi-lo em crise irreparáveis” (Cf. Declaração: *O Partido Socialista ante o movimento militar de 6 de setembro*, Buenos Aires 11 de setembro de 1930 em Bravo 1932: 147)

A luta proposta é pela recuperação pacífica das instituições democráticas, rechaçando a violência e sem ter ainda elaborada uma estratégia antirrepresiva; devolvem suas cadeiras ao povo que os erigiu, pelo qual a relação entre representantes e representados ainda é significativa, avançam em uma afirmação profética ao expor quão grave seria para o país que se repitam as rupturas à ordem institucional, uma profecia que não podemos negar que na perspectiva histórica argentina se verificou.

Os socialistas independentes por sua parte diferenciavam politicamente entre os militares aos uriburistas dos justistas. Os primeiros eram militares corporativistas, enquanto que os segundos, a referência é ao General Agustín P. Justo, eram interpretados como militares dispostos a manter com um caráter consultivo aos partidos políticos que os apóiem. Entretanto, os socialistas independentes, através de seus principais dirigentes apoiaram ativamente o golpe de Uriburu.

Federico Pinedo reuniu-se em múltiplas ocasiões com Uriburu para lhe expressar o ponto de vista de seu partido; González Iramain argumentou em alguns atos seu temor a uma ditadura militar, mas Di Tomaso tomou a decisão política de instalar-se no comando central do golpe desde em 4 de setembro, o diário *Crítica*, dirigido por Natalio Botana, o qual realizava uma furiosa campanha de desgaste contra “o Peludo”, apelido de Yrigoyen.

Por sua parte os militares “institucionalistas” como Justo, que nos próximos anos observara-se que não tinham nenhum reparo de governar mediante a fraude e violar a institucionalidade, da mesma forma que os socialistas independentes já travestidos abertamente ao conservadorismo, decidiram deixar suas diferenças políticas para mais adiante e defender aos golpistas. Então, os socialistas independentes que apoiavam ao

General Agustín P. Justo, quando este apóia Uriburu, realizam o mesmo de maneira ativa, dirigindo-se aos quartéis e tentando organizar da melhor maneira possível o apoio civil ao golpe, sendo essa sua função principal.

Di Tomaso era quem mais honesta e explicitamente confiava nos militares como possibilidade para derrocar Yrigoyen e na Terceira Assembléia dos Opositores realizada no teatro Pueyrredón de Flores na Capital Federal já expor:

“A atual geração de chefes e militares argentinos se formou sob o império da Constituição que temos e possui um espírito civil (...) a maioria não é capaz de (...) criar como alguns temem uma ditadura militar (...)” (citado por Sanguinetti 1987: 156)

Os socialistas independentes, como chave no apoio civil ao golpe, nas universidades, organizaram assembléias estudantis onde eles que expressavam às correntes “reformistas moderadas”, obtiveram o apoio ao golpe frente à oposição dos reformistas de esquerda como Carlos Sánchez Viamonte, socialista opositor ao golpe. León Tourrés, presidente do Centro de Estudantes de Medicina da Universidade de Buenos Aires (CEM-UBA) e Raúl Uranga, ambos os socialistas independentes cumpriram um papel muito dinâmico na junta. Este último posteriormente será deputado radical, mas nesse então, cunhou uma injúria famosa contra Yrigoyen: “caudilho bárbaro e senil” na mesma linha de Pinedo, quem como deputado já se referiu no mês de julho de 1930 a Yrigoyen como a esse “ancião irresponsável que rege os destinos da pátria” (Cf. Sanguinetti 1987: 158 e 197)

Alfredo Palácios, contrastando, sendo decano da mesma Faculdade de Direito que se havia oposto a lhe dar o título de doutor por seu estudo sobre a situação dos pobres e a pobreza na Argentina, enfrenta-se ao golpe de estado e essa oposição conseqüente se transforma em uma possibilidade de retorno às filas do PS.

Desta forma, podemos explicar que concentradas as forças reformistas democráticas e de esquerda na Faculdade de Direito, os setores reformistas mais combativos, entre os que se encontrava Carlos Sánchez Viamonte, perderam a assembléia de medicina à mãos dos setembrinos.

Três dias antes do golpe, Palácios, o homem do bigode como o conhecerá, tinha advertido:

“É, em efeito, um governo inepto o de nosso país, mas a juventude deve fiscalizar zelosamente a oposição, que não sempre é digna e detrás da qual se esconde o exército.”

A juventude não poderia honrosamente chamar-se assim se permitisse, sem que a massacrem que governasse o país uma ditadura militar.

Em meu caráter de decano desta casa de estudos, declaro que se se constituir uma junta militar, ditarei no ato um decreto repudiando-a e desconhecendo-a, e incitando à juventude a que se prepare a derrocá-la, até a sacrifício de suas vidas.

Quando governam os tiranos os homens dignos que se rebelam não têm mais que dois caminhos, o desterro ou o cárcere”. (Alfredo Palácios, citado por García Costa 1986: 248-249)

Nos dia 5 de setembro pede a renúncia de Yrigoyen, mas que seja substituído a partir dos mecanismos constitucionais e do primeiro momento rechaça o golpe.

Observamos que a declaração de Palácios tem uma diferença política, não só com o PSInd., mas também com o PS, já que precatória à ação, convoca à “juventude”, um sujeito difuso mas sujeito ao fim, a cumprir um papel ativo no rechaço à ditadura militar e a dar sua vida se for preciso para derrocá-lo. Vimos como o PS tradicional realiza uma crítica institucional e não convoca o povo trabalhador a realizar uma política de resistência ativa e militante, de uma vez que os socialistas independentes apóiam o golpe procurando dotar o de legitimidade civil.

Aos poucos dias de produzido o golpe se forma a Federação Democrática Nacional (FDN), integrada por conservadores, radicais antipersonalistas e socialistas independentes. Aos dois meses, produz-se uma crise na FDN, quando no mês de dezembro de 1930, o presidente de fato tem oportunidade de avançar em seu programa com elementos contrários à democracia e ao sufrágio universal, sendo partidário de escuras enunciações corporativistas, procurando substituir o sufrágio universal por representações corporativas dos diferentes segmentos da sociedade. A FDN rechaçou por boca de Di Tomaso as posições presidenciais.

A posição política de Palácios, entretanto, volta-o a aproximar do PS, que lhe envia uma carta solicitando sua reincorporação ao Partido, que devido às circunstâncias políticas que vive o país, a aceita no mês de outubro de 1930 com o objetivo de unir forças para lutar pela liberdade e o realiza, paradoxalmente, pouco antes de ser encarcerado junto com outro socialista, Mario Bravo. Estes dois detentos ingressarão no Senado pelo socialismo em 1932.

Recordemos também que a ditadura do Gral. Uriburu encarcerou mais socialistas como Nicolás Repetto e Enrique Dickman, de uma vez que enclausurou *A Vanguarda*; ilegalizou o Partido Comunista Argentino (PCA), aplinou seus locais, deportou militantes, encarcerou dissidentes tanto na penitenciária de Villa Devoto na Capital

Federal como o remoto presídio da cidade de Ushuaia, a mais austral do mundo.

O Socorro Vermelho Internacional (SRI) defensor dos detentos políticos teve uma árdua tarefa. Até o Secretário de San Juan do Partido Socialista Independente, foi preso, de uma vez que foi o primeiro governo argentino em usar sistematicamente a tortura contra adversários políticos. Argentina tem o nefasto privilégio, da ditadura de Urriburu de ter sido os criadores do uso da hoje mundialmente famosa picana elétrica nos interrogatórios.

A ditadura de Urriburu decide realizar uma prova piloto convencida de sua legitimidade e da derrota radical para o qual chama eleições de governador e vicegovernador, senadores e deputados em quatro províncias: Buenos Aires, Córdoba, Santa Fé e Corrientes.

Em 5 de abril se de 1931 se realizaram as eleições na província de Buenos Aires, aonde a fórmula radical formada por Honorio Pueyrredón e José María Guido vence por 218.783, à conservadora integrada por Ramón Santamarina e Pereda do Partido Demócrata Nacional (PDN), que obteve 187.083. O PS tradicional com a fórmula encabeçada por Nicolás Repetto, obteve 41.000 votos.

Quadro 29. Resultados eleitorais eleições abril 1931 província de Buenos Aires, para Governador e Vice Governador.

Partido/Frente Eleitoral	Candidatos	Votos
Unión Cívica Radical (UCR)	Pueyrredón - Guido	218.783 (48,8 %)
Partido Demócrata Nacional (PDN)	Santamarina - Pereda	187.083 (41,9 %)
Partido Socialista (PS)	Nicolás Repetto	41.000 (9,2 %)

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Centro de Estudos Nova Maioria (CENUM) e Sanguinetti (1987)²¹³.

Esta, como vemos, foi uma eleição polarizada, na qual os dois candidatos radicais se declararam contrários a Yrigoyen. O governo suspende as eleições nas outras províncias e anula estas, sob um argumento antidemocrático e falso, o da solidariedade dos partidos que se apresentam com o regime deposto. Entretanto, significou uma derrota política do governo que selo sua sorte.

A eleição era indireta, portanto a soma dos eleitores para governador dos conservadores e dos socialistas lhes permitia obter o governo. Os conservadores, colocando os radicais como o inimigo principal, tomaram a decisão política de que seus

²¹³ Cf. Centro de Estudios para uma Nova Maioria: http://www.nuevamayoria.com/ES/investigaciones/politico_electoral [Procurar o papel dos socialistas em dita eleição]

eleitores votem aos candidatos socialistas com o objetivo de derrotar os radicais, entretanto, contra a corrente das afirmações em seus críticos habituais, Repetto rechaça o apoio dado. O dirigente socialista se nega a erigir-se com o governo do distrito eleitoral mais importante do país através de um novo conluio, esta vez com os socialistas tradicionais.

A proposta dos socialistas é chegar a um acordo com os radicais para reunir o Colégio Eleitoral, entretanto, os radicais mantêm uma posição política intransigente, e ante a ausência de acordo político, os radicais tentam reunir na cidade de Lomas del Mirador o Colégio Eleitoral. Frente à falta de vontade política dos radicais, os socialistas decidem não participar. A ditadura ante o fracasso da convocatória ao Colégio decide anular o comício argumentando a expiração dos mandatos dos eleitores.

É interessante observar a posição política socialista, onde prioriza uma aproximação aos radicais e rechaça uma proposta de conservadores. Só Sanguinetti (1987) menciona estes fatos, expostos pelos socialistas no Relatório do Comitê Executivo do PS apresentado em seu XXI Congresso Ordinário.

“Os resultados do escrutínio portenho desconcertaram o governo provisório. Produziu-se a crise do gabinete. Tanto o Ministro do Interior como o Presidente esperavam um amplo triunfo do Partido Conservador. Em troca, obteve maioria relativa o Partido Radical, embora não conseguiu tirar triunfante sua fórmula governamental. Impunha-se, pois, um transação no Colégio Eleitoral. Os rancores da política crioula faziam isso impossível entre os dois principais partidos. Mas podia resultar um governo popular da reunião do Colégio. O governo o temeu, e primeiro adiou sine die a reunião do Colégio Eleitoral. Depois anulou essa eleição!” (Relatório do C-PS ao XXI Congresso Ordinário)

b. Os socialistas na “década infame”.

b.1. Os socialistas frente à “fraude patriótica” (1932-1938)

As eleições gerais eram inevitáveis depois da derrota do governo e estavam convocadas para 8 de novembro de 1931, entretanto, o antigo ajudante de Hipólito Yrigoyen, o Tenente Coronel Gregorio Pomar, levanta-se na província de Corrientes em

20 de junho, com o apoio de um major e seis tenentes, sem nenhuma participação popular, e é derrotado. Uma das consequências foi que as eleições foram adiadas, os dirigentes radicais inclusive os antipersonalistas são obrigados a exilar-se entre outros Alvear, Pueyrredón, Noel, Tamboríni e Guido, de uma vez que o governo veta a possibilidade de apresentação da fórmula eleitoral Alvear-Güemes, acusados de ter sido colaboradores do regime tombado em 6 de setembro. Frente a esta situação os radicais convocam à abstenção eleitoral.

Entretanto, os socialistas e os democratas-progressistas chegam a um acordo eleitoral com a fórmula Lisandro De la Torre (PDP) - Nicolás Repetto (PS), formando a Aliança Democrata Socialista (ADS). O VI Congresso Extraordinário do PS decide a aliança eleitoral. O acordo político é possível respeitando as relações de força de cada um em cada distrito ficando para o PS a totalidade das candidaturas a legisladores nacionais na Capital Federal e a totalidade demoprogressistas na província de Santa Fé. Mas a pergunta é a seguinte, se a UCR formava parte da política crioula, por que, os democratas progressista não?. O PDP era um partido de pequenos proprietários rurais do sul da província de Santa Fé e do norte da província de Buenos Aires, desprendido do radicalismo e centrado em uma figura sobressalente, Lisandro de La Torre, que se tinha deixado a barba por haver-se batido a duelo com Yrigoyen quando ainda era membro da União Cívica Radical (UCR) e recebendo um corte na cara.

Poucas vozes elevaram-se contra a aliança de dentro do PS. Por sua parte os radicais criticam a apresentação eleitoral dos socialistas já que visualizam que cumprem um papel de legitimador da política proscriptiva de Urriburu e da candidatura de Agustín P. Justo²¹⁴, candidatura a sua vez apoiada pelos socialistas independentes. Os comunistas, a sua vez, realizam uma crítica por esquerda que não tem em conta a institucionalidade distintamente da crítica radical, para o PCA, simplesmente a aliança com os democratas progressistas é uma aliança com um partido burguês alheio aos interesses da classe operária.²¹⁵

Do socialismo a oposição mais forte à formação da Aliança, quase a única ao interior do PS, é a de Joaquín Coca, quem poucos anos depois fundará o Partido

²¹⁴ Os radicais não terão a mesma vocação democrática quando se apresentem a eleições com o peronismo proscrito, o que não lhes tira mérito em sua oposição a uma eleição fraudulenta desde um princípio.

²¹⁵ Os comunistas não duvidaram em aliar-se aos democratas progressistas contra o peronismo na União Democrática (UD).

Socialista Operário (PSO):

“Agora, o Comitê executivo do Partido Socialista propõe aos afiliados um pacto com o Partido Democrata Progressista, devemos apoiá-lo?

Esse partido é um agrupamento artificial organizado ao redor de um homem: o doutor Lisandro de La Torre. É um partido pessoal. Até no melhor dos casos, é um grupo de universitários que inventaram (ou se apropriaram, porque a coisa é velha) uma receita para formar partidos eleitorais ‘centristas’, e que consiste em equidistar teoricamente dos extremistas da direita e da esquerda para fazer assim partidários do ‘justo meio’, como se dizia antigamente a fim de evitar, de uma vez, a reação e a revolução. Em realidade se trata de conservadores-liberais, mais liberais que conservadores e mais reacionários que revolucionários (...)

O Partido Democrata Progressista não é mais que a reserva do conservadorismo na capital e seu representante direto em Santa Fé” (Cf. Moreau de Justo 1983: 146)

A plataforma eleitoral nacional da Aliança Democrata Socialista (ADS) está dividida em treze partes.

No plano da política geral, inclui um programa de reformas liberal-democráticas o qual defende a lei Sáenz Peña; uma reforma constitucional que reafirme a autonomia do Congresso e a autonomia municipal; a eleição direta dos senadores; a organização de *referédis* e de iniciativas populares; assim como a separação da Igreja do Estado, reafirmando a neutralidade religiosa deste.

A parte econômica do programa inclui uma lei de bancos, a nacionalização das jazidas petrolíferas e sua exploração pelo estado ou comissões mistas, o cumprimento da lei repressiva das manobras e especulações dos *trusts* e uma lei de expropriação apoiada na avaliação fiscal do chão.

Em plano da saúde, propõem uma lei de saúde pública, a defesa da saúde da mulher e o menino, um seguro de maternidade e a educação física obrigatória até os 18 anos, assim como o barateamento das moradias para a construção de casas populares higiênicas e sas.

As outras áreas incluem no regime fiscal a eliminação dos impostos ao consumo popular assim como impostos diretos e progressivos à renda; em relação com os problemas do campo se propõe a divisão do latifúndio mediante impostos e expropriação assim como a regulamentação do trabalho agrícola; com respeito à legislação do trabalho propõe o respeito às leis operárias, fundamentalmente o do limite de 8 horas para a jornada trabalhista e o reconhecimento legal das associações corporativas de trabalhadores; um salário mínimo; um seguro nacional para as enfermidades, a velhice, a invalidez e o desemprego; a redução do serviço militar e dos gastos militares; a incorporação do país à Liga de Nações; o ensino gratuito, laica e obrigatória; a autonomia e governo democrático nas universidades e a lei de divórcio absoluto.

Como observamos se trata de um programa profundamente reformista, liberal e democrático.

Lisandro De la Torre, do PDP aceita a candidatura em uma carta dirigida a Alfredo Palácios, escrita em 31 de agosto de 1931 no Pântano de Coro e em um discurso na Capital Federal expõe seus argumentos:

“Sinto a emoção mais profunda de minha vida (...) as lembranças assaltam minha memória e desenhavam minha linha de atuação pública, iniciada nas filas de um radicalismo idealista e revolucionário e acentuada incessantemente na direção democrática, à medida que avançavam os tempos; a causa a honra insigne de que minha candidatura tenha sido aceita no Partido Socialista com tanta espontaneidade como em meu próprio partido, e o dobro de honra de que a fórmula proposta ao povo, na aliança de ambos, integrou-se com o nome do doutor Nicolás Repetto de tão alto prestígio na nação (...)” (de la Torre 1960: 114)

Este programa reformista radical se opõe com clareza ao programa das elites. É um programa de reformas democráticas profundas, entretanto, o que não explicam suficientemente os socialistas é o por quê da necessidade de apresentar-se a umas eleições fraudulentas desde o começo, com o radicalismo proscrito. Tampouco como veremos entendem o caráter da crise econômica, o candidato a vice-presidência, o

socialista Repetto continua convencido que é uma típica crise de sobreprodução, mas não uma mudança no modelo de acumulação.

O argumento político central que se desprende da lógica do PS é sua idéia de aproveitar-se de qualquer fresta legal que permita recuperar a institucionalidade; seus detratores afirmam que ante a situação do radicalismo proscrito, procuravam beneficiar-se de sua ausência e capitalizar seus votos. A razão política dos socialistas, sem deixar de lado a vontade de capitalizar os votos radicais, esta vinculada fundamentalmente a auto-percepção que o PS tinha de se mesmo e que percorrerá toda esta época da fraude eleitoral e o fará, em certa medida, coerente com sua posição política mais global. Segundo o próprio Nicolás Repetto, citado por Iñigo Carreras o PS se visualizava sempre como um partido construtivo:

“(...) uma organização (...) admiravelmente armada de um conjunto de claras idéias gerais e de propósitos de ação sempre públicos’ que ‘em seu permanente e inquebrável empenho em construir, em edificar, em consolidar na República novas instituições e adaptar as existentes às exigências do progresso universal, (...) deveu ser com preferência uma força de educação e colaboração’ e se definia como força operária e popular, armada do sufrágio universal’. Seu principal figura Nicolás Repetto, definia que para o PS ‘a tarefa aqui e agora não é de demolição mas sim de transformação (...) É a nossa uma tarefa de estudo de observação, de experimentação, de capacidade prática, que pode necessitar alguma vez mas acessoriamente, da violência (...) estudar sempre, atuar de contínuo, ensinar ao povo e crescer indefinidamente. Penetrar em todas partes, aperfeiçoar nossa organização, acentuar em todas os afiliados o sentimento de responsabilidade, exercitar-se na cooperação, cultivar o gremialismo proletário, educar-se em todos os sentidos, defender a liberdade e o grande acervo de coisas espirituais e morais que soube criar nosso partido. Não desertar nunca de nenhum comício, nem incorrer jamais no esquecimento dos deveres, recorrendo ao sistema da abstenção. Tudo isto podemos fazer, devemos fazê-lo sem organizar um exército vermelho nem nos pôr em relação com militares descontentes com o governo” (Cf. Iñigo Carreras em Camarero e Herrera 2005: 251-252)

Esta declaração nos permite entender várias posições políticas que marcarão a evolução do socialismo durante todo o período.

Como observamos é um argumento mais para rechaçar a ditadura de Uriburu por política; expõe uma estratégia evolucionista pacífica, parlamentarista que não exclui a transcendência do capitalismo, mas, que, além disso, implica um rechaço da violência como método de ação política e uma defesa de todas as frestas legais e institucionais, motivo pelo qual se explica a oposição mas de uma vez a legitimação da eleição fraudulenta de Justo em 1931 como veremos a seguir. Em coerência com o anterior explicita também a oposição à abstenção política praticada pelos radicais até meados da década e também às tentativas de derrocada por parte de militares supostamente constitucionalistas, temerosos da participação popular mas apoiados por radicais e inclusive por anarquistas e mais tibiamente como comunistas, de uma vez que se diferencia destes por sua negativa à formação de um exército vermelho e podemos adicionar da idéia da ditadura do proletariado como modelo político.

A Concordância (Conc.), o acordo conservador triunfou nas eleições de novembro de 1931 mediante a fraude, com a fórmula Agustín P. Justo-Julio Argentino Roca (h), apoiada pelos socialistas independentes. Os oficialistas escolheram 237 eleitores enquanto que a ADS 122, 46 correspondentes à Capital Federal e 28 a Santa Fé, pela maioria. Além disso, a ADS obteve a minoria nas províncias de Buenos Aires, Córdoba, Mendoza, Jujuy e San Luis. Foram eleitos: 4 senadores, 57 deputados e o governador da província de Santa Fé, Luciano Molinas (pai), membro do Partido Demócrata Progressista (PDP).

Quadro 30. Resultados eleitorais eleições presidenciais novembro de 1931.

Partido/Frente Eleitoral	Candidatos	Votos
Concordancia (Conc.)	Agustín P. Justo-Julio Argentino Roca (h)	218.101 (56,2 %)
Alianza Demócrata Socialista (ADS) PDP-PS	Lisandro de la Torre-Nicolás Repetto	124.365 (32,1 %)
Unión Cívica Radical Antipersonalista (UCR-A)		14.722 (3,8 %)

Fonte: Construção própria a partir de dados do Centro de Estudos Nova Maioria²¹⁶.

²¹⁶ Idem nota 213.

A ADS foi vítima de uma fraude anunciada com o radicalismo proscrito, portanto não foi uma genuína expressão da vontade popular e inaugurou o período da história argentina conhecida como a “década infame” ou da “fraude patriótica”.

Frente a isto, a ADS emitiu em novembro de 1931 na Capital Federal, uma declaração conjunta centrando as críticas na fraude realizada pelos conservadores nas províncias de Mendoza e Buenos Aires, assinada por Lisandro de la Torre, Virgilio Tedín Uriburu, Juan José Díaz Arana, Rodolfo Molledo, Francisco E. Correia, Julho A. Nobre e Augusto Larreta pelo Comitê Nacional do PDP, enquanto que pelos socialistas assinaram Mario Bravo, Alejandro Castiñeiras, Jerónimo Della Latta, Adolfo Dickman, Enrique Dickman, Ángel M. Jiménez, Jacinto Oddone, Miguel Palacín Francisco Pérez Leirós, Nicolás Repetto e Silvio L. Ruggieri como membros do Comitê Executivo Nacional do PS:

Os comitês dos partidos Socialista e Demócrata Progressista (...) ante a evidência que as eleições realizadas nesses distritos [Buenos Aires e Mendoza] confirmaram e superou as previsões e denúncias de fraudes, coações, violências e outros delitos contra o sufrágio e a liberdade cidadã resolvem:

1ro. Considerar nulos os poderes nacionais que para constituir-se devam contar com eleitores fraudulentos das províncias de Buenos Aires e Mendoza, e negar-se a reconhecê-los como simples poderes ‘de facto’.

2do. Negar reconhecimento aos governos provinciais escolhidos nos mesmos comícios delituosos.

3ro. Considerar sem validade constitucional a eleição de senadores nacionais que efetuem as legislaturas de Buenos Aires e Mendoza.

4to. Sustentar a invalidez dos diplomas dos deputados do Congresso Nacional outorgados pelas juntas escrutinadoras em Buenos Aires e Mendoza, como resultado dos comícios de 8 de novembro.

5to. Encomendar à comissão interpartidária remeter ao governo provisório todos os antecedentes que obram em seu poder sobre as eleições de Buenos Aires e Mendoza, que impõem a anulação desses comícios e uma imediata convocatória a novas eleições, com remoção dos atuais agentes do governo provisório e com todas as garantias políticas e legais.

6to. Afirmar desde já que os partidos da Aliança Demócrata Socialista, em seu empenho por obter os anteriores objetivos, afiançar o império da legalidade e resguardar a vontade do povo, estão dispostos a assumir as atitudes que reclamem as circunstâncias. (citado por Sanguinetti 1987: 192-193)

É, neste contexto de violação da vontade popular, que em 1932, Antonio Di Tomaso, tornar-se-á o primeiro-ministro socialista de um governo argentino. Um socialista independente, que tinha apoiado à Concordância ao qual o presidente conservador Agustín P. Justo, oferece-lhe o Ministério de Agricultura, enquanto que paralelamente a González Iramain, oferece-lhe a Direção da Caixa de Aposentadorias Ferroviárias²¹⁷.

A prematura morte de seu principal dirigente Antonio Di Tomaso em 1932 acelerará a crise e a dissolução do PSInd., o qual desaparecerá em 1935 diluído na própria Concordância (Conc), entretanto, a reacomodação ministerial produzida posterior a sua morte, colocará Federico Pinedo e seu secretário Raúl Prebisch no Ministério de Economia, o que é um fato político e econômico de transcendência.

Estes ministérios expressam a cristalização de um processo de ruptura política, claramente diferenciado do realizado até então pelo Partido Socialista na Argentina.

Isto é exposto com clareza por Juan Carlos Pontartiero, quando trabalha a influência dos debates da Internacional Operária Socialista (IOS) e a Federação Internacional Sindical (FSI), que agrupavam aos partidos políticos e sindicatos social-democratas respectivamente, no socialismo argentino e por Leticia Prislei quando estuda as relações entre liberalismo Georgista e socialismo independente por um lado e entre Henri de Man e os socialistas em geral por outro, no marco de uma etapa de crise e reelaboração teórica ante o fracasso do liberalismo e as instituições democráticas na Europa e na Argentina.

A posição dos socialistas independentes, podem compreender-se, não justificar-se, já que esse grupo de socialistas, irão a fundo no que Preslei denomina um “segundo revisionismo” em sintonia com as idéias do socialista belga, Henri de Man. Este entendia que era necessário o intervencionismo do estado na economia, que o capitalismo não tinha saída ante a crise, mas que a saída tampouco era o socialismo a não ser uma “fase intermédia” mescla dos dois onde o Estado seria um árbitro entre as classes.

Os socialistas tradicionais tinham outra interpretação da crise de 30, por sua parte, entendiam que esta era uma crise de sobreprodução típica do capitalismo, não uma crise no modelo de acumulação e por este motivo continuam propondo uma combinação entre reformismo social e liberalismo econômico, através da idéia de voltar para padrão ouro.

As principais decisões tomadas por Pinedo no Ministério de Economia, com a assessoria de Prebisch, implicaram uma mudança de regime no nível macroeconômico,

²¹⁷ Os socialistas independentes aspiravam ao Ministério do Interior para Di Tomaso e o de Instrução Pública para González Iramain, por mais que Federico Pinedo se opôs por considerá-la insuficiente, o PSInd. aceita a contra-proposta presidencial

que incluiu mudanças na política monetária, o controle de mudanças ante o deslocamento do padrão ouro e a criação em 1935 do Banco Central da República Argentina (BCRA). Estas medidas são duramente criticadas, fundamentalmente por seu Ex-co-militantes, junto com a desvalorização do peso, Pinedo procura impulsionar uma maior intervenção do Estado no comércio exterior, no sustento dos preços agrícolas e na regulação na produção. Pinedo, além disso elabora um programa de obras públicas com o objetivo de combater o desemprego.

Na interpelação solicitada pelos socialistas contra os ministros socialistas independentes da Concordância, Luis Duhau -Ministro de Agricultura, em substituição a Di Tomaso- e Pinedo de Economia, observamos como este último de maneira muito inteligente realiza uma defesa de sua política ainda do marco do socialismo contra os próprios socialistas. A polêmica é reproduzida por Preslei e é relevante porque coloca precisamente sua política no marco da política dominante na sócia-democracia a nível mundial, de uma vez que expõe que a crise não é só uma crise mais de sobreprodução mas sim é uma mudança no modelo de acumulação. Pinedo expõe:

“Posso estar seguro do que vai se dizer agora: política oligárquica baixo novas formas, políticas das classes altas do país que apropriadas do poder por efeito da revolução, submetem a travas às classes baixas e lhe impõem toda classe de tributos. Que se dissesse isso antes, que nos tenham feito dizer isso , ensinando-os durante muito tempo está bem. Mas não agora, em que o Partido Trabalhista da Inglaterra saiu que patrão oro negando-se a voltar para ele; em que o Partido Socialista na Austrália e Nova Zelândia mantém uma baixa artificial de sua moeda, um controle das mudanças para que a moeda não suba; em que o Partido Socialista na Suécia determina uma baixa da coroa e edifica sobre essas medidas um plano de trabalhos públicos Também são oligarcas os socialistas suecos e australianos e os trabalhistas ingleses? (...) Os socialistas [Pinedo se refere aos socialistas belgas os quais sustentam ao Henri de Man no nível ministerial em um governo de coalizão com liberais e católicos] estão descontentamentos com a política de deflação e da ameaça de rebaixar novamente os salários. São partidários da inflação a que se opõem os católicos. Isso o diz o glorioso partido operário belga, um dos mais fortes escoras da Internacional, que conta em seu seio com as cabeças mais esclarecidas do movimento socialista” (Cf. Preslei em Camarero e Herrera 2005: 241)

A resposta de Pinedo é interessante e original no plano político, e se remete fundamentalmente a Enrique Dickmann e a Repetto. Entretanto, o Partido Socialista

Independente (PSInd.), estava bastante longe de ser o laborismo inglês ou o socialismo operário belga, já que nenhum destes dois partidos tinham participado jamais de governos fraudulentos e ilegítimos, independentemente de sua “ré-revisionismo” como bem afirma Preslei. A exposição de Pinedo, oculta além que a própria decisão de Vanderverde, dirigente histórico do socialismo belga, de apelar de Henri de Man, era visualizada pelo mesmo como um pouco meramente conjuntural ante a crise e não como uma mudança mais essencial, estratégico, aceitava-o como um mal menor, como um plano de crise para confrontar o capitalismo, os monopólios e o grande capital financeiro em benefício, supostamente, do interesse geral.

Na mencionada interpelação é o socialista Dickman o encarregado de propor a volta ao padrão ouro:

“A saúde do mundo e do país argentino está na volta ao padrão ouro, à medida estável dos valores” (Cf. Portantiero em Camarero e Herrera 2005: 309).

A estratégia socialista procurava a defesa dos consumos dos setores sociais desfavorecidos pela política econômica devaluacionista de Pinedo. Quer dizer, que visto em perspectiva embora equivocados em sua análise do caráter da crise econômica mundial, pretendiam elaborar uma política para defender a aqueles setores sociais que tinham ganhos fixos, fundamentalmente aos assalariados, que eram quem perdia seu poder aquisitivo. O problema mais difícil de resolver era a utópica tentativa dos socialistas tradicionais de compatibilizar o reformismo liberal no plano econômico com o “reivindicacionismo” no plano social. Isto é uma amostra um dos limites mais fortes a uma estratégia socialista utopicamente reformista evolucionista.

Pinedo, por sua parte, admitiria dez anos depois os custos de sua política, mas o fazia como algo inexorável e necessário, entretanto, ainda de uma perspectiva socialista que abandonaria pouco tempo depois para integrar-se definitivamente em termos políticos às filas do conservadorismo, já que culminará seus dias, como afirma Roberto Azaretto, dirigente do Partido Democrata da Capital Federal, sem ocultar suas simpatias pelo Partido Democrata Nacional (PDN) e suas continuidades históricas no plano político. Segundo Portantiero:

“Pinedo era consciente dos custos de suas medidas. As comentando, dez anos depois escrevia: ‘Que algum preço se pagou por ter evitado a numerosas categorias da população, especialmente aos setores rurais, mas também a outros os efeitos da crise é evidente, porque até agora não se aprendeu a fazer nada sem custo’. E adicionava que sabia que esse custo o tinham pago os

assalariados e os financeiros com ganhos fixos. Como não sabê-lo se se tinha dedicado 'durante trinta anos ao estudo e à exposição pública dos princípios nos que se funda a nova moeda'! Mas a desvalorização resultava inevitável para a economia argentina em um momento no qual, entre 1931 e 1935, 'não eram os governos oligárquicos do Sul da América mas sim as mais vigorosas democracias do mundo, pressionadas pelos partidos populares, socialistas ou operários, os que um a um abandonavam o padrão ouro e deixavam cair sua moeda ou a empurravam deliberadamente para baixo, tais como a Inglaterra, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Suécia, etc' (Cf. Portantiero em Camarero e Herrera 2005: 309-310)

Dentro do tronco socialista tradicional, as novas idéias “dirigistas” começam a entrar, lentamente, segundo Portantiero, ante a indiferença da direção partidária e a crítica da esquerda de dentro do partido.

O debate se introduziu através de Rómulo Berboglio, diretor da *Revista Socialista*, que era o principal órgão teórico do PS, nos debates sobre o socialismo europeu brindados pelo mesmo Berboglio nos cursos da Escola de Estudos Sociais Juan B. Justo e por meio das *Edições do Pequeno Livro Socialista*. Todos estes faziam referência ao socialismo belga de Henri de Man, à escola econômica do socialismo sueco, cuja principal figura era Gunnar Myrdal e aos intelectuais do laborismo inglês, como Harold Laski, G.D.H. Penetre e Stafford Cripps, assim como as idéias da CGT francesa que tinham adotado o “planismo” como política. Este conjunto de posições, eram reconhecidas, como reformismo construtivo.

Henri de Man (1885-1953) que apaixonou os socialistas independentes e a alguns socialistas tradicionais terminou seus dias sendo julgado como um colaboracionista do exército de ocupação alemão.

Antes de sua traição, este líder do socialismo operário belga, como Ministro das Obras Públicas em 1935 e de Economia em 1937 na Bélgica, tentou colocar em marcha o *Plano de Trabalho* de 1933. Criticando o socialismo reformista tradicional, elaborou uma proposta política que se conheceu como “socialismo planista”, devemos contextualizá-la devidamente no marco da derrota da social-democracia e da revolução na Europa, o liberalismo à defensiva e a grande depressão.

“Para De Man a crise abre uma oportunidade ao movimento socialista que este não soube aproveitar, aprisionado pela velha ortodoxia. Essa oportunidade radica na possibilidade aberta pelo desengano de grandes setores da população (entre eles as camadas médias) sobre as capacidades do capitalismo para

remontar a depressão e portanto a existência de uma disponibilidade de massas para uma perspectiva socialista, na medida que esta fora capaz de trocar uma ideologia mítica e um ilusório reformismo por uma articulação construtiva entre programa teórico e programa mínimo, traduzida em uma política que deslocasse às reformas distributivas por reformas de estruturas colocadas pragmaticamente entre as reivindicações imediatas e o finalismo socialista. Essas reformas de estrutura teriam que apoiar-se na hipótese que seria vantajosa a competência entre capitalismo e socialismo na medida em que este abandonasse primeiro velhos esquemas ortodoxos e pusesse em prática uma nova relação entre política e economia: a reformulação em sentido socialista da ‘economia dirigida’ com que o capitalismo tinha enfrentado a crise” (Cf. Portantiero em Camarero e Herrera 2005: 313)

Na Argentina, sobre De Man e suas idéias podemos destacar o livro de José Luis Pena: *Padrão ouro e livre comércio?*, prefaciado por Alfredo Palacios, o qual discute a necessidade de discutir a política socialista sobre o intervencionismo estatal. Palacios nesse prólogo afirma que ante a nova situação mundial, problemas indiscutíveis no socialismo como até então eram a livre mudança e o amparo alfandegário, deviam começar a ser debatidos no marco de uma necessária revisão de conceitos. Os comentários de Portantiero sobre o livro de Pena, sinteticamente são os seguintes:

“O livro começa ajustando contas com um tema tabu para a ortodoxia socialista o da livre mudança. No mundo anterior à guerra: ‘os socialistas foram ferventes partidários da livre mudança (...) tanto na prática interna em nosso país como em nossas proposições nos congressos internacionais’. Pena atribui essa orientação ao feito de ser a Argentina uma economia atada fortes vinculações financeiras com e ao estar acostumada a exportar a nosso país os grandes saldos da exportação agropecuária, ‘lógico era que nos decidíssemos pela livre mudança, como o fizemos’. Mas ‘a guerra transtorna em poucos anos a obra de um século’ e logo a crise agravou a situação. Ao abandonar Grã-Bretanha o Padrão Ouro se deveu recorrer ao controle de mudanças, que em seu momento –recordemos– foi duramente criticado pelo PS. A posição que assume Pena em seu livro é diferente e assume francamente as modificações impostas desde 1930 e especialmente desde 1933: ‘O controle de mudanças (...) é um precioso elemento de informação econômica e financeira para o Estado. A economia dirigida tem nesse controle uma base estatística de primeira ordem para apreciar em todo seu valor as verdadeiras necessidades do país’. E

conclui o julgamento: 'Devemos procurar então por meio do sufrágio iluminado e consciente o apoio a um plano socialista de reconstrução econômica e financeira usando dos novos moldes que o próprio capitalismo criou para sua marcha'. Terá que aceitar o mundo tal qual é, insiste, 'por doloroso que seja'. Embora tenhamos saudades as vantagens do livre comércio 'é impossível esperar ingenuamente que operem leis ocultas ou divinas que restabeleçam o ansiado equilíbrio'. (Cf. Portantiero em Camarero e Herrera 2005: 317-318).

A publicação de mensal da já mencionada coleção impulsionada pelo Partido Socialista, intitulada de maneira completa *O pequeno livro socialista. Coleção de estudos sobre o movimento socialista e problemas políticos conexos*, podem ser tomados como uma amostra de um determinado perfil ideológico do agrupamento. Utilizaremos como amostra deste perfil os primeiros sessenta e dois livros que são publicados até 1940.

Quadro 31. O pequeno livro socialista. Coleção de estudos sobre o movimento socialista e problemas específicos conexos.

Autor	Título	Lugar, Editora e número.
Juan B. Justo	El socialismo	Bs. As.; La Vanguardia; 1.
Juan Antonio Solari	Los socialistas y las castas militares.	Bs. As.; La Vanguardia; 2.
Jean Jaurés	Civilización y socialismo	Bs. As.; La Vanguardia; 3.
Enrique Dickmann	Socialismo y gremialismo	Bs. As.; La Vanguardia; 4.
A. Castiñeiras	Historia de las ideas socialistas	Bs. As.; La Vanguardia; 5.
Alicia Moreau de Justo	El socialismo y la mujer	Bs. As.; La Vanguardia; 6.
Rómulo Bogliolo	Teoría y acción	Bs. As.; La Vanguardia; 7.
Upton Sinclair	Cartas a un trabajador	Bs. As.; La Vanguardia; 8.
José V. Jordán	El socialismo y el niño	Bs. As.; La Vanguardia; 9.
Daniel W. Hoan	Una municipalidad socialista	Bs. As.; La Vanguardia; 10.
Fred Henderson	El objetivo socialista	Bs. As.; La Vanguardia; 11.
Manuel Palacín	El movimiento obrero internacional	Bs. As.; La Vanguardia; 12.
Adolfo Dickmann	El socialismo y el municipio	Bs. As.; La Vanguardia; 13.
Alfredo L. Palacios	Por las madres que trabajan	Bs. As.; La Vanguardia; 14.
John M. Work	Algunas objeciones contra el socialismo	Bs. As.; La Vanguardia; 15.
León Blum	El socialismo y la crisis	Bs. As.; La Vanguardia; 16.
Morris Hillquit	Realizaciones prácticas del socialismo.	Bs. As.; La Vanguardia; 17.
Upton Sinclair	Socialismo y Cultura	Bs. As.; La Vanguardia; 18.
Carlos Moret (h)	Legislación del trabajo	Bs. As.; La Vanguardia; 19.
Partido Laborista Inglés	El socialismo y las condiciones del pueblo	Bs. As.; La Vanguardia; 20.
Fred Henderson	El ABC del socialismo	Bs. As.; La Vanguardia; 21.
Mc Alister Coleman	El fracaso del individualismo en los Estados Unidos	Bs. As.; La Vanguardia; 22.
Fred Henderson	Socialismo y ahorro	Bs. As.; La Vanguardia; 23.

Juan Nigro	El socialismo y la juventud	Bs. As.; La Vanguardia; 24.
Fred Henderson	Socialismo y propiedad	Bs. As.; La Vanguardia; 25.
León Blum	Socialismo y Comunismo	Bs. As.; La Vanguardia; 26.
Fred Henderson	Socialismo y Libertad	Bs. As.; La Vanguardia; 27.
Partido Laborista Inglés	Socialismo y finanzas	Bs. As.; La Vanguardia; 28.
Marion Phillips	Acción socialista femenina	Bs. As.; La Vanguardia; 29.
Fred Henderson	El socialismo y la desocupación	Bs. As.; La Vanguardia; 30.
Morris Hillquit	Filosofía política del socialismo	Bs. As.; La Vanguardia; 31.
Fred Henderson	Socialismo, trabajo y despilfarro	Bs. As.; La Vanguardia; 32.
G. H. D. Cole	Incentivos bajo un régimen socialista	Bs. As.; La Vanguardia; 33.
Rómulo Berbolgio	La acción económica libre del pueblo	Bs. As.; La Vanguardia; 34.
Paul Blanshard	La evolución económica hacia el socialismo	Bs. As.; La Vanguardia; 35.
Alfredo López	El valor social del sindicato obrero	Bs. As.; La Vanguardia; 36.
Fred Henderson	Socialismo y realidad	Bs. As.; La Vanguardia; 37.
Julio V. González	Democracia, sufragio y socialismo.	Bs. As.; La Vanguardia; 38.
Jules Guesde	El problema y la solución	Bs. As.; La Vanguardia; 39.
Romeo Ferrara	Los sistemas económicos de producción	Bs. As.; La Vanguardia; 40.
Fred Henderson	El socialismo y la naturaleza humana	Bs. As.; La Vanguardia; 41.
Lucien Laurat	El socialismo al orden del día	Bs. As.; La Vanguardia; 42.
Norman Angell	Una nueva organización social	Bs. As.; La Vanguardia; 43.
A. M. Giménez	La religión y el estado	Bs. As.; La Vanguardia; 44.
Etienne Antonelli	La política y la economía	Bs. As.; La Vanguardia; 45.
Gustavo Rouanet	La filosofía socialista	Bs. As.; La Vanguardia; 46.
Américo Ghioldi	Partido de trabajadores y escuela de orientación intelectual	Bs. As.; La Vanguardia; 47.
Carlos Rovetta	Un fenómeno completamente nuevo: la economía cooperativa	Bs. As.; La Vanguardia; 48.
Juan B. Justo	El "realismo ingenuo"	Bs. As.; La Vanguardia; 49.
Karl Marx	Marx y la revolución española	Bs. As.; La Vanguardia; 50.
Karl Marx	La España revolucionaria (vol.1)	Bs. As.; La Vanguardia; 51.
Karl Marx	La España revolucionaria (vol.2)	Bs. As.; La Vanguardia; 52.
Carlos Sánchez Viamonte	El socialismo y la evolución jurídica	Bs. As.; La Vanguardia; 53.
Karl Marx	La España revolucionaria (vol.3)	Bs. As.; La Vanguardia; 54.
Américo Ghioldi	Síntesis de la posición política del socialismo democrático	Bs. As.; La Vanguardia; 55.
Manuel Palacín	Problemas del campo y del país (vol.1)	Bs. As.; La Vanguardia; 56.
Manuel Palacín	Problemas del campo y del país (vol.2)	Bs. As.; La Vanguardia; 57.
Juan B. Justo	La teoría científica de la historia y la política argentina	Bs. As.; La Vanguardia; 58.
Sin autor	El método de la libertad	Bs. As.; La Vanguardia; 59.
Manuel Palacín	Problemas del campo y del país (vol.3)	Bs. As.; La Vanguardia; 60.
Alberto Ríos	Los socialistas y la guerra	Bs. As.; La Vanguardia; 61.

Fonte: Elaboração própria a partir das publicações *O pequeno livro socialista. Coleção de estudos sobre o movimento socialista e problemas específicos conexos*.

A idéia de apresentar estes livros têm como objetivo delimitar temas, perspectivas e as preocupações centrais dos socialistas no país. A coleção foi pensada com a característica de ser sintético para facilitar sua divulgação abordando as relações do socialismo com algumas questões específicas.

Berboglio e Pena vêm lutando pelo intervencionismo estatal no interior do PS desde 1932, frente à oposição da direção partidária, que reagia frente à crise como a maiorias dos socialistas europeus, como entre outros: Hilferdin, Snowden, Mc. Donald, o francês Leon Blum ou o próprio belga Emile Vandeverde.

O PS adotará o intervencionismo econômico recém no XXIV Congresso Ordinário, realizado em 1938, onde o incorporará junto com suas clássicas propostas de redistribuição econômica e um programa completo de nacionalização econômica, mas inspiradas nas elaborações programáticas do laborismo inglês. Sendo a principal influencia específica desta etapa a de Clement Attle, quem ocupasse o governo como principal dirigente do laborismo inglês e quem realiza um programa de nacionalizações e políticas assistenciais, que cristalizarão no mencionado congresso partidário (Cf. Portantiero em Camarero e Herrera 2005: 301-302 e 304-305)

Para o PS argentino, igualmente que na Europa tinha chegado ao limite uma política social-democrata que se opunha a qualquer intervenção estatal na economia, apoiada fundamente em um critério evolucionista e utópico segundo o qual o capitalismo só podia reformar-se em função dos interesses dos trabalhadores. Segundo o balanço da social-democracia realizado por Adolf Sturmthal, um estudioso desta durante o período da grande depressão:

“[a social democracia] *demonstrou ser um baluarte do laizes-faire econômico com o que combinava umas reivindicações sindicais que se achava em contradição com esta mesma concepção. A política reformista representava, pois, uma estranha morta de laizes-faire ortodoxo e de práticas de grupo de pressão contrárias ao laizes-faire*” (Cf. Ao Sturmthal 1945: 106, citado por Portantiero em Camarero e Herrera 2005: 302)

Estas idéias dos socialistas, Portantiero as faz extensivas também para os partidos comunistas.

Além disso, afirma que a necessidade de mudanças econômicas estiveram ausentes da campanha eleitoral de 1931 da Aliança Democrata Socialista (ADS),

entretanto, de acordo com o programa de dita aliança, embora lhe deu mais ênfase ao plano político e institucional, a plataforma eleitoral tinha uma boa seção destinada ao plano econômico. Podemos dizer que é contraditória, já que é contrária a uma desvalorização, mas como expusemos anteriormente inclui elementos claramente intervencionistas, antes mesmo do Congresso de 38 na segunda parte denominada “questões econômicas”, como a nacionalização e a expropriação. Vejamos:

“II. Questões econômicas

4. Moeda sã. Valorização e estabilização do peso papel de acordo à lei de conversão. Lei orgânica dos bancos.

5. Nacionalização das jazidas petrolíferas e sua exploração pelo Estado ou por comissões mistas.

6. Cumprimento da lei repressiva das manobras e especulações dos trusts.

7. Lei de expropriação apoiada no reavaliação fiscal do chão” (Cf. Aliança Democrata Socialista. A plataforma nacional em De la Torre 1960: 185)

Distintamente do exposto por Portantiero, não é que a ADS não se preocupou por discutir temas econômicos, mas sim era um programa de importantes reforma cujo limite é que não tem em conta as mudanças produzidas no capitalismo a escala planetária depois da crise de 30. Referem-se ao plano econômico embora constitua uma proposta que tenha em conta a mudança produzida no modelo de acumulação.

Durante toda esta década, conhecida como infame, a estratégia o Partido Socialista, tradicional, centrar-se-á em uma política parlamentar. A abstenção radical e a aliança com os democratas-progressistas, um fato político novo para o PS, mas como observamos realizados quase virtualmente sem oposição, permitiu polarizar a eleição e fortalecer os socialistas já que os radicais anti-personalistas ficaram esmagados pela mesma.

Os socialistas nas eleições de 8 de novembro de 1931 para o período 1932-1934 obtiveram 43 deputados nacionais distribuídos da seguinte maneira: 22 pela Capital Federal, 14 pela província de Buenos Aires, 5 por Córdoba, 2 por Mendoza e 1 por San Luis. Manteve 42 em 1935 e caiu para 25 entre 1936 e 1937, a quantidade de cadeiras diminuía na medida em que se levantava a proscrição aos radicais, entretanto, para poder apresentar-se em todo o país, deviam ter uma organização de caráter nacional. Em 1932 nas eleições da Capital Federal obteve também as duas cadeiras de senadores nacionais, sendo eleitos Alfredo Palácios e Mario Bravo.

É Iñigo Carreras quem realiza duas contribuições significativas para entender as práticas socialistas entre 1932 e 1936, em primeiro lugar demonstra contra grande parte

da literatura, que o PS é um partido político nacional não só capitalino e por outro estuda o papel da violência entendida como autodefesa entre os socialistas o que é um tema ausente em todos os estudos.

Vemos a dimensão nacional do PS em termos institucionais no período mencionado a partir do estudo de Iñigo Carreras quem afirma inclusive que o seu é um estudo incompleto.

O historiador nos mostra que nas eleições provinciais e municipais realizadas em 1931 e 1932 o PS obteve numerosos representantes (Cf. Iñigo Carreras em Camarero e Herrera 2005: 255-256)

Na província de Buenos Aires o PS não concorreu às eleições de legisladores provinciais, sustentando a validade das de 5 de abril, que como mencionamos anteriormente foram anuladas depois do triunfo radical. Mas nas eleições municipais de 10 de janeiro de 1932 obtiveram 168 vereadores distribuídos da seguinte forma: 13 vereadores em Bahía Blanca; 11 em Avellaneda; 9 em Colinas de Zamora; 8 em San Martín; 7 em Baradero, Junín, La Plata, San Nicolás e Chacabuco; 6 em Sino e San Fernando; 5 em Dolores e Pergamino; 4 em Chivilcoy, Quilmes, Saavedra e San Pedro; 3 em Geral Alvarado, Guaminí, Juárez, Las Conchas, Luján e Zárate; 2 em Ayacucho, Carlos Casares, General Guido, Las Flores, Lincoln, Lobería, Lobos, Maipú, Matanza, Nove de Julho, Pilar, Ramallo, São Isidro, Trenque Lauquen, Vicente López e Villarino e 1 Coronel Dorrego, Coronel Engordure, General Belgrano, Leandro N. Alem, Mercedes, Morón, Patagones e Pehuajó. Além de três prefeitos, os de Bahía Blanca, Chacabuco e San Fernando.

Na província de Córdoba obteve 1 senador e 7 deputados provinciais, além de 25 vereadores: 5 em Córdoba capital; 4 em Sampacho e Laboulaye, onde além disso colocaram a ambos os intendentes; 2 em Canais, Pascanas, Marcos Juárez e Uchaca; 1 em Morteiros, Huinca Renancó e San Francisco.

Na de Entre Rios, por sua parte o PS teve para o período 1930-1931 6 vereadores: 2 em Paraná, a capital; 2 em Concepción de Uruguai e outros 2 em Concórdia, cidade em que em 1931 somará 3 vereadores mais.

Em Santa Fé, território de seus aliados, os democratas progressistas que detinha o governo em aliança com o PS, os socialistas obtiveram 1 deputado provincial e 16 vereadores titulares e 1 suplente: 5 em Sunchales, 3 em Rosário, 2 em Gálvez, 1 em Barrancas, Garganta de Gómez, Rafaela, Retomada, Rufino e Santa Fé, de uma vez que o suplente era de Villa Gobernador Gálvez.

Em Tucumán, o PS obteve 1 senador e 2 deputados provinciais, 6 eleitores para governador, o que o colocou na posição de decidir a eleição no Colégio eleitoral, optando pelo candidato mais votado e nas eleições municipais de janeiro de 1932

escolheu 4 vereadores: 2 na Capital, San Miguel de Tucumán; 1 em Concepción e o outro em Aguilares.

Em La Pampa que nesse então era território nacional governava desde 1925 os dois municípios mais importantes, Santa Rosa, a capital e Geral Pico e tinha representações minoritárias nos de General Acha, Toay, Colônia Baron e Trenel; o governo manteve as intervenções decretadas pelos radicais em 1928, entretanto houve eleições em abril de 1933 e os socialistas obtiveram as municipalidades da Santa Rosa, Geral Pico, Castex, Trenel, Uriburu e Realicó.

Na Patagonia, em Santa Cruz, presidiram a Câmara de vereadores Municipal de Puerto Deseado desde 1933 onde foram maioria e obtiveram um vereador em Rio Galegos.

Em 1933 conquistaram outras intendências em territórios nacionais: 2 no Chaco, Resistência e Presidência Roque Sáenz Peña; Rio Colorado em Rio Negro e a capital de Neuquén. Em março de 1934 ganharam as eleições municipais em El Carmen (Jujuy)

Quadro 32. Representação institucional nacional do PS (1931-1934)

Distrito	Deputados (dn) e Senadores nacionais (sn)	Intendências	Deputados (dp) e Senadores provinciais (sp)	Conselhos municipais (cm)
Capital Federal	2 sn y 22 dn	Elegido por el presidente de la nación	-	Sin datos (s/d)
Buenos Aires	14 dn	Bahía Blanca - Chacabuco - San Fernando	- ²¹⁸	168
Córdoba	5 dn	Sampacho -Laboulaye	1 sp y 7 dp	25
Entre Ríos	-	-	-	9
Jujuy	-	Ganaron las elecciones municipales en El carmen (1934)	-	s/d
Mendoza	2 dn			
Neuquén	-	Ganaron las elecciones municipales en Neuquén Capital (1933)	-	s/d
San Luis	1 dn	-	-	-
Santa Fé	-	-	1 dp	16 titulares y 1 suplente
Tucumán	-	-	1 sp y 2 dp y 6 electores para	4

²¹⁸ Não se apresentou para esses cargos por reconhecer a validade das eleições ganhas pelo radicalismo nesse mesmo ano e anuladas por Uriburu.

			governador	
Santa Cruz	-	-	-	Mayoría en Puerto Deseado s/d y 1 Río Gallegos
La Pampa Territorio Nacional (TN)	-	Santa Rosa, General Pico, Castex, Trenel, Uriburu, Realicó	-	General Acha, Toay y Colonia Barón s/d precisos pero con minoría
Chaco (TN)	-	Resistencia – Roque Sáenz Peña	-	-
Río Negro (TN)	-	Río Colorado	-	-
Total	2 sn y 43 dn 1933-35 42 dn 1935 25 dn 1936-37	13 intendencias	2 sp, 10 dp y 6 electores de governador	223 concejales y un suplente como mínimo

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de Iñigo Carreras (2005)

Demonstramos que esta maneira o caráter nacional do PS tantas vezes falaciosa e deliberadamente ignorado por seus caluniadores fundamentalmente socialistas nacionais e peronistas. Logicamente que a participação eleitoral ao começo de algumas facções radicais e posteriormente do radicalismo em seu conjunto diminuirá o caudal eleitoral do socialismo. Mas o substantivo é observar qual foi a política desta estratégia parlamentar dos socialistas.

Vamos observar que em geral as propostas socialistas são reivindicativas, já que logo depois da crise de 30 era central o problema da desocupação, Nicolás Repetto propõe organizar uma comissão interparlamentar que se ocupe de procurar soluções ao problema em um prazo de quinze dias, para o qual elaborou um importante plano de obras públicas, financeiramente sustentadas, sem tocar os gastos sancionados e sem desarticular o orçamento.

O Ministro Pinedo pensava de maneira semelhante, entretanto, com caracterizações diferentes a respeito da crise. Em contraste com que foi dito por Portantiero, encontramos algumas propostas concretas de intervenção estatal na economia por parte de Repetto, embora em teoria continuem defendendo o *laizes-faire*.

No mesmo sentido o deputado Bogliolo propõe realizar um censo de desempregados. Em agosto de 1933 se cria a Junta Nacional de Desocupação, para combater o desemprego e em agosto de 1934 se toma a decisão de realizar um censo de parados de maneira sistemática, semestralmente. O deputado socialista Alejandro

Castiñeiras, propõe terminar com a exploração dos trabalhadores das empresas empreiteiros do estado, regulando a atividade das mesmas. Além disso, impulsionaram a aplicação efetiva de leis que a patronal não cumpria como a proibição do serão nas padarias ou o trabalho a domicílio, a criação de instituições que controlem a aplicação das leis trabalhistas sancionadas; assim como projetos de férias pagamentos irrenunciáveis, a semana de 40 hs. de trabalho com não mais de 8 hs. diárias de trabalho cinco dias semanais, conhecida como o sábado inglês; modificações na lei sobre acidentes de trabalho; regulamentações do trabalho portuário; da lei da cadeira e da criação de um Tribunal de Trabalho.

De todas estas leis se sancionaram por iniciativa socialista: a lei de sábado inglês em 1932, que permitia trabalhar só até as 13 hs. o dia sábado e que tinha sido apresentada pela primeira vez por Enrique Dickmann em 1914; uma lei que estabelecia o fechamento de comércios às 20 ou as 21 hs. segundo a época do ano em 1934, a instauração da licença por maternidade com salário integral para as mães e a lei do salário mínimo.

Em síntese durante “a década infame” (1932-1943) os socialistas tradicionais no âmbito parlamentar se dedicaram fundamentalmente a uma política reformista de amparo aos trabalhadores. Vemos que se comporta como um grupo de pressão política por reformas, que se faz incompatível com sua ideologia partidária de manter o *laissez-faire*. A maior dificuldade dos socialistas no período não é o ter pretendido defender o nível de vida dos trabalhadores, mas sim ter entendido que a crise econômica era de superprodução e um fenômeno transitório, não que trocava o modelo de acumulação.

Os socialistas durante este período tiveram um crescimento político eleitoral e organizativo, verdadeiramente de caráter nacional independentemente da proscrição/abstenção radical. Esta sem dúvida os beneficiou e facilitou sua organização mas é inegável que igualmente deveram avançar em um processo de construção partidária embora mais não seja como mínimo em termos eleitorais com tudo o que isso implica.

Neste período da década infame, entretanto, isto não foi quão único realizaram os socialistas.

No âmbito extra-parlamentar, vão avançar dois sentidos. Em primeiro lugar no que Iñigo Carreras denomina no marco das condições da luta política, a necessidade de desenvolver a defesa armada dos comícios, os atos e os locais partidários e por outro lado a política de frente antifascista, de união democrática, o que unidimensionalmente Andrés Bisso denomina, a política de “apelação antifascista” dos socialistas argentinos durante a “fraude tardia” entre 1938 e 1943. Como veremos esta política foi uma apelação mas foi muito mais que isso.

O contexto da luta política em que o PS se propunha como uma alternativa parlamentar pacífica e evolucionista, digamos em termos gerais, para a classe operária, estava assinado por uma violência não pretendida pelos socialistas, mas que estava generalizada através da fraude eleitoral e do uso de armas na luta política. Iñigo Carreras realiza uma muito importante reconstrução parcial de alguns feitos.

Em 29 de outubro de 1932, na Capital Federal, um grupo de civis dissolveu a cacetes um ato da Federação Operária Local Bonaerense, ferindo vários operários sob a passividade da polícia; em 2 de novembro do mesmo ano a polícia atacou a balaços a sede do Sindicato de Operários Padeiros na localidade da Florida, correspondente à Municipalidade de Vicente López, na província de Buenos Aires; em 4 de novembro também de 1932, policiais de uniforme e traje civil atacaram a balaços o local socialista da México 2070 na Capital Federal, que era um local que era sede de vários sindicatos e onde se realizou uma reunião contra o fascismo convocado pelo Comitê Local da Unidade Sindical Classista, aonde segundo a Confederação Geral do Trabalho (CGT) romperam portas, escritórios, vidros, bibliotecas e roubaram objetos.

A violência vai aumentando e começam os assassinatos, como por exemplos podemos mencionar: em 1932 em um ato organizado no bairro de Parque Patricios, pela Federação Operária Local Bonaerense (FOLB) contra as leis de repressão ao comunismo e de associações corporativas impulsionadas pelo Senador Matías Sánchez Sorondo, os nacionalistas assassinam um operário; em 19 de agosto de 1933, foi morto pela polícia no Guaminí o socialista Daniel Marconi; em um ato socialista contra o fascismo na localidade de Sarandí (Avellaneda) foi assassinado por legionários, Matías Álvarez e em um ato socialista em Rojas foi assassinada a professora Carmen Garralda na porta de sua casa, todos estes fatos na província de Buenos Aires; na capital cordobesa foi assassinado o deputado provincial José Guevara, enquanto se celebrava em pleno centro um ato socialista que sofreu provocações por parte da polícia e civis fascistas quem assassinou ao legislador de dois balaços.

Sem contar a violência sistemática dos conservadores, nos momentos da eleição em si mesma, como as ameaças aos fiscais e demais.

Os socialistas pacíficos por convicção, estavam cruzados por condições antidemocráticas de luta eleitoral, ameaçados pelas máfias conservadoras no plano político, a confrontação com grupos paramilitares organizado pelos grupos nacionalistas oligárquicos identificados com o fascismo, com aval ou ante a passividade desses mesmos conservadores fraudulentos e da polícia. Frente a esta situação, o socialismo decide a formação de grupos de autodefesa, para os locais, os atos e a participação eleitoral (Cf. Iñigo Carreras em Camarero e Herrera 2005: 259)

Nicolás Repetto se dirige no parlamento aos membros do Partido Demócrata

Nacional (PDN) e tendo em conta esta situação de violência crescente solicita através do grupo parlamentar socialista, a dissolução dos grupos paramilitares depois do assassinato do operário da FOLB em Parque Patrícios da seguinte maneira:

“Para vocês não há argumentos, não há razões, não há lei; contra vocês a única argumentação que pode esgrimir-se é o ato violento. O ato violento é o que tem que aconselhar-se ao povo para dar a solução final a esta situação de tribulações intermináveis” (Nicolás Repetto, Câmara de Deputados, *Jornal de Sessões*, 1932, T. VII, p 205-206)

É, entretanto, em uma conferência, resgatada por Iñigo Carreras, publicada em 15 de dezembro de 1932, em *A Vanguarda* sob o título *O que devemos fazer*, onde Repetto realiza um amplo balanço da situação política e marca a necessidade de uma mudança de atitude do partido. A conferência é esclarecedora por vários motivos. Realiza uma resenha da relação dos socialistas com o governo, com os radicais, com os comunistas e os anarquistas e adiciona a necessidade frente aos ataques nacionalistas de defender fundamentalmente três coisas: os locais, o direito de palavra e a liberdade eleitoral. Começa a mesma recordando:

“(...) a posição que se deu o partido frente à ditadura e todos os esforços que fez para que se restabelecesse no país o regime da liberdade dentro da lei (...) Participamos das eleições do mês de novembro do ano passado e colaboramos com o governo ungido ou, mas bem, imposto naqueles comícios, porque esperávamos salvar nessa forma, e não pela violência, as graves dificuldades do momento para chegar paulatinamente à normalização institucional e a pacificação política e social de nosso país; [a avaliação não podia ser pior] (...) os frutos de nossa colaboração (...) não podem nos satisfazer. evitamos ou contribuiu a evitar a continuação de um governo de fato, mas o governo de aparência legal que lhe acometeu e que nós aceitamos como um mal menor, não se conduziu nestes seus primeiros dez meses de vida como nós desejávamos e o esperava o país. Em lugar de adotar uma política destinada a aquietar os ânimos, a infundir confiança, a restabelecer em forma progressiva mas firme os direitos e as liberdades suprimidas pela revolução, este governo acentua sua hostilidade contra o movimento operário, respira campanhas absurdas contra titulados extremismos, cria um profundo desassossego social com suas insensatas prédicas nacionalistas, ampara grupos armados de tendências nitidamente fascistas e contempla impassível a violência e a fraude eleitorais na

provincia de Buenos Aires.(...)

Os radicais desejariam, naturalmente, que nós lhes fizéssemos a revolução ou que a preparássemos fomentando a greve geral (...) Alguns companheiros quereriam que agora nos confundíssemos com os radicais para levar, por meio da revolta, outro general ao governo (...) outros companheiros quereriam que agora façamos causa com os comunistas para condensar em proveito nosso todo o mal-estar que está saturando o meio ambiente (...) a tarefa aqui e agora, não é de demolição mas sim de transformação (...) Tudo isto o podemos fazer, devemos-lo fazer sem organizar um exército vermelho, nem nos pôr em relação com os militares descontentes com o governo (...)

Três coisas devemos defender: nossos lares, o direito de palavra e a liberdade eleitoral. Para isto bastarão os grupos de companheiros dispostos e bem providos que se constituíram espontaneamente no partido. É sensível que neste momento não possa fazer-se tudo por meio do livro, da palavra e do raciocínio; a retomada da liberdade eleitoral na provincia de Buenos Aires talvez exija algum sacrifício e chegado o caso até terá que fazê-lo. Seria um engano suicida emudecer por temor aos valentões. Para estes deve haver também meios de contenção, como os há nos laboratórios para os ratos pestosas e coléricos. Seria curioso que ou partido de trabalhadores –portanto, de técnicos- não soubesse superar esta pequena dificuldade. Perder o acanhamento e proceder como argentinos que estão em sua própria casa, é também outra atitude que devemos assumir com urgência”. (Cf. A Vanguarda 15/12/1932, p.1., também citado por Iñigo Carreras em Camarero e Herrera 2005: 260-261)

O mencionado assassinato do deputado Guevara na cidade de Córdoba vai reforçar estas atitudes já expostas por Repetto. Em termos defensivos Iñigo Carreira nos ilustra a mencionado mudança na atitude política dos socialistas.

Para mencionar alguns exemplos, na cidade de Campana, na provincia de Buenos Aires, procurando impedir a apresentação eleitoral dos socialistas mediante a violência armada e ameaçando de morte ao deputado Manuel B. Bessasso, os socialistas tiveram que defender-se frente a um plano armado com premeditação, houve intercâmbio de disparos e o saldo foi um conservador morto; outro enfrentamento se produziu no Município de La Matanza, na provincia de Buenos Aires, onde os conservadores começaram a derrubar os cadastros e pretenderam obrigar ao fiscal socialista a assinar 50 envelopes vazios, o partido ante esta situação envio ao vereador pela Capital Federal, Adolfo Rubinstein, quem é atacado a balaços pelos conservadores e ferido de bala. Os socialistas respondem e o saldo são dois conservadores mortos e

três conservadores feridos. Em ambos os casos os únicos detidos foram os socialistas.

Além disso, houve enfrentamento sem disparos no Berazategui, onde finalmente, o deputado nacional Jacinto Oddone, o deputado provincial Lemos e o vereador Zamora, conseguiram impedir o pretendido assalto conservador ao comício; na cidade de Tandil frente às ameaças dos conservadores para que se permita deixar votar “aos mortos”²¹⁹, o fiscal socialista, Lozano, deveu desencapar sua arma para impedir a fraude; de uma vez que pela força foram obrigados a retirá-los fiscais socialistas de Berazategui, Los Toldos, Balcarce, Saladillo e houve fraude em General Pirán, Carlos Cáceres e outras localidades, todas na província de Buenos Aires.

Na província de Mendoza, na cidade de Godoy Cruz, no marco de uma disputa eleitoral entre socialistas e democratas nacionais, estes rodeiam com uma barra de valentões a legislatura com o objetivo de impedir seu funcionamento, atacando a um vereador os democratas nacionais, o que foi repellido pelos socialistas ferindo o chefe dos provocadores. Frente às denúncias democratas nacionais que os socialistas foram quem provocou os incidentes, a polícia deteve militantes socialistas.

Nesta confrontação de fato entre socialistas e fascistas, os segundos a maioria das vezes impulsionadas pelos conservadores, a defesa dos socialistas demonstrou ser muito eficaz infringindo baixas aos democratas nacionais. Recordemos que não só os socialistas se confrontavam com os nacionalistas, também os anarquistas e os comunistas confrontavam com os nacionalistas. Como afirma Iñigo Carreras:

“O pequeno problema ‘técnico’ ao que fizesse referência Repetto tinha sido resolvido com grupos de afiliados ‘constituídos espontaneamente’ que praticavam tiro” (Iñigo Carreras em Camarero e Herrera 2005: 264)

Do jornal direitista *A Imprensa*, representante dos interesses da oligarquia agro-exportadora, de maneira nenhuma preocupado por práticas cidadãs democráticas, exigia aos socialistas a ser conseqüentes e seguir o exemplo, descontextualizado de Juan B. Justo que afirmava que frente às forças das armas devia opor-se o valor civil²²⁰. *A*

²¹⁹ Isto significa que pessoas com documentação correspondente a pessoas mortas mas que figuravam nos cadastros, irregulares, votavam em lugar destas.

²²⁰ Cada um lê a parte de Juan B. Justo que mais lhe convenha, poderia indicar o jornal *A Imprensa*. Em *Internacionalismo e Pátria*, no tomo V de suas obras completas, o fundador do socialismo argentino afirma:

“Nossos governos são muito maus: nos esforcemos por melhorá-los, mediante o voto, e, se for necessário, mediante o fuzil. Mas pensemos sempre que seria ainda maior calamidade a dominação estrangeira. Se o imperialismo norte-americano, inglês ou alemão queria nos tratar como a Porto Rico, bom seria lhe oferecer alguma resistência (Cf. *A vanguarda* 11/01/1902 chamado pelo Iñigo Carreiras em Garçon e Herrera 2005: 264)

Vanguardia responde a estas reiteradas críticas da seguinte forma, em 28 de março de 1934, o que também é uma justificação política do uso das armas na mesma, dado o contexto e expondo uma diferença substancial entre os socialistas e poderíamos adicionar os cristãos, conclui que os socialistas são inimigos da violência mas que não têm alma de mártires.

“(...) não distinguir entre a agressão de valentões irresponsáveis, muitos dos quais são facínoras prontuariados, e a reação da legítima defesa de cidadãos pacíficos, conscientes, que se vêem de repente levados a um terreno de violência que não podem evitar a não ser a risco de morrerem assassinados é simplesmente, viver fora da realidade. O Partido Socialista é, em efeito, um agrupamento de métodos tranquilos e inteligentes que repudia qualquer expressão de brutalidade. Mas desta atitude pacifista e culta a resignar-se a ser imolados sem nenhum gesto de defesa, há um trecho que nenhum homem está disposto a salvar (...) As virtudes da paz, são nesse plano teórico, inobjektáveis. Mas quando um vereador socialista vai em cumprimento de deveres partidários e cívicos a fiscalizar um comício, e uma vintena de valentões o recebe a tiros, a situação que se expõe é muito distinta. Os socialistas são inimigos da violência, mas, certamente, não temos vocação de mártires. (Cf. A Vanguarda 28/03/1934, p.1., também citado por Iñigo Carreras em Camarero e Herrera 2005: 264)

A justificativa dos socialistas para o uso desta violência defensiva é que as classes dominantes com a presença política dos socialistas no parlamento ficaram presas de sua própria legalidade. São os nacionalistas e os conservadores os que se vêem obrigados para garantir sua dominação a quebrar a lei e sua própria institucionalidade.

É interessante observar como a ‘autocensurada’ Introdução de Federico Engels, escrita em 1895, para a reimpressão do livro de Marx *A luta de classes na França (1848-1850)*, censurado a sua vez pela social-democracia alemã em caminho para o revisionismo e pelo estalinismo, tem vigência em outras condições históricas em um país diferente como a Argentina.

O socialismo argentino tinha uma força incomparavelmente menor a social-democracia alemã, entretanto, sua política reformista devia ser combatida, por elementos fora da lei do campo das classes dominantes. Os socialistas não procuram o enfrentamento mas devem estar preparados para resisti-los.

Bom é destacar que, estes ataques impulsionados pelos grupos nacionalistas argentinos embora sejam importantes, não constituem uma maquinaria própria do terrorismo de estado. O Estado deixa atuar aos grupos paramilitares, mas são marginais

à esfera estatal, são elementos fascistas da sociedade civil não se produz a articulação sociedade civil e Estado própria de totalitarismos como o alemão ou o fascismo italiano. Os grupos da direita nacionalista têm elementos ideológicos fascistas, não o são a partir de um plano sociológico e político nem como categoria histórica, a idéia de fascismo é usada como uma figura política para comparar. É também esse o motivo pelo qual, resolvendo o problema técnico de aprender a atirar, os socialistas podiam fazer frente à junta política violenta da Argentina. De maneira nenhuma estava à ordem do dia na cabeça dos socialistas, por concepção, a construção de uma organização de combate, está pensada como uma estratégia defensiva.

Repetto é muito claro a respeito, quando afirma que os socialistas precisam desta limitada “autodefesa espontânea” ²²¹ de alguns filiados, mas que de nenhuma forma é necessário construir um exército vermelho. Isto justificaria com clareza a necessidade de usar armas por parte dos pacíficos socialistas, entretanto, há três fatos políticos mais no período que remetem a episódios de violência e que não poderiam ser justificados como autodefesa: a golpiza a um comunista em Pergamino que repartia volantes em uma concentração socialista; a ameaça do uso da força ante a possibilidade de intervenção à província de Santa Fé e o uso das armas por parte dos socialistas no complot contra o governador Cantón na província de San Juan.

No primeiro caso, o comunista de Pergamino foi golpeado ao tentar entregar volantes em um ato socialista, ferido foi trasladado ao hospital e a ação foi indicada por *A Vanguarda* como exemplar, advertindo que os comunistas podem ir aos atos do OS, mas a escutar, não a provocar.

A intervenção federal que depôs ao governador democrata-progressista Luciano Molinas, aliado de quão socialistas formavam de um primeiro momento o ‘Comitê Pró Resistência à intervenção’ de Rosário e a ‘Junta de Defesa da Autonomia em Santa Fé’, integrada por socialistas, democrata-progressistas, comunistas e anarquistas. Os socialistas eram abertamente partidários da greve geral. Nicasio Gnoatto pela Federação Socialista de Santa Fé insistiu aos manifestantes a estar dispostos a tudo:

“(...) trata-se de protestar contra uma intervenção que não é unicamente uma manobra para apoderar do orçamento provincial, a não ser um vasto plano de ação para ir ao fascismo e a ditadura. Há dois campos na ordem política, econômico e cultural (...) formamos a vanguarda contra o fascismo” (Cf. *Jornal A Nação* 01/10/1933 citado por Iñigo Carreras em Camarero e Herrera 2005: 264).

²²¹ A idéia de “autodefesa espontânea” repetido por Repetto é colocada entre aspas porque foi espontânea do momento que o PS toma a decisão política de levá-la adiante.

Em 30 de setembro também, o Comitê de Ação do PS declarou sua solidariedade com a greve geral:

“(...) [já que] a intervenção significa a clausura de locais operários, estudantis, a perseguição de homens de idéias de esquerda e a miséria econômica para os cidadãos. No Congresso da Nação se preparam as cadeias que têm que nos atar ao jugo da reação. Cidadãos: quando se ataca a liberdade todos os meios são bons para defendê-la. Nesta hora as vacilações são só próprias dos covardes (...) O Partido Socialista precatória nesta ocasião ao povo a estreitar as filas para opor ao atropelo a muralha infranqueável de nossa vontade ou de nossos peitos. Trabalhadores: em pé de greve; cidadãos em pé de alarme. (Cf. Jornais A Capital de Rosário 01/10/1935 e A Nação 01/10/1935 citados por Iñigo Carreras em Camarero e Herrera 2005: 267-268)

Encontramos políticas claramente diferenciadas, entre os socialistas e os democratas-progresistas frente à mesma situação política.

Os socialistas defendem a greve geral e a mobilização popular para frear a intervenção apelando a todos os meios já que forme manifestavam todos eles são bons. O governo democrata-progressista, por sua parte, aceitou a intervenção sob protesto rechaçando toda resistência violenta e dissolvendo com a polícia as manifestações nas ruas em seu apoio alegando que pioravam as coisas e davam pretextos aos intervencionistas. Os comunistas propunham defender o governo com as armas, mas limitaram sua ação à agitação, a greve e as mobilizações nas ruas, enquanto que os anarquistas impulsionavam a ação direta, a greve e a insurreição, mas também se limitaram às mobilizações nas ruas e as greves.

Os socialistas, além disso, participaram do *putch*²²² que na província de San Juan em 21 de fevereiro de 1934 tinha como objetivo depor e assassinar ao governador de San Juan, Cantoni.

Era uma situação particular como depois afirmará o relatório do PS, já que os três irmãos Cantoni, pertenciam à União Cívica Radical - Bloquista (UCR-B) e governavam a província de uma década atrás, estavam enfrentados com o radicalismo yrigoyenista e tinham sido intervindos por ele, motivo pelo qual

²²² A ‘Junta Revolucionária’ encabeçada pelo bodegueiro democrata nacional Graffigna estava integrada por 16 membros três dos quais eram socialistas por decisão orgânica do PS. A mesma estava formada por 7 membros do PDN, 2 da Liga de Defesa da Propriedade e Federação de Vinicultores, 4 da UCR e 3 do PS (2 do PS propriamente Indalecio Carmona Rios e Arturo Storni e 1 do Frente Única de Trabalhadores, Armando Molina). O compromisso dos socialistas era não ocupar cargos.

apoiaram ao golpe e depois à fórmula encabeçada por Justo. Eram aliados do ministro radical antipersonalista Melo e de Natalio Botana, diretor do jornal *Crítica*, onde se gerou o golpe de 30, entretanto, começou a ter conflitos com a burguesia bodeguera sanjuanina inserida no Partido Democrata Nacional (PDN). Este partido aliado do caudilho de Avellaneda Alberto Barceló, na província de Buenos Aires, criticava as políticas “populistas” e intervencionistas em matéria econômica do bloquismo, que paralelamente tinha instaurado o sufrágio feminino, o salário mínimo, a jornada trabalhista de 8 horas e na segunda-feira crioula’, em clara contraposição à sábado inglês legislado a iniciativa socialista. A bandeira partidária era uma alpargata e o governador caminhava e falava com peões e camponeses nos caminhos. (Cf. Iñigo Carreras em Camarero e Herrera 2005: 267-268)

O próprio Iñigo Carreras reconstrói o papel dos socialistas no *putch* da seguinte forma:

“Em 21 de fevereiro de 1934, quando Federico Cantón se afastava da casa de governo, um grupo de 15 homens saiu da casa do dirigente socialista Indalecio Rios Carmona disparando, inclusive com uma metralhadora contra o automóvel do governador; neste tiroteio foi ferido gravemente e morto o chefe de polícia Tourrés. Simultaneamente homens escondidos fizeram fogo sobre a sede governamental; o assalto fracassou gerando um tiroteio, que durou sete horas entre os defensores da casa de governo, encabeçados pelo senador nacional Aldo Cantón e os tramados. O enfrentamento armado que deixou 29 mortos e mais de 40 feridos, terminou com a chegada das tropas do General Jones, vereador do governo nacional que interveio a província; o cantonismo perdeu as eleições de março de 1934” (Cf. Iñigo Carreras em Camarero e Herrera 2005: 269).

Esta claro que estes três tipos de ações excedem amplamente os limites da autodefesa expressos por Repetto.

O deputado nacional Miguel Palacín e o provincial mendozino Benito Marianetti, que posteriormente será o líder do Partido Socialista Operário (PSO), serão comissionados pelo Comitê Executivo Nacional do PS à província de San Juan para que elaborem um relatório, uma vez interiorizados da situação.

O relatório começa afirmando que o Secretário Geral da Federação Socialista de San Juan, viu-se surpreso pela sublevação, entretanto, Arturo Bottino na Casa do Povo de San Juan confirmou a participação socialista no movimento armado, e ante os fatos consumados pensaram que seu dever era defender aos detentos socialistas já que temiam

por suas vidas. A conclusão dos observadores socialistas é de compreensão, entendendo que houve um recrudescimento dos conflitos com a iminência das eleições, que se fazia impossível para os partidos opositores a realização de atos ou de manifestações públicas, a fraude eleitoral era segura e a preocupação se estendia tanto nas capas produtoras como nas massas operárias sanjuaninas, as quais se desesperaram ante a situação de continuidade segura dos Cantón. O relatório conclui:

“(...) o caso de San Juan estava fora do panorama político nacional: a luta do povo contra o banditismo governante escapava à consideração geral da política argentina, onde democratas nacionais e socialistas ocupam posições extremamente opostas (...) somente recortando o caso sanjuanino de todo quadro de luta política normal, pode justificá-la intervenção socialista no movimento armado de 21 de fevereiro” (A Vanguarda 04/04/1934)

Com base neste relatório o Comitê Executivo do PS avaliza organicamente a atuação da Federação Socialista de San Juan foi:

“É sensível que os socialistas da província de San Juan tenham participado do movimento revolucionário no que participou também uma força política da que nos separam tantas e tão grandes distancia, mas tendo em conta a posição do Partido Socialista sanjuanino como iniciador do movimento popular contra o governo de Cantóni, os pedidos de intervenção a essa província, pedidos reiteradamente pela Federação socialista sanjuanina ante o Comitê Executivo Nacional e o Grupo parlamentar Socialista, e as práticas despóticas corrompidas daquele governo, que o tornaram repudiável até para uma grande parte de seus próprios partidários, o Comitê Executivo nacional considera essa atitude como um movimento desesperado para a defesa das liberdades primárias e da própria dignidade do povo de San Juan (A Vanguarda 04/04/1934)

Essa política de autodefesa, de defesa combativa de um governo e de tentativa de substituição via *putch* de um governo que cerceia as liberdades é o ponto de partida para a extensão de uma ação política socialista que excede o marco da política parlamentar e se expande do campo eleitoral à construção de uma força social de caráter antifascista no marco de uma crescente confrontação mundial e local sob o eixo fascismo/antifascismo. Isto se vincula diretamente construção de uma frente antifascista durante o período denominado por Andrés Bisso, como a da “fraude tardia” entre os

anos 1938 e 1943.

b.2 O surgimento do Partido Socialista Operário (PSO)

Em 1937, o PS tem uma cisão inicialmente “para a esquerda” o Partido Socialista Operário (PSO) ²²³. A tendência começará a expressar-se em 1929 contra a direção oficial do PS, toma mais força durante o XXII Congresso Ordinário do PS celebrado na cidade de Santa Fé nos dias 24, 25, 26 e 27 de maio de 1934.

A ala majoritária do PS emite uma declaração onde reafirma sua inquebrável fé socialista, sua decisão de desenvolver ações dentro da tática, do método, da declaração de princípios e do programa mínimo tanto na cidade como no campo, nos planos: corporativo, cooperativo, político e cultural para obter a emancipação econômica e social das massas laboriosas.

A crítica dos futuros socialistas operários, a minoria no Congresso, centrava-se em três níveis diferentes. Em primeiro lugar procurava uma maior inserção do socialismo no movimento operário; em segundo criticavam a tática reformista através da qual se buscava alcançar o socialismo a partir de uma lenta evolução e o avanço pela via parlamentar e em terceiro propunham um socialismo mais nacional que liberal impulsionando idéias como as de desenvolvimento e soberania. As figuras principais da “esquerda socialista” eram Benito Marianetti e Ernesto Giúdice que publicava a revista *Esquerda*.

Tomando como exemplo a derrota da social democracia alemã criticam esta tática, que se mostra impotente ante a violência fascista. Se a burguesia usar a violência os trabalhadores deveriam fazer o mesmo. Em certa medida é o que aconteceu frente ao golpe de 30, é impossível saber o que teria ocorrido se os socialistas tivessem tido uma política de defensiva violenta, se tivesse mudado a história, o que é evidente é a impotência da estratégia do partido frente ao golpe de Uriburu, ao qual, confessam, que o rechaçam, mas admitem que não podem enfrentar-se. A própria política institucionalista e parlamentarista do PS os limitavam. Esta é uma crítica central formulada pelos que posteriormente constituirão o socialismo operário.

Esta tendência estava liderada pelo socialista mendocino Benito Marianetti e tinha um perfil similar ao PS chileno em franca ascensão na década de 30. Esta tendência estava formada pela Juventude Socialista (JS) e as Federações de Mendoza, Tucumán, Entre Rios e La Pampa. No XII Congresso Extraordinário realizado em Santa

²²³ Esta cisão tem sua origem na Federação Socialista de Mendoza (FSMza.), motivo pelo qual um estudioso do socialismo nessa província, Pablo Lacoste realiza a mais completa descrição do processo que culminou com a ruptura dessa tendência esquerdista do PS que concluiu na conformação do PSO (Cf. Lacoste 1993)

Fé em 1934 se produz um debate ideológico que cristaliza na direção partidária da seguinte maneira, o campo majoritário coloca Nicolás Repetto na presidência partidária, enquanto que os esquerdistas impõem Benito Marianetti como vice-presidente.

A direção do PS reivindicava um perfil policlassista para o partido nas vozes de Américo Ghioldi, Nicolás Repetto e Alfredo Palácios, enquanto que a esquerda reivindicava uma política classista reafirmando esta condição, a orientação marxista doutrinária do partido e o princípio da luta de classes, nas posições políticas sustentadas por Benito Marianetti, Giudice e Carlos Sánchez Viamonte.

O debate se reabre em 1935 no Congresso Extraordinário, onde os esquerdistas realizam uma ampla crítica que inclui os legisladores socialistas, à direção partidária e ao periódico *A Vanguarda*, enquanto que Repetto, por sua parte, acusa-os de manter relações sentimentais com o comunismo. O processo de ruptura a essa altura era virtualmente inevitável e esta cristalizaria durante os anos 1936 e 1937 quando a condução nacional do PS decide expulsar os dissidentes e dissolver a Federação Socialista de Mendoza (FSMza.) declarando caducas suas autoridades.

Como resposta a FSMza convocou os centros membros e contou com o apoio de 90% destes a uma moção de rechaço à decisão do Comitê Nacional do PS, obtendo a adesão das Federações de Entre Rios, La Pampa e Tucumán, assim como de militantes de outras províncias e da Capital Federal (Cf. Lacoste 1993: 37-39)

Sanguinetti nos fornece um dado interessante, uma parte da diáspora socialista independente da Capital Federal, incorpora-se ao PSO através do grupo Ação Socialista, que se tinha ficado com a maioria dos locais mais estruturados dos libertinos. É interessante observar como a fragmentação e a dissolução desse grupo conservador nutre de elementos à nova cisão esquerdista do PS, Augusto Bunge é quem personifica, em termos de dirigência partidária, este percurso (Cf. Sanguinetti 1987: 234)

Este é um grupo, que tal qual expusemos, opõe-se à política de frente democrática que é impulsionada pela PS e rechaça a necessidade de formar alianças com diferentes setores da burguesia, é uma fração que se constitui paradoxalmente em um Congresso Pró Unidade Socialista realizado no Salão Augusto da Capital Federal.

O primeiro Comitê Executivo do PSO esteve formado por Benito Marianetti, Rodolfo Araoz Alfaro, Luis Ramiconi, Joaquín Coca, Enrique Broquel, Lío Leyes, Bartolomé Fiorini e Fortunato Zabala Viscondo. Pelo PSO passaram também Mateo Fossa, Carlos M. Bravo, Jesus Menéndez, M. J. López, Augusto e Luis Fiore.

Seu maior peso político o teve na província de Mendoza, entretanto, tinham fortes estruturas partidárias na Capital Federal, nas províncias de Buenos Aires, de Tucumán, de Entre Rios e de La Pampa, controlando no momento de sua fundação duas cadeiras de deputados nacionais, legisladores provinciais em Buenos Aires e Mendoza,

vereadores na Capital Federal e outros municípios, assim como a estratégica intendência de Godoy Cruz na província de Mendoza.

O PSO começou como uma força política nacional, obtendo nas eleições de 1937 importantes resultados, por exemplo, triplicando os votos dos socialistas na Mendoza e obtendo cadeiras no Conselho Deliberante da Capital Federal.

A imprensa do PSO será o que até então era o periódico da FSMza, *O Socialista. Periódico decenal da Federação Socialista de Mendoza*. Uma grande parte de seus membros tinham participado do periódico *Esquerda* que como seu nome o indicava agrupava à esquerda do PS.

Em 1939, esta cisão esquerdista do PS, para poder manter a intendência da comuna de Godoy Cruz frente às manobras conservadoras formaliza um acordo com a UCR, o qual Lacoste (1987), expõe-no da seguinte forma:

“Os socialistas sentiram a pressão e estimaram que perigava a continuidade de seu governo comunal. Conseqüentemente formalizaram um acordo com a UCR, pelo qual esta renunciava a apresentar lista em Godoy Cruz e convidava a seus afiliados a respaldar o PSO (com reciprocidade para as eleições da cidade) Com este acordo o PSO superou o estratagema conservador e obteve a reeleição de Della Santa pelo período 1939-1942” (Cf. Lacoste 1993:229)

Encontramo-nos frente a uma tensão entre a linha ideológica pela qual romperam com o PS e as necessidades de acordo do PSO com os radicais para manter espaços institucionais conquistados. É paradoxal, que quem criticava aos socialistas tradicionais por moderados e rechaçavam que o socialismo realize frentes policlassistas com setores burgueses, aliavam-se a setores radicais, burgueses, para manter a intendência de Godoy Cruz, chamando a votar por eles na cidade de Mendoza capital.

Isto não diminuiu de nenhuma forma a intenção tanto dos comunistas como dos trotskistas de dar uma política para esta cisão originalmente esquerdista do PS, o que levou a crise ao PSO. Quem elabora esta hipótese é Emilio Corbière, para quem houve um movimento de pinças de comunistas e trotskistas, entre estes últimos principalmente de Enrique Broquen, que asfixiou o PSO. O partido lentamente se desfez, os trotskistas foram separados, mas com eles, toda a Junta Executiva partidária da Capital Federal, o que deixava ao partido sem presença política em um de seus dois distritos mais importantes; posteriormente um grupo mais moderado volta para velho tronco partidário do PS, o que o obrigou o partido a retirar-se em Mendoza onde até 1940 teve uma importante presença política. Em 1940 é expulso de PSO o intendente de Godoy Cruz.

“No socialismo mendocino dos 30 coexistiam duas lideranças fortes. Por um lado Marianetti, prestigiado por seu lhe sobressaia trabalho legislativo e sua produção intelectual. Por outro Della Santa, conhecido em todo o país pelos resultados de sua intendência em matéria de saúde, educação e obras públicas. Entre ambos dirigentes não demoraria para estalar a crise.” (Cf. Lacoste 1993:246)

As grandes maiorias dos centros mendocinos apoiaram a expulsão da Junta Executiva, contando o intendente Della Santa com o apoio de dois membros da Junta Executiva, que renunciaram a seus cargos, dois vereadores de Godoy Cruz, contra quatro vinculados a Marianetti, assim como alguns vereadores de Mendoza Capital, Guaymallén, Las Heras e San Martín, empregados comunais de Godoy Cruz e alguns dirigentes históricos como Santiago Castromán e Carlos Ochoa Castro.

Em 1941, as maiorias dos membros do PSO, ingressam no PCA encabeçados por Marianetti, Araoz Alfaro e Fiore. Nesse mesmo ano, Castromán, Ochoa Castro e Della Santa se incorporam ao PS. Joaquín Coca, por sua parte, continuou sua trajetória como fundador do Partido Trabalhista (PLab) que apoiaria a candidatura do Gral. Juan Domingo Perón à presidência, em meados da década de quarenta.

Em síntese, o socialismo operário começou como uma crítica de esquerda ao PS, mas justamente por ter agrupado à esquerda do PS, um conjunto heterogêneo de setores comunistas e trotskistas se deu uma política para tentar capitalizar politicamente essa ruptura do socialismo; sua direção tomou a decisão política de expulsar aos dissidentes e aos críticos da condução partidária, entretanto, logo depois de múltiplas fraturas de fato, ficaram confinados à província de Mendoza onde na prefeitura de Godoy Cruz eram o Poder Executivo, o que os obrigou para mantê-la aliar-se aos radicais, como foi antecipado, para posteriormente expulsar ao intendente.

Segundo a interpretação de Lacoste, bastante discutível, a ruptura que poderíamos dizer, fecha o ciclo socialista operário, foi causada, mais por motivos pessoais, as disputas entre Marianetti e Della Santa, que por políticos, já que dois caudilhos eram muito para um partido finalmente quase transformado em provincial. Este pode ser um argumento real, mas insuficiente.

b.3. A política de frente antifascista dos socialistas.

Desde 1938, o Partido Socialista, leva adiante uma política de frente antifascista, durante o que Andrés Bisso denomina com critério “fraude tardia” para referir-se às presidências de Roberto M. Ortiz e Ramón S. Castelo, segundo quem:

“Neste clima generalizado de descrédito dos partidos políticos, a apelação antifascista, refeita em chave nacional, funcionará como uma ferramenta particularmente efetivamente de mobilização, e da qual o Socialismo tirará constantes frutos. São os anos que transcorrem entre 1938 e 1943, os que podemos definir como de maior esplendor e utilidade da apelação antifascista para a estratégia política do Partido Socialista” (Cf. Bisso em Camarero e Herrera 2005: 322)

Segundo Bisso, a política socialista de frente antifascista, o que o denomina a “apelação antifascista”²²⁴, teria permitido ao PS três coisas: obter coesão interna, fortalecê-los na negociação multipartidária e influência na esfera extra partidária. É lógico que esta política permitiria aos socialistas ganhar poder de mobilização e influência, obteve em um começo capitalizá-la eleitoralmente através do triunfo nas eleições da Capital Federal em 1942²²⁵, de uma vez que lhe permitiu cercar discussões com outros partidos e organizações da sociedade civil de uma posição de força.

Consideramos distintamente de Bisso, que esta política foi muito mais que uma apelação discursiva para dar coesão ao partido em termos internos e posicionar-se no espaço político, cultural e sindical argentino.

Os socialistas defendiam aos republicanos espanhóis e sem dúvida sustentavam como princípio a solidariedade internacional, mas de uma vez visualizavam ao fascismo como um perigo nacional não só como um fenômeno europeu, este é um ponto importante para destacar porque influenciará na caracterização dos socialistas sobre o peronismo. Não era só um discurso para obter rendimentos políticos imediatos.

Esta política permitirá aos socialistas avançar lentamente e por um breve lapso no plano sindical.

Sob o peronismo a política de frente antifascista, impulsionada pelo socialismo continua, entretanto, carece da mesma efetividade no marco das novas condições políticas e sociais do país.

Esta política de escassamente eficaz no plano dos processos políticos argentinos, a partir do surgimento do peronismo, permite, entretanto, fechar filas ao interior do partido sob a hegemonia indiscutível da linha Repetto - Ghioldi que era aceita sem oposição por quem formasse posteriores divisões “esquerdistas” do PS em 1958, como

²²⁴ O próprio Andrés Bisso tem dois trabalhos ao menos sobre a apelação antifascista dos socialistas e dos múltiplos usos em que foi recreada durante o período de entre - guerras em sua tese de Licenciatura em Historia na Universidade Nacional de La Plata (UNLP) titulada *Bater ao nazi-peronismo?. O desenvolvimento da apelação antifascista argentina e sua recepção na União Democrática* (Cf. Bisso 2000).

²²⁵ Este é o primeiro triunfo socialista logo do levantamento da proscrição do radicalismo.

Alicia Moreau de Justo e Alfredo Palácios. Não se verifica neste período a divisão entre socialistas liberais e socialistas nacionalistas no interior do PS exposta por García Costa. As exceções que apoiarão o peronismo cristalizarão fora do partido como veremos.

b.4. Socialismo e Sindicalismo.

A inserção dos socialistas no plano sindical no período anterior ao advento do peronismo é central para poder entender porque foram varridos com tanta facilidade dos sindicatos e permite explicar porque o peronismo pôde impregnar tão fundo em seu interior.

Em uma breve síntese, recordemos que o golpe militar de 1930 encontrou o sindicalismo dividido em quatro centrais: a União Sindicalista Argentina (USA), denominemo-la “sindicalista pura”; a Confederação Operária Argentina (COA), socialista e sindicalista; o Comitê Nacional de Unidade Classista (CNUC), comunista e a Federação Operária Revolucionária Argentina (FORA), anarquista. Esta última, diretamente foi posta fora da lei e suas forças na clandestinidade foram minguando.

Frente a esta fragmentação das representações do movimento operário, os setores do sindicalismo "puro" e os socialistas, impulsionaram o projeto de unificação das centrais operárias. As gestões, tinham começado um par de anos antes em 1928, mas se concretizaram em 1930, a pouco tempo de ter assumido o governo militar, fundindo-se a U.S.A. com a C.O.A. o que deu lugar à formação da Confederação Geral do Trabalho (C.G.T.), onde em um primeiro momento preponderou a tendência sindicalista sobre a socialista. Este é um dado cada vez menos recordado, a CGT foi fundada pelos socialistas.

Depois da semana trágica de 1919, o enfrentamento violento e frontal dos trabalhadores contra o Estado, típico do caráter da luta exposto pelos anarquistas, começa a diminuir na mesma medida que a influência destes nos sindicatos, a qual declina inexoravelmente. Distintamente do sindicalismo anarquista que rechaçava ao Estado em bloco, este sindicalismo, já seja “puro”, socialista e comunista, não só o reconhecia e aceitava, mas sim exigia sua intervenção na regulação das relações trabalhistas.

É interessante observar que o programa mínimo exposto em 1931 pela C.G.T., foi expressão das principais necessidades e aspirações, da classe operária para o período. Nestas reivindicações se encontrava exposto uma mudança tática, como se desprende do exposto em parágrafo anterior, no acionar do movimento sindical, introduzindo ao fator governo nas relações trabalhistas, em uma dimensão muito, mas ampla que a que se deu até esse momento.

Por outra parte, embora os setores dominantes não simpatizassem com as reivindicações operárias, começou a entender produto das lutas que devia intervir nos conflitos trabalhistas se queria controlar o movimento sindical. Paralelamente a mudança de tática do sindicalismo no sentido de tender a procurar apoio no poder político para conseguir concretizar as reivindicações corporativas, que já se iniciou durante os governos radicais, continuou acentuando-se durante toda esta época, mas, a contrapartida foi uma crescente burocratização das organizações sindicais, apareceram um conjunto de dirigentes sindicais que entendiam que os benefícios sociais para os trabalhadores e agora também para eles mesmos, não deviam provir da luta, mas sim da vinculação com os fatores de poder, o que faz que existam interesses particulares nos burocratas para manter suas próprias posições nos sindicatos. O sindicalismo puro, é o que abre as portas aos peronistas nos sindicatos.

Em dezembro de 1935, produziu-se uma nova cisão no sindicalismo argentino, que levou a fratura da C.G.T.

A União Ferroviária, o sindicato de orientação socialista “A Fraternidade” e de importante influencia dentro da C.G.T. pelo peso numérico de seus afiliados, enfrentou-se, junto com outros grêmios, à Junta Executiva da C.G.T., ficando concentrada uma nova divisão sindical. O núcleo ferroviário, que terei que desconhecido às autoridades sindicalistas “puras” da C.G.T., distinguiu-se como C.G.T. cale Independência, enquanto que o outro setor, de orientação sindicalista pura, organizou-se como C.G.T. rua Catamarca, para voltar a denominar-se desde 1937, com o nome de União Sindical Argentina (U.S.A.).

A maioria do movimento operário, mais de duzentos mil filiados, agruparam-se na C.G.T. Independência, convertida depois na única C.G.T., orientada pelos socialistas que receberam o apoio dos comunistas, que passaram também a integrar a entidade. Isto foi possível tanto pela política de frente antifascista elaborada pelos socialistas com a mudança de política também nos comunistas ante o avanço do nazismo na Alemanha e a consolidação do fascismo na Itália, que se expor uma mudança tática em seu acionar impulsionando a política conhecida como de frente popular que estabelecia a necessidade de trabalharem unidos com outros setores políticos, corporativos e sociais contra as forças nazista-fascistas. A política de frente antifascista dos socialistas coincide com a de frente popular dos comunistas.

O sindicalismo "puro", em um contexto de fortes discussões no movimento operário, tinha sido marginalizado do cenário que tinha dominado durante um bom tempo e não voltará a desempenhar um papel relevante como tendência. Entretanto, suas heranças, despolitizantes, gremialistas, antisocialistas, anticomunistas e antianarquistas, fizeram estragos no movimento operário, já que cumpriu a função de dificultar a

inserção destes com força no movimento operário facilitando posteriormente a tarefa do peronismo. Seu gremialismo ‘puro’, também foi retomado por alguns socialistas e estas idéias, a respeito da necessidade de uma ação política apoiada nas organizações sindicais, se verá plasmada em 1945 na formação do Partido Trabalhista (PLab.) de Perón. Não é casual então que Luis Gay, presidente do Plab. , tenha sido o último Secretário Geral da USA.

Por outra parte, muitas de suas atitudes foram retomadas por dirigentes de filiação ou simpatias socialistas. Finalmente, a idéia de uma ação política, apoiada exclusivamente nas organizações sindicais será a idéia encontrada, em 1945, na base do Partido Trabalhista, cujo Presidente, Luís Gay, foi o último Secretário Geral da U.S.A.

A C.G.T., que tinha começado um lento processo de fortalecimento, não pôde evitar um novo enfrentamento que levou a uma nova divisão. O conflito surgiu nas próprias filas socialistas que se dividiram em dois bandos: o primeiro, encabeçado pelo Secretário Geral da C.G.T., José Domenech e o outro dirigido por Ángel Borlenghi, Secretário Geral dos Empregados de Comércio e Francisco Pérez Leirós, Secretário Geral dos Operários Municipais.

Em março de 1943, a C.G.T. ficou dividida em duas entidades: a C.G.T.-1, conduzida por Domenech e a C.G.T.-2 dirigida por Pérez Leirós, a qual contará com o apoio dos comunistas.

A principal diferença entre ambas as confederações radicava em que os integrantes da C.G.T.-2 aspiravam a que a Central tivesse uma participação mais ativa nas questões de política nacional e internacional, em forma coordenada com os partidos políticos, enquanto que a C.G.T.-1 sustentava uma atitude chamada por alguns de “neo-sindicalista”, de “prescindência” política, limitando-se a impulsionar as reivindicações especificamente corporativas e a manter uma boa relação com os governos, independentemente de seu caráter.

O golpe de estado de 1943 encontrará então ao movimento sindical cindido em duas centrais principais C.G.T.-1 e CGT-2, a U.S.A. e grupos de grêmios autônomos de várias forças. A FORA anarquista continua, mas extremamente debilitada.

A política de frente antifascista foi efetiva tanto no plano político como no sindical até pouco antes do golpe de estado de 1943, o qual proibiu a atividade dos partidos políticos. O mencionado golpe, a sua vez, gerará as condições para o surgimento do peronismo durante 1945.

2. Socialistas e peronistas.

O peronismo é visualizado pelos socialistas como a encarnação vernácula do

fascismo, entendendo que em coerência com a situação internacional, a luta que se livrava na Argentina era entre os dois campos, o das forças democráticas contra as do totalitarismo. Mas é importante ressaltar que a luta contra o fascismo como particularizamos anteriormente era uma luta que se dava no país e o PS atuou monoliticamente nesse sentido.

Uns poucos socialistas fora das filas partidárias, em geral, a título individual, aceitaram cargos ou formaram parte do Partido Trabalhista de Perón, desde seus começos. Como exemplos, podemos mencionar a Manuel Ugarte, que aceitou ser embaixador de Perón; a Juan Atilio Bramuglia, que durante anos tinha sido assessor das organizações operárias ferroviárias e que se integrou ao grupo de Perón desde que este assumiu a Secretaria de Trabalho e Previsão, depois foi interventor na província de Buenos Aires e, desde 1946, Ministro das Relações Exteriores; Ángel Borlenghi, que era o Secretário Geral da Confederação Geral dos Empregados de Comércio e um dos principais dirigentes da Confederação Geral do Trabalho 2, que chegou a ser Ministro do Interior; incorporar-se-á também Domenech dirigente principal da CGT 1 e por último Joaquín Coca, que logo depois de sua passagem pelo PSO, em 1945 é fundador do Partido Trabalhista e em 1946 foi escolhido eleitor de Perón.

O peronismo era evidentemente anticomunismo e antisocialismo, mas era também muito mais que isso, significava a incorporação política subordinada da classe operária à política argentina.

Como estivemos observando, na evolução política do PS, a política de frente antifascista não surge com o advento do peronismo, isto é importante destacá-lo, consolida-se com a oposição ao governo de Manuel Afresco na província de Buenos Aires e ao suposto “neutralismo” de presidente Castelo.

Em outubro de 1942 se realiza o XXXIV Congresso Nacional do PS o qual já apela a formar uma união democrática, ampla e antifascista, da qual formem parte todas as forças cívicas “não doentes” da nação. É baixo esta concepção, que os socialistas três anos depois, impulsionaram e formaram parte de tanto da União Democrática (UD) em 1945. Como apontamos, já vinham trabalhando por ela desde fazia uns anos e nesse ano a formaram junto com os comunistas, os radicais e os democratas progressistas, de uma vez que era apoiada pelo embaixador dos Estados Unidos na Argentina, Braden. Nessas eleições triunfou com amplitude o Partido Trabalhista (PLab.) de Perón, futuro Partido Justicialista (PJ), conhecido como peronismo.

A posição política que equipava ao peronismo com o fascismo não só se manterá, mas também se agudizará, sob as vozes de Repetto e de Ghioldi e salvo a posição política de Julio V. González que tentará dar um debate sobre o tema, não terá virtualmente questionamentos até 1956.

Carlos Miguel Herrera, do plano acadêmico, analisa a coerência entre a evolução política das posições de Américo Ghioldi e as posições políticas que vai adotando o Partido Socialista. O historiador coloca a responsabilidade em Ghioldi da decadência do socialismo, a quem o tira de paradigma da incompreensão das mudanças sociais e as transformações políticas do país. Admite, coincidindo com o Carlos Altamirano que nenhum dirigente de nenhuma força política produziu uma obra equivalente sobre o peronismo. Entretanto, Ghioldi, sempre ocupou cargos pela vontade dos afiliados socialistas até a ruptura de 1958, onde continua sendo do Partido Socialista Democrático (PSD).

As maciças mobilizações operárias e populares de 17 de outubro de 1945 foram caracterizadas por Ghioldi²²⁶ como ter convertido a Plaza de Mayo em um verdadeiro candombe assim como em 1956 aprovará os fuzilamentos dos militares peronistas encabeçados por del Valle com sua tristemente célebre frase: “acabou-se o leite da clemência”.

A denúncia socialista do peronismo é como totalitarismo, a partir do autoritarismo do peronismo. Um conjunto de feitos já não antidemocráticos, diretamente antirrepublicanos como a dissolução da Corte Suprema de Justiça, a intervenção nas universidades e nos sindicatos, as restrições à imprensa, impulsionam e agudizam as idéias dos socialistas aproxima que o peronismo pretende “nazificar” o país. Além disso, cada medida autoritária confirma suas idéias sobre o “fascismo” do peronismo. Recordemos que em 1947 o peronismo fecha *A Vanguarda* e isto tinha sido precedido por atentados da Aliança Nacionalista com um saldo de três mortos.

A derrota da União Democrática (UD) em 1946, desloca aos socialistas, já que nessas condições de repressão política e perseguição aos opositores, não foi eleito nenhum deputado socialista, coisa que não acontecia desde 1912. Isto gera uma grande confusão posto que os socialistas pensassem em um triunfo seguro na Capital Federal.

Na análise dos socialistas vão cristalizando dois estereótipos de trabalhadores, os lúmpens, que são os operários que da mesma maneira que em 17 de outubro procuravam a satisfação de suas necessidades imediatas através de ritos carnavalescos e os conscientes, que eram aqueles operários que tinham consciência de classe, o que lhes permitia lutar pelo melhora em suas condições sociais e políticas.

Rómulo Berboglio na *Revista Socialista*, em certa forma como uma justificação, colocando a responsabilidade da derrota por fora da ação política do PS, o que mostra uma verdadeira dificuldade para realiza um balanço do trabalho socialista na política argentina, conclui que o imenso trabalho dos socialistas deveu lutar em duas frentes:

²²⁶ Américo Ghioldi, como dirigente socialista, esteve em total uns cento e dez dias presos por diferentes motivos entre 1943 e 1945.

contra a maldade da burguesia e a incapacidade da massa popular. É uma visão pejorativa da base social do peronismo que se reafirmará com a idéia de estar lutando em bloco contra o fascismo.

O peronismo proscree os socialistas, encarcera a seus militantes, obriga a exilar-se seus principais dirigentes e incendeia as bibliotecas e as sedes partidárias, inclusive, a mais importante destas, a histórica Casa do Povo, situada sobre a Avenida de Mayo, na Capital Federal. Esta biblioteca, impiedosamente destruída, sob um dos lemas de Perón “alpargatas sim, livros não”, demonstrando um desprezo sem precedentes para a cultura e a educação, continha o arquivo histórico mais importante da história política e social do país, em particular dos setores subordinados da sociedade, sob a ordem de desprezo à cultura como afirmara Repetto, pronunciada pelo próprio Juan Domingo Perón:

A mesma *Revista Socialista* se referia desta forma ao peronismo em 1947:

“O único método sério, responsável e efetivo para assegurar a marcha para o socialismo é ir eliminando os obstáculos que se opõem em seu avanço. Qual é seu obstáculo atual? Qual é seu obstáculo maior? É o fascismo crioulo, clérigo-militar-capitalista. Se antes o perigo era Hitler e Mussolini, vamos voltar para os enganos de Munich ou ao pacto Hitler –Stalin? Frente ao fascismo em potência, com a idiossincrasia aldeã, mas sempre perigoso, não cabe discorrer sobre textos e fórmulas que, digamo-lo de passagem, também nos lecionam para o momento. Frente ao fascismo só cabe a luta implacável pela liberdade completa e pelo socialismo (...)” (Revista Socialista, julho de 1947, citado por Moreau de Justo 1983:169)

Em 1948, os socialistas pela primeira vez decidem não apresentar-se a eleições por não ter nenhum tipo de garantias, o que convence tanto Ghioldi como o PS de estar já frente ao mal totalitário. Definem ao peronismo como totalitário em sua origem, em suas afinidades, em seus planos e interesses, expondo que o governo que tinha nascido para apoiar ao eixo nazista durante a guerra e que posteriormente levantou uma bandeira improvisada, a do justicialismo. De acordo com esta interpretação do peronismo se devia orientar as ações do PS para o problema central a ausência de liberdade, de uma vez que reforça o diagnóstico a respeito da incapacidade das massas:

“A classe trabalhadora não soube separar o joio do trigo, ver a realidade depois da aparência demagógica. Não entendeu o mecanismo da nova exploração, nem viu a rede tendida dos representantes da opressão” (Cf.

Herrera em Camarero e Herrera 2005:355)

Esta posição política é aceita sem fissuras pelo conjunto do PS, embora Moreau de Justo, afirma que desde 1947 começa a expor-se que é necessária uma revisão da linha partidária, para que assuma sua identidade, assuma seus enganos e reconheça que algo trocou no país.

Antes de Julio V. González, que em 1950 recém expressa uma posição autocrítica da direção do PS um pouco mais forte como membro do Comitê Nacional, houve uns poucos dirigentes que não concordaram com a posição oficial do partido. Entre estes podemos destacar só a três: Alfredo López, que era redator da parte corporativa de *La Vanguarda*, portanto, um férreo opositor ao Perón até 1946; Carlos M. Bravo, filho de Mario Bravo, que editava com o anterior a publicação *Unidade Socialista* e o “esquerdista” J. Oriente Cavalieri, que tinha sido a voz da oposição política à abstenção eleitoral do PS nas eleições de constituintes convocadas por Perón. Como explica Herrera, os três são acusados de haver-se reunido com o Perón e por esse motivo são expulsos.

Um morno debate, recém se expressa em 1950, a partir de uma posição autocrítica da direção partidária formulada por Julio V. González que publica um folheto intitulado *A oportunidade do Partido Socialista. Reflita sobre sua ação futura* onde afirma:

“Devemos afirmar que em nosso Partido desdenhamos esta prática saudável para toda organização de fazer autocrítica, de procurar em nós a causa circunstancial do fracasso imediato e a razão permanente de nossa incapacidade para penetrar na massa trabalhadora e para nos converter no grande partido nacional que já deveríamos ser ao cabo de mais de 50 anos de luta” (Cf. Moreau de Justo 1983:170)

É o único questionamento real a esta política, quer dizer, com certa densidade, de dentro do PS embora com muito pouca densidade. A posição de González, quem não era, nem um dirigente destacado ao interior do partido, nenhuma figura pública de transcendência, realiza-a durante o XXXVII Congresso Nacional do PS reunido em Buenos Aires, a fins de 1950 e sua crítica manifesta uma posição política à esquerda do PS.

Independentemente de ter sido derrotado com folga pela direção partidária e a ampla maioria dos delegados socialistas, González realiza duas observações transcendentais.

A primeira é que havendo o peronismo avançado em termos sociais, indubitavelmente, o programa mínimo do PS tinha ficado obsoleto, pelo qual os socialistas deviam expor frente aos trabalhadores seu programa de máxima para marcar sua diferença com os peronistas, a socialização dos meios de produção e a revolução. Esta proposta foi rechaçada ironicamente pela maioria do Congresso como a proposta “Perón + 1”.

A segunda é a respeito das diferenças entre a natureza social do fascismo e a do peronismo, González, adverte com clareza que o fascismo é um movimento das classes médias enquanto que a base social do peronismo é a classe operária.

González definia ao peronismo como uma ditadura, entretanto, propunha um enfoque diferente do papel do PS, quem tinha chegado a um ponto morto a seu critério, por manter um civismo e um parlamentarismo que o tinha limitado a ser um tutor das instituições burguesas.

A resposta de Ghioldi é que justamente pelo peronismo ser um regime totalitário deve reforçá-la linha, cívica, antiautoritária e reformista do socialismo, colocando à luta contra o totalitarismo em primeiro lugar não só como algo necessário para o socialismo argentino, mas sim era uma necessidade de todo o socialismo contemporâneo.

De acordo com Vazeilles, o primeiro em referir-se ao debate Ghioldi-González no socialismo, a Ghioldi resultou fácil responder com amabilidade a González em quatro planos: em primeiro lugar criticando ao peronismo pela inflação, a carestia, a demagogia e o totalitarismo; em segundo lugar realizando até uma crítica por esquerda já que cita Marx para afirmar que sem dúvida nos últimos cinco anos se feito mais densa e espessa a alienação no país a causa do peronismo; em terceiro lugar coloca Perón, como um cesarista totalitário por cima da luta de classes, coloca o Estado totalitário não como a última face burguesa de uma dominação capitalista se desesperada, mas sim o localiza como uma instituição por cima das classes burguesa e proletária e em quarto lugar coloca a tradição do PS a seu favor (Cf. Vazeilles 1967: 55)

Para Américo Ghioldi, o dirigente socialista, que tinha crescido à sombra do Repetto, a luta socialista contra o totalitarismo era a luta revolucionária do socialismo hoje. Neste contexto propunha como tarefas imediatas a necessidade de demolir a teoria e as práticas peronistas, mas para poder fazê-lo, ninguém devia pôr em questão a orientação política do partido.

O governo peronista lança ordens de captura para Ghioldi, pelo qual apóia as greves ferroviárias contra o peronismo da clandestinidade. De ali expressa que a CGT é um organismo amarelo ao serviço da patronal e reafirma suas convicções que os trabalhadores não governam, mas sim estão mais longe do poder que nunca.

As demandas de grevistas são aceitas por Perón e quão socialistas viam o

conflito como produto da política inflacionária do peronismo, vivem como próprio este triunfo operário, pelo qual procuram recuperar o sindicato “A Fraternidade”, tendo como saldo a derrota da oposição sindical socialista. A greve é o motivo ideal que encontra Perón para o encarceramento dos socialistas, tanto grevistas ou como dirigentes partidários, entre eles Jacinto Oddone. Os socialistas exigem permanentemente a liberdade de 200 detentos políticos durante o peronismo, de uma vez que os sindicalistas socialistas são excluídos permanentemente das anistias de Perón.

Os socialistas sem entender a complexidade do peronismo eram, entretanto, seus mais sistemáticos e conseqüentes opositores desde as páginas de *La Vanguarda*, *O Socialista* ou de *Novas Bases*, tanto na legalidade como na clandestinidade. É Marcela García Sebastiani, estudiosa da oposição política durante o peronismo que repara na importância da imprensa socialista a partir das novas formas de legitimação que precisam os socialistas ante a ausência de representação parlamentar e se explica também de alguma forma a sanha com qualquer pretexto da repressão peronista aos socialistas como foi pela greve dos ferroviários. Esta crítica implacável dos socialistas incomodava o peronismo. Em palavras da própria historiadora:

*“Em 27 de agosto, [de 1947] por ordem da Direção Geral da Polícia Municipal da cidade de Buenos Aires, enclausurou-se a imprensa de La Vanguarda. O relatório oficial alegou inconvenientes pela carga e descarga do papel, ‘as moléstias que devem suportar os vizinhos que se vêem obrigados a tolerar ruídos que se produzem muitas vezes em horas da noite’, e a falta de uma sala de primeiros auxílios devidamente instalada. O CEN protestou pelo fechamento das oficinas de A Vanguarda e denunciou o sucesso como ‘um novo atentado a liberdade constitucional de imprensa e um episódio definitivo do processo encaminhado a destruir os direitos democráticos fundamentais’. Os conteúdos da crítica dos socialistas se endureceram depois do incidente com A Vanguarda. O singular do caso é que tais conteúdos passaram a formar parte dos discursos breves mais aguerridos que podia pronunciar qualquer antiperonista, até com o passo dos anos. imputavam-se ao oficialismo métodos prepotentes, próprios dos sistemas totalitários, para cercear as liberdades e direitos essenciais para o exercício da democracia”. [Cf. García Sebastiani *O Partido Socialista na Argentina peronista: oposição e crise de representação política (1946-1951)* em http://www.tau.ac.il/eial/XIII_2/sebastiani.html#note106]*

Para os socialistas o governo se transformou em:

"(...) uma máquina de propaganda, destinada a endeusar ao casal presidencial [com o fim de] preparar as eleições de março e a ganhar para seu impossível partido - que não termina de organizar-se - e para assegurá-los dois terços da Câmara. Para isso [diziam] teremos de novo promessas copiosas, benefícios, duplos, pão doce, cidra, brinquedos, dinheiro distribuído a marchanta [sic], discursos sobre os 'direitos do trabalhador' e novos anúncios de independência econômica, justiça social e regeneração política e administrativa (...) e o conselho de 'casa ao trabalho e do trabalho a casa'²²⁷ termina por lhes advertir a política de submissão e servilismo a que os quer condenar". [citado por García Sebastiani *O Partido Socialista na Argentina peronista: oposição e crise de representação política (1946-1951)* em http://www.tau.ac.il/eial/XIII_2/sebastiani.html#note106]

O periódico *A Vanguarda*, portanto, em que pese a seus múltiplos enclausura pelos mais diversos motivos, continuou saindo clandestinamente. compunham-se e editavam escassas tiragens, com contribua com extraordinários de filiados e simpatizantes, em oficinas dos subúrbios de Buenos Aires e se trasladavam cautelosamente em carros à capital Federal para burlar a intimidação policial e distribuir-se, geralmente de mão em mão, entre seus mais fiéis leitores. A edição clandestina de *A Vanguarda* pareceu ter, entretanto, certa permissividade, segundo García Sebastiani, posto que do contrário o Comitê Executivo Nacional do PS (CEN-PS) não a tivesse defendido publicamente ante a aparição de falsas publicações que procuravam imitar ao semanário do partido. [Cf. García Sebastiani *O Partido Socialista na Argentina peronista: oposição e crise de representação política (1946-1951)* em http://www.tau.ac.il/eial/XIII_2/sebastiani.html#note106]

É neste contexto, que se produz um novo triunfo de Perón nas eleições presidenciais de novembro de 1951, onde votam as mulheres argentinas pela primeira vez na história. Não se reconstruiu a unidade das forças “democráticas”, mas sim os socialistas por ordem do Congresso partidário decidem sair a disputar eleitoralmente com perfil próprio para o qual proclamam sua fórmula encabeçada por Alfredo Palácios e secundada por Américo Ghioldi. Esta não chegou nem a 1 % dos votos, mas devemos ter em conta entre outros dados adicionais que o candidato a vice-presidente se encontrava ainda clandestino no país com vários pedidos de capturas pendentes.

Outros partidos políticos opositores apresentaram as seguintes fórmulas, os

²²⁷ A indicação, dica ou ordem que dava Perón aos trabalhadores era precisamente essa: ‘da casa ao trabalho e do trabalho à casa’, fundamentalmente logo depois de participar em comemorações de antigos dias de luta transformados em dia de festa pelo peronismo.

conservadores ao Reinaldo Pastor e Vicente Solano Lima²²⁸, os democratas progressistas a Luciano Molinas²²⁹ e Juan .José Díaz Arana, os comunistas a Rodolfo Ghioldi e Alcira de la Peña e finalmente a União Cívica Radical a Ricardo Balbín e Arturo Frondizi, formula esta que capitalizou em grande medida a oposição política ao peronismo.

Quadro 33. Resultados eleitorais eleições presidenciais novembro de 1951.

Partido	Candidatos	Votos
Justicialista (PJ.)	Juan Domingo Perón	4.745.168 62,5 %
Unión Cívica Radical (UCR)	Ricardo Balbín - Arturo Frondizi	2.415.750 32 %
Conservadores	Reinaldo Pastor - Vicente Solano Lima	2,5 %
Partido Comunista (PCA)	Rodolfo Ghioldi - Alcira de la Peña	71.000
Partido Socialista (PS)	Alfredo Palacios – Américo Ghioldi	55.000
Partido Demócrata Progresista (PDP)	Luciano Molinas - Juan José Díaz Arana	25.000

Fonte: Construção própria a partir de dados de Marcela García Sebastiani (2005).

É, no marco da derrota partidária no plano eleitoral e a captura nas costas que Ghioldi decide exilar-se em Montevideu, Uruguai, no final de 1951. Em seu exílio, em outubro de 1952 escreve sobre o peronismo:

“Do primeiro momento do movimento peronista compreendi que se iniciava no país um ciclo totalitário imposto de cima e em boa parte de fora, características ambas as distintas dos aspectos conhecidos nos estremecimentos totalitários que se conheciam na Europa. Pensei então que era necessário conhecer a experiência do mal para reduzi-la e neutralizá-la na experiência dos homens. Após descobri as fases do complexo processo e condenei sistematicamente a empresa com o ânimo de que o mal fora compreendido, pois só conhecendo-o deixaria de ser uma carga para a consciência argentina” (Cf. Ghioldi 1956:13).

É neste exílio montevidense que como vemos Ghioldi abandona definitivamente qualquer análise dos fundamentos econômico e social para entender e enfrentar com efetividade ao peronismo e realiza uma crítica absolutamente idealista do mesmo. As idéias de mito, como o da Eva Perón que atribui à suscetibilidade rioplatense, ou o uso

²²⁸ Em 1973 como membro do Partido Conservador Popular (PCPop) será eleito vice-presidente do peronista Héctor J. Cámpora.

²²⁹ Foi o governador do PDP em Santa Fé com apoio dos socialistas, até a intervenção conservadora da província.

permanente de categorias morais para analisar o processo político como as de bem e de mal, embarcam-no em um caminho já não terá volta. Ghioldi não irá a não ser agudizar e exacerbar sua postura para o peronismo e com o PS até a fratura de 1958 e o PSD até sua morte.

Em 1952, são produzidos dois fatos políticos que envolvem socialistas e peronistas. Em primeiro lugar, uma reunião entre Enrique Dickman, o veterano dirigente socialista e Perón, na qual segundo a versão socialista, o primeiro solicitou a liberdade dos detentos socialistas e a reabertura de *A Vanguarda*, coisa proibida pelo partido, pedidos a que Perón acede. Paralelamente, Dardo Cúneo, preso político socialista, segundo a versão do PS, inicia gestões ante o Ministério do Interior, por sua liberdade. A política do peronismo com alguns socialistas não com os grevistas era anistiá-los em troca de declarações públicas em apoio ao regime. Ambos são expulsos de maneira imediata por indisciplina partidária.

a. O Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN)

O Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN) foi uma ruptura do PS, depois que mencionada pela literatura socialista e anti-socialista militante e a qual a literatura acadêmica lhe deu escassa importância.

O Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN), tal qual já tínhamos antecipado no capítulo 3, é o único partido socialista reconhecido oficialmente pelo Estado, durante o final do segundo governo peronista.

É um partido heterogêneo formado por ao menos três correntes políticas: um setor expulso do Partido Socialista encabeçado por Dickman, pai e filho, o primeiro um dirigente histórico do PS; um grupo trotskista nacional dirigido por Jorge Abelardo Ramos e outro grupo trotskista morenista que elabora uma política de entrismo do partido Operário Revolucionário, que tinha baseado com Posadas para o socialismo pró-peronista fundamentalmente através da Federação Portenho de PSRN, para aproveitar os espaços legais que abria o regime.

Com motivo das eleições de abril de 1954, o peronismo outorga a pessoa jurídica correspondente ao Partido Socialista até então Movimento Socialista (MS), do qual já formava parte Esteban Rey. Ao obtê-la, converteu no Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN). Em termos eleitorais com o apoio oficial e com os socialistas abstendo-se foi um verdadeiro fracasso.

Os trotskistas morenistas, pela sua vez, encontraram no PSRN, uma possibilidade de fazer política para o movimento operário no marco de uma legalidade de outra forma negada. Ao realizar uma reconstrução da linha histórica desta corrente,

Ernesto González recorda seu próprio passo pelo PSRN:

“O certo é que detrás dos Dickman só havia uns dez ou quinze dirigentes que tinham rompido com o Partido Socialista sustentando posições ‘pró-peronias’. Por isso nos aceitaram rapidamente nossa proposta. Nós pedimos a Federação da província de Buenos Aires e a autorização para tirar um periódico independente. Os Dickmann eram nossos grandes defensores porque estavam de acordo em que dentro do PSRN houvesse um partido operário. O velho Dickmann sustentava que o Partido Socialista se veio abaixo porque sempre se jogaram a todas as tendências que tinham surto. Era um reformista puro mas honesto. Nunca lhe pedi nada ao peronismo nem a ninguém, em que pese a que Perón lhe tinha um respeito incrível. Sua frase habitual era; ‘em política devemos deixar as portas abertas’” (Cf. González 1995: 222)

É interessante, esta lembrança de González, do velho dirigente socialista com quem evidentemente tem diferenças políticas, rechaça o argumento que expõe que Dickman tivesse solicitado coisa alguma a Perón em troca de seu apoio. O periódico dos morenistas dentro do PSRN se chamava *A Verdade*.

O PSRN existiu entre 1952 e 1955, ano em que morre Enrique Dickman e é dissolvido pela Revolução Libertadora, entretanto, não tinha chegado a ser um rival de força para o PS.

VIII. Capítulo 7. Os socialistas, da Revolução Libertadora à ditadura militar (1955-1980).

Este capítulo abrange a evolução política do socialismo ao longo dos vinte e cinco anos que encontramos entre 1955 e 1980. Isto inclui diferentes momentos nos processos políticos argentinos, como por exemplos a proscrição do peronismo em 1955 depois de sua queda, os períodos de instabilidade institucional entre 1955 e 1966, o triunfo da autodenominada Revolução Argentina, os momento de radicalização política no plano mundial o qual sem dúvida se expressa também na Argentina com o surgimento da denominada “nova esquerda” e a influência das revoluções cubana, China, o guevarismo, assim como as lutas anticolonialistas dos povos do terceiro mundo por sua liberação, também inclui um terceiro período que contempla a cristalização do mencionado processo de radicalização política que vive o país, no triunfo de Cámpora, a insurgência de grupos armados de caráter marxista no país expressos no Exército Revolucionário do Povo (ERP) até a queda do terceiro governo peronista, um ano e meio depois da morte do Perón, em março de 1976 a partir de um golpe de estado, que instaurou o neoliberalismo.

É um dos períodos históricos menos trabalhados de conjunto por socialistas e acadêmicos, um exemplo disto é que a própria reconstrução histórica realizada pela doutora Moreau de Justo lhe dedica só sete páginas.

1. Os socialistas depois da queda de Perón e o surgimento da “nova esquerda”.

a. Os socialistas e a Revolução Libertadora.

O golpe de estado que derrocou Perón em 1955 que se autodenominou “A Revolução Libertadora”, encontrou a grande maioria dos setores socialistas unificados no Partido Socialista (PS) e com um apoio em bloco a esta. Os socialistas formaram parte das forças civis que a apoiaram e colaboraram em diferentes níveis.

A exceção, foi o débil Partido Socialista da Revolução Nacional, o qual foi proscrito e dissolvido. O setor socialista tradicional, uma vez este morto em 1956, desaparece; o morenismo constrói sua própria corrente trotskista própria e será o setor trotskista nacional encabeçado por Jorge Abelardo Ramos que conseguirá recompô-lo alguns anos depois mas como uma nova formação no Partido Socialista da Esquerda Nacional (PSIN). Sem dúvida esta será a continuidade histórica do PSRN.

A Revolução Libertadora é a primeira vez em que o Partido Socialista tradicional, forma parte de um governo nacional ocupando diferentes postos políticos subordinados. Alfredo Palacios é renomado como embaixador o embaixador no Uruguai, Rómulo Bogliolo será membro do Diretório do Banco Central da República Argentina (BCRA), Leopoldo Portnoy ocupará o cargo de Diretor nacional de Política econômica e financeira, Andrés López Acotto será Diretor de Vigilância de Preços e Carlos Sánchez Viamonte, atuará membro da Comissão de estudos constitucionais, encarregada de reformar a constituição. Paralelamente alguns socialistas foram nomeados interventores municipais (Cf. Blanco 2005: 367 em Camarero e Herrera 2005) Além disso Moreau de Justo, Ghioldi, Muñiz e Repetto formam parte da Junta Consultiva da Revolução Libertadora por parte do PS.

De acordo com o observado no capítulo anterior, então, à exceção da posição política minoritária de González ao interior do PS e o PSRN por fora deste, encontramos com um socialismo que do que posteriormente constituirão diferentes pontos vista se consolida uma visão do peronismo unificada na voz de Américo Ghioldi.

A legalização do PS por parte da Revolução Libertadora permite que circulem um conjunto de escritos desde partidários socialistas, muitos dos quais tinham sido escritos no exílio uruguaio e circulado clandestinamente no país, onde se realiza uma avaliação do peronismo que é visualizado como uma tirania ou o mal totalitário e se elaboram propostas de ação para uma nova junta de liberdade.

Os socialistas entendem que a derrocada do peronismo significava sua erradicação da consciência política dos trabalhadores argentinos quase de uma forma automática. Desta forma se explica o estado de êxtase em que os colocou a Revolução Libertadora e se encontraram ante o que consideravam uma tarefa de primeira ordem, a “desperonização” da classe operária argentina.

A interpretação de Ghioldi do peronismo, então se articula em função de fenômenos externos deste como seu autoritarismo sem ter em conta as relações estruturais que permitiram sua emergência na política argentina. Continua nesta época com suas idéias aproxima que são os gaúchos que seguem e se aferram a líderes caudilhescos, o qual contrasta com a atitude dos operários conscientes, os quais a partir do trabalho pedagógico do PS, não ficam a serviço dessas manobras. Em suas próprias

palavras:

“A classe operária orientada por uma doutrina da história e por um ideal de aperfeiçoamento realiza uma atitude própria e autônoma que difere fundamentalmente em sua atitude assumida pelos gaúchos em sua atitude instintiva e regressiva nos primeiros anos da vida independente. A classe operária (...) não fica ao serviço de ambições caudilhescas” (Cf. Ghioldi, 1937; citado por Herrera 2005: 364)

A Vanguarda, agora na legalidade, comemora a queda do “tirano” a mãos dos militares golpistas com uma editorial titulada *Enterrar e plantar* onde afirma:

“Agora temos pátria. Com estas palavras resumimos o estado de ânimo e dos argentinos finalmente liberados da tirania que era até recentemente, a polícia, o fisco, a escola, os jornais perseguindo os jornais que não se resignavam a ser escravos de um megalômano. As nova era é um frente de separação: devemos desterrar o passado tirânico e ao mesmo tempo construir a democracia futura. O dever, é pois, duplo, enterrar e plantar. Todos devemos enterrar o passado. A revolução tem que chegar a todos os setores, organismos, instituições, leis e regulamentações. Todos devemos plantar. Deverá crescer a democracia. Terá que preparar o terreno, seleccionar a semente e regar”. (Cf. *A Vanguarda* nro. 2, outubro 27, 1955, também citado por Vazeilles: 1967: 168)

O apoio à “Libertadora” ou “Fuziladora” também foi explícito nos setores que depois constituirão a esquerda do PS como Alfredo Palacios, do Partido Socialista Argentino (PSArg), assim como a esquerda da esquerda no PS, quer dizer, David Tieffemberg, que será Secretário Geral do Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV).

Alfredo Palacios com motivo da anulação por parte da Revolução Libertadora dos contratos petroleiros assinados por Perón expõe em 1957 o seguinte:

“A Revolução tem quebrado em mil pedaços o convênio vergonhoso e proclamado a regeneração do país. Por isso devemos defendê-la. Foi um processo que culminou com a força ao serviço do direito, mas que iniciaram os civis perseguidos e encarcerados” (Cf. Palacios 1957: 41).

Enquanto que David Tieffemberg, na introdução as seus livros: *Exigências*

proletárias à Revolução, em referência à Revolução Libertadora e sua crítica ao peronismo em *Legislação operária no regime peronista*, ambos prefaciados por Carlos Sánchez Viamonte e dedicado a Alfredo Palácios, publicados em 1956, afirma:

“Abatida a oprobiosa ditadura fascista que havia vertebrado seu sistema despótico e opressivo sobre o cerceamento de todas as liberdades, o povo argentino se prepara a retomar o amplo caminho da democracia, para dar a esta o conteúdo social que havia negado ou escamoteado o regime deposto quebrando sua trajetória histórica.

A Revolução Libertadora, que cumpriu sua etapa gloriosa, foi popular no momento que se produziu, e deve seguir sendo-o. É mais; deve acrescentar sua popularidade compreendendo aos setores operários ainda resistentes, para que no cumprimento de seus postulados confessados não encontre obstáculos que impeçam ou dificultem sua plena e promissora realização.

A tarefa não é fácil. A incisiva e lhe esmaguem propaganda totalitária que dia a dia e minuto a minuto subministrou ao povo por todas as formas de expressão do pensamento, foi criando no proletariado – vítima propiciadora de todos os brotos fascistas -, estruturas mentais e emocionais, modos de pensar e de sentir, que custará muito esforço poder quebrar, mas que terá que quebrar, para que pelas brechas abertas penetre a verdade que dissipe o tremendo engano feito ex-professo para encadear aos trabalhadores à produção capitalista, a que serve como ninguém o regime peroniano, como o provam enormemente as lucros obtidas pelas empresas a gastos das massas operárias (...) (Cf. Tieffemberg 1956:11)

Da mesma ala partidária que Ghioldi, Juan Antonio Solari, quem fora o Secretário Geral do PS por dez anos, entre 1940 e janeiro de 1951 em um balanço do primeiro ano da “Libertadora”, explica-a nos seguintes termos:

“Iniciada em junho de 1955, a revolução culminou vitoriosamente três meses depois. Foi o resultado de mais de uma década de lutas valorosas. De uma firme resistência da civilidade democrática, do empenho patriótico de homens e mulheres de todos os setores sociais e políticos, enfrentando com exemplar decisão os planos liberticidas e totalitários da ditadura. Empossada esta do poder, não deixou arbitrariedade por cometer nem saque por consumir” (Cf. Solari 1957: 167).

Além de sua participação no plano estritamente político, também encontramos um papel destacado dos socialistas na “normalização” sindical “aramburista”²³⁰. Da mesma maneira, estes manifestaram seu acordo com a dissolução do partido peronista e também apoiaram a formação de uma Comissão investigadora dos delitos do sindicalismo peronista, assim como suas políticas no plano corporativo. Vários “sindicalistas democráticos” aceitaram cargos nas intervenções dos sindicatos, de uma vez que formaram parte da Junta Assessora Corporativo da “Revolução”. Fundamentalmente quem participava como sindicalistas socialistas com este apoio tinham sido velhos dirigentes sindicais que tinham sido deslocados de seus sindicatos de forma ilegítima pelo peronismo, de uma vez que tinham sofrido perseguição, cárceres e exílio, no regime anterior. Angel di Giorgio, encarcerado por Perón durante a greve ferroviária, foi interventor na União de Transportes Automotor (UTA) e Perez Leirós, destituídos da Secretaria Geral da União de Operários e Empregados Municipais (UOEM), foi restituído em seu cargo, também através de uma intervenção.

Como tentei demonstrar, o socialismo foi claramente antiperonista em bloco, em todos os setores que constituirão posteriormente diferentes opções políticas, entretanto, que fazer frente a ele durante sua proscrição vai gerar uma discussão política de transcendência que entre outros motivos colaborará na ruptura mais importante do PS da segunda metade do século XX, em 1958, os democráticos e os argentinos, assim como nas futuras subdivisões do PSArg.

b. A ruptura socialista de 1958. Os Socialistas Democráticos e os Socialistas Argentinos.

Os primeiros processos de desencontros no interior do PS nesta nova etapa aberta com a “libertadora” e com a conseqüente proscrição do peronismo se começam a manifestar no XLI Congresso Ordinário do PS que fez a sessão de 27 de junho ao 1 de julho de 1956, onde paulatinamente se vai formando um campo “ghioldista” e um heterogêneo campo “antighioldista” a sua esquerda.

Os “antighioldistas”, como Tieffemberg e José Luis Romero, não escapavam, por

²³⁰ Eduardo Lonardi foi quem encabeçou o levantamento que concluiu na Revolução Libertadora, sendo o primeiro presidente desta entre em 16 de setembro e em 13 de novembro de 1955. É deslocado por Pedro Eugenio Aramburu, daí o termo ‘aramburismo’ como forma de chamar a seu governo, que assume logo depois de Lonardi, forma um governo militar com maioria de ministros civis, convoca eleições com o peronismo proscripto e entrega o governo ao presidente eleito nas mencionadas condições, Arturo Frondizi, da União Cívica Radical Intransigente (UCRI), em 1 de maio de 1958. Aramburu é seqüestrado em 29 de maio de 1970, submetido a um “julgamento revolucionário” e assassinado em 2 de junho desse ano, no que seria a primeira ação pública dos Montoneros, em 1970. As acusações foram os vinte e seis fuzilamentos posteriores ao levantamento do General Valle em 1956 e o desaparecimento do corpo de Eva Duarte de Perón entre outros. (Cf. *A Causa Peronista*, terça-feira, 3 de setembro de 1974, ano 1, nro. 9 em Associação Patriótica Argentina s/d, 121-125).

mais que o pretendiam, ao esquema analítico de Ghioldi, já que para eles o movimento operário estava enganado pelo peronismo e sua propaganda, a qual tinha criado uma estrutura de sentimentos profundos nos trabalhadores, por isso o rol pedagógico “justista” do partido devia manter-se intacto. De uma vez explicavam que a nova composição do proletariado, a partir da imigração de trabalhadores do interior às zonas industrializadas e as ninhadas de jovens operários tinham em comum o desconhecimento do trabalho anterior do socialismo no plano político, o papel do PS na luta de classes e a defesa de seus interesses. O apoio da classe operária ao peronismo continua sendo entendido como um fenômeno psicológico, independentemente das condições materiais concretas, a partir de uma análise sociológica, débil, na melhor das hipóteses, entretanto, os socialistas incorporam à idéia de trabalho pedagógico, a idéia de luta de classes, frente a um peronismo que dominava sob a conciliação entre as classes. No interior do PS, este conceito permitia diferenciar que na luta contra o totalitarismo peronista existiam forças burguesas que nada tinham que ver com o socialismo como projeto emancipatório.

José Luis Romero é quem expõe a necessidade de uma “volta a Justo” para polemizar com as posições políticas de Ghioldi. José Vazeilles se refere a esta da seguinte forma:

“A ordem da ‘volta a Justo’ parece ter sido lançada pelo professor José Luis Romero. Em sua essência o exponho consistia em voltar para um socialismo puro e correto, cientista e marxista, que teria sido reformado pelo reformismo liberal de Américo Ghioldi. Esta enorme mistificação da tradição partidária, obscurecedora de toda possível autocritica, sem dúvida tem sua razão de ser no que temos cotado: a tendência a manter as mesmas atitudes profundas. De todos os modos também têm uma utilidade: uma tradição que se reivindica, uma tradição valiosa que uns traidores teriam sujado, e que portanto enriquece aos reivindicantes e os legitima ante todas as demais força políticas, sobretudo ante a esquerda, porque Justo representaria a mais antiga e pura tradição do marxismo argentino. (Cf. Vazeilles 1967: 178)

A divisão se adia para garantir a unidade partidária para as eleições da Assembléia Constituinte, celebradas em julho 1957 e as eleições presidenciais de 1958 que propõem a fórmula Alfredo Palácios - Carlos Sánchez Viamonte.

Quadro 34. Resultados eleitorais do Partido Socialista nas eleições da Assembléia Constituinte de 1957 e sua projeção nacional por quantidade de locais partidários.

Distritos eleitorais	%	Locais partidários	Constituintes eleitos
----------------------	---	--------------------	-----------------------

Capital Federal	14,56	32	Alfredo Palacios, Esteban Rondanina, Nicolás Repetto, Enrique Corona Martínez, Andrés Justo, Julio González Iramaín e José E. Pflieger.
Chaco	11,55	14	Darío Francisco Miró.
Río Negro	9,84	10	-
Neuquen	6,44	1	-
Buenos Aires	6,24	115	Teodoro Bronzini, Julio César Martella, Francisco José Pasini e Eduardo Carlos Schaposnik.
Misiones	4,99	5	-
Córdoba	sin datos	37	-
Tucumán	sin datos	19	-
San Juan	sin datos	18	-
Santa Fé	sin datos	16	-
Mendoza	sin datos	13	-
Entre Ríos e Santiago Del Estero	sin datos	8	-
La Pampa	sin datos	5	-
Salta	sin datos	4	-
Corrientes e San Luis	sin datos	3	-
Chubut	sin datos	2	-
Catamarca, Formosa, Jujuy, La Rioja e Neuquén	sin datos	1	-

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de Blanco (2005).

A unidade se mantém fundamentalmente por motivos eleitorais. De acordo com o que podemos observar no quadro nos encontramos com uma eleição próxima aos 7 % dos votos a nível nacional em um contexto de proscrição do peronismo, chegando os votos em branco perto do 25 %, quer dizer, mais quase duas milhões em umas eleições ganhas pela União Cívica radical do Povo, com o 24 % e onde o segundo lugar foi ocupado pela União Cívica Radical Intransigente (UCRI) com 21% dos votos. O quadro além nos permite apreciar uma recomposição socialista na construção partidária no plano nacional onde é uma estrutura partidária que conta com 323 comitês.

Em junho de 1958 fracassa o Congresso convocado na cidade de Rosário, na província da Santa Fé, pela hostilidade entre dois setores do socialismo, pelo qual, logo depois deste, o socialismo se divide, já que em 7 de julho desse ano, os setores majoritários do Congresso expulsam a Nicolás Repetto, Américo Ghioldi e Antonio

Solari.

O Comitê Executivo Nacional do Partido Socialista em julho de 1958, decide repudiar quão feitos impediram de terminar o LII Congresso e dissolver as Juntas Executivas das Federações Socialistas da Capital Federal e as das províncias de Buenos Aires e de Tucumán. A partir da mencionada divisão, dez dirigentes, Alfredo Palácios, Alicia Moreau de Justo, Ramón Muñiz, Carlos Sánchez Viamonte, José Luis Romero, María L. Berrondo, Luicio Lua, Héctor Iñigo Carreira, Emilio Carreira e David Tieffemberg, formam o Partido Socialista - Secretaria Muñiz (PS-SM); enquanto que outros sete constituem o Partido Socialista - Secretaria Solari (PS-SS), ou seja: Américo Ghioldi, Nicolás Repetto, Antonio Solari, Andrés Justo, Arturo L. Ravina, Teodoro Bronzini, Jacinto Oddone e Manuel Bessaso.

A justiça obriga em 7 de julho de 1958 a ambos os grupos a adicionar um aditamento no nome de PS, ficando constituídos o Partido Socialista Argentino (PSArg.) sobre a base do PS-SM e o Partido Socialista Democrático (PSD) sobre a do PS-SS (Cf. Moreau de Justo: 1983) O Partido Socialista Argentino (PSArg.), colocará como ordem, recuperado para a classe trabalhadora, de uma vez que reforça uma idéia de um socialismo argentino e para os argentinos.

A divisão, portanto, a simples vista aparece ser como consequência de diferentes concepções sobre o socialismo uma mais liberal-democrática, cujo periódico será *Afirmación Socialista*, dirigido por Américo Ghioldi e outra na qual confluem elementos de caráter mais nacional - populares que se mesclassem com elementos classistas e antiimperialistas depois do triunfo da Revolução Cubana, que terá *A Vanguarda* como meio de imprensa a que adicionará como subtítulo, recuperada para os trabalhadores.

O Partido Socialista Democrático (PSD) acentuará no período que abrange entre 1955 e 1976 suas tendências mais liberais, antiperonistas e antiesquerdistas, sob a hegemonia absoluta de Ghioldi. Aprofundaram-se esses traços já suficientemente desenvolvidos. O que se for destacável é que à exceção do pequeno Grupo Evolução, que se desvincula do PSD e se incorpora ao MAPA conduzido por Guillermo Estévez Boero, o PSD chega, quase sem fissuras que se constituíram em grupos políticos, até nossos dias.

c. A contribuição dos socialistas às "novas esquerdas".

As juventudes socialistas argentinas cumpriram uma função muito importante em uma das principais folga organizadas pela resistência peronista, a de Frigorífico Lisandro de la Torre, aonde além das declarações de solidariedade, ocuparam estabelecimentos e participaram dos comitês de greve clandestinos, da mesma forma que o grupo político

trotskista Praxis, dirigido por Silvio Frondizi. O PSD, pelo contrário, no plano sindical continuava brigando antiperonismo dos denominados “32 grêmios democráticos”.

Duas revistas socialistas refletem os pontos de vista dos socialistas argentinos em termos políticos em relação de como avançar em um perfil partidário autônomo mais à frente do “antigholdismo” e do “antifrondisismo”, *Sagitário* e *Situação*. Isto impulsiona uma orientação operária no primeiro grupo que, onde escrevem Hugo Gambini, Oscar Troncoso e Carlos Sanchez Viamonte e uma reavaliação do socialismo, sua trajetória histórica e sua relação com os movimentos populares no segundo, onde participam Luis Bergonzelli, Buenaventura Bueno, Abel A. Latendorf e Aníbal Parrondo.

É María Cristina Tortti quem melhor e é virtualmente a única que estudou os debates políticos no interior do socialismo argentino, o que tem conseqüências, depois do triunfo da Revolução Cubana, na formação da denominada “nova esquerda”.

O socialismo argentino em seu conjunto assume que deve dar uma tarefa de reconstrução militante, os debates que o cruzam incluem o papel do partido, a política de alianças e frentes e a relação com o peronismo.

Para os socialistas argentinos que publicavam a revista *Sagitário* o perfil do partido devia ser operário e latino-americanista, apoiando aos movimentos de liberação nacional e social do continente. Sua política era a de um reformismo de esquerda, respeitando os mecanismos institucionais e a legalidade, sempre e quando fosse possível como o estabelecia a declaração de Princípios originária do PS. O problema do socialismo e sua relação com a classe operária era um problema que podia ser combatido com uma agressiva política militante e descartavam qualquer potencial revolucionário no peronismo. Consideravam os peronistas claudicantes e rechaçavam as políticas de alianças com a burguesia nacional impulsionada pelo PCA.

No interior da revista encontramos duas propostas políticas. A primeira expressa por Rubén Visconti²³¹, da Federação Socialista de Santa Fé, para quem o PS deve constituir-se em um partido de militantes, para converter-se em um partido de massas e se até 1962 não se avançou o suficiente, propiciar a constituição de um frente operário, de classe, com os partidos de esquerda sobre a base de um programa socialista anticapitalista, mas de nenhuma forma de caráter frente popular. Torcuato Di Tella, por sua parte, considerava que a única oposição real era a classe operária se considerasse ou não socialista, portanto a proposta partidária devia consistir em levar a ação política a movimento operário para criar sobre a base dos sindicatos um espécie de “novo trabalhismo” para que uma Frente de Representações Operárias presente listas nas

²³¹ Posteriormente será membro do PS Casa do Povo com Juan Carlos Coral, com quem formará o Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), hegemonizado pelo trotskismo morenista. Nos oitenta, formará parte do Movimento ao Socialismo (MAS) continuidade histórica do PST.

eleições legislativas de 1960. Tanto socialistas como comunistas e peronistas deviam constituir esta frente, mas de nenhuma forma substituir à classe, se isto não ocorria e não se levantava a proscrição do peronismo deviam os socialistas chamar a votar em branco para acompanhar a experiência da classe operária peronista, o que apagava ao partido (Cf. Tortti 2005: 403-404 em Camarero e Herrera 2005)

Para quem editava *Situação*, que se definia como uma revista marxista militante ao serviço dos trabalhadores e esclarecia, que estava fechada para as liberais, a proposta era definir um perfil revolucionário para o PSArg. Paralelamente procuravam aproximar-se das lutas dos trabalhadores o que os levava na prática a uma maior aproximação com os comunistas e os peronistas no plano sindical. Este grupo tenta realizar uma releitura de conjunto do socialismo considerando que a crise do socialismo era mais ampla que a separação liberal “ghiolista”, mas sim o que estava em crise era uma idéia de partido que entendia ao socialismo como uma “idéia” ou como uma escola de “docência”, impulsionando outra concepção do socialismo entendido como uma “tarefa”.

A proposta política para os socialistas que se desprendia das idéias fundamentalmente de Pablo Giussani, em seu trabalho *O socialismo: Alternativa nacional*, eram que devia articular um frente de trabalhadores, integrado e entendido como um frente esquerda, sendo um ator privilegiado deste o peronismo combativo, o que o diferencia da proposta de Di Tella, que invocava ao peronismo em seu conjunto. Viam como um risco na proposta de Visconti a que o partido realize um processo de radicalização ideológica, mas sem nenhuma base de massas real. Portanto, a proposta seria uma aliança entre o movimento operário e os intelectuais de esquerda tentando construir um partido unificado.

Outro grupo socialista argentino estava expresso pelo dirigente Isidro López, da Federação Socialista da Província de San Juan, quem tinha uma leitura da realidade argentina e uma proposta semelhante a comunista, considerando que como a Argentina era feudal, era necessária a construção de um amplo frente democrático.

Atravessado por este conjunto debate em diferentes níveis é que chega o socialismo argentino a seu XLV Congresso nacional partidário, o XXXIII Congresso ordinário, que se realizou nos dias 9, 10 e 11 de dezembro de 1960 na cidade de Buenos Aires e no qual se assume como principal resolução uma “solução de compromisso”, que expressa o equilíbrio entre suas forças:

“Propõe em conseqüência a formação de uma Frente de Trabalhadores, de nítido sentido classista e antiimperialista, sob a direção do socialismo argentino e construído por operários, camponeses, intelectuais assalariados, estudantes,

forças populares antiimperialistas e setores de trabalhadores proscritos. Esta frente será o primeiro passo para a liberação econômica e social do país sob a hegemonia da classe trabalhadora” (Cf. A Vanguarda nro. 13.705, ano LIX, 14 de dezembro de 1960: O socialismo única expressão legal dos trabalhadores argentinos. Declaração política do XLV Congresso Socialista; citado também por Vazeilles 1967: 181-182 e parcialmente por Tortti, 2005).

Como observamos neste parágrafo se chegou a uma solução que permitiu atracar a um débil consenso entre as diferentes vertentes, fundamentalmente pelas expectativas dos setores na *performance* eleitoral do PS. Adiou-se uma virtualmente segura confrontação da seguinte forma: foram escolhidos os socialistas tradicionais, quem não pretendia grandes mudanças na linha política do partido, para ocupar os cargos eletivos principais, Alfredo Palacios como senador nacional e Ramón Muñiz como deputado nacional, ambos pela Capital Federal; aprovou-se uma política de “Frente dos Trabalhadores”, a qual conformava aos setores partidários de alianças, vinculados ao Giussani; mas simultaneamente se definiu de maneira tal o frente que de fato fazia impossível qualquer aliança sem uma hegemonia virtualmente absoluta do PSArg, o que conformava tanto os setores classistas como Visconti como os reformistas mais tradicionais. Os setores “esquerdistas” se elevam com a maioria no Comitê Executivo Nacional do PSArg (CEN-PSArg.)

Entretanto, o que pretendo mostrar é que os socialistas, em função de seus debates e propostas de ação, tiveram um papel importante, de maneira nenhuma exclusivo, mas muitas vezes deixado de lado, no surgimento da denominada “nova esquerda” argentina entre a qual se destacará o Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV) e suas posteriores divisões, que abonarão diferentes matrizes do marxismo na Argentina.

Na formação dos que será a nova esquerda que cresce a luz da experiência cubana, encontramos também que Mario Roberto Santucho fundador do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT) e do Exército Revolucionário do Povo (ERP), na década dos sessenta ditará conferências nas sedes do Partido Socialista Argentino, antes da formação de seu primeiro grupo político o Frente Revolucionário Indoamericano Popular (FRIP).

“(...) É muito provável que Santucho tivesse combinado, sucessivamente, em meio de uma obstinada busca de alternativas políticas que não pareciam provir da esquerda tradicional, com o Grupo Praxe, de Silvio Frondizi e o PSRN. A década de 60, pelo menos o encontrará ditando conferências nos locais do PSA.

(...) O Seminário que organizou no Gymnasium Universitario sobre o ser nacional na América Latina', com três panelistas como Silvio Frondizi, [Jorge Abelardo] Ramos e Hernández Arregui, em um inverno desse ano [1960?], deixa sinais daquela busca” (Cf. Seoane 1991: 47-48).

Esta reconstrução está na biografia de Santucho realizada por María Seoane, entretanto, em um livro mais analítico como o de Luis Mattini não encontramos referência ao passo pelo socialismo argentino do líder guerrilheiro, o que não deixa de ter certa lógica porque a história do PRT que pretende reconstruir tem sua origem no FRIP e não no PSArg. A menção que realizou tem sentido no marco da influência dos socialistas na formação dos novos grupamentos das esquerdas argentinas como pretendo mostrar. O PSArg., foi o único partido para ser receptivo para a revolução cubana de um primeiro momento.

c.1. O Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV).

Um dos temas sobre os que menos se escreveu de dentro e de fora do socialismo, tanto na literatura militante como na acadêmica, é o da formação e evolução política da esquerda do socialismo argentino, o partido socialista argentino de vanguarda e suas contribuições ao que se denominará a “nova esquerda”.

A “esquerda” do PSArg. era majoritária no CEN e os setores juvenis de esquerda do partido triunfam em uma interna frente ao grupo conduzido pelo Secretário General Ramón Muñiz, ao não ser reconhecido de fato seu triunfo, são obrigados a formar em junho de 1961 o Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV), sendo seus principais dirigentes David Tieffemberg, Aléxis Latendorf e Héctor Polino. Também formou parte deste grupamento o prestigioso historiador José Luis Romero.

Embora algumas de suas afirmações sejam bastante discutíveis já que não permitem virtualmente diferenciar em muitos aspectos aos socialistas de vanguarda dos socialistas argentinos, Vazeilles realiza uma observação importante. Distintamente dos socialistas argentinos que terminam expulsando à “direita partidária” que formará o PSD, são a minoria do PSArg., Palacios e Muniz, quem expulsará à esquerda do partido. O grupo de Muñiz, Alfredo Palacios e Alicia Moreau de Justo, como os futuros socialistas de vanguarda expressam tomam “por surpresa” e com apoio policial os locais, obrigando à divisão partidária, ficando constituídos o Partido Socialista Argentino - Casa do Povo (PSA-CP), pelos três dirigentes históricos, enquanto que os expulsos formam o Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV).

“Como é de conhecimento público, o Partido Socialista Argentino, a vanguarda política do proletariado, acaba de sofrer um novo rasgão. Seguindo a técnica fascista de atirar golpes por surpresa para tomar despreparadas a suas vítimas escolhidas, ao ponto que a tramitação do sigiloso processo foi ignorada até por seus partidários mais amealhados, um pequeno e insignificante grupo enquistado na direção partidária se apoderou da Casa do Povo e da sede de nosso agrupamento: Sarandí 56” (Cf. *A Vanguarda*, nro 13.726, ano LX, 24 de maio de 1961, pág. 1, Traidores! Fracassou o golpe contra o PSA; também citado por Vazeilles 1967: 186).

A mencionada minoria “insignificante” contava em suas filas com Alfredo Palácios, o Senador eleito, amplamente ganhador das eleições da Capital com uma campanha em defesa da Revolução Cubana, a quem por sua própria “autonomia” constante a asa esquerdista e os jovens consideravam e procuravam como aliado e ao destacado dirigente Ramón Muñiz. Existe uma dificuldade para o novo partido explicar que quem tinha sido os candidatos pelos quais tinham realizado uma abnegada campanha eleitoral, agora eram iguais ao ghioldismo, liberais, pequeno-burgueses, e antisocialistas.

Desde o começo, o PSAV, é um partido heterogêneo com diferenças que não demorarão em expressar-se, unificados por questões no plano da política internacional, a defesa da Revolução Cubana e o anti-imperialismo norte-americano e no plano interno, o “antighioldismo” do PSD, que virtualmente já não reconhecem como interlocutor, o “antireformismo” em referência aos socialistas argentinos e sua oposição à política de frente democrático dos comunistas, tentando procurar um novo caminho para a revolução na Argentina, a partir da necessidade da construção de um partido revolucionário.

O fato de ter sido expulsos do PSArg. pela minoria, fez que suas definições inicialmente fossem elaboradas por oposição a dos grupos pré-existentes para delimitar um espaço político próprio. As dificuldades surgiram na hora da elaboração de uma estratégia política positiva, dada a mencionada heterogeneidade de sua composição.

Vazeilles enumera algumas de suas correntes internas, quatro, em função da composição de seu Comitê Nacional, mas observamos que existiram como mínimo duas mais com certa influência.

Em primeiro lugar encontramos Vicente Pucci, que um mês depois da ruptura se acoplará à dinâmica do Partido Comunista em suas listas eleitorais, aceitando ser candidato a vice-governador da província de Santa Fé, na formula encabeçado por Alejandro Gómez, de tradição liberal, contra a vontade o exposto no Congresso

partidário de Córdoba; em segundo lugar, Isidoro López, que como expusemos mantém leituras semelhantes a dos comunistas; em terceira instância localizamos José Luis Romero e Leopoldo Portnoy, que renunciou em função de discrepâncias com a posição política eleitoral do partido em março de 1962; em quarto lugar o grupo, talvez mais importante, já que garantiu em certo sentido a continuidade partidária embora também posteriormente se separassem: Tieffemberg, Dobarro; Campbell e Elisa Rando; em quinto lugar se incorporou também um setor trotskista dirigido por Miguel Posse conhecido como “Oscar”²³², quem é expulso em 1962 por “entrismo” e em sexto lugar, um grupo socialista nacional ou trotskista nacional, que tinha formado parte do PSRN no final do peronismo e que publicava a revista *Política* sob a influência de Ramos e de Spilimbergo.

Quadro 35. Composição política do Partido Socialista Argentino de Vanguarda (PSAV) em suas origens.

Corrente Política	Principais dirigentes	Linha defendida
Parte da Federación de Santa Fé do PSArg.	Vicente Pucci	Frente Democrático como o PCA.
Federación Socialista de San Juan del PSArg.	Isidoro López	Frente Democrático como o PCA.
Socialistas tradicionais de izquierda	José Luis Romero e Leopoldo Portnoy	Partido Socialista, apresentação eleitoral autônoma.
Núcleo do PSAV	Tieffemberg; Dobarro; Campbell y Rando.	Construção do partido da revolução.
Trotskista internacionalista	Miguel Posse “Oscar”	Entrismo trotskista no PSAV.
Socialista nacional o Trotskista nacional	Vinculados a revista Política, centrada em Ramos e Spilimbergo, mas sem eles formalmente.	Partido socialista nacional criticando qualquer relação com o PCA.

Fonte: Elaboração própria a partir do Vazeilles e investigações particulares (Cf. Vazeilles 1967: 187)

O XLVI Congresso nacional extraordinário do PSArg., é o que busca construir um perfil político próprio para o PSAV, em cuja resolução observamos a influência principalmente de quem expõe a necessidade de um socialismo nacional e paralelamente de quem postula a necessidade de construir um partido revolucionário mas que de uma vez expõem a necessidade de ampliar seu marco de alianças, expresso na seguinte idéia emanada deste congresso: “Abrimos nossas listas para construir um Socialismo Argentino, latino-americano e Fidelista”.

O novo partido por outra parte procura abandonar uma preocupação institucional para elaborar uma estratégia revolucionária, antiimperialista e frentista. A influência da

²³² Tinha formado parte da Partida Operário da Revolução Socialista (PORS) e da União Operária Revolucionária - *O Militante* (UOR-EM).

esquerda nacional, também a observamos nas tentativas de reconstrução histórica reivindicando misticamente às montoneras e aos caudilhos López e Quiroga, ícones do socialismo nacional.

Criticam as posições de frente democrático elaboradas pelo PC, as quais são apoiadas por setores do PSAV como López e Pucci, por concepção política o primeiro e talvez por questões relacionadas com a situação eleitoral o segundo, entretanto, a diferenciação que realizam ao interior dos setores burgueses é de uma forma bastante similar:

“Enquanto a burguesia ligada ao imperialismo está enfrentada às forças de liberação nacional, os setores da burguesia nacional propriamente dita, embora dual e vacilante por sua posição social e propensa a pactuar com o imperialismo, é um aliado que não pode perder a classe operária e que historicamente demonstrou sua capacidade para acompanhar os movimentos de liberação nacional em seu início e estalo” (citado por Vazeilles; cf. Vazeilles 1967: 189)

É paradoxal, critica-se ao PC para expor uma política semelhante ao PC, possivelmente seja uma influência da linha de López, de uma vez que no marco da reconsideração de se localizar-se como uma força política no marco das lutas sociais mundiais, o PSAV na crise dos mísseis, toma uma posição política favorável a Nikita Krushev e em contra de Fidel Castro.

O PSAV expõe nos fatos a necessidade de uma frente com os peronistas e os comunistas, o que gera discrepâncias. Esta política de fato os localiza como a esquerda de um movimento nacional, o peronismo, que pretende corrigir os rumos equivocados do comunismo vernáculo.

Em outubro de 1961, o PSAV realiza um encontro nacional na cidade do Córdoba, do qual surge um documento, conhecido como o “documento de Córdoba” e fica constituída uma maioria que se conhecerá como PSAV - Secretaria Latendoff (PSAV-SL), integrada além de pelo próprio Alexis Latendorff, por Hidalgo, Elías Semán, Manuel Dobarro, Moners Sanz e Pablo Giussani, o que gerem múltiplas discussões e divisões.

Em 1962, o PSAV sofre ao menos cinco cisões na medida que define sua linha política e se posiciona frente às eleições, a construção do partido revolucionário e em sua relação com outras forças políticas como o comunismo e o peronismo.

Duas cisões são as de correntes que se corresponde com grupos políticos orgânicos que pretendiam lhe dar determinada orientação ao partido, um grupo é

expulso, enquanto que os outros, ao fracassar na sua tentativa de hegemonizar um espaço político mais amplo decidem formar sua própria organização. O setor trotskista de Posse é expulso acusado de “entrismo” enquanto que os setores socialistas nacionais depois de realizar críticas profundas pela aproximação nos fatos do PSAV ao PC formam seu próprio partido, o Partido Socialista da Esquerda Nacional (PSIN), dirigido por Jorge Abelardo Ramos e Jorge Enéa Spilimbergo. Este grupo por uma parte e o que formará o Partido de Vanguarda Comunista (PVC), desde pontos de vista completamente diferentes são os que elaboram uma crítica profunda e detalhada em sua ruptura. No caso do PSIN concluem um extenso documento no que se referem os diversos temas e que será analisado posteriormente da seguinte forma:

“O grupo que, defendendo-se falsamente nas resoluções de Córdoba consumou por métodos antiestatutários, objetáveis e facciosos o copamiento da mais alta direção partidária, recorrendo para isso à destruição de federações provinciais, ao estabelecimento de centros paralelos, à perseguição e difamação de militantes, à fraude eleitoral mais descarada, à concordância com forças nacionais e estrangeiras alheias ao partido, deixou que cumprisse a única missão que na presente etapa partidária corresponde à direção nacional, qualquer seja seu matiz: a de acelerar a proletarização do partido (empurrando de fato à frente único por debaixo de nossos militantes com os trabalhadores peronistas), e encontrar um ponto de equilíbrio para que o conjunto de forças que em um momento dado se inclinaram para ele – força de diversas procedências, de muito distinta experiência político-social, de ritmos desiguais de compreensão- , pudessem conviver e aglutinar-se gradualmente, dosando as definições políticas segundo o ritmo de desenvolvimento real, e as subordinando a uma clarificação incessante, teórica e prática, de uma vez, em que interviessem todas as tendências em um debate leal e intelectualmente sério dos problemas.

Em lugar disso operou o copamiento que reduz nossa organização a uma seita mais, que já ameaça debandar suas forças e que consuma a entrega de seus restos ao bradenismo-khushevista-stalinista do 45 e de todos os tempos” (Cf. Spilimbergo 1969: 266-267)

Uma terceira cisão é a provocada pela renúncia ao partido de dois socialistas tradicionais, o historiador José Luis Romero e o economista Leopoldo Portnoy, por não compartilhar a política eleitoral do PSAV. Uma quarta, é a que sobre a base do Partido Socialista Argentino de Vanguarda – Secretaria Latendorf (PSAV-SL) forma-se o

Partido de Vanguarda Popular (PVP), o qual dirigido além de pelo próprio Aléxis Latendorf por Manuel Do Barro, a qual será uma corrente pró-peronista para dissolver-se no peronismo em 1972.

Uma quinta fratura constituirá o Partido do Trabalho (PdelT) sobre a base do PSAV - Tendência Principista (PSAV-TP), que será o primeiro grupo maoísta da Argentina, que expor seus esboços em sua periódico *Democracia Popular* e cujos seus principais dirigentes foram Abel Korichik cujo pseudônimo era Andrés Aldao e Enrique Miranda.

Em seu processo de lenta dissolução encontramos as seguintes três divisões no PSAV entre 1963 e 1966. Uma parte formará um partido único com o PCA; enquanto que outro grupo forma em 1965 o Partido de Vanguarda Comunista (PVC), que se derrubará o maoísmo e se denominará em 1976, Partido Comunista Marxista-Leninista e desde 1983, Partido da Liberação (PL). Esta é uma importante cisão, que se constitui sobre o PSAV – Secretaria Tieffemberg (PSAV-ST) porque é quão única perdura até nossos dias e o papel relevante que tiveram entre os destacamentos da nova esquerda e a qualidade de seus dirigentes entre os que se destacaram Elías Semán, Roberto Cristina, Mario Geller, Manuel Malvicino e na atualidade Sergio Ortiz, Secretário Geral do Partido da Liberação (PL).

O balanço que realizam do PSAV é contrário ao do PSIN. Em primeiro lugar reivindicam a centralidade do partido revolucionário:

“A tese do Partido Socialista Argentino de Vanguarda a respeito da necessidade de reconstruir o Partido marxista leninista da Argentina, leva consigo a necessidade de aplicar a esta reconstituição, para que tenha o caráter de tal, os elementos teóricos e práticos contribuídos pela experiência do proletariado mundial que enriqueceu ao marxismo” (Cf. Semán 2004: 4)

Depois criticam na rica experiência do PSAV, o seguidismo ao peronismo:

“O velho PSAV constituiu o tentativa de conciliar o leninismo com o populismo. A direção do velho PSAV resolveu a contradição a partir da crise partidária, renunciando ao marxismo-leninismo. Na medida em que a tentativa do velho PSAV, é um propósito no que reincidentem total ou parcialmente distintos setores da esquerda, convém recordar o significado e a lição daquela experiência. Faz um ano o PSAV, que tinha sido uma das tentativas de maior envergadura e repercussão de construir um partido revolucionário, dissolvía-se no fracionamento e na dispersão de sua militância (...) pôs ao descoberto o

fracasso de uma política que, dirigida ao movimento de massas sem desenvolver a luta política e ideológica, que incorreu em seguidismo aberto do peronismo”. (Cf. Semán 2004: 5-6).

Para concluir que a causa mais importante de sua dissolução foi o não ter sido suficientemente internacionalistas proletários, não porque desconhecêssem o papel do campo socialista, fundamental no plano mundial de acordo a suas leituras, mas sim por ter sido alheios a ele, postulando-se de fora para corrigir os enganos do partido comunista, dirigido por Codovilla e a equivocada significação que esse partido fazia da luta mundial do proletariado:

“Se uma das leis que rege ao proletariado no cumprimento de seu papel histórico, é a unidade desta luta que se expressa no princípio do internacionalismo proletário, é na debilidade do velho PSAV com a luta mundial do proletariado e com a teoria que conduz esta luta, onde encontramos as verdadeiras causas do fracasso e de sua inconsistência ideológica.

O velho PSAV tentou –e esse foi seu pecado realmente mortal – realizar uma aventura brilhante, à margem da experiência e da teoria do proletariado mundial. Não outra coisa que tradução que esse desprezo pelo proletariado e sua ideologia, foi o rasgo fundamental da política do velho PSAV destinada a substituir sua vinculação com a classe operária, por sua relação com o peronismo. O rasgo essencial daquela política partidária, levava implícita a negação do papel da classe operária, ao desconhecer a função de seu consciência e do partido encarregado de forjá-la no processo da luta de classes”. (Cf. Semán 2004: 6)

O PSAV pretendeu de um partido no melhor dos casos reformista de esquerda transformarem em um partido leninista, centralista democrático, quem o obtêm em realidade, por sua própria estrutura, são algumas de suas cisões. Por exemplo, Vanguarda Comunista e o Partido do Povo conseguiram configurar, ainda que com limites, organizações de combate. Podemos definir o PSAV como um partido de transição que da matriz socialista alimentou diferentes forças políticas das novas esquerdas tentando relacionar-se à classe operária. Semán de dentro ainda do PSAV expõe a necessidade de aproximação aos camaradas chineses, pelo que no VC justificará sua inserção no maoísmo:

“No transcurso de dois anos de experiência militante do velho PSAV, a

realidade teimou em nos demonstrar que o peronismo não era nem podia ser 26 de julho nem o Frente de Liberação Nacional Argelino, e que ninguém relevaria à esquerda, de conduzir ao proletariado à frente da revolução argentina.

Se esta foi nossa experiência militante, a luta contra o revisionismo iniciada pelos camaradas chineses, exponho aos marxistas leninistas de todo o mundo a transformação do princípio de unidade do movimento comunista em seu contrário e a necessidade de erigir em princípio revolucionário a luta contra o revisionismo. Se ante o princípio de unidade do movimento, nossa crítica ao partido comunista argentino se continha nos limites de uma apelação à autocrítica de seu passado (...) o princípio de luta impõe hoje, a destruição e superação do revisionismo encarnados no partido de Codovilla.” (Cf. Semán 2004:7)

Por último, do PSAV também provêm os setores que em 1966 se unirão a Vanguarda Revolucionária (VR), cuja origem encontra-se em uma cisão do PCA e começam a pensar na necessidade de construir uma organização político militar atue como um apêndice do Exército de Liberação Nacional (ELN) da Bolívia dirigido pelo “Che”. Por este motivo, sua primeira denominação foi a do ELN-Sector2 (ELN-S2), setores os quais em 1970 finalmente formarão as Forças Armadas Revolucionárias (FAR), organização político-militar que evoluirá para uma posição política aonde considerem que o único resgatável do marxismo é seu método de análise da realidade, para depois fundir-se com os peronistas Montoneros (M).

d. O Partido Socialista da Esquerda Nacional (PSIN)

O Partido Socialista da Esquerda Nacional (PSIN), baseado em junho de 1962, é a continuidade histórica da minoria socialista nacional do Comitê Executivo Nacional do Partido Socialista da Revolução Nacional (CEN-PSRN), que posteriormente formou parte do Partido Socialista Argentino de Vanguarda – Secretaria Tieffemberg (PSAV-ST). Dirigido por Jorge Abelardo Ramos e Jorge N Spilimbergo, constituem a esquerda nacional, a qual tem uma prolífera literatura militante própria, a que podemos adicionar a de Norberto Galasso.

Do plano da matriz do socialismo argentino é um partido socialista nacional, entretanto por suas origens e leituras também podem ser emoldurados como no marco da matriz trotskista do marxismo argentino como trotskistas nacionais.

Dentro do socialismo argentino os socialistas nacionais reivindicam a figura de

Manuel Ugarte, expulso do PS logo desafiou-se a duelo com Palacios. Ugarte diferencia as idéias de nacionalismo e pátria nas elites do que denomina um nacionalismo superior, de uma vez que reivindica uma idéia de pátria, como o direito que têm todos os núcleos sociais a viver a sua maneira, delimitam-se das esquerdas que denominam “cipayas”, tanto dos “socialistas pró-britânicos” como Nicolás Repetto e dos “neutralistas revolucionários” como os comunistas dirigidos por Rodolfo Ghioldi, um dos irmãos do socialista democrático, Américo Ghioldi.

Tomam a idéia leninista de imperialismo, que divide entre países opressores e oprimidos, pelo qual, “nos países sem história” a luta é pela liberação nacional e consideram que a cadeia imperialista se curta por seu elo mais débil.

Reintroduzem no socialismo a idéia de socialismo nacional de Leon Trotsky, utilizada na revolução permanente para contrapor-la à idéia de socialismo em um só país de Joseph Stalin.

Desta forma Norberto Galasso define o socialismo nacional:

“(...) um socialismo profundamente enraizado em sua própria realidade, inserido em suas tradições e costumes, com rasgos próprios, nascidos de sua própria história, e sua própria economia claramente definidas na revolução nacional e disposto a lutar junto ao movimento nacional por essa liberação, aspirando a representar dentro da Frente nacional, os interesses dos trabalhadores e a dar inclusive a essa frente uma perspectiva socialista” (Cf. Galasso 1983: 24)

O primeiro documento básico da esquerda nacional é publicado no periódico *Frente Operário*, segunda época, em setembro de 1942, antes da ascensão do peronismo ao poder, onde expõe a necessidade de realizar na Argentina uma revolução democrático-burguesa com dois objetivos centrais, lutar contra o imperialismo e liquidar a herança feudal do país.

Dois dias depois das mobilizações de 17 de outubro de 1945 que deram base de massas ao peronismo, *Frente Operário* expõe os deveres dos trotskistas:

“Dar consciência ao movimento inconsciente, inorgânico das massas, é a missão histórica da vanguarda proletária da IV Internacional” (Cf. *Frente Operário* 19 de setembro de 1945).

Um segundo documento é um trabalho historiográfico realizado por Jorge Abelardo Ramos, intitulado *a América Latina um país*, em cujo livro toma à cultura

européia em seu conjunto como um sinônimo de imperialismo.

Os setores da esquerda nacional ao momento da ruptura com o PSAV, contavam com o apoio de dez locais partidários aderindo a seu documento de discussão titulado: *Um partido socialista nacional ou um partido a serviço de Krushev?* Integravam o partido como um grupo minoritário, Spilimbergo, Ramos e Manuel Fernando Carpio, operário, fundador da União Operária Metalúrgica (UOM).

Em 1963 se incorporam ao PSIN um importante grupo universitário da Faculdade de Filosofia e Letras da UBA, membros da Frente de Ação Universitária (FAU), entre os que se destacavam Ernesto Laclau, Analía Payró e Blas Alberti. Este grupo se separa a fins de 1968 chegando à conclusão que o PSIN não tinha uma tática para chegar às massas, entretanto, um par de anos depois Alberti retorna.

O documento mencionado no parágrafo anterior, ao não ser discutido, gera a cisão que dará lugar ao PSIN. Expõe a luta da esquerda nacional contra a tendência majoritária do PSAV a tentar converter-se no que denominam o “verdadeiro PC”. Também encontramos críticas às interpretações que realizam do castrismo alguns setores do PSAV, de uma vez que exigem a convocatória imediata a um Congresso partidário com a participação efetiva das bases, seu controle direto e a renúncia de membros da mesa envolvidos no que denominam manobras fracionais.

Deve-se contextualizar o documento no marco de uma situação em que em algumas regionais, Casilda, Santa Fé, no cinturão industrial operário do conurbano portenho na província de Buenos Aires e na cidade de La Plata, o PSAV formou blocos eleitorais com o PC, ao que os socialistas nacionais qualificam de bradenismo e mencheviques argentinos. O partido, então, tem locais “frente-stalinistas” e “socialistas nacionais”.

Paralelamente desde 1960, em um documento impulsionado do centro socialista nacional da cidade de Caseiros se denunciava também o “ultra-esquerdismo”, ao que denominam “aventureirismo insurrecionalista”. Certamente, se referem aos setores que formarão o Partido de Vanguarda Comunista (PVC) em 1965 cujo principal dirigente do tronco socialista foi Elías Semán:

“Ao denunciar o aventureirismo insurrecionalista, o documento emitido pelo centro de Caseiros em 1960 denunciava como lhe confinem com a provocação policial aos irresponsáveis, ou pior ainda, que tentavam jogar partido nessa mescla de ‘uturunquismo’²³³ e ‘fidelismo guerrilheiro’ tão própria de

²³³ A referência é ao grupo *Uturuncos* (U), o qual na primavera de 1959 paralelamente à organização da Resistência Peronista dirigida pelo delegado pessoal de Perón John William Cooke, um grupo de jovens se instala nas proximidades da colina Cochina, na província de Tucumán. Foi o primeiro grupo guerrilheiro da Argentina moderna, tinha caráter peronista e exigia a renúncia do Frondizi, a anulação dos

*adolescentes que confundiram Marx com Emilio Salgari e Lenin com Sandokán*²³⁴” (Cf. Spilimbergo 1969: 246).

A necessidade exposta pelo PSIN era quão mesma a do PSAV, construir o partido operário revolucionário na Argentina e a construção de uma vanguarda militante da classe trabalhadora, entretanto, a particularidade era que procurava desta forma traçar uma linha política independente para o proletariado na Revolução Nacional.

Para poder fazê-lo realizam um conjunto de apreciações sobre o socialismo de Juan B. Justo, ao que denominam cipayo e quais são os aspectos políticos que levam a fundar o PSIN. Também entendem que as correntes comunistas e trotskistas internacionalistas também são “justistas” porque não tiram todas as conclusões possíveis das posições de Justo. Tudo isto os leva a posições semelhantes a socialistas e comunistas na política nacional, como ao antiirigoyenismo e o antiperonismo assim como seu apoio à União Democrática (UD) e a Revolução Libertadora. Quem denuncia o reformismo do PS como socialistas de esquerda e trotskistas, por seu sectarismo de acordo com os socialistas nacionais, terminam lhe fazendo o jogo à oligarquia que os pretende como uma esquerda sectária antiperonista sem base de massas.

Para os socialistas nacionais as esquerdas cipayas internacionalizam seus esquemas pseudomarxistas para ocultar sua dependência do pensamento imperialista.

“Precisamente quando o Socialismo da Revolução Nacional era dissolvido pelos gorilas, Alfredo Palácios era renomado embaixador libertador no Uruguai, Américo Ghioldi uivava que se acabou ‘o leite da clemência’,

contratos petroleiros, o afastamento da intervenção à Confederação Geral do Trabalho (CGT) e a volta de Perón. Eram dirigidos por Enrique Manuel Mena, chamado “Comandante Uturunco”. A primeira incursão militar do grupo foi com o nome Movimento de Liberação Peronista (MLP), assaltando uma delegacia de polícia na cidade de Frías. Uturuncos era um grupo heterogêneo onde conviveram ex-militantes da Aliança Libertadora Nacionalista (ALN), um grupo nacionalista de direita, peronistas, o qual em 1948 tinha cometido atentados anti-semitas na cidade de Buenos Aires sob a direção de Juan Queraltó, seguindo a tradição da Liga Patriótica (LP) que durante as greves de 1919 expressavam – faça a pátria, mate um judeu- e ao qual Perón “castiga” com quinze dias de prisão e nomeando-o embaixador no Paraguai; uma fração peronista “revolucionária” dirigida por Cooke e alguns membros do Partido Socialista da Revolução Nacional (PSRN). Uma pequena fração dos socialistas nacionais participaram deste grupo que é desarticulado em 1960, dali o desprezo com que são tratados por quem constituirá o PSIN.

²³⁴ Em uma nota de pé de página Spilimbergo esclarece que as expressões precedentes foram dirigidas ao charlatanismo ultra-esquerdista, cuja responsabilidade mais grave consiste em induzir outros a sacrificar-se tragicamente pondo consequência entre a teoria proposta e a ação prática. (Cf. Spilimbergo 1969: 246, nota 1).

*Tieffemberg condenava à ‘barbárie peronista’ postulando-se aos libertadores para uma cadeira na Faculdade de Direito, e Codovilla assaltava os sindicatos peronistas com a ajuda da polícia. Estes simples feitos, conhecidos por todo mundo, permitem compreender o panorama da esquerda cipaya em 1955, e também a posição invariável da esquerda nacional revolucionária” (Cf. Documento: A esquerda nacional já tem seu partido, julho de 1962, Comitê Executivo Nacional do PSIN; publicado no nro. 1 da Revista *Esquerda Nacional*)*

Os socialistas nacionais realizam uma leitura totalizadora sobre os socialistas e a transladam ao resto das esquerdas argentinas, afirmando que seus enganos de análise têm como raiz uma leitura equivocada e incompleta da ideologia “juanbjustista” e socialista. Sinteticamente, podemos agrupar em cinco níveis as críticas, concordando com a divisão de Vazeilles.

Em primeiro lugar o PS não é marxista; em segundo é um partido pequeno-burguês, e dizer, não é um partido operário; em terceira instância o PS é imperialista e não antiimperialista, pelo que funciona como a asa esquerda da oligarquia nativa; em quarto lugar suas teorias são estrangeirizantes, eurocêtricas, dependentes de teorias elaboradas em centros imperiais e em quinto lugar esse servilismo e estreiteza teórica tem que ver com sua localização como um partido da pequena burguesia portuária portenha e pelo caráter imigratório de suas bases sociais operárias.(Cf. Vazeilles 1967: 21)

A esquerda nacional realiza estas observações aos socialistas mitificando uma reconstrução da história argentina na qual expõem como necessária de fato uma continuidade histórica entre as “montoneras”, alguns caudilhos, o peão crioulo, o operário imigrante e quem formará as migrações internas no processo de industrialização. Continuando com Vazeilles, esta reconstrução é utópica:

“Expor uma solidariedade entre o peão crioulo e o operário imigrante nessas condições é pura utopia. Pretender uma comum coincidência de classe que se traduzira em uma ação política nacional e revolucionária o é ainda mais” (Cf. Vazeilles 1967: 21)

A questão nacional é o tema central que diferencia este grupo político de todos outros e a hipótese explicativa do por que da negação da questão nacional nos grupos das esquerdas cipayos como sinônimo de europeizantes é a influência ideológica da oligarquia sobre os setores populares dispostos a integrar-se ao que denominam o sistema da semicolônia agropecuária.

Na nova situação social que vive o país, ao observar que elementos das classes médias querem romper o fronte oligárquico, entendem que a revolução argentina deverá partir de uma aliança plebéia formada pela pequeno burguesia pauperizada e a classe trabalhadora. Encontramo-nos para os socialistas da esquerda nacional frente a uma sociedade burguesa sem uma burguesia como classe dirigente. A luta de classes revolucionária é urbana, não camponesa, sendo seus sujeitos os trabalhadores e a pequeno burguesia.

Em um balanço da política da esquerda nacional, a qual critica mas de uma vez recupera elementos críticos, já que não rebate seus argumentos centrais, Vazeilles expõe:

“Em definitiva, a crítica da esquerda nacional não há descrito o Partido Socialista como ele é, mas sim assinalou, com acerto, coisas importantes do que o Partido Socialista não é; e assim obteve por certo abrir possibilidades de melhor construção. Mas a esquerda nacional não deixa de propor outras legitimações para a classe média intelectual. As montoneras, o papel do exército, o peronismo como puro passado e não como capital de consciência histórica das massas que é necessário integrarem em um projeto revolucionário, cumprem hoje um papel similar aos mitos socialistas. Por isso, de uma vez que estabelecem com estes uma oposição irreduzível, uma polêmica azeda e insolúvel que pode estender-se ao infinito, não revelam dos mitos socialistas suas causas profundas, porque isso implicaria também uma profunda autocrítica. Daí que também é uma tendência constante de setores socialistas tomarem sem razão as novas legitimações propostas pela esquerda nacional”
(Cf. Vazeilles 1967: 23)

O XXI Pleno do Comitê Executivo Nacional do PSIN, reunido na cidade de Córdoba em 18 de setembro de 1971, decide a formação da Frente de Esquerda Popular (FIP) para confrontar as próximas lutas políticas, mas fundamentalmente como um instrumento eleitoral.

“Como em outubro de 1945 e fevereiro de 1946, uma nova opção se abre ao país: com o povo e a classe operária, ou contra eles. Mas as massas não se enganam. Assim como as mobilizações populares forçaram a abertura eleitoral do regime, só a continuação delas, poderá garantir a realização de eleições e o respeito ao triunfo da vontade popular (...)

Frente a este processo eleitoral já aberto, o Socialismo da Esquerda Nacional expressa sua irrenunciável vocação de aproveitar até a última fresta de legalidade que o regime se veja obrigada a outorgar, para fazer pública expressão de suas idéias, vigorando o leito das lutas na nova etapa que começa” (Cf. Documento do PSIN, *O PSIN lança a idéia de uma frente de esquerda popular*, em *Revista Esquerda Nacional*, outubro-novembro 1971, pp.2/3)

Com uma campanha eleitoral chamando a votar ao Perón da esquerda, as listas da FIP obtiveram 900.000 votos no passe lençol que levava a fórmula Perón-Perón, em 23 de setembro de 1973.

Segundo o próprio balanço realizado pelo Movimento Patriótico de Liberação (MPL), continuidade histórica do FIP, antes de sua dissolução no peronismo sob a hegemonia menemista, define assim o compromisso que deu origem ao PSIN:

“(...) desde sua origem o PSIN foi uma espécie de compromisso entre militantes provenientes do Partido Socialista Argentino, trotskista de origem stalinista universitário como Spilimbergo e sobreviventes da velha época (1940-1944) como Carpio e Ramos. A situação interna do PSIN, que se manifestou a plena luz na FIP, era aproximadamente a seguinte: a maioria juvenil, integrada por estudantes, sustentava ao Spilimbergo, que em cada ocasião aparecia como mais ‘marxista’ que Ramos, o que era certo. Ao Ramos o via, possivelmente por

ser maior que o resto como um respeitado (mais ou menos) tocador de balalaika. Sempre tínhamos uma esquerda alerta às separações oportunistas de direita, (ou seja nacional) (Cf. Documento do MPL, Dissolução do MPL e incorporação de suas forças ao movimento justicialista, 30 de julho de 1994)

Estes dois grupos se separassem durante a ditadura militar, sendo Ramos quem manterá a FIP enquanto que Spilimbergo, formará primeiro a Corrente Nacional da FIP sobre cuja base se formará o Partido da Esquerda Nacional (PIN), o qual confluirá com as listas do Partido Socialista Popular (PSP), dirigido por Guillermo Estévez Boero, nas eleições de outubro de 1983.

e. O Partido Socialista dos Trabalhadores (PST).

Em 1971 convergirão o Partido Socialista Argentino – Casa do Povo – Secretaria Juan Carlos Coral (PS-CP-SJCC) e o Partido Revolucionário dos Trabalhadores - *A Verdade* (PRT-LV), dirigido por Nahuel Moreno.

A política de Moreno foi construir um pólo socialista eleitoral tendo como base o Partido Socialista Argentino (PSArg.) para o qual convocou a um Plenário de Centros Socialistas em 31 de outubro de 1971.

Em 1965, o Partido Socialista Argentino sofre novas cisões, ficando constituídos o PSArg-CP, que em 1966 expulsará ao ex-deputado Juan Carlos Coral²³⁵, junto com outros dois grupos que se denominam Partido Socialista Argentino - Secretaria García Costa (PSArg-SGC) e o Partido Socialista Argentino - Secretaria Jorge Selser (PSArg.-SJS). O grupo de Coral que podemos denominá-lo Partido Socialista Argentino- Casa do Povo - Seção Coral (PSA-CP-SC), impulsionará junto com o PRT *A Verdade*, dirigido por trotskista Nahuel Moreno, um Plenário de Centros Socialistas, em 31 de janeiro de 1971, aonde se expor a necessidade de construir um pólo socialista eleitoral, que se denominará Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), sendo Juan Carlos Coral, duas vezes candidato a presidente em 1973.

Desta forma Nahuel Moreno, na terceira parte do documento Argentina e Bolívia um balanço, delimita politicamente o espaço político do que será o PST, reivindicando a

²³⁵ Recordemos que Juan Carlos Coral foi secretário de Alfredo Palacios até sua morte em 1963 sendo deputado nacional e que se vestia e tinha um bigode semelhante ao deste.

independência de classe expressa pelo PSArg. de Coral, da burguesia; do frente popular impulsionado pelo PC, denominado a Aliança Popular Revolucionária (APR), formada pelo PCA, o Partido Intransigente (PI) e o Partido Democrata Cristão (PDC); do peronismo e seus seguidores por esquerda como a FIP; do lambertismo que não conseguiu formar lista eleitoral e dos maoístas, Vanguarda Comunista (VC) e o Partido Comunista Revolucionário (PCR) e o castrismo em referência ao PRT *O Combatente* (PRT-EC) todos estes setores que culminassem chamando a votar em branco:

“O PRT (A Verdade) ensina a seus membros a tradição marxista de insistir na independência do movimento operário de qualquer e todos os blocos da burguesia nacional. Precisamente devido ao começo de uma abertura democrática eleitoral, o PRT (A Verdade) pôs a ênfase em sua oposição a qualquer formação de tipo populista, nacionalista ou frente popular que trate de desviar aos trabalhadores da ação política independente e levá-los a votar por candidatos burgueses como no caso da Frente Amplo no Uruguai e a Unidade Popular no Chile.

É por isso que o pólo operário e socialista pelo qual o PSA está fazendo sua campanha para as futuras eleições é de tal importância na junta atual da luta de classes. Em oposição à frente popular do PC e à minúscula coalizão antiimperialista que propunham os lambertistas de Política Operária, os companheiros do PSA chamam à classe operária a não fazer «mesclas» de classes nas eleições.

Quanto aos companheiros do PRT (Combatente), parece que não meditaram muito nestas questões tão complexas. As eleições e a volta de Perón à a Argentina tomou por surpresa e agora estão confusos.

Esperemos que tomem a decisão correta antes que passe muito tempo e se unam à campanha por um pólo operário e socialista”. (Cf. Documento: Argentina e Bolívia um balanço, dezembro 1972, Moreno)

Dos dois setores que formarão o PST, o mais dinâmico é o grupo de Moreno. A leitura deste é similar a do PSIN no sentido que as conquistas democráticas foram arrancadas pela luta à ditadura de Onganía, há uma ascensão no movimento de massas que faz retroceder à ditadura, de uma vez que valoriza todas as frestas legais possíveis para tentar um funcionamento partidário de maneira legal ou semi-legal. É real que o PRT-LV, certamente por seu rechaço a uma interpretação do castrismo em termos guerrillistas, foi a primeira organização clandestina na Argentina que se aventurou a

abrir locais semi-legais e a utilizar todas as vantagens que um regime parlamentar poderia lhe proporcionar ao movimento trotskista por mas transitivo e débil que este seja, quer dizer, fazer uso das novas possibilidades que abria a queda da Onganía.

Cristián “Chipi” Castillo, hoje dirigente do Partido de Trabalhadores pelo Socialismo (PTS), uma grupo de origem trotskista morenista, mas que tenta realizar o que a seu critério denomina uma reconstrução principista deste expõe a leitura política de Moreno e do PST:

“A liderança da luta popular mostrado pela classe operária no Cordobazo e demais levantamentos semi-insurreccionais insurja que se deram entre 1969 e 1972 em algumas das cidades mais importantes do interior, levaram a Moreno a retomar os postulados trotskistas mais clássicos sobre a greve geral e a insurreição, opostos à estratégia da “guerra prolongada” de Santucho e o PRT-ERP. Neste período, Moreno apostará primeiro a dar caráter nacional às tendências classistas que tinham ganhado peso com a conquista em 1970 dos sindicatos dos trabalhadores da FIAT no Córdoba (SITRAC e SITRAM), levando a proposta, a partir do peso que o PRT-A Verdade tinha em Comissões Internas, Corpos de Delegados e oposições sindicais do Grande Buenos Aires e Capital de formar um Movimento Sindical Classista (MOSICLA), questão que será abortada pela derrota dos trabalhadores do FIAT.” (Cf. Castelo, A Verdade Operária 183, 23 de março de 2006)

No Congresso do PRT –LV realizado no outono de 1971, decidiu-se explorar todas as vias possíveis em matéria de legalidade e a princípios de 1972 chegou a um acordo programático e de princípios com o Partido Socialista Argentino – Casa do Povo - Secretaria Juan Carlos Coral (PSArg-CP-SJCC) que consistia essencialmente em um conjunto de posições trotskistas apoiadas na teoria da revolução permanente e uma série de ordens imediatas democráticas e de transição.

O que delimita este acordo de princípios é o rechaço explícito a qualquer classe de frente com formações políticas burguesas com propósitos eleitorais, enquanto que chama à formação de um pólo operário e socialista contra todos os candidatos burgueses, incluindo o frente popular impulsionado pelo PC, nesse momento o Encontro Nacional dos Argentinos, mas ante seu fracasso algo ainda mais regressivo como foi a Aliança Popular Revolucionária (APR), quão peronistas dominam o movimento operário e outras alternativas populistas.

É interessante esta coincidência entre o setor de Coral e o de Moreno, como se explica se um grupo parece reformista de esquerda e o outro trotskista clássico?

O grupo dos socialistas argentinos se opõe à frente com os setores burgueses e nacionalistas por dois motivos, o primeiro está relacionado à leitura que realizam da sociedade argentina e o segundo a tradicional política autônoma dos socialistas tradicionais. Em relação com a primeira linha de análise, como Visconti afirmava anos atrás no socialismo argentino antes da ruptura que significou o PSAV, para estes socialistas as relações sociais da Argentina tinham um caráter capitalista portanto as tarefas são socialistas. É precisamente esta, uma leitura que coincide com a trotskista, no sentido que para estes também as tarefas são socialistas e não democrático-burguesas como consideravam o PCA e inclusive os grupos políticos maoístas pertencentes às “novas esquerdas” como o Partido de Vanguarda Comunista (PVC) e o Partido Comunista Revolucionário (PCR).

O PSArg., baixo esta perspectiva obteve a filiação de mais de 40.000 cidadãos, fundamentalmente nos setores operários e estudantis, obtendo a legalidade partidária no plano nacional e provinciais à exceção só da província de Mendoza. O PSArg. celebrou um congresso menos de seis meses depois de feito o acordo e a maioria ficou assegurada para a tendência do PRT –LV, organizando o Comitê Central formalmente sobre a base de uma maioria de dois terços para esta corrente e o controle do novo semanário partidário, *Avanzada Socialista* e os cinquenta locais abertos pelo partido. O socialismo argentino colocou o candidato a presidente, Juan Carlos Coral, nas duas eleições que se realizaram em 1973, entretanto, a hegemonia era amplamente morenista, o próprio Moreno afirma que a relação de forças real ao interior do partido era dez a um a seu favor.

Toda a campanha eleitoral do PSA está centrada na ordem dos candidatos operários e do pólo operário e socialista. A idéia é tentar desta forma, unificar organizações, correntes, tendências ou indivíduos que favoreçam a formação de uma corrente classista dentro do movimento operário em oposição a todas as variantes eleitorais propostas pela classe dominante.

A importância dada a esta alternativa eleitoral estava vinculada, segundo o próprio Moreno às idéias a respeito da situação no combativo sindicato Sitrac-Sitram, dirigido por Vanguarda Comunista.

"É impossível compreender a importância do pólo operário e socialista se nos esquecermos da derrota sofrida pelo Sitrac-Sitram e a dificuldade que experimentam as novas correntes de oposição ao tentar sua consolidação a nível nacional. Os fatores mais importantes que impedem a formação de uma asa esquerda nacional no movimento operário são a relativa pequenez do partido de vanguarda, o PRT (A Verdade), e a profunda inserção da burocracia

sindical.

A abertura eleitoral ajuda a superar estas dificuldades.

Em primeiro lugar permitiu ao partido crescer rapidamente assegurando assim uma penetração, mas profunda nos sindicatos e possibilitando exercer uma influência mais direta sobre as correntes classistas que surgem espontaneamente.

O simples feito de que o partido pode publicar um periódico legal para orientar à periferia é uma grande vantagem” (Cf. Documento: Argentina e Bolívia um balanço²³⁶, dezembro 1972, Moreno)

Para os futuros socialistas dos trabalhadores, o não aproveitar a abertura legal e o rechaço às vantagens que oferecem as eleições burguesas, tivesse sido um engano sectário extremamente sério, que tivesse paralisado o crescimento do partido e posta em perigo seu papel de vanguarda, como a seu critério ocorreu ao PRT-EC, que ficou desorientado ante a nova situação política aberta.

Em 17 de dezembro de 1972, o Partido Socialista Argentino reunido em Congresso, decide trocar seu nome pelo de Partido Socialista dos Trabalhadores. Para as eleições de 1973 propuseram opor candidaturas socialistas às peronistas formando para a eleição que consagrou Héctor J. Cámpora a fórmula formada por Coral e Nora Ciapone e para a que consagrou ao Perón presidente pela terceira vez a do próprio Coral, mas acompanhado de um dirigente classista cordobês José Francisco Páez. Política Operária, outro grupo trotskista nesse momento lambertista, o PRT de Santucho e os maoístas PVC e PCR, chamaram a votar em branco. O PCR na eleição de Perón trocou seu voto blanquismo por votar ao peronismo, obtendo o PST nessa eleição quase 200.000 votos.

Durante os governos peronistas por um lado manteve uma política de oposição ao pacto social, o que lhe permitiu ganhar certo prestígio entre os setores mais combativos do movimento operário que se foram desencantando com as políticas do peronista e em segundo lugar teve uma ativa participação no plenário de organizações combativas realizado na cidade de Vila Constituição entre a primeira e a segunda greve metalúrgica, tentando articular uma coordenadora nacional, moção a qual se opuseram

²³⁶ Este texto, do ponto de vista de Moreno, reflete o processo revolucionário na Argentina e Bolívia entre 1968 e 1972, no contexto da polêmica contra o guerrillismo que impulsionaram Ernest Mandel a nível mundial e Roberto Santucho e Hugo González Moscoso na Argentina e Bolívia respectivamente. além de Nahuel Moreno, membro do PRT A Verdade, quem formará com o PSArg de Coral o PST, que foi o redator principal, apresentaram-no no Comitê Executivo Internacional da Quarta Internacional, em dezembro de 1972, os dirigentes da minoria Joseph Hansen e Peter Camejo, do Socialist Worker Party (SWP) dos EUA, Hugo Branco do Peru e Ernesto González, (Aníbal Lorenzo), também membro do PRT-LV.

segundo Castelo, os sindicalistas classistas cordobeses, Agustín Tosco e René Salamanca, este último, comunista revolucionário (PCR) e os Montoneros (Cf. Castelo, *A Verdade Operária* 183, 23 de março de 2006).

O PST combina uma participação nas lutas sociais em contra do pacto social impulsionado pelo peronismo com a defesa da institucionalidade, através de uma frente democrática defensiva. Como por exemplo, no caso do golpe de estado realizado no Córdoba contra o governador peronista Obregón Cano, conhecido como Navarrazo.

Sua crítica ao guerrillerismo os leva a reivindicar a liberdade dos presos políticos e corporativos mas excluindo a dos combatentes, como podemos observar no artigo titulado *Quem som os presos políticos?*, publicado na revista partidária, *Avançada Socialista* em novembro de 1975:

*“(...) para nós os guerrilheiros não são presos políticos. São ‘conexos’, como os chama a própria guerrilha. Não atuam politicamente mas sim militarmente. E não são capturados em ações políticas mas sim em ações militares. Inclusive, os membros de uma das organizações guerrilheiras exigem ser tratados de acordo com a Convenção de Genebra dos prisioneiros de guerra. O que tem que ver isto com a condição de preso político? Por isso, como presos, são indefensáveis do ponto de vista político e nosso Partido não reclama sua liberdade como tais”. (Cf. *Quem são os presos políticos?*, *Avançada Socialista* nro. 170, 8 de novembro de 1975; citado também por Castelo *A Verdade Operária* 183, 23 de março de 2006)*

f. O Partido Socialista Popular (PSP)

O socialismo popular está vinculado em grande medida à trajetória histórica do Guillermo Estévez Boero, que foi um dirigente da primeira linha do socialismo argentino. Depois da Revolução Libertadora, é eleito presidente da Federação Universitária Argentina (FUA), sob o frondizismo, por um reagrupamento de correntes reformistas universitárias, e se aproximou do setor político socialista cindido no Congresso Socialista de 1952, em Mar de Prata, encabeçado por Dardo Cúneo, que deu origem a Ação Socialista.

Em 1957 sobre essa base constrói para as eleições de constituintes desse ano o Partido dos Trabalhadores (PdelosT) que escolhe um constituinte pela província de Santa Fé, o qual formará um bloco comum com os socialistas.

Uma vez produzida a divisão de 1958, esse coletivo decide ingressar no PSArg,

já que não tinha grandes diferencia.

O PSArg.-SJS se integra ao Movimento de Ação Popular Argentina (MAPA), baseado em 1968 e dirigido por Guillermo Estévez Boero, sobre a base do Movimento Nacional Reformista (MNR), agrupamento universitário onde além de Guillermo Estévez Boero, encontramos ao Oscar Cavallero, Ernesto Jaimovich e Juan Carlos Sabalza, que tinham ingressado na Ação Popular Revolucionária Indoamericana (APRI), agrupamento estudantil da Faculdade de Medicina na Universidade Nacional de Rosário (UNR).

O MAPA, com força fundamentalmente na cidade de Rosário, junto com o Grupo Evolução (G), uma cisão do PSD conduzida por Carlos Spini e Carlos Constem-na, Militância Popular (MP), do qual formam parte Héctor Polino e Héctor López Demarco e o PSArg.-SGC, formarão em 1972 o Partido Socialista Popular (PSP), que elege por unanimidade Víctor García Costa como Secretário Geral, membro do que ficava da diáspora do Partido Socialista Argentino (PSArg.) e ao Guillermo Estévez Boero como Secretário do Interior, que é o cargo mais importante nos partidos socialistas argentinos depois do de Secretário Geral.

García Costa afirma que Estévez Boero, já não formava parte do socialismo, construiu uma própria orgânica e de ali pretendeu se localizar-se em um partido já constituído quiseram ingressar no radicalismo mas entenderam que não foram poder “monopolizá-lo”, por isso decidiram entrar em um partido em reconstituição como nesse então era o socialismo argentino com suas forças juvenis e universitárias. Além disso, expões que eram maoístas, sempre andavam com algum livrinho de Mao²³⁷.

Em 1973, o PSP sofre uma divisão precoce, já que o próprio Jorge Selser e Simón Lázara constituíram o Movimento Socialista de Liberação Nacional (MSLN) para integrar as listas da Frente Justicialista de Liberação (FREJULI), impulsionadas pelo peronismo. O MSLN, a sua vez se divide, já que enquanto Selser permanece nele, outro grupo, entre os que se encontra Simón Lázara dará lugar ao Partido Socialista Unificado (PSU).

Em 1974, produz-se um conflito nos socialistas populares entre os provenientes do velho tronco do PSArg. e os provenientes do MAPA, o que dividiu ao partido em duas secretarias, o Psp-secretaria Víctor García Costa (PSP-SGC), integrada por membros provenientes do PSArg e o Psp-secretaria Estévez Boero (PSP-SEB) formada originalmente por membros provenientes do MAPA. Logo depois de uma disputa judicial Estévez Boero continuou representando ao PSP enquanto que o outro grupo deu origem em 1982, ao Partido Socialista Autêntico (PSA), entre cujos dirigentes se encontrava Enrique Inda.

²³⁷ Víctor García Costa entrevista com o autor, Buenos Aires, dezembro de 2003.

Matizaria a afirmação de García Costa, Estévez Boero tem vinculações anteriores com os socialistas argentinos, entretanto é real que forma essa orgânica própria e constitui um grupo político que da idéia de um socialismo argentino e para os argentinos, abraçam um socialismo que na década do setenta tem alguns elementos maoístas em sua formação e que se “socialdemocratiza” em um processo que dura ao redor de vinte e cinco anos.

g. A Confederação Socialista Argentina (CSA) e outros grupos de menor relevância

Paralelamente em 1975 na cidade de Avellaneda, na província de Buenos Aires, tenta constituir-se a Confederação Socialista Argentina (CSA), sob a liderança da Alicia Moreau de Justo, com o objetivo de reunificar federativamente aos diferentes setores socialistas desagregados do PSP, PSD, PST, MSLN e o PS do Chaco, este último uma aliança provincial entre socialistas democráticos, populares e de Vanguarda. (Cf. *A Vanguarda Popular* nº 13.959: 4 de dezembro de 1981) Entre outros dirigentes, integram a CSA Héctor Polino, Oscar Palmeiro e Emilio Corbière (Cf. Moreau de Justo: 1983).

O PSP-SEB a começos de 1981 realiza um acordo com a CSA (Cf. *Jornal A Nação*: 5 de março de 1981 e *A Vanguarda Popular* nº 13.953: março de 1981:1), enquanto que paralelamente o PSP-SGC, o PSU e o PS do Chaco assinam um documento conjunto (Cf. *A Vanguarda Popular* nº 13.954, maio de 1981:1)

Em 2 de julho de 1982 e quatro organizações socialistas: o PSP-SGC, o PSU, a CSA e o Movimento Socialista (MS), este último conduzido por Renato Vassalo, realizam um ato único de comemoração aos fundadores do “velho e glorioso Partido Socialista” (Cf. *A Vanguarda Popular* nº 13.965, julho de 1982:3)

Em 19 de dezembro de 1982 se forma a Mesa de Unidade Socialista (MdeUS) formada pela CSA, o PS do Chaco, o PSP e o PS de Salta (Cf. Moreau de Justo:1983) *Orientação Socialista* (VOS) dirigida por Angel Di Paola e Antonio Di Renzis, consideram que a MdeUS presidida pela Dra. Moreau de Justo é um espaço político capaz de impulsionar uma frente de liberação nacional e social, onde a classe trabalhadora seja hegemônica, mas participem também a pequena e média burguesia, os produtores mercantis, os comerciantes, os profissionais e os trabalhadores por conta própria. É um programa de liberação nacional em trânsito ao socialismo (Cf. *Periódico Orientação Socialista* nº 1, outubro de 1983: 3)

Em 1984, a CSA volta a dividir-se, ficando sua maioria na Confederação Socialista Argentina - Secretaria Palmeiro (CSA-SP), a qual esse mesmo ano se

incorpora ao Partido Socialista Autêntico (PSA) e a outra parte na Confederação Socialista do Chaco (CSCh), quem junto com a Alicia Moreau de Justo, integram-se definitivamente à Unidade Socialista (US), aliança eleitoral formada pelo PSD, que se mantém virtualmente sem fragmentações da divisão de 1958, só vimos o pouco expressivo Grupo Evolução (G) e o PSP.

Em 1984 se realiza um Congresso de unificação entre o PSA, o PSU e a CSA, escolhendo uma condução associada integrada por Enrique Inda (PSA), Simón Lázara (PSU) e Héctor Polino (CSA). Em 1987 Simón Lázara e Héctor Polino assinaram a Convergência Programática Nacional impulsionada pelo presidente Raúl Alfonsín, motivo pelo qual são separados das funções que cumpriam no PSA (Cf. Camps *O PSA e nós; a geração de '71* em *La Vanguarda Autêntica* n° 13.996, janeiro/fevereiro 1987:3) Lázara, quem era Secretário de Ação Política do PSA, integrou as listas de deputados nacionais do radicalismo esse mesmo ano, enquanto que Héctor Polino, que era Secretário de Interior do PSA permaneceu como Secretário de Ação Cooperativa de Raúl Alfonsín, para posteriormente integrar-se ao PSD.

O 1º de dezembro de 1984 se forma o Partido Socialista 1º de maio (PS1ºM) no hotel do sindicato dos trabalhadores ferroviários, “A Fraternidade”, sobre a base de 27 centros socialistas da Capital Federal e da província de Buenos Aires, convocados pela CSA, centros socialistas independentes das províncias de Córdoba e Santa Fé e um setor do PSU. A Secretária Geral esteve a cargo de David Tieffemberg, o ex-dirigente do PSAV. O PS1ºM integra para as eleições legislativas nacionais de 1985 o Frente do Povo (FREPU), uma aliança eleitoral constituída fundamentalmente pelo PCA e pelo Movimento ao Socialismo (MAS), grupo político de orientação trotskista morenista, sob hegemonia do primeiro e para as eleições legislativas de 1987 o FRAL (Frente Amplo de Liberação), a aliança entre o PCA e o Partido Humanista (PH), hegemonizado pelo PCA.

Paralelamente aos mencionados PS do Chaco, conduzido por Edgardo Rossi e de Salta, na década do oitenta se formam outros dois partidos socialistas, Partido Socialista Autêntico do Chubut (PSA-Ch), este último dirigido por Anselmo de Carmen Montes, que não forma parte da estrutura nacional do PSA, mas tem uma projeção provincial e se consideram García-costistas em referência a Víctor García Costa. O Partido Socialista Operário para a Liberação (PSOL) na província de Mendoza é baseado por Angel Bustelo, quem logo depois de haver militado no PCA durante cinquenta anos é expulso do mesmo em 1987. É um Partido Socialista mas que tem origem na matriz comunista. O PSOL o nomeia candidato presidencial em 1989 (Cf. Lacoste 1993: 82-83).

No ano 2001, o Legislador pela Cidade Autônoma de Buenos Aires, o ex-

dirigente do PSAV e ex-membro da Frente pela Democracia Avançada (FDA) Aléxis Latendorf, separa-se do PSA e é objeto de uma campanha infame em seu contrário por parte dos partidos majoritários e forma o Bloco Piquete Socialista (PiqSoc) o qual apóia nas eleições do 2003 à Frente trotskista PO-MAS. As calúnias morais e políticas a foi submetido para expropriar sua cadeira foram desprezadas pela própria justiça, havendo-se dissolvido seu grupo político logo depois da eleição no mencionada Frente e com o fim de seu mandato legislativo.

2. Os socialistas sob a ditadura militar.

Como observamos anteriormente em junho de 1958 se suspende o Congresso do Partido Socialista (PS) e se constitui o Partido Socialista Democrático (PSD) e o Partido Socialista Argentino (PSArg).

Do tronco do PS tradicional, é o PSD, o partido que chegou de uma maneira mais compacta aos anos 1975 e 1976, paralelamente temos o Partido Socialista Popular (PSP), que estará dividido em duas Secretarias a Estévez Boero, que em 1982 ficará com o nome PSP e a García Costa que se transformará em Partido Socialista Autêntico; a Confederação Socialista Argentina, cuja figura te sobressaia é Alicia Moreau de Justo e dois grupos socialistas menores o Movimento Socialista de Liberação Nacional (MSLN) dirigido por Jorge Selser e o Partido Socialista Unificado (PSU) cujo principal referente foi Simón Lázara.

Durante este período encontramos também ao Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), entretanto, a hegemonia trotskista morenista é absoluta e o Frente de Esquerda Popular (FIP), de caráter socialista nacional.

a. O Partido Socialista Democrático (PSD) ante e durante o golpe.

De acordo com a leitura ghioldista do PSD, três foram os motivos centrais da ruptura com os argentinos em 1958: as questões pessoais, os diferentes enfoques sobre o peronismo depois de 1955 e a infiltração comunista na juventude (Cf. Giannoni, Buenos Aires: 1982)

Pudemos com clareza marcar o perfil do PSD através as posições políticas expostas por Ghioldi e Repetto antes da ruptura, em relação com o peronismo, tendo em conta que suas posições se mantiveram virtualmente inalteráveis durante vinte anos. Também é justo reconhecer que é um setor do socialismo que não sofre rupturas salvo o pequeno Grupo Evolução (G), o qual forma o Partido Socialista Popular em 1972.

Profundamente antiperonistas em qualquer das vertentes que este constitua suas posições políticas em relação com o peronismo, o resto das esquerdas e os militares, podemos as localizar através do semanário *A Vanguarda* entre 1976 e 1980, o qual não foi proibido pela ditadura e pôde publicar-se semanalmente na legalidade.

Observemos qual é o perfil política que adotam ante uma situação de forte conflito social como a de finais de 1975 e começos de 1976. Na edição de 7 de janeiro de 1976 afirmam antes do golpe de março de 1976, que são as organizações terroristas as que banham de sangue ao país e realizam uma comparação expondo que em 1975 houve na Argentina mais de 1000 mortos uma cifra quase três vezes mais alta que as que houve nas batalhas pela independência argentina, onde morreram 369 “patriotas”. O quero mostrar é que o PSD com seus permanentes chamados o ordem contribuíram ao clima golpista.

Na edição de 14 de janeiro do mesmo ano expõem a seguinte declaração:

“A violência e a subversão, respirada e subvencionada do exílio pelo líder carismático, já cobrou milhares de vidas argentinas entre os jovens, os servidores da polícia e os soldados e os oficiais das forças armadas” (Mesa Diretiva do PSD 07/01/1975 p.4)

Pedem a renúncia do peronismo ao governo para salvar a república a partir de três eixos: crimes, latrocínio e subversão, titulando o periódico da seguinte forma: Todo mundo protesto. Salvar a república, onde expressam:

“(...) Não há estabilidade psíquica na presidente. O problema é você (...) é o justicialismo como governo (...)” (Américo Ghioldi)

Em fevereiro visualizam a queda a pedaços do governo justicialista e festejam a queda do governo expondo que o governo justicialista é uma enfermidade que morre:

“Sinto a obrigação moral de lhes dizer que a conclusão atual da crise política é militarmente irreversível” (“Balbín Ricardo, União Cívica Radical [UCR] em um conclave misto, de ambas as câmaras”).

Produz-se uma aproximação PDP-PSD. Ante o problema político que curva o seu critério o país o PDP e o PSD para encarar uma ação comum de vastos alcances já que o governo teve em 18 meses 35 ministros.

Na Vanguarda do próprio dia do golpe em 24 de março de 1976 titulam que uma

época termina. Nova vida começa e expressam que frente ao vazio de poder as Forças Armadas terminaram por ocupá-lo. Grande parte do mal que padecemos está na cabeça dos argentinos. Para uma semana depois referir-se ao discurso do General Vede-a sob o seguinte título e topete:

“[Títulos e topete]. A palavra presidencial traz ar de sossegada grandeza. Sem banda e sem fortificação, sem reunião e sem aplausos, sem abraços de comitê e sem outras efusões ligeiras e estridentes em que tinha degenerado o cerimonial da decaída república, iniciou sua gestão o novo governo.

“(…) A esta altura das coisas a ninguém lhe ocorra dizer que a mudança produzida em 24 de março seja o resultado final de torpes manobras do imperialismo, das empresas multinacionais, de organizadas influências forâneas, forme era freqüente escutar até recentemente, a todos os macaneadores pseudo sociólogos e mendazes políticos, que enganaram à massa trabalhadora argentina (...)

A influência forânea mais notória e violenta foi a dos dogmáticos internacionais e algumas variedades do comunismo passando pelo castrismo. Até recentemente todos os canhotos atribuíam os males argentinos a forças que operavam do estrangeiro (...)

(…) Fica então claro para todos e esperamos que definitivamente, que a grande catástrofe não se deve a fatores estrangeiros, mas sim tem seu nascimento em nosso próprio barro, leva o fedor de nossas vísceras” (De nosso barro p.1)

É interessante observar que, além disso, do apoiou explícito ao golpe, se realiza e edita um livro intitulado, *Comemoração ao Professor Américo Ghioldi. Adesões e discursos*, realizado em 30 de junho de 1976 o Comitê Executivo do PSD realiza uma comemoração para Américo Ghioldi. Na comissão de comemoração participam: Emilio José Giannoni (Sec. Gral. PSD); René H. Balestra; Walter V. Constanza; Raúl Dellepiane; Norberto L. A Leva e Juan Antonio Solari, entre outros. Desta forma na Penha amigos do PSD se referem ao oferecimento da Embaixada no Portugal pelo ditador Videla a Américo Ghioldi:

“Faz oito décadas que vamos brigando pelo que o senhor presidente chamou em dias recentes a ‘democracia adulta’” (Palavras do Sec. Gral. do PSD Emilio José Giannoni em Comemoração ao Prof. Américo A. Ghioldi com motivo de sua designação em qualidade de embaixador na República do Portugal. Adesões e discursos. Bs. Ás.; 1976; Editora A Vanguarda S.A)

“O presidente da república há dito em uma de suas primeiras declarações que se enclausurou um ciclo histórico e que se inicia outro. Acredito como ele” (Comemoração ao Prof. Américo A. Ghioldi com motivo de sua designação em qualidade de embaixador na República de Portugal. Adesões e discursos. Bs. Ás.; 1976; Editora A Vanguarda S.A)

Por mais que apoiassem explicitamente a ditadura os trabalhadores socialistas eram vítimas da repressão estatal, o PSD denuncia que Angel Mario de Charras, Sec. Gral. do Centro Socialista de Enseada membro da Comissão Corporativa da Federação Socialista Democrático (província de. Bs. As.); delegado corporativa seção Montagens Elétricas de Estaleiros Rio Santiago (ARS), detido a disposição do Poder Executivo Nacional (PEN) sem causa.

Neste contexto, o PSD continua aderindo aos programas da II Internacional apoiado nas declarações de Frankfurt (1951) e de Oslo (1952).

A política do PSD durante a ditadura pode resumir-se da seguinte forma, defesa política, aceitação de participação com seu principal dirigente como embaixador no Portugal e observações críticas à política econômica de Martínez de Hoz.

Como dado adicional pode estabelecer-se que a ditadura não tocou a propriedade dos locais partidários e que um de seus principais dirigentes atuais Norberto La Porta, o “último ghioldista”, integrou a Comissão de comemoração à nomeação de Ghioldi embaixador, foi despedir o ao aeroporto como assumiu com essa mesma comissão e foi diretor de *A Vanguarda* durante a ditadura defendendo essa linha expressa anteriormente.

Para o PSD não tinha trocado nada entre 1955 e 1976, eram dois golpes antiperonistas que deviam ser apoiados.

b. O Partido Socialista Popular (PSP) ante e durante o golpe.

A posição comum dos socialistas populares sobre o peronismo e a época está exposta em um documento de 1972, titulado *O PSP, a Frente Justicialista e a Liberação nacional*, expressando com quem a seu critério os trabalhadores devem percorrer o caminho da liberação. A conclusão é o apoio, em 1973, as candidaturas impulsionadas pelo peronismo.

Além disso, expressam com clareza que seu programa está subordinado a um fim, o socialismo. A partir de 1974, as duas correntes principais correntes constitutivas do PSP partirão por separado.

b.1 O Partido Socialista Popular – Secretaria Víctor García Costa

Por sua parte o Partido Socialista Popular (PSP) – Secretaria García Costa, analisa este processo da seguinte forma em seu periódico.

A Vanguarda Popular de 15 aos 30 de setembro de 1974 sob a direção de Enrique Inda.

“A violência como método, qualquer fora sua vertente ideológica, exercida como provocação ou como réplica, detém a marcha criadora do povo, debilita sua fé nos grandes objetivos da Nação, introduz dúvida sobre o êxito final de seus esforços e sacrifícios e sobre tudo fortalece aos inimigos de fora e as seus cúmplices de dentro (...) Ninguém pode levar-se a engano. Nem a violência em nome de impaciências revolucionárias divorciados da realidade, nem a fria eliminação do adversário como recurso ou solução política, podem nos conduzir a outra coisa que não seja uma tragédia nacional” (Editorial. Defender a unidade nacional, p.1).

Sobre a presença do PSP na Multipartidária expõem a análise de Víctor García Costa titulado: “Soberania Popular e unidade nacional: bases da liberação”. Seus eixos são os seguintes: *Responsabilidade e compromisso*. Compromisso com a institucionalização do país e sua presença em “A Hora do Povo”, convocada por Perón; aceitou as convocatórias do Movimento Nacional Justicialista (MNJ) no Hotel Savoy e do Gral. Perón. Integrou o Plenário de Vicente López e sua Mesa de Trabalho e colaborou no que se chamou “Coincidências programáticas”.

Como contribui, o PSP expõe que não ocupa nenhum cargo legislativo nem executivo a nível nacional, provincial, nem municipal, mas que lutou contra a proscrição do peronismo e pela institucionalização do país e com o peronismo no governo e com o Perón no país continua lutando contra o imperialismo e a oligarquia e pela Liberação nacional, impulsionando paralelamente a unidade das grandes maiorias nacionais.

Ante as críticas ao peronismo afirmam que é um governo popular e legítimo, portanto a tarefa do momento é defender a vontade popular e a partir de uma popularidade militante deve avançar-se sobre o campo inimigo, exortando a ações comuns contra os inimigos comuns. Aqui nos encontramos com uma linha abertamente pró-peronista, de seguidismo.

Na edição de *La Vanguarda Popular* 15 aos 30 de novembro de 1974, matizam a posição da seguinte forma:

“Havemo-lo dito muitas vezes e não nos cansaremos de repeti-lo: os populares não somos oficialistas, mas tampouco somos opositores. Não poderíamos ser adversários de um governo popular e muito menos da classe trabalhadora que o votou; simplesmente como socialistas desejamos e lutamos pela liberação nacional e o progresso social de nosso povo para jogar as bases de etapas mais profundas a percorrer no futuro”.

Enquanto que em *A Vanguarda Popular* 15 aos 30 de janeiro de 1975 já analisam a crise e suas posições.

O PSP apoiou a fórmula Perón - Perón, como respeito à vontade popular e de uma posição independente, pois não integrou nenhum frente, mas na busca de uma unidade das grandes maiorias nacionais em torno de um programa comum de Liberação Nacional. Reconheceu ao justicialismo, como a expressão da classe trabalhadora argentina, mas de uma vez, considerou um engano a política de exigir que o governo tomasse um determinado rumo ideológico que jamais poderia tomá-lo no movimento que o sustenta. A idéia é a seguinte, não pode pedir-se o ao peronismo uma política socialista, são conscientes dessa situação.

Avaliam que a política internacional do peronismo é a correta já que defende a soberania e auto-determinação dos povos. Assim como o justicialismo não é socialismo tampouco é o fascismo como quis impor com a gestão de Ottagliano, o interventor peronista das universidades, que entre outras coisas, realizava exorcismos para que o marxismo não se instale nelas e erradicá-lo.

A Vanguarda Popular entre 1976 e 1979 aparece como uma publicação de circulação interna, não clandestina e explicam em seu editorial o por que sair dessa forma a mimeógrafo, - em tamanho ofício e não diário- e com uma tiragem muito reduzida. Argumentam que não houve imprensa que a tenha querido imprimir, a que tinham utilizado durante vinte anos sem problemas argumentou que podia publicá-la sempre e quando os originais passassem pela censura do “Comando”, que era algo inaceitável.

O PSP foi suspenso e Horacio Sanguinetti, quem escrevesse sobre os socialistas independentes, foi designado interventor militar, assim como a histórica Casa do Povo, da rua Sarandí, na Capital, foi aplainada em 21 de julho de 1976 por um contingente de civis armados, depois de cortar a rua.

O principal documento do PSP-SVGC sobre a ditadura é o balanço realizado a seis meses de governo militar. Ali, expõem que as FFAA assumiram o governo em exclusividade fechando toda fresta de manifestação popular: partidos, sindicatos, centros

de estudantes, assembléias, reuniões, publicações. Atribuem ao medo, não à cumplicidade, que os meios de comunicação reflitam inquietações populares.

“Lentamente no processo foram fazendo-se lados: o de cá e o de lá, que não têm uma divisória absoluta e exata no uniforme militar e no traje civil, mas se tiverem uma divisória que separam ao governo do povo. Claro que essa divisória tem uma conotação mais profunda: a das classes privilegiadas e a das classes laboriosas, estas últimas vítimas de uma política econômica e social lhe alienem, impopular e regressiva”.

Denunciam os assassinatos de Sergio Karakachoff, radical e de Domingo Alberto Teruggi, presidente da FUA em 1968 quando era membro do Partido Socialista Argentino. Ambos eram advogados que exerciam sua profissão na cidade de La Prata.

Publicam uma declaração do Movimento de Apoio à a Argentina em Londres e um extrato da declaração de oito líderes social democratas no mesmo sentido que exigem os seguinte: um chamado imediato a eleições gerais; direitos a todos os partidos políticos; restituição dos tribunais civis; liberdade de imprensa, educação e expressão; eliminação da pena de morte; direitos corporativos inclusive o de greve; liberdade aos milhares de prisioneiros políticos; julgamento imediato e garantia de defesa aos detentos políticos; fim da tortura aos detentos políticos e corporativos; direito constitucional de sair do país aos prisioneiros políticos sem nenhum cargo; garantia para os exilados políticos de países limítrofes, principalmente de Chile e Uruguai; fim da repressão ilegal (Triplo A ou Comando Libertadores da América) que assassinaram impunemente a mais de 2000 pessoas. Está assinado por Tom Bradley (Inglaterra); Rum Hayward (Inglaterra); Anker Jorgensen (Dinamarca); Bruno Kreisky (Austria); Francesco do Martino (Itália); Francois Mitterrand (França); Olof Palme (Suécia); Mario Soares (Portugal) e Ed Vão Thyn (Holanda).

Em 11 de setembro se reuniu em Londres a Internacional Socialista (IS) para considerar a situação Argentina, tem o documento político do PSP de abril de 1976, que é apresentado pelo próprio García Costa.

Expõem como crescem os protestos dos Trabalhadores a partir dos conflitos na Geral Motors e no Banco Nação, mostram:

“(...) com dirigentes ou sem dirigentes corporativos. Com sindicatos intervindos ou sem sindicatos intervindos. Com legislação repressiva ou sem legislação repressiva. Os trabalhadores manifestam ativamente seu protesto, em detrás de

suas reivindicações imediatas. Tal qual o expressasse o Ministro [de Trabalho] Lendo, não são subversivos os trabalhadores que tratam de subsistir recebendo \$6.000 por quinzena. Acontece, simplesmente, que com esse salário não se pode comer, se abrigar nem manter uma família (p.13)

Em novembro de 1976, denunciavam que o país se está indo ao precipício porque os poderes econômicos constituem o fundo e o sustento do sistema governado pelas FFAA. Há uma total concentração de poder e do governo, mas que não impediu uma anarquia em que cada governador ou Chefe de Corpo expressa uma particular e omnímota vontade.

De uma vez que denunciavam o horror argentino a partir da morte do ex-deputado nacional da União Cívica Radical (UCR) Mario Abel Amaya. Detido, mal tratado, “liberado”, posto a disposição do Poder Executivo Nacional (PEN), estava doente e segundo a informação oficial morreu de uma parada cardíaca.

Na Vanguarda Popular de dezembro de 1976 visualizam o esgotamento ideológico da ditadura e os limites de um projeto político sem o povo. Colocando as conseqüências do plano econômico: semiparalisação do aparelho produtivo e maior empobrecimento dos setores populares e as classes médias. Esgotamento ideológico porque segundo as declarações oficiais o objetivo de terminar com o desgoverno, os corruptos e os subversivos está sendo alcançado. Frente ao lançamento de um projeto nacional, afirmam que sem partidos políticos não há projeto nacional.

Paralelamente ao referir-se às expectativas da América Latina e os ditadores de volta, afirmam que nos Estados Unidos perdeu o candidato das multinacionais e que o triunfo de Jimmy Carter deveria preocupar as ditaduras latino-americanas por pronunciar-se com firmeza sobre as violações aos direitos humanos.

Elaboram também um relatório sobre o XIII Congresso da Internacional realizado entre o 26 e em 29 de novembro em Genebra (Suíça) e no qual em representação do PSP participou Víctor García Costa, seu Sec. Gral. O PSP apresentou um projeto sobre as Ilhas Malvinas e falou na enclausura do mesmo.

“(...) enquanto que o terrorismo da direita pretende lhe fechar os caminhos ao povo, a violência exercida da esquerda não tem apoio popular”

Na Vanguarda Popular Fevereiro de 1977, na editorial sem disfarces o PSP, refere-se precocemente à situação dos Direitos humanos sob a ditadura e expõem a

posição socialista como contrária ao “foquismo” e ao terrorismo.

Brevemente podemos observar duas atitudes e duas práticas políticas diferenciadas no socialismo democrático e o socialismo popular, que têm sua origem na ruptura do '58, em suas relações com o peronismo, o resto das esquerdas e durante a ditadura militar.

b. 2 O Partido Socialista Popular – Secretaria Guillermo Estévez Boero

Em 1972, um Estévez Boero que se reivindicava na linha do Marx, Engels, Palácios e seus continuadores, expõe que a política se faz na massa e com as massas, pelo qual convoca a abandonar todo sectarismo e ultraesquerdismo. Expõe também, que não há partido revolucionário sem teoria revolucionária, mas tampouco há partido revolucionário nem revolução, sem organização revolucionária, para o qual se terá que estudar, trabalhar e elaborar coletivamente.

A linha é a construir o frente do povo, propondo a convergência de com forças políticas que representam às grandes maiorias nacionais e o sustento programa de liberação nacional que nacionalize as molas básicas da economia e exproprie à oligarquia-latifundiária.

A resolução do II Congresso nacional do PSP, realizado os dias 5 e 6 de julho de 1975, já sem a presença do setor de García Costa, recoloca a necessidade e unir aos argentinos em um frente do povo para obter a liberação nacional.

Em uma declaração sobre a situação política, em 17 de novembro de 1975, expõem que o terrorismo de diversas índoles e em suas diferentes versões, incrementou seu acionar, aos efeitos de acelerar o desmoronamento das instituições representativas da soberania popular, trazendo em conseqüência é preciso suprimir por míope ou antiargentino, qualquer cálculo político apoiado no fracasso do governo eleito pelo povo. Convoca aos partidos políticos, a CGT, à Confederação Geral Econômica (CGE), as Forças Armadas, a Igreja católica e a Federação Agrária Argentina (FAA), para elaborar um plano nacional de respeito à soberania popular.

“A pesar que o governo não tomasse medidas transcendentales neste sentido, o Partido Socialista Popular, não se deixou levar jamais pelos cantos de sereia liberais ou ‘ultrarrevolucionários’ e jamais confundiu os campos da realidade política da pátria. As liberais atacaram ao governo por totalitário e demagógico e condenaram o diálogo que os partidos políticos mantiveram em forma positiva e construtiva com o Tte. Gral. Perón e os ‘ultrarrevolucionários’, atacaram ao governo como reacionário, por não tomar

estas medidas e fundo em matéria de liberação nacional; uns e outros afastados das maiorias nacionais se equivocaram ao não reconhecer que o governo, apesar de suas debilidades e enganos, representava o nacional e o popular, representava e merecia a confiança da imensa maioria dos trabalhadores e dos setores populares. O PSP jamais transitou o caminho do antinacional e o antipopular e sintetizou ante a existência de grupo minoritários que desconhecem o papel protagônico dos trabalhadores e das maiorias nacionais sua postura política; sintetizando: com o povo todo, sem o povo nada” (Declaração II Congresso PSP)

Este setor do PSP se opôs sempre à renúncia de Ministros, inclusive a de López Rega, argumentando que essa idéia obedece a um conceito individual da história, entendida como que a história a fazem determinados homens, que com o só feito de trocá-los trocava o seu sentido a história.

Este grupo entendia razões econômicas por parte dos golpistas:

“(...) o fracasso do governo popular só determinaria um futuro de dor para os argentinos e abriria a apetência dos mercenários, ao serviço de qualquer aventura instrumentados pelos interesses da oligarquia e dos monopólios” (Cf. A Vanguarda Popular e Socialista, ano 81, 13.901, 20/07/1975)

O PSP-SGEB, também se deu uma política para as forças armadas:

“O PSP (...) não desperdiçou oportunidade para cortar as distâncias entre as FFAA e os setores populares, expressando aos comandantes gerais e concretamente aos comandantes dos diversos corpos do exército argentino, a necessária unificação depois das bandeiras da liberação nacional e que o dilema existente no país não se dirimia entre civis e militares a não ser nos termos de liberação e dependência” (Cf. A Vanguarda Popular e Socialista, ano 81, 13.901, 20/07/1975).

Frente à derrocada continua a linha de diálogo com as forças armadas, já que seria continuar atravessando o caminho do engano o pretender riscar uma linha divisória entre o povo e as forças armadas. Em julho de 1976 já reconhecem a existência de desaparecimentos e frente a esta situação se dirigem à juventude:

“Por toda parte se levantam estandartes de morte, de terror, de

desaparecimentos, de encarceramentos, de drogas e de corrupção” (Cf. A Vanguarda Popular e Socialista, ano 81, 13.901, 20/07/1975).

c. A Confederação Socialista Argentina (CSA)

Simplesmente podemos mencionar que se opôs à ditadura e foi um e os grupos que denunciou a violação dos direitos humanos ante a Comissão Interamericana de Direitos humanos da OEA.

d. O Partido Socialista dos Trabalhadores (PST) ante e durante o golpe.

A luta dos trabalhadores produz uma ascensão durante os meses de junho e de julho de 1975, o que obrigou a CGT, capitaneada pela burocracia peronista, a realizar a primeira parada geral contra um governo peronista.

Neste contexto, o PST impulsionou como linha política o exponho da necessidade de que Isabel seja substituída por um senador da CGT, mas em momentos em que a base de apoio da Isabel era a burocracia sindical, a qual tentava impedir sua queda por meio de uma ação de massas. O outro grupo trotskista, Política Operária (Pol.Ob.), hoje Partido Operário (PO), expôs nesses dias como ordem a de um “governo da CGT”. (Cf. Castelo, *A Verdade Operária* 183, 23 de março de 2006).

Frente à iminência do golpe a política foi de contínua diferenciação com as ações guerrilheiras que facilitavam condições ao golpe e de frente democrático, da mesma forma que tinha formado parte do denominado grupo dos oito ante a queda do peronismo combativo no Córdoba agora expor em uma solicitada a necessidade da continuidade institucional. O bloco estava integrado pelo PST, a UCR, o PCA, o PI, o Partido Revolucionário Cristão (PRC), o PSP e a União do Povo Adiante (UDELPA)²³⁸, ao que se agregaram o Partido Autêntico (Montoneros).

Durante o governo da Isabel Perón a Aliança Anticomunista Argentina (AAA) realiza dois massacres, ainda impunes, contra militantes do PST, conhecidas como as massacres de Pacheco e de La Plata e o assassinato de César Robles um dos dirigentes

²³⁸ A União do Povo Adiante, UDELPA, foi um partido liberal de direita formado em janeiro de 1962. Impulsionou para as eleições presidenciais de 1963 as candidaturas do líder da Revolução Libertadora, Pedro Eugenio Aramburu e de Horacio Thedy como democrata progressista. Recordemos que nessas eleições o PS foi fracionado em dois grupos: o Socialista Argentino, com a fórmula Alfredo Palácios e Ramón I. Soria, e o Socialismo Democrático, com o Alfredo Orgaz e Rodolfo Fitte. A eleição que foi ganha pelos radicais do povo Arturo Illia e Perete encontrou os socialistas realizando uma eleição muito parelha na qual os argentinos obtiveram 288.339, enquanto que os democráticos 258.787 votos respectivamente.

nacionais mais importantes do partido.

Em Geral Pacheco, produz-se o primeiro ataque da Tripla A, a um local político da classe operária. Em 29 de maio de 1974, cinco anos depois de “Cordobazo”, um grupo paramilitar com o apoio da polícia metralhou o local do PST aonde se reuniam vários membros de comissões internas, de delegados e de trabalhadores da zona, protagonistas das lutas mais importantes da época e ativos participantes na formação do que logo passaria à história como a “Coordenadora Interfabril da Zona Norte”. Foram assassinados “o Tano” Zidda, que era Presidente do Centro de Estudantes da Escola Técnica Nº 5, “Hijitus” Mesa, um operário dos Estaleiros Astarsa e Toni Moisés, operário de Wobron, todos eles membros do PST.

Em 4 de setembro de 1975, se produz a Massacre de La Plata, onde cinco militantes do PST, foram seqüestrados, torturados e assassinados em momentos em que se dirigiam a realizar atividades de solidariedade com os operários de Petroquímica Sul-americana que tinham ocupado essa planta. Os cadáveres da Adriana Zaldúa, Hugo Frigerio, Roberto “Camundongo” Loscertales um velho quadro partidário, Ana María Guzner Lorenzo e Luta Agostini, apareceram na madrugada do dia 5 em uma paragem costeira perto de Ponta Lara, em Ensenada, na província de Bs. As. Esse mesmo dia, enquanto dirigentes e militantes do PST iniciavam as denúncias e os trabalhadores do Ministério de Obras Públicas, aonde trabalhavam Frigerio e Zaldúa, paralisavam totalmente suas tarefas em repúdio ao brutal feito, foram seqüestrados a plena luz do dia quando saíam do local do PST de La Plata, Oscar Lucatti, Carlos Podevano e Patricia Claveri.

Entre estas dois massacres se produz uma baixa muito importante na estrutura nacional do PST, quando no bairro de Caballito da Capital Federal, é seqüestrado a plena luz do dia e depois assassinado César Robles, em 3 de novembro de 1974.

Robles foi um dirigente de transcendência, porque foi quem obteve que o PST faça pé na província de Córdoba e no classismo, somando ao projeto eleitoral, dirigentes do Sitrac, como José Francisco Páez e Domingo Bizzi, de Sitram, como o “cabeçudo” Sufi e ao “velho” Pedro Milesi, um veterano militante das décadas dos '20 e os '30, que oficiava de mentor político e ideológico dos sindicatos classistas que tinham sido intervindos logo depois de grandes lutas contra as ditaduras de Onganía e de Lanusse. Desta forma, no Córdoba, a tática de “Bloco Operário e Socialista” adquiriu a forma concreta de “Frente de Trabalhadores”, com a fórmula para o Governo integrado pelo próprio Páez e pela Marita González, uma docente proveniente das filas do socialismo; enquanto que Sufi foi candidato a Intendente e Bizzi a primeiro deputado nacional pela província.

Os responsáveis foram do assassinato foram as bandas parapoliciais da Tripla A,

organizadas por López Rega -ministro do Bem-estar Social do governo da Isabel Perón- que perseguiam e assassinavam ao ativismo operário e aos militantes de esquerda, que meses antes tinham participado ativamente do “Rodrigazo”, a mencionada primeira greve geral contra o peronismo no governo e impulsionado a organização de Coordenadoras Interfabris nos principais cordões industriais do Grande Buenos Aires.

Neste contexto, enquanto que à maioria dos partidos a ditadura lhes suspendeu as atividades, incluído o PC, ao PST o coloca na ilegalidade, junto com os grupos maoístas PCR e PVC. Osvaldo Coggiola, historiador do trotskismo, calcula em cinquenta e cinco o número de desaparecidos do PST durante a ditadura militar, enquanto que um dos setores em que se divide o morenismo na atualidade, o Movimento Socialista dos Trabalhadores – O Socialista (MST-ES), também conhecido como MST 2, calcula em doze os assassinados durante o governo da Isabel Perón e perto de oitenta e cinco os desaparecidos sob a ditadura.

Durante a ditadura, o PST terá uma pequena cisão, também, trotskista já que em 1979 surge o Partido Socialista dos Trabalhadores – Resistência (PST-R)²³⁹.

e. A Frente de Esquerda Popular (FIP) e a Corrente Nacional da (CN-FIP)

Para terminar com esta exposição é preciso mencionar que a FIP sofre uma divisão. Jorge Spilimbergo, com uma linha mais “marxista” formará a Corrente

²³⁹ Os assassinados do PST sob o governo de Isabel Perón foram os seguintes: Agostini Luta, Boussas Rubén, Claverie Patricia, Fernández Inocencio, Frigerio Hugo, Guzner Lorenzo Ana María, Loscertales Roberto, Lucatti Oscar, Mesa Oscar Dalmacio, Moisés Antonio, Neva Juan Carlos, Povedano Carlos, Carvalhos Urquiza César, Scafidi Carlos, Zaldúa Adriana e Zidda Mario.

Enquanto que por sua vez, a lista completa dos desaparecidos sob a ditadura militar membros do PST era: Agouro José Gabriel, Aguerre Raúl Esteban, Alvarez Vermelhas Federico E., Anglet de Rivero Beatriz A., Angret de León Beatriz, Apaza Arturo, Barin Juan C., Bellagamba Hugo Francisco, Benítez Aníbal C., Berdini Guillermo, Berrocal Alberto, Bonavitta Nelson O., Castro Horacio Alberto, Correia Juan Carlos, Choque Cosme Benito, Damboriana Dardo J., Do Olaso Mónica Edith, Dava Spaltaro Mario Alberto, Dorronzoro Dardo Sebastián, Dwaitz Carlos, Elischer Jorge Leonardo, Espinosa Pesantes José Guillermo, Falcón Carlos Agustín, Ferreyra Elena, Fiore Enzo Vicente, Ford Alejandro Efraim, Ford del Olaso (bebê nascido em cativeiro), Gaitán Patricia, García Gladis, Giampa Juan J., Gil del González Chela, González Rodolfo, Grossi Charles del Carmen, Guidi Jorge, Huder de Prado Norma S., Izaguirre Cristina, Jordan Vercellone Juan Carlos, Leikis del Alvarez Rojas Hilda G., López Adrián, López Estela Josefina, Marchini de la Nicotera Alicia, Margarita de Goyos, Arturo José, Martín Melita, Martínez Ana María, Martínez José A., Martire Manza Julho, Matamoras Julho Alberto, Molina Cornejo Donaldo David, Monari do Poyastro Graciela C., Moreno Carlos Alberto, Nicotera Ricardo Alfredo, Orue Griselda, Ostroviesky David, Penha Irene, Peño Carrera Adolfo, Pérez Roig Marcelino Alberto, Poyastro Eduardo G, Prado Angel Alberto, Puccio Jorge E., Ramírez Norberto Julho, Ramos López Juan Carlos, Rivero Roberto, Rodríguez Juan Antonio, Rodríguez Mario Germán, Rodríguez de Giampa Ana R., Romoli Ana María, Rovella Daniel Marcos, Santos Héctor Vicente, Sasso Mario Antonio, Scanvino Edith B., Sciuca do Ruiz Palmira Amelia, Scotta de Bonavitta Graciela M., Schippani Normatiza Alicia, Senar Alberto, Severo Barreto Ary Héctor, Stati Gustavo, Suárez José Guillermo, Torre Horacio, Vega Jesus M., Villabrille Eduardo, Villanueva Ramón Pablo, Zampicchiatti Gustavo Alfredo. (Cf. Periódico *O Socialista*, nro. 24, de 15 de março de 1976, editado pelo Movimento Socialista dos Trabalhadores).

Nacional da FIP durante a ditadura e Jorge Abelardo Ramos manterá a FIP.

Nas eleições presidenciais de 1983, a Corrente Nacional da FIP integra as listas do Partido Socialista Popular, enquanto que a FIP apresenta a candidatura presidencial de Jorge Abelardo Ramos em listas próprias. Sobre a base da Corrente nacional em 1985 se funda o Partido da Esquerda Nacional (PIN) e no mesmo ano a FIP troca sua denominação pela de Movimento Patriótico de Liberação (MPL).

O MPL formará parte da Frente Justicialista de Unidade Popular (FREJUPO) que em 1989 levará ao Menem à presidência e Ramos, será designado embaixador no México. Dissolveram-se seis anos mais tarde no peronismo apoiando a reeleição de Menem.

IX. Conclusão. Apontamentos analíticos sobre um século de socialismo na Argentina.

Pretendi colocar o Partido Socialista (PS) e sua evolução ao longo de um século, entre 1880 e 1980, no marco dos processos políticos argentinos sobre dois eixos: em sua relação com a complexa recepção do marxismo na América Latina e na formação econômico-social do país.

O propósito da tese foi realizar um trabalho acadêmico original, uma análise crítica, considerando que o estudo e a análise de conjunto e do conjunto dos partidos políticos da matriz socialista em um processo de longo prazo, isto é, suas múltiplas divisões, organizações, reorganizações e incorporações não foram abordadas nem pela literatura militante favorável ou contrária ao socialismo, nem pela literatura acadêmica. O mesmo ocorreu com os variados aspectos políticos, sociais e culturais que sua praxe implicou.

Ao querer dar conta desta riqueza, sou consciente, que os elementos pretensamente analíticos correm o risco de ficar submersos em muitas descrições, as quais são necessárias para realizar a pretendida apresentação de conjunto. Esta conclusão tem como objeto, precisamente, resgatar brevemente, só os elementos analíticos mais importantes, não estes em sua totalidade, em uma tentativa de que a tese tenha um equilíbrio adequado.

Sinteticamente, a partir da evolução do socialismo na Argentina entre outras coisas quis mostrar de que maneira a tradição socialista:

- a. Manteve uma presença política centenária no país;
- b. Formou parte da matriz marxista socialista no plano internacional e sendo um partido “pré-bolchevique” no caso argentino foi a matriz “mãe” das matrizes comunistas e de e da trotskista, surgida de uma cisão da anterior;
- c. Foi uma experiência política nacional embora a tenha “acusado” em múltiplas ocasiões de ser um partido exclusivamente “portenho”.
- d. Constituiu o primeiro partido político moderno do país obrigando a outros grupos sociais a organizar-se dessa forma;
- e. Alimentou diferentes culturas políticas de ideologias até opostas;
- f. Como do PS surgiu o primeiro deputado socialista da América, Alfredo Lorenzo Palacios, quem primeiro sozinho e em seguida com o bloco parlamentar do PS

- elaboraram as primeiras políticas preocupadas com a legislação social no país;
- g. Os socialistas tiveram um papel relevante no surgimento das denominadas “novas esquerdas” argentinas.
- h. A unificação de 2002 é uma reunificação entre as duas forças políticas mais importantes do socialismo na atualidade, o Partido Socialista Popular (PSP) e o Partido Socialista Democrático (PSD), entretanto, não é a reunificação total das forças socialistas porque o Partido Socialista Autêntico (PSA) herdeiro em grande parte da tradição do socialismo argentino não forma parte dessa unidade.

Abordamos, em termos gerais, diferentes aspectos da evolução política do socialismo na Argentina no plano de uma literatura sua característica é a de ser irregular, abundante, em termos quantitativos, mas de uma vez heterogênea e varia de acordo ao momento histórico.

Tentei realizar o seguinte movimento, expor como em um período de largo prazo se passa de uma literatura fundamentalmente militante, que justificava a ação política mas também que em alguns casos criticava uma literatura acadêmica que aborda em geral aspectos parciais mas desvinculados, em geral a partir de uma prática política. O socialismo está se transformando em um objeto de estudo, paralelamente a crescente perda de seu potencial crítico da sociedade.

Um fato importante neste sentido é que com a exceção do caso particular do político e historiador Víctor García Costa, já retirado da atividade política partidária há mais de vinte anos, com as mortes de Juan Antonio Solari e Américo Ghioldi, entre os socialistas democráticos e com as de Alicia Moreau de Justo e Emilio Corbiere como membros da Confederação Socialista Argentina (CSA) e o Partido Socialista Autêntico (PSA) morreram também as tentativas a partir de diferentes pontos de vista sejam liberais, nacionais ou reformistas, fornecem ao socialismo uma cosmovisão, uma visão de totalidade, que não é retomada por nenhum dos dirigentes atuais, seja pela debilidade política da força, por dificuldades para formar quadros em um contexto de neoliberalismo ambiente ou porque realmente renunciaram a qualquer vontade de fazê-lo.

É preciso dedicar um breve parágrafo em particular ao caso do socialismo popular, porque o considero um caso paradoxal, já que se propôs em certos momentos construir um partido de quadros e se manter na matriz socialista.

Este grupo, dirigido por alguém como Estevéz Boero, com um perfil próprio por cima dos socialistas médios, não realizou uma leitura militante própria de sua própria corrente política. Isto apesar de manter uma forte influencia no movimento estudantil desde 1960, como Movimento Nacional Reformista (MNR) recentemente

mais de quarenta anos e sendo que há mais de quinze anos, mantém a intendência da terceira cidade do país, Rosário e na atualidade governa a terceira província da Argentina, Santa Fé. Em síntese, paradoxalmente não existe nenhum estudo político, tampouco acadêmico sobre o Partido Socialista Popular (PSP) de reconstrução histórica. Esta é uma lacuna política e academicamente, em primeira instância, incompreensível. A característica diferencial dos socialismos atuais dos anteriores é essa ausência de cosmovisões e de uma literatura militante que se refira a ele. Tento dar dois grupos de explicações centrais para um fenômeno complexo, umas vinculadas aos próprios socialistas e outras alheias a eles.

No plano social, as derrotas sociais dos projetos emancipatórios nos planos internacionais e nacionais, as mudanças estruturais no capitalismo mundial e as reestruturações neoliberais na formação econômico-social argentina, com a conseqüente fragmentação da classe operária e o aumento do exército de reserva como nunca antes na história do capitalismo como tal, fizeram sua parte. A ditadura militar no caso argentino em particular cumpriu seu objetivo de quebrar a memória histórica dos setores subordinados da sociedade, de cuja consciência procurou desterrá-la idéia de socialismo ou anticapitalismo em um sentido mais geral.

Isto afetou na Argentina a todos os grupos socialistas, obviamente a uns mais que a outros, mas a todos independentemente de suas práticas sociais e até suas formas ideológicas, já seja em suas versões reformistas, insurrecionais, liberais, nacionais ou populistas. Isto impactou em como os partidos paulatinamente foram se reaproximando das políticas da Internacional Socialista (IS), que pouco tem a ver hoje em dia sequer com Bernstein ou o último Kautsky. Encontramo-nos frente a uma pobreza teórica geral nos partidos “social-democratas” por denominá-los de alguma forma no plano internacional, por sua adaptação ao neoliberalismo.

No plano nacional, a essas causas devemos somar os elementos próprios: a perda de peso político das correntes socialistas reformistas entre 1965 e 1987, vinte e dois anos sem representação parlamentar para alguns grupos políticos hegemonicamente parlamentaristas é muito. Além disso, influiu nisto o apoio explícito do PSD à ditadura militar e o rechaço dos socialistas populares em participar das marchas com as Madres de la Plaza de Mayo durante o final da ditadura, que os afastaram do movimento democrático mais dinâmico dos anos 80, o de direitos humanos. Os socialistas autênticos e a Confederação Socialista Argentina (CSA) opuseram-se à ditadura e articularam algumas ações vinculadas aos direitos humanos, os primeiros em certa clandestinidade e os outros frente a comissões internacionais.

Tudo isto nos fornece elementos gerais reais que nos permitem entender em parte esta situação, entretanto, a explicação política e analítica central nos remete ao

próprio socialismo. A ausência de uma política de formação de substituições no plano da direção com uma postura ideológica comum. O caso dos socialistas democráticos é evidente, o abandono do “ghiodismo”, não é substituído por nenhuma cosmovisão, uma vez que Alfredo Bravo, Oscar González e Héctor Polino, críticos “esquerdistas” não a constituíram e carecem de uma cosmovisão unívoca sobre o socialismo que possa tornar-se hegemônica, enquanto que Norberto La Porta, é o discípulo de Ghioldi, que tem permanentemente que ocultar seu passado porque lhe recordam permanentemente que foi diretor do periódico *A Vanguarda* durante a ditadura militar, o qual mantinha uma linha de apoio incondicional e “radical” a esta em termos políticos e realizava certas observações no plano da política econômica.

A própria dinâmica da gestão municipal, no caso dos socialistas populares os leva a administrar, a gerir, possivelmente, de uma forma mais ética, mas com uma ausência de reflexão teórica sobre o que significa, portanto de maneira burocrática. A socialista popular é uma hegemonia eleitoral em Rosario no plano municipal, que não responde a uma dinâmica diferente da do resto do país no plano da “auto-atividade” dos movimentos sociais e não se translada de maneira automática a outros planos como o nacional e o provincial. Para triunfar na província teve que se a intendentess radicais do interior da província da Santa Fé, conservadores, cujo único interesse era vencer o peronismo. Não se passou do voto ao plano das eleições presidenciais.

Continuando com a análise, colocamos também que o Partido Socialista (PS) na formação econômico-social Argentina é de formação precoce, é um partido prébolchevique, que expressa uma das múltiplas formas emancipatorias que se deram os setores subordinados da sociedade.

Acredito ter podido demonstrar com clareza, entretanto, que os socialistas argentinos formaram parte das correntes marxistas, em um sentido devidamente particularizado: antes da existência do marxismo como tal, pela reivindicação da ação política e pela tentativa permanente de articular teoria e praxis no marco de uma luta anticapitalista. Vinculam-se à II Internacional, virtualmente desde suas origens e sua relação com o marxismo se dá em três níveis extraídos dos modelos europeus considerados pelo Juan B. Justo como os “mais avançados”: no plano organizativo ou da social-democracia alemã; no plano teórico as idéias do socialista francês Jean Jaurés, que era um reformista muito particular e pacifista, distinto de Bernstein e da ação cooperativa dos socialistas belgas.

A relação com a II Internacional é mantida em diferentes momentos históricos através de diferentes partidos políticos, uma vez que os socialistas argentinos animaram em grande medida as políticas desta para a América Latina depois da sua reconstrução, logo depois da Segunda guerra mundial.

Os socialistas argentinos também, são, a matriz mãe do marxismo na Argentina, já que dali surgem outras duas matrizes, a comunista e de uma cisão desta, a trotskista. Mostrei ao longo da tese como estas matrizes interagem permanentemente nos processos políticos argentinos, uma vez que coexistiram com todo um heterogêneo conjunto de “esquerdas não marxistas”.

Observamos, visto em perspectiva histórica, uma dificuldade nos socialistas para poder entender e definir uma política específica a partir do surgimento dos dois grandes movimentos nacionais que teve o país, o radicalismo e o peronismo. O mesmo ocorre em sua relação com os militares e em sua participação orgânica nos momentos de radicalização política no país. Encontramo-nos frente a uma dificuldade de conjunto para trocar caracterizações frente a fenomenais novidades, uma incapacidade para realizar mudanças táticas relativamente rápidas.

Vinculado ao anterior entre as causas de suas crises podemos visualizar a perda da bandeira da democracia para as mãos do radicalismo; do “sujeito”, a classe operária, para as mãos do peronismo e sua paradoxal relação com os militares já que a instabilidade política não beneficia não a um grupo político que cristaliza em grande medida em termos parlamentaristas, mas, entretanto, desde meados dos anos cinquenta muitos grupos socialistas apóiam em diferentes momentos a militares e em 1955 de maneira unívoca.

Sinteticamente como explicações das crises dos socialistas, podemos sinteticamente nos referir a cinco: as dificuldades para assimilar a presença política dos movimentos nacionais como o radicalismo e o peronismo e incapacidade para se rearticular com suas bases sociais; o fato de ter mudado a visão sobre os militares sem que estes mudassem substantivamente como instituição; a incompreensão em grande medida das mudanças na formação econômico-social argentina e uma incapacidade real para resolver democraticamente as diferentes crises internas.

O abraço à revolução cubana no PSArg., em termos incondicionais e desde um primeiro momento os coloca como uma parte imprescindível das formações das “novas esquerdas”, entretanto, a esquerda da esquerda do PSArg., o PSAV tampouco pôde resolver o problema das disputas internas.

Encontramo-nos logo depois das crises de 58 com diferentes leituras no plano partidário a respeito da herança política do socialismo no país.

Os socialistas democráticos realizam uma leitura na qual recortam os aspectos mais liberais de Juan B. Justo, articulam-nos separando o de seus aspectos mais críticos e formam uma cosmovisão “ghioldista”, hegemônica no Partido Socialista Democrático (PSD) como mínimo até meados dos anos oitenta. Posteriormente, como já mencionei, o PSD abandonou certos aspectos do “ghioldismo” mas se despreocupando de qualquer

formulação teórica, global, para substituir tal cosmovisão.

Nas leituras dos socialistas argentinos e seus herdeiros por “esquerda”, tanto no PSArg como o PSAV, alguns procuram em alguns momentos realizar uma diferenciação substantiva entre Juan B. Justo e Alfredo Palácios, onde o primeiro concentraria os aspectos mais “liberais” e o segundo os “nacionais”, é a leitura de García Costa e hoje, mais matizada a do Partido Socialista Autêntico (PSA); enquanto que outros diferenciariam a Justo de Ghioldi, encontrando um Justo marxista “puro”, cientista, crítico da sociedade e anticapitalista para diferenciar o das separações de um Ghioldi, que fazia do socialismo um reformista liberal tergiversador “do professor”. Como vimos, esta é a leitura atribuída a José Luis Romero e sua respectiva ordem política como ponto de partida, o lema: “Voltar para Justo”.

As leituras do socialismo nacional, Jorge Abelardo Ramos, Jorge N Spilimbergo e Norberto Galasso, apontam criticamente alguns aspectos reais do socialismo argentino, mas muitas vezes as realizam através de um método indutivista, já que tiram conclusões gerais a partir de aspectos parciais. Além disso, a reconstrução da história nacional que realizam é absolutamente mítica, reivindicam um passado glorioso antes do advento do Estado Liberal, que nunca existiu como se tivesse existido e o reivindicam como se alguma vez se perdeu.

Os peronistas e os nacionalistas, propriamente ditos, em nome também de uma legítima crítica aos aspectos eurocêntricos do socialismo argentino, realizam uma crítica igualmente europeizante apoiada no pensamento de Maurras e a direita francesa, rechaçando as explicações que independentemente de uma conclusão política reformista como a de Justo, que explicava a história argentina em termos de luta de classes. Esses nacionalistas, revisionistas históricos, têm a característica de originalmente ter sido “anti-iluministas”, “anti-jacobinistas” e de fato contrários à ideologia “democrática” herdada da Revolução Francesa, em um momento histórico em que o liberalismo está na defensiva, na época do peronismo.

Entretanto, ressaltamos a relevância do que consideramos a pergunta mais importante exposta pelo socialismo nacional porque nos remete à relação socialismo – peronismo, classe operária estrangeira e portenha – trabalhadores de interior do país. Poderíamos formulá-la da seguinte forma, uma vez que eles não o realizam desta maneira: o que expressa o peronismo e como se manifesta politicamente nos setores operários e qual é a relação entre socialismo e peronismo?

Quis recuperar através de sua evolução política uma tradição que independentemente de suas conclusões políticas em grande medida reformistas em muitas de suas correntes, fornece-nos elementos para poder pensar a transcendência da sociedade capitalista. Por isso, quis desenvolvê-la nas seguintes três dimensões: na

relação do marxismo e América Latina; na evolução dos socialistas no marco dos processos sociais e da formação econômico-social argentina, entendida como um pano de fundo inevitável e na permanente relação com as outras matrizes do marxismo no plano nacional e internacional: a comunista e a trotskistas.

Bibliohemerografía y fuentes.

A bibliografía/hemerografía está ordenada alfabeticamente e divide-se em sete seções, a saber:

- a) Livros e artigos assinados em revistas;
- b) Jornais e Periódicos;
- c) Documentos, folhetos e decisões partidárias de importância;
- d) Material extraído da internet;
- e) Entrevistas
- f) Principais Siglas;
- g) Índice de quadros.

Em primeiro lugar colocarei os livros e os artigos assinados aparecidos em revistas; posteriormente os jornais e periódicos utilizados; no caso que cite estes documentos consistirão em declarações e programas políticos publicados pelas organizações, textos de discursos, entrevistas, cartas e informações de caráter oficial. O material extraído de internet citará a página na rede, a data de acesso e guardarei uma cópia. Utilizarei as entrevistas realizadas como fontes e estarão devidamente se localizadas e datadas; indicarei as principais siglas e fechar com um índice de quadros.

a. Livros e artigos assinados em revistas.

ABAD de SANTILLÁN, DIEGO; 1971; *La FORA. Ideología y trayectoria del movimiento obrero revolucionario en la Argentina* (Bs. As.: Proyección).

ABENDROTH, WOLFGANG; 1977; *A história social do movimento trabalhista europeu* (Rio de Janeiro: Paz e Terra).

ACHA, OMAR; 2002; *José Luis Romero historiador socialista* em Segundas Jornadas Historia de las Izquierdas, Bs. As., CeDInCI.

ADELMAN JEREMY; 1989; *Los socialistas y el problema agrario argentino* em **Anuario del IEH**, 4, Tandil.

_____; 1992; *Socialism and Democracy in Argentina in the Age of the Second international* in **Hispanic American Historical Review**, Durham 72, 2, maio 1992.

_____; 2000; *El Partido Socialista Argentino* em M. Z. Lobato ed., *El progreso, la modernización y sus límites (1880-1916)*, Nueva Historia argentina. Tomo V (Bs. As.: Sudamericana).

AGGIO, ALBERTO (org.); 1998; *Gramsci a vitalidade de um pensamento* (São Paulo: UNESP).

AGOSTI, HÉCTOR; 1975; *José Ingenieros. Ciudadano de la juventud* (Bs. As.: Juárez López Editor).

ALTAMIRANO, CARLOS; 2001; *Peronismo y cultura de izquierda* (Bs.As.: Temas Grupo Editorial).

ALTHUSSER, LOUIS; 1971; *Lenin y la filosofía* (Bs. AS.: Carlos Pérez editor).
 _____; 1994; *La filosofía como arma de la revolución* (México DF: Siglo XXI).

ALTHUSSER, LOUIS e BALIBAR, ÉTIENNE; 1998; *Para leer 'El Capital'* (México DF: Siglo XXI).

ANDERSON, PERRY; 2006; *Las antinomias de Antonio Gramsci. Estado y revolución en occidente* (México DF: Fontamara).

_____; 2003; *Neoliberalismo: un balance provisorio* em La trama del neoliberalismo. Mercado, crisis y exclusión social em Emir Sader e Pablo Gentili comps. (Buenos Aires – Bs. As. -: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO-).

_____; 1994; *Transiciones de la antigüedad al feudalismo* (México: Siglo XXI).

_____; 1991; *Consideraciones sobre el marxismo occidental* (México: Siglo XXI).

ANDRADA, OVIDIO; 1984; *Palacios. El socialismo romántico en la Argentina* (Bs. As.: CEAL).

ANGUITA, EDUARDO y CAPARRÓS, MARTÍN; 2006; *La voluntad. Una historia de la militancia revolucionaria en la Argentina; Tomo 1 (1966-1969). El valor del cambio* (Bs. As: Booket-Planeta).

_____; 2006; *La voluntad. Una historia de la militancia revolucionaria en la Argentina; Tomo 2 (1969-1973). El cielo por asalto* (Bs. As: Booket-Planeta).

_____; 2006; *La voluntad. Una historia de la militancia revolucionaria en la Argentina; Tomo 3 (1973-1974). La patria socialista*. (Bs. As: Booket-Planeta).

_____; 2006; *La voluntad. Una historia de la militancia revolucionaria en la Argentina; Tomo 4 (1974-1976). La patria peronista* (Bs. As: Booket-Planeta).

_____; 2006; *La voluntad. Una historia de la militancia revolucionaria en la Argentina; Tomo 5 (1976-1978). La caída.* (Bs. As: Booket-Planeta).

ANSALDI, WALDO; 1993, *¿Un caso de nomenclaturas equivocadas? Los partidos políticos después de la Ley Sáenz Peña (1916-1930) en Argentina en la paz de dos guerras (1912-1945)*, em Waldo Ansaldi, A. Pucciarelli y J. C. Villarroel eds. (Bs. As.: Biblos).

ANTUNES MACIEL, WILMA; 2006; *O capitão Lamarca e a VPR. Repressão judicial no Brasil* (São Paulo: Alameda).

ARÉVALO, OSCAR; 1983; *El Partido Comunista* (Bs. As.: Centro Editor de América Latina – CEAL).

ARICÓ, JOSÉ; 2005; *La cola del diablo. Itinerario de Gramsci por América Latina* (Bs. As.: Siglo XXI Editores).

_____; 1999; *La hipótesis de Justo. Escritos sobre el socialismo en América Latina* (Bs.As.: Editorial Sudamericana).

_____; 1980; *Textos parciales sobre Juan B. Justo I; Revista Estudios Contemporáneos* 3-4; Puebla; julho-dezembro de 1980.

_____; 1985; *Textos parciales sobre Juan B. Justo II; Espacios de crítica y producción*, Buenos Aires 3, dezembro de 1985.

_____; 1992; *Textos parciales sobre Juan B. Justo III* em **La Ciudad Futura. Revista de Cultura Socialista**, Buenos Aires 30-31 dezembro de 1991/fevereiro de 1992.

ARRIGHI, GIOVANNI e SILVER BEVERLY J; 2001; *Caos e governabilidade no moderno sistema mundial* (Rio de Janeiro: Editora da UFRJ).

AUTORES VARIOS (AA.VV.); *Encuesta a 500 afiliados para definir sus características sociales e ideológicas* em **Revista Argentina de Ciencia Política** (RACP).

_____; 2004; *Las izquierdas en América Latina. Desafíos, peligros y posibilidades* (México: Fundación Heberto Castillo Martínez, A.C.).

_____; 1996; *Conversaciones con Nahuel Moreno* (Bs. AS.: Nahuel).

_____; 1995; *Orígenes y desarrollo de la guerra civil en Argentina. 1966-1976.* Taller Paiva-Zofio (Bs. As.: (Bs. As.: Oficina de Publicaciones del Ciclo Básico Común-UBA).

_____; 1994; *Las luchas sociales en la Argentina (1955-1976)*; (Bs. As.: Oficina de Publicaciones del Ciclo Básico Común-UBA).

_____; 1969; *Congresos de las internacionales socialistas* (Bs. As.: CEAL).

AVILA, M. J.; 1997; *Siembra de un militante socialista* (Córdoba: Ediciones del autor).

AZARETTO, ROBERTO; 1998; *Federico Pinedo político y economista*; (Bs.As.: Emecé).

BAGÚ, SERGIO; 1952; *Estructura social de la colonia: ensayo de historia comparada de América Latina* (Bs.As.: El Ateneo).

BAILY, SAMUEL; *Labor, Nationalist and Politics in Argentina*; New Brunswick, (NJ) Rutgers University Press.

_____; 1985; *Movimiento obrero, nacionalismo y política en Argentina* (Bs. As.: Hyspamérica).

BALVE, BEBA e outros; 1973; *Lucha de calles. Lucha de clases*; (Bs. As.: La Rosa Blindada).

BARCIA, J.; GIÚDICI, E, BAGÚ SERGIO; CASTELNUOVO E. y otros; *Claridad, una editorial de pensamiento* em **Revista Todo es Historia**, XV, 172, setembro de 1981.

BARRANCOS, DORA; 1987; *Las lecturas "comentadas" un dispositivo para la formación de la conciencia contestataria entre 1914-1930* (Bs. As.: Centro de estudios e Investigaciones Laborales – CEIL – CONICET).

_____; 1987; *Los niños proselitistas de las vanguardias obreras, 1898-1913*; Documento de Trabajo CEIL-CONICET; Bs. As.

_____; 1991; *Educación, cultura y trabajadores (1890-1930)*; (Bs. As.: CEAL).

_____; 1996; *La escena iluminada. Ciencia para los trabajadores*. (Bs. As., Plus Ultra).

_____; 2005; *Socialismo y sufragio femenino. Notas para su historia (1890-1947)* em Hernán Camarero e Carlos Miguel Herrera eds. (Bs. As.: Prometeo).

BAUER, Alfredo; 1989; *La Asociación Vorwärts y la lucha democrática en la Argentina* (Bs.As.: Legasa).

BECERRA, MARINA; 2002; *Cultura política, socialismo y cuestión nacional a principios del siglo XX* em Segundas Jornadas de historia de las izquierdas, Bs. As., CeDinCI.

_____; 2005; *¿Fiestas patrias o fiestas socialistas? Rituales escolares e identidad socialista a principios del siglo XX* em Hernán Camarero y Carlos Miguel Herrera eds. (Bs. As.: Prometeo).

BÉJAR, M. D.; *La entrevista Dickman-Perón* em **Revista Todo es Historia**, XI, 143, abril de 1979.

BELLONI, ALBERTO; 1960; *Del anarquismo al peronismo. Historia del movimiento obrero argentino* (Bs. As.: A. Peña Lillo).

BENSAID, DANIEL; 2003; *Marx intempestivo. Grandezas y miserias de una aventura crítica* (Bs. As.: Herramienta).

BERENZTEIN, SERGIO; 1991; *Un partido para la Argentina moderna. Organización e identidad del Partido Socialista (1896-1916)*; Bs. As., Documento CEDES, 60, 1991.

BERNSTEIN, EDUARD; 1982; *Las premisas del socialismo y las tareas de la socialdemocracia; Problemas del socialismo y El revisionismo en la socialdemocracia* (México: Siglo Veintiuno editores).

_____; 1965; *Socialismo evolucionário* (Rio de Janeiro: Zahar Editores).

BILSKY, EDGARDO J.; 1984; *La semana Trágica* (Bs.As.: CEAL).

_____; 1985; *La FORA y el movimiento obrero* (Bs. As.: CEAL).

BISSO, ANDRÉS; 2002; *De Acción Democrática a la Unión Democrática. El civismo antifascista como prédica política y estrategia partidaria del Socialismo Argentino (1940-1946)* em **Prismas, Revista de historia intelectual**, 6, Quilmes, 2002.

_____; 2005; *Los socialistas argentinos y la apelación antifascista durante el "fraude tardío" (1938-1943)* em Hernán Camarero e Carlos Miguel Herrera eds. (Bs. As.: Prometeo).

BLANCO, CECILIA; 2000; *El Partido Socialista em los sesenta. Enfrentamiento, reagrupamientos y rupturas* em **Revista Sociohistórica**, La Plata, 7, primeiro semestre 2000.

_____; 2002; *El socialismo argentino. De la euforia a la crisis de identidad 1955-1958. Un análisis de la ideología del PS desde el periódico 'La Vanguardia'* em Segundas Jornadas de historia de las izquierdas, Bs. As., CeDinCI.

_____; 2005; *La erosión de la unidad partidaria en el Partido Socialista, 1955-1958* em Hernán Camarero e Carlos Miguel Herrera eds. (Bs. As: Prometeo).

BORON, ATILIO; 2004; *Estado, capitalismo y democracia en América Latina*; (Bs.As.: Clacso).

_____; 2003; *Filosofía política marxista* (São Paulo: Cortez).

_____; 2002; *Imperio & imperialismo. Uma lectura crítica de Michael Hard e Antonio Negri* (Bs.As.: CLACSO).

_____; 2000; *Tras el búho de Minerva*; (Bs. As.: Clacso-Fondo de Cultura Económica).

BORON, ATILIO; AMADEO, JAVIER e GONZÁLEZ, SABRINA (comps.); 2006; *La Teoría marxista hoy. Problemas y perspectivas.*; (São Paulo: Clacso).

BORON, ATILIO e CUELLAR, OSCAR; 1983; *Apuntes críticos sobre la concepción idealista de la hegemonía* em **Revista mexicana de sociología**, vol. XLV nº 4, oct-dic.1983.

BOTANA, NATALIO R.; 1985; *El orden conservador. La política argentina entre 1880 y 1916* (Bs. As.: Hyspamérica).

BRANDÃO, GILDO MARÇAL; 1997; *A esquerda positiva. As duas almas do Partido Comunista 1920-1964* (São Paulo-Editora Huittec).

BRAVO, MARIO; 1912; *El unitarismo en el Programa del Partido Socialista* em **Revista Argentina de Ciencia Política**; Bs. As., III, 27, dezembro de 1912; pp.285-196.

_____; 1915; *Organización, programa y desarrollo del Partido Socialista en la Argentina* em **Revista Argentina de Ciencia Política**; Bs. As., V, 56, maio de 1915; pp. 121 e seguintes.

_____; 1932; *La Revolución de ellos* (Bs. As.; La Vanguardia).

BUKHARIN, NICOLAI; 1969; *O imperialismo e a economia mundial* (Rio de Janeiro: Laemmert).

BUNGE, ALEJANDRO; 1984; *Una nueva Argentina*; (Bs.As.: Hyspamérica).

BURGOS, RAÚL; 2005; *Los gramscianos argentinos. Cultura y política en la experiencia de Pasado y Presente* (Bs.As.: Siglo XXI).

CABALLERO, Manuel; 1987; *La Internacional Comunista (IC) y la revolución latinoamericana* (Caracas: Nueva Sociedad).

CABRERA, OLGA; 2002; *Mella: una historia en la política méxico-cubana*; (Guadalajara: Universidad de Guadalajara).

CALVO, B.; 1993; *Nicolás Repetto y Juan B. Justo, pioneros de la educación rural* em **Revista Todo es Historia**, XXVII 315, outubro de 1993.

CAMARERO, HERNÁN; 2005; *Socialismo y movimiento sindical: una articulación débil. La COA y sus relaciones con el PS durante la década de 1920* em Hernán Camarero e Carlos Miguel Herrera eds. (Bs.As.: Prometeo).

CAMARERO, HERNÁN e HERRERA, CARLOS MIGUEL (editores); 2005; *El Partido Socialista en la Argentina. Sociedad, políticas e ideas a través de un siglo* (Bs. As.: Prometeo).

_____; 2005; *Partido Socialista en Argentina: nudos históricos y perspectivas historiográficas* em Hernán Camarero e Carlos Miguel Herrera eds. (Bs.As.: Prometeo).

CAMARERO, HERNÁN e SCHNEIDER, ALEJANDRO; 1991; *La polémica Penelón-Marotta (marxismo y sindicalismo soreliano 1912-1918)*; (Bs. As.: CEAL).

CAMPIONE, DANIEL; 2005; *¿Partido revolucionario o partido de gobierno? La fundación del Partido Socialista Internacional* em Hernán Camarero e Carlos Miguel Herrera eds. (Bs.As.: Prometeo).

_____; *El comunismo en Argentina. Sus primeros pasos*. (Bs. As.: Instituto Movilizador de Fondos Cooperativos, Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini).

CAMPOBIASI, J; 1980; *Nicolás Repetto* (Bs. As.: La Vanguardia).

CANTÓN, DARÍO; 1966; *El parlamento argentino en épocas de cambio: 1890, 1916 y 1946* (Bs. As.: Editorial del Instituto).

_____; 1973; *Elecciones y partidos en la Argentina. Historia interpretación y balance: 1910-1966* (Bs. As.: Siglo XXI).

CÁRCANO, MIGUEL ÁNGEL; 1986; *Sáenz Peña. La Revolución por los comicios* (Bs.As.: Hyspamérica).

CARDOSO, FERNANDO HENRIQUE y FALETTTO ENZO; 1998; *Dependencia y desarrollo en América Latina* (México: Siglo XXI).

CASARETTO, MANUEL; 1946 y 1947; *Historia del movimiento obrero*, 2 volúmenes (Bs. As.: Lorenzo).

CASTAÑEDA, JORGE G.; 1993; *La utopía desarmada. Intrigas, dilemas y promesa de la izquierda en América Latina* (Bs. As.: Grijalbo).

CASTRO, FIDEL; 2005; *La historia me absolverá* (Bs. As.: Luxemburg).

CAUDILLO FELIX, GLORIA ALICIA; 2005; *El discurso indio en América Latina* (Guadalajara: Universidad de Guadalajara).

CIRIA, ALBERTO; 1985; *Partidos y poder en la Argentina moderna (1930-1946)*; (Bs. As.: Hyspamérica).

CLAUSEWITZ, KARL VON; 1983; *De la guerra* (Bs. As.: Solar).

COCA, JOAQUÍN; 1981; *El contubernio. Memorias de un diputado obrero* (Bs. As.: de la Campana).

COMISIÓN NACIONAL SOBRE LA DESAPARICIÓN DE PERSONAS (CONADEP); 1987; *Nunca Más. Informe de la CONADEP*; (Bs.As.: Editorial Universitaria de Buenos Aires-EUDEBA).

COHN-BENDIT, DANIEL; 1987; *La revolución y nosotros que la habíamos amado tanto* (Barcelona: Anagrama).

COHN-BENDIT, DANIEL y COHN-BENDIT, GABRIEL; 1971; *El izquierdismo: remedio a la enfermedad senil del comunismo* (Bs.As.-Montevideo: Acción Directa).

CONSENTIDO, JOSÉ ARMAGNO; 1984; *Carolina Muzilli* (Bs. As.: CEAL).

CORBIERE, EMILIO J.; 2000; *Lucas Fernández precursor del socialismo en el Río de la Plata El genocidio negro en la Argentina*, ponencia presentada em 1ras. Jornadas de Historia de las Izquierdas en Argentina-Buenos Aires.

_____; 1984; *Orígenes del comunismo argentino* (Bs.As.: Centro Editor de América Latina).

_____; s/d²⁴⁰ [1974]; *Juan B. Justo, Socialismo e Imperialismo* (s/l²⁴¹: s/e²⁴²).

_____; 1971; *Socialistas y anarquistas, 1880-1910* em **Revista Polémica**, Bs. As., nro. 42, retomado em Historia integral Argentina, vol. 5, Crecimiento y desequilibrios; CEAL, 1972.

_____; 1974; *Orígenes del comunismo argentino* em **Revista Todo es Historia**, VII, 81, fevereiro de 1974.

_____; 1996; *Un siglo de socialismo en la Argentina* em **Revista Todo es Historia**, XXX 347, junho de 1996.

²⁴⁰ s/d : sem data.

²⁴¹ s/l: sem lugar.

²⁴² s/e: sem editora.

_____; 1972; *Juan B. Justo y la cuestión nacional* en **Revista Todo es Historia**, VI, 62, julho de 1972.

_____; 1981; *¿Fue Juan B. Justo un positivista?* en **Revista Todo es Historia**, XVI, 173, outubro de 1981.

_____; 1982; *Alicia Moreau de Justo: socialismo y feminismo* en **Revista Todo es Historia**, XV, 183, agosto de 1982.

_____; 1987; *El marxismo de Enrique del Valle Iberlucea* (Bs. As.: CEAL).

CÚNEO, DARDO; 1997; *Juan B. Justo y las luchas sociales en la Argentina* (Bs. As.: Ediciones Solar).

_____; 1994; *El periodismo de la disidencia social (1858-1900)*; (Bs. As.: CEAL).

_____; 1945; *El primer periodismo obrero y socialista en la Argentina* (Bs. As.: La Vanguardia).

_____; 1957; *Las dos corrientes del movimiento obrero en el '90* em **Revista de Historia**, Bs. As., I, primer trimestre 1957.

_____; 1943; *Juan B. Justo*, prólogo de Nicolás Repetto (Bs. As.: Américalee).

_____; 1968; *Breve historia de América Latina* (Buenos Aires: Siglo veinte).

_____; 1983; *Mario Bravo, poeta y político* (Bs. As.: CEAL).

CHANAGUIR, E.; 1944; *El PS y Convención reformadora de la provincia de Córdoba de 1923* em **Estudios**, Córdoba, CEA-UNC, 3, otoño de 1994.

CHÁVEZ, FERMÍN; 1993; *Un marxista alemán en San Luis* em **Revista Todo es Historia**, XXVI 310, maio de 1993.

CHERESKY, ISIDORO; 1984; *Sindicatos y fuerzas políticas en la Argentina preperonista (1930-1943)* em Pablo González Casanova editor *Historia del movimiento obrero en América Latina*; México, siglo XXI, volumen 4, 1984 (2 vol.).

CHESNAIS, FRANÇOIS e DIVÈS JEAN-PHILIPPE; *¡Qué se vayan todos! Le peuple d'Argentine se soulève* (Paris: Nautilus)

DA ORDEN M. L.; 1994; *Entre internacionalismo y nacionalismo el enfoque de la nación en Juan B. Justo* em **Revista Estudios Sociales**, Santa Fé, 4, 6, primer semestre 1994.

_____; 1994; *¿Prácticas tradicionales em un partido moderno? Socialismo y poder local. Mar del Plata, 1916-1929* em F. Devoto y M. Ferrari eds. *La construcción de las democracias rioplatenses: proyectos institucionales y prácticas políticas, 1900-1930* (Bs. As.: Biblos).

DE IMAZ, JOSÉ LUIS; 1964; *Los que mandan* (Bs. As.: EUDEBA).

DE LUCÍA, DANIEL O.; 1997; *Los socialistas y la infancia* em **Revista Todo es Historia** XXX 335, fevereiro de 1997.

_____; 1997; *Socialismo y la cuestión indígena en la Argentina (1889-1943)*; (Bs. As.: Grupo Editor Universitario).

DE OLIVEIRA, FRANCISCO; 2003; *Crítica a razão dualista. O ornitorinco* (São Paulo: Boitempo).

DE TRONCOSO, A. P.; 1972; *Radicales, conservadores y socialistas* em Historia integral argentina, vol. 7; El sistema en crisis; (Bs. As.: CEAL).

DEL CAMPO, HUGO; 1983; *Sindicatos y peronismo. Los comienzos de un vínculo perdurable* (Bs. As.: CLACSO).

DÍAZ BESSONE, RAMÓN GENARO (Gral.); 1986; *Guerra Revolucionaria en la Argentina (1959-1978)*; (Bs. As.: Fraterna).

DI TELLA, TORCUATO; 2003; *Perón y los sindicatos. El inicio de una relación conflictiva* (Bs. As.: Ariel).

_____; 1964; *El sistema político argentino y la clase obrera* (Bs. As.: EUDEBA).

DICKMANN, ADOLFO; 1936; *Los Congresos Socialistas. Cuarenta años de acción democrática* (Bs. As.; La Vanguardia).

DICKMANN, ENRIQUE; 1946; *El Partido Socialista Argentino en los congresos internacionales* (Bs. As.: La Vanguardia).

_____; 1949; *Recuerdos de un militante socialista* (Bs. As.: Claridad).

DOTTI, JORGE; 1990; *Justo lector de 'El Capital'* en Las vetas del texto. Una lectura filosófica de Alberdi, los positivistas y Juan B. Justo (Bs. As., Punto Sur).

DUJOVNE, ALEJANDRO; 2002; *El Partido Socialista en la provincia de Córdoba: 1895-1936. Aproximaciones para su historia política*. Ponencia Segundas Jornadas de historia de las izquierdas, Bs. As., CeDinCI.

_____; 2003; *El Partido Socialista de la provincia de Córdoba, 1933-1936: una lectura política desde el periódico Tribuna Socialista*; Publicación de la Maestría en Partidos Políticos y del Archivo de la Palabra del CEA-UNC, Documento de Trabajo nro. 2, 2003.

ECHAGÜE, CARLOS; 1984; *El socialimperialismo ruso en la Argentina* (BS. AS.: Agorá).

ELIAS, NORBERT; 1997; *Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*; (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor).

ENGELS, FEDERICO; 2005; *Introducción de 1895 a Las luchas de clases en Francia (1848-1950)* de Karl Marx (Bs. As.: Luxemburg).

_____; 1980; *La situación de la clase obrera en Inglaterra* (Barcelona: Jucar).

_____; 1972; *Anti-dühring. em contra de la subversión de la ciencia del Dr. Dühring*; (Lisboa: Dinalivro).

ETTINGER, ELZBIETA; 1988; *Rosa Luxemburgo. Su vida* (Bs. As.: Sudamericana).

FALCON, RICARDO; s/d.; *Lucha de tendencias en los primeros Congresos del Partido Socialista Obrero Argentino (1896-1900) Apuntes* (s/l:s/e).

_____; 1980; *La Primera Internacional y los orígenes del movimiento obrero en la Argentina 1857-1899*; CEHSAL; Paris.

_____; 1984; *Los orígenes del movimiento obrero* (Buenos Aires: CEAL).

_____; 1987; *Izquierdas, régimen político, cuestión étnica y cuestión social en Argentina (1890-1912)* em **Anuario Escuela de Historia Facultad de Humanidades y Artes**, UNR, Rosario, segunda época, 12 1986-1987.

FAYT, CARLOS S; 1975; *El Socialismo* em Historia del pensamiento político, volumen IX;(Bs.As.: Editorial Plus Ultra).

FEIJOO, M. C; 1981; *Gabriela Coni: la lucha feminista* em **Revista Todo es Historia**, XV, 175, dezembro de 1981.

FERNANDES, FLORESTAN; 1976; *A revolução burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica* (Rio de Janeiro: Zahar).

FERRARI, R; 1993; *Germán Avé Lallemant. Introducción a la obra científica y técnica de Germán Avé Lallemant (1869-1910)*; (San Luis: Instituto Científico y Cultural El Diario) 1993.

FERREYRA LEANDRO e outros; 1994; *Gramsci mirando al sur. Sobre la hegemonía en los '90* (Bs. As.: Kohen & asociados internacional).

FOSTER, RICARDO; 1987; *Los socialistas claves de una frustración* em **La Ciudad Futura. Revista de Cultura Socialista**, Bs. As., 4, março de 1987.

FRANZÉ, JAVIER; 1993; *El concepto de política em Juan B. Justo*, 2 volúmenes (Bs. As.; CEAL).

FRUGONI, EMILIO; 1947; *Génesis, esencia y fundamentos del socialismo* (Bs. As.: Editorial Americalee).

GABEIRA, FERNANDO; 1997; *O que é isso, companheiro?* (São Paulo: Companhia das Letras).

GALASSO, NORBERTO; 1983; *La izquierda nacional y el F.I.P.*; (Bs.As.: CEAL).

_____; 2001; *Socialistas y anarquistas en la Argentina* em Cuadernos para la Otra Historia nº 17; (Bs.As.: Centro Cultural Enrique Santos Discépolo).

_____; 2001; *Socialismo y cuestión nacional* (Bs. As.: Homo Sapiens).

_____; 1973; *Manuel Ugarte. Del vasallaje a la liberación nacional. De la liberación nacional al socialismo*, 2 volúmenes (Bs. As.: EUDEBA).

_____; 2001; *Manuel Ugarte y la lucha por la unidad latinoamericana* (Bs. As.: Corregidor).

GALLETI, ALFREDO; 1961; *La política y los partidos* (Bs.As.: Fondo de Cultura Económica).

GARAUDY, ROGER; 1985; *Toda a verdade*, maio de 1968 - fevereiro de 1970 (Rio de Janeiro: Nova Fronteira).

GARCÍA COSTA, VÍCTOR; 1987; *Alfredo Palacios entre el clavel y la espada* (Bs.As.: Editorial Planeta).

_____; 1986; *Alfredo L. Palacios. Un socialismo argentino y para la Argentina*, 2 volúmenes (Bs.As.: CEAL).

_____; 1985; *El Obrero: Selección de textos* (Bs.As.: CEAL).

_____; 1996; *¿El centenario de la fundación del Partido Socialista?*

Revista Todo es Historia, XXX, 348, julho de 1996.

_____; 1971; *Alfredo Palacios* (Bs. As.: CEAL).

_____; 1986; *Genialidades y contradicciones de Alfredo Palacios* em

Revista Todo es Historia, XX, 233, outubro de 1986.

_____; 1997; *Carlos Sánchez Viamonte ciudadano de la república* em **Revista Todo es Historia**, XXXI 358, maio de 1997.

GARCÍA LINERA, ALVARO; *El evismo: lo nacional popular en acción*, Revista Observatorio Social de América Latina (OSAL) nro. 19, janeiro-abril 2006, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO).

GARCÍA SEBASTIANI, MARCELA; 2005; *Los antiperonistas en la Argentina peronista. Radicales y Socialistas en la política argentina entre 1943 y 1951*; (Bs.As.: Prometeo).

_____; 2002; *El Partido Socialista en la Argentina peronista: oposición y crisis de representación política (1946-1951)* em **Estudios interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**, vol. 13, 2002, Tel-Aviv, Israel julho-dezembro de 2002.

GARGUIN, E.; 1999; *La marea roja. El triunfo socialista en las elecciones de 1913* em **Revista Sociohistórica**, La Plata, 6, segundo semestre 1999.

GELI, PATRICIO; 2005; *El Partido socialista y la II Internacional: la cuestión de las migraciones* em Hernán Camarero e Carlos Miguel Herrera eds. (Bs. As.: Prometeo).

GELI, PATRICIO y PRESLEI, LETICIA; 1993; *Una estrategia socialista para el laberinto argentino. Apuntes sobre el pensamiento político de Juan B. Justo* em **Entrepasados, Revista de Historia**, Bs. As., III, 4-5, fines 1993.

_____; 1996; *Apuntes de viaje Juan B. Justo en los Estados Unidos* em **Entrepasados, Revista de Historia**, Bs. As., VI, 11, fines 1996.

GERCHUNOFF, PABLO e GUADAGNI, ALIETO; 1987; *Elementos para un programa de reformulación económica del Estado*. DTE 152. Bs.As., Instituto Torcuato Di Tella, Tesis.

GERMANI, GINO; 1955; *Estructura social de la Argentina* (Raigal: Bs. As.).

GHIOLDI, AMÉRICO; 1956; *De la tiranía a la democracia social. ¿Cayó la dictadura, ahora qué?* (Bs. As.: Gure).

_____; 1964; *Juan B. Justo. Sus ideas históricas, sus ideas socialistas, sus ideas filosóficas* (Bs. As.: La Vanguardia).

GHIOLDI, RODOLFO; 1965; *Juan B. Justo* em **Revista Nueva Era**; Bs. As., 6 de julho de 1965.

GIANNONI, EMILIO J.; 1982; *Reseña histórica del Partido Socialista Democrático* (Bs. As.: Editorial La Ciudad).

GIBERTI, HORACIO C. E; 1985; *Historia Económica de la ganadería Argentina* (Bs. As.: Hyspamérica).

GIL LOZANO F., BIANCHINI, F. e SALOMONE C.; 1995; *Palacios, Fidel y el triunfo de 1961* em **Revista Todo es Historia**, XXIX 341, dezembro de 1995.

GILBERT, ISIDORO; 1994; *El oro de Moscú. Historia secreta de la diplomacia, el comercio y la inteligencia soviética en la Argentina* (Bs.As.:Planeta).

GIMÉNEZ, ÁNGEL M.; 1917; *Los precursores del socialismo en la república argentina* (Bs. As.; La Vanguardia).

_____; 1926; *Treinta años de acción cultural* (Bs. As.; La Vanguardia).

_____; s/d; *Páginas de historia del movimiento social en la república argentina* (Bs. As.: s/e). Es posterior a los dos libros anteriores ya que es la compilación de estos.

_____; 1932; *Nuestras bibliotecas obreras*; prólogo de Américo Ghioldi (Bs. As.: Sociedad Luz; Imprenta La Vanguardia).

GODIO, JULIO; 1987; *El movimiento obrero argentino (1870-1910). Socialismo, anarquismo y sindicalismo* (Bs.As.: Legasa).

_____; 1988; *El movimiento obrero argentino (1910-1930). Socialismo, sindicalismo y comunismo* (Bs.As.: Legasa).

_____; 1989; *El movimiento obrero argentino (1930-1943). Socialismo, comunismo y nacionalismo obrero* (Bs. As.: Legasa).

_____; 1985; *El movimiento obrero latinoamericano (1850-1918). Anarquistas y socialistas* (Caracas: Editorial Nueva Era).

_____; 1986; *La Internacional Socialista en la Argentina, 2 volúmenes*; (Bs.As.: CEAL).

_____; 1985; *La semana trágica de 1919*, edición corregida; (Bs. As.: Hyspamérica).

_____; 1985; *La Internacional Socialista en la Argentina, 2 volúmenes* (Bs. As.: CEAL).

_____; 1985; *Historia del movimiento obrero latinoamericano/1. Anarquistas y socialistas (1850-1918)*; (Caracas: Nueva Sociedad).

_____; 1985; *Historia del movimiento obrero latinoamericano/2. Nacionalismo y comunismo (1918-1930)*; (Caracas: Nueva Sociedad).

_____; 1985; *Historia del movimiento obrero latinoamericano/3. Socialdemocracia, socialcristianismo y marxismo (1930-1980)*; (Caracas: Nueva Sociedad).

_____; 1987; *Esbozo de historia del movimiento obrero argentino desde sus orígenes hasta el advenimiento del peronismo* (Bs. As.: Biblos).

_____; 1971; *Socialismo y luchas obreras* (Bs. As.: CEAL).

GOLDAR, ERNESTO; 1976; *Socialista. Alfredo Palacios. El socialismo I*. Bs. As. em **Colección Revista Todo es Historia**.

GONZÁLEZ, ERNESTO (coor.); 1995; *El trotskismo obrero e internacionalista en la Argentina. Tomo 1. Del GOM a la Federación Bonaerense del PSRN (1943-1955)*; (Bs. As.: Antídoto).

_____; 1996; *El trotskismo obrero e internacionalista en la Argentina. Tomo 2. Palabra Obrera y la Resistencia (1955-1959)*; (Bs. As.: Antídoto).

_____; 1999; *El trotskismo obrero e internacionalista en la Argentina. Tomo 3. Volumen 1. Palabra Obrera, el PRT y la Revolución Cubana (1959-1962)*; (Bs. As.: Antídoto).

_____; 1999; *El trotskismo obrero e internacionalista en la Argentina. Tomo 3. Volumen 2. Palabra Obrera, el PRT y la Revolución Cubana (1963-1969)*; (Bs. As.: Antídoto).

GONZÁLEZ CASANOVA, PABLO; 2006; *Sociología de la explotación* (Bs. As.: Clacso).

GORRIARÁN MERLO, ENRIQUE; 2003; *Memorias de Enrique Gorriarán Merlo. De los setenta a La Tablada* (Bs. As.: Planeta).

_____; 1985; *Democracia y liberación*; (Bs. As.: Reencuentro).

GORZ, ANDRÉ; 1989; *Adiós al proletariado (más allá del socialismo)*; (Bs. As.: I,ago Mundi).

_____; 1988; *Historia y enajenación* (México DF: Fondo de Cultura Económica).

GRACIANO, OSVALDO; 2005; *Los proyectos científicos y las propuestas legislativas de los intelectuales socialistas para la renovación de la universidad argentina 1918-1945* em Hernán Camarero y Carlos Miguel Herrera eds. (Bs. As.: Prometeo).

GRACIARENA, JORGE; 1990; *Estado periférico y economía capitalista: transiciones y crisis*, em El Estado en América Latina: teoría y practica;(México: Siglo XXI).

GRAMSCI, ANTONIO; 2003; *Cartas de la cárcel (1926-1937)*; (México DF: Era).

_____; 2002; *La cuestión meridional* (Bs. As.: Quadrata Editor).

_____; 1991; *Escritos periodísticos de L'Ordine nuovo 1919/1920* (Bs.As.: Tesis 11).

_____; 1986 a; *Notas sobre Maquiavelo, sobre Política y sobre el Estado Moderno* em Cuadernos de la Cárcel, volumen 1 (México DF: Juan Pablos editor).

_____; 1986 b; *Los intelectuales y la organización de la cultura* em Cuadernos de la Cárcel, volumen 2 (México DF: Juan Pablos editor).

_____; 1986 c; *El materialismo histórico y la filosofía de Benedetto Croce* em Cuadernos de la Cárcel, volumen 3 (México: Juan Pablos editor).

_____; 1986 d; *Literatura y vida nacional* em Cuadernos de la Cárcel, volumen 4 (México DF: Juan Pablos editor).

_____; 1977; *Pasado y presente* em Cuadernos de la Cárcel, volumen 5 (México DF: Juan Pablos editor).

_____; 1986 c; *El Risorgimento* em Cuadernos de la Cárcel, volumen 6 (México DF: Juan Pablos editor).

_____; 1986 d; *Antología* ;(México DF: Siglo XXI).

GRÜNER, EDUARDO; 2002; *El fin de las pequeñas historias. De los estudios culturales al retorno (imposible) de lo trágico*; (Bs.As.: Paydos).

GUEVARA, ERNESTO 'CHE'; 2006; *Apuntes críticos a la economía política* (Melbourne: Ocean Press).

_____; 2005; *Pasajes de la guerra revolucionaria*; (Melbourne: Ocean Press).

_____; 2004; *El diario del Che en Bolivia*; (Melbourne: Ocean Press).

GÜNDER FRANK, ANDRÉ; 1997; *Sobre el subdesarrollo capitalista* (Barcelona: Anagrama).

GUTIÉRREZ, LEANDRO e ROMERO, LUIS ALBERTO, 1995; *Sectores populares, cultura y política. Buenos Aires en la entre-guerra* (Bs. As.: Sudamericana).

HABERMAS, JÜRGEN; 1989; *Problemas de legitimación en el capitalismo tardío* (Avellaneda: Amorrortu).

HÁJEK, MILOS; 1984; *Historia de la Tercera internacional. La política de frente único (1921-1935)*; (Barcelona: Crítica).

HALPERIN DONGHI, TULIO; 1988; *Historia contemporánea de América latina* (Bs. As.: Alianza).

HENAUULT, MIRTA; 1983; *Alicia Moreau de Justo. Biografía* (Bs. As.: CEAL).

HERNANDEZ ARREGUI; 1960; *La formación de la consciencia nacional (1930-1960)*; (Bs. As.: Hachea).

HERRERA, CARLOS MIGUEL; 2001; *Socialismo jurídico y reformismo político em Carlos Sánchez Viamonte* em **Revista de Estudios Políticos**, Madrid, 113, julho-setembro 2001.

_____; 2001; *Carlos Sánchez Viamonte o el destino político de un jurista socialista* em **Taller. Revista de sociedad, cultura y política**, Bs. As., n 17, dezembro de 2001.

_____; 2004; *El Partido Socialista ante el peronismo: 1950. El debate González-Ghioldi* **Taller. Revista de sociedad, cultura y política**, Bs. As., n 21, novembro de 2004.

_____; 2005; *¿La hipótesis de Ghioldi? El socialismo y la caracterización del peronismo (1943-1956)* em Hernán Camarero y Carlos Miguel Herrera eds. (Bs.As: Prometeo).

HERRERA, MATILDE; 1987; *José* (Bs.As.: Contrapunto).

HERRERO, ANTONIO; 1925; *Alfredo Palacios: caracteres, valores y problemas de su acción: política social, reforma universitaria e iberoamericanismo* (Bs. As.: M. Gleizer).

HOBSBAWN, ERIC; 1979; *Historia do marxismo*; (Rio de Janeiro: Paz e Terra).

_____; 1993; *Política para una izquierda racional* (Barcelona: Crítica-Grijalbo).

HOROWICZ, J.; 1990; *Argentine unions, the state and the rise of Peron (1930-1945)* Berkeley, University of California, 1990.

INGENIEROS, JOSÉ; 1957; *La simulación en la lucha por la vida* (Córdoba: Elmer).

INGROSSO, MARCO; 1973; *Modelos socioeconómicos de interpretación de la realidad latinoamericana de Mariátegui a Günder Frank*; (Barcelona: Anagrama).

IÑIGO CARRERAS, NICOLÁS; 1996; *Documentos para la historia del Partido Socialista. Libros de actas del Centro Socialista Universitario (1896-1898) y del comité electoral central del Partido Socialista (1907-1912)* Tandil, Instituto de Estudios Histórico-Sociales de la Universidad Nacional del Centro de la provincia de Buenos Aires.

_____; 1997; *El Partido Socialista en sus orígenes y en la década del '30*. Publicación del PIMSA Documentos y comunicaciones, Bs. As.

_____; 2005; *La clase obrera y la alternativa parlamentaria (1932-1936): el Partido Socialista* em Hernán Camarero e Carlos Miguel Herrera eds. (BS.As.: Prometeo).

IPARRAGUIRRE H. e PIANETTO; 1968; *La organización de la clase obrera en Córdoba 1870-1895* em Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba (UNC), 1968.

ISCARO, RUBENS; 1958; *Origen y desarrollo del movimiento sindical argentino* (Bs.As.: Anteo).

_____; 1973; *Historia del movimiento sindical*, 2 volúmenes; (Bs. As.: Fundamentos).

IZAGUIRRE, INES; 1992; *Los desaparecidos: recuperación de una identidad expropiada* (Bs.As.: Instituto de Ciencias Sociales Gino Germani).

JAMES, DANIEL; 2006; *Resistencia e integración. El peronismo y la clase trabajadora argentina, 1946-1976* (Bs.As.: siglo XXI).

JAMESON, FREDIC; *Ensayos sobre el posmodernismo* (Bs. As.: Imago Mundi).

JUSTO, JUAN B; 1933, *Internacionalismo y patria* em Obras Completas volumen V, (s/e, s/l).

_____; 1933, Obras Completas, 5 volúmenes (v v. e e.).

JUSTO, LIBORIO; 1992; *Nuestra patria vasalla. Historia del coloniaje argentino. Hacia la liberación nacional y social y la integración latinoamericana. Apéndice*. (Bs. AS.: Grito Sagrado).

KOHAN, NÉSTOR; 2000; *De Ingenieros al Che. Ensayos sobre el marxismo argentino y latinoamericano* (Bs.As.: Biblos).

_____; 1998; *Marx en su (tercer) mundo. Hacia un socialismo no colonizado* (Bs.As.: Biblos).

_____; 2003; *Ideario Socialista. El socialismo desde una perspectiva histórica* (Bs. As.: Longseller).

_____; 2005; *El sujeto y el poder* (edición ampliada); (Bs. As.: Nuestra América).

KORSH, KARL; 2004; *Karl Marx* (s/l: Folio).

_____; 1975; *¿Qué es la socialización?* (Barcelona: Ariel).

KUHN, AUGUSTO; 1916; *Apuntes para la historia del movimiento obrero socialista en la república argentina* em **Revista Nuevos Tiempos**; Bs. As., 1/7 maio agosto de 1916.

LACLAU, ERNESTO; *Modos de producción, sistemas económicos y población excedente. Aproximación histórica a los casos de Argentina y Chile* em **Revista Latinoamericana de Sociología**; Bs.As., volumen V, julho de 1969.

LACLAU, ERNESTO y MOUFFE, CHANTAL; 1990; *Hegemony and socialist strategy: towards a radicals politics*; (Londres: Verso).

LACOSTE, PABLO; 1993; *El socialismo en Mendoza y en la Argentina*, 2 volúmenes; (Bs.As.: Centro editor de América Latina).

LANDER, EDGARDO (org.); 2005; *A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciencias sociais. Perspectivas latino-americanas* (São Paulo: Clacso).

LARRA, RAÚL; 1988; *Biografía novelada de Alfredo Palacios. El último mosquetero* (Bs. As.: Leviatán).

LAVASTIÉ de REINHARDT, MARÍA ROSA; 1975; *Una polémica poco conocida: Germán Avé-Lallemant y José Ingenieros* em **Revista Nuestra Historia**, Bs. As., 14, abril, 1975.

LÁZARA, SIMÓN ALBERTO; 1982; *Propuesta socialista frente a la crisis argentina* (Bs. As.: Nuevo siglo).

LE DUAN; 1971; *La revolución vietnamita* (Bs. As.: La Rosa blindada).

LEAL, MURILO; 2004; *À esquerda da esquerda. Trotskistas, comunistas e populistas no Brasil contemporâneo (1952-1966)*; (São Paulo: Paz e Terra).

LENIN, VLADIMIR ILICH; 2004; *¿Qué hacer? Problemas candentes de nuestro movimiento*. (Bs. As.: Luxemburg).

_____; 1986; *El estado y la revolución*; (Bs. As.: Planeta).

_____; 1980 a; *Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos da América. Novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura*. (São Paulo: Brasil Debates) .

_____; 1980 b; *Contra la burocracia e Diario de las secretarias de Lenin* em Cuadernos de Pasado y Presente n° 25 (México DF: Pasado y presente).

_____; 1980 c; *Obras Escogidas* (Moscú: Progreso).

_____ ; 1979; *¿Quiénes son los amigos del pueblo y como luchan contra los socialdemócratas? Respuesta a los artículos de Russkoie Bogststuo contra los marxistas* (Moscú: Progreso).

_____ ; 1975; *Materialismo y empiriocriticismo* (Pekín: Lenguas Extranjeras).

_____ ; 1974 a; *Cuadernos Filosóficos* (Madrid: Ayuso).

_____ ; 1974 b; *El imperialismo, etapa superior del capitalismo* (Bs. As.: Polémica).

_____ ; 1973; *El desarrollo del capitalismo en Rusia* (Buenos Aires: Estudio).

_____ ; 1971; *El izquierdismo enfermedad infantil del comunismo* (Buenos Aires: Anteo).

_____ ; 1960; *La bancarrota de la Segunda Internacional* (Buenos Aires: Anteo).

LENIN, VLADIMIR I, ANCONA, CLEMENTE e outros; 1979; *Clausewitz en el pensamiento marxista* em Cuadernos de Pasado y Presente nº 75 (México DF: Pasado y presente).

LINZ, JUAN y STEPHAN, ALFRED; 1999; *A Transição e Consolidação da Democracia. A Experiência do Sul da Europa e da América do Sul* (Rio de Janeiro: Paz e Terra).

LÓPEZ, ATILIO; 1971; *Historia del movimiento social y la clase obrera argentina* (Bs. As.: Programa).

LÓPEZ HORACIO A.; 2005; *Operativo Rojo. Un caso de contrainteligencia revolucionaria* (Bs.As.: El Farol - Cuadernos Marxistas).

LOSURDO, DOMENICO; 2006; *Antonio Gramsci do liberalismo ao 'comunismo crítico'* (Rio de Janeiro: Revan)

LÖWY, MICHEL; 1999; *O marxismo na América Latina. Uma antologia de 1909 aos dias atuais* (São Paulo: Fundação Perseu Abramo).

LOZANO, CLAUDIO; 2002; *Catástrofe Social en Argentina. La situación a junho del 2002*. (Bs.As.: Instituto de Estudios y Formación de la Central de los Trabajadores Argentinos).

LUNA, FÉLIX e outros; 2000; *Alicia Moreau de Justo* em la colección Grandes protagonistas de la historia (Barcelona: Planeta).

_____ ; 2000; *Alfredo Palacios* em la colección Grandes protagonistas de la historia argentina (Bs. As.: Planeta).

_____ ; 2000; *José Ingenieros* em la colección Grandes protagonistas de la historia argentina (Bs. As.: Planeta).

_____ ; 1984; *El 45. Crónica de un año decisivo*. (Bs. As.: Hyspamérica).

_____ ; 1984, 1985, 1986; *Perón y su tiempo*, 3 volúmenes; (Bs. As.: Sudamericana).

LUPORINI, CESARE e SERENI EMILIO; 1973; *El concepto de "formación económico-social"* em Cuadernos de Pasado y Presente n° 39, (Córdoba: Pasado y Presente).

LUXEMBURG, ROSA; 1988; *Introducción a la economía política* em Cuadernos de Pasado y Presente n° 35 (México DF: Pasado y Presente - Siglo XXI).

_____; 1979; *El desarrollo industrial de Polonia y otros escritos sobre el problema nacional*; Cuadernos de Pasado y Presente n° 71 (México DF: Pasado y presente).

_____; 1975; *Táctica Revolucionaria* (México DF: Juan Pablos editor).

_____; 1972 a; *La crisis de la socialdemocracia* (México DF: Juan Pablos editor).

_____; 1972 b; *Crítica de la revolución rusa* (Montevideo: Biblioteca de Marcha).

_____; 1971; *¿Reforma o revolución?* (Montevideo: Nativa Libros-Bandera Roja).

_____; 1968; *La acumulación de capital* (Bs. As.: s/e).

LUXEMBURG, ROSA e BUKHARIN, NICOLAI; *El imperialismo y la acumulación de capital* em Cuadernos de Pasado y Presente n° 51, (Bs. As.: Pasado y Presente).

LUXEMBURG, ROSA, PARVUS e outros; 1978; *Debate sobre la huelga de masas*. Primera parte em Cuadernos de Pasado y Presente n° 62 (México DF: Pasado y presente).

LUXEMBURG, ROSA, KAUTSKY, KARL e PANNEKOEK, ANTON; *Debate sobre la huelga de masas*. Segunda parte em Cuadernos de Pasado y Presente n° 63 (Bs. AS.: Pasado y presente).

LUZZI, MARIANA; *El viraje de la ola. Las primeras discusiones sobre la intervención del Estado en el socialismo argentino* em **Estudios Sociales**, Santa Fe, XI, 20, primer semestre 2001.

_____; *De la revisión de la táctica al Frente Popular. El socialismo argentino a través de Claridad* em **Prismas, Revista de historia intelectual**, 6, Quilmes, 2002.

MAIZTEGUI, HUMBERTO; 1992; *Memorias Políticas del Secretario Latinoamericano de la Internacional Socialista (1956-1970)*; (Bs.As.: CEAL).

MANDEL, ERNEST; 1989; *Oú va l'URSS de Gorbachev?* (Montreuil: Francia).

_____; 1987; *El capitalismo tardío* (México DF: Era).

_____; 1983; *Trotsky: Teoría y práctica de la revolución permanente* (México DF: Siglo XXI).

_____; 1982; *Crítica del eurocomunismo*; (Barcelona: Fontamara).

_____; 1973; *Introducción a la teoría económica marxista* (Bs. As.: Cepe).

_____; 1973; *La crisis del dólar* (Bs. As.: del siglo).

_____; 1972; *La teoría leninista de la organización* (Bs. As.: Indo-Amer).

MANDEL, ERNEST; NOVE ALEC e DIANE ELSON; 1992; *La crisis de la economía soviética y el debate mercado/ planificación* (Bs. As.: Imago Mundi).

MANDEL, ERNEST, VINCENT, J. M. e outros; 1978; *¿Reforma de la empresa o control obrero?* (Bs. As.: Carlos Pérez editor).

MAO TSE-TUNG; 1974; *Cinco tesis filosóficas*; (Bs. As.: La Rosa Blindada)
 _____; 1967; *Citações do presidente Mão Tse Tung* (Rio de Janeiro: José Álvaro editor).

MAQUIAVELO, NICOLÁS; 1997; *El príncipe* (Bs. As.: Alianza)

MARCUSE, HEBERT; 1995; *Razón y revolución* (Madrid: Alianza)
 _____; 1975; *Sociedad carnívora* (Bs. As.: Eco contemporáneo)

MARIANETTI, BENITO; 1976; *Manuel Ugarte. Un precursor en la lucha emancipatoria de América Latina* (Bs. As.: Sílabas).
 _____; 1972; *Enrique del Valle Iberlucea una honesta conducta frente a la revolución rusa* (Bs. As.: Sílabas).

MARIÁTEGUI, JOSÉ CARLOS; 2005; *Do sonho as coisas. Retratos subversivo* (São Paulo: Boitempo editorial).
 _____; 2002; *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* (México: Era).
 _____; 1995; *Textos Básicos* (México DF: Fondo de Cultura Económica)

MARIN, JUAN CARLOS; 2003; *Los hechos armados. Argentina 1973-1976*; (Bs.As.: P.I.C.A.S.O./La Rosa blindada).
 _____; 1995; *Conversaciones sobre el poder (Una experiencia colectiva)*; (Bs. As.: Oficina de Publicaciones del Ciclo Básico Común-UBA).

MARINI, RUI MAURO; 1985; *Subdesarrollo y Revolución* (México DF: Siglo XXI).

MAROTTA, SEBASTIÁN, 1960, 1961 y 1970; *El movimiento sindical argentino. Su génesis y desarrollo*, 3 volúmenes; (Bs. As.: Lacio y Palomino).

MARTÍNEZ MAZZOLA, RICARDO H.; 2002; *El proletariado no nace de la máquina de vapor. La "teoría moderna de la colonización" y las tareas del socialismo en la Argentina* em las Segundas Jornadas de historia de las izquierdas, Bs. As., CeDinCI, 2002.
 _____; *Campeones del proletariado. El Obrero y los inicios del socialismo en la Argentina* em **Políticas de la Memoria**, 4, verano 2003-2004.

_____; 2005; *Entre radicales, roquistas y pellegrinistas. El Partido Socialista durante la segunda presidencia de Roca (1898-1904)* em Hernán Camarero y Carlos Miguel Herrera eds. (Bs. As.: Prometeo).

MARX, KARL; 2006; *Simón Bolívar* (Madrid: Sequitur).
 _____; 2005; *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (São Paulo: Boitempo).
 _____; 1997; *O XVIII Brumario e Cartas a Kugelmann* (Rio de Janeiro: Paz e Terra).

_____; 1997; *Diferencia entre la filosofía de la naturaleza según Demócrito y según Epicuro* (Caracas: Universidad Central de Venezuela).

_____; 1996; *Introducción general a la crítica de la economía política 1857* (México: Siglo XXI).

_____; 1993; *Manuscritos economía y filosofía* (Madrid: Alianza).

_____; 1988a; *El Capital*; Tomo I, Volumen 3, Libro primero, *El proceso de producción de capital* (México: Siglo XXI).

_____; 1986; *El Capital*; Tomo II, Volumen 4, Libro segundo, *El proceso de circulación de capital* (México: Siglo XXI) [Federico Engels]

_____; 1987; *El Capital*; Tomo II, Volumen 5, Libro segundo, *El proceso de circulación de capital* (México: Siglo XXI) [Federico Engels].

_____; 1988b; *El Capital*; Tomo III, Volumen 8, Libro tercero, *El proceso global de la producción capitalista* (México: Siglo XXI).

_____; 1985; *Miseria de la filosofía. Respuesta a la 'Filosofía de la miseria' del Sr. Proudhon* (Moscú: Progreso).

_____; 1975; *Manifiesto del Partido Comunista* (Bs. As.: Polémica).

_____; 1974 a; *Historia crítica de la teoría de la plusvalía*. Tomo 1 (Bs. As.: Brumario).

_____; 1974 b; *Historia crítica de la teoría de la plusvalía*. Tomo 2 (Bs. As.: Brumario).

_____; 1974 c; *La cuestión judía* (Bs. As.: Contraseña).

_____; 1973; *Crítica del Programa de Gotha* (Bs. As.: Polémica).

MARX, KARL e ENGELS, FEDERICO; 2006; *Las revoluciones de 1848* (México DF: Fondo de Cultura Económica).

_____; 1987 a; *Correspondencia* (Bs.As.: Cartago).

_____; 1987 b; *Obras Escogidas*, Tomo 1 (Bs.As.: Cartago).

_____; 1987 c; *Obras Escogidas*, Tomo 2 (Bs.As.: Cartago).

_____; 1987 d; *Obras Escogidas*, Tomo 3 (Bs.As.: Cartago).

_____; 1987 e; *Obras Escogidas*, Tomo 4 (Bs.As.: Cartago).

_____; 1973; *Sobre el colonialismo* en Cuadernos de Pasado y Presente n° 37 (Bs. As.: Pasado y presente).

MARX, KARL, ENGELS, FEDERICO e LENIN, VLADIMIR I.; 1975; *La comuna de París*; (Bs.As.: Polémica).

_____; 1974; *Acerca del Partido* (Bs. As.: Polémica).

MARX, KARL e HOBBSBAWN, ERIC; 1984; *Formaciones económicas precapitalistas* (Barcelona: Crítica).

MASETTI, JORGE RICARDO; 2006; *Los que luchan y los que lloran (el Fidel Castro que yo vi) y otros textos inéditos* (Bs. As.: Nuestra América).

MATSUSHI, HIROSHI; 1983; *Movimiento obrero argentino (1930-1945) Sus proyecciones en los orígenes del peronismo* (Bs. As.: Hyspamérica).

MATTINI, LUIS; 2006; *Los perros. Memorias de un combatiente revolucionario* (Bs.As.: Peña Lillo-Continente).

_____; 1995; *Hombres y Mujeres del PRT-ERP: de Tucumán a La Tablada*; (Bs.As.: de la Campana).

MAUPAS, LEOPOLDO; *Trascendencias políticas de la nueva ley electoral* en **Revista Argentina de Ciencia Política**, Bs. As., II, 21, junho de 1912, pp. 421-424.

MEIKSINS WOOD, ELLEN; *Democracia contra capitalismo. A renovação do materialismo histórico* (São Paulo: Boitempo).

METHOL FERRÉ, ALBERTO; 1963; *La izquierda nacional en la Argentina* (Bs.As.: Coyoacán).

MILLIBAND, RALPH; 1988; *El estado en la sociedad capitalista* (México DF: Siglo XXI)
_____; 1978; *Marxismo y política* (Madrid: Siglo XXI).

MIOTTI, LUIS E.; 1994; *Argentine: Fragilité de l'accumulation et options de la régulation* (Paris: A. Collin).

MISRAJE, MARÍA GABRIELA; 2002; *Metáfora del bacilo y práctica de la vacilación. La polémica Art-Ghioldi, 1932* em Segundas Jornadas Historia de las Izquierdas, Bs. As., CeDInCI.

MOREAU de JUSTO, ALICIA; 1983; *¿Qué es el socialismo en la Argentina?* (Bs.As.: Editorial Sudamericana).

_____; 1946; *El socialismo según la definición de Juan B. Justo* (Bs. As.: Polis).

_____; 1984; *Juan B. Justo y el socialismo* (Bs. As.; CEAL).

_____; 1995; *El socialismo según Juan B. Justo* (Bs. As.: Leviatán).

MOUCHET, ENRIQUE; 1932; *Juan B. Justo. Ensayo preliminar sobre su vida, su pensamiento y su obra* (Bs. As.: La Vanguardia).

MULLANEY, MICHAEL; 1982; *The Argentine Socialist Party, 1890-1930: Early development and Internals Schins*; Ph.D. Tesis, University of Essex, 1982.

MURMIS, MIGUEL e PORTANTIERO, JUAN CARLOS; 1972; *Estudios sobre los orígenes del peronismo* (Bs. As.: Siglo XXI).

NEFFA, JULHO CÉSAR; 1998; *Modos de regulación regímenes de acumulación y sus crisis en Argentina (1880-1996). Una contribución a su estudio desde la teoría de la regulación* (Bs.As.: EUDEBA).

NICANOFF, SERGIO M. e CASTELLANO, A.; *Las primeras experiencias guerrilleras en la Argentina. La historia del 'Vasco' Bengoechea y las Fuerzas Armadas de la Revolución Nacional*; Centro Cultural de la Cooperación, Cuaderno de Trabajo nro. 29; janeiro de 2004.

NIGRO, JUAN; 1956; *La obra del socialismo argentino* (Bs. As.: Amarouta).

NUDELMAN, RICARDO; 1996; *Notas para un estudio de las relaciones entre Juan B. Justo y Alfredo Palacios* em **Entrepasados, Revista de Historia**, Bs. As., VI, 11, fines 1996.

_____; 1987; Los socialistas y el golpe del '30 em **La Ciudad Futura. Revista de Cultura Socialista**; Bs. As., 4, marzo de 1987.

ODDONE, Jacinto; 1983; *Historia del Socialismo Argentino*, 2 volúmenes (Bs.As.: CEAL).

_____; 1949; *Gremialismo proletario argentino*; Prólogos 1949 Dardo Cúneo y 1975 de Américo Ghioldi y Luis Pan (Bs. As.; La Vanguardia); Reeditada (Bs. As. Líbera, 1975).

OLIVIER, ISIDORO; 1951; *El socialismo em el interior argentino* (Rosario: El Sol).

ORIOLO, JORDÁN; 1994; *Antiesbozo de la historia del Partido Comunista (1918-1928)*, 2 volúmenes (Bs.As.: CEAL).

OWEN, GEORGE; 1996; *Homenaje a Cataluña* (Bs. As.: Reconstruir).

PALACÍN, MANUEL; 1946; *Breve Historia del Partido Socialista* (Bs. As.; La Vanguardia).

PALACIOS, ALFREDO; 1985; *Una revolución auténtica* (Bs. As.: Teoría y Práctica) _____; 1957; *Petróleo, monopolios y latifundios* (Bs. As.: Guillermo Kraft Ltda.).

_____; 1956, *Masas y elites en Iberoamérica* (Buenos Aires, Columba).

_____; 1955; *Esteban Echevarría. Albacea del pensamiento de mayo* (Bs. As.: Claridad).

PAN, LUIS; 1947; *Visión socialista de medio siglo argentino. La obra parlamentaria del Partido Socialista* (Bs. As.: La Vanguardia).

_____; 1956; *Juan B. Justo y la fundación del Partido Socialista* (Bs. As.: La Vanguardia).

_____; 1964; *Justo y Marx. El socialismo en la Argentina* (Bs. As.: Monserrat).

_____; 1991; *Juan B. Justo y su tiempo. Apuntes para una biografía intelectual* (Bs. As.: Planeta).

_____; 1996; *El mundo de Nicolás Repetto* (Bs.As.: Grupo Editor Latinoamericano).

PANETTIERI, JOSÉ; 1967; *Los trabajadores* (Bs. As.: Jorge Álvarez).

PANITCH, LEO e LEYS COLIN (eds.); 2006; *Socialist Register 2005. O império reloaded* (São Paulo: Clacso).

_____; 2006; *Socialist Register 2004. O novo desafio imperial* (São Paulo: Clacso).

PASO, LEONARDO; 1972; *Historia del origen de los partidos políticos en la Argentina (1810-1918)*; (Bs. As., Ediciones Centro de Estudios).

_____; 1983; *Historia de los partidos políticos en la Argentina (1900-1930)*; (Bs. As.: Directa).

_____; 1974; *La clase obrera y el nacimiento del marxismo en la Argentina. Selección de artículos de Germán Ave Lallemand* (Bs. As.: Anteo).

PASTORIZA, C. Pastoriza y CICALESE G.; 2004; *Los socialistas en Mar del Plata* em **Revista Todo es Historia**, XXXVI 439, fevereiro de 2004.

PEÑALOZA, JUAN RAMÓN; 1953; *Trotsky ante la revolución nacional latinoamericana* (Bs. As.: Indoamérica).

PERALTA RAMOS, MÓNICA; 1972; *Etapas de acumulación y alianzas de clases en la Argentina (1930-1970)*; (Bs.As.: Siglo XXI).

PÉREZ LEIROZ, FRANCISCO; 1974; *Grandezas y miserias de la lucha obrera*, Prólogo Juan Antonio Solari (Bs. As.: Líbera).

PIANETTO, OFELIA; 1991; *Coyuntura histórica y movimiento obrero. Córdoba: 1917-1921* em **Estudios sociales**, Santa Fé, I, 1, 2 semestre 1991.

PIETRA, ANDREA; 2004; *Los socialistas argentinos a través de su correspondencia. Catálogo de los Fondos de Archivo de Nicolás Repetto, Juan Antonio Solari y Enrique Dickman (1894-1980)* Serie Catálogos del Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas en la Argentina (CeDinCI) Fondos de Archivo nro. 1 Catálogo 7 del CeDinCI (Bs.As.: 2004).

PITALUGA, ROBERTO e TARCUS, HORACIO; 2000; *Catálogo de publicaciones políticas de las izquierdas argentinas (1890-2000)*; (Bs. As.: Centro de documentación e investigación sobre las culturas de izquierdas en la Argentina -CeDinCI).

PLA, ALBERTO J.; *Orígenes del Partido Socialista Argentino (1896-1918)* em **Cuadernos del Sur** n° 4 março-maio 1986; Bs.As.

_____; 1985; *Marxismo y socialdemocracia en los orígenes del PS Argentino* em Socialismo y sindicalismo en los orígenes del movimiento obrero latinoamericano, Puebla, Cuadernos del CIHMO 1985.

PLIS – STERENBERG, GUSTAVO; 2003; *Monte Chingolo. La mayor batalla de la guerrilla Argentina* (Bs. As.: Planeta).

POLANYI, KARL; *La gran transformación* (México DF: Juan Pablos editor).

POLINO, HÉCTOR; 1971; *Compendio de desatinos. 5 años de revolución argentina*; (Bs. As.: s/e).

PONS, A. e SEMINARA, L.; 2004; *Los espectros de la guerra en la teoría y en las prácticas socialistas* em G. Guevara y J. L. Hernández: La guerra como filigrana de América Latina contemporánea (Bs. As.: Dunken).

_____; 2004; *Juan B. Justo: del discurso antimilitarista a la fetichización del mercado como garante de la paz*. Mesa Partido obrero y modernización em las *Jornadas El Partido Socialista en la Argentina: Sociedad, políticas e ideas a través de un siglo*, organizadas por el Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires (DH/FFyL/UBA), los días 20, 21 y 22 de abril de 2004.

PORTANTIERO, JUAN CARLOS; 1999; *Juan B. Justo. Un fundador de la Argentina moderna* (Bs.As.: Fondo de Cultura Económica).

_____; 1982; *Nación y Democracia en la Argentina del novecientos* **Punto de Vista. Revista de Cultura**, Bs. As., 14, marzo-julho 1982.

_____; 2002; *Imágenes de la crisis. El socialismo argentino en la década de 1930*. **Prismas, Revista de historia intelectual**, 6, Quilmes, 2002.

_____; 2005; *El debate en la socialdemocracia europea y el Partido Socialista en la década de 1930* em Hernán Camarero y Carlos Miguel Herrera eds. (Buenos Aires: Prometeo).

_____; 1983; *Los usos de Gramsci* (Bs. As.: Folios).

POULANTZAS, NICOS; 1972; *Las clases sociales en el Estado capitalista* (Madrid: Siglo XXI).

_____; 1979; *Estado, poder y socialismo*; (Madrid: Siglo XXI).

_____; 1990; *Las clases sociales en el capitalismo actual* (Madrid: Siglo XXI).

POZZI, PABLO; 2004; 'Por las sendas argentinas'. *El PRT-ERP. La guerrilla marxista*. (Bs. As.: Imago Mundi).

PRADO Jr., CAIO; 1985; *Historia da econômica do Brasil*; (São Paulo: Brasilense).

PRISLEI, LETICIA; 1998; *Crisis del liberalismo y crisis del socialismo. La imagen de Bélgica em la prensa socialista argentina de fines de los veinte* em Los deltas de la memoria Bélgica y Argentina en los siglos XIX y XX, B. de Groof, Patricio Geli, H. Stols y G. van Beeck eds., Leuven University Press.

_____; 2001; *El despertar de un pueblo: gestión política y debates culturales em una comuna socialista de la cordillera patagónica* em Pasiones sureñas. Prensa, cultura y política en la frontera norpatagónica (1884-1946), Leticia Prislei ed. (Bs. As.: Prometeo Libros/Entrepasados).

_____; 2005; *Periplos intelectuales, revisionismos y algunas reflexiones sobre el Partido Socialista Independiente* em Hernán Camarero y Carlos Miguel Herrera eds. (Bs. As.: Prometeo).

PRZEWORSKI, ADAM; 1990; *Capitalismo y socialdemocracia* (México DF: Alianza).

PUIGROSS, RODOLFO; 1986; *Historia crítica de los partidos políticos en la Argentina*; 3 volúmenes;(Bs.As.: Hyspamerica).

RAMOS, JORGE ABELARDO; 1957; *Revolución y contrarrevolución en Argentina*; 5 volúmenes (Bs. As.: Amerindia).

_____; 1961; Manuel Ugarte y la Revolución latinoamericana (Bs. As.: Editorial Coyoacán).

RAITER, BÁRBARA; 2002; *Feminismo socialista a comienzos del siglo XX* em las Segundas Jornadas de historia de las izquierdas, Bs. As., CeDinCI.

_____; 2004; *Historia de una militancia de izquierda. Las socialistas argentinas a comienzos del siglo XX* em Departamento de Historia, Centro Cultural de la Cooperación, Cuaderno de trabajo n 49, outubro de 2004.

RAPAPORT, MARIO; 1988; *Los partidos de izquierda, el movimiento obrero y la política internacional (1930-1946)* em Conflictos y procesos de la historia argentina contemporánea, 15, (Bs. As.: CEAL).

RATZER, JOSÉ; 1969; *Los marxistas argentinos del '90*; (Córdoba: Pasado y Presente).
_____; 1981; *El movimiento socialista en la Argentina* (Bs. As.: Ágora).

REINOSO, ROBERTO (comp.); 1985; *"Bandera Proletaria". Selección de textos (1922-1930)*; (Bs. As.: CEAL)

_____; 1985; *"La Vanguardia". Selección de textos (1894-1955)*; (Bs. As.: CEAL).

REITANO, E; *La polémica entre Juan B. Justo y Enrico Ferri. ¿El socialismo tiene derecho a existir?* em **Revista Todo es Historia**, XXXV 408, julho de 2001.

REPETTO, NICOLÁS; 1956 y 1957; *Mi paso por la política*, 2 volúmenes (Bs. As.: Santiago Rueda).

_____; 1958; *De nuevo a la acción* (Bs. As.; Bases).

_____; 1962; *Mis primeros noventa años* (Bs. As.; Bases)

_____; 1935; *Contribución a la biografía de Juan B. Justo* (Bs. As.: La Vanguardia).

_____; 1964; *Juan B. Justo y el movimiento político y social argentino*, estudio preliminar Américo Ghioldi (Bs. As.: Monserrat).

RIBAO, RENMIN e outros; 1973; *Documentos de la Revolución Cultural en China (1966-1969)*; (Bs. As.: Nativa Libros).

RIVADEO; ANA MARÍA; 1994; *El marxismo y la cuestión nacional*; (México: Universidad Nacional Autónoma de México).

RIVAROLA, RODOLFO; *El Programa socialista y la forma unitaria de gobierno* em **Revista Argentina de Ciencia Política**, Bs. As., III, 32, maio de 1913, pp. 190-198.

_____; *Filosofía de la elección reciente* em **Revista Argentina de Ciencia Política**, Bs. As., III, 32, maio de 1913.

ROCCA, C. J.; 1988; *Juan B. Justo y Alejandro Korn en el socialismo argentino* (La Plata: UPAK).

ROCK, DAVID; 1977; *El radicalismo argentino, 1890-1930*; (Bs. As.: Amorrortu)

RODRIGUEZ, GARAVITO CÉSAR A., BARRET PATRICK S. y CHÀVEZ, DANIEL (eds.); 2005; *La nueva izquierda en América Latina. Sus orígenes y trayectoria futura*; (Bogotá: Norma).

RODRÍGUEZ, GERMINAL; 1930; *La crisis política del socialismo argentino. ¿Partido Socialista o Partido de vanguardia?* (Bs. As., Imprenta fontana).

RODRÍGUEZ KAUTH, ÁNGEL; 1996; *José Ingenieros*; (Bs.As.: Colección Perfiles Almagesto).

RODRÍGUEZ TARDITI, JOSÉ; 1934; *Juan B. Justo parlamentario*, prólogo de Juan Antonio Solari (Bs. As.: La Vanguardia).

ROMERO, JOSÉ LUIS; 1996; *Estudio de la mentalidad burguesa*; (Bs. As: Alianza).
 _____; 1980; *El ciclo de la revolución contemporánea*; (Bs. As.: Huemul).

_____; 1946; *Las ideas políticas en Argentina* (México: Fondo de Cultura Económica).

_____; 1965; *Las ideas en la Argentina del siglo XX* (México: Fondo de Cultura Económica).

_____; 1980; *La experiencia argentina y otros ensayos* (Bs.As.: Editorial de Belgrano).

ROSENBERG, ARTHUR; 1981; *Democracia y socialismo* em Cuadernos de Pasado y Presente n° 86 (México DF: Pasado y presente).

SAAVEDRA, OSVALDO; *Partidos y programas. III El socialismo* em **Revista Argentina de Ciencia Política**, Bs. As., IV, 43, abril de 1914, pp. 35-43.

SADER, EMIR e GENTILI, PABLO (Comps.); 2003; *La trama del neoliberalismo. Mercado, crisis y exclusión social* (Bs.As.: CLACSO)

SAID, EDWARD W.; 2003; *Cultura e política* (São Paulo: Boitempo).
 _____; 1995; *Cultura e imperialismo* (São Paulo: Companhia das Letras).

SALADINO GARCÍA, ALBERTO; 1994; *Indigenismo y marxismo en América Latina* (Toluca: Universidad Autónoma del Estado de México).

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, ADOLFO; 2003; *Filosofía de la praxis*; (México: siglo XXI).

SANGUINETTI, HORACIO; 1975; *El Partido Socialista Independiente. Una esperanza frustrada* (dos partes) em **Revista Todo es Historia**, IX, pp. 101-102, outubro/novembro de 1975.

_____; 1987; *Los socialistas independientes* (Bs. As.: CEAL).

SANTI, PAOLO e outros; 1969; *Teoría marxista del imperialismo* em Cuadernos de Pasado y Presente n° 10 (Córdoba: Pasado y Presente).

SARTRE, JEAN PAUL; 1973; *Alrededor del 68. Situación ocho* (Bs. As.: Losada).

_____; s/d; *El existencialismo es un humanismo* (Bs.As.: Ediciones del 80).

SCHULMAN, José; 2000; *La posición de los ferroviarios del FFCC Sud en el XI Congreso del Partido Comunista. Los debates ante el triunfo electoral de Perón en 1946*. Ponencia presentada en las I Jornadas de Historia de las Izquierdas; Mesa 1 Socialistas y Comunistas; Bs.As.; 8 y 9 de dezembro de 2000 organizadas por el Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas en la Argentina (versión digital CD).

SEGALL, MARCELO; 1953; *Desarrollo del capitalismo en Chile. Cinco ensayos dialécticos* (Santiago: del Pacífico).

SEOANE MARÍA 1995 *Todo o Nada: La historia secreta y la historia pública del jefe guerrillero Mario Roberto Santucho* (Bs.As.: Planeta).

SIBILIOV, N.; 1985; *La Internacional Socialista*; (Moscu: Progreso).

SILVER, Beverly J.; *Forças do trabalho. Movimentos de trabalhadores e globalização desde 1870*; (São Paulo: Bomtempo).

SOLARI, JUAN ANTONIO; 1956; *Doce años de oprobio. Itinerario de la dictadura* (Bs. As.: Bases).

_____; 1958; *Prédica democrática*; (Bs. As.: s/e).

_____; 1965; *Recordación de Juan B. Justo. El hombre, sus ideas, su obra*. (Bs. As.: Bases).

_____; 1973; *Nicolás Repetto. Vocero y maestro de la república* (Bs. As.: La Vanguardia).

_____; 1972; *Enrique del Valle Iberlucea: primer senador socialista de América* (Bs. As.: Bases).

SOTO, AMÉRICO; 2004; *Vidas y luchas de Vanguardia Comunista – primera parte* (Bs. As.: Nuevos Tiempos).

SPALDING, HOBERT; 1970; *La clase trabajadora argentina (Documentos para su historia -1890/1912)*; (Bs. As.: Galerna).

SPIILIMBERGO, JORGE ENEA; 1969; *El socialismo en la Argentina. Del socialismo cipayo a la izquierda nacional* (Bs.As.: del Mar Dulce).

_____; 1974; *El socialismo en Argentina*; (Bs. As.; Editorial Octubre).

TAMARIN, D.; 1985; *The argentine labour movement 1930-1945. A study in the origins of peronism*; (Albuquerque, University of New Mexico Press).

TARCUS, HORACIO; *La crisis del Estado populista* en **Realidad Económica** Nº 107, abril-maio 1992; Bs.As.

_____; *¿Un marxismo sin sujeto? El naturalista Germán Ave Lallemand y su recepción del marxismo en la década de 1890* en **Políticas de la memoria**, 4, verano 2003-2004.

TERÁN, OSCAR; 1980; *José Ingenieros. Pensar la nación* (México: Siglo XXI).
 _____; 1996; *La Montaña. Periódico socialista revolucionario, 1897* (Bernal: Universidad Nacional de Quilmes - UNQ).

THERBORN, GÖRAN; 1989; *¿Cómo domina la clase dominante? Aparatos de estado y poder estatal en el feudalismo, en el capitalismo y en el socialismo* (México DF: Siglo XXI).

TIEFFEMBERG, DAVID; 1956; *Exigencias proletarias a la revolución y La legislación Obrera en el régimen peronista*, prólogo Carlos Sánchez Viamonte (Bs. As.: Ediciones Populares Argentinas).

_____; 1948; *Juan B. Justo en la historia y en la política argentina* (Bs. As.; La Vanguardia)

TOCQUEVILLE, ALEXIS DE; 1994; *La democracia en América* (México DF: Fondo de Cultura Económica)

TORRE, JUAN CARLOS; 1973; *La primera victoria electoral socialista* em **Revista Todo es Historia**, VII, 76, setembro de 1973.

_____; 1990; *La vieja guardia sindical y Perón. Sobre los orígenes del peronismo* (Bs. As.: Sudamericana).

TORRE, JUAN CARLOS e GERCHUNOFF, P.; 1988; *El papel del Estado* em **Revista Idea** maio de 1988, Bs.As.

TORTTI, MARÍA CRISTINA; 1989; *Estrategia del Partido Socialista. Reformismo político y reformismo sindical. Conflictos y procesos de la historia argentina contemporánea*, 34 (Bs. As.: CEAL).

_____; 1989; *Clase obrera, partido y sindicatos. Estrategia socialista en los años '30* (Bs. As.: Biblos).

_____; 1995; *Crisis, capitalismo organizado y socialismo em Representaciones inconclusas. Las clases, los actores y los discursos de la memoria (1912-1946)* Waldo Ansaldi, A. Pucciarelli y Juan Carlos Villarroel (eds.) (Bs. As.: Biblos).

_____; 2002; *Debates y rupturas em los partidos Comunista y Socialista durante el frondizismo* em **Prismas, Revista de historia intelectual**, 6, Quilmes.

_____; 2002; *La nueva izquierda a principios de los '60: Socialistas y Comunistas em la Revista CHE* em **Estudios Sociales**, Santa Fe, XII, n 22-23, 2002.

_____; 2005; *Las divisiones en el Partido Socialista y los orígenes de la nueva izquierda argentina* em Hernán Camarero y Carlos Miguel Herrera (eds.) 2005.

TOSCO, AGUSTÍN; 1987; *La lucha debe continuar. Testimonio del Cordobazo*; (Bs. As.: Rafael Cedeno).

TRASPADINI, ROBERTA e STEDILE JOÃO PEDRO; 2005; *Ruy Mauro Marini. Vida e obra*; (São Paulo: Expressão Popular).

TRÍMBOLI, JAVIER; 1998; *La izquierda argentina*; (Bs. As.: Manantial).

TROTSKY, LEÓN; s/d; *La revolución española. Selección de escritos, 1930 a 1940* (s/l: El puente).

_____; 1978; *La revolución permanente* (Madrid: Biblioteca Jucar)

_____; 1977; *A história da revolução russa. A queda do czarismo*. Primeiro volume (Petrópolis: Paz e Terra).

_____; 1977; *A história da revolução russa. A tentativa de contra-revolução*. Segundo volume (Petrópolis: Paz e Terra).

_____; 1977; *A história da revolução russa. O triunfo dos soviets*. Terceiro volume (Petrópolis: Paz e Terra).

_____; 1975; *En defensa del marxismo* (Bs. As.: Yunque).

_____; 1973 a; *La guerra y la internacional* (Bs. As.: del siglo).

_____; 1973 b; *La Internacional Comunista desde la muerte de Lenin* (Bs.As.: Materiales Sociales).

UGARTE, MANUEL; 1987; *La nación latinoamericana* (Caracas: Biblioteca Ayacucho).

VARGAS, OTTO; 1987; *El marxismo y la revolución argentina*, volumen 1 (Bs. As.: Ágora).

VAZEILLES, JOSÉ GABRIEL; 2003; *La izquierda argentina que no fue. Estudios de historia ideológica* (Bs.As.: Editorial Biblos).

_____; 1968; *Los socialistas*; (Bs.As.: Editorial Jorge Alvarez).

VERDE TELLO, PEDRO; s/d; *Gobierno popular por la representación proporcional* (Bs. As.: Bases).

_____; s/d; *Alcance social de la Reforma Universitaria* (Bs. As.: Bases).

_____; s/d; *La Reforma constitucional y el Partido Socialista* (Bs. As.: Bases).

_____; 1957; *El Partido Socialista su actual forma de organización* (Bs. As.: Bases).

_____; 1963; *La división socialista. Su origen y desarrollo*. (Bs. As.: Libertad).

VILLAR, DANIEL; 1971; *El Cordobazo* (Bs.As.: CEAL).

WALTER, RICHARD; s/d; *The Socialist Party of Argentina (1890-1930)*; s/l.

WARLEY, JORGE; 2003; *El "realismo ingenuo" de Juan B. Justo. Lectura de un folleto em II Jornadas de Historia de las izquierdas*, Bs. As., 11,12 y 13 de dezembro de 2003.

WEBER, MAX; 2005; *Escritos políticos. Rússia 1905 e 1917* (Rio de Janeiro: Azougue).

_____; 1996; *Economía y Sociedad* (México DF: Fonde de Cultura Económica).

_____; 1982; *Ensayos de sociología* (Rio de Janeiro: Guanabara Koogan)

WEINSTEIN DONALD F.; 1978; *Juan B. Justo y su época*. (Bs. As., Fundación Juan B. Justo)

WEIZ, EDUARDO; *El PRT-ERP: nueva izquierda e izquierda tradicional*; Centro Cultural de la Cooperación, Cuaderno de Trabajo nro. 30; janeiro de 2004.

_____; 2006; *El PRT-ERP: claves para una interpretación de su singularidad. Marxismo, internacionalismo y clasismo* (Bs. As.: Centro Cultural de la Cooperación)

WELLHOFER, ERNEST; 1971; *Party development in new states: Socialist in Argentina* Thesys, Columbia University

_____; 1975; *Political Party development in Argentina. The emergence of Socialist Party parliamentarianism* in **Journal of Inter-American Studies and World Affaire**; Miami, vol. 17, maio de 1975.

_____; 1981; *Political Incorporation of the Newly Enfranchised Voter: Organizacional Encapsulation and Socialist Labor Party Development* in **Western Political Quarterly**, Salt Lake City, 34, 1981.

WILMART, RAYMOND; *¿Por qué no tenemos partidos políticos de principios?* em **Revista Argentina de Ciencia Política**, Bs. As., III, 36, setembro de 1913, pp. 603-610.

WOODBURY, RONALD G; 1971; *The Argentine Socialist Party in Congreso. The Politics of class and ideology (1912-1930)* Ph.D. Dissertation, Columbia University.

ZIZEK, SLAVOJ; 2005; *As portas da revolução. Escritos de Lenin de 1917*; (São Paulo: Boitempo).

ZOFIO, RICARDO; 1995; *La categoría 'relación social'* .Taller Paiva-Zofio (Bs. As.: Oficina de Publicaciones del Ciclo Básico Común-UBA).

b. Diarios y periódicos.

ACCIÓN SOCIALISTA, Agrupación Acción Socialista, Dardo Cúneo; várias edições entre 1952 e 1955.

AFIRMACIÓN, Tribuna de orientación democrática y socialista, órgano do Partido Socialista Democrático (PSD) desde 1958, várias edições entre 1957 e 1962.

AMÉRICA LATINA, 1965, Partido Socialista Argentino – Casa del Pueblo – Sección Juan Carlos Coral.

AVANZADA SOCIALISTA, publicação do Partido Socialista de los Trabajadores (PST), várias edições entre 1972 y 1976.

CLARÍN, jornal, Buenos Aires, várias edições.

CRÍTICA, jornal, Buenos Aires, várias edições.

DEMOCRACIA POPULAR, órgão do PSAV - Tendencia Principista, várias edições entre 1963 e 1965.

EL SOCIALISTA, Periódico decenal de la Federación Socialista Mendozina; 1938 y 1939 órgão do Partido Socialista Obrero (PSO).

EL SOCIALISTA ARGENTINO, órgão da Confederación Socialista Argentina (CSA), várias edições entre 1980 e 1986.

EN RUTA HACIA EL SOCIALISMO, Partido Socialista Argentino – Casa del Pueblo – Sección Juan Carlos Coral, Bs. As. Nro 1, 1965.

HOY, servir al pueblo, órgano del Partido Comunista Revolucionario (PCR), várias edições entre fevereiro de 1983 e 2006.

IZQUIERDA, Crítica y acción socialista; outubro de 1934 a dezembro de 1935; esquerda do PS, depois Partido Socialista Obrero (PSO).

LA CHISPA, órgão da Juventud Socialista do PST, várias edições entre 1974 e 1975.

LA HERRAMIENTA; órgão do Partido Socialista 1 de maio, 1985.

LA NACIÓN, jornal, Buenos Aires, várias edições.

LA PRENSA, jornal, Buenos Aires, várias edições.

LA VANGUARDIA, Periódico socialista científico defensor de la clase trabajadora; Partido Socialista, várias edições, entre 1896 e 1958.

LA VANGUARDIA, Periódico socialista científico defensor de la clase trabajadora; Partido Socialista Argentino (PSArg.), várias edições entre 1958 e 1961.

LA VANGUARDIA, Periódico socialista científico defensor de la clase trabajadora; Partido Socialista Argentino de Vanguardia (PSAV), várias edições entre 1961 e 1965.

LA VANGUARDIA AUTÉNTICA, periódico del Partido Socialista Auténtico (PSA) entre 1982 e 1989.

LA VANGUARDIA POPULAR, periódico del Partido Socialista Popular (PSP) y Partido Socialista Popular - Secretaría Víctor García Costa (PSP-SVGC), várias edições entre 1972 e 1982²⁴³.

LA VANGUARDIA POPULAR y SOCIALISTA, periódico del Partido Socialista Popular - Secretaría Guillermo Estévez Boero (PSP-SEB), depois Partido Socialista Popular (PSP), várias edições entre 1981 e 1987.

LA VANGUARDIA, socialista democrática; vários números entre 1963 e 2002 órgão do PSD.

LA VERDAD, órgano del Partido Revolucionario de los Trabajadores (alianza entre el Frente Revolucionario Indoamericano y Popular – FRIP y Palabra Obrera) entre 1965 e

²⁴³ Inclui os números publicados na clandestinidade sob a ditadura militar (1976-1983).

1968; desde 1968 hasta 1972 órgano de la fracción morenista del PRT, PRT - La Verdad; várias edições.

LA VERDAD, órgano de la Federación bonaerense del Partido Socialista de la Revolución Nacional, várias edições entre 1954 e 1956, morenista.

LIBERACIÓN, vocero de la izquierda patriótica y revolucionaria , depois vocero de la izquierda revolucionaria, órgão del Partido de la Liberación (PL), várias edições entre 1983 e 2006.

LIBERTAD, periódico del Partido Socialista Independiente (PSInd.), janeiro 1930.

LOS DE ABAJO, Partido Socialista Argentino – Casa del Pueblo – Sección Juan Carlos Coral nro. 8, Bs. As., maio de 1968.

NO TRANSAR, órgano del PSAV, desde el nro. 42, órgano de Vanguardia Comunista, várias edições entre 1963 e 1965.

NUESTRA PALABRA, órgano del PCA, várias edições entre 1950 e 2006.

NUEVA DEMOCRACIA, órgano del Partido Comunista Marxista Leninista (PC-ML), várias edições entre 1971 e 1983.

NUEVA ERA, Revista del Partido Comunista Argentino (PCA), várias edições entre 1949 e 1976.

NUEVA HORA, órgano del Partido Comunista Revolucionario (PCR) entre 1968 e 1976, várias edições.

ORIENTACIÓN SOCIALISTA para el partido de la clase trabajadora, n º 1, outubro de 1983; periódico da agrupação Orientación Socialista (OS).

PALABRA OBRERA, órgano de Palabra Obrera, várias edições entre 1957 e 1965.

REVISTA SOCIALISTA, PSD; várias edições entre 1970 e 1975 e entre 1983 e 1987.

SAGITARIO, PS, nros. 1, 1955 e 8, 1956.

SITUACIÓN, PS, nros. 1, 1960 e 9, 1961.

SOCIALISMO de VANGUARDIA, Revista de tesis política del PSAV, Buenos Aires, nro. 1 1963, PSAV - Secretaría Latendorf, depois Partido de Vanguardia Popular (PVP)

TRIBUNA POPULAR, PCA, nros. 1, 2 y 3, abril e maio de 1976.

c. Documentos Políticos, folhetos e decisões partidárias de importância.

ALIANZA DEMÓCRATA SOCIALISTA (ADS). *Programa Alianza Demócrata Socialista*; Partido Demócrata Progresista (PDP)-Partido Socialista Democrático (PSD).

ALTAMIRA, JORGE; *Una nueva etapa histórica. Informe central y discurso de cierre del XIII Congreso del Partido Obrero*. Bs. As., diciembre de 2002.

ASOCIACIÓN PATRIÓTICA ARGENTINA (APA) *La Argentina y sus derechos humanos*. (s/d, 1978?).

CAVALLERO, HÉCTOR; 1975; *El desabastecimiento: arma de los monopolios* (Santa Fe: Ediciones El Popular) Documento do Partido Socialista Popular.

CENTRAL DE LOS TRABAJADORES ARGENTINOS (CTA); *Documento preparatório do Congresso realizado em Dezembro de 2002 na cidade de Mar del Plata*, provincia de Bs.As., Argentina.

CLIFF, TONY; s/d; *Trotskismo después de Trotsky. Los orígenes de la corriente socialismo internacional*; Folleto de la organización *En Lucha*; Barcelona.

HARMAN, CHRIS; s/d; *Revuelta en Argentina*; Folleto de la organización *En Lucha*; Barcelona.

INTERNACIONAL COMUNISTA; 1973; *Os quatro primeiros congressos da Internacional comunista*. Primera parte em Cuadernos de Pasado y Presente n° 43 (Córdoba: Pasado y presente).

_____; 1973; *Os quatro primeiros congressos da Internacional comunista*. Segunda parte em Cuadernos de Pasado y Presente n° 47 (Córdoba: Pasado y presente).

_____; 1975; *V Congreso de la Internacional Comunista. Primera parte* em Cuadernos de Pasado y Presente n° 55 (Bs. As.: Pasado y presente).

_____; 1975; *V Congreso de la Internacional Comunista. Segunda parte* em Cuadernos de Pasado y Presente n° 56 (Bs. As.: Pasado y presente).

_____; 1984; *VI Congreso de la Internacional Comunista. Informes y discusiones* em Cuadernos de Pasado y Presente n° 67 (México DF: Pasado y presente).

_____; 1984; *VII Congreso de la Internacional Comunista. Fascismo, democracia y frente popular* em Cuadernos de Pasado y Presente n° 67 (México DF: Pasado y presente).

MOVIMIENTO PATRIÓTICO DE DE LIBERACIÓN; *Disolución del MPL e incorporación de sus fuerzas al movimiento justicialista*; 1994 em Documentos de la izquierda nacional.

PABLO, MICHEL. *¿Qué partido para la autogestión?* Aportes Críticos sobre la Realidad Nacional publicado pela Corriente de Izquierda Universitaria (CIU) de la Universidad de Buenos Aires (UBA) em 1988.

PARTIDO OBRERO SOCIALDEMÓCRATA RUSO; *La revolución rusa sin mitos. Actas del comité central del Partido Obrero Socialdemócrata Ruso, octubre de 1917 – febrero de 1918* (Bs. As.: Tesis 11).

PARTIDO SOCIALISTA DEMOCRÁTICO (PSD). *Homenaje al Profesor Américo Ghioldi con motivo de su designación en calidad de embajador en la República de Portugal. Adhesiones y discursos*. 3 de setembro de 1976; (Bs.As.: Editora La Vanguardia S.A.).

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR (PSP); *El Partido Socialista Popular y la liberación nacional em La Vanguardia Popular (LVP)* n.º 13.896.

_____; *Declaración de Principios del Partido Socialista Popular* (s/f) [Sugiro que deve haver sido republicado para a participação eleitoral em 1983 uma vez que se agregou um parágrafo em defesa da democracia como é obrigado por lei para a legalização de qualquer partido político].

_____. *Cuadernos de formación política* n.º 1, junio de 2001. Escuela Nacional de Formación Política Ernesto Jaimovich.

_____. *Cuadernos de formación política* n.º 2, noviembre de 2001. Escuela Nacional de Formación Política Ernesto Jaimovich.

_____. *Cuadernos de formación política* n.º 3, septiembre de 2002. Escuela Nacional de Formación Política Ernesto Jaimovich.

PARTIDO SOCIALISTA POPULAR – SECCIÓN VÍCTOR GARCÍA COSTA (PSP-SGC); *Juan B. Justo. Homenaje Nacional* (anuncian pela primeira vez que apareceu em *La Vanguardia Popular* - ano 84 - n.º 13931 - novembro de 1978 - Ano do fundador em uma página sem número antes da p.11).

PARTIDO REVOLUCIONARIO DE LIBERACIÓN (PRL); *Una historia, un compromiso con el marxismo leninismo*; Año 3, n.º 5, Agosto de 1999 em Temas Revolucionarios, Cuadernos para el debate ideológico del PRL.

PARTIDO REVOLUCIONARIO DE LOSTRABAJADORES (PRT) - Dirección; 1996; *Historia del PRT*; (Bs. As.: 19 de julio)

SEMÁN, ELÍAS; *El partido marxista leninista y el guerrillerismo*; Año 8, n.º 11, Fevereiro de 2004 em Temas Revolucionarios, Cuadernos para el debate ideológico del Partido Revolucionario de Liberación (PRL), Apuntes sobre las bases fundamentales para la construcción de un partido revolucionario.

d. Material extraído de internet²⁴⁴.

ANDRADA, OVIDIO; *Historia del Partido Socialista (parte I)* em <http://www.psa.org.ar/historia/parte1.htm> (11/04/2005).

_____; *Historia del Partido Socialista (parte II)* em <http://www.psa.org.ar/historia/parte2.htm> (11/04/2005).

_____; *Historia del Partido Socialista (parte III)* em <http://www.psa.org.ar/historia/parte3.htm> (11/04/2005).

_____; *Historia del Partido Socialista (parte IV)* em <http://www.psa.org.ar/historia/parte4.htm> (11/04/2005).

²⁴⁴ Depois da página web, coloquei a data em que por última vez entrei no site da internet.

BARRIO, HUGO; 21/08/2005; *em defensa del Autonomismo*
<http://clajadep.lahaine.org/articulo.php?p=4792&more=1&c=1> (07/09/2005).

BOSSI, FERNANDO R.; 18/01/2005; *Agustín Farabundo Martí un revolucionario de la patria grande*
<http://www.congresobolivariano.org/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=110> (18/11/2005).

CENTRO DE ESTUDIOS POR UNA NUEVA MAYORÍA; Resultados electorales elecciones abril de 1931 provincia de Buenos Aires para gobernador y vice-gobernador.
http://www.nuevamayoria.com/ES/investigaciones/politico_electoral (20/07/2005).

CORBIERE, EMILIO; 14/01/2002; *Recordatorios. Falleció Sergio Bagu. Un gran intelectual argentino em Recordatorios;*
<http://www.argenpres.info/nota.asp?num=001327> (08/09/2005).

LÖWY, MICHEL; 01/02/2003; *¿Por una quinta Internacional?*; Revista Rebelión;
<http://www.rebelion.org/izquierda/lowy010203.htm> (19/11/2005).

MEHRING, FRANZ; 1893; *On Historical Materialism.*
<http://www.marxists.org/archive/mehring/index.htm> (01/05/2005).

MEMORIA CHILENA; *Precursores de la historia social chilena – Marcelo Segall;*
<http://www.memoriachilena.cl/mchilena01/temas/dest.asp?id=prehistosocialsegall>.

NICOLAU, JUAN CARLOS; 2001; *Enrique del Valle Iberlucea. Humanista, político, historiador y jurista* en <http://www.desmemoria.com.ar/iberlucea.htm> Setembro de 2001.

Partido Comunista Revolucionario (PCR). *La vigilancia revolucionaria;* <http://www.pcr-arg.com.ar/notivi.asp?id=2748> (25/11/2005).

Partido Humanista. *Documento del Movimiento Humanista;*
<http://www.movimientohumanista.com/ph/xpagina.php?tema=documentos&subtema=docmovimiento> (07/09/2005).

Partido Socialista Auténtico (PSA). *Anecdótico y curiosidades.*
http://www.psa.org.ar/historia/parte%20anecdótico_y_curiosidades.htm
 (11/04/2005).

_____. *Declaración de principios del Partido Socialista Auténtico* em http://www.psa.org.ar/historia/declaración_de_principios.htm
 (11/04/2005).

_____. *Genealogía de la fundación del Partido Socialista (1850-1900)* em <http://www.psa.org.ar/historia/parte%20genealogia.htm> (11/04/2005).

_____. *Genealogía, desarrollo y divisiones del Socialismo Argentino (1900-1958)* em <http://www.psa.org.ar/historia/parte%20genealogiac1900a58.htm> (11/04/2005).

_____. *Genealogía, desarrollo y divisiones del Socialismo Argentino (1958-2002)* em <http://www.psa.org.ar/historia/parte%20genealogiac1958a02.htm> (11/04/2005).

RAMOS, JORGE ABELARDO; *Las izquierdas em el proceso político argentino. Respuesta a un cuestionario de Carlos Strasser* Bs. As.; 1959 em <http://www.marxists.org/espanol/ramos/1950s/1959.htm> ; (11/04/2005).

RODRIGUES CASTELANI, GLAUCIA y BELATTO LUIZ FERNANDO B.; *Caio Prado Júnior: uma possível análise*; em <http://www.klepsidra.net/caioprado.html> (08/09/2005).

VELARDE, HÉCTOR; *Biografía de José Carlos Mariátegui* em base a datos biográficos tomados de *Marxistas de América*; 1985; Editorial Arte y Literatura, La Habana, em <http://www.patriagrande.net/peru/jose.carlos.mariategui/biografia.htm> (18/11/2005).

e. Entrevistas.

As entrevistas foram realizadas nas cidades de Buenos Aires (Cap. Fed.), Rosario (Santa Fé) e Córdoba (Córdoba).

- GARCÍA COSTA, VÍCTOR; Secretário Geral Partido Socialista Popular y del Partido Socialista Auténtico entre 1972 y 1982; entrevistado em 11 de dezembro de 2003, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Capital Federal.

- GIUSTINIANI, RUBÉN, Senador nacional pelo PS, província de Santa Fé e atual Presidente do PS unificado no ano 2002; entrevistado em 23 de dezembro de 2003 nos escritorios do senado da nação argentina.

- MAZZITELI, MARIO; Secretário Geral do Partido Socialista Auténtico, entrevistado em 17 de dezembro de 2003, Sede Central Casa del Pueblo do Partido Socialista Auténtico, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Capital Federal.

- ORTIZ, SERGIO; Secretário Geral do Partido de la Liberación (PL), continuidade histórica do Partido Vanguardia Comunista (PVC), que é uma cisão do Partido Socialista Argentino de Vanguardia (PSAV) e formou um dos grupos da "nova esquerda" surgidos da matriz socialista. Entrevistado em 8 dezembro de 2004, na cidade de Córdoba (Córdoba)

- TCHALIDY, ELENA; Presidente da Fundação Alicia Moreau de Justo, fundadora da Confederação Socialista Argentina (CSA), custodia do Arquivo Pessoal de Manuel Outeriño. Entrevistada no bairro de Caballito, Buenos Aires, 19 de dezembro de 2003.

- ZABALZA, JUAN CARLOS; Fundador do Partido Socialista Popular proveniente do Movimiento de Acción Popular Argentina (MAPA) com Guillermo Estévez Boero e Ernesto Jaimovich; ao momento da entrevista Secretário de Governo da Municipalidade

de Rosario, Santa Fé, entrevista realizada no escritório da mesma, nessa cidade em 22 de dezembro de 2003.

f. Principais siglas.

Colocarei as principais siglas utilizadas na teses em ordem alfabética e no caso que não sejam da Argentina ao lado de um hífen mencionarei o país a que pertence.

IV I: IV Internacional.

AAA: Alianza Anticomunista Argentina.

ADS: Alianza Demócrata Socialista.

AgS: Agrupación Socialista.

API: Acción Popular Independiente – Chile.

APRA: Alianza Popular Revolucionaria Americana - Perú.

AyL: Autodeterminación y Libertad.

BC-IS-AL: Buró Coordinador de la Internacional Socialista en América Latina.

CCD: Campos Clandestinos de Detención.

CCO: Comité Comunista de Oposición.

CC-SL-IS: Comité Consultivo del Secretariado Latinoamericano de la Internacional Socialista.

CEDINCI: Centro de Documentación e Investigación de la Culturas de Izquierdas em la Argentina.

CNRR: Comité Nacional de Recuperación Revolucionaria.

COC: Composición Orgánica del Capital.

CONADEP: Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas.

Conc.: Concordancia.

CSA: Confederación Socialista Argentina.

CSL: Conferencia Socialista Latinoamericana.

CSO: Centro Socialista Obrero.

CTP: Confederación de Trabajadores de Perú – Perú.

ETN: Empresas transnacionales.

FAA: Federación Agraria Argentina.

FD: Frente Democrático - Perú.

FIP: Frente de Izquierda Popular.

FMLN: Frente Farabundo Martí de Liberación Nacional – El Salvador.
 FRAL: Frente Amplio de Liberación.
 FREJULI: Frente Justicialista de Liberación Nacional.
 FREJUPO: Frente Justicialista de Unidad Popular.
 FSLN: Frente Sandinista de Liberación Nacional – Nicaragua.
 GT: Grupos de Tareas.
 IC: Internacional Comunista.
 IS: Internacional Socialista.
 ISO: Internacional Socialista Obrera.
 JSA: Juventud Socialista Auténtica.
 LSur: Liga del Sur.
 MAPU: Movimiento de Acción Popular Unitario – Chile.
 MAS: Movimiento al Socialismo.
 MH: Movimiento Humanista.
 Montos: Montoneros.
 MSLN: Movimiento Socialista de Liberación Nacional.
 MST: Movimiento Socialista de los Trabajadores.
 PCA: Partido Comunista Argentino.
 PCAML: Partido Comunista Argentino Marxista-Leninista.
 PC-ES: Partido Comunista de El Salvador – El Salvador.
 PCI: Partido Comunista Italiano – Italia.
 PCP: Partido Comunista del Perú – Perú.
 PCR: Partido Comunista Revolucionario.
 PCRepA: Partido Comunista de la República Argentina.
 PCUS: Partido Comunista de la Unión Soviética – Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

 PAN: Partido Autonomista Nacional.
 P de B: Peronismo de Base.
 PDP: Partido Demócrata Progresista.
 PH: Partido Humanista.
 PIN: Partido de la izquierda Nacional.
 PL: Partido de la Liberación.
 PLB: Partido Laborista de Bélgica – Bélgica.

PL-C: Partido Liberal de Colombia – Colombia.
 PNS: Partido Nacional Socialista - Alemania.
 Pod.: Podemos –Chile.
 POSA: Partido Obrero Socialdemócrata Alemán – Alemania.
 PR: Partido Radical – Chile.
 PRN: Proceso de Reorganización Nacional.
 PS: Partido Socialista.
 PS1M: Partido Socialista 1ro de Maio.
 PSA: Partido Socialista Auténtico.
 PSArg: Partido Socialista Argentino.
 PSArg I: Partido Socialista Argentino I.
 PSAV: Partido Socialista Argentino de Vanguardia.
 PS-Chile: Partido Socialista Chileno –Chile.
 PS del P; Partido Socialista del Perú - Perú.
 PST: Partido Socialista de los Trabajadores.
 PSD: Partido Socialista Democrático.
 PSF: Partido Socialista Francés – Francia.
 PSI: Partido Socialista Internacional.
 PSInd: Partido Socialista Independiente.
 PSO: Partido Socialista Obrero.
 PSOC: Partido Socialista Obrero Colectivista.
 PSP: Partido Socialista Popular.
 PSP-SGEB: Partido Socialista Popular- Secretaría Guillermo Estévez Boero.
 PSP-SVGC: Partido Socialista Popular- Secretaría Víctor García Costa.
 PSRN: Partido Socialista de la Revolución Nacional.
 PSU: Partido Socialista Unificado.
 SI-CI: Secretariado Internacional de la Cuarta Internacional.
 SUCI: Secretariado Unificado de la Cuarta Internacional.
 SWP: Socialist Worker Party – Estados Unidos.
 T: Terceristas.
 TBI: Tendencia Bolchevique Internacionalista.
 UC: Unión Cívica.
 UCR: Unión Cívica Radical.
 UD: Unión Democrática.

UNC: Universidad Nacional de Córdoba.

URNG: Unión Revolucionaria Nacional Guatemalteca – Guatemala.

US: Unidad Socialista.

USP: Universidade de São Paulo – Brasil.

UP: Unidad Popular – Chile.

g. Índice de quadros.

Quadros	
Quadro 1. Matrizes do marxismo na Argentina.	Capítulo 1, p.30
Quadro 2. Periodização general na formação econômico-social argentina (1880-2005)	Capítulo 1, p.45
Quadro 3. Caminho para o socialismo em alguns dos principais partidos das esquerdas de matriz marxista na Argentina entre 1958 e 1975.	Capítulo 2, p.97
Quadro 4. Pobreza e Indigência na Argentina - Junho de 2002	Capítulo 2, p.122
Quadro 5. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista socialista na Argentina sob o modelo agroexportador (1894-1930)	Capítulo 3, p.136
Quadro 6. Composição política do Partido Socialista da Revolução Nacional – PSRN (1952-1955)	Capítulo 3, p.140
Quadro 7. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista socialista na Argentina sob a genesis e desenvolvimento do modelo de substituição de importações (1930-1955)	Capítulo 3, p.140
Quadro 8. Divisões do Partido Socialista (1958-1961)	Capítulo 3, p.142
Quadro 9. Principais divisões do Partido Socialista Argentino (1961-1973)	Capítulo 3, p.144
Quadro 10. Composição política do Partido Socialista Popular (1972)	Capítulo 3, p.145
Quadro 11. Principais divisões do Partido Socialista Popular (1973-1974)	Capítulo 3, p.146
Quadro 12. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista socialista na Argentina sob a genesis e desenvolvimento da crise do modelo de substituição de importações (1955-1975)	Capítulo 3, p.147
Quadro 13. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista socialista na Argentina sob a genesis, desenvolvimento e crise do modelo neoliberal (1975-2006)	Capítulo 3, p.155
Quadro 14. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista comunista na Argentina sob o modelo agroexportador (1918-1930)	Capítulo 3, p.160

Quadro 15. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista comunista na Argentina sob a origem, desenvolvimento e crise do modelo de substituição de importações (1930-1975)	Capítulo 3, p.164.
Quadro 16. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista comunista na Argentina sob a genesis, desenvolvimento e crise do modelo neoliberal (1975-2006)	Capítulo 3, p.168
Quadro 17. Mapa dos Partidos Políticos de matriz marxista trotskista na Argentina desde suas origens até a genesis e desenvolvimento do modelo de substituição de importações (1928-1955)	Capítulo 3, p.176
Quadro 18. Partidos Políticos de Matriz Trotskista - Corrente Morenista (MT-CM) entre 1956-2006.	Capítulo 3, p.183
Quadro 19. Partidos Políticos de Matriz Trotskista - Corrente Pablista - Mandelista (MT-CPM) entre 1965-2006.	Capítulo 3, p.186
Quadro 20. Partidos Políticos de Matriz Trotskista - Corrente Socialista Nacional - MT-CSN) entre 1962-2006.	Capítulo 3, p.190
Quadro 21. Partidos Políticos de Matriz Trotskista - Corrente Posadista (MT-CP) entre 1943-2000.	Capítulo 3, p.191
Quadro 22. Partidos Políticos de Matriz Trotskista - Corrente Altamirista (MT-CA) entre 1945-2006.	Capítulo 3, p.192
Quadro 23. Literatura partidária socialista sobre diferentes aspectos da historia do PS.	Capítulo 4, p.206
Quadro 24. Literatura partidária e acadêmica centrada na figura de Juan B. Justo.	Capítulo 4, p.219
Quadro 25. As leituras político-partidárias contrárias ao socialismo argentino.	Capítulo 4, p.237
Quadro 26. Literaturas centradas em outras figuras do socialismo argentino.	Capítulo 4, p.245
Quadro 27. A literatura acadêmica sobre o socialismo argentino.	Capítulo 4, p.264
Quadro 28. Agrupações, periódicos e principais dirigentes na genesis do socialismo argentino (1880-1896)	Capítulo 5, p.284
Quadro 29. Resultados eleitorais eleições abril 1931 provincia de Buenos Aires, para Governador e Vice Governador.	Capítulo 6, p.333
Quadro 30. Resultados eleitorais eleições presidenciais novembro de 1931.	Capítulo 6, p.339.
Quadro 31. O pequeno livro socialista. Coleção de estudos sobre o movimento socialista e problemas específicos conexos.	Capítulo 6, p.346.
Quadro 32. Representação institucional nacional do PS (1931-1934)	Capítulo 6, p.351
Quadro 33. Resultados eleitorais eleições presidenciais novembro de 1951.	Capítulo 6, p.378
Quadro 34. Resultados eleitorais Partido Socialista nas eleições da	Capítulo 7,

Assembléia Constituinte de 1957 e sua projeção nacional pela quantidade de locais partidários.	p.386
Quadro 35. Composição política do Partido Socialista Argentino de Vanguardia (PSAV) em suas origens.	Capítulo 7, p.394